

FACULDADE DE DIREITO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS CRIMINAIS
DOUTORADO EM CIÊNCIAS CRIMINAIS

DAVID LEAL DA SILVA

ANTROPOTÉCNICA CRIMINAL: A ARTE DE PUNIR E O HOMEM OPERÁVEL

Porto Alegre
2019

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE DIREITO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS CRIMINAIS**

DAVID LEAL DA SILVA

**ANTROPOTÉCNICA CRIMINAL:
A ARTE DE PUNIR E O HOMEM OPERÁVEL**

PORTO ALEGRE

2019

ANTROPOTÉCNICA CRIMINAL: A ARTE DE PUNIR E O HOMEM OPERÁVEL

DAVID LEAL DA SILVA

Versão definitiva para depósito de tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Criminais da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), como requisito à obtenção do grau de Doutor em Ciências Criminais.

Orientador: Prof. Dr. Augusto Jobim do Amaral

Co-orientadora: Prof^a. Dr^a. Ruth M. Chittó Gauer

PORTO ALEGRE

2019

Ficha Catalográfica

S586a Silva, David Leal da

Antropotécnica Criminal : a arte de punir e o homem operável /
David Leal da Silva . – 2019.

331.

Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Direito,
PUCRS.

Orientador: Prof. Dr. Augusto Jobim do Amaral.

Co-orientadora: Profa. Dra. Ruth Maria Chittó Gauer.

1. Antropotécnica Criminal. 2. Antropologia Criminal. 3.
Criminologia. 4. Biopolítica. 5. Violência. I. Amaral, Augusto Jobim
do. II. Gauer, Ruth Maria Chittó. III. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da PUCRS
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Bibliotecária responsável: Salete Maria Sartori CRB-10/1363

ANTROPOTÉCNICA CRIMINAL: A ARTE DE PUNIR E O HOMEM OPERÁVEL

DAVID LEAL DA SILVA

Versão definitiva para depósito de tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Criminais da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), como requisito à obtenção do grau de Doutor em Ciências Criminais.

Aprovado em: 01 de abril de 2019

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Augusto Jobim do Amaral

Prof. Dr. Ricardo Jacobsen Gloeckner

Prof. Dr. Jesus Sabariego

Prof. Dr. Felipe da Veiga Dias

Prof. Dr. Henrique Mioranza Koppe Dias

*Para minha irmã Fabrícia: com aquela doce esperança de nossa
infância de um dia poder vê-la caminhar...
Para minha amada Raiza, por ser minha parceira de todas as lutas!*

AGRADECIMENTOS

O produto final desta tese, em todos os seus possíveis significados, contou com a contribuição de muitas pessoas, que merecem a minha mais profunda gratidão. Firmei meu sólido interesse em escrever esta tese no Programa de Ciências Criminais da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e não há como negar que o caminho que trilhei contribuiu para a transformação da totalidade do meu ser.

Agradeço especialmente aos professores que têm uma distinta importância no meu percurso acadêmico.

Agradeço, fundamentalmente, à professora Ruth Maria Chittó Gauer, por ter me chamado à atenção para o caminho da memória. Cheguei a esquecer de que minha tese possível, quiçá minha única tese possível, tinha a antropotécnica como percurso de sentido. Mas como pude esquecer? Para quais caminhos fui conduzido e me fiz conduzir em razão do esquecimento? Curiosamente, foi por meio de um processo de tensão crítica que retomei o sentido da responsabilidade produtiva. Não tenho dúvida de que o adormecimento teórico e reflexivo assumem funções úteis ao devir do pensamento. Apesar de tudo, ainda que a reflexão em algum momento, aparentemente, se encontre adormecida, reconheço que, mesmo assim, permanece vivo em cada um nós algo inominável que, mesmo nas profundezas do inconsciente, cultiva esperançosamente, para a nossa própria sorte, sementes de ideias, que possibilitam o advento de reflexões futuras, demonstrando que há dentro de nós algo melhor a ser revelado. De fato, as ideias podem vir a brilhar no último minuto. Não me parece errado acreditar que o pensamento permanece vivo na forma de uma bela e infinita possibilidade... Nesse tempo de experiências do doutorado no Programa de Pós-Graduação em Ciências Criminais da PUCRS, aspirei à produção de uma ideia que para nascer foi necessário retomar seu sentido. No último minuto: à professora Ruth declaro o meu profundo agradecimento como um registro de reconhecimento e admiração.

Agradeço especialmente ao professor Augusto Jobim do Amaral que me orientou nesta pesquisa e me mostrou novamente o caminho das ideias. Reconheço que devo agradecer pela força de suas contribuições, que me conduziram na retomada do sentido da pesquisa e justamente em razão de tudo aquilo que eu mais gosto: os livros. De fato, o poder de influência de uma obra é algo que, desde o ano de 2006, quando comecei o curso de Direito, passou a me fascinar. Admiro infinitamente aqueles que escrevem, criam e cultivam ideias, mas, sobretudo, aqueles que têm uma vida ativa. Entendo que estão certos os filósofos que disseram que os livros nos permitem ampliar os limites do nosso mundo. A palavra mundo também tem a ver

com o entendimento do lugar que ocupamos no espaço e com a relação que estabelecemos com os outros viventes. As ideias que os livros apresentam são, de certa maneira, uma reformulação desses aspectos e, por isso, acredito que o nosso mundo acaba se tornando muito mais interessante de se viver pelo diálogo livresco, que se revela como uma poderosa ferramenta de transformação. Sendo assim, pelos livros indicados, pelos textos discutidos, pelos autores revelados, pela paciência na espera de alguma ideia, enfim, tudo isso teve no percurso do doutorado o efeito de sopros de ar revigorantes! Com isso, digo com toda felicidade que eu pude novamente respirar pela teoria e, finalmente, ter uma ideia. Guto: muito obrigado!

Agradeço profundamente ao professor Ricardo Jacobsen Gloeckner por ser uma influência intelectual incomparável para mim, pelas indicações de obras importantes, pelo exemplo ético e profissional, e, principalmente, pela escuta e pelo diálogo. Agradeço também por ter me apontado os caminhos possíveis desta pesquisa. Ricardo: tu és o cara! Obrigado.

Agradeço ao professor Jérôme Goffette, da Université Claude Bernard Lyon 1, por ter contribuído substancialmente com o conteúdo desta tese, pela indicação de obras imprescindíveis e pelos diálogos que fizeram desta pesquisa uma ciência feliz. Obrigado.

Agradeço, também, pela inestimável importância que tiveram nos meus estudos os professores: Ricardo de Souza Timm, Gabriel José Chittó Gauer, Clarice Beatriz Sonhgen, José Carlos Moreira da Silva Filho, Rodrigo Ghiringhelli de Azevedo, Ney Fayet de Souza Júnior, Fábio D'ávila e Giovanni Saavedra.

Agradeço à Márcia por ter sido sempre acolhedora nesse período de convivências que se iniciou desde o Mestrado em Ciências Criminais.

Meus amigos e amigas do mundo acadêmico: agradeço a todos vocês pelo significado especial que tiveram, para mim, nesse breve – porém intenso - percurso que vivenciamos, especialmente: Bruno Silveira Rigon, Felipe Lazzari da Silveira, Bruno Tadeo Buonicori, Ana Cifali, Giovana Buonicori, Vicente Figueiredo Dias, Daniel Leonhardt, Vinícius Vasconcelos, Guilherme Ceolin, Marion Bach, Fernanda Martins, Felipe De-Lorenzi, Claudia Dadico, Mariana Nóbrega, Leandro Ayres França, João Alves Teixeira Neto, Marcelo Scherer, Wilson Franck, Milton Gustavo Vasconcellos e Juliano Carvalho.

Agradeço aos amigos extramuros que também foram importantes nesse trejeito. Ao professor Ricardo Strauch Aveline, com quem aprendi sobre a simplicidade e pelo exemplo do que é ser professor. Agradeço pelo apoio nos momentos de dificuldade. Jamais me esquecerei! Obrigado!

Agradeço ao meu sogro, Normelio Hoffmeister, pelo exemplo de serenidade, e a minha sogra, Jucélia Feltrin Hoffmeister, pela acolhida e pelo exemplo de superação. A ambos agradeço por todo apoio que me deram no período de construção da tese. Muito obrigado!

Agradeço à Claudia Feltrin pela amizade e pelas sugestões textuais. Obrigado!

Agradeço aos meus familiares pelo sacrifício que sempre fizeram por mim e por me apoiarem de diversas maneiras: minha mãe Marta, meu pai Dorival, minha irmã Morgana e minha irmã mais velha Fabrizia - quem nos últimos tempos tem me tornado mais humano e a quem dedico o verdadeiro significado ético desta tese. A propósito: uma vivente cujos médicos disseram que viveria até os 15 anos e hoje já conta com 38 e cá estamos; e a quem, recentemente, a morte imediata fora anunciada, mas, no último minuto, enrubece para retomar o caminho tormentoso da vida, é, sem dúvida, o maior exemplo vivo da crítica ao determinismo médico por sua capacidade de auto-superar-se. Ressuscitamos juntos! Mais fortes do que tudo!

Agradeço ao meu irmão Dionatan William Leal da Silva por ter me mostrado os autores que fazem parte da minha formação intelectual, representando, como na obra de Edgar Morin, os “meus filósofos”. Obrigado, meu guerreiro!

Quero também agradecer aos meus colegas de docência pela troca de experiências.

É absolutamente importante, para mim, igualmente, agradecer aos meus alunos com os quais tenho aprendido enormemente, especialmente agradeço ao querido amigo Jaques pelas obras indicadas e pelo diálogo sobre antropologia e direito. Muito obrigado!

Agradeço a Capes pelo custeio da bolsa de estudos, que foi a condição *sine qua non* da minha tese e de realização do curso de doutorado no Programa de Pós-Graduação em Ciências Criminais da PUCRS.

Por fim, agradeço à Raiza, minha amada, por ter me apoiado incondicionalmente no período de realização do doutorado, que, desde o início, na verdade, foi um caminho que trilhamos juntos e, de fato, o amor foi a maior motivação que tive para continuar seguindo em frente. Obrigado, meu amor!

Meus sinceros agradecimentos a todos vocês!

O homem alcançará sua grandeza imbuindo-se do espírito de uma divina e titânica altivez, e surgirá o homem-deus. Fiódor Dostoiévski, Os Irmãos Karamazov.

RESUMO

Na linha de pesquisa em Violência, Crime e Segurança Pública do Programa de Pós-Graduação em Ciências Criminais da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, a presente tese analisa o conceito da antropotécnica com o objetivo de explorar as manifestações desse conceito, resgatando-se suas primeiras elaborações. Desde a última década do séc. XX, o conceito foi utilizado por alguns teóricos para reorientar o pensamento ocidental a respeito do ser humano e da violência. A antropotécnica tem passado despercebida pela pesquisa em ciências criminais. Sua história, em que pese ignorada, revela uma intimidade originária com o advento da criminologia, justificando essa empreitada de retomada interpretativa deste campo. A antropotécnica foi apresentada, primeiramente, no âmbito das discussões da antropologia criminal e do positivismo criminológico como uma técnica biopolítica de governo do homem sobre si mesmo e sobre seus semelhantes, no período de transição do séc. XIX para o séc. XX, quando se procurou demarcar o espaço de mais uma importante ciência do controle social que nascia, que chegou a ser discutida também no cenário brasileiro. De lá para cá, novos horizontes levaram o conceito a se reformular e, desde as últimas décadas, a antropotécnica tem mostrado a ampliação do seu alcance sobre problemas que envolvem o paradigma da transformação humana, encontrando um terreno fértil nas atuais discussões sobre transumanismo, aprimoramento humano, cibernundo, uso de medicamentos destinados à expansão das funções cognitivas, tecnologias da convergência e psicopatologias relacionadas à própria antropotécnica. Diversos foram os autores que contribuíram para o refinamento das lógicas antropotécnicas, desde as suas primeiras formulações. Considera-se que, na atualidade, Peter Sloterdijk tem sido um dos pensadores mais destacados no desenvolvimento conceitual da antropotécnica, mas no final do séc. XIX, Leonce de Manouvrier já lançava suas primeiras apostas nessa invenção teórica. Todas essas questões permitem questionar sobre as condições de possibilidade de criação do conceito da antropotécnica criminal. Neste sentido, a antropotécnica se insere no âmbito de discussões biopolíticas. Desde o racismo do séc. XIX – que operou junstamente com o apoio de definições científicas, cujos desdobramentos permitiram a adoção de políticas de cunho eugenista, especialmente nos assuntos envolvendo crime e hereditariedade – até chegar ao complexo tema do terrorismo e da domesticação pela promoção tecnopolítica da paz por meio da guerra, o âmbito de incidência destes discursos se torna uma parada obrigatória para o pensamento político criminológico, que encontrará na questão da técnica uma possibilidade de abertura para novos caminhos da crítica. Trata-se, portanto, de se apresentar a tese da antropotécnica criminal a partir do resgate do conceito da antropotecnica e responder ao problema de delimitação do conceito e dizer como a antropotécnica se caracteriza na área criminal nos dias de hoje.

Palavras-chave: *Antropotécnica Criminal; Antropologia Criminal; Criminologia; Biopolítica; Violência.*

ABSTRACT

In the resarche line on Violence, Crime and Public Security research line of the Pontiffia Universidade Católica do Rio Grande do Sul's Graduation Program in Criminal Sciences, this thesis analyzes the concept of anthropotechnie with the objective of constructing the idea of criminal antropotécnica. Since the last decade of the twentieth century, the concept of anthropothcnic was used, by some theorists, to reorient the occidental thinking about the human being and the violence. Such concept has gone unnoticed by research in the criminal sciences. Its history, even though ignored, reveals an original intimacy that renders impracticable its interpretative recovery. anthropothecnic was attached in the discussion of criminal anthropology and criminological positivism as a biopolitical technique of man's rule over himself and his peers in the transition period of the nineteenth and twentieth centuries, when one seeks to demarcate the space of a social control - a criminology -, which came to be arguable also in the brazilian scenario. Since than, new horizons have led to the concept of reformulating and since the last time the anthropotechnic has expanded its reach on problems that touch the human improvement, finding a fertile ground in the current discussions on transhumanism, human enhancement, cyberworld, use of drugs to expand cognitive functions, convergence technologies and psychopathologies related to anthropotechnic. Several authors contributed to the refinement of the anthropotechnic logics from their first formulations. It is important to highlight that Peter Sloterdijk has been one of the most outstanding thinkers in the use of the conceptual development of anthropotechnology, but at the end of the century. XIX, Leonce de Manouvrier has already launched his first bets on this theoretical reason. This assumption presupposes a human change as a fundamental characteristic, an idea that can't go unnoticed in the history of criminological ideas. All these points allow us to question the possibility of create the concept of criminal anthropotechnic. Anthropotechnic is part of the scope of biopolitics, giving greater relevance to the anthropological aspect by highlighting the human susceptibility to factors of influence in its production. In this sense, since the racism of the century XIX - that transformed the prejudices into the motor of scientific definitions with unfolding, allowed the adoption of eugenics policies, specifically in matters of crime and heredity - up until to the complex theme to terrorism in its most diversified operations, the scope of analysis of these speeches becomes a mandatory stop for criminological political thought, which is a question about the technique of new perspectives for new reflections. Therefore the necessity of presenting the thesis of criminal antropotecnic from rescuing it from the anthropotechnie.

Keywords: *Criminal anthropotechnics; Criminal anthropology; Criminology; Biopolitics; Violence.*

| | |
|---|-----|
| INTRODUÇÃO | 16 |
| CAPÍTULO I – A ANTROPOTÉCNICA COMO CRÍTICA DA VIOLÊNCIA: DO PARQUE HUMANO À ÉTICA DO EXERCÍCIO | 40 |
| 1.1 Apresentação do parque humano: quando o homem é criador de si..... | 41 |
| 1.2 Antropotécnica como ética do exercício: “tens de transformar <i>tua</i> vida!”..... | 49 |
| 1.2.1 Auto-operar-se e deixar-se operar: otimizações sobre o corpo..... | 54 |
| 1.2.2 Crítica ao paradigma imunológico: o advento do paradigma neuronal e a problematização do conceito da antropotécnica em um diálogo com Byung-chul Han..... | 56 |
| 1.2.3 A antropotécnica como biopolítica da domesticação..... | 64 |
| 1.2.4 A antropotécnica criminal - primeira aproximação: a arte de punir..... | 66 |
| 1.3 A estética psicótica e a percepção domesticada: do hábito à remodelagem da subjetividade..... | 73 |
| 1.4 O caso Schreber: um sonho de modelagem e os sintomas da intervenção antropotécnica..... | 79 |
| CAPÍTULO II - O PENSAMENTO DE LÉONCE DE MANOUVRIER E O ADVENTO DA ANTROPOTECNIA NO ÂMBITO DA ANTROPOLOGIA CRIMINAL | 92 |
| 2.1 O espaço de Manouvrier na história do pensamento político criminológico: o contexto sócio-histórico..... | 95 |
| 2.2 Da antropometria à antropotecnia: a antropologia física, o progresso e a classificação..... | 93 |
| 2.3 A proposta do conceito da antropotecnia por Manouvrier..... | 106 |
| 2.4 O paradoxo de Manouvrier: da antropologia fisiológica à sociotecnia esclarecida..... | 110 |
| 2.5 Memórias de Manouvrier: uma crítica metodológica..... | 112 |
| 2.6 A antropotécnica como estratégia biopolítica: a arte de punir e a convergência dos saberes..... | 116 |
| 2.7 Um balanço sobre as contribuições de Manouvrier..... | 124 |

| | |
|--|-----|
| 2.8 Antropotécnica e biopolítica a um passo do terror: o racismo de guerra e o corpo-espécie | 128 |
|--|-----|

CAPÍTULO III – ESFERAS CRIMINOLÓGICAS: DO CÍRCULO ANTROPOTÉCNICO À MEDITAÇÃO SOBRE TERROR.....131

| | |
|--|-----|
| 3.1 As Esferas de Peter Sloterdijk: o mundo como criação imunitária..... | 133 |
|--|-----|

| | |
|---|-----|
| 3.2 A antropotécnica criminal e a cultura de vidro..... | 137 |
|---|-----|

| | |
|--|-----|
| 3.3 A domesticação do ser do <i>extasis</i> ao <i>entasis</i> : para uma clarificação do círculo antropotécnico em um mundo pós-terrorífico..... | 141 |
|--|-----|

| | |
|---|-----|
| 3.4 A abertura da primeira clareira a partir de uma leitura paleontológica da antropotécnica..... | 145 |
|---|-----|

| | |
|---|-----|
| 3.5 A antropotécnica e as causalidades circulares: exclusão corporal, neotenia e transferência..... | 151 |
|---|-----|

| | |
|--|-----|
| 3.6 Antropotécno-política e a questão criminal: quando a antropotécnica se torna ferramenta biopolítica..... | 158 |
|--|-----|

| | |
|--|-----|
| 3.7 Crítica à biopolítica imunitária: da antropotécnica ao terror..... | 161 |
|--|-----|

| | |
|--|-----|
| 3.8 O futuro pós-racista e o futuro do terror: ainda sobre antropotécnica e imunidade..... | 166 |
|--|-----|

| | |
|--|-----|
| 3.9 Terror no ar: antropotécnica e atmoterrorismo..... | 168 |
|--|-----|

| | |
|--|-----|
| 3.10 Criminologia filosófica em tempos de terror: crítica antropolítica do terror e a relação saber-poder frente ao cinismo biopolítico..... | 181 |
|--|-----|

| | |
|---|-----|
| 3.11 O terror antes do terrorismo: a imagem como estética da antecipação virtual..... | 194 |
|---|-----|

CAPÍTULO IV – ANTROPOTÉCNICA E TRANSMANISMO: DO APRIMORAMENTO HUMANO AO REGIME DA INFORMAÇÃO.....200

| | |
|--|-----|
| 4.1 Aprimoramento humano e tecnologias convergentes: disputas antropotécnicas a partir do transumanismo..... | 202 |
|--|-----|

| | |
|---|-----|
| 4.2 O panorama do transumanismo: dos bioconservadores à dignidade pós-humana..... | 208 |
|---|-----|

| | |
|---|-----|
| 4.3 Convergências conceituais: do aprimoramento humano à produção antropotécnica..... | 216 |
|---|-----|

| | |
|--|------------|
| 4.5 Antropotécnica e cibernética: domínio dos corpos virtuais..... | 227 |
| CAPÍTULO V – CIBERANTROPOTÉCNICA, TERROR E CRIME: A CRÍTICA CIPHERPUNK AO TERRORISMO DE ESTADO..... | 242 |
| 5.1 Na atmosfera do <i>Wikileaks</i> : o terrorismo <i>hight-tech</i> !..... | 244 |
| 5.2 O mundo sob vigilância: “eu contribuo com meu espião”..... | 249 |
| 5.3 Estado e ciberterrorismo: a produção do terror na era digital..... | 254 |
| 5.4 <i>Wikileaks</i> e <i>Cypherpunks</i> contra o terrorismo de Estado..... | 259 |
| 5.5 Ciberantropotécnica e <i>Big Data</i> : a produção do humano no ciber mundo..... | 264 |
| 5.6 Atropotécnica, crime e <i>Big Data</i> : o futuro da ciberantropotécnica criminal?..... | 271 |
| CONCLUSÃO..... | 281 |
| REFERÊNCIAS..... | 290 |
| REFERÊNCIAS DA INTERNET..... | 324 |

INTRODUÇÃO

- Mas – objetei – a alternativa à Cultura é a barbárie.

- Perdão! – replicou ele. – A barbárie é o oposto da Cultura somente naquela ordem de pensamentos que esta coloca à nossa disposição. Fora de tal ordem, o oposto pode ser muito diferente e talvez nem seja o oposto.

Thomas Mann, *Doutor Fausto*¹.

A pesquisa sobre a antropotécnica na atualidade bem pode demonstrar sua urgência diante do uso impressionante e expansivo de novas tecnologias. Esse fenômeno abrange diferentes práticas: *doping*, psicoestimulação profissional, cirurgia plástica, modulação do humor, escolha reprodutiva, contracepção, virtualização das relações, etc. O polimorfismo da expressão antropotécnica esconde uma zona de vizinhança, um limite de indiscernibilidade², ainda que poucos questionamentos sejam feitos sobre a sua legitimidade instrumental, ao passo que os assuntos que lhe concernem são controversos e muitas vezes até condenados³.

A pesquisa sobre a antropotécnica abrange, além disso, temas que ostentam, hoje em dia, o rótulo do aprimoramento humano e do aumento de suas capacidades. Entretanto, existe uma via ainda igualmente complexa que agruparia as modificações humanas realizadas para fins não estritamente médicos, e que podem atender a interesses específicos, correspondendo a um conjunto de ações reiteradas e a hábitos transformadores que se convertem em ferramentas de domesticação do humano. Esse último caminho foi abordado por Sloterdijk, Hottos, Manouvrier, entre outros pensadores importantes. Todo esse campo bastante amplo é o campo das chamadas antropotecnologias. Mas, por ventura, poder-se-ia falar de uma antropotécnica criminal?

A antropotécnica criminal, conforme nossa hipótese, que será desenvolvida no decorrer desta pesquisa, reformula o horizonte da simbiose produtiva do humano com a técnica que se situa no campo criminológico, focalizando tecnologias e estratégias de controle, prevenção, disciplina, educação, moldagem, seleção, exposição, repressão e morte, não só daqueles

¹ MANN, Thomas. *Doutor Fausto*. Tradução de Herbert Caro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. p. 81.

² DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?* Tradução Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 1992. P. 30.

³ GOFFETTE, Jérôme. *De l'humain réparé à l'humain augmenté: naissance de l'anthropotechnie*. pp. 85-106. In : Kleinpeter (Edouard) (dir.): *L'Humain augmenté*, Paris, CNRS Editions, 2013.

considerados criminosos. Se a pergunta que se pode fazer em uma pesquisa sobre a antropotecnia tiver relação com o velho questionamento sobre “o que é o homem?”, a fim de, por exemplo, situá-lo na natureza; a pergunta sobre a antropotécnica criminal, por consequência, questionaria “o que é o homem criminoso?”?

Essas indagações são pontos de partida considerados em grande medida ultrapassados pela crítica criminológica que se tornou fragmentada por seus temas, especialmente se tomarmos como referência o velho modelo unitário do positivismo criminológico. Contudo, indicaremos no decorrer desta pesquisa que o fantasma desse modelo se encontra presente nos campos que procuram oferecer respostas fáceis de acordo com as consideradas determinações sobre o crime, isto é, que procuram identificar características essenciais naqueles que foram envolvidos com o fato criminoso. Se essa continuidade se confirma, existirá a necessidade de se pensar, por exemplo, sobre a questão da ideologia da defesa social como nó teórico e político fundamental⁴ das variações sobre a questão criminal.

O curioso é que o conceito da antropotécnica encontra pertinência em vários espaços que tocam à experiência humana, não se limitando, por óbvio, ao campo penal. Mas não seria surpreendente se descobríssemos que os primeiros esboços do conceito da antropotécnica foram traçados justamente no período em que se convencionou demarcar como definidor do nascimento da criminologia enquanto campo científico?⁵ A antropotécnica, conceito que hoje em dia se tornou bastante conhecido como tema filosófico mas que se tornou confuso e inconstante - e que aparece não apenas por essa expressão, tendo em vista o grande conjunto de

⁴ BARRATA, Alessandro. *Criminologia Crítica e Crítica do Direito Penal: introdução à sociologia do direito penal*. Tradução de Juarez Cirino dos Santos. Rio de Janeiro: Revan, 2002. pp.14- 41.

⁵ A criminologia, nessa etapa histórica, passa a ser entendida como uma nova ciência do controle social lançando em diversos congressos normas universais para esse fim. Daí que o fundamental nos congressos foi dispor de formulações teóricas aplicáveis ao controle social, sofrendo alterações a partir dos temas que correspondiam a interesses direcionados, e que basicamente se modificavam em razão das necessidades do capitalismo, conforme procurou demonstrar a criminóloga Rosa del Olmo. Não nos estranha que os temas foram sempre escolhidos por representantes dos países mais desenvolvidos, fator que repercutirá na própria criminologia da América Latina, sem esquecer que os latino-americanos também participaram ativamente desses congressos. Por isso que o exame de algumas dessas discussões, textos, resoluções, etc., permitirá compreender como a criminalidade foi estudada, definida e controlada. Conforme Rosa del Olmo: “(...) se valendo de todo um conjunto de instrumentos teóricos, e em particular mediante a criação conceitual do que é um delinquente, cumpre uma função específica: a de legitimar, em nome da ciência, a intervenção do Estado – ao qual serve – sobre aqueles elementos residuais de resistência à manutenção da ordem – consciente ou inconscientemente – e que, por sua vez, são resistentes por terem sido definidos como tais por este mesmo Estado”. DEL OLMO, Rosa. *A América Latina e sua Criminologia*. Tradução de Francismo Eduardo Pizzolante e Sylvio Moretzohn. Rio de Janeiro: Revan, 2004. pp. 20-2.

questões que lhe concernem-, foi forjada por um médico-antropólogo francês chamado Léonce de Manouvrier⁶, no âmbito da antropologia criminal, no final da década de 80 do séc. XIX⁷.

Por isso que o problema desta pesquisa se expressa da seguinte maneira: em que medida seria possível delimitar a antropotécnica conceitualmente na atualidade e como a antropotécnica se caracterizaria hoje na área criminal?

Para tanto, será necessário entender como se deu o uso da antropotécnica desde o seu advento até chegarmos na atualidade e questionar sobre o emprego desse conceito na filosofia política e como ele se caracteriza na área criminal. Entretanto, a localização histórica desse conceito é oscilante. Os termos antropotécnica, antropotecnia ou antropotecnologia aparecem de forma sobressaliente, conforme Jérôme Goffette⁸ demonstra, especialmente no entorno de três períodos: 1880-1910, 1940-1960 e 1999-2000. De acordo com a temporalização do conceito, seus significados correspondentes se alteraram, assim como o ser humano também se transformou.

No primeiro período (1880-1910), o conceito estava envolvido com o movimento eugenista clássico, que reuniu noções do senso comum – basta pensar na simples pretensão de

⁶ Apesar dessa afirmação, reconhecemos os limites desta pesquisa e não nos surpreenderia se descobríssemos que tal conceito já tenha sido utilizado antes do ano de 1889 ou por outro autor. No entanto, até o presente momento, temos o nome de Manouvrier como responsável por forjar o conceito da antropotecnia. MANOUVRIER, Léonce. "Discussion". In: *Actes du deuxième Congrès international d'anthropologie criminelle (Paris, août 1889)*. Lyon: A. Storck, 1890. pp. 152-60.

⁷ Geoffrey Barraclough, em seu *Introdução à História Contemporânea*, já em 1964, afirmava que a história contemporânea se diferiria, em qualidade e conteúdo, do que se entende por história moderna. Constituiu-se um grande divisor de águas entre duas épocas os anos que transcorreram entre 1890, em que Bismarck se afasta do cenário político, e 1961, quando Kennedy tomou posse como presidente dos Estados Unidos. A ideia contemporânea ainda se situaria nos momentos iniciais; enquanto que a história moderna - que inclui Renascimento, Iluminismo e Revolução Francesa – apresentaria um panorama mais amplo. A longo prazo, a história contemporânea só pode ser considerada seriamente como algo que supere uma simples análise da cena contemporânea quando conseguir explicar mudanças estruturais básicas que formaram o mundo moderno. Essas mudanças concebem o centro em torno do qual a política se estabelece e se desenvolve. Tem-se como exemplo: a colocação como superpotências dos Estados Unidos e da União Soviética, o reposicionamento da Europa no mundo, o colapso no imperialismo britânico, francês e holandês, o ressurgimento da Ásia e da África e o modo de relacionamento entre povos brancos e de cor. BARRACLUGH, Geoffrey. *Introdução à História Contemporânea*. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Círculo do Livro, 1964. pp. 10-5. Na realidade, o que se pretende nesta pesquisa não diz respeito a uma abordagem larga sobre a história das ideias; mas, em vez disso, vislumbrar seletivamente alguns aspectos históricos do conceito da antropotécnica, e, de outro, perguntar sobre a possibilidade de uma antropotécnica criminal, ainda que esse esforço exija revisitar as ideias do passado. De qualquer forma, é inegável que o período apontado por Barraclough como contemporâneo, especialmente a transição do séc. XIX para o séc. XX, corresponde a um marco de grande importância para o pensamento criminológico, que envolve o nascimento da criminologia como ciência. Fala-se de algo que nasce noutra território, mas que simultaneamente e por suas próprias lógicas produz consequências em território brasileiro, que aprendava suas próprias diferenças. No mesmo sentido: “não falamos do mesmo lugar: eis um dado fundamental da contemporaneidade”. E isso não impede que comecemos a falar por ressonância. SOUZA, Ricardo Timm de. *Sobre a Construção do Sentido: o pensar e o agir entre a vida e a filosofia*. São Paulo: Perspectiva, 2004. p.15

⁸ GOFFETTE, Jérôme. *Anthropotechnie: cheminement d'un terme, concepts différents*. Paris : Alliage, n° 67, 2010.

se ter filhos bonitos, educados e inteligentes –, bem como foi concebido em paralelo com as construções científicas sobre a procriação da espécie. Desde então, a zootecnia seria o campo de estudo dos animais e das plantas e a antropotecnia seria o meio pelo qual os seres humanos poderiam ser aprimorados. Em 1891, Paul Topinard definiu que a antropotécnica seria “(...) uma palavra que foi pronunciada seriamente e que no homem corresponde à zootecnia, mas em um sentido amplo, porque necessariamente corresponde à higiene social e constantemente toca à legislação, à família e a tudo que nos é mais caro (...)”⁹. A palavra antropotecnia, advinda de uma analogia, seria para a antropologia aquilo que a zootecnia seria para a zoologia¹⁰. Na realidade, Topinard abordou um termo que já havia sido utilizado anos antes por Manouvrier¹¹, no *Décimo Congresso Internacional de Antropologia Criminal*, realizado em Paris, no ano de 1889.

Em tal período, o entendimento da antropotecnia se aproximava dos interesses hereditários – sendo Adolph Pinard um autor de destaque no assunto da puericultura - e dos postulados da eugenia, especialmente a partir de Francis Galton, já existindo como preocupação política o cuidado com a criança a partir de métodos pedagógicos (para fomentar uma postura perfeita¹², por exemplo), as recomendações sobre o casamento sensato, a proteção à gravidez e o aconselhamento pós-natal. É inegável que a vida e sua regulamentação, em um aspecto que extrapolou o âmbito civil, passaram a ser coordenadas por uma lógica antropotécnica. De maneira ampla e, por vezes, de acordo com discursos não homogêneos, havia abordagens – detentoras de interesses não apenas individuais, mas também de governo sobre populações – que visavam ao aprimoramento da raça, a distinção em termos de reprodução segundo a

⁹ “Quanto à antropotecnia, - palavra que foi pronunciada com seriedade e que corresponde no homem à zootecnia, porém em um sentido amplo, porque ela necessariamente abrange a higiene social e toca comumente à legislação, à família e tudo o que nos é mais caro-, e é evidente que, além disso, deve permanecer independente de todas as verdades que emergem, cruéis e implacáveis, do conhecimento da animalidade humana”. TOPINARD, Paul. *L’Homme dans la Nature*. Paris: Baillères, 1891. pp. 11-2.

¹⁰ “Se o estudo científico dos animais deu origem à zootecnia, não deve o estudo da humanidade produzir uma antropotécnica? (...) As várias artes que visam à direção dos homens, isto é, com a Higiene, a Moral, a Educação, o Direito e a Política, é o que constitui a Antropotécnica”. MANOUVRIER, Léonce. Banquet de la Société d’Anthropologie de Paris: Discours de M. Manouvrier, secrétaire adjoint de la Société, in: *Bulletins et mémoires de la Société d’anthropologie de Paris*. Paris: Doin, 1901, Tome 2, série V, p. 227.

¹¹ MANOUVRIER, Léonce. "Discussion". In: *Actes du deuxième Congrès international d’anthropologie criminelle (Paris, août 1889)*. Lyon: A. Storck, 1890, pp. 152-60.

¹² Nesse ponto, conforme se perceberá no primeiro capítulo, vinculamos a paranoia, decorrente de métodos pedagógicos intrusivos, a um sistema antropotécnico de produção humana, formando-se, especificamente, psicopatologias em razão da técnica. NIEDERLAND, William G. *O Caso Schreber: um perfil psicanalítico de uma personalidade paranóide*. Tradução de Carlos Roberto Olibeira. Rio de Janeiro: Campus, 1981.

hierarquia entre os indivíduos, que observava critérios específicos, como o de inteligência, por exemplo, assim como o combate às falhas humanas na busca pelo aprimoramento da espécie¹³.

Todo esse esquema teórico, expressão de um grande projeto de um governo antropotécnico e biopolítico, refletiu-se no advento da antropologia criminal, que nascia na modernidade urbana, do final do séc. XIX, no espaço das cidades europeias¹⁴, com suas populações heterogêneas, inquietas, perigosas, lugares de novos selvagens - que, em realidade, eram os excluídos e os não adaptados às normas da vida industrial - de acordo com as novas representações dos considerados homens bons. Esse novo campo teria a função de detectar os novos tipos perigosos, os degenerados, e estava fundamentado em duas tendências científicas. A primeira dizia que o criminoso nascia com a predisposição natural para o crime. A segunda postulava que o meio social era o fator responsável pela produção do criminoso. Essas perspectivas eram normalmente representadas nas figuras de Lombroso e Lacassagne: “de um lado, o renomado Cesare Lombroso afirmava que o criminoso já nascia como tal e que era possível apreender, na aparência externa dos indivíduos, os traços que revelavam o seu íntimo, a sua predisposição interna para o crime; de outro, o francês Alexandre Lacassagne postulava que era o meio social que produzia o criminoso”¹⁵. Em que pese toda relevância de Lacassagne, o nome de Lombroso, desde o seu tempo até os dias atuais, é, sem dúvida, um dos mais emblemáticos no campo criminológico, pois representou não apenas a liderança de uma escola ou movimento, mas simbolizou todo um paradigma científico que se ateu a falar sobre o crime, isto é, que colocou o crime e o criminoso na condição de objeto científico a ser pesquisado e a estatística serviu de método de confirmação de suas metáforas. Enrico Ferri, em sua famosa obra *Os Criminosos na Arte e na Literatura*, abrindo o capítulo intitulado *os micróbios do mundo criminal e arte criminal*, chegou a sustentar a ideia de que a vida deteria um subsolo de criminalidade, que seria constituído pelos micróbios do mundo criminal. Eles – os criminosos - talvez passassem despercebidos não fosse o trabalho da estatística que, por seus dolorosos números, demonstrava a existência de uma patologia social¹⁶.

¹³ GOFFETTE, Jérôme. *Anthropotechnie: cheminement d'un terme, concepts différents*. Paris : Alliage, n° 67, 2010.

¹⁴ Na sua imensa obra *Passagens*, Benjamin retratou Paris fin-de-siècle como sendo a capital do mundo no séc. XIX. É nesse mesmo período que Dostoiévski irá conhecer o famoso Palácio de Cristal. Benjamin dirá sobre a atuação do Império, com a abertura de passagens para mercadorias e a construção de ferrovias, que: “o Império é o estilo do terrorismo revolucionário, para o qual o Estado é um fim em si”. BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Tradução de Irene Aron e Cleonice Paes Barreto Mourão. São Paulo: Editora FMG, 2009. p. 40.

¹⁵ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Visões do Cárcere*. Porto Alegre: Zouk, 2009. p. 5

¹⁶ FERRI, Enrico. *Os Criminosos na Arte e na Literatura*. Tradução João Moereira d'Almeida. Lisboa: a. m. Teixeira, 1916. p. 15.

Nesses debates, adquiriu especial importância¹⁷ o *Congresso Internacional de Antropologia Criminal* que contou com seis encontros e foi organizado por iniciativa de Césare Lombroso, líder da escola italiana de criminologia. O programa para o Congresso foi preparado por uma comissão composta por Lombroso, Ferri, Garofalo, Sciamanna, Morselli, Lacassagne, Kraepelin, Tarde, Albrecht, Drill, Frigerio, Pasquali, Sergi, Romiti, Pieglia e Porto, de modo que as temáticas abordadas se dividiam em duas linhas: uma biológica e outra sociológica. A organização do primeiro Congresso tinha a seguinte composição: presidentes: Lombroso e Ferri; vice-presidentes Sergi; Sciamanna, Garófalo e Pugliese; secretários-gerais: Mayor e Porto; secretários científicos: Couette e Fioretti. Antes mesmo do primeiro Congresso, Lombroso já havia defendido a ideia de anomalias físicas presentes nos criminosos, conhecidos como criminosos natos. Ferri, por sua vez, entendia que o crime seria uma degeneração mais profunda do que a insanidade, uma vez que, para ele, havia casos em que mesmo em indivíduos insanos o senso moral permanecia existindo. De outro lado, Anguilli teria chamado à atenção para a relevância do meio social nas determinações para o crime. Lacassagne apontava para os exageros das teorias do atavismo e da degeneração, colocando em destaque o ambiente social nas considerações sobre o crime. Tal divergência entre a escola italiana e a escola francesa se intensificou no segundo encontro do Congresso, ocorrido em Paris, em agosto de 1889, no qual Lombroso resumiu as exposições da escola positivista italiana desde o primeiro Congresso; e Manouvrier definiu a teoria de Lombroso como uma teoria que não se distinguia da antiga frenologia. A liberdade condicional foi um tema do relatório de Semal, diretor do asilo de doentes mentais em Mons, na Bélgica, e defendeu a possibilidade de se oferecer mecanismos para a reforma do criminoso. De sua parte, Drills sustentou que a liberdade condicional tinha duas funções: uma coisa seria o julgamento do criminoso, que passaria pela competência de um tribunal; a outra seria o seu tratamento subsequente, que competia à administração penitenciária, com o auxílio de especialistas da área científica – devendo ambas as questões ser trabalhadas em apartado. Bertillon alertou no Congresso que o mais importante seria a defesa da sociedade do que a reforma do criminoso, que seria uma preocupação secundária. No Segundo Congresso, Garófalo nomeou um comitê composto por sete pessoas para comparar cem criminosos vivos com relação a cem homens honestos. O terceiro Congresso, realizado em Bruxelas, nos dias sete a quatorze de agosto de 1892, Manouvrier relatou a dificuldade prática de formular seriamente este tipo de comparação. Emile Houze e Warnots, da Universidade de

¹⁷ Adota-se aqui a síntese realizada por Edward Lisdsey. Ver em: LISDSEY, Edward. *International Congresso f Criminal Anthropology: a review*. Journal of Criminal Law and Criminology, Evanston: Northwestern University School of Law Scholarly Common, Evanston, Volume 1, Issue 4, 2010. pp. 578-583.

Bruxelas, questionaram se existia um criminoso anatomicamente determinado. Ambos concluíram que o criminoso nato de Lombroso não era um tipo real e a classificação lombrosiana entre criminosos e não-criminosos seria absolutamente arbitrária, não sendo uma classificação científica, afinal de contas, em que pese alguns criminosos apresentarem características degenerativas e patológicas, eles não seriam uma categoria especial de degenerescência. Outro relatório de grande relevância apresentado no terceiro Congresso foi o de E. Glauckler a respeito dos elementos sociais e antropológicos na determinação da punição. Alguns pontos para Glauckler teriam de ser observados: o primeiro dizia respeito à função preventiva do direito penal por meio da intimidação, alegando que os elementos sociais condicionariam essa função; o segundo, que teria importância secundária, tocaria no aspecto da inocuidade do criminoso, referindo os fatores antropológicos para a questão; e o terceiro vislumbraria a necessidade de reparação à vítima. O crescente interesse pela aplicação prática do saber criminológico foi central no quarto Congresso, realizado em 1896, em Genebra, assim como no quinto Congresso, realizado em Amsterdã, em 1901. Neste último, os fatores sociais do crime tiveram grande destaque ao lado dos artigos sobre perversões sexuais. Clark Bell, editor do periódico Médico-Legal, abordou o tema da sentença indeterminada em Nova York. Entre outros assuntos, foram abordados os temas: a noção de crime, criminalidade e insanidade, degeneração e criminalidade, delinquência juvenil e etiologia do crime. Quando se pensou que a controvérsia havida fortemente no terceiro Congresso havia sido extinta, dada a ausência de representantes da escola italiana no quinto Congresso, eis que o sexto Congresso se reuniu em Turin, na Itália, em 1906, sendo descrito em um volume de 675 páginas, em 1908. Pappilaut (na *Revue de l'École d'Anthropologie de Paris*, em janeiro de 1909) resumiu o trabalho do sexto Congresso de acordo com o ponto de vista da antropologia criminal. As comunicações foram classificadas pelos eixos temáticos seguintes: somatologia, etiologia, sociologia e economia. Nesse momento, Lombroso desenhou um astuto paralelo entre o indivíduo homossexual e o criminoso. Ela achava estranho que Lacassagne, Nacke, Gross e Krafft-Ebing refutassem a tese do criminoso nato ao mesmo tempo em que afirmavam existir características congênitas e a irresponsabilidade do homossexual nato. Pappilaut observou ser insatisfatória a ideia de criminoso nato, ao passo que acreditava existir entre os criminosos certo número deles que se aproxima de indivíduos não totalmente civilizados, sendo menos capazes de se adaptar às exigências da vida moderna. Ferri teria proposto distinguir criminosos natos, que seriam inferiores, que preservavam características ancestrais por meio do atavismo, e aqueles que são avançados para o seu tempo, os criminosos políticos, por exemplo. Esse é um apertadíssimo apanhado das temáticas tratadas no decorrer dos seis encontros do *Congresso Internacional de*

*Antropologia Criminal*¹⁸. Escolhemos examinar as ideias de Manouvrier, que foram apresentadas neste Congresso, e que ao foram ao mesmo tempo desenvolvidas em outras ocasiões, justamente pelos motivos que levaram à criação do conceito da antropotecnica.

No segundo período (1940-1960), o conceito da antropotécnica passou por uma viragem ideológica, sobretudo pela rejeição cada vez mais massiva de concepções que tiveram espaço com a ideia de higiene racial. O eugenismo se tornou inadmissível, assim como qualquer proposta política que se baseasse na ideia de seleção de seres humanos. Falar em seleção humana também passou a ser insustentável diante dos movimentos de emancipação da mulher, de legalização do aborto, de evitação de gravidez indesejada, que começavam a florescer e a obter legitimidade social. Mas o que esse conceito poderia oferecer diante da proibição da seleção de seres humanos? Toda dificuldade existente para a manutenção da vigência do conceito foi minimizada. Encontrou-se uma saída para a sua preservação nas ideias de desenvolvimento sociológico e educacional do homem, sem descuidar, contudo, da preocupação que havia com os meios para alcançar esses objetivos¹⁹.

Momentos antes dessa virada ideológica, no entanto, algo que parecia ter se dissipado com o impacto ocasionado pela imagem das tragédias das duas grandes guerras consegue se manter vivo justamente pela produção intelectual. No ano de 1948, o conceito da antropotécnica reaparece em um livro intitulado *Anthropotechnie*, de Jean Schunck de Goldfiem, que em tom de idolatria chegou a mencionar nas primeiras páginas da sua obra o “venerável mestre” Papillault, alguém que também defendeu o eugenismo clássico. Quando Goldfiem falava da “arte de elevar biologicamente o homem, conjuntamente a sua educação intelectual e espiritual”²⁰, ele não conseguia esconder a relação de suas ideias com a conhecida conotação eugênica²¹.

Todo médico, todo pedagogo, todo sociólogo, todo político, todo administrador ou organizador do trabalho, deve conhecer a anatomofisiologia humana, a psicologia, a etnografia, a história e as técnicas da cultura biológica

¹⁸ Ver em: LISDSEY, Edward. *International Congresso f Criminal Anthropology: a review*. Journal of Criminal Law and Criminology, Evanston: Northwestern University School of Law Scholarly Common, Evanston, Volume 1, Issue 4, 2010. pp. 578-583.

¹⁹ GOFFETTE, Jérôme. *Anthropotechnie: cheminement d’un terme, concepts différents*. Paris: Alliage, n° 67, 2010.

²⁰ “(...) l’art d’élever biologiquement l’homme, conjointment à son éducation intellectuelle et spirituelle”. GOLDFIEM, Jean Schunck. *Anthropotechnie: de la science de l’homme à l’art de faire des hommes*. Paris: Calmann-Lévy, 1948. p. 9.

²¹ BLANCKAERT, Claude. Lógicas da Antropotecnica: mensuração do homem e bio-sociologia (1860-1920). *Revista Brasileira de Historia*. 2001, vol.21, n.41. pp.145-156.

do homem e sua educação intelectual e moral, e pode ser chamada de antropotecnociência²².

O conteúdo da obra de Goldfiem trouxe uma relação visível com a chamada antropometria e a antropologia do séc. XIX. Para se ter uma ideia, no primeiro capítulo, intitulado *Anatomophysiologie Humaine*²³, Goldfiem apresenta tabelas e desenhos ilustrativos que representam vários perfis de esqueletos de chimpanzé, neandertal, austroloide e europóides. Essa apresentação sugere uma distinção valorativa, lembrando as teorias racistas do séc. XIX²⁴. Goldfiem atribuiu à antropotécnica a arte de elevar os homens, esquema não tão distante de algumas das propostas de Sloterdijk – que apareceram na virada do séc. XXI, no cenário europeu. No entendimento de Goldfiem, o estudo sobre doenças e patologias dizia respeito à arte médica ou terapêutica. A arte de promover a manutenção da saúde e da higiene lançou propostas sobre leis da hereditariedade e da genética, alimentando nos pais o desejo de ter filhos bonitos, educados e inteligentes por meio da eugenia. Para Goldfiem, portanto, as técnicas que se mostrassem úteis para o progresso humano comporiam o neologismo antropotecnica. A antropotecnociência permitiria, segundo ele, combater patologias sociais no sentido mais amplo da expressão, desde doenças fisiológicas, até a agitação social – sendo esta sangrenta ou não. Seguindo essa orientação, o homem não apenas seria um indivíduo, mas um parceiro da humanidade. A antropotecnica corresponderia a um projeto cujo propósito seria o de construir as bases para uma anatomofisiologia satisfatória, produzindo a partir dela certas personalidades ideais. Havia na atmosfera social uma vontade de produção de grandes homens, gênios e grandes personalidades, utilizando-se artes variadas de psicotécnicas com conotações morfopsicológicas, técnicas pedagógicas, e até técnicas eugênicas. Na visão de Goldfiem, a antropotecnica, uma ciência especulativa, deveria, em última análise, estar envolvida com “la défense de la société²⁵”.

Paralelamente no campo criminológico, na década de 1960, Jean Pinatel²⁶ falava da tendência de a pesquisa se tornar um trabalho de grupos, instituições, congressos, organizações

²² GOLDFIEM, Jean Schunck. *Anthropotechnie: de la science de l’homme à l’art de faire des hommes*. Paris: Calmann-Lévy, 1948. p. 10.

²³ GOLDFIEM, Jean Schunck. *Anthropotechnie: de la science de l’homme à l’art de faire des hommes*. Paris: Calmann-Lévy, 1948. pp. 20-38.

²⁴ GOFFETTE, Jérôme. *Anthropotechnie: cheminement d’un terme, concepts différents*. Alliage, n° 67, Octobre 2010.

²⁵ GOLDFIEM, Jean Schunck. *Anthropotechnie: de la science de l’homme à l’art de faire des hommes*. Paris: Calmann-Lévy, 1948. pp. 13-6.

²⁶ Autor de destaque, nascido na França, que viveu dos anos 1913 a 1999. Pinatel influenciou o campo criminológico notavelmente na Europa, nos Estados Unidos e na América Latina. Seus trabalhos acadêmicos

internacionais, enfim, com o propósito, por exemplo, de estudar a eficácia de programas penais de prevenção e de criar políticas criminais pela perspectiva global e comparativa. Desde o fim da primeira guerra mundial, a pesquisa deixava de ser algo individual. Pinatel elencou alguns exemplos. No ano de 1955, em Londres, o *III Congresso Internacional de Criminologia* definiu que a pesquisa deveria receber um impulso decisivo, denotando-se o requerimento de apoios institucionais. No *IV Congresso Internacional de Criminologia*, realizado em Haia, no ano de 1960, uma equipe de pesquisa trabalhava durante o próprio evento. Esperava-se que, no *V Congresso Internacional de Criminologia* que iria ocorrer em Montreal, no ano de 1965, a seção de pesquisa científica fosse estudar o resultado de diversos tratamentos do ponto de vista da estatística, do experimento e também do ponto de vista fenomenológico. Pinatel procurava demonstrar que a ação social e a pesquisa científica se reaproximavam. Organizações internacionais já estavam impulsionadas por essa tendência. Em 1962, em Frascati, na Itália, as Nações Unidas organizaram um ciclo de estudos que pesquisava os programas de prevenção da delinquência juvenil que estavam em curso. No ano de 1963, em Estrasburgo, o Conselho Europeu reuniu uma conferência de diretores de institutos de pesquisa criminológica para fazer uma exposição a respeito das suas respectivas experiências. Pinatel ressaltou, em síntese, que: “(...) a era dos pesquisadores isolados se foi; a pesquisa científica em criminologia torna-se um serviço público”²⁷.

Pinatel percebia que essa evolução ocorria rapidamente nos países de língua francesa. Na França, em 1950, na ocasião do *Segundo Congresso Internacional de Criminologia*, relatou-se que o professor H. Donnedieu achava curioso que no programa do Instituto de Criminologia da Universidade de Paris havia a inscrição da medicina mental, da polícia científica, ambas ensinadas por grandes mestres, porém não havia curso de criminologia. Em 1952, uma escola de criminologia foi criada, anexada ao instituto e a ciência penitenciária foi a ele agrupada. Porém, na impressão de Pinatel: “qui dit enseignement ne dit pas recherche” (“quem diz ensino não diz pesquisa”)²⁸. Os institutos de criminologia não funcionavam como instituições voltadas para a pesquisa. Esse é um princípio que já se mantinha nas faculdades de direito. Com o propósito de reparar esse déficit, a administração da supervisão da educação criou seu próprio

giraram em torno da criminologia. Um artigo-homenagem a Pinatel é possível ver em: IPIÑA, Beristain Antonio. *Jean Pinatel, Criminólogo Transnacional y Hombre Bueno*. EGUZKILORE. Número 13. San Sebastián. 1999. pp. 209-18.

²⁷ “Uma organização do tipo administrativo está surgindo de várias maneiras, de acordo com as várias tradições acadêmicas, a urgência de problemas criminais a serem resolvidos e o interesse que eles provocam na opinião pública”. PINATEL, Jean. *La criminologie: recherche scientifique et action sociale*. Revue française de sociologie, 1904, V. pp. 325-330.

²⁸ PINATEL, Jean. *La criminologie: recherche scientifique et action sociale*. Revue française de sociologie, 1904, V. pp. 325-330.

centro de pesquisa em Vaucresson, que realizou trabalhos sobre jovens e gangues. Tempos depois, a administração penitenciária em seu *Centro Nacional de Estudos e Pesquisa* contribuiu com o *Instituto de Ciências Criminais de Estrasburgo*. Na Bélgica, as escolas de criminologias se preocupavam em ter o ensino como uma de suas missões mais importantes. Na Universidade de Montreal as escolas de criminologia também tinham o ensino como uma missão ao lado da pesquisa. Em razão disso, foi criado, integrando a faculdade de ciências sociais, um departamento de criminologia ao lado dos departamentos de antropologia, sociologia, economia política, ciência política e relações industriais. Pinatel destacou que nesse centro trabalham em comum: biólogos, psicólogos, sociólogos, penólogos, enfim, todos animados pelo espírito de equipe. Os pesquisadores desses departamentos haviam adquirido um hábito novo na pesquisa, que se tratava da subordinação dos conceitos a um ponto de vista criminológico comum. Em Madri, a *Escola Penitenciária* realizava algumas pesquisas aplicadas. Na Itália, criou-se o *Centro de Criminologia Clínica* no complexo penitenciário de Roma-Rebibbia, instalando-se o instituto de antropologia criminal na Universidade de Roma e criando-se uma disciplina de antropologia criminal na faculdade de medicina, cujo diretor do instituto se tornou o seu primeiro titular e se associou aos centros clínico e universitário da seção de criminologia do *Centro Nacional de Prevenção e Defesa Social*, organismo científico de caráter privado, mas com laços administrativos e judiciários relevantes. No ano de 1960, as Nações Unidas estabeleceram, em parceria com o governo brasileiro e o Estado de São Paulo, o *Instituto Latino-Americano de Criminologia* (ILAC), dirigido por José Augusto Cezar Salgado, procurador de Justiça do Estado à época. Nos Estados Unidos, a criminologia tem sido um privilégio das faculdades de sociologia. Essas instituições fornecem aos seus pesquisadores recursos para a pesquisa com o apoio de grandes fundações privadas norte-americanas. Também existem institutos especializados cuja criação foi originada da necessidade de oferecer respostas a problemas concretos. Pinatel já notava que o *National Council of Crime and Delinquency* publicava de modo regular abundantes informações a respeito de projetos de pesquisa em andamento, não apenas nos Estados Unidos, mas no mundo todo. Na visão de Pinatel, portanto, a pesquisa científica e a ação social estavam cada vez mais associadas e interdependentes²⁹. Teoria e prática se tornavam indiscerníveis. Rosa Del Olmo menciona, ainda, um congresso demasiado relevante que foi o *VII Congresso Penitenciário Internacional* (que integra um conjunto de doze congressos penitenciários), celebrado em Washington, em 1910, e teve como ponto de destaque a aprovação da ideia de pena indeterminada para as pessoas moral e

²⁹ PINATEL, Jean. *La criminologie: recherche scientifique et action sociale*. Revue française de sociologie, 1904, V. pp. 325-330.

mentalmente defeituosas e para jovens delinquentes que careciam de tratamento educativo. Outro ponto destacado foi que se sugeriu articular a organização de uma secretaria internacional de informação para identificar os criminosos. O que se percebe depois é que desde esse momento estava se criando as condições para a criação da Interpol, que foi inaugurada em 1923. O Congresso contribuiu para a criação de medidas de segurança para reincidentes, dementes, vagabundos e bêbados, estabelecendo também que nenhum indivíduo deveria ser tido como irrecuperável. Isso se daria por meio do trabalho, da influência moral e religiosa, da educação física e intelectual, sendo tudo realizado em longo prazo e se dizia preferível esse método às penas de curta duração³⁰.

Nesse conjunto de saberes, entretanto, como se caracterizaria a antropotécnica criminal?

Como se pôde perceber até aqui, a antropotecnia foi forjada em um período de biologização da questão criminal e de expansão dos saberes acerca do crime, quando a antropologia do criminoso produziu o *homo criminalis*. Foi nesse ambiente que a criminologia nasceu como nova ciência do controle social³¹, no espaço não apenas de conflito, mas de convergência dos saberes. A antropotecnia teve a função de circunscrever os campos de incidência da antropologia criminal, sendo a sociologia chamada a fazer parte desse novo marco de atribuição de novas responsabilidades ao conhecimento.

Transcorridos alguns anos, esse acento biológico dado ao conceito da antropotécnica vai perder força, ao menos no que toca ao significado que até então lhe era atribuído. Passaram a ser adotadas definições sobre a antropotécnica como as de “técnicas voltadas para o aprimoramento humano”, “conjunto de técnicas responsáveis por desenvolver somaticamente e psicologicamente o homem a fim de ele mais bem se adaptar às necessidades da vida”³². A antropotecnia passaria a ser a ciência que teria como objeto o ser humano e o estudaria em suas variações somáticas e psíquicas no decorrer do tempo e de acordo com seu espaço de experiência, de modo a descrever as indicações práticas que irão beneficiar sua sorte, tanto no nível individual, como coletivo. Começava a se destacar a necessidade de promover a perfeita simbiose entre indivíduo e sociedade. Por isso, requereu-se pensar nas maneiras de aprimoramento pessoal e voluntário a partir de habilidades psíquicas e somáticas. Essa seria uma tarefa de treinamento útil do indivíduo sobre si mesmo para a obtenção de vitórias pessoais,

³⁰ DEL OLMO, Rosa. *A América Latina e sua Criminologia*. Tradução de Francismo Eduardo Pizzolante e Sylvio Moretzohn. Rio de Janeiro: Revan, 2004. pp. 105-6.

³¹ DEL OLMO, Rosa. *A América Latina e sua Criminologia*. Tradução de Francismo Eduardo Pizzolante e Sylvio Moretzohn. Rio de Janeiro: Revan, 2004. p. 14.

³² GOFFETTE, Jérôme. *Anthropotechnie: cheminement d’un terme, concepts différents*. Paris : Alliage, n° 67, 2010.

permitindo-se a cada um não se submeter mais às restrições advindas do exterior, mas partir de uma disciplina interna, livremente aceita, e, desta forma, grandemente eficaz. O conceito perde as influências da zootecnia, da medicina e da antropologia, muito presentes ainda na obra de Goldfiem, e adotava em um autor como Charles Laville e depois em Sloterdijk referências de ordem política e moral. A antropotécnica seria a ferramenta a partir da qual os homens encontrariam seus benefícios pessoais. A abordagem não seria mais aquela de um corpo social biológico ameaçado pela degeneração, mas uma abordagem focada no aspecto da potencialidade individual. Não havia mais uma política de restrição, mas de decisão individual e livre³³. Em última análise, a antropotécnica passaria a ser o conjunto de técnicas adequadas para o aprimoramento óptimo de seres humanos e da humanidade, um projeto social mais amplo, uma espécie de melhoria assintótica. Com isso, passaria a existir uma antropotecnia não eugênica ou uma antropotecnia marcada pela transição de uma eugenia clássica para uma nova eugenia³⁴, que se desenvolveu a partir dos anos setenta do séc. XX, tendo como exemplo os exames pré-natais. A eugenia anterior à Segunda Guerra Mundial tinha como propósito aprimorar as qualidades hereditárias das populações. A nova eugenia terá por base a noção de autonomia produtiva. No entanto, as discussões sobre o ideal humano aparecem por outra perspectiva, tal como explica Lucien Sfez, no livro *A Saúde Perfeita*³⁵, não no sentido de um projeto antropotécnico, mas como um diagnóstico sociológico, que colocou no centro de sua pesquisa uma noção específica de perfeição como verdadeira utopia³⁶.

No transcurso pelo qual passou o conceito da antropotécnica, se, por um lado, no ano de 1995, Sfez apresentou o diagnóstico de uma nova utopia tecnológica, a saúde óptima, por outro lado, foi a partir do ano de 1999, que Sloterdijk lançou os textos críticos *Regras Para o Parque Humano*³⁷ e *Domesticação do Ser*³⁸, contribuindo para as interpretações sobre as novas

³³ Como consequência, aqui estamos diante do paradoxo da liberdade: “quanto maior for a liberdade, mais necessária será a interiorização de um determinado número de obrigações, e mais essa necessidade surgirá, paradoxalmente, como encargo muito difícil de ser cumprido. O paradoxo da liberdade impõe um preço: quanto maior a liberdade, maior seu custo, quanto maior o individualismo, maior a socialização”. GAUER, Ruth Maria Chittó. *A Fundação da Norma: para além da racionalidade histórica*. Porto Alegre: EdiPucrs, 2011.

³⁴ SFEZ, Lucien. *A Saúde Perfeita: crítica de uma nova utopia*. Tradução de Fernanda Oliveira. Lisboa: Instituto Piaget, 1995. p. 129. Ver também: SFEZ, Lucien. *Técnica e Ideologia: um jogo de poder*. Tradução de Marcos Mayer e Silvia kot. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2002.

³⁵ Para Sfez todos está em mudança: o direito, a medicina, o eugenismo, o higienismo, os seguros, etc. A base para a mudança social seria a utopia e a base da utopia seria o próprio corpo. SFEZ, Lucien. *A Saúde Perfeita: crítica de uma nova utopia*. Tradução de Fernanda Oliveira. Lisboa: Instituto Piaget, 1995. p. 39-40.

³⁶ GOFFETTE, Jérôme. *De l'humain réparé à l'humain augmenté: naissance de l'anthropotechnie*. pp. 85-106 in Kleinpeter (Edouard) (dir.): *L'Humain augmenté*, Paris, CNRS Editions, 2013.

³⁷ SLOTERDIJK, Peter. *Regras Para o Parque Humano: uma resposta à 'Carta Sobre o Humanismo'*. Tradução de Manuel Resende. Coimbra: Angelus Novus, 2007.

³⁸ SLOTERDIJK, Peter. *Sin Salvación: Tras las Huellas de Heidegger*. Tradução de Joaquín Chamorro Mielke. Madri: Akal, 2011.

designações do campo da antropotecnologia, que corresponderia à atual relação produtiva entre humano, técnica e violência, que foi colocada no centro da discussão. Esse período foi fortemente marcado pelas novas possibilidades e projeções que advieram com a decodificação do genoma³⁹ humano, em 2003. A produção humana como resultado técnico entraria em um novo estágio, sob a domesticação voluntária a partir da antropotécnica como salvação.

Nesse mesmo período, desde a metade da década de 90, Gilbert Hottois⁴⁰ tem refletido sobre as técnicas de transformação e sobre o pensamento pós e transumanista, de modo que essa temática também ganhou destaque nos últimos tempos com um resfolegar revitalizador do humanismo letrado. Conforme se notará, diversos foram os impulsos teóricos que discorreram não diretamente sobre o termo antropotécnica, mas utilizaram, por exemplo, a expressão *human enhancement*, que traduzimos como aprimoramento humano ou melhoramento humano, além de outros esquemas interpretativos, cujo cenário de preferência passou a ser os Estados Unidos (não mais predominando o espaço europeu, como nos primórdios da antropologia criminal), retratando a busca por aprimoramento humano com o uso de novas tecnologias. O significado atribuído por essas (nem tão) novas abordagens tem como semelhança o campo da atividade de transformação corporal dos seres humanos, incluindo-se nele as técnicas de transformação que incidem sobre a corporalidade e que não dizem mais respeito à luta imunológica contra uma doença. Nesse caminho, o termo antropotécnica, na língua inglesa, entra em disputa com termos polissêmicos como *human enhancement*⁴¹, *coaching*, *management*, transumanismo, todos carregando a conotação de aumento das capacidades humanas, indicando uma tentativa renovada de avançar em relação aos limites do corpo e das habilidades individuais, como especialmente se evidencia no discurso do transumanismo, que se caracteriza por seu flagrante apoio à expansão do imaginário ficcional em suas projeções.

Se analisarmos, no atual contexto, o que está se definindo desde o último período apontado por Goffette, veremos que se organizam, além disso, dois centros de orientação da antropotécnica, a saber: de um lado a abordagem centrada na perfeição (ou contra a perfeição)⁴²,

³⁹ LEITE, Marcelo. *Retórica Determinista no Genoma Humano*. Scientiæ Zudia, São Paulo, v. 4, n. 3, p. 421-52, 2006.

⁴⁰ HOTTOIS, Gilbert. *De l'anthropologie à l'anthropotechnique ?* Tumultes n° 25, 2005. p. 49-64. HOTTOIS, Gilbert. *Humanismo, Transhumanismo, PostHumanismo*. Tradução de Daniela Pabón e Gustavo Chirolla Ospina. Universidad El Bosque, Revista Colombiana de Bioética. Vol. 8 No 2, 2013.

⁴¹ “‘O aprimoramento humano’ deve ser entendido como ‘a atividade ou técnica de transformação não medicado ser humano, modificando seu corpo’”. GOFFETTE, Jérôme. *Technology, Body and Human Enhancement: prospects and justice*. In: McGuire Michael & Holt Tom: *Handbook of Technology, Crime and Justice*, London: Routledge, 2017. pp. 654-672.

⁴² A perfeição humana concebida nos últimos tempos reflete o problema do determinismo genético até mesmo em questões que dependeriam de exercícios e práticas reitreadas, como habilidades musicais e esportivas. Uma

a saúde ótima, a forma perfeita, um tipo humano ideal, que supõe uma continuidade das influências médicas; de outro, a abordagem centrada na transformação⁴³, que denotaria uma distinção conceitual entre a medicina e as novas práticas, pois as últimas estariam conformadas por aspectos de ordem ética ou metafísica, conforme veremos nas últimas obras de Sloterdijk. Em realidade, a noção de transformação estaria atrelada à ideologia⁴⁴, mas também à noção de “empresário de si”⁴⁵, que, desde Foucault, diversos teóricos têm comentado em seus escritos⁴⁶, e que reflete a atual imposição de alta produtividade, o culto da performance⁴⁷, e o máximo desenvolvimento ativo por parte de cada indivíduo, em um ritmo acelerado de competitividade análogo à lógica de normatividade empresarial⁴⁸.

Hoje em dia, talvez não estejamos em busca de um tipo ideal apenas, mas em busca de várias formas de melhoria e de transformação do desempenho (*doping*), de aumento da beleza (cirurgia estética), de demanda por liberdade nos âmbitos político e jurídico (métodos contraceptivos, aborto, legalização de drogas), de rejuvenescimento (estética antienvelhecimento), etc. Goffette entende que estaríamos situados, atualmente, não no

objeção que aparece, nesse cenário, colocada pela engenharia genética seria a de que crianças projetadas não teriam liberdade para fazer suas próprias escolhas, até mesmo em termos de melhoramentos genéticos desejáveis, que conduziriam a criança à determinada forma de vida, de maneira que sua autonomia restaria reduzida. Para Sandel essa seria uma falsa questão, pois na presença e na ausência de um projetor projetista, ninguém escolhe a própria herança genética. “A alternativa a uma criança clonada ou geneticamente melhorada não é uma criança cujo futuro está isento de restrições e do escopo de talentos específicos, mas sim uma criança que está à mercê da loteria genética”. A bioengenharia já tem como prática comum o melhoramento dos músculos e da memória, o aumento da altura e a seleção de sexo. Nesses exemplos, o que era inicialmente uma maneira de tratar uma doença ou de prevenir um distúrbio genético tornou-se um produto de escolha e de consumo. SANDEL, J. Michel. *Contra a Perfeição: ética na era da engenharia genética*. Tradução de Ana Carolina Mesquita. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013. pp. 20-3.

⁴³ O *Cérebro que se Transforma* é um *best seller* que, na linha desse movimento contemporâneo voltado para a transformação pelo hábito e pela reiteração de atos, defende a possibilidade de modificação das capacidades cognitivas dos seres humanos, pois o cérebro não seria uma matéria estática, senão submetida à plasticidade. DOIDGE, Norman. *O Cérebro que se Transforma: como a neurociência pode curar pessoas*. Tradução de Ryta Vinagre. Rio de Janeiro: Record, 2016.

⁴⁴ Dumont confere, nesse sentido, “(...) o nome de ideologia a um sistema de ideias e valores que tem curso num dado meio social”. DUMONT, Louis. *O Individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. p. 20.

⁴⁵ FOUCAULT, Michel. *O Nascimento da Biopolítica*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008. p. 297-320.

⁴⁶ BERARDI, Franco (Bifo). *Después de Futuro: desde el futurismo al cyberpunk. El agotamiento de la modernidad*. Tradução de Giuseppe Maio. Madri: Enclave de Libros, 2014. Ver também: BERARDI, Franco (Bifo). *A Fábrica da Infelicidade: trabalho cognitivo e crise da New Economy*. Tradução de Orlando dos Reis. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. HAN, Byung-Chul. *Sociedade do Cansaço*. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petropolis: Vozes. *Topologia de la Violencia*. Tradução de Paula Kuffer. Barcelona: Herder, 2016.

⁴⁷ EHRENBERG, Alain. *O Culturo da Performance: da aventura empreendedora à depressão nervosa*. Tradução de Pedro F. Bendassolli. São Paulo: Ideias et Letras, 2010.

⁴⁸ A aclamada obra *A Nova Razão do Mundo*, de Pierre Dardot e Christian Laval, também deve ser lida como uma brilhante descrição de transição da lógica antropotécnica liberal para uma antropotécnica operada pelo neoliberalismo. DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *A Nova Razão do Mundo: ensaios sobre a sociedade neoliberal*. Tradução de Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2016.

paradigma da perfeição, mas no paradigma da transformação⁴⁹; e essa guinada pode bem ser vista nos desdobramentos da obra *Tens de Mudar tua Vida*⁵⁰, de Sloterdijk, que adotou um caráter ético em seu ideário, não focando tanto no aspecto biológico, como ocorreu em *Regras Para o Parque Humano*, ainda que as metáforas sobre imunidade não tenham sido abandonadas por completo em seu último livro. De fato, estaríamos a viver em uma época antropotecnológica por excelência diante das infinitas modificações produzidas individual e coletivamente pelos seres humanos.

Para completar esse panorama, além do esquema dos três períodos apresentado por Goffette, podemos indicar uma quarta fase antropotécnica ou uma espécie de linha paralela à fase anterior que passou a se posicionar ao centro. Nesse estágio, estaria em destaque no jogo antropotécnico não apenas a predominância das ciências biológicas e seus esquemas imunitários de interpretação, mas também as tecnologias virtuais e ficcionais de comunicação na experiência social, fundamentalmente tendo o ciberespaço como espaço de convergência informacional e de fluxo de dados no governo biopolítico. Aqui vale a pergunta de Sfez: “a realidade e a vida serão verdadeiramente redutíveis a um processo de informação?”⁵¹. Falar sobre antropotécnica, ciberespaço e dados informacionais implicaria falar do ciber mundo sob uma perspectiva domesticadora e produtiva, mas também dessa nova forma de vida produtora descorporificada marcada pelo registro de dados. Essas relativas novidades Franco Berard Bifo as percebeu no curso do processo de compatibilização e de formatação da atividade mental decorrente do aspecto técnico-digital e psico-cognitivo. A formatação psico-cognitiva ocorreria em diversos tópicos: na comunicação, no imaginário, na psicofarmacologia e na formação⁵². Todavia, talvez a diferença entre o biológico e o virtual seja apenas de nível e suas atribuições particulares não sejam não fáceis de demarcar.

Alguém como Pierre Lévy defendeu que as biotecnologias nos levariam a entender que as espécies de plantas, animais e, inclusive, os seres humanos seriam casos particulares e, quem sabe, contingentes de uma continuidade biológica virtual muito vasta e pouco explorada. Em

⁴⁹ GOFFETTE, Jérôme. *De l'humain réparé à l'humain augmenté: naissance de l'anthropotechnie*. pp. 85-106 in Kleinpeter (Edouard) (dir.): *L'Humain augmenté*, Paris, CNRS Editions, 2013. Ver também: GOFFETTE, Jérôme. *Technology, Body and Human Enhancement: prospects and justice*. In: McGuire Michael & Holt Tom: *Handbook of Technology, Crime and Justice*, London: Routledge. pp. 654-672.

⁵⁰ SLOTERDIJK, Peter. *Has de Cambiar tu Vida: sobre antropotécnica*. Tradução de Pedro Madrugal. Valencia: Pre-Textos, 2012.

⁵¹ SFEZ, Lucien. *A Saúde Perfeita: crítica de uma nova utopia*. Tradução de Fernanda Oliveira. Lisboa: Instituto Piaget, 1995. p. 43.

⁵² BERARDI, Franco (Bifo). *Después de Futuro: desde el futurismo al cyberpunk. El agotamiento de la modernidad*. Tradução de Giuseppe Maio. Madri: Enclave de Libros, 2014. p. 157.

sua descrição, podemos ler uma verdadeira revelação antropotécnica: “como a das informações, dos conhecimentos, que experimentamos, da economia e da sociedade, a virtualização dos corpos que experimentamos hoje é uma nova etapa da aventura de autocriação que sustenta nossa espécie”⁵³. Pelos fluxos do ciber mundo, o sujeito se reinventa como informação. Em uma palavra: como número conectado.

Com esse breve parâmetro, já se adianta que a bricolagem dos seres humanos, a transformação incessante que lhes dizem respeito, é sem dúvida a marca distintiva do conceito da antropotécnica, que há mais de um século tem sido utilizado para descrever “o que é o homem” e o que ele poderá vir a ser. Combinando elementos da criminologia, da filosofia, da sociologia e da psicanálise, esta tese tem como proposta expandir a compreensão do conceito da antropotécnica a fim de revelar seus íntimos desdobramentos dentro do campo da criminologia. Essa combinação produtora permitirá colocar em questão a pertinência do conceito da antropotécnica criminal e em qual contexto de distinção com relação às ideias criminológicas ele poderá ser empregado.

Desde já se anuncia com essas considerações uma empreitada muito aproximada àquilo que disseram Deleuze e Guattari sobre “o que é um conceito”, porque, visto por sua multiplicidade, por seus diversos caminhos, não existe conceito simples. Conforme os autores: “todo conceito tem componentes, e se define por eles. Tem, portanto, uma cifra. É uma multiplicidade”⁵⁴. Todo conceito seria um duplo ou um triplo, e assim por diante. Um conceito traz consigo um universo circunscrito. Tem um contorno irregular, diz respeito a articulações, repartições, cortes. Um conceito totaliza os seus componentes, sendo, por isso, um todo fragmentado. É por esse movimento que o conceito pode sair do caos mental, que o espreita e que busca reabsorvê-lo. Os componentes do conceito da antropotécnica podem ser indicados como: o humano, a técnica e a história dessa relação (especificamente analisada por sua temporalidade antropológica) - que pode ser recontada infinitas vezes - que compreende uma suscetibilidade, sua forma modelável, flexível, plástica, resultando dessa soma distintos modos expressivos da domesticação humana. Se no conceito, de modo geral, há pedaços de componentes de outros conceitos, que respondem a outros problemas, o conceito tem de ser recontado, para assumir novos contornos e ser reativado. Será necessário passar de um conceito a outro para encontrar o espaço de criação de um novo quadro conceitual e em um novo espaço

⁵³ LÉVY, Pierre. *O que é o Virtual?* Tradução de Paulo Neves. São Paulo: 34, 2006. p. 27.

⁵⁴ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?* Tradução Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 1992. P. 25.

de percepção mais lúcido, tendo, logicamente, de se dispor de outros componentes integrantes para alcançar a sua finalidade própria. Mas é sabido que cada conceito remete a outros conceitos, a sua história, a outras histórias. Também do conceito decorrem novos devires, zonas indiscerníveis, limites a depender de suas conexões, suas junturas, seus pontos de coincidência. As relações no conceito são de ordenação segundo sua vizinhança, que são também processuais e modulares⁵⁵. Um conceito seria um movimento de sobrevoo com relação aos seus componentes.

Entretanto, ao que tudo indica, faltou a Deleuze e Guattari dizerem que o conceito também corresponde a uma técnica e, por isso, aquele que dessa técnica faz uso acomete-se de uma inevitável transformação⁵⁶, no sentido antropotécnico do termo. O mesmo se diz das narrativas do sofrimento que irrompem do campo penal, pois neste nível quem sofre e quem narra o sofrimento produzem uma experiência ontológica que é praticamente impossível de se manter indiferente a ela⁵⁷. Por isso, o que se coloca é saber como manejar problemas que muitas vezes, inadvertidamente, nos sequestram⁵⁸. O conceito da antropotécnica, em seu breve percurso histórico, recortou acontecimentos, revigorou (pré)conceitos, reuniu esforços interpretativos e ainda se conformou, pela sua plasticidade, a atmosferas de preferências, até porque, como se poderá perceber, um conceito comporta boa dose de motivações de cunho estético.

Lançados esses problemas iniciais, já se percebe que a antropotécnica compreende-se como um conceito capaz de expor os problemas centrais da vida contemporânea. Sendo o corpo, até o presente momento histórico, um componente essencial à vida, é inegável que os debates sobre biopolítica⁵⁹ darão um suporte substancial ao debate da antropotécnica. Por vezes, ambos os conceitos se confundem, se superpõem, eliminam-se ou se somam. Todavia, nesta pesquisa,

⁵⁵ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?* Tradução Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 1992. P. 29-47.

⁵⁶ Toda a tecnologia nos transformaria. As tecnologias têm inúmeras implicações, algumas claras, outras obscuras. Quando inventamos uma ferramenta, a ferramenta nos inventa. Daí que o conceito de antropotécnica especifica o caráter corpóreo das modificações, pois o corpo é mais central para a nossa identidade do que qualquer ferramenta. GOFFETTE, Jérôme. *Technology, Body and Human Enhancement: prospects and justice*. In: McGuire Michael & Holt Tom: *Handbook of Technology, Crime and Justice*, London: Routledge. pp. 654-672.

⁵⁷ DUNKER, Christian Ingo Lenz. *Mal-Estar, Sofrimento e Sintoma: uma psicopatologia do Brasil entre muros*. São Paulo: Boitempo, 2015. p. 36.

⁵⁸ SLOTERDIJK, Peter; HEINRICHS, Hans-Heinrichs. *O Sol e a Morte: investigações Dialógicas*. Tradução de Carlos Correia Monteiro de Oliveira. Lisboa: Relógio D'Água, 2007. P. 27.

⁵⁹ CASTRO, Edgar. *Lecturas Foucaulteanas: una historia conceptual de la biopolítica*. La Plata: UNIPE: Editora Universitária, 2011.

a antropotécnica será apresentada como uma prática biopolítica e, por isso, é desta que também devemos partir.

A noção de biopolítica, conforme sintetiza Edgar Castro, “remete à ideia de uma política da vida”⁶⁰. Essa noção pode se referir tanto ao sujeito como ao próprio objeto da política. Percebe-se que a política tem se ocupado cada vez mais dos problemas referentes à vida, tornando-se fundamental levar em consideração o corpo daqueles que exercem o poder e daqueles que não o exercem⁶¹. Bazzicalupo entende que isso tem acontecido de forma intensificada em sociedades marcadas pela exposição, pela visibilidade e pela corporalidade, em que pese essas sociedades se tornarem cada vez mais virtuais. A vida tanto pode ser entendida como vida biológica, os múltiplos processos que garantem o crescimento e a reprodução; ou a vida propriamente humana. O conceito de política pode ser entendido por uma perspectiva jurídica e institucional, abrangendo a soberania, a lei, os poderes e as formas de organização estatal; por outro lado, o conceito de política também pode ser compreendido por uma perspectiva social, que abrange as formas não jurídicas e não estatais de governo, que se referem à administração e à direção da população. Assim, em Foucault, a biopolítica indicaria de que maneira a vida biológica da população se transformaria em objeto de administração e governo por meio dos mecanismos de normalização, que não operariam do mesmo modo que os dispositivos jurídico-legais⁶².

Uma das complexidades em torno do conceito da antropotécnica que logo de início apareceu foi que a noção da antropotécnica não é a mesma nem sequer em um mesmo autor. Esse traço é perceptível nos textos de Sloterdijk. Não há como deixar de notar também que a imprecisão paira sobre o termo. Edgar Castro comentou algo semelhante com relação aos conceitos de pós-modernidade e de biopolítica, quando mencionou os riscos de esvaziamento de seus conteúdos específicos após terem circulado por diversos contextos e usos⁶³. Esse sem dúvida é um dos motivos que demonstram que a matriz conceitual do conceito da antropotécnica é um ponto que merece ser revisitado, em especial pelo lado da criminologia cuja tarefa essencial, que ainda hoje lhe cabe, não é outra senão a de fazer crítica.

⁶⁰ CASTRO, Edgar. *Lecturas Foucaulteanas: una historia conceptual de la biopolítica*. La Plata: UNIPE: Editora Universitária, 2011. p. 8.

⁶¹ BAZZICALUPO, Laura. *Biopolítica: un mapa conceptual*. Tradução de Daniel J. García López. Roma: Carocci, 2016. 155. p. 41.

⁶² CASTRO, Edgar. *Lecturas Foucaulteanas: una historia conceptual de la biopolítica*. La Plata: UNIPE: Editora Universitária, 2011. p. 8.

⁶³ CASTRO, Edgar. *Lecturas Foucaulteanas: una historia conceptual de la biopolítica*. La Plata: UNIPE: Editora Universitária, 2011. p. 16.

Nesse sentido, esta pesquisa expressa algumas características metodológicas essenciais, quando pretende lidar com certos problemas pelas lentes criminológicas: é uma (a) *criminologia autoral*, sendo essa uma forma de abordar os problemas do campo criminológico a partir de seus autores, suas ideias centrais, seu tempo e seu lugar de inscrição, nada tendo a ver com uma literatura de mestre, mas muito próxima à ideia de Borges quando ele dizia que se orgulhava não dos livros que escreveu, mas dos livros que leu. É, em sua singela pretensão, uma (b) *criminologia conceitual aberta*, estando não preocupada em apresentar, tal como enciclopédia, ou dogmaticamente, um punhado de conceitos no curso da pesquisa com pretensões de utilidade burocrática, mas, com considerável esforço, elencar um conceito central, que é o da antropotécnica, e entender seus propósitos, adequações e desdobramentos no tempo e no espaço para encontrar seu lugar de inscrição dentro da história das ideias criminológicas, formando com isso o conceito da antropotécnica criminal. De outro lado, é (c) uma *criminologia menor*, pois, tal como nas literaturas menores, nelas tudo é político, noutras palavras, “faz com que todas as questões individuais estejam ligadas à política”⁶⁴. Essa criminologia menor fala de questões individuais que não se restringem à união com outras questões individuais. Seu espaço e seu tempo são exíguos, tal como na marcante experiência de Dostoiévski, quando, ao ser levado ao fuzilamento, como um condenado à morte, no último minuto, teve sua pena comutada e a partir dessa experiência radical, sua obra se tornou mais relevante.

Nessa empreitada, que tem a pretensão de contribuir com um singelo relato histórico sobre a antropotécnica para compor a história das ideias criminológicas, foi tarefa primordial relatar a história de eventos ocorridos em certos espaços de discussão (não apenas os especificamente voltados à criminologia, à política criminal e ao direito penal, mas também organizados a partir de outros campos), que revelaram a existência de uma vasta produção teórica ainda não explorada em criminologia, que apenas permanece documentada em congressos, eventos, encontros e reuniões científicas, na forma de arquivos (ainda que *on line*), todos conformados pelas múltiplas e diversificadas compreensões de profissionais de todo tipo. Não é despropositado dizer que foi relativamente fácil perceber que a história da criminologia permanece ainda encoberta, uma história que fica à espera por revelar seus segredos e mistérios. Em realidade, esse é um campo que guarda interesses eminentemente práticos, em que seus profissionais oferecem suas contribuições, fruto de suas descobertas e intuições, desde a transição do séc. XIX para o séc. XX, não apenas por meio de livros ou de revistas científicas,

⁶⁴ “A questão individual, ampliada ao microscópio, torna-se muito necessária, indispensável, porque uma outra história se agita no seu interior”. DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Kafka* : para uma literatura menor. Tradução de Rafael Godinho. Lisboa: Assírio & Alvim, 2002. p. 39.

mas por meio de debates e de disputas intelectuais sutilmente travadas que, de um lado, formaram escolas de seguidores, e de outro, dissidentes do consenso.

O fio condutor de toda extensão desta tese teve como base não apenas um conceito - afinal de contas, o próprio conceito se modifica no transcorrer do tempo -, mas a ideia de que *o humano se transforma*. Ser e devir se conjugam. A essa ideia se dá o nome de antropotécnica, quando o humano faz uso da técnica e com a sua atividade alcança o resultado da sua autoprodução. Em visto disso, definimos o objeto da antropotécnica como sendo *o ser humano operável no devir da transformação pelo uso da técnica*.

O reaparecimento desse conceito que conjuga saberes e práticas não merece ser desconsiderado de forma alguma, sob pena de se perder de vista investidas interpretativas não alcançadas por outras ferramentas conceituais. O objetivo geral desta tese consiste em resgatar as raízes do conceito da antropotécnica e compreender os seus desdobramentos no campo criminológico com o propósito de estabelecer os critérios e as condições de possibilidade para se definir os contornos do conceito da antropotécnica criminal. Nossa hipótese é a de que, desde os seus primórdios (séc. XIX), já existia uma relação bastante íntima entre a antropotécnica e o campo do crime, vindo ambos os temas a se distanciarem apenas em razão de certos autores apresentarem seus estudos desde centros diferentes de pesquisa e desde campos distintos de interesses. Apesar disso, e apesar de toda plasticidade, de toda a capacidade de escapar da circunscrição conceitual pretensamente inalterável, algo de essencial permanece no conceito: o fundo perverso do preconceito é como um fantasma que atormenta a antropotécnica. A pretensão de seletividade e de distinção entre seres humanos permanece como uma herança residual que lhe sobrepesa, fazendo lembrar ainda da distinção oriunda dos primórdios da antropotécnica que falava em classificação das raças e, a partir dessa definição, atingiu o ponto culminante de produção de morte em massa.

Em vista dessas questões, organizamos esta tese em cinco capítulos que conduzem aos múltiplos tempos e lugares do conceito da antropotécnica e, por isso, falamos de sua temporalidade antropológica.

No primeiro capítulo, procuramos esboçar como ponto de partida um evento que resgatou, na atualidade, o conceito da antropotécnica, que foi a conferência de Sloterdijk *Regras Para o Parque humano*, realizada no castelo de Elmau, na Baviera, no ano de 1999. É inegável que Sloterdijk seja um dos autores que mais se dispuseram a radicalizar as potencialidades desse conceito, mas ele não é o seu criador. Por isso, após a apresentação desse tema que abre as

portas para uma nova incursão do pensamento criminológico, demonstraremos a pertinência de se expandir as implicações do conceito para dialogar com outros autores, que até então não levaram em consideração tal expressão, apesar de muitas vezes seus debates não passarem de reflexões sobre temas antropotécnicos. Posteriormente, retomaremos as mais recentes produções textuais de Sloterdijk, que procurou direcionar o conceito por uma perspectiva ética, especificamente em um livro extenso intitulado *Tens de Mudar tua Vida*. Nesse ponto, serão analisadas as conexões entre Foucault e Sloterdijk, pois foi o primeiro, afinal de contas, um dos responsáveis por ter reajustado o debate sobre a grande temática da biopolítica na atualidade. Ao final, na ilustração do caráter psíquico ou psicopatológico da antropotecnia, desenvolveremos um paralelo entre o conceito da antropotécnica e o caso de Daniel Paul Schreber, que, para alguns estudiosos, teve sua doença psíquica (paranoia), em boa medida, provocada por métodos pedagógicos intrusivos, que foram empregados por seu pai (um médico reconhecido) no período de sua infância, tratando-se de uma abordagem que recebeu boa aceitação social na época em que a hereditariedade era também uma preocupação principal. Do ponto de vista psico-histórico, o tempo de Schreber compreende a passagem do séc. XIX para o Séc. XX, e as ideias de degeneração estavam no centro dos debates da antropologia criminal. Essa contextualização histórica nos permitirá avançar para o próximo capítulo.

No segundo capítulo, empenhamo-nos em localizar as raízes do conceito da antropotecnia com olhar voltado para os acalorados debates que ocorreram no âmbito da antropologia criminal, localizados na transição do séc. XIX para o séc. XX. Nesse período, a antropologia adquiriu legitimidade no mundo todo por força da influência científica calcada nas descobertas das ciências biológicas. Na pessoa de médicos e antropólogos, a antropologia criminal redefiniu o discurso sobre o crime, fazendo nascer uma nova ciência do controle social. Manouvrier teve um papel importante nesse cenário. Partindo dos debates sobre a formação de aspectos anatômicos como fatores determinantes (causais) para o crime, esse autor circunscreveu o alcance da antropometria e forjou o conceito da antropotecnia, cuja noção lhe permitiu atacar os postulados lombrosianos e inserir, à sua maneira, o conhecimento sociológico no âmbito da criminologia e da antropologia criminal. Não foram poucos os autores que refletiram sobre o conceito, mesmo na época do nascimento da antropologia criminal, chegando esse debate ao cenário brasileiro, na pena de Clóvis Bevilaqua e Arthur Orlando, dois representantes da Escola de Recife. A antropotécnica estaria já nessa época relacionada a projetos de governo, porém muito mais voltada para o governo dos outros. Nascia um conceito que definia as características de sua época e se preocupava essencialmente com a condição

humana, mesmo que os aspectos envolvendo o meio ambiente já fossem elencados como fatores de produção de seres humanos específicos. Com a pretensão de aprofundarmos ainda mais as consequências desse conceito, avaliamos no capítulo seguinte alguns aspectos do devir humano, ampliando essa interpretação para aspecto ambiental, conforme sugeriu o conceito desenvolvido por Manouvrier.

No terceiro capítulo, aprofundaremos em específico a noção da antropotécnica trabalhada por Sloterdijk em seu texto *Domesticação do Ser*. Torna-se patente a influência de Heidegger nesse importante texto, no qual, ao fazer uma leitura criativa da noção da clareira do ser, Sloterdijk procurou resgatar os primórdios do que ele chamou de a primeira clareira. A noção de esfera advém como expressão importante para designar as influências espaciais na produção do humano e para descrever de uma forma peculiar a criação do mundo. Romper com a condição animal somente foi possível com a utilização da técnica. Sendo o humano, nessa concepção, um ser voltado para o luxo com a criação de esferas protetoras, tornou-se marcante o desacerto das teorias evolucionistas, que muito influenciaram a questão criminal⁶⁵ e que defenderam a ideia da necessidade de melhor adaptação ao ambiente como ponto caracterizador do aspecto evolutivo. O humano, nessa visão sloterdijkiana que reinterpreta a clareira, seria criador de mundo. E o mundo seria uma esfera. Desde os motivadores fatores pré-humanos que levaram o ser humano a se postar na primeira clareira do ser como em uma primeira abertura para a evasão da prisão do ambiente (mundo circundante) e sua condição animal, o homem se conduziu por um caminho voltado para o luxo proporcionado por sua relação autoprodutiva com a técnica. Nesse processo, como em uma versão irrefreável de certos usos da técnica, entram em cena as estratégias atmoterroristas de ataque ao ambiente e às condições de existência básicas. Como correlato, a antropotécnica criminal aparecerá por uma noção negativa de morte e eliminação dos criminosos, que se cristaliza com o uso atmoterrorista da técnica empregada não mais para domesticar, controlando ou disciplinando, mas para simplesmente matar com o uso de estratégias seletivas de domínio do fator ambiental.

No quarto capítulo, será o lugar de analisar algumas das questões da atualidade que tocam os mesmos assuntos que interessam à antropotécnica e à biopolítica, mas que não empregam, normalmente, esses conceitos. Na relação entre o humano e a técnica, caberá colocar em questão as versões atuais dos temas do transumanismo, da transformação humana

⁶⁵ Conf.: ZAFFARONI, Eugênio Raul. *Criminologia: aproximación desde um Margen*. Bogota: Temis, 1988. ZAFFARONI, Eugênio Raul. *La palabra de los muertos: conferencias de criminología cautelar*. Buenos Aires: Ediar, 2011.

(*human enhancement*), das biotecnologias e do ciberespaço. O aprimoramento humano se individualizou com o fomento da autoprodutividade, e o transumanismo parece ter fornecido um novo fôlego para o velho humanismo da cultura letrada, especialmente pela motivação estratégica das tecnologias convergentes. Vislumbra-se um fenômeno biopolítico bastante relevante que diz respeito à tentativa de nações, instituições e intelectuais de fazer convergirem os saberes para o estrito sentido do aprimoramento humano, da segurança das populações e do aumento da qualidade de vida, sob os domínios, às vezes, de territórios determinados. O aprimoramento humano, cujos defensores pretendem não apenas renovar o discurso humanista, tem articulado um campo de debates que reinvestiu na perspectiva do humano como centro do sentido existencial, logicamente fomentada pelas motivações de autopromoção individual. O transumanismo, mesmo que por seus defensores tenha procurado explicar certa continuidade de sentido com relação às ideias de ampliação das capacidades dos seres humanos, encontrará a pertinência de suas narrativas ficcionais no protagonismo do ciber mundo, que tem permitido transformar quase a totalidade da vida em um sistema de informação.

No quinto capítulo, trabalharemos mais especificamente o conceito da antropotécnica no contato com o ciberespaço a fim de refletir sobre a ideia da ciberantropotécnica e seus desdobramentos no mundo do presente e do futuro. Nessa perspectiva, vislumbra-se uma grande tentativa por parte das potências mundiais de manter o monopólio das informações, do conhecimento, mas também do poder político-econômico mundial. O monopólio do fluxo informacional tem sido o caminho para o controle da domesticação humana. Isso tem feito notar a prática do controle biopolítico em escala mundial por meio da vigilância total. Como forma de resistência e de tentativa de tornar mais transparentes os mecanismos do controle pela ciberantropotecnologia, o *Wikileaks*, há alguns anos, tem procurado divulgar os atos reprováveis por parte, principalmente, dos representantes das potências mundiais, assim como de grupos de endinheirados. Essa ação, vista como uma ofensa aos interesses das nações mais poderosas, tem rendido aos *cipherpunks* o tratamento de verdadeiros terroristas. Esse quadro tem encaminhado certa confusão entre crime e terror e tem se manifestado como uma tendência no âmbito da atuação do ciber mundo nos tempos atuais. O mundo virtual produz seus criminosos e as possibilidades da técnica redefinem as funções da antropotécnica criminal.

CAPÍTULO I – ANTROPOTÉCNICA COMO CRÍTICA DA VIOLÊNCIA: DO PARQUE HUMANO À ÉTICA DO EXERCÍCIO

Escrevia para casa quase diariamente, e era apenas nessas cartas que vivia; tudo o mais que fizesse parecia-lhe fantasmagórico e sem sentido, fases sempre iguais, como as horas no mostrador de um relógio. Robert Musil, O Jovem Törless⁶⁶.

O presente capítulo tem como proposta apresentar as diversas nuances do conceito da antropotécnica de Peter Sloterdijk e compreender a importância desta expressão dentro do campo criminológico. Para tanto, será necessário verificar as extensões desse conceito, seus limites e possibilidades no diálogo com outros autores que trataram de problemas que interessam ao campo da antropotecnologia. A pergunta sobre o humano conduz essa primeira imersão reflexiva, que é situada de acordo com ideias contextualizadas sobre a questão perene – “o que é o homem?”, sobretudo, na contemporaneidade, abrangendo a segunda metade do séc. XIX até o tempo presente.

Esse ponto de partida se justifica justamente pelo fato de Sloterdijk ter resgatado, às portas do novo milênio, um conceito próprio ao campo da criminologia com a proposta de repensar o problema do descarrilamento da violência contemporânea, conforme seu diagnóstico que relatou o colapso do humanismo letrado, enquanto uma antropotécnica educadora. Nesse sentido, a escolha desse conceito central para a presente tese ocorreu por um motivo fundamental: a criminologia nasceu como uma prática biopolítica, que deve ser entendida como antropotécnica criminal.

O desenvolvimento desse esquema teórico permitirá preparar o terreno para a inauguração do conceito da antropotécnica criminal, uma temática envolvida por questões ontológicas na complexa formação política dos sujeitos⁶⁷, mas que não se exime, por certo, de dialogar com o aspecto filosófico da problematização conceitual. Pode ser vislumbrado nesse panorama teórico que o conceito da antropotécnica se modificada nas próprias obras de Sloterdijk, sem que isso diminua suas relevantes provocações. Por vezes, a questão estará

⁶⁶ MUSIL, Robert. *O Jovem Törless*. Tradução de Lya Luft. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981. p. 9.

⁶⁷ Vladimir Safatle entende que os sujeitos, no cenário político, quando se encontram fragmentados e sem nome vem a necessidade de uma lição marxista com a nomeação-conceitualização, a exemplo do que Marx fez com relação ao proletariado, que “(...) é uma categoria ontológica que diz respeito a certo modo de existência com grande força revolucionária, é um modo que depoem regimes de existência baseados na propriedade, no individualismo possessivo e na identidade, com seu sistemas defensivos e projetos”. SAFATLE, Vladimir. *Só mais um Esforço*. São Paulo: Três Estrelas, 2017. p. 102.

voltada para a normatização das condutas interventoras da espécie humana, remontando a verdadeiras batalhas em torno de questões ontológicas e decisórias, como será demonstrado com a apresentação da obra *Regras Para o Parque Humano*. Em outras situações, a mirada filosófica do autor faz o interprete dirigir sua atenção para posturas éticas, questões normativas que estariam voltadas para o cuidado que o sujeito tem consigo, e articula novas expressões, como na obra mais recente intitulada *Tens de Mudar tua Vida*, para expandir propostas já lançadas por um autor como Michel Foucault. Por isso, a antropotécnica passará a ser pensada em seu aspecto diversificado e aberto.

Nesse aspecto, a pergunta “o que é o homem?”, questão considerada perene para um autor das histórias das ideias como Franklin L. Baumer⁶⁸, não se limitará a ser refletida, aprofundada e criticada apenas a partir dos textos que tratam e expressam a antropotecnia conceitualmente, tampouco somente em Sloterdijk estaria circunscrita esta empreitada. Será em um diálogo frutífero com outros autores que o conceito se emancipará de suas barreiras semânticas e encontrará o caminho para adquirir novas habilidades, no sentido de um exercício tanto reflexivo quanto interpretativo.

Com esse enfoque, veremos ao final que o caso de Daniel Paul Schreber Schreber, que se situa na virada do séc. XIX para o sec. XX, será de grande importância para a finalidade de expandir e mais adequadamente conduzir a compreensão do conceito da antropotécnica e perceber o fator produtivo de certas psicopatologias, do tipo da paranoia, especialmente no sentido que aqui consideramos ser uma “doença da técnica”. Nesse aspecto, o espírito da época permitirá identificar o núcleo dessa doença e dará ensejo para adentrarmos no amplo conjunto de temas que serão desenvolvidos nos séculos XIX e XX a respeito da degeneração – temática que encontrará seu espaço devido no segundo capítulo com a pesquisa sobre o nascimento da antropotecnia.

1.1 Apresentação do parque humano: quando o homem é criador de si

Peter Sloterdijk emprega o conceito da antropotécnica⁶⁹, na virada do século XX para o XXI, em uma conferência, na Baviera, intitulada *Regras para o Parque Humano* e subintitulada *Uma Resposta à Carta sobre o Humanismo de Heidegger*. Tal conferência foi dedicada a

⁶⁸ BAUMER, Franklin. L. *O Pensamento Europeu Moderno*. vol. I e II. Rio de Janeiro: Edições 70, 1977.

⁶⁹ GLOECKER, Ricardo Jacobsen; LEAL, David. *A Sedução da Letra: Antropotécnica e violência desde o ideário pós-epistolar de Peter Sloterdijk*. Sistema Penal & Violência, v. 6, p. 163-173, 2014.

Heidegger e a Levinas⁷⁰, que resultou no seu conhecido livro⁷¹. Os contornos proeminentes evidenciados nessa etapa de utilização do conceito⁷² apontam para uma noção da antropotecnia fortemente centrada nas intenções de governo, chamado *zoopolítico*, modelo político que governaria seres humanos, animais influenciáveis, levando-se em consideração a tensão sempre presente entre inibição e desinibição. Por isso, para um governo seria imprescindível desenvolver, de acordo com esse modelo, os métodos mais eficientes de influência sobre seres humanos. Nesse contexto, as antropotécnicas seriam ferramentas modeladoras, de seleção e de domesticação, que produziriam o homem como um animal político. Daí a síntese: “o homem no fundo é produto”⁷³.

O aspecto positivo da afirmação de Sloterdijk está justamente, assim o consideramos, na abertura do seu conceito para a relativa entrada de significados e de explicações formuladas de acordo com o contexto e a época de cada antropotécnica em um caráter semelhante àquele que Foucault destacou sobre os universais, quando não lhe interessou formular, por exemplo, um conceito geral de soberania, mas entender como o poder se exercia em determinadas épocas a partir de certas práticas.

Um dos mais expressivos exemplares da antropotécnica, que representou um papel determinante na cultura ocidental, foi o humanismo⁷⁴ letrado, que se desenvolveu nas práticas de leitura e de apreciação das artes, desde a Antiguidade, e deu início à domesticação eficiente com a ideia de que “a leitura amansa”. Os livros seriam, como no poema de Jean Paul, cartas volumosas enviadas a amigos distantes⁷⁵.

O livro foi um instrumento comunicativo que formulou um convite a distância aos leitores do entusiasmo, que se estendeu, em um primeiro momento, apenas a uma elite letrada.

⁷⁰ Sobre a polêmica gerada por essa conferência, ver: MARQUES, J. O. de A. *Sobre as regras para o parque humano de Sloterdijk*. São Paulo: PUC, 2004. v. 4, n. 2. pp. 363-81.

⁷¹ SLOTERDIJK, Peter. *Regras Para o Parque Humano: uma resposta à ‘Carta Sobre o Humanismo’*. Tradução de Manuel Resende. Coimbra: Angelus Novus, 2007.

⁷² O conceito de antropotecnia foi muito antes desenvolvido por um autor como Léonce Manouvrier, quem contrapôs as ideias de Lombroso em diversos pontos, conforme será explorado no segundo capítulo.

⁷³ SLOTERDIJK, Peter. *Sin Salvación: Tras las Huellas de Heidegger*. Tradução de Joaquín Chamorro Mielke. Madrid: Akal, 2011. p. 100.

⁷⁴ Em extenso esboço sobre Heidegger, Esposito (ESPOSITO, Roberto. *Communitas: origen y destino de la comunidad*. Tradução de Carlo Rodolfo Molinari Marotto. Buenos Aires: Amorrortu, 2007. p. 214) talvez não seja o suficientemente preciso ao localizá-lo em uma crítica anti-humanista. Na *Carta Sobre o Humanismo*, Heidegger, inclusive, confirma que o humanismo não fez jus à dignidade do homem. Sua teoria não é anti-humanista, senão radicalmente humanista. Sloterdijk até menciona que *Cartas Sobre o Humanismo* pode ser entendido como um evento que inaugurou o pensamento pós-humanista, considerando o fracasso, alertado por Heidegger, do humanismo, em suas três vertentes (marxismo, cristianismo existencialismo).

⁷⁵ SLOTERDIJK, Peter. *Regras Para o Parque Humano: uma resposta à ‘Carta Sobre o Humanismo’*. Tradução de Manuel Resende. Coimbra: Angelus Novus, 2007. p. 21.

O humanismo formou comunidades de amantes de livros, transmitiu sua cultura desde os gregos aos romanos e, com a queda do Império, a toda Europa. Porém, a leitura deixou de ser um privilégio de poucos com a emergência do Estado-nação moderno. O humanismo antigo, na época do Império Romano, teria concebido a natureza humana como inseparável das comunicações domesticadoras. A violência congênita do ser humano poderia ser fomentada ou contida de acordo com hábitos propícios: de um lado, havia a vazão à bestialidade com os espetáculos do anfiteatro; e, de outro, os *media* domesticadores com a contenção das massas iradas. As formas de comunhão, de comunicação e de formação de comunidades revelariam o modo de ser do humano no mundo, no sentido que Heidegger foi capaz de atribuir ao termo em seu livro *Carta Sobre o Humanismo*⁷⁶, aliás, livro que, em certo sentido, foi uma carta enviada a um amigo distante, a um jovem francês⁷⁷, chamado Jean Beaufret, que lhe perguntou “como dar um novo sentido à palavra ‘humanismo’”⁷⁸, tendo em vista àquela altura as catástrofes humanas com o resultado das duas grandes guerras, que tiveram uma relação fundamental com a técnica. Por sua vez, *Regras para o Parque Humano* pode ser considerada uma leitura bastante autêntica que Sloterdijk, na manutenção da comunidade de leitores, empreendeu sobre o livro *Carta Sobre Humanismo* de Heidegger - o qual foi definido como um evento instituidor do pensamento pós-humanista e transumanista⁷⁹.

⁷⁶ Heidegger defendeu que foram fracassadas as últimas vertentes do humanismo no pós-guerra, a saber: marxismo, existencialismo e cristianismo. Todas trariam a síntese de formas metafísicas pré-concebidas do ser humano e, portanto, fracassariam na sua tentativa ressignificá-lo. O homem, enquanto *existente*, que estaria postado num processo de ultrapassagem, na abertura do ser, que é o modo como o próprio ser é; este projetou a essência do homem, como um lance, no ‘cuidado’ de si. (...) Mundo é a clareira do ser no qual o homem penetrou a partir da condição de ser projetado de sua essência”. O pensar determinaria o lugar do ser. A ex-sistência se instalaria na linguagem, verdadeira casa do ser e habitação do humano. Assim, pensar significa trazer à linguagem tudo aquilo que está à espera do homem como seu destino. HEIDEGGER, Martin. *Carta Sobre o Humanismo*. Tradução de Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2005. pp. 51-85.

⁷⁷ Em absoluto, o problema do comprometimento de Heidegger com o nazismo passa longe dos interesses desta pesquisa. Porém, é inegável que pensar sobre Heidegger e seu tempo parece ser um ponto importante sobre a produção de um diagnóstico de era. Só por ingenuidade ou cinismo se poderia defender que esse espinhoso tema envolvendo o posicionamento político de um indivíduo influente seja questão de foro privado. A filosofia heideggeriana e o nazismo ainda precisam ser pensados como formação epocal. SAFRANSKY, Rüdiger. *Heidegger: um filósofo da Alemanha entre o bem e o mal*. Tradução de Lya Luft. São Paulo: Geração Editorial, 2005. Também sobre o tema: FAYE, Emmanuel. *Ser, História e Extermínio na obra de Heidegger*. Tradução de Ana Cristina Armond. Uberlândia: Educação e Filosofia Uberlândia, v. 26, n. 52, p. 613-640, jul./dez. 2012.

⁷⁸ Sloterdijk menciona que um dos motivos dos quiproquós gerados pela inserção do conceito da antropotécnica nos debates filosóficos teria relação com a resistência à própria leitura. Ninguém estava disposto a saber que se tratava, conforme o filósofo, de uma resposta à *Carta Sobre o Humanismo* de Heidegger. “Vimos manifestamente como pode ser polêmico dar a palavra a Heidegger, pelo menos de modo indireto”. SLOTERDIJK, Peter; HEINRICH, Hans-Heinrich. *O Sol e a Morte: investigações Dialógicas*. Tradução de Carlos Correia Monteiro de Oliveira. Lisboa: Relógio D’Água, 2007. P. 27.

⁷⁹ SLOTERDIJK, Peter. *Regras Para o Parque Humano: uma resposta à ‘Carta Sobre o Humanismo’*. Tradução de Manuel Resende. Coimbra: Angelus Novus, 2007. pp. 21-37.

Nesse caminho, o homem como pastor do ser, que cuida de um rebanho, expressaria uma possível diferença ontológica em relação aos demais seres vivos ao se expor à clareira do ser. Expandindo essa concepção, o ser humano seria o único animal capaz de linguagem, o único capaz de se postar na clareira, pois aberto ao mundo, ao extrapolar o seu ambiente em razão de ser um inadaptado. Ou seja, trata-se aqui também de um verdadeiro registro do insucesso em ser animal, que estaria relacionado a uma imaturidade crônica que permitiria ao ser humano alcançar o seu aprimoramento ontológico. Nesse sentido, o *homo sapiens* se constituiria como um ser limitado e nascido antes do tempo, uma criatura destinada à imaturidade por causa da característica denominada *neotenia*, que revelaria seus traços juvenis e fetais mantidos até mesmo quando adulto, que só conseguiria sobreviver em incubadoras⁸⁰ da cultura. Vir-ao-mundo – ao romper com o mundo meramente circundante⁸¹, para extrapolar os limites pelo *extático* - e estar-no-mundo representariam respectivamente vir à linguagem e habitar a linguagem, um estar aberto para as possibilidades que o animal pobre de mundo não teria, mas que, em outras palavras, convergiria com a possibilidade de sair à clareira. A partir disso, os seres humanos construiriam casas⁸² e por estas seriam domesticados, inaugurando a era dos animais domésticos⁸³. No ensaio *Domesticação do Ser*, Sloterdijk avançará bastante nessas ideias:

Para explicar partindo dessa base de que maneira se formou o recinto como a ‘casa do ser’ e como se acondicionou e climatizou, tem-se de sublinhar que este é antes de tudo uma repetição de funções do útero no público, comum e objetivo. O recinto é uma incubadora aberta. Só com a utilização de meios técnicos elementares para lograr o distanciamento do *circunmundo* pôde essa incubadora criar-se e perdurar. Mas só os meios técnicos refinados, de tipo comunicativo e simbólico – meios em sentido estrito – são apropriados para ordenar e climatizar o espaço interior assim criado. A incubadora é o espaço inteligente que a linguagem e a atenção vivificam. Disso se segue que a

⁸⁰ SLOTERDIJK, Peter. *Has de Cambiar tu Vida: sobre antropotécnica*. Tradução de Pedro Madrugal. Valencia: Pre-Textos, 2012. p. 82. Com essa expressão Sloterdijk também designa toda forma de espaço artificialmente construído por seres humanos a fim de protegerem-se de toda a exterioridade e do estranhamento do mundo. Esferas dizem respeito a uma ontologia espacial que remete às mais variadas formas de *viver-com* em espaços compartilhados. SLOTERDIJK, Peter. *Esferas I: burbujas*. Microesferología. Tradução de Isidoro Reguera. Madri: Siruela, 2003. SLOTERDIJK, Peter. *Esferas II: globos*. Macroesferología. Tradução de Isidoro Reguera. Madri: Siruela, 2004. SLOTERDIJK, Peter. *Esferas III: espumas*. Esferología plural. Tradução de Isidoro Reguera. Madri: Siruela, 2004. SLOTERDIJK, Peter. *Palácio de Cristal: para uma teoria filosófica da Globalização*. Tradução de Manuel Resende. Lisboa: Relógio d’Água, 2005.

⁸¹ SLOTERDIJK, Peter. *Sin Salvación: Tras las Huellas de Heidegger*. Tradução de Joaquín Chamorro Mielke. Madri: Akal, 2011. p. 106.

⁸² “Onde há casas, há que decidir o que acontecerá às pessoas que as habitam; nos factos e pelos factos, se decidirá quais os construtores que se elevarão à supremacia. Na clareira se mostra por que metas lutam os humanos, logo que se revelam como criadores de cidades e construtores de impérios. SLOTERDIJK, Peter. *Regras Para o Parque Humano: uma resposta à ‘Carta Sobre o Humanismo’*. Tradução de Manuel Resende. Coimbra: Angelus Novus, 2007. p. 54.

⁸³ SLOTERDIJK, Peter. *Regras Para o Parque Humano: uma resposta à ‘Carta Sobre o Humanismo’*. Tradução de Manuel Resende. Coimbra: Angelus Novus, 2007. pp. 48-54.

linguagem só é a segunda casa do ser: uma casa dentro dessa dimensão promotora e demandadora de casas que aqui com distintas acentuações denominamos a boa armação, o recinto, a estufa, a incubadora, a antroposfera e, em ocasiões, simplesmente a esfera⁸⁴.

O tema da casa também passou pelo pensamento de Nietzsche⁸⁵, quando, em passeio, seu personagem Zaratustra viu casas com portas que homens do seu tamanho teriam de se curvar para ali poderem entrar. Zaratustra viu protótipos do último homem na domesticação do selvagem, e a domesticação escolar com seus métodos pedagógicos contribuiu para a política de boa criação, o avesso do seu além-do-homem. Nietzsche teria denunciado a falsa inocência da pedagogia humanista ao criar bons homens, animais domésticos e virtuosos. “Com isso, dissimula-se, sob a capa de ensino e disciplina, uma ‘antropotécnica’, a cultura seletiva de um tipo humano”⁸⁶.

Sloterdijk considera, então, que a cultura da escrita e da alfabetização empreendeu a seleção de animais que sabem ler e aqueles que não sabem, perfazendo uma divisão social daqueles que criam e daqueles que são criados. Esse modelo de governo corresponderia ao parque humano que Platão descreveu no seu texto *Político*⁸⁷. Para Platão, o pensar significou o acesso à verdade no uso da classificação das coisas e dos seres. O problema político fundamental seria análogo aos cuidados que se tem com um jardim, um problema *zoopolítico*. Sloterdijk entendeu que a diferença daqueles que controlam e daqueles que são controlados no parque humano estaria na detenção do saber, na instrumentalização do conhecimento, que na alta cultura representaria nada menos do que poder, selando a relação saber-poder que há algum tempo já foi definida. Nessa doutrina estadista e classificatória, o poder antropotécnico não se resumiria à domesticação, mas se estenderia à produção de seres humanos de acordo com o ideal classificatório, chegando-se ao modelo de Estado e de sociedade desejados, ao equilibrar

⁸⁴ SLOTERDIJK, Peter. *Sin Salvación: Tras las Huellas de Heidegger*. Tradução de Joaquín Chamorro Mielke. Madri:Akal, 2011. pp. 128-9.

⁸⁵ “Porque queria saber o que tinha acontecido ao homem durante a sua ausência: se se tornara maior ou menor. E divisando uma fileira de casas novas, ficou admirado e disse: ‘que significam aquelas casas novas? Na verdade, não foi nenhuma grande alma que as edificou para lhe servirem de símbolos. E aqueles quartos e aquelas salas! Como poderão viver ali homens?’ (...) Por fim, disse com tristeza: ‘Todas as coisas se tornaram menores’. (...) A virtude, para eles, é o que modera e domestica; assim fazem do lobo um cão, e do homem, o melhor animal doméstico do homem”. NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Assim Falou Zaratustra*. Tradução de Heloisa da Graça Burati. São Paulo: Rideel, 2005. pp. 151-4. Ver também: SLOTERDIJK, Peter. *O Quinto “Evangelho” de Nietzsche*. Tradução de Flávio Beno Siebeniechler. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000.

⁸⁶ GIACOIA JUNIOR, Oswaldo. *Heidegger Urgente: introdução a um novo pensar*. São Paulo: Três Estrelas, 2013. p. 122.

⁸⁷ PLATÃO. *Político*. Tradução de José Cavalcante de Souza, Jorge Paleikat e João Cruz Costa. São Paulo: Nova Cultura, 1991.

por vias eficientes e avançadas as propriedades humanas, a saber: as propriedades guerreiras e a sensatez humanista⁸⁸, significando desinibição e inibição, respectivamente. No modelo da tecedura, Platão indicou o modo de governo que regularia a natureza animal com a propriedade intelectual do humano. Sloterdijk defendeu nessa conferência que o uso das antropotécnicas se deu, no curso da história⁸⁹ humana, de um modo um tanto quanto inconsciente e que teria chegado o momento de se formular, de maneira responsável, sem próteses de qualquer feição, um código de antropotécnicas, com o propósito de se estipular possíveis decisões sobre a condição humana e tudo aquilo que mais profundamente lhe interessar, lançando uma concepção afirmativa do homem⁹⁰.

O colapso do humanismo, entendido como uma antropotécnica efficientista, explicar-se-ia não apenas por sua incapacidade contemporânea de formular comunidades de leitores, testemunhando toda sorte de violência desenfreada diante do entronamento das novas tecnologias, como o rádio, a televisão, as mídias e as redes informacionais; mas, principalmente, por não ser capaz de criar mecanismos de influência patrocinadores de práticas de inibição, o que tornaria visível a crescente animalização do humano nas sociedades hiper-consumistas. Uma forte mutação antropológica estaria sendo realizada por uma nova cultura – praticamente, deslocando o unilateralismo cultural, após a segunda guerra mundial, da Europa para os Estados Unidos - e isso levou Sloterdijk a fazer, em termos criminológicos, uma pergunta de caráter visivelmente determinista, a saber: se acaso a intervenção genética, como uma atualíssima ferramenta antropotécnica, seria a última via capaz de conter a violência desinibida dos seres humanos, cada vez mais bestializados, tendo em vista que humanismo e técnica, factualmente, encontrar-se-iam há muito tempo no mesmo caminho de domesticação do ser. Seguindo nessa ideia, uma vez que dispomos de fermentas mais eficientes que os livros, talvez fosse o caso, na sua perspectiva, de se reconhecer a defasagem da antropotécnica humanista, que, hoje em dia, não organizaria mais que uma subcultura nas sociedades ocidentais. Com a possibilidade de

⁸⁸ No unilateralismo das forças violentas, o desejo de guerra aniquilaria a pátria. E o excesso intelectual conduziria ao isolamento que poderia levar à escravização do país em razão do distanciamento dos assuntos que são pertinentes ao Estado. SLOTERDIJK, Peter. *Regras Para o Parque Humano*: uma resposta à ‘Carta Sobre o Humanismo’. Tradução de Manuel Resende. Coimbra: Angelus Novus, 2007. pp. 71-2.

⁸⁹ “No es posible negar que esta historia, en la medida en que es una historia exitosa del saber potente y de la potencia científica, debe también ser leída como una historia de la verdad y de su dominio por el hombre”. SLOTERDIJK, Peter (2001a). *El hombre operable*: Notas sobre el estado ético de la tecnología génica. Revista ARTEFACTO, 4: 91-105. Disponível em: www.revista-artefacto.com.ar/revista/nota/?p=91. Conferência de 19 de maio de 200, no Centro de Estudos Europeos (CES) da Universidade de Harvard, Estados Unidos. p. 3.

⁹⁰ SLOTERDIJK, Peter. *Se a Europa Despertar*. Tradução de Flávio Quintiliano. São Paulo: Estação Liberdade, 2002. p. 74.

reprogramar a cadeia dos genes⁹¹, estaria aberta uma nova clareira, fazendo novamente discernível a diferença entre aqueles que selecionam e aqueles que são selecionados, entre programadores e programados⁹². Algo que não se pode deixar de apontar é que: isso que a partir de uma leitura de Platão, Nietzsche e Heidegger se definiu como uma distinção ontológica não passaria de uma distinção absolutamente política.

Entendemos que o trabalho de Sloterdijk, portanto, não dispõe de um tratamento conceitual rigoroso do que seria a antropotécnica, tampouco demarcou estritamente os seus limites no tempo e no espaço. Em *Regras para o Parque Humano*, o autor não chega a mencionar as origens do conceito da antropotécnica, relação histórica que certamente não lhe era desconhecida. Em seu texto *Domesticação do Ser*, Sloterdijk deu a entender que ele teria inserido o termo antropotécnica no debate sobre a violência, o que não podemos concordar, conforme será demonstrado no segundo capítulo. Mas talvez essa não fosse, até por questões de estilo e de problema, a sua mais verdadeira preocupação. O autor apenas fez uso, à sua maneira, do conceito da antropotécnica para, entre tantos outros propósitos que revelam seu texto, demonstrar a aproximação bastante íntima entre o humanismo letrado e a ciência genética, diante da busca pelo mapeamento do genoma humano e as novas possibilidades, ainda incertas, anunciadas pelas ciências biológicas. Ainda que tenha expandindo o alcance desse conceito em obras posteriores (*Tens de Mudar tua Vida e Sem Salvação*), o terreno em que Sloterdijk movimenta sua reflexão é bastante espinhoso e representa um amplo debate que se comunica com muitíssimos outros campos, especialmente com a criminologia, que em seguida pretendemos abordar.

Entretanto, as preocupações que aqui aparecem são oriundas de problemas contextualizados no espaço e no tempo e que dão inclusive sentido ao exercício conceitual da antropotécnica criminal. O manejo do conceito da antropotecnica não teve, desde os seus primeiros usos, a mesma significação que os autores contemporâneos lhe atribuíram, pois justamente seu espaço de experiência⁹³ era completamente outro. Por certo que um conceito organiza conjuntos múltiplos de ideias, mas também os limita. Um autor argentino como

⁹¹ Tal possibilidade permitiria uma mudança no próprio tempo da natureza que criaria, a partir de um novo espaço de experiência, resignificar um horizonte de expectativa acelerado, usando-se aqui os termos de Reinhart Koselleck. As modificações na consistência humana seriam realizadas no tempo presente, e não se submeteriam às conquistas operadas a longo prazo. KOSELLECK, Reinhart. *O Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Tradução de Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

⁹² GIACOIA JUNIOR, Oswaldo. *Heidegger Urgente: introdução a um novo pensar*. São Paulo: Três Estrelas, 2013. p. 123.

⁹³ KOSELLECK, Reinhart. *O Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Tradução de Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

Fabían Ludeña Romandini resolveu se deter no estudo conceitual da antropotecnia do direito e da teologia e definiu que antropotécnicas ou antropotecnologias são técnicas que comunidades e indivíduos fazem uso a fim de orientar, modificar, expandir, selecionar, expor e domesticar seres humanos, tomando por base sua condição animal e realizando, com isso, um empreendimento de produção. O processo de hominização é considerado, nessa leitura, paralelo às antropotécnicas educativas, científicas, jurídicas, econômicas, éticas, etc., pois esses são campos de produção que promovem a fabricação do humano como *extasis* da sua condição animal⁹⁴. Na realidade, esse último aspecto foi a ênfase que essa leitura conferiu à reflexão sobre técnicas de governo, que têm o propósito de orientar as ações humanas e nem Ludeña tampouco Sloterdijk foram os primeiros a levantar essas questões. De toda sorte, o que nos parece possível é que a criminologia pode ser pensada como uma estratégia antropotécnica desde a aurora da sua conceitualização.

Certo é que as antropotécnicas, tal como são formuladas, apresentam um aspecto mais científico em autores do início do último quarto do séc. XIX, até a metade do séc. XX, e se ontologiza com Sloterdijk, especialmente se for analisado o seu ensaio *Domesticação do Ser*. Porém, quando se poderia pensar que o foco da questão antropotécnica estaria justamente assentado na questão do ser, tornar-se-á claro que o aspecto político desloca o problema para o sentido do devir, o que significa dizer que o cunho antropológico se converte no âmbito de condensação de outros campos. Talvez esse seja um fator análogo ao que se vislumbra em outros conceitos que partem de motivações sistematizadoras, como acontece com o conceito de biopolítica: quando acreditamos que o possuímos, ele plasticamente se modifica, se dissolve, se dissimula, ou se reformula. Seu conteúdo se liquefaz no momento de fechamento conceitual, no instante de precisão de seus limites, na ocasião do dizer o que ele é e o que virá a ser⁹⁵. Mais precisamente: o que ele seria, porque já não é mais, ainda que a possibilidade estivesse sempre ali disposta.

Colocado isso, temos de observar que o ser humano revela-se, na linha de certos entendimentos, como um ser produzido politicamente, porque conduzido segundo o pressuposto do seu um alto grau de afetação (afetação advinda do mundo exterior, conforme se

⁹⁴ Romandini apresenta uma interessante pesquisa sobre duas antropotécnicas irmãs, que são a teologia e o Direito, demonstrando suas influências na formação da cultura ocidental. ROMANDINI, Fabían Ludeña. *La Comunidad de los Espectros*. Buenos Aires: Miño y Dávila, 2010. p. 11.

⁹⁵ HEATHER, Dewey-Hagborg; CAMPBELL, Timothy. *Biopolitics: An interview with Timothy Campbell*. *The Winnower*, 2015. Ver em: “<https://thewinnower.com/papers/biopolitics-an-interview-with-timothy-campbell>”. Acessado em: 02/02/2018.

verá no desdobramento posterior do conceito, mas também afetação internamente fomentada com o trabalho das ascetes - quer sejam espirituais, quer sejam desespiritualizadas). Sua condição antropológica seria suscetível à modificação de acordo com as ferramentas antropotécnicas utilizadas para a sua própria domesticação. Não apenas o efeito domesticador seria capaz de influenciar a condição antropológica do humano, mas igualmente as formas de comunicação e envolvimento com diversas atividades, práticas, inclusive, lúdicas ou de distração, ainda que consideradas como simples momentos de passividade. Além disso, sendo a antropotécnica um tema que tocará no cerne das decisões acerca do que se expressará com a noção de viver em esferas, que abrirá a oportunidade para o uso de técnicas de operação sobre seres humanos em seu ambiente, evidencia-se tal campo como sendo eminentemente político, mesmo no seu aspecto existencial e biológico. Nesse caminho, técnica e política encontram-se, necessariamente⁹⁶. Seu objeto de disputa não é outro senão o ser humano⁹⁷. Então, chegamos a três importantes significantes fundamentais: a técnica; a política (como relação e decisão); e o humano.

Oportuno, a partir de agora, adensarmos o conceito de antropotécnica. Para tanto, será analisada uma recente obra em que Sloterdijk desenvolve, por outra perspectiva, essa noção, que é levada a um nível mais complexo em suas implicações. Adianta-se que o novo esforço teórico de Sloterdijk não se importou tanto com os problemas de ordem científico-biológica, mas procurou enfatizar o aspecto da eticidade antropotécnica, empregando a ética do exercício no seu empreendimento operativo.

1.2 Antropotécnica como ética do exercício: “tens de mudar *tua* vida!”

Sloterdijk retoma o conceito da antropotécnica a partir de uma nova perspectiva existencial. Nas suas palavras: “entendo, com essa última expressão, os procedimentos de exercitação, físicos e mentais, com os quais os homens das culturas mais díspares têm tentado otimizar seu estado imunológico frente aos riscos da vida e as certezas agudas da morte”⁹⁸. O

⁹⁶ SFEZ, Lucien. *Técnica e Ideologia*: um jogo de poder. Tradução de Marcos Mayer e Silvia kot. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2002. pp. 13-16.

⁹⁷ Não se pode de deixar de mencionar que o conceito em análise torna indiscernível a separação que alguns procuram realizar entre o natural e o artificial, entre o que é da natureza e o que é do ser humano. Não seria o próprio natural ou a natureza uma construção do humano? Lyotard, por exemplo, sustenta que desde o nível bacteriológico essa distinção não se confirma. Ver em: LYOTARD, Jean-François. *O Inumano*: considerações sobre o tempo. Tradução de Ana Cristina Seabra e Elisabete Alexandre. Lisboa: Estampa, 1997.

⁹⁸ SLOTERDIJK, Peter. *Has de Cambiar tu Vida*: sobre antropotécnica. Tradução de Pedro Madrugal. Valencia: Pre-Textos, 2012. p. 24.

autor vê abrir-se um amplo horizonte de práticas repetitivas, isto é, de exercícios que promovem efeitos específicos justamente naqueles que agem. Conforme a remodelagem das múltiplas formas de vida, revela-se que o humano desenvolve sua existência envolvido em diversos rituais. Daí que o programa ético do presente pode se amparar na noção de que não seria o trabalho, a comunicação ou a religião que produziria o homem, mas o homem é que produz o homem⁹⁹. Isso se daria ao viver sua vida segundo múltiplas formas de exercícios, entendidos estes como operações a partir das quais aquele que atua obtém uma melhora ou qualificação ao passar para a operação seguinte¹⁰⁰.

Se atentarmos para os exercícios espirituais concebidos por Pierre Hadot, autor estudado por Foucault desde *Vigiar e Punir* e largamente citado por Sloterdijk em *Tens de Mudar tua Vida*, veremos que ele se refere a um campo bastante vasto quando trata da ética do exercício. Os exercícios espirituais não se resumiriam ao campo individual. Seu alcance atingiria a vida cotidiana como um todo. Exercícios espirituais (a propósito, a palavra espírito para Hadot não se limita ao sentido teológico, pois abrangeria os aspectos físicos, morais, éticos, intelectuais, do pensamento, da alma, etc.) são práticas, atividades, ações relacionadas a si mesmo, que podem ser entendidas como ascetes do eu. A própria filosofia, nesse sentido, seria concebida como um modo de vida. A atividade filosófica não se situaria somente na esfera do conhecimento, mas na esfera do ser. Uma conversação que afetaria a totalidade da nossa existência. A filosofia seria, praticamente, uma teoria das paixões, pois os sofrimentos surgiriam em razão de estados de inconsciência, desejos e medos exagerados. Os exercícios espirituais teriam como missão a mudança da constituição do ser, promovendo uma transformação que opera, pouco a pouco, desde o interior. Os exercícios de meditação, de memorização, de atenção, de leitura, de estudo, de escuta, etc., exigem treinamento: “(...) começar a exercitar-se com as coisas mais simples para implantar progressiva e solidamente o hábito”¹⁰¹. Encontramos o hábito - uma espécie de ponto de culminância, consolidação de práticas reiteradas - como questão fundamental à ética do exercício e, portanto, à antropotécnica.

⁹⁹ SLOTERDIJK, Peter. *Sin Salvación: Tras las Huellas de Heidegger*. Tradução de Joaquín Chamorro Mielke. Madrid, 2011.

¹⁰⁰ SLOTERDIJK, Peter. *Has de Cambiar tu Vida: sobre antropotécnica*. Tradução de Pedro Madrugal. Valencia: Pre-Textos, 2012. pp. 14-9.

¹⁰¹ HADOT, Pierre. *Ejercicios Espiritualesy Filosofía Antigua*. Tradução de Javier Palacio. Madrid: Siruela, 2006. pp. 25-30.

O conceito da antropotécnica, então, assimila esses novos contornos, assumindo a conotação ética que se expressa no imperativo “tens de mudar tua vida!”, extraído do poema intitulado *Torso Arcaico de Apolo*, de Rainer Maria Rilke. Sloterdijk caracteriza o herói dessa história como um homem ético, um *homo repetitivus*, um *homo* artista, um homem envolvido em *training*. Trata-se de uma teoria da vida como exercício. Os exercícios são praticados com base no que o autor chamou de tensão vertical. Tensões verticais seriam diferenciações norteadoras. A partir da percepção das forças de tração dispostas desde cima, o autor explica de que maneira o *homo sapiens* desenvolveu-se e se converteu em animal de propensões ascendentes, um ser condenado a fadigas suprarrealistas - o que explicaria a ideia de que: “quem procurar homens encontrará acrobatas”¹⁰². A antropotécnica define-se, agora, a partir de uma nova perspectiva individualizada. Esse fator diferenciado em termos bastante sintomáticos no nosso tempo será definidor das novas antropotécnicas.

Sloterdijk quer explicar essa descoberta da antropotecnologia pelo contexto sócio-histórico. O autor considera que as culturas avançadas nos levariam à conclusão de que aquele que estiver imerso em uma atividade tomará para si as características da sua própria ação, até o acontecimento do milagre da segunda natureza, alcançando aquilo que era, por uma perspectiva inicial e talvez desacreditada, quase impossível de se alcançar. Uma noção fundamental para as teorias explicitadas do treinamento demonstraria que uma capacitação sujeita a uma tensão estimuladora contínua produz uma capacitação fomentada. Com base nas descrições dos virtuosos é que se tornaria possível entender que certos êxitos podem desencadear êxitos ainda maiores¹⁰³.

Os virtuosos aqui não seriam os tipos humanos vendidos pelo *marketing* das biociências como pessoas que detêm supercapacidades. Para explicar isso, Sloterdijk toma como exemplo a lição dada pelos “aleijados” (essa expressão é utilizada intencionalmente pelo autor), indicando Carl Hermann Unthan como um caso de maior relevância para a ética do exercício. Unthan (1848-1929) nasceu sem os braços, mas aos sete anos de idade passou a treinar com um instrumento musical como o violino, utilizando os pés e desenvolveu uma virtuosidade de

¹⁰² As tensões verticais podem ser vistas a partir de múltiplas formas de distinção como, por exemplo, na cultura religiosa: sagrado *versus* profano; na cultura aristocrática: nobre *versus* comum; na cultura intelectualizada: conhecimento *versus* ignorância; nas culturas administrativas: superior *versus* subordinado, etc. O que há de comum nessas diferenciações é a tomada de partido do primeiro valor dos dois apontados, que opera como um *atractor*, enquanto que o segundo polo tem a função de um valor de repulsão ou uma magnitude de esquivamento. Os atratores são magnitudes direcionais de tensões verticais encarregados da orientação nos sistemas psíquicos. SLOTERDIJK, Peter. *Has de Cambiar tu Vida: sobre antropotécnica*. Tradução de Pedro Madrigal. Valencia: Pre-Textos, 2012. p. 25-9.

¹⁰³ SLOTERDIJK, Peter. *Has de Cambiar tu Vida: sobre antropotécnica*. Tradução de Pedro Madrigal. Valencia: Pre-Textos, 2012. p. 409.

reconhecimento internacional, chegando a tocar ao lado de Johann Strauss e Franz Liszt. Nesse indivíduo existiria um atleta da ascese, transformando-se a si mesmo em um acrobata. Exercitar-se exige, portanto, manter uma postura ascética necessária para garantir que a energia consumida pelos esforços direcionados evite a decadência e se aproxime de um ideal aplicado. Nesse aspecto, Nietzsche é tomado por Sloterdijk no ponto em que, na *Genealogia da Moral*¹⁰⁴, apresentou a ascese como base para todas as culturas religiosas.

Os ideais ascéticos retornam na passagem do séc. XIX para o XX, não como expressão da religiosidade, mas como valorização do corpo humano. O próprio atletismo, para se ter uma ideia, seria um sistema de exercícios que, além de garantir a regulamentação de autoformação do comportamento interno e externo, reavivaria o asceta – uma ascetologia desespirtualizada – ao colocar os competidores em uma tentativa de se auto-superar ao lado de outros atletas envolvidos na mesma atividade. Eis a antropotécnica na sua forma implícita. A ascese desespirtualizada do atletismo responderia à pergunta de Nietzsche, na *Genealogia da Moral*, sobre quais valores orientariam a vida após o crepúsculo dos deuses¹⁰⁵. Esse valor não é outro senão aquele que Han tem procurado apontar, que é a saúde¹⁰⁶.

O campo da antropotécnica, pode-se perceber, nessa ótica, faz referência a um universo conceitual amplo já explorado parcialmente por autores como: Arnold Gehlen¹⁰⁷ (ao ver no homem um ser limitado, porém influenciado por suas ações), Jacques Lacan¹⁰⁸ (interessado em seus estudos na ordem simbólica) e Pierre Bourdieu¹⁰⁹ (que estava atento à fundamentação do comportamento segundo o *habitus*)¹¹⁰.

Com base nesse apanhado de temas, Sloterdijk chega a questionar se à luz da ascetologia geral, constituída por exercícios explícitos e implícitos, os campos da genética e da neurociência não realizariam apenas uma modificação externa nesse âmbito. Essa pergunta reflete uma

¹⁰⁴ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Genealogia da Moral: uma polêmica*. Tradução de Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

¹⁰⁵ BRÜSEKE, Franz Josef. *Uma Vida de Exercícios: a antropotécnica de Peter Sloterdijk*. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 26, p. 163-174, 2011.

¹⁰⁶ HAN, Byung-chul. *A Sociedade da Transparência*. Tradução de Miguel Serras Pereira. Lisboa: Relógio D'água, 2014. HAN, Byung-Chul. *Topología de la Violencia*. Tradução de Paula Kuffer. Barcelona: Herder. HAN, Byung-Chul. *Sociedade do Cansaço*. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petropolis: Vozes, 2015.

¹⁰⁷ GEHLEN, Arnold. *El Hombre: su naturaleza y su lugar en el mundo*. Tradução de Fernando-Carlos Vevia Romero. Salamanca: Sígueme, 1980. GEHLEN, Arnold. *Antropología Filosófica: del encuentro y descubrimiento del hombre por sí mismo*. Tradução de Carmen Cienfuegos W. Barcelona: Paidós, 1993.

¹⁰⁸ LACAN, Jacques. *O Seminário: os quatro conceitos fundamentais de psicanálise*. Tradução de M.D. Magno. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

¹⁰⁹ BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009. pp. 59-73.

¹¹⁰ Jean Paul Sartre também percebia a vida possível de produção, segundo a doutrina do existencialismo, ao perceber que toda verdade e toda ação humana implicavam em um modo de subjetivação. SARTRE, Jean Paul. *O Existencialismo é um Humanismo*. Tradução de Virgílio Ferreira. Lisboa: Editorial Presença, 1961. p. 235.

recondução do pensamento do autor, se compararmos com o questionamento fundamental levantado em *Regras para o Parque Humano*. Essa revisão do seu ponto de vista seria essencial após toda a polêmica envolvendo sua conferência na Baviera, que gestou o livro *Regras para o Parque Humano*. Talvez o autor à época tenha utilizado a polêmica e o seu próprio estilo provocador para impulsionar o debate. É inquestionável que Sloterdijk tenha colocado a pergunta sobre o uso da intervenção genética como possibilidade de controle da violência praticada por seres humanos de forma desinibida. Nesta retomada do conceito, no entanto, o autor apresenta um ponto de vista completamente distinto sobre as possibilidades envolvendo neurociência e ciência genética, dando a entender que tais ciências apenas promoveriam modificações superficiais na consistência do ser humano (talvez incapazes de provocar uma verdadeira mudança antropológica). Não se pode deixar de observar que o argumento retórico de que “não fora compreendido” foi diversas vezes empregado por Sloterdijk¹¹¹.

Para além disso, as atuais compreensões das artes antropotécnicas corresponderiam ao caráter ascético, mesmo que não declarado. Significa dizer: teriam o caráter de prática. Nesse ponto, uma postura mais ativa aparece no imperativo de Sloterdijk em relação aos escritos anteriores. Os seres humanos em destaque não são mais aqueles que foram definidos na transição dos séculos XIX e XX, como os gênios, as raças puras; tampouco um super-homem como figura sempre presente diante de qualquer descoberta que as biociências venham a divulgar. Para Sloterdijk, somente aqueles que se exercitam tornariam explícito o caráter ascético da própria existência humana. Seriam justamente estes que criariam relações autoreferenciais, representando para todos, em termos de índole antropológica, uma importante autoridade, independentemente de serem trabalhadores, camponeses, guerreiros, atletas, oradores, artistas, intelectuais, etc. Assim se vê que a própria explicação da produção do homem pelo homem perpassa a noção de *vida ativa*, descobrindo-se o conceito fundamental da antropotécnica: o efeito retroativo das ações e dos movimentos sobre o seu autor. O ato de trabalhar colocaria o trabalhador no mundo e expressaria, no caminho para sua automodelagem, a marca de sua própria ação. Com isso, não haveria atividade que escapasse ao seu próprio operador enquanto uma determinação retroativa que lhe envolveria. Daí que a noção transumanista do aprimoramento humano (*human enhancement*¹¹²), regra tipicamente

¹¹¹ A esse respeito, ver: SLOTERDIJK, Peter. *O Sol e a Morte*. Tradução de Carlos Correia Monteiro de Oliveira. Lisboa: Relógio D'Água, 2007.

¹¹² Essa expressão passou a ser amplamente utilizada em âmbito internacional, normalmente traduzida por aprimoramento humano, por Daniel Druckman e John Swets, desde 1988 (DRUCKMAN, Daniel D. et SWETS, John A. *Enhancing Human Performance: Issue, Theories, and Techniques*, Washington, National Academy Press, 1988). A expressão, contudo não é livre de imprecisão. Se *human enhancement* significa aprimoramento, então

antropotécnica, ganha expressão com a mudança de acento desde a autointensificação do exercício ascético com a elevação dos perfis de rendimento pessoal, químico, biotécnico e cirúrgico¹¹³ (tal aspecto será mais bem explorado no quarto capítulo).

1.2.1 Auto-operar-se e deixar-se operar: otimizações sobre o corpo

Para Sloterdijk, no entanto, a modernidade seria uma época em que se inverteu a frase “tens de mudar tua vida!” para “tens de mudar o mundo!” e com isso a ele se adaptar. As pessoas já não seriam mais chamadas à mudança e elas mesmas já não saberiam por onde começar: se pelo mundo ou se por elas mesmas, ou se tudo de uma só vez¹¹⁴.

As relações modernas se caracterizariam pelo fato de que os indivíduos, que são autocompetentes, cada vez mais se valeriam da competência operativa dos outros para influir em si mesmos. Aquele que permite que os outros façam diretamente algo em si, realmente, faz algo por si mesmo, ao que tudo indica, de um modo indolente. Mas isso logo explicaria o fato de que, no mundo modernizado, os indivíduos não estão em condições de carregar sobre os próprios ombros o trabalho de transformação do mundo, já que nem sequer seriam capazes de produzir por si mesmos a sua própria otimização. Ao exporem-se aos efeitos da capacidade de atuação dos outros, tornam sua uma forma de passividade¹¹⁵ que implicaria um modo de atividade própria que se realiza tomando um desvio. Tal competência ampliada, da passividade

tudo o que expande e aprimora o humano faria parte desse conjunto: psicoestimulantes, escolha de embriões, telefones celulares, técnicas pedagógicas, etc. Se entendermos a antropotécnica como técnica de intervenção no corpo, então ela também abrangeria campos como o uso de drogas no esporte, a cirurgia estética ou até os métodos contraceptivos, que normalmente não são definidos como aprimoramento humano. GOFFETTE, Jérôme. *De l'humain réparé à l'humain augmenté: naissance de l'anthropotechnie*. pp. 85-106 in Kleinpeter (Edouard) (dir.): *L'Humain augmenté*, Paris, CNRS Editions, 2013.

¹¹³ Não seria somente o campo da estética existencial que se interessou pelas capacidades de aprimoramento dos seres humanos. O campo do incremento da força física, por exemplo, explica que mecanismos de hipercompensação na moderna fisiologia ampliam essa compreensão. A musculatura pode ser preenchida sempre depois de um forte rendimento, quando levado seu reservatório de energia a um nível que supera o precedente estado *fitness*, sendo necessário um espaço de tempo para o descanso. Em certos ritmos de recuperação se esconderiam o segredo do esforço que atinge até mesmo a extenuação e que, possivelmente, conduz a uma elevação de nível. Assim, quando sistemas nervosos e motrizes transitam em condições favoráveis segundo estímulos contínuos, movimentos quase improváveis restam praticamente impressos na memória corporal, tornando-se estabilizados nos hábitos virtuosos. SLOTERDIJK, Peter. *Has de Cambiar tu Vida: sobre antropotécnica*. Tradução de Pedro Madrigal. Valencia: Pre-Textos, 2012. pp. 148, 407-9

¹¹⁴ SLOTERDIJK, Peter. *Has de Cambiar tu Vida: sobre antropotécnica*. Tradução de Pedro Madrigal. Valencia: Pre-Textos, 2012. p. 415.

¹¹⁵ Em uma situação elementar, podemos estender a afirmação de Kierkegaard quando ele diz que não é o ser humano que assiste a televisão, mas esta que o assiste, fazendo dele um produto seu. KERCHKHOVE, Derrick. *A Pele da Cultura: uma investigação sobre a nova realidade eletrônica*. Tradução de Luís Soares e Catarina Carvalho. Lisboa: Relógio D'Água, 1997.

dos modernos, revela-se com a disposição a “deixar-se operar” por seu próprio interesse¹¹⁶. Com isso, o que fazem é afastar-se da possibilidade de romper com estados de possessão, de hábitos e de formas de vida, afinal de contas: a vida é exercício¹¹⁷. Nesse aspecto, é perceptível na linguagem de Sloterdijk que os seres humanos em sua maioria preferem deixar que as mudanças psíquicas e biológicas operadas em si mesmos sejam levadas a cabo por aqueles que se mantêm em atividade. Isso ocorreria até mesmo no sentido de predomínio cultural no espaço global. A orientação definidora das formas de vida seria programada por poucos, enquanto que a grande massa se manteria como que inerte, deixando-se operar. Para estes é que vale o imperativo: *tens de mudar tua vida!*

Nesse ideário, Sloterdijk pretende demonstrar que, com o advento da modernidade, as técnicas de adestramento de alguns homens sobre outros conduziram a noção de antropotécnica a uma mudança fundamental. Peça chave nessa virada é o nascimento do Estado moderno durante os séculos XVI e XVII com as novas tecnologias de governo, emergindo o que Foucault chamou de biopolítica: fazer viver e deixar morrer. Sloterdijk considera que a biopolítica seria uma técnica socioimunológica diferente das antigas antropotécnicas. Até então, enquanto estas eram elitistas quando faziam viver um grupo reduzido de pessoas, as antropotécnicas modernas são técnicas massivas de domesticação, pois fazem viver um amplo grupo da população. A propósito, a biopolítica não se restringiria a uma técnica para promover a riqueza dos Estados, ela também fomentaria o melhoramento do mundo. A antropotécnica fomentaria pretensões fáusticas de corrigir o mal inerente ao mundo por meio da produção massiva de um exército de homens capazes de transformar o mundo com a aplicação da eficiência da técnica. Assim, se de um lado as antropotécnicas antigas procuravam selecionar alguns para um projeto cosmológico de ajustar a comunidade às normas eternas do mundo por meio das religiões e das culturas letradas, de outro, as antropotécnicas modernas se conformariam ao projeto de transformar as populações para corrigir os defeitos do mundo por meio de atividades direcionadas. Logo, o aprimoramento do mundo seria intentado com o aprimoramento das competências produtivas de muitos indivíduos¹¹⁸.

Neste ponto, é possível identificar duas características atribuídas ao conceito de antropotécnica em Sloterdijk: a produção dos homens sobre os homens no sentido que ele

¹¹⁶ SLOTERDIJK, Peter. *Has de Cambiar tu Vida: sobre antropotécnica*. Tradução de Pedro Madrugal. Valencia: Pre-Textos, 2012. p. 476-8.

¹¹⁷ HADOT, Pierre. *Ejercicios Espirituales y Filosofía Antigua*. Tradução de Javier Palacio. Madrid: Siruela, 2006.

¹¹⁸ CASTRO-GÓMEZ, Santiago. *Sobre el Concepto de antropotécnica en Peter Sloterdijk*. Revista de Estudios Sociales. Nº 43. Bogotá, 2012. pp. 63-73.

denomina “deixar-se operar”, e a operação de produção do homem sobre si mesmo, isto é, “auto-operar-se”¹¹⁹, que são otimizações que realizo sobre mim mesmo. Sloterdijk desenvolveu um verdadeiro programa ético-filosófico com conceito de antropotécnica pensado a partir da ética do exercício. Alertamos que nos compete, neste espaço, apenas realizar uma apresentação parcial da vasta obra de Sloterdijk com o objetivo de problematizar os pontos que entendemos mais importantes para os propósitos desta pesquisa. Entre eles, existe a necessidade de reconstruir e problematizar o conceito de antropotécnica criminal no campo criminológico. Mas antes, é oportuno avançar mais um pouco sobre o terreno filosófico da teoria da antropotecnica de Sloterdijk, realizando alguns questionamentos que serão respondidos nos capítulos seguintes. É que no desdobramento do conceito da antropotécnica passamos por alto pela noção de imunologia que será problematizada no próximo tópico e no terceiro capítulo assumirá uma responsabilidade ainda maior.

1.2.2 Crítica ao paradigma imunológico: o advento do paradigma neuronal e a problematização do conceito da antropotécnica em um diálogo com Byung-chul Han

O ideário da antropotécnica de Sloterdijk encontra-se, como se pode perceber, lastreado em concepções de caráter imunológico, de modo que as antropotécnicas, entre outras funções, seriam concebidas com vistas à proteção do humano diante do aberto¹²⁰ de sua condição frente ao estranhamento do mundo, ou, em última análise, do vasto vazio exterior de um universo desconhecido e estrangeiro. Algo radicalmente negativo aparece nesse frio da exterioridade¹²¹. Sloterdijk não oferece um conceito sistemático e delimitado do que ele entende por imunológico ou imunologia. Porém, isso não nos impede de tatear os seus limites interpretativos para compreender seu campo de investimento. Vejamos de onde o autor parte para tratar do tema da imunologia, que integra a antropotécnica.

Sloterdijk quer introduzir uma linguagem alternativa a partir de outra ótica para o conjunto de fenômenos em relação aos quais foram oferecidas expressões como espiritualidade, devoção, moral, ética e ascese. Como um pós-foucaultiano (no sentido de ser mais um autor

¹¹⁹ CASTRO-GÓMEZ, Santiago. *Sobre el Concepto de antropotécnica en Peter Sloterdijk*. Revista de Estudios Sociales. Nº 43. Bogotá, 2012. pp. 63-73.

¹²⁰ AGAMBEN, Giorgio. *Lo Abierto*. Tradução de Flavia Costa e Edgardo Castro. Buenos Aires: Adriana Hidalgo, 2006.

¹²¹ CAMPBELL, Timothy C. *Improper Life: technology and biopolitics from Heidegger to Agamben*. Londres: Universty of Minnesota Press, 2011. p. 116.

que pretende corrigir Foucault em seus pontos frágeis, mas ainda assim se mantém nos marcos das expressões foucaultianas), ele defende que a religião não existe (algo que faz lembrar a ideia da loucura como invenção). Para ele, se bem analisadas, o que existem são práticas ascéticas mais ou menos disseminadas. A extensão dessa empreitada envolve uma reavaliação sobre os discursos de retorno da religião, uma prática entre tantas outras que concerne ao âmbito da vida. Ainda que se diga que o fantasma da religião ronca o mundo ocidental, para Sloterdijk não haveria essencialmente um retorno da religião, porque não há religião ou religiões, senão sistemas de exercício mais ou menos capazes de difusão, cujo antagonismo se resume não a crentes e não crentes, mas a exercitantes e não exercitantes. As próprias religiões adquiriram, enquanto sistemas de comportamento organizados de acordo com paradigmas simbólicos, contornos mais precisos ao ter o comportamento religioso se constituído como exercício e se sedimentado em procedimentos de autoplastia. Mas obviamente, essa não é uma leitura teológica que o autor procurou dispor. Tanto o *homo religiosus*, o *homo faber* e o *homo artista* são englobados em um conceito geral da antropotécnica. Nietzsche teria sido quem desenvolveu, em sua obra *Ecce Homo*¹²², os traços para uma doutrina da vida ou para uma ascetologia geral. Se há algo que retorna, portanto, não é suficiente dizer que se trata da religião. Tampouco se trata de uma magnitude que se rompeu, mas de uma mudança de acento em um *continuum* nunca interrompido. O que retorna, como no retorno do recaiado, é o reconhecimento do imunitário do ser humano¹²³.

Vejamos que o próprio sistema simbólico, se se pensar, por exemplo, na psicanálise de Jacques Lacan¹²⁴, encaixar-se-ia em um entendimento imunitário: o simbólico teria a função de proteger tecnicamente o homem diante da traumaticidade e da violência sempre presentes em um Real insuscetível de total adequação ao sistema linguageiro.

¹²² NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce Homo*: como se chega a ser o que se é. Tradução de Artur Mourão. Covilha: Losofia, 2008.

¹²³ SLOTERDIJK, Peter. *Has de Cambiar tu Vida*: sobre antropotécnica. Tradução de Pedro Madrugal. Valencia: Pre-Textos, 2012. p. 14-9.

¹²⁴ LACAN, Jacques. *O Seminário*: o avesso da psicanálise. Tradução de Ary Roitman. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992. LACAN, Jacques. *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro: Editora Zahar, Rio de Janeiro, 1998. LACAN, Jacques. *O Seminário*: a angústia. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2005. LACAN, Jacques. *O Seminário*: os quatro conceitos fundamentais de psicanálise. Tradução de M.D. Magno. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. LACAN, Jacques. *O Seminário*: os escritos técnicos de Freud. Tradução de Betty Milan. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

O imunitário de que fala Sloterdijk não seria somente aquele vinculado ao corpo físico ou ao corpo em seu investimento libidinal¹²⁵. Existiriam diversos sistemas imunitários de defesa do humano frente ao universo de estranhamentos, tendo como um dos seus mais importantes exemplos o sistema psíquico e seus correspondentes aparelhos psico-imunológicos de proteção. De igual forma, múltiplas seriam as antropotécnicas que encontrariam variações conforme o tempo, a cultura e o lugar de suas práticas, em uma expressão: em sua temporalidade antropológica. Então, Sloterdijk afirmará que a modernidade inaugurou novas formas de rendimento que se deslocaram dos monastérios às escolas e às academias, fundando um novo universalismo do rendimento¹²⁶, sem, contudo, criar aparatos protetores correspondentes.

Apresentadas essas hipóteses, vejamos um contraponto. Sobre a questão envolvendo a imunologia, encontramos quem defenda, entretanto, que o paradigma imunológico não daria conta de fundamentar e tampouco explicaria as novas formas de vida contemporâneas. De modo bastante contundente, Byung-Chul Han¹²⁷ procurou demonstrar que nossa época testemunha o declínio do paradigma imunológico, mesmo que muitos autores procurem explicar os eventos

¹²⁵ Relevante para esta designação é a forma como Lacan concebe a fase do espelho para criança e como ela passa a ver o seu próprio corpo. Ver me: LACAN, Jacques. *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro: Editora Zahar, Rio de Janeiro, 1998.

¹²⁶ A religião provavelmente tenha sido - assim entende Sloterdijk - um dos mais amplos sistemas imunológicos e que se enfraqueceu com a modernidade, de modo que esta fomentaria os meios artificiais de produção e proteção do humano. Uma questão não meramente metafísica, mas que envolveria uma proteção contra os riscos da vida. Na verdade, ainda que a religião venha a ser uma suspensão da empiria, vendo-se pela lente dos complementares sistemas imunitários, neste caso, simbólicos, certo desacoplamento do princípio da realidade revelaria que sem esse distanciamento não haveria imunidade alguma contra o real, movimento este que pode ser chamado de alienação ou até loucura. O ato religiode por excelência de característica funcional chama-se fé. Mesmo que a literatura tenha repetido acerca da natureza religiosa da revolução russa, este foi não um acontecimento político, mas um movimento antropotécnico revestido de hábitos político-sociais. A fórmula frequentemente invocada do “homem novo” teria a ver com o experimento comunista que apresentou dois aspectos antropotécnicos, unificando os componentes ascético-espirituais e biotécnicos. Essa produção se realizaria nos quadros da elite do Partido, verdadeiro centro de treinamento da moral revolucionária dos indivíduos reunidos na missão de superar o velho homem. A alegação do caráter religioso da revolução russa deixa de levar em consideração o fator psicotécnico que diz respeito ao âmbito individual e os efeitos psicológicos produzidos nas massas, que se expressam no culto ao líder e no narcisismo grupal. A revolta comunista, para Sloterdijk, teria sido o segundo caso de biopolítica extensiva que teve espaço na modernidade. O primeiro foi a política demográfica do Estado moderno, flagrantemente fracassado na sintonização de suas medidas. Se houve a produção máxima de súditos levada a cabo pelos Estados modernos de modo a assumir os custos de um excedente não utilizável, o Estado revolucionário procurou promover a produção de um coletivo orgânico de gente convencida, mas não se preocupou com a perda dos não convencidos. Assim, a primeira biopolítica teria procurado a solução dos seus problemas na exportação massiva e no internamento massivo de seres humanos. A segunda foi procurar a solução no internamento massivo e na aniquilação também massiva de seres humanos. SLOTERDIJK, Peter. *Has de Cambiar tu Vida: sobre antropotécnica*. Tradução de Pedro Madrigal. Valencia: Pre-Textos, 2012. pp. 424-8, 496-8.

¹²⁷ HAN, Byung-Chul. *Sociedade do Cansaço*. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petropolis: Vozes, 2015. *Topologia de la Violencia*. Tradução de Paula Kuffer. Barcelona: Herder, 2016. *Sociedade da Transparência*. Tradução de Miguel Serras Pereira. Lisboa: Relógio D'Água, 2014. *A Agonia do Eros*. Tradução de Miguel Serras Pereira. Lisboa: Relógio D'Água, 2014. *La expulsión de lo distinto*. Tradução de Alberto Ciria. Barcelona: Herder, 2017.

contemporâneos segundo a noção de imunologia. Esse seria o caso de Roberto Esposito¹²⁸, que apontou exemplos de problemas envolvendo imigrantes, fronteiras, vírus de computador, terrorismo¹²⁹, etc. (sem dúvida alguma, também se inserem neste paradigma imunológico Jacques Rancière¹³⁰, Jacques Derrida¹³¹, ou um intelectual brasileiro como Paulo Arantes¹³²). Para Han, as questões apontadas por Esposito não passariam de fatores imanentes ao sistema¹³³, pois estaríamos, em realidade, vivendo o paradigma neuronal, que retrataria uma espécie de violência positiva, produto de uma sociedade excessiva que descambou para o excesso do mesmo ao eliminar o negativo¹³⁴ e toda alteridade possível. Daí que vislumbrar o mundo com as lentes imunológicas do séc. XX é querer utilizar técnicas ultrapassadas para entender eventos que se caracterizam pelo excesso de positividade, isto é, algo já insuficiente, porque a lógica agora é outra. Em um exemplo, não haveria vacina para a obesidade, que não está na mesma categoria de um vírus prestes a atacar o corpo imunizado ou vulnerável. O que há de novo nisso seria justamente o excesso do mesmo¹³⁵, como versão do excesso do positivo.

Existe, pois, aqui uma forma de violência que levaria ao infarto psíquico, um esgotamento do ser pela hiperprodução. Não por outro motivo, Han irá fundamentar sua crítica ao paradigma imunológico na preponderância das doenças psíquicas de nossa época, as chamadas doenças neuronais (depressão, transtorno de déficit de atenção com síndrome de

¹²⁸ ESPOSITO, Roberto. *Communitas: origen y destino de la comunidad*. Tradução de Carlo Rodolfo Molinari Marotto. Buenos Aires: Amorrortu, 2007.

¹²⁹ HAN, Byung-Chul. *Sociedade do Cansaço*. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petropolis: Vozes, 2015. pp. 11-2.

¹³⁰ RANCIÈRE, Jacques. *O Desentendimento*. Tradução de Ângela Leite Lopes. São Paulo, 1996: 34.

¹³¹ BARRADORI, Giovanna. *Filosofia em Tempos de Terror*. Diálogos com Jürgen Habermas e Jacques Derrida. Tradução de Juan José Botero e Luis Eduardo Hoyos. Madri, 2003. p. 159-60.

¹³² ARANTES, Paulo. *O Novo Tempo do Mundo*. São Paulo: Boitempo, 2014.

¹³³ Basta pensar no imigrante que não é o estrangeiro ao pé da letra, mas alguém que representaria um fardo para a sociedade. O mesmo se pode dizer do vírus de computador, que já faz parte dos problemas triviais da vida cotidiana, e do terrorismo, cuja existência é pressuposta e todas as posturas preventivas já comprovam esse dado, porque o terror já é parte de uma violência sistêmica. HAN, Byung-Chul. *Sociedade do Cansaço*. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petropolis: Vozes, 2015. pp. 11-2.

¹³⁴ Um dos autores que mais procuraram defender o negativo, em um sentido análogo ao que Han atribui à palavra, foi Fiódor Dostoiévski, em sua obra *Memórias do Subsolo*. Dostoiévski já alertava, desde o séc. XIX, que uma das grandes responsáveis pela tentativa de extinguir o negativo seria a ciência moderna. DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Memórias do Subsolo*. Tradução de Boris Schnaiderman. São Paulo: Ed. 34, 2000. A mesma crítica pode ser encontrada em DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *O Crocodilo e Notas de Inverno Sobre Impressões de Verão*. Tradução de Boris Schnaiderman. São Paulo: Ed. 34, 2000. p. 116. Sobre a complexidade que envolvia Dostoiévski, ver: SOUZA, Maria Alice Timm de. *Dostoiévski: uma desconcertante congruência*. pp. 348-81. In: *Literatura e Psicanálise: encontros contemporâneos*. Organizadores Ricardo Timm de Souza... [et al.]. Porto Alegre: Dublinense, 2012. Na esteira da crítica de Dostoiévski, Sloterdijk é autor da obra *O Palácio de Cristal*. SLOTERDIJK, Peter. *Palácio de Cristal: para uma teoria filosófica da Globalização*. Tradução de Manuel Resende. Lisboa: Relógio D'Água, 2005.

¹³⁵ HAN, Byung-Chul. *Sociedade do Cansaço*. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petropolis: Vozes, 2015. pp. 7-30.

hiperatividade, síndrome de *burnout* e transtorno de personalidade limítrofe)¹³⁶, demonstrando que são diversas as esferas da vida social que sofrem, de certo modo, uma reprogramação¹³⁷. Basta pensar no que Han defende sobre o nível da atenção, quando, a partir de uma nova lógica do trabalho, somos obrigados a desenvolver um tipo específico de atenção relacionado à multitarefa. Quando não somos mais capazes de suportar o tédio, quando não apresentamos mais qualquer possibilidade de aprofundamento contemplativo - tal como um animal que precisa estar atento a tudo para não ser devorado-, passamos por um processo de retrocesso civilizacional. Mas, evidentemente, o que Han relata seria o mesmo que autores como Sloterdijk, Bifo, Pierre Dardot e Christian Laval, entre tantos outros, chamaram de mutação antropológica e cognitiva de nossa época, descrevendo uma nova relação com o corpo segundo influências diversas, porém complementares. Por isso, a crítica de Han precisa ser levada a sério.

Por outro lado, não se pode deixar de observar que a entrada de Han no cenário de apresentação de diagnósticos epocais se realizou pelo estabelecimento de premissas teóricas perceptivas de psicopatologias fundamentais, especialmente ao querer refletir sobre doenças cujos diagnósticos são, notadamente, interessantes à indústria farmacêutica¹³⁸ e ao mundo econômico¹³⁹. Seu mérito, sem dúvida, encontra-se no fato de demonstrar que está em curso uma grande transformação de ordem biopsíquica decorrente de práticas calcadas na lógica do

¹³⁶ Desta forma, a recorrência ao uso reiterado das explicações por meio do paradigma imunológico mais representaria seu último suspiro, porquanto isso revelaria não sua vigência, senão sua completa extinção. A Guerra Fria, neste sentido, ainda estaria sob a vigência do paradigma imunológico, e o seu fim representaria a derrocada deste paradigma. Isso permite dizer que, se o séc. XX foi um século imunológico, o início do séc. XXI seria neuronal. HAN, Byung-Chul. *Sociedade do Cansaço*. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petropolis: Vozes, 2015. pp. 7-8.

¹³⁷ Essa importante tese de Han merece um espaço maior, que não o desta pesquisa, sobre as consequências da inadequação do paradigma imunológico como paradigma explicativo para o momento atual. O paradigma neuronal parece ter tido a façanha de desfazer as binariedades (guerra/paz, dentro/fora, eu/outro, etc.). Caberia então questionar se a luta de classes também deixaria de ter lugar. De outro lado, a tese de Han se levada às últimas consequências significaria a eliminação das diferenças?

¹³⁸ GLOECKNER, Ricardo Jacobsen; RAMOS, Marcelo Buttelli. *Controle Cotidiano: farmacocracia e normalização na sociedade do controle*. Revista Brasileira de Ciências Criminais. Vol. 144. ano 26. p. 397-439. São Paulo: Ed. RT, junho 2018.

¹³⁹ Na metade da década de noventa, a economia cognitiva ganhou o máximo de força, na requisição de energias para o trabalho criativo, o que converteu o Prozac em um dos produtos mais vendidos no mundo inteiro. Por psicoalteração, a classe dirigente da economia global se envolveu em um estado de euforia. Suas decisões econômicas eram o espelho das substâncias que eram consumidas, deixando-se de observar os efeitos catastróficos que seriam gerados por decisões tomadas em efeito de euforia econômica. Por anos, decisões fundamentais eram tomadas com os neurônios dominados por Zoloft e depois de consumidos milhares de comprimidos de Prozac. Não à toa que após as crises, financeira na primavera de 2000, e política decorrente do 11 de setembro de 2001, a classe econômica dominante adentra em um novo estágio depressivo. A cura para o abismo interno foi encontrada por meio do uso de uma nova substância potentíssima: a guerra. Tal tipo de anfetamina se fez útil para novamente despertar a agressividade humana. BERARDI, Franco (Bifo). *Después de Futuro: desde el futurismo al cyberpunk. El agotamiento de la modernidad*. Tradução de Giuseppe Maio. Madri: Enclave de Libros, 2014. pp. 166-7.

empresário de si, da vida ativa, de exigência de alta *performance* e de alto rendimento. Mas suas intuições perdem força com a tentativa de relatar a extinção de um paradigma¹⁴⁰ sem a sua devida precisão. É de se questionar se o próprio paradigma neuronal não seria um subsistema integrante do paradigma imunológico. Aliás, o sistema psíquico deixou de dispor e de necessitar de suas próprias defesas em meio à transição que se narra? Ou, por outro lado, a crítica de Han não seria nada mais do que mais um dos tantos discursos que descrevem o esgotamento das múltiplas formas de imunidade inventadas pelos seres humanos?

Em vista disso, se acaso compararmos as ideias de Sloterdijk e de Han, podemos desde um primeiro momento questionar se as tomadas de partido dos autores seriam realmente distintas ou de alguma maneira semelhantes. Seria oportuno, por exemplo, questionar se o imunológico de que fala Sloterdijk¹⁴¹ seria o mesmo analisado por Han, que chegou inclusive a visualizar no pensamento de Heidegger¹⁴² um teor típico do paradigma imunológico. Não se pode perder de vista que ambos os autores encontram influência no pensamento do mesmo Heidegger, que, em tese, estaria enquadrado no paradigma imunológico. Nesse mesmo barco estaria, também, Jean Baudrillard¹⁴³, que, por mais que tenha produzido uma vasta obra crítica em seu horizonte de projeção, ainda permaneceu envolto no paradigma imunológico. Um filósofo como Nietzsche, reiteradas vezes citado por Han, talvez estivesse situado na mesma atmosfera das imunologias. Também não podemos deixar de mencionar que a interpretação de

¹⁴⁰ KUHN, Thomas S. *A Estrutura das Revoluções Científicas*. Tradução de Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira. São Paulo: Perspectiva, 1998.

¹⁴¹ Os dispositivos de caráter imunitário permitiriam uma relação com o mundo circundante. Num primeiro momento, os sistemas biológicos imunitários, expectativas de vulneração incorporados ao próprio ser e seus correspondentes programas de defesa e reparação, corresponderiam também à ideia de que a mobilização para o aberto que levaria a uma transcendência de segunda ordem: o entorno removeria seus limites e se transformaria em mundo. Noutras palavras, esse segundo momento é fruto da linguagem. Desde Heidegger - quando ele extraiu novo sentido à fala dos animais de Zarathustra ao convalescente no trecho que diz “eternamente se volta a construir de novo a casa do ser” (NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Assim Falou Zarathustra*. Tradução de Heloisa da Graça Burati. São Paulo: Rideel, 2005) - compreende-se que a linguagem não apenas erige a casa do ser, ela também tem a ver com a tendência de ruir da casa, colocando o homem, graças aos seus excedentes internos e externos, no enfrentamento com o aberto. SLOTERDIJK, Peter. *Has de Cambiar tu Vida: sobre antropotécnica*. Tradução de Pedro Madrigal. Valencia: Pre-Textos, 2012. p. 23-4.

¹⁴² “Também o pensamento de Heidegger aponta um teor imunológico. Assim, ele rechaça decididamente o igual e lhe contrapõe o mesmo. Contrariamente ao igual, o mesmo possui uma interioridade, na qual repousa toda e qualquer reação imunológica”. HAN, Byung-Chul. *Sociedade do Cansaço*. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petropolis: Vozes, 2015. p. 10.

¹⁴³ BAUDRILLARD, Jean. *À Sombra das Maiorias: o fim do social e o surgimento das massas*. Tradução de Suely Bastos. São Paulo: Brasiliense, 1985. BAUDRILLARD, Jean. *De um Fragmento ao Outro*. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. São Paulo: Zouk, 2003. BAUDRILLARD, Jean. *O Paroxista Indiferente*. Tradução de Ana Sachetti. Rio de Janeiro: Pazulin, 1999. BAUDRILLARD, Jean. *Power Inferno*. Tradução de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2007. BAUDRILLARD, Jean. *Simulacro e Simulação*. Tradutora Maria João da Costa Pereira. Lisboa: Relógio d'Água, 1991.

Derrida acerca do evento terrorista de 11 de setembro foi conduzida por uma metáfora imunitária declarada¹⁴⁴.

Ao que parece, entretanto, a imunidade a partir da qual Sloterdijk escreve seria muito próxima à que poderíamos situar Nietzsche, com a noção de deserto diante da morte de Deus, fazendo o humano esbarrar-se em sua condição de ser desprovido de próteses. Em lugar muito próximo estaria Heidegger, com relação à linguagem que constrói a casa do ser¹⁴⁵. O aberto, o estranho, o deserto, etc., dariam ensejo ao tipo de imunidade que se pôde ler nesses pensadores. Com isso, é justamente o acento em uma ampla concepção do aspecto antropológico que parece definir o imunitário em Sloterdijk e, por certo ponto de vista, é possível compreender que ele supera os aspectos atacados por Han, porquanto se pensarmos na ideia aprimoramento humano – *human enhancement* - fomentado pelas atuais antropotecnias, perceberemos que elas se expressam por lógicas não binárias como aquelas atinentes, por exemplo, à ideia de ataque/defesa, dentro/fora, eu/outro¹⁴⁶. Se utilizarmos as palavras do próprio Han para explicarmos Sloterdijk, diríamos que o ser se constitui também pelo caráter marcante do negativo ao assimilá-lo. Ele não apenas repele aquilo que lhe é estranho como em um jogo de ataque e defesa, mas toma para si até mesmo aquilo que lhe provocou uma redução produtiva como motivo para fomentar a arte de criação de si mesmo.

Pois bem. Mas afinal: em que aspecto os autores se avizinham? Haveria uma possível proximidade de entendimento¹⁴⁷, de forma (método) ou de conteúdo (problema)? Ou se, bem o contrário, o ponto de partida de cada pensador não permitiria assumir qualquer avanço teórico, no sentido de a crítica de cada um deles não superar o resultado de reproduções de ecos distorcidos proferidos por monólogos descontentes, que estariam a falar, no final das contas, das mesmas coisas, mas a partir de metáforas distintas, não encontrando qualquer espaço de entendimento¹⁴⁸?

¹⁴⁴ DERRIDA, Jacques. “Autoimunidade: suicídios reais e simbólicos – Diálogos com Jacques Derrida” In: *Filosofia em Tempos de Terror: Diálogos com Habermas e Derrida*. Tradução de Roberto Muggiati. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

¹⁴⁵ HEIDEGGER, Martin. *Carta Sobre o Humanismo*. Tradução de Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2005.

¹⁴⁶ Não por outro motivo, no seu projeto *Esferas* Sloterdijk irá desenvolver uma ontologia espacial na qual, desde o princípio, nunca existirá o uno, todo ser se constitui a partir de uma duplicidade inafastável. Entendemos que pelo aspecto psíquico nem mesmo o psicótico ou o narcisista seria a representação do uno. Ambos estabelecem ainda que de forma problemática uma relação com outro. SLOTERDIJK, Peter. *Esferas I: burbujas. Microesferología*. Tradução de Isidoro Reguera. Madri: Siruela, 2003. pp. 49-50.

¹⁴⁷ DELEUZE, Guilles. *Conversações*. Tradução de Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: 34, 1992. p. 223.

¹⁴⁸ RANCIÈRE, Jacques. *O Desentendimento*. Tradução de Ângela Leite Lopes. São Paulo: 34, 1996.

A antropotécnica, conforme se demonstrará no decorrer de toda esta pesquisa, adquiriu mutações em seu próprio conceito. Se compararmos a construção da antropotécnica no paradigma imunitário, que aceitou de bom grado a linguagem médica, veremos que o esquema clássico da própria medicina ao tratar uma doença dizia respeito a: interrogatórios, exames clínicos, diagnósticos, tratamentos, prognósticos, etc. A lógica da antropotécnica, por sua vez, não se interessaria, nos dias atuais, pela doença a diagnosticar, mas pela caracterização de uma situação, pela proposta de ações, pelo consentimento ou não do praticante, pelo monitoramento de efeitos, etc., atingindo o aspecto de potencialização das capacidades do corpo. A antropotécnica e a concepção do aprimoramento humano colocariam diante desse conceito a possibilidade de se adequar ao tempo presente em suas demandas, moldando-se a interesses de grupos ou de particulares. A ambiguidade dessa questão, contudo, estaria no fato de que as mesmas antropotécnicas que trazem o rótulo do aprimoramento, igualmente, podem facilitar o caminho para a alienação, a exemplo do uso de *doping* anabólico que diante da pressão dos esportes de alto rendimento, normalmente associado à imagem de sucesso, honra, riqueza, pode se tornar um dispositivo de autoexploração em que o indivíduo se torna um dispositivo de desempenho, um produto de *marketing*, aumentando os riscos em sua vida¹⁴⁹.

Com isso, consideramos que a imunidade que se revela na obra de Sloterdijk não é a mesma que encontramos na obra de Esposito, em *Communitas* e *Bios*¹⁵⁰, no aspecto que é pontualmente atacado na obra conhecida obra de Han, tampouco a antropotécnica se restringiria ao pensamento de Sloterdijk.

Sloterdijk, conforme entendemos, estaria muito próximo de um autor como Foucault. E essa proximidade a encontramos justamente na ideia de produção específica do humano de acordo com práticas e exercícios vigentes, que se encontram fundamentados no avanço da técnica. Daí que esse é o substrato que se mantém, mesmo que em paradigmas alegadamente diversos, seja imunitário, seja neuronal: o aspecto da plasticidade do humano. A ética do exercício de Sloterdijk apresentaria interesses semelhantes ao estudo das práticas sociais. Práticas e exercícios trariam o aspecto circunstancial claramente antagônico ao uso indolente dos universais¹⁵¹, podendo-se entender estes como categorias que permitiriam um manejo

¹⁴⁹ GOFFETTE, Jérôme. *De l'humain réparé à l'humain augmenté: naissance de l'anthropotechnie*. pp. 85-106 in Kleinpeter (Edouard) (dir.): *L'Humain augmenté*, Paris, CNRS Editions, 2013.

¹⁵⁰ ESPOSITO, Roberto. *Communitas: origen y destino de la comunidad*. Tradução de Carlo Rodolfo Molinari Marotto. Buenos Aires: Amorrortu, 2007.

¹⁵¹ "(...) Mas partir da decisão da inexistência dos universais para indagar que história se pode fazer". FOUCAULT, Michel. *O Nascimento da Biopolítica*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008. pp. 5-6.

conceitual um tanto quanto indistinto em diversos tempos históricos e em espaços de projeção diversificados, algo de que Foucault procurou se desviar. E se Sloterdijk estaria na vizinhança de Foucault, seria oportuno questionar, em um primeiro momento, se as noções de antropotécnica encontrariam semelhança com as noções de biopolítica, tendo em vista que, desde as contribuições de Foucault, essa passou a ser uma das expressões mais utilizadas pela crítica reflexiva nos últimos anos. Para um segundo momento, seria necessário questionar se o campo criminológico se desvencilhou do paradigma imunitário, pois - conforme se entenderá após atravessarmos o segundo capítulo - implicaria dizer que o campo criminológico teria se desvencilhado do paradigma lombrosiano. Noutras palavras, sendo o paradigma lombrosiano um desdobramento do paradigma imunológico, ele pode ainda ser considerado um pressuposto explicativo para as questões que envolvem a questão criminal na atualidade? Deixaremos, por ora, essas questões em aberto. Retomaremos a proximidade entre Foucault e Sloterdijk no próximo tópico.

1.2.3 A antropotécnica como biopolítica da domesticação

A antropotécnica pode ser considerada como um conceito que paira nos arredores do conceito de biopolítica¹⁵². Entre ambos os conceitos, contudo, existe um aspecto diferenciador que recaiu sobre a ênfase que Sloterdijk conferiu ao termo: seu caráter antropológico. Laura Bazzicalupo denomina “biopolítica da domesticação” o tema da antropogenética desenvolvido por Sloterdijk¹⁵³ em *Regras para o Parque Humano*.

A antropotécnica, para Ludueña, se comparada à linguagem foucaultiana, estaria situada entre o cuidado de si, ou as tecnologias do eu, e as tecnologias do poder ou de dominação¹⁵⁴. “Conhece-te a ti mesmo” foi a máxima de delfos que representou uma expressão da técnica¹⁵⁵. A antropotécnica operaria como um dispositivo de poder que muito se aproxima do que Edgar Castro descreveu no entrelaçamento com a governamentalidade: “os dispositivos de poder são intrínsecos a todas as relações: produtivas, familiares, sexuais, etc.”¹⁵⁶. Ao que parece,

¹⁵² BAZZICALUPO, Laura. *Biopolítica*: un mapa conceptual. Santa Cruz de Tenerife: Melusina, 2016.

¹⁵³ BAZZICALUPO, Laura. *Biopolítica*: un mapa conceptual. Santa Cruz de Tenerife: Melusina, 2016. p. 45.

¹⁵⁴ ROMANDINI, Fabián Ludueña. *La Comunidad de los Espectros*. I. Antropotécnica. Buenos Aires: Miño y Dávila, 2010. p. 11.

¹⁵⁵ FOUCAULT, Michel. *A História da Sexualidade I*: a vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Rosa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. São Paulo: Graal, 1998.

¹⁵⁶ CASTRO, Edgar. *Lecturas Foucaulteanas*: una historia conceptual de la biopolítica. La Plata: UNIPE: Editora Universitária, 2011. p. 193.

Sloterdijk teve a pretensão de oferecer algumas contribuições ao pensamento de Foucault por essa via. Podemos apontar duas complementações principais: a primeira seria acrescentar o aspecto antropológico às análises sobre as práticas sócias com o conceito de exercício; a segunda seria ampliar o conceito de biopolítica a partir das noções “auto-operar-se” e “deixar-se operar”. Essas expressões, enquanto formas de comportamento antropotécnico, disputam entre si, pois operar a mim mesmo, de acordo com os meus próprios meios, corresponde a uma automodificação direta; enquanto que o influxo de exercícios advindos de operações alheias também permite que eu seja moldado, mas pelos outros. O jogo entre auto-operar-se e deixar-se operar representaria o cuidado que o sujeito tem sobre si mesmo¹⁵⁷.

Nesse aspecto, boa parte do projeto de Sloterdijk pode ser compreendido como uma tentativa de dar continuidade a alguns aspectos que já haviam sido levantados por Foucault. Sloterdijk considerou que os campos da arte, da educação e do trabalho, desde o séc. XVI, tornaram-se o cenário acrobático de experimentação de sujeitos, que produziu amplas transformações antropotécnicas. Em razão disso, as antropotecnias perderiam o caráter imunizador¹⁵⁸, que poderia oferecer uma relevante proteção psíquica e comportamental diante dos acontecimentos da vida. Isso porque os seres humanos seriam, nesse processo histórico, jogados para fora de suas esferas¹⁵⁹, impelidos a viver a exterioridade do mundo, sendo este marcado pelo risco. O mandamento de mobilização universal torna-se uma importante característica das antropotécnicas que tratam do governo dos outros, assim como daquelas que tratam do governo de si. O produto final desse movimento foi a formação do mundo

¹⁵⁷ CASTRO-GÓMEZ, Santiago. *Sobre el Concepto de antropotécnica en Peter Sloterdijk*. Revista de Estudios Sociales. Nº 43. Bogotá, 2012. pp. 63-73.

¹⁵⁸ “O destino de todos os sistemas metafísicos de imunidade se decide frente à questão de se os seres abertos ao grande mundo, os seres humanos da época dos impérios e cidades, conseguem dar plenamente o salto de autoabrigo coletivo em comunidades cidadãs fortificadas à autogarantia individual, para além de pátrias ocasionais. É de interesse existencial para eles saber com clareza se seriam capazes de chegar a viver uma vida plena também no estrangeiro mais remoto: uma questão cifrada para estes na consideração de se eles, os mortais, que dependem de uma família e estão apegados ao solo, poderiam familiarizar-se também com o universo exterior. Quanto exílio é capaz de suportar o ser humano? Quanto desacostumados dos primeiros lugares necessita a alma capaz de pensar para se recolher em si mesma”. (tradução livre). SLOTERDIJK, Peter. *Esferas II: globos*. Macroesferología. Tradução de Isidoro Reguera. Madri: Siruela, 2004. p. 309.

¹⁵⁹ “La esfera es la redondez com espesor interior, abierta y repartida, que habitan los seres humanos en la medida em que consiguen convertirse em tales. Como habitar significa siempre ya formar esferas, tanto en lo pequeno como em lo grande, los seres humanos son los seres que erigen mundos redondos y cuja mirada se mueve dentro de horizontes. Vivir em esferas significa generar la dimensión que pueda contener seres humanos. Esferas son creaciones espaciales, sistémico-inmunológicamente efectivas, para seres estáticos em los que opera el exterior”. SLOTERDIJK, Peter. *Esferas I: burbujas*. Microesferología. Tradução de Isidoro Reguera. Madrid: Siruela, 2003. p. 37.

globalizado¹⁶⁰, que não faz mais comunidades, senão espumas¹⁶¹, encontrando sua expressão mais trivial nas cenas de congestionamento de automóveis em que cada um vive isolado em seu mundo particular e eutorreferente. Por isso que toda forma de catástrofe no mundo jamais pode ser entendida como um acidente, senão como produto das nossas eleições, seleções e decisões antropotécnicas. Sloterdijk chega ao ponto de considerar que em menos de quinhentos anos será possível desfazermos todas as imunidades que foram construídas durante milênios. Não é à toa que a modernidade e o capitalismo tornaram-se um processo de destruição de esferas. E esse não parece ser um discurso fatalista¹⁶², pois estamos no âmbito da seleção de decisões e de condutas, de modo que a superação do humano só encontrará seu significado mais importante com a sua mais radical inibição, afinal de contas, quando não há mais limites – a exemplo do que há certo tempo alguns psicanalistas franceses vêm defendendo¹⁶³ – será o sujeito que terá de autolimitar-se. Somente assim que toda forma de contenção se tornará obra sua. Contudo, sem algum nível de prática ascética, de repetição, de hábitos adequados, em última análise, do governo de si, não haverá, por exemplo, solução para as diversas crises da atualidade (ecológica, econômica, prisional, consumista, etc.). A mensagem de Sloterdijk é, então, que, se realmente queres mudar o mundo, tens de mudar tua vida!¹⁶⁴

1.2.4 A antropotécnica criminal - primeira aproximação: a arte de punir

O oportuno para este momento é selecionar alguns aspectos das práticas que Sloterdijk entende como que relacionadas à técnica na relação com o humano e compreendê-los como expressões explicativas de determinadas práticas contemporâneas. Mais especificamente nos interessa aqui analisar certas práticas punitivas, sem deixar de considerar sua temporalidade antropológica; questionar em que medida essas mesmas práticas punitivas são verdadeiras

¹⁶⁰ O que alguns teóricos entendem por globalização é algo muito mais antigo do que se tem defendido. Esse é um amplo processo que se inicia com as grandes navegações, vindo apenas a demonstrar seus últimos reflexos com o mundo virtual. SLOTERDIJK, Peter. *Palácio de Cristal: para uma teoria filosófica da Globalização*. Tradução de Manuel Resende. Lisboa: Relógio D'Água, 2005.

¹⁶¹ SLOTERDIJK, Peter. *Esferas III: espumas*. Esferología plural. Tradução de Isidoro Reguera. Madri: Siruela, 2004. pp. 72-4.

¹⁶² Campbell, ao contrário, identifica um fundo tanatopolítico na narrativa de Sloterdijk. CAMPBELL, Timothy C. *Improper Life: technology and biopolitics from Heidegger to Agamben*. Londres: Universty of Minnesota Press, 2011.

¹⁶³ LEBRUN, Jean-Pierre. *A Perversão Comum: viver juntos sem outro*. Tradução de Procopio Abreu. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008. LEBRUN, Jean-Pierre. *Um Mundo sem Limite*. Tradução de Sandra Regina Felgueiras. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2004. MELMAN, Charles. *O Homem sem Gravidade*. Tradução de Sandra Regina Felgueiras. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

¹⁶⁴ CASTRO-GÓMEZ, Santiago. *Sobre el Concepto de antropotécnica en Peter Sloterdijk*. Revista de Estudios Sociales. N° 43. Bogotá, 2012. pp. 63-73.

antropotecnias; e, finalmente, questionar sobre a ocorrência de um tipo específico de antropotécnica: a antropotécnica criminal. Isso também implicaria em levantar a questão: em que medida as antropotécnicas criminais produzem, de fato, o humano na sua relação com o crime e a criminalidade? É que, se seguirmos os passos dos autores que trabalham com o conceito da antropotécnica, não seria ilógico dizer que a criação do homem criminoso diz respeito a decisões políticas, ou melhor, principalmente de decisões de política criminal. Vamos seguir nessa linha de orientação. Nesse aspecto, é inevitável retornar a Foucault.

Sloterdijk procurou estender, de certa forma, a noção da antropotécnica à esfera criminal, levando esse conceito geral não a enfatizar o campo da disciplina - até porque, segundo ele, Foucault teria cometido um erro de relevância - mas a arte de punir que precedeu a própria disciplina, como bem demonstrou o autor de *Vigiar e Punir* em sua descrição admirada e espantosa sobre o suplício de Damiens. Essa prática punitiva, que fez uso da tortura, do esquiteamento e, também, do espetáculo, teria sido a obra de arte mais opulenta do século XVIII. Nesse cenário entraria a arte aplicada, no sentido físico e psíquico, tomando como principal material o próprio ser humano. Esse tipo de prática do espetáculo teria desaparecido com o *Ancien Règime*, época em que a punição era colocada em cena e significou o triunfo da lei sobre o crime¹⁶⁵, com a conseqüente exclusão do criminoso da comunidade moral. Essa arte de punir corresponderia a um tipo específico de arte - mais precisamente uma arte de castigar de tempos pré-revolucionários - esquecida pela época da burguesia, e o carrasco seria nada menos que o virtuoso de uma arte aplicada ao humano com o foco na cenificação de um corpo submetido a tormentos. Aqui a antropotécnica entraria em jogo: o criminoso apareceria como objeto de manifestações artísticas, plásticas, algo a ser fabricado, e que no espaço de pouco tempo seria transformado em um trágico produto final¹⁶⁶. Com isso, fica claro nas ideias de Sloterdijk que o criminoso seria algo a ser produzido. Eis a ocorrência de uma manipulação grosseira da arte punitiva, mas que atinge, na atualidade¹⁶⁷, um nível mais complexo da programação criminal. Já nessa época, um conjunto reiterado de ações seria o instrumental necessário para a produção desse resultado, ainda que não passasse de certa encenação. Foucault levou em consideração os rituais de crueldade quando concebeu a biopolítica nos

¹⁶⁵ “O suplício se realiza num grandioso cerimonial do Triunfo: mas comporta também, como núcleo dramático em seu desenrolar monótono uma cena de confronto de inimigos: é a ação imediata do carrasco sobre o corpo do ‘paciente’. (...) E durante muito tempo esse hábito persistirá”. FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. Tradução de Raquel Ramalhe. Petrópolis: Vozes, 2017. p. 44.

¹⁶⁶ O homem fragmentado no *Ancien Règime*. O homem disciplinado no sistema disciplinar. O *homo criminalis* do positivismo criminológico.

¹⁶⁷ O virtuoso na atualidade não seria apenas o homem bem-sucedido, mas a própria empresa, conforme Laval e Dardot, em *A Nova Razão do Mundo*.

sentidos antigo e moderno¹⁶⁸, isto é, o biopoder na época clássica se expressaria “fazendo morrer e deixando viver”, ao passo que na época moderna “fazendo viver e deixando morrer”. Assim se vê que a finalidade da época da eclosão das artes e das técnicas se concentraria na formação de gerações de virtuosos. Por outro lado, num segundo plano heterotópico que envolvesse as pessoas infames (criando um grupo massivo, inevitavelmente numa época de positiva demografia absolutista) o imperativo da disciplina apenas mostraria sua outra face¹⁶⁹.

Na perspectiva de Sloterdijk, porém, Foucault teria se conduzido nos estudos sobre a sociedade disciplinar por um mal-entendido. Sloterdijk procura retirar o caráter despótico do conceito de disciplina, normalmente atribuído nos anos posteriores a 1945 e 1968. Esse movimento lhe faz defender a ideia de que seria um equívoco definir o conceito geral de disciplina como o fez Foucault, pois seus significados partiriam das elaborações da prisão, da repressão da vigilância do Estado. Não seria a prisão com seus espaços de supervisão repressiva, mas os espaços pedagógicos das escolas e das universidades que colocaram em prática o fundamental da ortopedia humana, na formação da juventude de acordo com padrões de disciplina cristã-humanista e de técnica ortopédica aplicada. Aqui se percebe que Sloterdijk deslocou o centro da sua atenção para a escola¹⁷⁰, a universidade¹⁷¹ e os estúdios artísticos, a fim de poder conferir coerência aos seus pressupostos teóricos sedimentados não apenas na ascese, mas na educação do ser humano, permitindo vislumbrar verdadeiras manipulações antropológicas promovidas na modernidade, especialmente com a leitura, que se tornou uma prática acessível aos diversos níveis sociais e acompanhada de técnicas pedagógicas corporais. De fato, a prisão não seria o mais amplo instrumento antropotécnico, da mesma maneira que não seria a ascese que, em última análise, representaria a prática antropotécnica por excelência do homem domesticado, mas o comportamento reiterado e contido - em termos éticos: a repetição de boas práticas – conduziria a uma transformação ontológica a partir do exercício.

Por certo, o acréscimo antropológico à obra de Foucault, anteriormente mencionado, não representaria uma novidade advinda dos teóricos críticos. O próprio Foucault trouxe, em

¹⁶⁸ FOUCAULT, Michel. *O Nascimento da Biopolítica*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

¹⁶⁹ SLOTERDIJK, Peter. *Has de Cambiar tu Vida: sobre antropotécnica*. Tradução de Pedro Madrigal. Valencia: Pre-Textos, 2012. pp. 404, 431-3.

¹⁷⁰ Conforme o autor: “o mundo inteiro é uma escola”. SLOTERDIJK, Peter. *Has de Cambiar tu Vida: sobre antropotécnica*. Tradução de Pedro Madrigal. Valencia: Pre-Textos, 2012. p. 403.

¹⁷¹ A propósito: seria mero acaso que Heidegger se compromete com o nazismo pela via da universidade? GIACOIA JUNIOR, Oswaldo. *Heidegger Urgente: introdução a um novo pensar*. São Paulo: Três Estrelas, 2013. pp. 123-4.

sua fase de aulas, alguns desses matizes¹⁷². No mesmo sentido, leitores de Foucault também evidenciaram o aspecto antropológico¹⁷³ como um fator determinante a ser considerado. Dizer que o poder tem uma potencialidade produtiva que transformaria a subjetividade, o corpo, enfim, as características essenciais dos seres humanos, situa grande parte desses esforços conceituais no campo antropológico e, portanto, no campo antropotecnológico por definição.

Assim sendo, o deslocamento para o ensino e a educação enquanto relevantíssimos fatores da mudança antropológica, para se ter um exemplo, pode ser vislumbrado na comparação que se estabeleceu entre o homem e a empresa enquanto verdadeiro paradigma da forma de vida contemporânea. A mudança no paradigma do novo indivíduo promovida pelo neoliberalismo foi sem dúvida uma questão antropotécnica¹⁷⁴. Ao que parece, em verdade, o erro interpretativo advém de Sloterdijk, porquanto a educação e as influências pedagógicas formaram um conjunto muito mais amplo do que aquele descrito em sua aplicabilidade com o nascimento da prisão. Não à toa a ética do exercício de Hadot ser constitutiva do pensamento foucaultiano acerca da filosofia entendida como forma de vida¹⁷⁵.

Em verdade, existe uma grande valorização sobre tudo aquilo que concerne ao sujeito no novo conceito de antropotécnica de Sloterdijk. Até mesmo os movimentos de afetação alheia estariam a cargo e à responsabilidade do sujeito, vez que qualquer operação externa que produzir efeitos no ser humano não passaria de um resultado do “deixar-se operar”, algo como uma influência advinda do ambiente que, praticamente, se consente. No entanto, parece bastante duvidoso que mesmo afetações de que o sujeito não tenha ciência sejam partes de sua obra de autoprodução. Para esse problema, a ética do exercício estudada por Hadot diria que aquilo que

¹⁷² “Daí esta consequência: a temática do homem, através das ciências humanas que o analisam como ser vivo, indivíduo trabalhador, sujeito falante, deve ser compreendida a partir da emergência da população como correlato de poder e como objeto de saber. O homem, afinal de contas, tal como pensado, definido, a partir das ciências ditas humanas do séc. XIX e tal como foi refletido no humanismo do século XIX, esse homem nada mais é finalmente que uma figura da população”. FOUCAULT, Michel. *Segurança, Território, População*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008. p. 103.

¹⁷³ “A exigência de ‘competitividade’ tornou-se um princípio político geral que comanda as reformas em todos os domínios, mesmo os mais distantes dos enfrentamentos comerciais no mercado mundial. Ela é a expressão mais claro do que estamos lindando não com a mercantilização sorrateira, mas com uma expansão da racionalidade de mercado a toda a existência por meio da generalização da forma-empresa. (...) Embora se distinga de um marxismo estreito, essa análise vai ao encontro de uma das intuições mais profundas de Marx, que compreendeu muito bem que um sistema econômico de produção era também um sistema antropológico de produção”. DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *A Nova Razão do Mundo: ensaios sobre a sociedade neoliberal*. Tradução de Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2016. pp. 26-7.

¹⁷⁴ Essa mudança antropológica tornou-se explícita na obra: DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *A Nova Razão do Mundo: ensaios sobre a sociedade neoliberal*. Tradução de Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2016.

¹⁷⁵ STEPHAN, Cassiana Lopes. *Michel Foucault e Pierre Hadot : um diálogo contemporâneo sobre a concepção estoica do si mesmo*. Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Paraná. Paraná: 2015.

não couber ao humano resolver com a calma, a atenção, o estudo ou a meditação, deve ser aceito como algo que não lhe compete mudar, pois pertencente à própria natureza¹⁷⁶.

Conforme se procurou em certa medida apontar, em que pese a importante tese de Han, quer seja no paradigma imunológico, quer seja no paradigma por ele denominado neuronal, é no círculo da vida que se permanece. Significa dizer que, mesmo no paradigma neuronal, estamos lidando com certa política do corpo, com os aspectos mais primordiais da vida e do governo dos vivos. As psicopatologias contemporâneas apenas demonstram um modo distinto de lidar com o corpo e a maneira de fazer produzir e responder a regimes específicos de exercícios¹⁷⁷ e de modulações técnicas. E todos esses tópicos nos mostram que o problema da antropotécnica, do seu nascimento às diversas configurações atuais de sua manifestação e preponderâncias de suas utilidades, em suma, situa-se no campo da biopolítica.

Demais disso, Foucault, em *Segurança, Território, População*, não parece estar de acordo com Han em dois aspectos: o primeiro se refere a uma contradição: a própria definição de uma estrutura ou um estado mental se relaciona, preponderantemente, com uma lógica disciplinar. Partindo dessa lógica disciplinar, Han procurou diagnosticar o paradigma neuronal, que na sua concepção seria uma sucessão das sociedades disciplinar e do controle, mas por estas não se definiria. Consideramos que a própria disciplina passou por um processo de transformação, não sendo mais aquela do regramento hermético de Jeremy Bentham. O segundo aspecto confirma essa asserção com a seguinte afirmação: “não há era do legal, era do disciplinar, era da segurança”, pois, para Foucault, não há sucessão entre essas demarcações temporais ou sociológicas¹⁷⁸. Isso porque aquilo que se transforma para Foucault são as próprias técnicas e, no mesmo sentido, mudam-se seus sistemas de correlações. Essa confirmação aponta para a questão da técnica e afirma a revelância de se falar na pesquisa criminológica em antropotécnica criminal. Contudo, faltou a Foucault dizer que o humano se transforma conjuntamente a todas as transformações da técnica e dos seus sistemas de correlações? Aliás, Foucault seria também um autor marcado pelo caráter negativo de que falou Han?

¹⁷⁶ HADOT, Pierre. *Ejercicios Espirituales y Filosofía Antigua*. Tradução de Javier Palacio. Madrid: Siruela, 2006.

¹⁷⁷ Hoje em dia passamos pela mudança das formas de trabalho que extraem força não do corpo físico, mas que fazem dos trabalhadores produtores de energias psíquicas no infotrabalho. A precarização muda de forma. Conforme Franco Berardi, o superorganismo bioinformático interioriza o sistema nervoso coletivo, transformando-o em um anexo de si mesmo e se dirige aos automatismos técnicos da rede global. BERARDI, Franco (Bifo). *Después de Futuro: desde el futurismo al cyberpunk. El agotamiento de la modernidad*. Tradução de Giuseppe Maio. Madri: Enclave de Libros, 2014. p. 155.

¹⁷⁸ FOUCAULT, Michel. *Segurança, Território, População*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008. p. 11.

Vejam os a seguinte afirmação que responde a essas duas perguntas: “o problema se coloca de maneira bem diferente: (...) quais os efeitos estatísticos sobre a população em geral, em suma, todo um problema que já não é o da exclusão, como na lepra, que já não é o da quarentena, como na peste, que vai ser o problema das epidemias e das campanhas médicas por meio das quais se tentam julgar os fenômenos, tanto os epidêmicos quanto os endêmicos”¹⁷⁹. O efeito sobre a população pode ser entendido fundamentalmente como efeito de produção antropotécnica, não à toa que é de um tipo específico de instrumento e tecnologia de governo que Foucault trata nesse curso. Na sequência, ele completa a resposta para as nossas perguntas dizendo que: “trata-se da emergência de tecnologias de segurança no interior, seja de mecanismos que são propriamente mecanismos de controle social, como no caso da penalidade, seja dos mecanismos que têm por função modificar em algo o destino biológico da espécie”¹⁸⁰.

É que aqui, ao explicar o que entende por segurança, Foucault considera três pontos que ele chama de modulações em três tempos. A primeira modulação pode ser exemplificada por uma lei penal do tipo “não matarás, não roubarás”, trazendo sua correspondente punição, que pode ser o enforcamento, o desterro ou a multa. A segunda modulação, com a mesma lei penal “não matarás, não roubarás”, e suas punições associadas, traz um conjunto de vigilâncias, controles, esquadrinhamentos, que permite descobrir quem é o criminoso antes mesmo de ele cometer o crime. No mesmo sentido a punição não se limitará ao momento, por exemplo, do enforcamento, do desterro ou da própria multa. Vai se impor ao culpado “toda uma série de exercícios, de trabalhos, de trabalho de transformação na forma, simplesmente, do que se chama de técnicas penitenciárias, trabalho obrigatório, moralização, correção, etc”¹⁸¹. A terceira modulação trará todas essas considerações, mas somadas à estatística. Dessa forma, há uma convergência dos conhecimentos, que conforma e define o regime da informação numérica como técnica de controle biopolítico. E a isso se colocará a pergunta pelo custo da punição, pressupondo-se a existência de uma quantidade razoável de crime, isto é, o crime e a criminalidade são acontecimentos prováveis, de modo que são estabelecidos de acordo com os

¹⁷⁹ FOUCAULT, Michel. *Segurança, Território, População*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008. p. 14.

¹⁸⁰ FOUCAULT, Michel. *Segurança, Território, População*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008. p. 15.

¹⁸¹ FOUCAULT, Michel. *Segurança, Território, População*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008. pp. 6-7.

limites do aceitável, e fazem perguntar até que ponto a quantidade de delitos pode ir. Essa é a funcionalidade daquilo que Foucault chamou de dispositivo de segurança¹⁸².

É de se reconhecer que Foucault também abordou em sua pesquisa, a partir dos questionamentos realizados acerca dos dispositivos de segurança, toda uma série de pontuações a respeito da articulação com o ambiente, elemento fundamental para as teses de Sloterdijk ao tratar da antropotécnica nas correlações com o seu conceito de esfera (conforme veremos no terceiro capítulos desta pesquisa). Isso se confirma com a seguinte afirmação de Foucault: “a segurança vai procurar criar um ambiente em função dos acontecimentos ou de série de acontecimentos ou de elementos possíveis, séries que vai ser preciso regularizar num contexto multivalente e transformável”¹⁸³. A impressão que se tem é a de que, muitas vezes, as teses de Sloterdijk são, na realidade, desdobramentos das ideias originárias de Foucault. O espaço transformável como fator a ser abordado traz a pergunta sobre o espaço próprio da segurança que é o “meio”, expressão esta que, segundo Foucault, foi extraída da biologia e da física. Esse espaço do aleatório, do dado, de extração de informações transformadas em número, é necessário para explicar “a ação à distância de um corpo sobre outro. É, portanto, o suporte e o elemento de circulação de uma ação”¹⁸⁴.

Consideradas essas primeiras imersões no conceito da antropotécnica, torna-se bastante oportuno realizar um cotejo dos desdobramentos do conceito com o campo da estética, lugar por excelência de subjetivação do mundo¹⁸⁵. Não se descuida que o campo da técnica seja vastíssimo, afinal de contas, a técnica integra tudo¹⁸⁶, como dissera Jacques Ellul. Por ora, avançaremos nesse caminho com o cuidado de demonstrar como, por exemplo, de uma forma sutil, a percepção humana pode pouco a pouco ser afetada e moldada a partir do uso de técnicas como a fotografia e o cinema, promovendo-se, em razão disso, consequências bastante relevantes no aparelho psíquico dos seres humanos. Como se perceberá, o texto de Walter Benjamin revela-se bastante instrutivo e esclarecedor sobre esse aspecto importante da antropotecnica. Sendo assim, o próximo tópico tratará da remodelagem da subjetividade no

¹⁸² FOUCAULT, Michel. *Segurança, Território, População*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008. pp. 6-12.

¹⁸³ FOUCAULT, Michel. *Segurança, Território, População*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008. p. 27.

¹⁸⁴ FOUCAULT, Michel. *Segurança, Território, População*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008. p. 27.

¹⁸⁵ FERRY, Luc. *Homo Aestheticus: a invenção do gosto na era democrática*. Tradução de Eliana Maria de Melo Souza. São Paulo: Ensaio, 1994.

¹⁸⁶ ELLUL, Jacques. *La Edad de la Técnica*. Tradução de Joaquim Sirera Riu y Juan León. Barcelona: Octaedro, 2003. pp. 7-10.

momento em que a fotografia e o cinema representaram uma forte expressão do avanço da técnica e acabaram operando como verdadeiras antropotecnias domesticadoras por meio do hábito.

1.3 A estética psicótica e a percepção domesticada: do hábito à remodelagem da subjetividade

Benjamin foi capaz de descrever as fortes mutações dos sentidos produzidas em razão dos avanços e dos usos de técnicas específicas, como a fotografia e o cinema¹⁸⁷, envolvendo o período de transição do século XIX para o século XX. Esses dois importantes produtos da técnica responsáveis pela reprodução inesgotável de imagens puderam desencadear a descoberta de que a subjetividade também pode ser remodelada¹⁸⁸. Benjamin percebeu, de certo modo, a formação de psicoses sociais com o manejo da percepção¹⁸⁹ coletiva. A riqueza do texto desse autor possibilita tomar como ponto de partida, por exemplo, a crítica à sociedade da exposição, esta que confere valor às coisas não simplesmente por existirem, mas por estarem expostas¹⁹⁰. Contudo, o que nos interessa entender aqui diz respeito aos efeitos antropológicos no uso de novas técnicas, campo esse que pertence às antropotecnologias.

Benjamin inicia essa crítica descrevendo a reprodução inautêntica da obra de arte, algo que teria sido realizado por determinada *praxis* política. Não à toa que o modo de influência sobre a percepção coletiva teria relação com o *medium*, o ambiente, em que se estava envolvido, assim como em seu tempo histórico. Porém, teriam de ser levadas em consideração diversas consequências geradas pelo fenômeno das massas, assim como a queda do que ele denominou por *aura*¹⁹¹.

¹⁸⁷ Os primeiros passos sobre a temática foram dados em: GLOECKNER, Rircardo Jacobsen; LEAL, David. *As Vias da Percepção: a estética psicótica no limiar da libertação poética. Cárcere em Imagem e Texto*. 1ed. Porto Alegre: Livraria dos Advogados, 2015, v. 1, p. 113-118.

¹⁸⁸ Nesse aspecto, é possível encontrar uma forte crítica por partes dos psicanalistas que falam desde a ideia de estrutura, algo que se manteria como que incontornável em um dado sujeito. LACAN, Jacques. *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro: Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

¹⁸⁹ A percepção pode ser entendida como uma função de trazer o mundo aqui. O processo de virtualização dos sentidos é realizado com as fotografias e com as câmeras, experiência considerada como virtualização dos órgãos. LÉVY, Pierre. *O que é o Virtual?* Tradução de Paulo Neves. São Paulo: 34, 2006. p. 28.

¹⁹⁰ Agamben também trouxe uma crítica muito próxima em seu texto *Nudità*. AGAMBEN, Giorgio. *Nudità*. Roma: Nottetempo, 2010.

¹⁹¹ A mudança no *medium* de percepção pode ser entendida com a decadência da *aura*, isto é, um “estranho tecido fino de espaço e de tempo: aparição única de uma distância, por mais próxima que esteja. Em uma tarde de verão, repousando, seguir os contornos de uma cordilheira no horizonte ou um ramo, que lança sua sombra sobre aquele que descansa – isso significa respirar a *aura* dessas montanhas, desse ramo”. BENJAMIN, Walter. *A Obra de Arte*

Dá que, com a fotografia, ocorreu outra mudança importante na visão de Benjamin: o valor de culto deu espaço ao valor de exposição¹⁹². Uma obra que antes era autêntica passa a ser substituída por sua reprodução em massa. Mas essa transmutação não ocorreu de modo absoluto. O valor de culto manteve sua última forma de resistência no rosto humano. Não por acaso, o retrato era central no início da fotografia, o que para o filósofo seria o último exílio para o culto e a recordação dos entes amados. Quando o homem deixou de ser o protagonista da fotografia, o valor de exposição, finalmente, ganhou essa batalha. Na leitura benjaminiana, quando Eugène Atget fotografou as ruas vazias de Paris, por volta de 1900, é como se fotografasse, em realidade, um local de crime. Então, tratar-se-ia de algo que se fotografaria em razão dos seus indícios. Eram fotos que partiam de uma recepção de sentido pré-moldada¹⁹³, definindo a impropriedade de qualquer contemplação livre. O direcionamento que o observador deveria adotar se tornava ainda mais imperativo com o cinema: cada imagem seria, praticamente, o resultado da sucessão de imagens anteriores para a sua interpretação¹⁹⁴.

Eis que o cinema passou a possibilitar uma excêntrica mudança perceptiva. Por meio dos avanços da técnica, o operador de câmera penetraria profundamente no tecido de uma dada realidade, tal como cirurgião. Benjamin explicou, ao nosso ver, um importante aspecto da formação de uma nova antropotecnica a partir de seus operadores. Com isso, o filósofo explicou uma mudança que acompanhou uma consideração técnica: se o pintor podia apreender uma realidade total, o operador de câmera obteria apenas imagens fragmentadas. Neste sentido, já se delineava a diferença de registro da câmera e do registro dos olhos, o modo de captação dos acontecimentos, de um lado, a partir do humano e, de outro, a partir da técnica. Benjamin diz em seu texto que qualquer um pode, por exemplo, observar o andar das pessoas, mas não em fração de segundos em que dão os passos. Com o uso dos recursos da câmera isso se fez

na *Época de sua Reprodutibilidade Técnica*. Tradução de Francisco de Ambrosis Pinheiro Machado. Porto Alegre: Zouk, 2012. pp. 25-35.

¹⁹² O valor de culto tem seu exemplo na produção artística cujo início estava a serviço da magia. São figurações que devem permanecer no seu lugar, ocultas, a exemplo do alce que o homem paleolítico desenha na parede, sendo um instrumento da magia e ocasionalmente ele apresenta a outros homens, pois o que importa é que os espíritos o vejam. No mesmo sentido, certas estátuas são acessíveis apenas ao sacerdote, bem como certas imagens de madonas permanecem quase todo o ano encobertas. “Com a emancipação das práticas artísticas individuais no seio do ritual, crescem as oportunidades de exposição de seu produto”. BENJAMIN, Walter. *A Obra de Arte na Época de sua Reprodutibilidade Técnica*. Tradução de Francisco de Ambrosis Pinheiro Machado. Porto Alegre: Zouk, 2012. p. 37.

¹⁹³ Aqui a percepção se torna paranoica no sentido de não permitir a vivência de novas experiências, pois tudo é analisado de uma força pré-concebida, de modo que a verdade é pré-anunciada, existe *a priori*, os fatos somente vêm a confirmá-la. Em sentido análogo: SAFATLE, Vladimir. *Paranoia como Catástrofe Social: sobre o problema da gênese de categorias clínicas*. São Paulo: Unesp, 2011.

¹⁹⁴ BENJAMIN, Walter. *A Obra de Arte na Época de sua Reprodutibilidade Técnica*. Tradução de Francisco de Ambrosis Pinheiro Machado. Porto Alegre: Zouk, 2012. pp. 45-9.

possível, permitindo-se descobrir um nível importante do inconsciente: o inconsciente óptico. E isso diz respeito a um modo específico de registro, que é o da técnica, que se extrai da realidade: “muitas deformações e estereotípias, muitas das metamorfoses e catástrofes que podem afetar o mundo da óptica no cinema, afetam esse mundo de fato nas psicoses, nas alucinações, nos sonhos”¹⁹⁵. Então, o resultado da obtenção e da apreensão da realidade a partir da técnica levaria à produção de formas psicóticas de compreensão por um tipo novo de organização das imagens - sintetizadas como realidade cinematográfica, que por certo transformou muito mais do que o próprio espaço artístico.

Quer dizer que tal tipo de registro encontrado no cinema permitiu à percepção coletiva apropriar-se de um modo individual de percepção psicótica. Benjamin acreditava que as tensões criadas pela técnica, que assumiram desde então um caráter psicótico, puderam gerar, por sua vez, uma vacina psíquica contra a psicose de massa por meio alguns filmes que elaboraram a extravagância de fantasias sádicas ou masoquistas a fim de coibir o desenvolvimento natural desse processo nas massas. Tais filmes provocariam uma explosão terapêutica do inconsciente. Eis que aqui entraria em cena um fator importante: o controle da percepção passaria a ser realizado pela mobilização do hábito. É que o aparelho perceptivo humano não se domina de uma só vez, ele tem de ser domesticado aos poucos, pela habituação. Não só pelo aparelho óptico, mas pela recepção tátil. Assim, poderia também o distraído se habituar. Seria justamente por meio da distração que se controlaria secretamente as novas tarefas da percepção. “A percepção na distração (...) tem no cinema seu instrumento de exercício próprio. Por seu efeito de choque, o cinema vem ao encontro dessa forma de recepção”¹⁹⁶. Consequência disso seria o desejo pela aproximação excessiva das coisas, criando uma percepção tátil, ou melhor, uma tatalidade sem tato¹⁹⁷, uma extensão do próprio olho, representando o fim do olhar. O olhar seria a última relação de uma sociabilidade que já se encontra em estado mínimo. David Le Breton dissera de um modo análogo que na modernidade “a única consistência do outro é muitas vezes a de seu olhar, o que resta quando as relações sociais se tornam mais distantes, mais comedidas”¹⁹⁸.

¹⁹⁵ BENJAMIN, Walter. *A Obra de Arte na Época de sua Reprodutibilidade Técnica*. Tradução de Francisco de Ambrosio Pinheiro Machado. Porto Alegre: Zouk, 2012. pp. 49-89, 101.

¹⁹⁶ BENJAMIN, Walter. *A Obra de Arte na Época de sua Reprodutibilidade Técnica*. Tradução de Francisco de Ambrosio Pinheiro Machado. Porto Alegre: Zouk, 2012. p. 115.

¹⁹⁷ HAN, Byung-Chul. *A Sociedade da Transparência*. Tradução de Miguel Serras Pereira. Lisboa: Relógio D'Água, 2014. p. 26.

¹⁹⁸ LE BRETON, David. *Adeus ao Corpo: antropologia e sociedade*. Tradução de Maria Appenzeller. Campinas: Papirus, 2013. p. 53.

Para Benjamin, a arte apresentaria a expressão de uma demanda ainda não satisfeita. No entanto, era prática cínica própria do fascismo dar expressão a uma demanda conservando, por exemplo, as relações de dominação. Daí que o fascismo produziu uma estetização da vida política. Todos os pontos dessa estetização culminariam na guerra. Somente a guerra conseguiu promover uma grande mobilização das massas e dos meios técnicos sem que, no entanto, tocasse em pontos essenciais¹⁹⁹ para a vida coletiva. A estética seria a maneira de se realizar uma guerra silenciosa pela via da percepção distraída²⁰⁰, do sensorial viciado²⁰¹. Eis o resultado da transformação técnica no âmbito das imagens, uma via suficientemente capaz de desencadear sintomas e comportamentos psicóticos em seres humanos cujos sistemas psíquicos seriam fortemente afetados por seu estado vulnerável (o vulnerável pode ser entendido como estado de ausência ou déficit de imunidade), mesmo que em momentos de tranquila distração.

As imagens, portanto, estariam à espera da reflexão, melhor dizendo: à espera do simbólico como sistema imunizador? Sem querer apresentar uma desconfiança iconoclasta²⁰², quando a imagem da violência é simplesmente deixada a si própria, ganha espaço uma estética psicótica em que ocorre, como conhecido pelos psicanalistas, um retorno do Real traumático²⁰³.

¹⁹⁹ BENJAMIN, Walter. *A Obra de Arte na Época de sua Reprodutibilidade Técnica*. Tradução de Francisco de Ambrosio Pinheiro Machado. Porto Alegre: Zouk, 2012. pp. 115-123.

²⁰⁰ Nos últimos tempos, a economia da atenção adquiriu um espaço central. Os chamados trabalhadores virtuais dispõem de cada vez menos tempo de atenção, eles estão comprometidos com uma quantidade enorme de atividades mentais que preenchem todo o tempo e o espaço da sua atenção. Eles não podem mais dedicar sua vida ao amor, ao afeto ou a si mesmos. Consomem remédios para manter a ereção, porque não têm tempo para preliminares na relação sexual. O fenômeno da celularização ocupou permanentemente o tempo da vida. Tem-se como resultado a psicopatologização da vida social. Os sintomas estão evidenciados em milhões de caixas de psicofármacos vendidos em farmácias, epidemias de déficit de atenção entre crianças e adolescentes, difusão de remédios como a Ritalina e, além disso, uma epidemia de pânico parece se espalhar por todos os lados, provalmente como efeito-colateral desse tipo de fármaco. BERARDI, Franco (Bifo). *Después del Futuro: desde el futurismo ao Cyberpunk – el agotamiento de la modernidad*. Tradução de Giuseppe Maio. Madri: Enclave de Libros, 2014. p. 159. BERARDI, Franco (Bifo). *A Fábrica da Infelicidade: trabalho cognitivo e crise da new economy*. Tradução de Orlando dos Reis. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p. 8.

²⁰¹ TÜRCKE, Christoph. *Sociedade Excitada: filosofia da sensação*. Tradução de Antonio A. S. Zuin, Fabio A. Durção, Francisco C. Fontanella, Mario Frungillo. Campinas: Unicamp, 2010. Byug-Chul Han (HAN, Byung-Chul). *Psicopolítica: neoliberalismo e as novas formas de poder*. Tradução de Alfredo Bérge. Barcelona: Herder, 2014. pp. 30-1) dirá que a técnica do choque é tipicamente disciplinaria, porque os psiquiatras antigos é que utilizavam essa técnica que tinha como finalidade barrar o indivíduo. Hoje não se trataria de bloquear, nem submeter ninguém. A psicopolítica agradaria o indivíduo. Em verdade, o choque ao contrário de Han, deve ser pensado como psicoestimulação, algo bastante típico na sociedade contemporânea que, por meio de imagens ou até de medicamentos, acelera as funções cerebrais dos indivíduos.

²⁰² Gilbert Duran deixou claro em sua obra que, em verdade, esse é um paradoxo de uma civilização, que: “(...) por um lado, propiciou ao mundo as técnicas, em constante desenvolvimento, de reprodução da comunicação das imagens e, por outro, do lado da filosofia fundamental, demonstrou uma desconfiança iconoclasta (que ‘destrói’ as imagens ou, pelo menos, suspeita delas) endêmicas”. DURAN, Gilbert. *O Imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem*. Tradução de Renée Eve Levié. Rio de Janeiro: Difel, 2001. p. 7.

²⁰³ Sobre o uso de categorias psíquicas na crítica social: ZIZEK, Slavoj. *Interrogating the Real*. New York: Continuum, 2010. ZIZEK, Slavoj. *El Espinoso Sujeto: el centro ausente de la ontología política*. Tradução de Jorge Piatigorsky. Buenos Aires: Paidós, 2011. ZIZEK, Slavoj. *Organs Without Bodies: on Deleuze and Consequences*. New York: Routledge, 2011.

O sofrimento se torna incessante em uma espécie de prisão estético-psicótica, pois é a reprodução de um choque²⁰⁴, por meio da imagem, que passa a perseguir a percepção domesticada.

A partir do presente recorte do texto benjaminiano, questionamos: a reprodução das imagens da experiência social já não estaria condenada à estética psicótica? Ou, ao contrário, a repetição (reprodutibilidade técnica das imagens), protagonizando a morte da singularidade, seria não efeito deletério, mas contraveneno alucinatório e imunizante de um inconsciente óptico em desespero? Por isso a pergunta: seria possível e necessário encontrar as vias da percepção pós-psicótica ou seria justamente o contrário o caminho a se seguir, qual seja: a partir da psicose, dever-se-ia refazer os questionamentos mais básicos a respeito da modelagem das subjetividades na contemporaneidade? A produção de certa subjetividade psicótica demonstraria que em nossa época houve o rompimento com mecanismos imunitários capazes de proteger os nossos sistemas psíquicos? Se as vias da percepção domesticada à época de Benjamin conduziram ao inevitável aprisionamento psicótico, haveria alguma possibilidade de evasão desse processo aprisionador? Sloterdijk apontou que houve um deslocamento cultural²⁰⁵ em nosso tempo, colocando o cinema como um dos principais produtos da indústria cultural que seria responsável pela grande desinibição desencadeadora de violência.

De toda sorte, Benjamin estava ciente da relação do político com as estratégias de controle da percepção e, com ele, pode-se dizer que, se existe uma artimanha do exercício de um poder domesticador com a exposição da imagem do inumano, aquilo que provoca choque com os fragmentos imagéticos da realidade da violência (verdadeiro inconsciente a céu aberto²⁰⁶, como na fórmula lacaniana²⁰⁷), seria preciso evitar as vias de atribuição de sentido pelos indícios que pré-determinam a percepção para que o uso da técnica não se converta em instrumento político da repressão, tal como o fascismo se constituiu como estética do político. Não é de pouca importância a crítica realizada por Benjamin, afinal de contas, cada um tem a

²⁰⁴ Sobre o uso das imagens da violência como choques viciantes: TÜRCKE, Christoph. *Filosofia do Sonho*. Tradução de Paulo Rudi Schneider. Ijuí: Unijuí, 2010. TÜRCKE, Christoph. *Sociedade Excitada: filosofia da sensação*. Tradução de Antonio A. S. Zuin, Fabio A. Durção, Francisco C. Fontanella, Mario Frungillo. Campinas: Unicamp, 2010.

²⁰⁵ SLOTERDIJK, Peter. *Se a Europa Despertar: reflexões sobre uma potência mundial ao final da era de sua letargia política*. Tradução de José Oscar de Almeida Marques. São Paulo: Estação liberdade, 2002.

²⁰⁶ SOLER, Colette. *O Inconsciente a Céu Aberto da Psicose*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

²⁰⁷ LACAN, Jacques. O seminário. As psicoses. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

confiança perceptiva de estar ligado ao mundo pelo próprio olhar²⁰⁸. Quando o olhar se reconfigura, o mundo se transforma conjuntamente.

De fato, existe a possibilidade de uma eficiente afetação dos sentidos humanos por meio do cinema, algo que, no uso das imagens e por meio do hábito, normalmente destinada a um consumidor passivo que anestesia a criatividade individual e a imaginação²⁰⁹, vislumbra-se certo tipo de antropotécnica domesticadora da percepção, maneira igualmente capaz de produzir psicopatologias em uma estreita relação com a técnica. Por isso, a relação politicamente estabelecida entre técnica e humano é produtora de consequências relevantíssimas para serem pensadas.

No caminho conduzido pelo aspecto essencial das psicopatologias antropotécnicas, torna-se oportuno realizar uma leitura de um caso de psicose que ficou famoso no texto de Freud. Trata-se do caso do Presidente Schreber, cujo cerne da questão aqui passa a ser interpretado como produto de normatizações psicopatogênicas, revelando um tipo de psicopatologia desenvolvida desde a conexão de múltiplas incidências da técnica sobre o corpo do indivíduo, um corpo atormentado. Schreber representa um caso paradigmático de estudo da paranoia na transição do séc. XIX para o séc. XX, uma categoria de época constituída por certas formas de repressão, que estaria do lado de outras expressões da subjetividade que se manifestavam com as neuroses obsessiva e histérica, mas que destas se distinguiu. A escolha por esse caso revela-se oportuna em razão de sua doença dos nervos encontrar uma forte explicação pelos efeitos da antropotécnica, em uma época regulada pelo saber médico. Assim, sendo a psicanálise uma técnica de sensibilização e de crítica da cultura, cabe perguntar sobre o significado da narrativa do sofrimento de Schreber e do seu adoecimento psíquico e se a antropotécnica teria algo a dizer sobre esse tema.

1.4 O caso Schreber: um sonho de modelagem e os sintomas²¹⁰ da intervenção antropotécnica com a modelação normativa do corpo

²⁰⁸ SOLER, Colette. *O Inconsciente a Céu Aberto da Psicose*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

²⁰⁹ DURAN, Gilbert. *O Imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem*. Tradução de Renée Eve Levié. Rio de Janeiro: Difel, 2001. p. 118.

²¹⁰ Cabe mencionar que para Christian Dunker, por exemplo, o sintoma é o fragmento de uma liberdade perdida. DUNKER, Christian Ingo Lenz. *Mal-Estar, Sofrimento e Sintoma: uma psicopatologia do Brasil entre muros*. São Paulo: Boitempo, 2015. p. 32.

A proposta deste tópico consiste em estabelecer um paralelo entre a pesquisa desenvolvida por Freud a respeito da psicose de Daniel Paul Schreber²¹¹ e o conceito da antropotécnica, destacando dois pontos interpretativos do caso: a incidência da técnica sobre o corpo como suscetivelmente produtora de psicopatologias, com grande potencial para a paranoia; e a crise simbólica do paradigma do poder político que governa sobre essa importante dimensão do político, que é o corpo. Tal paralelo encontra respaldo nas conclusões apresentadas por Freud sobre a paranoia de um juiz que chegou a ser nomeado Presidente do Tribunal da Saxônia, construindo no auge da sua doença dos nervosos certos delírios que o envolviam em um grande empreendimento a serviço de Deus.

A psicopatologia de Schreber, não sendo apenas uma confusão momentânea, confirmou-se como uma questão com características de uma literatura menor, porém de importância fundamental, que será aqui pensada à semelhança do que disseram Deleuze e Guattari a respeito de Kafka: “quando Kafka indica dentre os fins da literatura menor ‘a depuração do conflito que opõe pais e filhos e a possibilidade de debatê-los’, não se trata de um fantasma edipiano, mas de um programa político”²¹². Esse programa político encontra ressonância profunda no governo biopolítico pela perspectiva da antropotécnica como uma literatura menor, que dispõe de um problema coletivo, pois não são alcançados apenas pelos enunciados individuais, e tampouco é separado de uma enunciação coletiva. O relato de Schreber como um discurso individual consistiu em algo inédito até então, que foi reencontrado na literatura freudiana. Aquilo que Schreber fez sozinho, Freud revelou ser de relevância comum. Os campos da técnica, da ciência, da política, da história e da literatura contaminaram os relatos de Schreber e, portanto, se tornaram relatos do coletivo por força de ressonância: seu espaço é o ar. Sua literatura foi como que produzida por solidariedade, não à toa que ele endereçava seu discurso ao proveito da ciência. É difícil de negar que Schreber, apesar de sua psicose, produziu também uma comunidade em potencial, uma comunidade de amigos virtuais, por sua carta volumosa enviada a quem quer que fosse se interessar pelo relato de suas experiências delirantes em sanatórios: “como o cão das *Pesquisas* que na sua solidão faz apelo

²¹¹ Schreber passou por três períodos de transtornos mentais que o levaram a ser internado. Conforme Niederland, todos dizem respeito ao que se entende por esquizofrenia do tipo paranoide. Nos anos de 1884-5 (crise que perdurou por seis meses), seu diagnóstico foi de grave hipocondria. Nos anos de 1893-1902 (crise que teve nove anos), a doença diagnosticada foi a paranoia (*dementia paranoides*). No último período, de 1907-1911 (com quatro anos de crise), o diagnóstico também foi o de paranoia. Schreber chegou a ficar quatorze anos internado em clínicas e hospitais, mas também chegou a assumir funções de grande prestígio na Saxônia. NIEDERLAND, William G. *O Caso Schreber: um perfil psicanalítico de uma personalidade paranoide*. Tradução de Carlos Roberto Olibeira. Rio de Janeiro: Campus, 1981. pp. 25-8.

²¹² DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Kafka: para uma literatura menor*. Tradução de Rafael Godinho. Lisboa: Assírio & Alvim, 2002. p. 39.

a uma *outra ciência*”²¹³. Sua leitura é assunto da população²¹⁴. Sua literatura sintomática não aponta para um sujeito do enunciado quando o esconde em Deus, Sol, raios, singnificantes recorrentes nas *Memórias*²¹⁵. Foi preciso da ajuda de Freud para saber de quem se tratava. Seus delírios foram o relato do absurdo do seu tempo.

A missão de Schreber, segundo sua própria concepção, somente poderia se realizar na medida em que, em um primeiro estágio, ele atravessasse uma espécie de metamorfose, a *transmutação* ou modelagem do seu próprio corpo de homem para transformar-se em um corpo de mulher. À maneira kantiana, esse era seu dever: transformar-se na mulher de Deus. Não se tratava de um desejo seu, mas de um dever imposto pela ordem divina, que fundamentava a “ordem das coisas”. Após sua união com Deus, quando já transformado em mulher, dessa relação nasceria uma raça de homens melhores e mais saudáveis²¹⁶. Não por outro motivo, um paranoico individual é aquele que pode em certa ocasião dizer e agir em nome de todo um povo²¹⁷.

Importante acrescentar que além de uma intrigante postura frente a sua divindade, Schreber pensava estar incumbido da missão de redimir o mundo e lhe entregar o estado de beatitude que há muito fora perdido. Para ele, havia “algo de podre no mundo”. As visões de Schreber, sem dúvida alguma, prefiguravam os acontecimentos catastróficos do séc. XX e XXI, mas não como um desejo autoritário que se refletiria em sua vontade de poder. Bem o contrário. Schreber foi um corpo ressonante, que fez ecoar as consequências de uma forma bem específica de governo do corpo como uma excessiva domesticação antropotécnica. Mais ainda: algo interligado a esse apelo antropotécnico de intervenção seria a crise que se denominou “crise de investidura” – certo fracasso da autoridade e legitimidade simbólicas – foi se tornou como que um espectro que pairava sobre sua época. Esse déficit de legitimidade simbólica pode levar a uma busca de confirmação real do poder, desencadeando um controle material excessivo sobre

²¹³ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Kafka*: para uma literatura menor. Tradução de Rafael Godinho. Lisboa: Assírio & Alvim, 2002. p. 40.

²¹⁴ Parafrazeamos aqui Deleuze e Guattaria quando falavam da literatura menor de Kafka: “a literatura é assunto do povo”. DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Kafka*: para uma literatura menor. Tradução de Rafael Godinho. Lisboa: Assírio & Alvim, 2002. p. 40.

²¹⁵ SCHREBER, Daniel Paul. *Memórias de um Doente dos Nervos*. Tradução de Marilene Carone. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

²¹⁶ Hoje em dia, fala-se da transição do *homo faber* para o *homo deus*, como na obra de Yuval Noah Harari HARARI, Yuval Noah. *Homo Deus*: uma breve história do amanhã. Tradução de Paulo Geiger. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

²¹⁷ Como bem irá destacar Sloterdijk, sem uma boa dose de paranoia, as nações modernas não poderiam ser factíveis. SLOTERDIJK, Peter; HEINRICHS, Hans-Heinrichs. *O Sol e a Morte*: investigações Dialógicas. Tradução de Carlos Correia Monteiro de Oliveira. Lisboa: Relógio D’Água, 2007. p. 68.

o corpo. Quiçá Schreber tenha sido afetado pela decadência do seu tempo mais intensamente nos momentos de chamamento ao poder, especialmente na fase de sua vida em que foi nomeado presidente do Tribunal da Saxônia (representando, entre outras coisas, sua dificuldade de assumir uma função paterna²¹⁸)²¹⁹. Por outro lado, e isso não exclui o fato de que o performativo seja uma ferramenta antropotecnológica, é também de se pensar em sua psicopatologia como defesa contra um alto nível de incidência da técnica. Por isso, parece bastante interessante revisar sutilmente os mecanismos da sua paranoia como uma potente ferramenta, um astuto dispositivo defensivo contra as ordens políticas do excesso (totalitarismo, fascismo, autoritarismo e até mesmo democracia), em que pese esses instrumentos da resistência tenham levado Schreber à loucura e ao isolamento.

A paranoia é tratada aqui, em síntese, como a denúncia de que foram extrapolados determinados limites de incidência sobre o corpo modelável em transformação. Schreber foi quem denunciou essa transgressão de fronteiras, esse excesso de poder e influência emanados de autoridades reais ou simbólicas. Uma das lições primordiais extraídas da paranoia de Schreber foi a de que há em nossa era um grande déficit de crença e de legitimidade nas instituições e autoridades – o que representa um déficit imunitário. O crédito que não lhes reservamos, na condição de sujeitos em comunidade, advém e ao mesmo tempo fomenta um estado de crise, que pode ser entendido como crise de governamentalidade²²⁰. Não acreditamos mais nas instituições e estamos obcecados pela desconfiança e pela denúncia de todas as formas de transgressão. A paranoia nesse aspecto teria algo a dizer para os desdobramentos da antropotécnica, quando, por exemplo, mostra-se sensível às intervenções invasivas sobre o corpo? Antes de avançarmos em mais perguntas que talvez fiquem sem respostas, retornaremos a Schreber²²¹, no mérito da sua patologia.

²¹⁸ NIEDERLAND, William G. *O Caso Schreber: um perfil psicanalítico de uma personalidade paranóide*. Tradução de Carlos Roberto Olibeira. Rio de Janeiro: Campus, 1981. pp. 70-8.

²¹⁹ Tem-se aqui como ponto de partida algumas interpretações de Eric Santner sobre Schreber. Ver em: SANTNER, ERIC L. *A Alemanha de Schreber: uma história secreta da modernidade*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

²²⁰ Emprega-se aqui o sentido que Dardot e Laval atribuem à crise do neoliberalismo como sendo uma crise da governamentalidade, isto é, crise de um sistema de normas que regem uma forma de vida mundializada. DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *A Nova Razão do Mundo: ensaios sobre a sociedade neoliberal*. Tradução de Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2016.

²²¹ Sobre o tema: MELMAN, Charles. *Retorno a Schreber*. Tradução de Conceição Beltrão Fleig. Porto Alegre: CMC, 2006.

Daniel Paul Schreber publicou, em 1903, o seu livro autobiográfico intitulado *Memórias de um Doente dos Nervos*²²², no qual narra as impressões sobre sua experiência psíquica, que foi uma descrição dos seus estados físicos e emocionais no período em que foi mantido em instituições para doentes mentais²²³. É inegável que Schreber tenha se tornando o caso de paranoia²²⁴ mais emblemático do séc. XX por força do empreendimento de Freud, que viu nas *Memórias* um livro inestimável, bem como material de análise bastante valioso. Não é de miúda relevância que Schreber tenha sido nomeado juiz presidente da Suprema Corte da Saxônia, no ano de 1893 e, nesse período, depois de tomar posse do cargo, tenha sido internado, já pela segunda vez, em uma clínica psiquiátrica. Até a chegada de sua morte, em 14 de abril de 1911, Schreber permaneceu internado em diversas instituições para doentes mentais.

No seu mundo particular, Schreber insultava o sol, chamando-o de prostituta; requisitava o cianeto de potássio que dizia lhe estar destinado; acreditava sofrer perseguições por parte de pessoas que queriam lhe prejudicar, a principal delas seria o seu médico Paul Emil Flechsig²²⁵, acusado de “assassinato da alma”. Schreber desenvolveu uma estrutura delirante que – apesar da origem patológica de suas ideias – não o impedia de manter um aparente estado de sanidade. Ele acreditava ser detentor da missão messiânica de redimir o mundo e de fazer a humanidade retornar a um estado de beatitude – um estado de melhoria – há muito perdido. Esse desfecho escatológico, todavia, dependia de um dever atribuído por Deus: seu corpo de homem teria de se transformar em corpo de mulher, a chamada emasculação. Assim, Schreber repovoaria o mundo com a prole do seu corpo.

Freud procurou demonstrar que a fantasia soteoriológica detinha uma importância secundária, emergindo a emasculação de Schreber como verdadeiro núcleo da sua psicose. A relação estabelecida por Schreber com seu primeiro médico, concebido como instigador da sua doença dos nervos, seria o caminho interpretativo para compreender a trama que construía seu sistema delirante. Tratava-se, na realidade, de reconhecer que havia sido desenvolvido um sentimento fruto do processo de transferência²²⁶, como Freud mesmo procurou defender. O médico seria um substituto da figura de seu irmão e Deus a representação do seu pai (essas

²²² SCHREBER, Daniel Paul. *Memórias de um Doente dos Nervos*. Tradução de Marilene Carone. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

²²³ NIEDERLAND, William G. *O Caso Schreber: um perfil psicanalítico de uma personalidade paranóide*. Tradução de Carlos Roberto Oliveira. Rio de Janeiro: Campus, 1981. p. 27.

²²⁴ QUINET, Antonio. *Na Mira do Outro: a paranoia e seus fenômenos*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2002.

²²⁵ FREUD, Sigmund. *Obras Psicológicas Completas*, v. XIII. Trad. De Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 25.

²²⁶ FREUD, Sigmund. *Obras Psicológicas Completas*, v. XIII. Trad. De Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 56.

figuras se alternam em seu delírio). Sua posição passiva frente ao médico representaria o seu amor por essas figuras oriundas de uma significação primária. A pergunta que Freud elaborou na investigação da paranoia de Schreber não é tão simples como parece: alguém, contudo, que em um primeiro momento foi amado, posteriormente, poderia ser tão facilmente odiado? É que o desejo homossexual de Schreber, por um mecanismo de projeção da paranoia, transformou Flechsig (primeiro psiquiatra de Schreber) em um perseguidor²²⁷, tamanha era a negação de Schreber frente a esse sentimento, trazendo à sua representação a seguinte síntese negativa: “eu não o amo, pois ele me persegue”. Isso se deve à necessidade de que as percepções internas – os afetos – sejam cambiadas por percepções externas. Ao que parece, aqui opera um dispositivo curioso que exige que um afeto seja desmentido e projetado na realidade exterior²²⁸. A resistência à fantasia feminina, para Freud, revelou-se como reação exercida pela personalidade de Schreber que desencadeou verdadeiros delírios de perseguição²²⁹. Freud associou as fantasias femininas à frustração de Schreber por não ter tido filhos (de acordo com seu próprio relato, após a recuperação da primeira doença, ele viveu feliz oito anos com sua mulher, exceto pelo fato de não terem tido filhos) e, deste modo, por não poder dar continuidade à sua linhagem, algo extremamente representativo em um tempo em que a hereditariedade estava no centro das preocupações. Provavelmente, Schreber se defrontou com a questão da impotência na sua condição de varão. Porém, é justamente em certo estágio de conciliação que, à sua maneira, ao se transformar em mulher, o assunto de ter filhos encontraria solução. Nesse ponto, fatores biográficos se tornam relevantes à compreensão da sua paranoia, que interpretamos como um complemento às psicopatologias no sentido antropotécnico como doença da técnica. O fato de o pai de Schreber, Dr. Daniel Gottlieb Moritz Schreber, fundador da ginástica terapêutica e autor de técnicas pedagógicas, ter sido um médico eminente e respeitado por seus textos sobre saúde pública e pedagogia justificaria as características mais sobressalientes da figura divina desse doente. Por isso, tem de se levar em conta que o pai Schreber desenvolveu um rigoroso sistema antropotécnico de intervenções e de controles pedagógicos que teriam resultado em grande parte nas experiências traumáticas de seu filho, tais como dispositivos

²²⁷ A finalidade da conspiração de Flechsig seria a de submeter a alma de Schreber e controlar seu corpo após transformar-se em mulher, largando-o a abusos sexuais extremos. NIEDERLAND, William G. *O Caso Schreber: um perfil psicanalítico de uma personalidade paranóide*. Tradução de Carlos Roberto Olibeira. Rio de Janeiro: Campus, 1981. p. 34. Aqui também um fenômeno emocional é registrado como transitivismo. Schreber devolve em relação ao outro um desejo homossexual que lhe perseguia, transformando seu médico em perseguidor. Paralelamente, Jacques Lacan dirá: “a criança que bate diz que bateram nela, a que vê cair, chora”. LACAN, Jacques. *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro: Editora Zahar, Rio de Janeiro, 1998. p. 116.

²²⁸ SANTNER, ERIC L. *A Alemanha de Schreber: uma história secreta da modernidade*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. p. 71.

²²⁹ FREUD, Sigmund. *Obras Psicológicas Completas*, v. XIII. Trad. De Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. pp. 56-9.

disciplinares de correção do corpo, que trouxeram certa confirmação realista de seus delírios, ou um núcleo de verdade histórica (apesar de distorcida) nos relatos de suas memórias²³⁰.

Vejamos que em uma nota de roda-pé explicativa, no capítulo intitulado *Danos à Integridade Física por meio de Milagres*, é o próprio Schreber que faz um relato antropotécnico: “quanto a isso, posso apenas assegurar que nenhuma recordação da minha vida é mais segura do que os milagres relatados no presente capítulo. Pois o que pode haver de mais certo para o homem do que aquilo que ele experimenta e sente no seu próprio corpo?”²³¹. Nesse relato se vê que seus estímulos internos eram experienciados como de origem externa. E, frequentemente, os chamados raios milagrosos provocaram reações e alterações em seu próprio corpo. Provavelmente, os raios divinos teriam relação com as antropotécnicas de modelação paterna materializadas em seus aparelhos pedagógicos que tinham a finalidade de atingir a boa postura corporal, a exemplo da “máquina-de-atar-cabeça”, que apareceu na descrição do paciente²³². A produção de delírios lastreados em uma relação de objeto com a técnica pedagógica e seus dispositivos correspondentes utilizados por sua figura paterna, se expressou em outras declarações de Schreber:

(...) tinha a sensação de que toda a minha calota craniana se tornava temporariamente mais delgada; de acordo com a minha concepção, esse processo consiste no fato de que a matéria óssea da minha calota craniana é em parte pulverizada pela ação destrutiva dos raios, mas depois, particularmente durante o sono, a calota é de novo restaurada²³³.

A promoção da saúde física foi algo pelo que o pai de Schreber teve enorme apreço durante toda a sua vida e, provavelmente, por ter sido uma criança franzina, doente e de pequena estatura. Suspeita-se que ele tenha sofrido de tuberculose na adolescência. Todos esses fatores

²³⁰ Essa é a tese defendida por Niederland na década de 1950, que procurou explicar a doença mental de Schreber por meio da figura de seu pai. NIEDERLAND, William G. *O Caso Schreber: um perfil psicanalítico de uma personalidade paranóide*. Tradução de Carlos Roberto Olibeira. Rio de Janeiro: Campus, 1981. p. 88. SANTNER, ERIC L. *A Alemanha de Schreber: uma história secreta da modernidade*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. p. 9.

²³¹ SCHREBER, Daniel Paul. *Memória de um Doente dos Nervos*. Tradução de Marilene Carone. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995. p. 128.

²³² “Era – justamente com o milagre de compressão do peito – o milagre mais abominável; a expressão usada para designá-lo era, se bem me lembro, ‘máquina-de-atar-cabeça’. Aproximadamente no centro da minha calota craniana, devido aos inúmeros fluxos de raios etc., surgira uma profunda fenda ou cisão, provavelmente visível, não por fora, mas por dentro. Os ‘diabinhos’ ficavam dos dois lados dessa fenda e, girando uma espécie de manivela, comprimiram a minha cabeça como um torno, de tal modo que ela às vezes assumia uma forma alongada, quase como uma pêra”. SCHREBER, Daniel Paul. *Memória de um Doente dos Nervos*. Tradução de Marilene Carone. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995. pp. 133-4.

²³³ SCHREBER, Daniel Paul. *Memória de um Doente dos Nervos*. Tradução de Marilene Carone. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995. p. 131.

e, em razão de seu tamanho, podem ter levado o pai de Schreber a ser dispensado do serviço militar. Contudo, com a prática de atividades físicas metódicas e com a prática da ginástica calistênica, ele se tornou um homem forte, excelente nadador, ginasta e chegou a vencer uma competição de atletismo quando jovem. Schreber-pai criou um sistema complexo de exercícios e o chamou de ginástica médica de salão. Sendo autor de diversas ideias sobre cuidado físico e sobre o crescimento, seu nome se tornou muito conhecido, até os dias atuais, tendo seus livros - que trataram de fisiologia, higiene, anatomia humana e cultura física - sido traduzidos para diversas línguas. Com isso, difundiu o que, posteriormente, chamou de “evangelho da saúde” e seus métodos foram utilizados para a criação rigorosa de seus filhos²³⁴. Daniel Gottlieb Mortitz Schreber foi um reformador social da medicina e da educação, mas seu nome também concentrou inúmeras outras qualificações: era escritor (escreveu e publicou em torno de vinte livros, chegando a dedicar seu trabalho às futuras gerações), conferencista, pedagogo, professor da escola de medicina de Leipzig, especialista em ortopedia, tornando-se também médico do instituto de ortopedia da sua cidade. Logo após sua morte, L. M. Politzer escreveu o obituário desse famoso reformador social e lhe atribui diversos elogios, referindo-se a ele como “(...) médico, professor, nutricionista, antropólogo²³⁵, ginasta e, acima de tudo, um homem de ação”²³⁶. O conjunto de determinações do sistema educacional do pai de Schreber trazia um conselho a pais e educadores que consistiu em empenhar o máximo de pressão e correção às crianças nos seus anos de vida iniciais, pois o adequado encaminhamento pessoal evitaria enormes dificuldades futuras. Logo, ao sujeitar a criança a um esquema rígido de treino físico, bem como a exercícios musculares em combinação com medidas de controle emocional, seria promovida a saúde física e mental do filho ou do aluno, uma vez que elas visariam a eliminar a natureza primitiva ainda muito presente na criança. É inegável que o pai de Schreber tenha alimentado um grande apreço à correção pedagógica das crianças com a utilização de medidas e instrumentos destinados a manter suas posturas perfeitamente eretas e em tempo integral (em pé, sentados, caminhando, deitados, dormindo, em casa ou na escola, etc., o controle era exercido no seu projeto de criação em tempo total). Não à toa que o pai de Schreber chegou a criar instrumentos ortopédicos, como fitas, cintas, presilhas, fixador de cabeça (aparelho chamado *kopfhalter*, que seria utilizado para o correto crescimento da mandíbula, do maxilar e

²³⁴ NIEDERLAND, William G. *O Caso Schreber: um perfil psicanalítico de uma personalidade paranóide*. Tradução de Carlos Roberto Olibeira. Rio de Janeiro: Campus, 1981. pp. 23-4.

²³⁵ Curioso que o pai de Schreber produziu desenhos de corpos em abundância em seus livros, destacando um caráter estético e utópico de criação projeção do ser humano, além de ter produzido desenhos de materiais de dissecação pelo fato de ter sido médico ortopedista e considerado, em razão disso, antropólogo.

²³⁶ NIEDERLAND, William G. *O Caso Schreber: um perfil psicanalítico de uma personalidade paranóide*. Tradução de Carlos Roberto Olibeira. Rio de Janeiro: Campus, 1981. p. 66.

do crânio), e outras contenções mecânicas (verdadeiros limites não simbólicos, mas reais, como a “máquina-de-amarrar-a-cabeça”, que faz lembrar os instrumentos da antropometria do séc. XIX, conforme se verá no segundo capítulo). Com o propósito de promover a modelagem do corpo, foi criado um aparelho completo de ginástica, chamado *Pangymnastikon*, que agruparia um sistema integral de exercícios, sendo esse instrumento técnico utilizado para se adquirir força muscular e resistência. Tudo isso, com implacável autoritarismo, Schreber-pai – um pai simbiótico, porque constantemente intrusivo - empregou em seus filhos, que se tornaram os primeiros alvos de um esforço agressivo que pretendeu promover uma raça de homens mais saudáveis. Até porque as próprias doenças físicas eram vistas pelo pai de Schreber como provações de caráter. Daí que na sua concepção, a observância dos princípios higienoterapêuticos, junto ao uso de seu sistema de educação, resultaria em uma autêntica forma de vida. Tais métodos nasceram de uma patologia, foram recomendados a pais, educadores, escolas e autoridades de governos, em diversas obras sob a imagem de uma reforma pedagógica²³⁷, que dizia evitar a moleza física e a degenerescência da juventude, em especial provocadas pelo hábito da masturbação e outras práticas ocultas²³⁸.

A essa altura, torna-se bastante pertinente interpretação que Eric Santner²³⁹ faz do mundo particular de Schreber. Santner percebe na série de identificações perversas de Schreber (ser mulher de deus, utilizar adornos femininos na frente no espelho, etc.) uma resposta peculiar que lhe permitiu não ceder aos métodos autoritários, tanto os criados por seu pai, quanto os advindos do regime de controle biopolítico dos corpos de sua época. Certo é que, nesta hipótese, interpreta-se o caso de modo complementar à investigação empreendida por Freud, transcendendo-se a singularidade (seja por uma explicação psíquica ou biológica) da doença mental de Schreber a fim de identificar o núcleo paranoico como um corpo ressoante

²³⁷ Na linha da interpretação de Niederland, pode-se encontrar também certa correspondência à historicidade da psicose de Schreber no que este chamou de milagre do cóccix, que nada mais era do que uma delirante referência aos métodos pedagógicos para a boa postura das crianças: “(...) nele as vértebras inferiores eram submetidas a uma dor semelhante à da corrosão óssea. O objetivo era impedir de sentar ou deitar. Em feral, não se suportava que eu ficasse muito tempo em nenhuma posição ou atividade: se eu caminhava, tentava-se me obrigar a deitar, e, se eu me deitava, era expulso da cama. Os raios pareciam não compreender que um homem que realmente existe afinal precisa estar em algum lugar”. SCHREBER, Daniel Paul. *Memória de um Doente dos Nervos*. Tradução de Marilene Carone. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995. p. 134.

²³⁸ Conforme Niederland, são recomendadas representações conjugadas com exercícios para o emprego correto das palavras. Com isso, maneiras consideradas maus hábitos, como estalar a língua, respirar ruidosamente, eram intensamente repreendidos. As medidas disciplinares coercitivas – se necessário físicas - eram aplicadas à mínima transgressão, mesmo em idade tenra da criança. NIEDERLAND, William G. *O Caso Schreber: um perfil psicanalítico de uma personalidade paranóide*. Tradução de Carlos Roberto Olibeira. Rio de Janeiro: Campus, 1981. pp. 66-85.

²³⁹ SANTNER, ERIC L. *A Alemanha de Schreber: uma história secreta da modernidade*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. p. 11.

das formas de domesticação da época e seus instrumentos políticos de operação. De fato, a análise dos mecanismos da paranoia permite trazer à discussão a noção de que o sujeito precisa encontrar um lugar no interior de uma rede simbólica, que é, em sentido equivalente, componente do laço social²⁴⁰. Evidentemente, essa compreensão do caso se difere das leituras da paranoia como elemento estruturante e fundamental à formação das ideologias autoritárias²⁴¹. Por outro lado, compreender a paranoia como resistência²⁴² a um desejo por mandamento autoritário implica retornar a determinadas operações presentes não só na psicose de Schreber, mas também expandir para o campo do simbólico (que é o campo da realidade socialmente pré-construída) aquilo que no campo do imaginário se definiu com a afirmação: “o delírio é uma tentativa de cura”, conforme restou patente na obra de Freud²⁴³. Ao que parece, Schreber não encontrou qualquer defesa ou técnica imunológica para se proteger daquilo que excedeu seus limites de legitimidade, senão os seus próprios mecanismos perversos em associação com o seu particular sistema delirante.

Fatores de maior relevância são os seguintes: as mesmas expressões utilizadas na cosmologia delirante de Schreber foram empregadas pela crítica social da época – decadência, degeneração²⁴⁴, debilitação, etc., até porque o clima dos tempos serve sempre como motivação determinante para a produção do conteúdo de ideias delirantes²⁴⁵ - que chegaram a ser as metáforas do declínio cultural apropriadas pelos ideólogos do nacionalsocialismo, por cientistas, médicos e antropólogos, a exemplo da antropologia criminal quando definiu o criminoso como um ser degenerado. Vejamos que ao referir esse período preciso como *fin-de-siècle*, Baumer reconheceu que: “na maior parte das vezes, embora o seu significado não fosse muito preciso, referia-se a ‘decadência’ das décadas de 1880 e 1890, a certas modas novas,

²⁴⁰ O laço social é algo que encontra certa fragilidade nas psicoses, algo que está sempre correndo o risco de se romper. Sobre essa questão, ver: QUINET, Antonio. *Na Mira do Outro: a paranoia e seus fenômenos*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2002.

²⁴¹ Mais adequado seria dizer no seguinte sentido: “a paranoia seria uma espécie de estado de normalidade daqueles envolvidos com os jogos discursivos de poder, uma doença de poder”. GLOECKNER, Ricardo Jacobsen. Há Algo de Podre no Direito. In: *Direitos Humanos e Terrorismo*. JOBIM, Augusto (org); PEREIRA, G. O. L. (org); BORGES, Rosa Maria Zaia. Porto Alegre: Edipucrs. p. 96.

²⁴² “El ‘caso Schreber’ es prototípico de la sociedad disciplinaria de siglo XIX, en la que regía por completo la prohibición estricta de la homosexualidad y el placer”. HAN, Byung-Chul. *Topología de la Violencia*. Tradução de Paula Kuffer. Barcelona: Herder. p. 53.

²⁴³ FREUD, Sigmund. *Obras Psicológicas Completas*, v. XIII. Trad. De Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. pp. 56-9.

²⁴⁴ Na mesma época, Lombroso relacionava genialidade e loucura, colocando em um terreno próximo a capacidade criativa nos domínios da degeneração. LOMBROSO, Cesare. *L'uomo di Genio: in rapporto alla psichiatria, alla storia e all'estetica*. Turin: Fratelli Bocca, 1894. Nessa linha, o gênio seria uma espécie de “degenerado superior”. LEITE, Júlia Cristina Tosto. *Psicose e Escrita: ao pé da letra*. Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Psicologia. Rio de Janeiro, 2012. p. 158.

²⁴⁵ NIEDERLAND, William G. *O Caso Schreber: um perfil psicanalítico de uma personalidade paranóide*. Tradução de Carlos Roberto Olibeira. Rio de Janeiro: Campus, 1981. p. 105.

filosóficas e artísticas, identificadas por Max Nodau, no seu livro intitulado *Degeneração*²⁴⁶. É algo central o diagnóstico de degenerescência no final do séc. XIX, um estado de esgarçamento cultural, de perda de credibilidade nas instituições, de perda de crença na forma da composição da sociedade tradicional, conforme sustentavam com grande força os postulados produzidos pelas pesquisas sobre os problemas da hereditariedade em raças primitivas. Esse esgotamento ideológico foi resultado do ritmo frenético das inovações tecnológicas, científicas e de consequências socioeconômicas. Além disso, com a descoberta da segunda lei da termodinâmica (lei da entropia) que gerou a ideia de desperdício de energia pelo trabalho humano nas ideias sobre uma ética social de preservação e maximização da produtividade da máquina-corpo, realmente, caracterizava-se uma ênfase no corpo responsável pela abertura de uma perspectiva científica como controle dos transtornos sociais, políticos e culturais. Somada à ideia de dissolução das identidades simbólicas, creditou-se ao conhecimento científico a possibilidade de restabelecer o lugar do sujeito numa rede simbólica²⁴⁷, ainda que essas definições, por exemplo, apontassem para o lugar do homem na natureza.

É esse exatamente o tempo de Schreber. Os problemas que envolviam a transmissão dos legados de legitimação social (bastante presentes em seu discurso a respeito de títulos, nomes, linhagens) demonstraram que as aflições de ordem psíquica não foram resultado da ausência “ou falta de acesso a locais e recursos de legitimação, mas de uma espécie de insólito excesso de poder e influência secretados por ele”²⁴⁸. Isso ficou bastante claro quando Schreber dissera que deus se mantinha distante dos seres humanos vivos e só entendia dos mortos (não se pode esquecer que nessa época, uma grande quantidade de médicos realizava pesquisas sobre ossos de seres humanos de acordo com os métodos da antropometria, chegando o pai de Schreber a ser considerado um antropólogo em razão dessas motivações). Essa falta (significando falta da falta) de Deus denunciada diversas vezes por Schreber é semelhante ao que Lacan chamou de forclusão da metáfora paterna, a metáfora primordial. A falta seria, de acordo com a perspectiva psicanalítica, constitutiva da ordem do mundo. Entretanto, é a própria falta que falta em Schreber. E isso se constatou com o excesso de proximidade da figura de autoridade, Deus,

²⁴⁶ Baumer descreve esse momento histórico como sendo marcado pela desorientação, que foi mais radical do eu em qualquer outra época anterior: havia “(...) uma sensação de não saber exatamente onde estava a certeza, ou mesmo se haveria uma certeza, para além da própria mudança, e de não saber o que o futuro podia trazer. (...) O *Fin-de-Siècle* não representava, nem um modelo de pensamento unificado nem dominante. Permanecia incluído num mundo mais vasto, ainda potente, de perspectiva iluminista”. BAUMER, Franklin L. *O Pensamento Europeu Moderno*. Volume II. Séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: edições 70. pp.129, 132,134.

²⁴⁷ SANTNER, ERIC L. *A Alemanha de Schreber: uma história secreta da modernidade*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. pp. 18-20, 52.

²⁴⁸ SANTNER, ERIC L. *A Alemanha de Schreber: uma história secreta da modernidade*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. p. 79.

pai com o uso de seus métodos pedagógico-antropotécnicos na educação de seus filhos. O acesso prolongado e excessivo dos seus nervos com os nervos de Deus constituiria a expressão delirante do seu problema, o que em termos materiais representaria o excesso de intervenção sobre o seu corpo-mente com os instrumentos pedagógicos e sob o mandamento de manutenção de posturas saudáveis.

Santner concebeu a hipótese de que Schreber de algum modo descobriu que poder e autoridade de juiz ou de varão alemão estavam fiados a uma espécie de magia performativa sempre presente em ritos e em instituições, uma função simbólica composta por hábitos, ações repetitivas, vivenciados como profundamente sexualizantes e que eram regidos pelo imperativo de gozo. Daí a hipótese de Santner de que os traumas de Schreber não ocorreram por um contato intrapsíquico, por desejos libidinais previamente recalçados, mas pela exposição reiterada a formas particulares de poder intersubjetivo, tanto de origem paterna e pedagógica, quanto de natureza institucional, a chamada doença do poder. Não à toa que certos tipos de saber são produtores de poder capazes de promover efeitos traumáticos naqueles que são seu objeto, e isso produz uma intensificação do próprio corpo, um corpo intensificado pela relação com múltiplas antropotecnias. Melhor ainda reconhecer que o próprio desencadeamento de delírios e alucinações formaram um ponto diacrítico de transformação subjetiva no tempo, por ser um evento histórico, uma crise, demonstrando haver um antes e um depois dos delírios²⁴⁹. A transformação sexual de Schreber que foi comparada a um ato de nomeação²⁵⁰, tal como o performativo, atribuiu-lhe um novo *status* simbólico ao sujeito nomeado. Em suma, produziu-se um corpo modificado, o produto final da antropotécnica em sua temporalidade antropológica. Os delírios de Schreber revelaram que existe uma relação profunda entre política e corporeidade. O vínculo político revelou-se indissociável de determinada forma de afetação do corpo, pressuposto antropotécnico por excelência.

Contra a antropotécnica pedagógica e psiquiátrica, Schreber invocou a escrita, antropotécnica humanista que lhe permitiu retomar a atividade de juiz. Porém, essa ferramenta, que na vontade de seu autor seria um testemunho da sua doença dos nervos, também se mostrou

²⁴⁹ DUNKER, Christian Ingo Lenz. *Mal-Estar, Sofrimento e Sintoma: uma psicopatologia do Brasil entre muros*. São Paulo: Boitempo, 2015. pp. 340-1.

²⁵⁰ SANTNER, ERIC L. *A Alemanha de Schreber: uma história secreta da modernidade*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. pp. 147-8, 56, 65, 79, 97, 106.

frágil e insuficiente, vindo Schreber a ser internado novamente e, em abril de 1911, a falecer. As memórias de Schreber dão a ideia da transformação mental que ele experienciou²⁵¹.

Como se percebeu, o fascínio do caso Schreber estimulou interpretações de todo tipo. Inúmeros autores procuraram interpretar cada detalhe dos seus delírios, a ponto de esse caso, ironicamente, provocar em seus leitores certa paranoia interpretativa. Por isso que um caso como esse já pode ser visto como verdadeira obra de arte: o infinito em si.

Nos relatos de Schreber, ele confessa que às vezes se colocava na frente do espelho e vestia roupas e adornos femininos. Talvez Schreber tenha sido o primeiro juiz travesti de que se tem notícia. Um transexual do imaginário, o primeiro transumano do poder judiciário. Por certo, existe uma questão fundamental com relação à identidade²⁵² a ser considerada em Schreber. Sendo feminilidade e masculinidade questões a serem produzidas segundo uma complexa relação com o corpo e com a norma, esses são, sem dúvida, temas antropotécnicos.

É certo que o momento de transmutação de Schreber se acentuou com a sua psicopatologia, em data próxima a sua nomeação para assumir o cargo de presidente do tribunal da Saxônia. Seu processo de modelagem pode bem ser relacionado com o transexualismo de hoje em seu aspecto autoprodutivo. O transexual produz para si seu próprio corpo. Logo, é ele quem faz sua própria norma. Por uma espécie de cuidado de si, seu *design* corporal se torna um campo de experimentação. A experimentação corporal lhe permite representar seu devir outro. Nas ideias de David Le Brenton sobre o corpo em transformação, vemos que “o transexual é um símbolo quase caricato do sentimento de que o corpo é uma forma a ser transformada. (...) é um viajante em seu próprio corpo, cuja forma e cujo gênero mudam à sua vontade, levando a termo a condição de objeto de circunstâncias de um corpo, que se tornou modulável e determinável não mais com relação ao sujeito, mas ao momento”²⁵³.

Justamente pelo fato de Schreber, tal como o transexual, abandonar a condição corporal que lhe fora atribuída para assumir seus deveres divinos, a mudança de sexo já lhe ocorrera no imaginário, pois nem mesmo o corpo foi seu destino. Schreber é quem inaugura um espaço

²⁵¹ NIEDERLAND, William G. *O Caso Schreber: um perfil psicanalítico de uma personalidade paranóide*. Tradução de Carlos Roberto Olibeira. Rio de Janeiro: Campus, 1981. p. 37.

²⁵² Interessante a leitura que Niederland faz desse ponto específico que envolve a identidade de Schreber: “o uso violento e sádico dos métodos do Dr. Schreber nesta luta impediu que pelo menos um de seus filhos conseguisse estabelecer para si uma identidade – especificamente uma identidade sexual – e isto se documenta muito bem nas *Memors*”. NIEDERLAND, William G. *O Caso Schreber: um perfil psicanalítico de uma personalidade paranóide*. Tradução de Carlos Roberto Olibeira. Rio de Janeiro: Campus, 1981. p. 73.

²⁵³ LE BRETON, David. *Adeus ao Corpo: antropologia e sociedade*. Tradução de Maria Appenzeller. Campinas: Papirus, 2013. p. 33-4.

virtual em seu imaginário retorcido e prefigura a ação de abandono do corpo-herança – marca científica de sua época - para adotar um corpo autoproduzido. O corpo como circunstância, porque não é mais habitado estaticamente, revela que nem mesmo a identidade e o sexo são estáticos, senão devires²⁵⁴ constantes. Schreber pode ter sido uns dos primeiros juízes adeptos dessa transmutação com sua autodefinição psicobiológica, não apenas pelo que hoje se conhece como cirurgia de mudança de sexo, mas pela radicalização do imaginário como prefiguração do espaço virtual. David Le Breton parece ter razão quando diz que o corpo é um artefato tecnológico²⁵⁵.

Ao chegarmos neste ponto que diz respeito ao caso Schreber sobre uma sintomatologia anunciante dos problemas que se formavam, desde a antropotécnica pedagógica da época aos problemas políticos que ainda estavam por vir, passaremos a apresentar alguns problemas que tiveram espaço nas discussões científicas que ocorreram na transição do séc. XIX para o XX. Nesse período, foi gestada a noção de antropotecnica com o propósito de delimitar os campos de incidência de outros problemas, como o da antropometria. Trata-se especificamente do período do nascimento da antropologia criminal e da criminologia como ciência. O conceito que aparece nas principais obras de Sloterdijk foi, na verdade, forjado no período em que as ideias de eugenia e de degeneração mais fervilharam, não apenas no cenário europeu e nortamericano, mas em países da América Latina, como o Brasil. O próximo capítulo abordará essas questões.

²⁵⁴ A virtualização de Schreber ocorre como mudança de identidade, solução para um problema individual, mas também uma solução particular para um problema geral. A virtualização, conforme Lévy, não se reduz a uma desencarnação, ou uma despedida do corpo (como aparece na descrição de Le Breton). Aqui vale as palavras do autor: “a virtualização do corpo não é portanto uma desencarnação mas uma reinvenção, uma reencarnação, uma multiplicação, uma vetorização, uma heterogênese do humano”. LÉVY, Pierre. *O que é o Virtual?* Tradução de Paulo Neves. São Paulo: 34, 2006. p. 33.

²⁵⁵ LE BRETON, David. *Adeus ao Corpo: antropologia e sociedade*. Tradução de Maria Appenzeller. Campinas: Papirus, 2013. p. 33-4.

CAPÍTULO II - O PENSAMENTO DE LÉONCE DE MANOUVRIER E O ADVENTO DA ANTROPOTECNIA NO ÂMBITO DA ANTROPOLOGIA CRIMINAL

*É inerente ao conceito de crítica levar a cabo uma distinção. A crítica é uma arte de julgar*²⁵⁶. Crítica e Crise, Reinhart Kosselleck.

A proposta do presente capítulo consiste em apresentar o conceito da antropotecnia lançado no âmbito dos debates da antropologia criminal. Nesse percurso, será de grande importância analisar algumas das principais teses de Manouvrier, que apareceram nos debates com outros autores, no contexto em que, em largo alcance, a partir da formação de um discurso médico-psiquiátrico e natural-científico, disseminou-se a linguagem da degeneração²⁵⁷, e, em específico, gestou-se a antropologia criminal, que possibilitou à criminologia reivindicar seu *status* científico. Esse contexto histórico se situa entre o final do século XIX e início do século XX. O presente capítulo se limitará a essa circunscrição temporal.

Alguns estágios da participação de Manouvrier no debate criminológico merecem atenção não apenas porque já indicavam uma singular oposição às teorias lombrosianas²⁵⁸, predominantes naquele período - muito embora seja mais comum aparecer nos livros de criminologia o nome de Alexandre Lacassagne²⁵⁹ como o principal opositor de Lombroso -, mas também por promover um deslocamento metodológico importante na análise do objeto das pesquisas sobre o homem criminoso, ainda que Manouvrier atribuísse à estatística, inicialmente, o selo da verdade científica e, em sua primeira fase, fosse adepto de algumas concepções de Lombroso. Foi justamente com base em seu rigor metodológico que Manouvrier propôs o conceito da antropotecnia, sistematizando o conhecimento antropológico e determinando os seus limites precisos de acordo com determinados campos de investimento. O reinado da estatística passaria a ser fortemente confrontado.

Manouvrier pode bem ser situado entre aqueles que contribuíram para o nascimento da criminologia como ciência, alguém que, em um primeiro momento, compartilhou das ideias lombrosianas, mas que, logo depois, se tornou refratário a suas influências. Pensar sobre a

²⁵⁶ KOSELLECK, Reinhart. *Crítica a Crise: uma contribuição à patogênese do mundo burguês*. Tradução de Luciana Villas-Boas Castelo-Branco. Rio de Janeiro: Contraponto, 1999. p. 93.

²⁵⁷ PICK, Daniel. *Faces of Degeneration: a european disorder, c. 1848 - c. 1918*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989. p. 2.

²⁵⁸ Mais comum encontrar nas obras criminológicas a indicação de Lacassagne, desde o 1º Congresso internacional de Antropologia Criminal (1885), como o opositor de Lombroso. Lacassagne considerava a miséria como grande fator criminógeno e chegou a dizer que cada sociedade tem o criminoso que merece, apontando o meio social como causa fundamental para o crime. DIAS, Jorge de Figueiredo; Andrade, Manuel da Costa. *Criminologia: o homem delinquente e a sociedade criminógena*. Coimbra: Coimbra Editora, 2007. p. 24.

contribuição de Manouvrier faz parte dos estudos que pertencem à história do pensamento criminológico, que ainda hoje possui uma crítica superficial sobre suas origens e pensamentos não ortodoxos, bem como não convencionais. A própria expressão antropotecnia foi esquecida nesse percurso de *usos* acordados dos termos em um campo repleto de conflitos ideológicos. Somente após a Segunda Guerra Mundial a expressão foi novamente utilizada, porém, não estranhamente, fora do contexto da criminologia, fortalecendo os traços eugênicos que lhe eram característicos²⁶⁰. Uma das propostas deste capítulo, portanto, consiste em retomar esse conceito que nasceu no âmbito da antropologia criminal.

Não soa suspeito que o conceito utilizado por Sloterdijk, no início do séc. XXI - que desencadeou diversas críticas por parte de seus opositores ao terem identificado pretensões eugênicas nas ideias abordadas na conferência *Regras Para o Parque Humano* - tenha sido forjado no período que mais força tiveram as teorias da degeneração, do preconceito e da eugenia. Essa era uma época que reclamava uma política de progresso social apoiada na funcionalização do corpo médico e que tinha a atribuição de exercer o controle eugênico²⁶¹ das populações²⁶². Há quem diga que esse reaparecimento condiz com o renascimento das formas clássicas do eugenismo²⁶³. Mas como é possível que um conceito, que por algumas décadas restou adormecido, tenha preservado o fundo perverso do racismo e do preconceito, resistindo às ranhuras provocadas pelos efeitos do tempo?

²⁵⁹ Conhecido como o principal opositor de Lombroso, Lacassagne levava em consideração fatores biológicos como predisponentes para o crime, além do ambiente social como influenciador do comportamento criminoso (o ambiente social afetaria fisiologicamente o próprio cérebro). Lacassagne era a favor da pena de morte e acreditava que alguns criminosos eram irrecuperáveis. Como alguns dos teóricos do seu tempo, Lacassagne sofreu as influências de Lombroso, mas logo depois as ideias de criminoso nato e também de hereditariedade começaram a ser por ele criticadas. LACASSAGNE, Alexandre. *Les Transformations du Droit Pénal et les Progrès de la Médecine Légale, de 1810 à 1912. Archives d'Anthropologie Criminelle*. Paris/Lyon, 1913. p. 364. Na teoria de Lacassagne, o determinismo social não representou necessariamente o abandono de toda a hereditariedade para o crime. Ver em: LACASSAGNE, Alexandre; MARTIN, Étienne. *Etat actuel de nos connaissances en anthropologie criminelle pour servir de préambule à l'étude analytique des travaux nouveaux sur l'anatomie, la physiologie, la psychologie et la sociologie des criminels*, *Archives d'anthropologie criminelle*, 1906, p. 104-114. Ver também: RENNEVILLE, Marc. *La Criminologie Perdue d'Alexandre Lacassagne (1843-1924). Criminocorpus* [On line], *Histoire de la criminologie*, 1. *La revue et ses hommes*, 2005. Disponível em: "<http://journals.openedition.org/criminocorpus/11>". Acesso em: 16/07/2018.

²⁶⁰ Ver por exemplo: GOLDFIEM, Jean Schunck. *Anthropotechnie: de la science de l'homme à l'art de faire des hommes*. Paris: Calmann-Lévy, 1948.

²⁶¹ GALTON, Francis. *Hereditary Genius: an inquiry into its laws and consequences*. Londres: Macmillan, 1869. P. 1.

²⁶² POLIAKOV, Léon. *O Mito Ariano: ensaio sobre as fontes do racismo e dos nacionalismos*. Tradução de Luiz João Gaio. São Paulo: Perspectiva, 1974. p. 288.

²⁶³ GOFFETTE, Jérôme. *De l'humain réparé à l'humain augmenté: naissance de l'anthropotechnie*. pp. 85-106 in Kleinpeter (Edouard) (dir.): *L'Humain augmenté*, Paris, CNRS Editions, 2013.

Parte dessa resposta foi oferecida por Sloterdijk ao falar do caráter seletivo que na cultura ocidental o uso das técnicas de consequência antropotécnica pôde promover - como no relato retrospectivo do humanismo letrado desde os gregos. Cabê-nos, em uma tarefa muito mais modesta, empreender uma retrospectiva desde o advento da antropologia criminal, uma vez que nossos propósitos são outros e estão voltados para o campo da criminologia, que, a propósito, também tem como problema a seletividade, algo que, conforme se perceberá, corresponde ao mesmo objetivo classificatório denunciado pelo filósofo.

Em seu curso no Collège de France, *Em Defesa da Sociedade*, Foucault tematizou o problema do racismo da seguinte maneira: “Como se pode fazer um biopoder funcionar e ao mesmo tempo exercer os direitos da guerra, os direitos do assassinio e da função da morte, senão passando pelo racismo? Era esse o problema, e eu acho que continua a ser esse o problema”²⁶⁴. Esse problema fundamental começou a aparecer, fundamentalmente, no âmbito da soberania de Estados que passaram a buscar uma verdadeira otimização da vida, definida por Foucault com a síntese “fazer viver e deixar morrer”. A antropotécnica vem a ser a tecnologia do biopoder que opera nas duas extremidades, fazendo viver e deixando morrer, quando necessário.

Por esses motivos, demonstraremos a razão de as propostas de Manouvrier merecem ser retomadas e reinterpretadas em seus desdobramentos atuais, merecendo também ser revisitado o espaço de experiência em que foram desenvolvidos os ideais antropotécnicos. De início, torna-se importante questionar se Manouvrier foi, de fato, um autor ignorado ou esquecido. O que isso pôde e ainda pode significar? Suas contribuições não tiveram relevância? Adianta-se que Manouvrier, fundamentalmente, será mencionado não apenas por ter lançado o conceito de antropotecnia no âmbito da antropologia criminal. É também determinante para o pensamento criminológico revisar o período em que tal conceito ganhou vida, chegando a aparecer na pena de autores de prestígio no cenário brasileiro, como, por exemplo, em um texto do jurista responsável pela elaboração do Código Civil de 1916, Clóvis Beviláqua²⁶⁵; e em um artigo do jurista, político, membro da Academia Brasileira de Letras, e integrante da Escola de Recife, Arthur Orlando²⁶⁶. Atualmente, no cenário internacional, tornou-se a antropotécnica um dos

²⁶⁴ FOUCAULT, Michel. *Em Defesa da Sociedade: curso no Collège de France (1975 – 1976)*. Tradução de Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. São Paulo: Martins Fontes: 2018. p. 221.

²⁶⁵ BEVILAQUA, Clóvis. Juristas Filósofos. In: *Revista Brasileira*. Rio de Janeiro, tomo nono, 1897. pp. 101-10, 137-50.

²⁶⁶ ORLANDO, Arhtur. *Ensaio de Crítica*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo Editorial Grijalbo LTDA, 1975.

conceitos mais amplamente explorados por Sloterdijk, um filósofo em destaque no que toca aos esforços de pensar sobre a psico-história, a psico-política, a ideologia e ontoantropologia no mundo ocidental.

Diante disso, o que pretendemos é apresentar uma pesquisa francamente seletiva em seu largo campo. E isso não lhe retira de maneira nenhuma sua complexidade. Existe, de fato, uma potencialidade política presente em um conceito, o que também permite compreender sua irreduzibilidade a uma simples causa ou origem²⁶⁷, concepção que se estende à noção de degeneração, de biopolítica, de antropotécnica, etc. As implicações políticas dos conceitos aparecerão de uma forma específica na criminologia, transformando-se esta, por sua instrumentalização técnica, em política criminal.

2.1 O espaço de Manouvrier na história do pensamento político criminológico: o contexto sócio-histórico

Nos manuais de criminologia, Manouvrier muitas vezes não é mais do que um nome. Manouvrier é apontado muito brevemente como autor da escola francesa “ambientalista”, “positivista”, “estatística” ou “sociológica”. Ao lado de autores como Topinard²⁶⁸, Tarde e Durkheim, ele é localizado entre os opositores de Lombroso em seus próprios campos de pesquisa, a antropologia e a medicina. Gabriel Ignacio Anitua menciona *ent passant* algumas contribuições de Manouvrier e o situa na escola da criminologia positivista francesa ambientalista, também designando seu posicionamento como decorrente de um positivismo socialista²⁶⁹. Na grande obra de Rosa del Olmo, *A América Latina e sua Criminologia* - que descreve a importância dos congressos científicos no processo de produção do saber criminológico (no período em que nascia uma nova ciência do controle social) –, Manouvrier aparece ao lado de outros autores apenas como um opositor de Lombroso²⁷⁰. Mas isso tornaria Manouvrier um criminólogo?

²⁶⁷ PICK, Daniel. *Faces of Degeneration: a european disorder, c. 1848 - c. 1918*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989. p. 2.

²⁶⁸ TOPINARD, Paul. *L'Homme dans la Nature*. Paris: Baillères, 1891.

²⁶⁹ Anitua destaca que para Manouvrier também seria possível entender como delituosas as ações daqueles que no poder criam condições sociais deficitárias ou mesmo promovem verdadeiras violações de direitos fundamentais. A matança de operários envolvendo a repressão da Comuna de Paris pôde igualmente ser vista como criminosa. ANITUA, Gabriel Ignacio. *Histórias dos Pensamentos Criminológicos*. Rio de Janeiro: Revan, 2008. p. 320.

²⁷⁰ Nas palavras da criminóloga: “o II Congresso de Antropologia Criminal se realizou em Paris, em 1889, e se caracterizou como uma forte oposição à teoria lombrosiana, especialmente de parte de Gabriel Tarde, Lacassagne, Manouvrier e Toupinard, membros da Escola Francesa de Sociologia, que defendia o domínio dos fatores sociais

Essa pergunta tem como correlato o período de desenvolvimento da criminologia como ciência. De fato, Manouvrier não é apontado – tal como Tarde e Lacassange – como um autor responsável por contribuições fundamentais para a criminologia ou para a antropologia criminal. Ao que tudo indica, contudo, sua contribuição é mal avaliada dentro do pensamento criminológico. Não é à toa que a popularidade de um autor diz muito sobre o clima cultural de seu público²⁷¹. O mesmo se pode dizer de algumas de suas ideias mais tardias. Talvez esses detalhes evidenciem a resistência e os déficits relativos à produção de uma história das ideias criminológicas²⁷² e de uma história do pensamento político criminológico não manualística²⁷³.

Nesse manancial de autores, cabe-nos comentar e procurar entender as contribuições de Manouvrier, que são bastante esparsas. Manouvrier não foi um teórico que publicou diversos livros. Boa parte de suas publicações está disponível em anais de congressos ou em revistas de antropologia, que datam do final do séc. XIX e início do séc. XX. Aspecto de grande relevância também toca à sua legitimidade científica, que está em outro lugar, que não é no campo da antropologia do crime. Ainda que tenha apresentado um cuidadoso método científico, Manouvrier se manteve distante do seu objeto de estudo. Foi a partir de uma controvérsia técnica que ele se lançou no debate criminológico. Hoje em dia, quase não encontramos quem procure fazer um resgate das suas ideias, exceto muito restritamente alguns teóricos franceses. Mas isso apenas esconde o fato de que Manouvrier chegou a assumir um lugar de destaque no debate acadêmico, mesmo que nunca na posição de fundador de uma escola. A importância da sua posição é provável que tenha relação com o fato de ter sido aluno de Paul Broca, além de ter sido um de seus sucessores na chefia do laboratório de antropologia (criado também por Broca) e incorporado, posteriormente, à *l'École libre des Hautes Études*²⁷⁴.

Há autores que consideram haver três leituras diferenciadas acerca das ideias e dos textos de Manouvrier. A primeira leitura seria a de um Manouvrier ambientalista. A segunda leitura relaciona Manouvrier a uma linha muito mais sócio-econômica do que ambientalista. A terceira leitura vê, por exemplo, as condições de passagem ao ato que se referem às características do criminoso, como sendo aquele que faz parte do tipo de ser humano que não

na delinquência” DEL OLMO, Rosa. *A América Latina e sua Criminologia*. Tradução de Francismo Eduardo Pizzolante e Sylvio Moretzohn. Rio de Janeiro: Revan, 2004. P. 90.

²⁷¹ POLIAKOV, Léon. *O Mito Ariano*: ensaio sobre as fontes do racismo e dos nacionalismos. São Paulo: Perspectiva, 1974. p. 145.

²⁷² ROBERT, Philippe ; LASCOURMES, Pierre ; KALUSZYNSKI, Martine. Une leçon de méthode: le mémoire de Manouvrier de 1892. In: *Déviance et société*. 1986 - Vol. 10 - N°3. pp. 223-246.

²⁷³ CARVALHO, Salo de. *Antimanual de Criminologia*. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2008. CARVALHO, Salo de. *Pena e Garantias*. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2008.

²⁷⁴ ROBERT, Philippe ; LASCOURMES, Pierre ; KALUSZYNSKI, Martine. Une leçon de méthode: le mémoire de Manouvrier de 1892. In: *Déviance et société*. 1986 - Vol. 10 - N°3. pp. 223-246.

seria possível inibir, seja pela moral, seja pela lei penal, porque os motivos que fazem a maioria obedecer as leis não afetariam o criminoso. Nesse contexto, ao se ocupar das memórias de Manouvrier, Pinatel²⁷⁵ menciona a passagem ao ato como distinção essencial entre criminosos e não criminosos, dentre a massa de cidadãos de um país. Ou seja, Pinatel identifica em Manouvrier a hipótese de que apenas os delinquentes passariam ao ato. Na realidade, Manouvrier apresenta alternâncias em seu pensamento. Na sua fase de virada sociológica, Manouvrier faz sobrepor os fatores sociais sobre qualquer outro, de modo que os presos seriam para ele a “escória” e não uma amostra representativa²⁷⁶.

Posto isso, percebe-se a importância de abordar o papel de Manouvrier no percurso de desenvolvimento dos debates positivistas, tomando-se como referência pontos destacados da discussão que os principais autores de seu tempo levantaram sobre a *antropometria*, instrumento biopolítico que ensejou o nascimento conceitual da antropotecnia. É a partir dessa noção que localizamos uma proximidade contextual e uma pertinência conceitual no *background* científico da época, que nos permitirá acessar os autores e os principais motivos do advento do conceito de antropotécnica no âmbito da antropologia criminal e, logicamente, da criminologia.

2.2 Da antropometria à antropotecnia: a antropologia física, o progresso e a classificação

A antropometria²⁷⁷ adquiriu largo desenvolvimento na Europa e nos Estados Unidos com a grande quantidade de antropólogos que queriam situar o homem na natureza, classificar os povos e distribuí-los em grupos diversos. Foram amplos os esforços dos antropólogos²⁷⁸ que pretendiam classificar raças e etnias²⁷⁹, de acordo com qualidades ditas naturais, cuja hierarquia

²⁷⁵ PINATEL, Jean. *La Criminologie: recherche scientifique et action sociale*. Revue française de sociologie, 1904, V. pp. 325-330. Ver também: IPIÑA, Beristain Antonio. Jean Pinatel, Criminólogo Transnacional y Hombre Bueno. EGUZKILORE. Número 13. San Sebastián. 1999. pp. 209-18.

²⁷⁶ ROBERT, Philippe ; LASCOUMES, Pierre ; KALUSZYNSKI, Martine. Une leçon de méthode: le mémoire de Manouvrier de 1892. In: *Déviance et société*. 1986 - Vol. 10 - N°3. pp. 223-246.

²⁷⁷ Ales Hrdlicka (1869-1943) definiu a antropometria da seguinte forma: “A antropometria talvez possa ser definida da maneira mais simples e compreensível como arte ou sistema de medir o corpo humano”. Ou seja, a antropometria seria um sistema de mensuração do corpo humano. HRDLICKA, Ales. *Anthropometry*. *American Journal of Physical Anthropology*, 2, n. 1, 1919, pp. 43-46.

²⁷⁸ HRDLICKA, Ales. *Physical anthropology: Its scope and aims*. *American Journal of Physical Anthropology*, 1, n.1, 1918, pp. 18-20.

²⁷⁹ Baumer comenta que foi graças a Darwin que o pensamento ocidental passou por uma profunda mudança a respeito da natureza humana. No entanto, o pensamento da raça já existia antes mesmo de Darwin, pois fazia parte das ideias que pairam nesse período de mudanças. Gobineau escreveu obra influente nesse assunto intitulada *Ensaio Sobre a Desigualdade das Raças*, em 1853. Em 1859, Adolphe Pictet escreveu sobre o mito ariano na obra *As Origens Indo-Europeias*. A desigualdade antropológica que se afirmava existir entre as nacionalidades

colocava os brancos²⁸⁰ (colonizadores) – especialmente europeus – no topo da pirâmide. Em 1919, Ales Hrdlicka, fundador do *American Journal of Physical Anthropology*, alertava que a antropometria de forma alguma poderia ser considerada como um sistema uniforme. Havia variações nessa disciplina que estavam condicionadas aos seus propósitos peculiares, pontos de vistas e métodos adotados. Basta pensar que a identificação criminal não atenderia aos idênticos padrões da seleção militar ou mesmo aos objetivos da ergonomia. Aqui, desde já, tem-se um exemplo da plasticidade dos conceitos, que podem ser conformados aos propósitos que lhes são previamente destinados, ou, ao contrário, posteriormente atribuídos (a aplicação do conceito é sempre incerta, pois paira nesse terreno o fantasma da indeterminação²⁸¹). Naquele contexto, a antropometria equivaleria a uma antropologia física²⁸².

Claude Blanckaert comenta que o objetivo primordial dessa física antropológica seria a conclusão gradual, com apoio da anatomia, da fisiologia, da química, sobre o estudo do homem branco vivendo em condições normais a fim de realizar comparações determinadas. O segundo esforço fundamental para a antropologia física seria o aprofundamento do conhecimento sobre primatas vivos e sobre fósseis, investimento essencial para compreender os homens do passado até à atual evolução. O terceiro grande objetivo dessa ciência seria aperfeiçoar o conhecimento em filogenia, isto é, sobre as mudanças evolutivas e as variações da estrutura humana de acordo com o tempo, com base na paleontologia²⁸³. Em quarto lugar, pretendia-se avançar no estudo sobre as raças²⁸⁴ humanas primitivas em suas subdivisões. Este último ponto, segundo Hrdlicka,

representava uma variação do conceito de raça. A conseqüente disputa mental e moral entre as raças conferiu a vitória aos mais inteligentes, revelando a emergência de uma classe distinta de homens, definida pelo o *Homo Europaeus*, este que foi construtor de impérios e dominador do mundo. A identificação do *Homo Europeus* estaria nos franceses ou nos alemães, sendo esta expressão mais inteligente e vigorosa da raça branca, pensamento que estaria posteriormente presente nos discursos dos nacionalismos. BAUMER, Franklin L. *O Pensamento Europeu Moderno*. Volume II. Séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: edições 70. pp.112-13.

²⁸⁰ No Brasil, no período que data de 1840 já era possível vislumbrar teses sobre a história do país pautada na hierarquia de três raças fundamentais, o branco responsável pelo progresso da civilização; o índio que tinha a possibilidade de subir alguns graus no processo civilizatório; e o negro que era visto como um entrave à civilização. SCHWARCZ, Lilia Mortiz. *O Espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 147.

²⁸¹ SAFATLE, Vladimir. *Cinismo e Falência da Crítica*. São Paulo: Boitempo, 2008. p. 17.

²⁸² BLANCKAERT, Claude. Lógicas da Antropotecnica: mensuração do homem e bio-sociologia (1860-1920). *Revista Brasileira de Historia*. 2001, vol.21, n.41. pp.145-156.

²⁸³ Conforme se verá no terceiro capítulo, é a partir desse ponto que Sloterdijk irá apresentar os desdobramentos da antropotécnica a partir da abertura da primeira clareira, com base em Heidegger (*Sin Salvacion*). Torna-se evidente a aproximação das noções apresentadas por Sloterdijk com o ambiente da antropologia que gestou o conceito de antropotecnica.

²⁸⁴ Nas palavras Góes: “(...) o racismo, enquanto prática discriminatória e inferiorizante bussolada pelo fenótipo negro, foi estrutural inclusive do próprio centro, recebendo diversas legitimações até ser transformado em paradigma com o desenvolvimento do saber científico, sendo compartilhado, assim, pelos autores centrais oitocentistas, o que significa dizer que é a base teórica de Cesare Lombroso”. GÓES, Luciano. *A “Tradução” de Lombroso na Obra de Nina Rodrigues: o racismo como base estruturante da criminologia brasileira*. Rio de Janeiro: Revan, 2016. p. 23.

não havia progredido mais do que o estágio do amadorismo²⁸⁵. Ainda havia um parco conhecimento sobre outras raças, suas características físicas, partes de esqueletos e de ossos, órgãos internos, período de desenvolvimento e declínio. Esse saber poderia não ser essencial para grupos primitivos não europeus, mas era do interesse do homem civilizado. Tal conhecimento não poderia se restringir aos propósitos estatísticos e descritivos - para o que, de fato, também serviu-, senão, na concepção de Hrdlicka, para a devida compreensão dos problemas fundamentais da raça humana em geral. Os grupos mais primitivos seriam menos mestiços, menos anormais, menos patológicos e, talvez, menos aberrantes do que as comunidades civilizadas²⁸⁶. Por isso, essas observações poderiam revelar o modo de funcionamento das leis naturais que controlariam o ciclo da vida humana, suas adaptações, mudanças e evoluções²⁸⁷.

Assim começava a se definir o objetivo da antropometria que consistiu em demonstrar o lugar biológico do humano, definindo a especificidade das raças²⁸⁸. Ou seja, o que se pretendeu foi situar o homem entre as espécies vivas e classificar os povos, grupos ou etnias, conforme princípios objetivos e de acordo com uma hierarquia naturalizada. Tal perspectiva serial pressupunha o apoio nas teorias do evolucionismo naturalista²⁸⁹ e fortaleceu, desde o séc. XIX, a arte da medição craniológica e psicométrica. A antropometria ganharia ascensão a partir de 1859 com a criação da *Société d'Anthropologie de Paris*²⁹⁰ por Broca²⁹¹. Anos depois, Broca

²⁸⁵ A profissionalização do campo da antropologia, que era “(...) sóbrio e sólido, fora lançado na França pelo grupo de P. Broca, desde o último quartel do séc. XIX. Pesquisadores brasileiros (...) participaram de todas as etapas da construção se não arquitetos de gênio, foram operários hábeis e tenazes”. FARIA, Luiz de Castro. *Antropologia: escritos exumados 2: dimensões do conhecimento antropológico*. Niterói: EdUFF, 1999. pp. 28-47, 78.

²⁸⁶ BLANCKAERT, Claude. Lógicas da Antropotecnia: mensuração do homem e bio-sociologia (1860-1920). *Revista Brasileira de Historia*. 2001, vol.21, n.41. pp.145-156.

²⁸⁷ “The more primitive groups of people are less mixed, less abnormal, less pathological, perhaps less aberrant than those of more civilized communities, hence observations thereon may reasonably be expected to reveal more readily and clearly the workings of natural laws that control man's cycle of life, his adaptations, his changes, and his evolutions”. HRDLICKA, Ales. *Physical anthropology: Its scope and aims*. *American Journal of Physical Anthropology*, 1, n.1, 1918, p. 20.

²⁸⁸ No Brasil: “Nina Rodrigues projetou um modelo de controle racial original que atendia as necessidades de ordem da sociedade brasileira, deslegitimando o discurso teórico liberal a partir da desigualdade racial e defendendo sua substituição em relação aos inferiores em defesa da elite branca. Em outras palavras, pretendia a formalização de um *apartheid* brasileiro baseado na cientificidade racial central. GÓES, Luciano. *A “Tradução” de Lombroso na Obra de Nina Rodrigues: o racismo como base estruturante da criminologia brasileira*. Rio de Janeiro: Revan, 2016. p. 23.

²⁸⁹ PICK, Daniel. *Faces of Degeneration: a european disorder, c. 1848 - c. 1918*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989. pp. 3-4

²⁹⁰ HRDLICKA, Ales. *Physical anthropology: Its scope and aims*. *American Journal of Physical Anthropology*, 1, n.1, 1918, p. 6.

²⁹¹ Desde esse período foi estabelecida uma nova disputa que consistia na pretensão de dizer o que é o humano a partir da definição de sua origem. O lado monogenista estava liga às explicações humanistas que viam na degeneração um desvio em relação à origem uniforme da humanidade. Na bíblia seria uma degeneração em relação à perfeição do éden; mas de outro lado, a virtualidade, a existência e homens virtuosos, também seria motivo de reconhecimento de maior aproximação do Éden. Rousseau, por sua vez, vê na sociedade a razão de toda

consagrou-se na França e no exterior como fundador da antropologia moderna, que se apoiou na antropometria. Foi atribuída a Broca a façanha de ter reformado os métodos craniométricos a partir de uma minúcia incomparável. Sua ideia era a de estabelecer os limites objetivos de variabilidade do gênero humano de acordo com a maior ou a menor adequação dos povos ao processo civilizacional. Broca teria aperfeiçoado um campo que estava há bastante tempo dominado pelo amadorismo, tornando-se defensor de teorias poligenistas a respeito da origem do homem. Broca entendia que as diferenças humanas seriam resultado das diferenças das estruturas raciais. Nesse ideário, a inferioridade física e mental poderia ser medida pela análise craniana²⁹². Esse saber permitiu que fossem formulados tipos de raças puras. A mistura de raças²⁹³, portanto, foi condenada, referindo-se à esterilidade como uma de suas consequências

degenerescência humana. De toda sorte, a interpretação monogenista defendia o aprimoramento evolutivo das raças. O poligenismo, de outro lado, trazia a imutabilidade dos tipos humanos como hipótese a ser defendida e era o que as sociedades antropológicas defendiam. Conforme, Schwarcz, é com a publicação da obra *A Origem das Espécies* de Darwin que essa disputa se ameniza. “De um lado, monogenistas como Quatrefage e Agassiz, satisfeitos com o suposto evolucionista da origem uma da humanidade, continuaram a hierarquizar raças e povos, em função de seus diferentes níveis mentais e morais. De outro lado, porém, cientistas poligenistas, ao mesmo tempo que admitiam a existência de ancestrais comuns na pré-história, afirmavam que as espécies humanas tinham se separado havia tempo suficiente para configurarem heranças e aptidões diversas. A novidade estava, dessa forma, não só no fato de que as duas interpretações assumirem o modelo evolucionista como em atribuírem ao conceito de raça uma conotação bastante original, que escapa da biologia para adentrar questões de cunho político e cultural”. O darwinismo influenciou o estabelecimento de novas relações com a natureza e foi aplicado a diversas disciplinas (antropologia, sociologia, história, teoria política, economia, psicologia, linguística, pedagogia, etc.). Não seria estranho que muitas ideias de Darwin foram desvirtuadas nas análises de comportamentos humanos. Na esfera política, o darwinismo foi utilizado para fortalecer o modelo imperialista europeu, que, a partir da noção de seleção da espécie, procurou legitimar o domínio do mais forte e mais adaptado. SCHWARCZ, Lilia Mortiz. *O Espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. pp. 67-74.

²⁹² Aqui também se pode falar a partir de uma estética do preconceito. Na descrição de Lombroso encontramos uma designação elogiosa das formas cranianas do homem europeu: “Il cranio dell'Europeo si distingue per una stupenda armonia delle forme: esso non è troppo lungo, nè troppo rotondo, nè troppo appuntato o piramidale. Nella sua fronte (...), piana, vasta, eretta su'l viso, si legge a chiare note la forza e il predominio del pensiero: gli zigomi, o pomelli del viso non sono troppo distanti, e la mascella non isporge molto all'infuori: onde è ch'esso s'intitola ortognato” (O crânio do europeu distingue-se por uma estupenda harmonia das formas: não é muito longo, nem muito redondo, nem muito piramidal. Na sua frente plana, vasta, ereta no rosto, lê-se claramente a força e o domínio do pensamento: os gomos do rosto, ou os botões da face não estão muito distantes, e a mandíbula não se projeta muito para fora: ondas que se dá o nome de ortognato” – tradução livre). LOMBROSO, Cesare. *L'uomo bianco e l'uomo di colore: letture su l'origine e la varietà delle razze umane*. Firenze, Turin, Roma: Fratelli Bocca: 1892. p. 11.

²⁹³ No Brasil, Nina Rodrigues como um dos teóricos mais importantes da antropologia criminal, chegava a dizer sobre os negros brasileiros em comparação com os negros norteamericanos: “a raça negra no Brasil, por maiores que tenham sido os seus incontestáveis serviços à nossa civilização, por mais justificadas que sejam as simpatias de que a cercou o revoltante abuso da escravidão, por maiores que se revelem os generosos exageros dos seus turiferários, há de se constituir sempre um dos fatores da nossa inferioridade como povo”. RODRIGUES, Nina. *Os Africanos no Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976. p. 7. Conforme Naila Ingrid Chaves Franklin, o saber produzido à época orientava-se por problemas práticos, tendo a própria criminologia a pretensão de intervir na realidade. As teorias criminológicas em parceria com as teorias do racismo científico evidenciavam uma preocupação destacada que dizia respeito aos interesses do controle social de certas camadas da população, sem se esquecer de que havia um esforço de manutenção das diferenças de posição entre senhor e escravo. “A questão de garantia da ordem social e do controle assumem, portanto, as feições e as características desse primeiro momento da criminologia no Brasil”. FRANKLIN, Naila Ingrid Chaves. *Raça, gênero e criminologia: reflexões sobre o controle social das mulheres negras a partir da criminologia positivista de Nina Rodrigues*. 2017.

negativas. Ao lado de seus colegas da *Escola da Craniologia Francesa*, defensores da corrente poligenista (Gall e Topinard), Broca sustentava que a infertilidade da mula seria fruto da miscigenação das espécies, e tal exemplo se estenderia ao mulato (aspecto que diferia de Joseph Arhur de Gobineau, o qual via nessa população uma alta fertilidade, porém herdeira das piores características das raças em cruzamento²⁹⁴), de modo que a hibridação deveria ser evitada. Nesse contexto, a antropometria avançaria em relação ao julgamento visual²⁹⁵, que era até então predominante, colocando as características físicas sob a régua da mensuração e da classificação.

Dissertação (Mestrado em Direito)—Universidade de Brasília, Brasília, 2017. p. 83. O controle social levado a cabo por meio das contribuições científicas pode ser percebido pela famosa frase de Silvio Homem (aliás, epígrafe da obra de Nina Rodrigues): “o negro não é só uma machina econômica; ele é antes de tudo, e máo grado sua ignorância, um objecto de sciencia”. ROMÉRO, Silvio. *Estudos Sobre a Poesia Popular do Brazil*. Rio de Janeiro: ---, 1888. p. 11.

²⁹⁴ SCHWARCZ, Lilia Mortiz. *O Espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 74.

²⁹⁵ No séc. XVI, com a obra de Giambattista della Porta, *Physiognomonia Humana*, publicada em 1586, defendia-se que era possível ler na exterioridade da figura humana as tendências do caráter. A fisiognomonia corresponderia a esse tipo de compreensão dos sinais aparentes do rosto humano que revelariam indícios de caráter e sentimentos, e até mesmo poderiam ser vislumbrados os traços análogos aos dos animais que traziam consigo os mesmos instintos. Logo depois, Descartes, em sua obra *Les Passions de l'âme*, classificava as paixões levando em consideração o aspecto fisionômico, racionalizando aquilo que era analisado pelos sentidos. Esse tipo de descrição se expressou na obra de Charles Le Brun, contando com um acervo de 250 desenhos sobre uma patognomonia, representando as paixões dos indivíduos e suas alterações correspondentes nas suas fisionomias. Essa era a síntese de estudos que ilustravam as paixões humanas pelos rostos, cujas expressões confirmavam o princípio de que a alma invadia o corpo. Le brun também representou seres humanos e suas afinidades com os animais, indicando que o olhar atento veria as tendências animais em seres humanos, que poderiam ser incontroláveis. No séc. XVIII, pretendeu-se atribuir caráter científico às ideias da fisiognomonia, estabelecendo-se a relação do exterior com o interior, disposta que estava essa área para visualizar os sinais aparentes como definidores das disposições naturais dos seres humanos. No mesmo período, ganhou espaço a frenologia de Gall, que procurava ler na saliência do crânio dos indivíduos as suas potencialidades. Sua pesquisa resgatou amostras de crânios em prisões, os quais, na visão do médico, revelariam segredos de inclinações como em um livro que poderia ser lido. O séc. XIX aproveitou a aceitação dessa tendência de época e a expandiu em um cenário de centros urbanos que ao mesmo tempo expandia suas populações, composta por pobres e desconhecidos, especialmente as cidades de Paris e Londres. Esse período de mudança absorveu com facilidade essas ideias, permitindo ao mito científico auxiliar no controle da criminalidade. A fotografia, como grande invenção desse período (a partir de 1860), passou a ser vulgarizada com a polícia que utilizava a imagem como ferramenta para combater o crime. O retrato do criminoso traria seu valor de verdade e facilitou, pelo uso institucional, a criação de galerias de fotos com tipos de degenerados. Entretanto, foi na década de 80 que Alphonse Bethillon aprimorou o controle de identificação de criminosos por meio da antropometria, que detalhou a medição de orelhas, narizes, bocas, tamanho craniano, aproximação dos olhos, etc. Algo como uma pedagogia do olhar ganhava a cena. A partir das imagens seria possível analisar comportamentos. Grande parte das teorizações sobre o crime e suas motivações foi elaborada por autores italianos: Lombroso, em 1876, com a obra *L'Uomo Delinquente*; Enrico Ferri lançou em 1883 *Socialismo e Criminalità*; Garófalo, em 1885, apresentou sua obra *Criminologia*. Todos eles contribuíram para a combinação entre medicina e direito, reunindo-se em diversos congressos para discutirem suas teorias antropológicas que estavam em ascensão. Como destaque dessas teorizações, havia a preocupação de demonstrar a existências de um tipo humano destinado ao crime que encontrava explicação em sua morfologia defeituosa. O *homo criminalis* entrou em cena para representar uma subespécie, que o predestinava à prática do crime. Promoveu-se uma inversão dos postulados da chamada *Escola Clássica*. O criminoso não seria mais aquele que infringia a lei, senão aquele que naturalmente apresentava uma predisposição para o crime. O criminoso correspondia a um tipo à parte, diferente do cidadão. Ferri chegou a falar em “micróbios do mundo criminal” (FERRI, Enrico. *Os Criminosos na Arte e na Literatura*. Lisboa: Livraria Clássica, 1923. P. 3), defendendo que havia situações em que era possível detectar um estado de “patologia social”. Com a escola positivista, por meio da antropologia criminal, Ferri atribuiu o papel de Fundador dessa escola a Lombroso. PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Visões do Cárcere*. Porto Alegre: Zouk, 2009. pp. 7-18.

Como consequência, a indicação de Broca era a de que a estatística teria de ser adotada com a finalidade de conferir maior objetividade às pesquisas que estudavam as medidas dos crânios e dos corpos dos seres humanos. Por isso, o que passava a interessar a esse campo não seriam os indivíduos singularmente considerados, senão as massas de seres humanos. Esse importante detalhe resultou em acumulação de coleções. Os museus, além de serem lugares próprios de exposição, assumiram uma função experimental e didática, tal como ocorreu com o Laboratório de Antropologia da *École Pratique des Hautes Études*, em 1868, espaço que reuniu seguidores de Broca, como Tapinard e Manouvrier, sendo que ambos foram professores de Hrdlicka, em 1896²⁹⁶.

No Brasil, esses estudos também tiveram espaço. A construção do campo da antropologia física, hoje chamada de antropologia biológica, no território brasileiro, foi desenvolvida entre os períodos de 1860 e 1910. Foi fortemente influenciada pelas perspectivas teóricas advindas do mundo europeu, especialmente da *Société d'Anthropologie de Paris*, que representou um marco para as orientações da pesquisa antropológica. Entretanto, em nosso território já eram questões triviais os problemas enfrentados pela antropologia, assim como o movimento de renovação empreendido por Broca. Entre os períodos de 1860 e 1870, nas faculdades da Bahia e do Rio de Janeiro, teses e dissertações já incluíam temas que questionavam se as raças, os sexos e as idades poderiam atribuir caracteres reais no crânio, além da pergunta sobre se havia uma unicidade ou não na origem das raças humanas (monogenismo e poligenismo). Entre os anos de 1890 e 1900, foram publicados trabalhos, como o de Sá de Oliveira, sobre a população mestiça da Bahia, que refletiu sobre a influência de Nina Rodrigues nesse meio. Nesse período, pela primeira vez o brasileiro seria o objeto da pesquisa antropométrica e não apenas o índio. Conforme Luiz de Castro Farias: “no gabinete de Medicina Legal da Bahia, hoje Instituto Nina Rodrigues, estabeleceu-se desde essa época a tradição de trabalho aprimorado e sólido”²⁹⁷. Em tal período, na França, Alphonse Bertillon foi quem penetrou nos estudos de identificação criminal pelas medidas do corpo humano, com a antropologia métrica ao lado da craniometria. O *Museu Nacional*, na cidade do Rio de Janeiro, na passagem do séc. XIX para XX, transformou-se no espaço para a exposição dessas pesquisas, destacando-se autores como João Batista Lacerda e Edgard Roquette-Pinto²⁹⁸. Diversos foram

²⁹⁶ BLANCKAERT, Claude. Lógicas da Antropotecnia: mensuração do homem e bio-sociologia (1860-1920). *Revista Brasileira de História*. 2001, vol.21, n.41. pp.145-156.

²⁹⁷ FARIA, Luiz de Castro. *Antropologia: escritos exumados 2: dimensões do conhecimento antropológico*. Niterói: EdUFF, 1999. p. 17-27.

²⁹⁸ Até a primeira década do séc. XX, a craniometria matinha o predomínio das pesquisas, colocando o primitivo como o maior centro de interesse. Mas logo em seguida (1910-1930), a craniometria perde lugar para a

os aparelhos de medição desenvolvidos em Paris que foram exportados para o Brasil²⁹⁹ e que integraram o acervo do setor da antropologia biológica do Museu Nacional³⁰⁰.

Com o advento da antropometria, portanto, a pesquisa antropológica se profissionalizou. A completa classificação das raças tornou-se o objetivo a ser alcançado. O conhecimento nessa época se aprimorou de tal maneira que os antropólogos tiveram que aprender novas técnicas e novas instruções para estarem à altura das novas pretensões do ambiente científico. Esse novo cenário concedeu à antropologia não um ambiente de crise, mas lhe conferiu, de certa forma, bases estáveis, reunindo especialistas que tiveram em larga medida os mesmos objetivos e encontrou nos médicos e antropólogos grande participação entre os pesquisadores. Entre os anos de 1860 a 1880, quando Broca e Topinard lideravam esses estudos, havia a pretensão de que a nova ciência antropométrica estivesse desprovida de conotações políticas. Tendo como objeto a diversidade do homem (a divisão de gêneros³⁰¹), a antropometria não estava livre de

somatologia, tendo o índio por objeto de pesquisa em um primeiro momento e, posteriormente, o brasileiro passa a ser o objeto dos estudos da antropologia física. A anatomia comparativa e a anatomia racial assumiam o espaço das pesquisas, que na Europa há certo tempo eram desenvolvidas, encontrando no Brasil boa recepção. No período entre 1910 a 1930, Edgard Roquette-Pinto e Alfonso Bovero foram os autores que estimularam rigorosos métodos de pesquisa, representando importantes profissões da história da antropologia no Brasil. FARIA, Luiz de Castro. *Antropologia: escritos exumados 2: dimensões do conhecimento antropológico*. Niterói: EdUFF, 1999. pp. 28-47, 78. FARIA, Luiz de Castro. *Antropologia: escritos exumados: dimensões do conhecimento antropológico*. Niterói: EdUFF, 1998. pp. 15-25.

²⁹⁹ Ao lado de princípios do liberalismo, o discurso evolucionista de análise social passa a ser adotado no Brasil pela década de 70, do século XIX, que teve a pretensão de explicar as algumas diferenças internas no país. Isso permitiu colocar as diferenças sociais nos termos estritos das diferenças raciais de explicação, ao mesmo tempo em que o atraso do Brasil em relação aos outros países do mundo foi definido como resultado das formas de inferioridade daquele tempo. As classes perigosas se tornaram objeto da “sciencia” da época. SCHWARCZ, Lilia Mortiz. *O Espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. pp. 38-9.

³⁰⁰ No contexto cultural e sócio-político que classificou os índios como raça primitiva, além de inferiores em termos morais e intelectuais, houve uma ampla coleta de dados com foco na análise de crânios para fundamentar essas ideias, mas também da mão humana. Quando o debate sobre a abolição da escravatura se acalorou, Lacerda realizou estudos fisiológicos em alguns indígenas com o uso do dinamômetro para testar a força dos músculos da mão e concluiu que o índio era inferior ao negro por ter menos resistência e força, em que pese sua agilidade. Após o auge da craniologia, a antropologia física deslocou seu interesse para as investigações sobre tipos antropológicos. Edgard Roquette Pinto fez uso das análises antropométricas para testar a adequação de jovens ao serviço militar para os quartéis do Rio de Janeiro. O interesse da pesquisa estava em descobrir se a miscigenação poderia ostentar a qualidade de degenerados. Sua pesquisa foi apresentada no 1º Congresso Brasileiro de Eugenia, de 1929. A repercussão dos seus resultados de seu com base na defesa de que o problema do atraso do Brasil não se justificaria pela raça ou pela miscigenação, senão pela fragilidade do acesso à educação e à saúde. SA, Guilherme José da Silva e; SANTOS, Ricardo Ventura; RODRIGUES-CARVALHO, Claudia and SILVA, Elizabeth Christina da. Crânios, Corpos e Medidas: a constituição do acervo de instrumentos antropométricos do Museu Nacional na passagem do século XIX para o XX. *Hist. cienc. saude-Manguinhos* [online].2008, Vol.15, n.1.

³⁰¹ No auge da craniologia e da frenologia enquanto campos científicos, havia a pretensão de explicar o grau de inteligência e de aptidões para o desenvolvimento de determinadas atividades com o apoio na análise da saúde física e mental dos indivíduos. A craniologia – herdeira do legado da frenologia - realizou os estudos das medidas cranianas dos indivíduos considerados geniais, além daqueles que eram considerados os desviantes (criminosos, homossexuais, loucos e prostitutas). Nesse percurso foi que a craniometria estabeleceu padrões e distinções das raças. Defendeu-se que aspectos morais e intelectuais teriam relação com peso, tamanho e formação do contorno craniano. Como nota sempre presente na tentativa de objetivar acontecimentos sociais, o aprimoramento das sociedades humanas passou a ser uma discussão central para os cientistas desse tempo. RODRIGUES-

questionamentos, especialmente se colocados em questão os preconceitos formados pela ideia de igualdade/desigualdade das raças. Além do mais, houve antropólogos que consideravam que a antropometria encontraria sua utilização nas artes de governar na forma de uma colonização científicizada. Não por outro motivo que, desde a sua ascensão, a antropometria compactuou com as exigências concernentes à vitalidade dos povos e, como consequência, o interesse pela demografia, pelas questões sanitárias, pelas misturas étnicas, e procurou chamar à atenção sobre perigos da decadência biológica que poderia comprometer o progresso da civilização. Uma vontade de governo (das massas, da vida, dos vivos) concernia a antropometria. Daí que, na linha de Gobineu³⁰² e de Benedict Morel, a ameaça de degenerescência se tornou o motivo de os antropólogos se questionarem sobre o fato de as questões hereditárias assumirem o papel de fatores de predisposição para o crime e para os problemas de inadaptação ao ambiente industrial. Alguém como Georges Papillaut considerava que o valor de uma sociedade poderia ser explicado pelo valor dos indivíduos que a compõem³⁰³. Ao lado dessas ideias e transformando-as em combustível ideológico, construiu-se todo um programa de controle social do espaço interior, que nada mais era do que a *zoopolítica* das raças que se definiu a partir dos contextos dos Estados-nação, uma auto-racialização que ganhou espaço pelo programa antropométrico³⁰⁴.

Foi nessa esteira de ideias, ao colocar a vida no mais alto pedestal do cuidado das nações, que Hrdlicka destacou temas como: as consequências (físicas, intelectuais e psicológicas) da mestiçagem sobre a progenitura³⁰⁵; a restrição à imigração de estrangeiros de diversas origens; o natural e o adquirido no decorrer das gerações; as questões ambientais (clima, alimentação,

CARVALHO, Claudia e SILVA, Elizabeth Christina da. Crânios, Corpos e Medidas: a constituição do acervo de instrumentos antropométricos do Museu Nacional na passagem do século XIX para o XX. *Hist. cienc. saude-Manguinhos* [online].2008, Vol.15, n.1.

³⁰² Gobineu considerava que a ciência da anatomia ainda estava em sua infância. Em um período que era comum empregar as metáforas biológicas, a nação como um organismo degenerava e perdia o seu vigor quando as raças já não são mais as mesmas daquelas que fundaram a nação. E o homem degenerado é diferente dos heróis de outras épocas do ponto de vista racial. A sociedade entraria em colapso no dia em que os últimos elementos dos ancestrais que parecessem na raça fossem eliminados, vindo elementos estrangeiros a inundarem a unidade racial e tornará a raça enfraquecida e facilmente abatida. Segue então Gobineu: "Itis at this point that all the results of degeneration will appear, and the process may be considered complete". GOBINEAU, Arthur de. *The Inequality of Human Races*. Tradução de Adrian Colins. Londres: William Heinemann, 1915.

³⁰³ "O valor de uma sociedade, de um meio cultural dado, explica em grande parte o valor dos indivíduos que a compõem. Reciprocamente, o valor dos indivíduos é explicado, de uma parte, pelas gerações de indivíduos anteriores (hereditariedade), por outro lado, pela ação do meio social que age sobre ele. PAPILLAULT, Georges. La bio-sociologie. Son but, ses méthodes, son domaine, ses applications. *Revue anthropologique*, 22, 1912, p. 17.

³⁰⁴ BLANCKAERT, Claude. Lógicas da Antropotecnia: mensuração do homem e bio-sociologia (1860-1920). *Revista Brasileira de Historia*. 2001, vol.21, n.41. pp.145-156.

³⁰⁵ Àquela época, Hrdlicka atribuía ao Direito e à lei o controle da mistura de raças: "A miscigenação de raças de corolidas com o branco é largamente controlável pela lei e em geral pelo esclarecimento, e os prejuízos podem ser reduzidos ao mínimo". HRDLICKA, Ales. Physical anthropology: Its scope and aims. *American Journal of Physical Anthropology*, 1, n.1, 1918, p. 20.

vestuário, hábitos), os problemas de grupos degenerados da raça humana: alcoólicos, epiléticos, loucos, idiotas, pervertidos e criminosos. Na realidade, Hrdlicka desejava conhecer os exatos efeitos dessas condições sobre a hereditariedade³⁰⁶ (*progeny*)³⁰⁷. Destacou que um dos principais objetivos dessa ciência seria tratar das tendências da evolução humana, auxiliando na sua possível regulação. Sendo uma antropologia aplicada³⁰⁸, a antropometria reivindicou seu devido espaço na orientação de decisões políticas, legislativas, assim como na regulação das questões envolvendo população e saúde. Daí sua insistência em destacar a necessidade de formular as metas da humanidade, físicas e intelectuais, e trabalhar para realização desse projeto biopolítico. Não é de se estranhar que Hrdlicka sugerisse o uso de um controle antropométrico e psicométrico para os países civilizados. As estatísticas³⁰⁹ teriam o mérito de indicar as tendências, o progresso ou as estagnações de cada nação, servindo às decisões do campo eugênico, estatal e jurídico³¹⁰. Há certo tempo já estaria em processo de aplicação o projeto de erigir nações com base em pessoas sadias e de medir as mais aptas para funções específicas de representação.

³⁰⁶ Galton, que foi primo de Darwin, fez uso das estatísticas para pesquisar a influência da hereditariedade ao longo das gerações. Conforme Baumer refere, Galton sustentava, na obra *Hereditary Genius*, de 1869, que as diferenças do intelecto faziam parte de uma herança genética e que esse tipo de diferença se mantinha independentemente do ambiente, a tal ponto de a hereditariedade ser um agente muito mais forte do que a própria educação. BAUMER, Franklin L. *O Pensamento Europeu Moderno*. Volume II. Séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: edições 70. p.113.

³⁰⁷ Na abertura de sua obra *Hereditary Genius*, Galton começa dizendo: “(...) proponho demonstrar nesse livro que as habilidades naturais do homem são derivadas da hereditariedade, sobre exatamente as mesmas limitações como são as características físicas e mentais do mundo orgânico como um todo. Consequentemente, como é fácil, não obstante essas limitações, para obter por uma cuidadosa seleção uma raça permanente de cães ou cavalos dotados de poderes peculiares de correr, ou de fazer qualquer outra coisa, isso seria bastante praticável para produzir uma raça altamente dotada de homens por casamentos judiciosos durante muitas consecutivas gerações”. GALTON, Francis. *Hereditary Genius: an inquiry into its laws and consequences*. Londres: Macmillan, 1869. p.1

³⁰⁸ “A crescente ciência da eugenia será essencialmente aplicada à antropologia”. HRDLICKA, Ales. *Physical anthropology: Its scope and aims*. *American Journal of Physical Anthropology*, 1, n.1, 1918, p. 21.

³⁰⁹ Não se deixe de mencionar que o governo exige não apenas o conhecimento do funcionamento lógico das leis. É imprescindível ter em mãos um conhecimento que promova a manutenção das forças do Estado. Foucault já detectou essa lógica desde a razão governamental que se iniciou com o séc. XVII. A partir desse período, o que ele identificou como arte de governar passou a ser auxiliada por ferramentas, tais como análise de dados, conhecimento sobre territórios e fronteiras, a força do próprio Estado e dos Estados estrangeiros, tudo como forma de racionalização do exercício do poder e potencialização da riqueza de uma nação. Foucault situa o desenvolvimento dessa gestão interna do Estado com o advento do mercantilismo que necessitou de uma vasta regularização da realidade, fenômeno que recebeu o nome de polícia. Nasceu, com isso, uma ciência da realidade, que foi chamada estatística. Os próprios economistas reconheceram tempos depois, por volta do séc. XIX, que a regra da evidência teria de orientar as práticas governamentais, que em outras palavras trouxe o conhecimento científico para perto Estado como ferramenta indispensável ao exercício do poder. Fator importante é que esse conhecimento não foi privilégio conferido às práticas de governo. Ele diz respeito a uma arte de governar, mas sua construção, desenvolvimento e uso pôde, desde então, ser obra mesmo de quem não governa. Evidencia-se nesse momento uma relação íntima entre saber e governo ou entre governo e ciência. FOUCAULT, Michel. *Segurança, Território, População*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008. pp. 134, 471-2.

³¹⁰ BLANCKAERT, Claude. Lógicas da Antropotecnica: mensuração do homem e bio-sociologia (1860-1920). *Revista Brasileira de Historia*. 2001, vol.21, n.41. pp.145-156.

Nesse cenário sócio-histórico de ideias efervescentes sobre os novos métodos de classificação de seres humanos foi gestado o conceito da antropotecnia.

2.3 A proposta do conceito da antropotecnia por Manouvrier

Esse conjunto de saberes que reivindicava aplicação carecia de demarcações mais precisas, necessitava de um estatuto teórico. Era a ocasião para o nascimento de um conceito. Em 1889, na reunião da *Association Française pour l'Avancement des Sciences* (AFAS), foi proposta a expressão *antropotecnia* pelo professor de antropologia fisiológica da *École d'Anthropologie* de Paris, Léonce-Pierre de Manouvrier³¹¹.

Último discípulo de Broca, Manouvrier produziu, em 1881, uma tese de medicina sobre anatomia cerebral nas suas relações com o crânio. Manouvrier deu aula sobre antropometria no laboratório da *École Pratique des Hautes Études*. Obteve reputação e influência incontestáveis, chegando a assumir o secretariado geral da *Société d'Anthropologie* de Paris, em 1902, e a direção do laboratório dos *Hautes Études*, em 1903. Manouvrier não obteve um *status* no exterior em sua reputação científica semelhante ao que obteve na França³¹²; porém, no Brasil, um jurista do porte de Clóvis Bevilacqua chegou a escrever sobre Manouvrier, referindo-se a ele como o “sábio antropologista”, e fez apontamentos diretos sobre conceito da antropotecnia³¹³, demonstrando suas impressões sobre os desdobramentos dessa construção teórica que tinha o ser humano como objeto de compreensão e estudo.

Desde as suas primeiras manifestações, Manouvrier procurou sistematizar o conhecimento antropológico, classificando-o e apresentando suas divisões. Ele entendia que a antropologia seria a última das divisões introduzidas na zoologia. A antropologia seria o ramo do saber que estudaria o homem a partir da perspectiva anatômica, físico-psicológica e sociológica, relacionando todos esses pontos fundamentais, de modo que faltando algum deles, faltaria o conhecimento integral do homem. Manouvrier também via uma estreita relação entre

³¹¹ MANOUVRIER, L. "De l'anthropologie criminelle considérée comme une branche de l'anthropologie juridique — A place dans l'anthropologie". In: *Actes du deuxième Congrès international d'anthropologie criminelle*, cit., p. 177.

³¹² BLANCKAERT, Claude. Lógicas da Antropotecnia: mensuração do homem e bio-sociologia (1860-1920). *Revista Brasileira de História*. 2001, vol.21, n.41. pp.145-156. Para uma descrição mais detalhada da carreira de Manouvrier, ver: ROBERT, Philippe ; LASCOURMES, Pierre ; KALUSZYNSKI, Martine. Une leçon de méthode: le mémoire de Manouvrier de 1892. In: *Déviance et société*. 1986 - Vol. 10 - N°3. pp. 223-246.

³¹³ BEVILACQUA, Clóvis. Juristas Filósofos. In : *Revista Brasileira*. Rio de Janeiro, tomo nono, 1897. pp. 101-10, 137-50.

zoologia e zootecnia, da mesma forma que via como estreita a relação entre antropologia e antropotecnia. Em sua proposta conceitual, ele designou a antropotecnia como o conjunto das artes que teria por objeto a ação do homem sobre si mesmo e sobre seus semelhantes, indicando a direção da humanidade: o progresso e a felicidade. Nas suas próprias palavras, a antropotecnia seria: “(...) o conjunto das artes que têm por objetivo a ação do homem sobre ele mesmo e sobre seus semelhantes, noutras palavras a direção da humanidade”³¹⁴. Ou seja, a antropotecnia trataria de dirigir os homens, abrangendo o amplo conjunto de técnicas que visariam a gerir o corpo social. Assim, a antropotecnia compreenderia: a medicina, a higiene social, a moral, a educação, o direito e a política³¹⁵ (aliás, todas entendidas como artes que, na linguagem de Sloterdijk, seriam modeladoras do ser humano, porém esse aspecto antropológico modelador aparece de forma muito mais sutil nas ideias de Manouvrier).

Todas essas artes estariam situadas fora da antropologia e, tal como outras artes, elas deveriam se manter distintas das chamadas ciências puras, a fim de se evitar intervenções ou modificações inconscientes em cada ramo do saber, mas, ao mesmo tempo, dando espaço ao princípio da divisão do trabalho: pesquisa e ensino para o cientista; para o praticamente: a prática. De acordo com Manouvrier, as antropotecnias teriam iniciado seu percurso evolutivo sem o auxílio das ciências correspondentes. A medicina teria sido a primeira arte a fazer uso da ciência. A moral, a educação, o direito e a pedagogia encontrar-se-iam em um estágio em que a medicina se encontrava há mais de dois mil anos. Tais artes ainda possuiriam noções adquiridas por tentativa e erro, isto é, por um empirismo quase que cego. Para Manouvrier, todo médico seria nada menos do que um engenheiro que estudou o homem a partir da perspectiva da arte de curar, de aliviar e de prevenir doenças. O benefício antropológico foi o que essa arte trouxe consigo e que se relacionaria com ela. Moralistas, oradores, políticos e educadores deveriam fazer o mesmo. Todos teriam o direito de extrair da ciência do homem tudo o que pudesse ser útil para o progresso da arte da qual participavam. Manouvrier entendia que o conhecimento antropológico tinha de ser utilizado por todos aqueles que assumissem a tarefa de liderar os homens³¹⁶. Como se percebe, Manouvrier descreveu a antropologia como um

³¹⁴ MANOUVRIER, L. "De l'anthropologie criminelle considerée comme une branche de l'anthropologie juridique — A place dans l'anthropologie". In: *Actes du deuxième Congrès international d'anthropologie criminelle*, cit., p. 177.

³¹⁵ MANOUVRIER, L. "De l'anthropologie criminelle considerée comme une branche de l'anthropologie juridique — A place dans l'anthropologie". In: *Actes du deuxième Congrès international d'anthropologie criminelle*, cit., p. 177.

³¹⁶ MANOUVRIER, Léonce. "De l'anthropologie criminelle considerée comme une branche de l'anthropologie juridique — A place dans l'anthropologie". In: *Actes du deuxième Congrès international d'anthropologie criminelle*. p. 178-180.

conhecimento de liderança e a antropotecnia corresponderia a uma ferramenta de governo aplicada em diversos âmbitos e segundo diversificados ângulos.

Manouvrier chegou a considerar que a própria moral seria, basicamente, um complemento elevado da higiene, a arte de conduzir a humanidade em direção ao progresso e à felicidade, isto é, a arte de regular a conduta dos homens. O direito seria, por uma perspectiva ampliada, a arte de regular e de aplicar os preceitos da higiene e da moral, podendo torná-los obrigatórios de acordo com as necessidades do corpo social. A educação seria a arte de endireitar os homens segundo as artes anteriores³¹⁷. Manouvrier compreendia que o professor da disciplina da antropometria se orientaria pela ordem científica na pesquisa, mas não deixando de levar em consideração as questões filosóficas e sociais do seu tempo. Em razão disso, a antropometria - ou a antropologia fisiológica - disporia de um potencial reformador, adequando-se aos interesses prementes da humanidade³¹⁸. Manouvrier chega a dizer sobre esse potencial transformador que:

Tal é o espírito segundo o qual a cadeira de Antropologia fisiológica foi ocupada até agora. Na escolha das questões tratadas, o professor foi guiado, naturalmente, pelas conexões de ordem científica, mas não sem levar em consideração as preocupações filosóficas e sociais do seu tempo. Eles são encontrados em todas as partes do programa esboçado acima de indicações tópicas e capitais. A crítica do trabalho de transformação que ocorre no domínio inteiro da antropotecnia deve ser baseada em grande parte sobre o conhecimento dos seres humanos, e é de se destacar que as categorias dos seres envolvidos são sobretudo aquelas das quais o estudo particular e comparativo foi indevidamente descartado da Antropologia³¹⁹.

Desde o advento da antropologia criminal, novos questionamentos foram levantados sobre a biologia do homem criminoso, com a inserção de um novo conhecimento sobre os seres humanos, como dissera Manouvrier. Foi tentando avançar em relação à escola lombrosiana que, em 1883, Manouvrier utilizou a estatística para apontar – com a medição, por exemplo, da pequenez da testa, da mandíbula forte - certo diferencial na evolução humana. O livre-arbítrio, praticamente na mesma linha de Lombroso, seria verdadeira aberração, que não apresentava condições de ser sustentado. Manouvrier, em 1885, chegou a fazer uma correlação entre

³¹⁷ BLANCKAERT, Claude. Lógicas da Antropotecnia: mensuração do homem e bio-sociologia (1860-1920). *Revista Brasileira de História*. 2001, vol.21, n.41. pp.145-156.

³¹⁸ MANOUVRIER, Léonce. "Anthropologie Physiologique". In: *L'École d'Anthropologie de Paris*, 1876-1906. p. 45.

³¹⁹ MANOUVRIER, Léonce. "Anthropologie Physiologique". In: *L'École d'Anthropologie de Paris*, 1876-1906. p. 45.

morfologia em conjunto, comportamento moral e instintos não evoluídos. Contudo, sem demorar muito, Manouvrier renunciou a tais ideias. Em agosto do ano de 1889, no *Deuxième Congrès Internacional d'Anthropologie Criminelle*, ele demonstrou estar convencido de que as circunstâncias sociais seriam a explicação para o ato criminoso³²⁰. Segundo sua nova abordagem, estados físicos ou orgânicos não implicariam em estados mentais, o que significou contrapor Lombroso, pois o famoso médico teria se equivocado ao relacionar, de forma tão estreita, o crime às manifestações anatômicas. Ao contrário do que a antiga frenologia sustentava, o homicídio ou a tendência homicida não poderiam ter uma explicação orgânica. Na verdade, o criminoso seria um subproduto sociológico. As condutas que, em um primeiro estágio, Manouvrier creditou às explicações congênitas, em um segundo momento de rigorosa crítica, ele passou a atribuir às circunstâncias do meio social. Nisso se vê porque Manouvrier é normalmente situado na escola dos meios. Sua ambição recaiu sobre a ideia de modificar o homem a partir da mudança do meio social, explicitando a potencialidade modificativa das antropotecnias. Por mais que Lombroso também tivesse mencionado o meio como fator a ser considerado, a concepção de Manouvrier é totalmente distinta. Sendo um produto do meio, o homem poderia se autodeterminar a partir da compreensão, em certa medida, dos mecanismos que desencadeariam comportamentos individuais ou de grupo. O homem tranquilo, em ambiente hostil, poderia tornar-se criminoso; assim como, por outro lado, o criminoso, se retirado do ambiente cujas circunstâncias seriam desencadeadoras da violência, poderia se tornar alguém de atos louváveis³²¹.

Como se percebe em Manouvrier, seria em termos de aplicabilidade que a tese lombrosiana da predestinação teria sido fortemente atacada, pois seu caráter hiperbólico e a ausência de comprovação a tornaram frágil cientificamente. Entre o homem e o crime, existiria todo o mundo exterior³²² (o significado desse mundo exterior vai ser estudado no terceiro capítulo). Essa seria uma máxima antropotécnica. Um importante detalhe que os adeptos do lombrosionismo pareciam não levar em consideração devidamente.

³²⁰ MANOUVRIER, Léonce. "Discussion". In: *Actes du deuxième Congrès international d'anthropologie criminelle (Paris, août 1889)*. Lyon: A. Storck, 1890, pp. 152-60.

³²¹ MANOUVRIER, Léonce. "Discussion". In: *Actes du deuxième Congrès international d'anthropologie criminelle (Paris, août 1889)*. Lyon: A. Storck, 1890, p. 276-83.

³²² BLANCKAERT, Claude. Lógicas da Antropotécnica: mensuração do homem e bio-sociologia (1860-1920). *Revista Brasileira de Historia*. 2001, vol.21, n.41. pp.145-156.

2.4 O paradoxo de Manouvrier: da antropologia fisiológica à sociotecnia esclarecida

Lombroso foi descrito por Manouvrier como uma figura da antiga frenologia ao estilo de Gall, reproduzindo o erro de não considerar devidamente as condições do ambiente. Muito embora tenha ostentado uma etiqueta científica, o atavismo³²³ facilmente se encaixaria em qualquer padrão de violência praticada por seres humanos. Sem dúvida alguma, Manouvrier foi mais cuidadoso do que a maioria dos seus colegas que seguiram a ideologia dominante que reinava em sua disciplina. Enquanto atacava Lombroso, Manouvrier também rebatia Gobineau e Vacher de Laponge, e essa postura o levava a cada vez mais ganhar distância da eugenia. Além do mais, Manouvrier atacou fortemente os erros interpretativos dos chamados craniologistas de ocasião. Se eles identificavam especificidades fisiológicas em todos os lugares nos criminosos, significava que não ostentavam vocação antropológica. Ou seja, em termos rigorosos, ou o sintoma não existia ou não possuía o significado que lhe foi atribuído. Em uma passagem de 1894³²⁴, Manouvrier sustentou que a antropologia criminal, que analisava a anormalidade e a via em todos os lugares não passaria, por definição, da velha psiquiatria legal ou da frenologia³²⁵.

O que se torna mais interessante nos trabalhos de Manouvrier, desde o período em que abandonou as teorias etiológicas, foi que o antropólogo teceu críticas às duas teses lombrosianas justamente onde elas pretendiam firmar sua legitimidade científica. Primeiro: não foi demonstrado, por meio de evidências, que os criminosos teriam especificidades anatômicas. Segundo: não foi demonstrado o vínculo entre características fisiológicas e comportamento (anti)social³²⁶ e criminoso.

Nessa linha, foi no ano de 1889 que Manouvrier atacou mais tenazmente as ideias de Lombroso. Isso lhe deu o ensejo para tecer críticas, nos anos posteriores, aos preceitos racistas, sexistas³²⁷ e reducionistas do seu mestre Broca. Manouvrier pretendeu chamar à atenção para o

³²³ Para Lombroso o estado civil do selvagem seria reconhecido pela inscrição da tatuagem no seu corpo, acrescentando que: “a primeira, a primeiríssima causa da difusão do uso da tatuagem, entre nós, creio que seja o atavismo (hereditariedade); ou a espécie de atavismo histórico, que é a tradição, como se a tatuagem fosse um dos caracteres especiais do homem primitivo e do homem em estado de selvageria”. LOMBROSO, Cesare. *O Homem Delinquente*. Tradução de Sebastião José Roque. São Paulo: Ícone, 2007. pp. 43-4.

³²⁴ Ver p. 20 de MANOUVRIER, Léonce de. *L'anthropologie et le droit*. Rev. Int. Sodo., 1894, 2, 4-5, 1- 52.

³²⁵ ROBERT, Philippe ; LASCOURMES, Pierre ; KALUSZYNSKI, Martine. Une leçon de méthode: le mémoire de Manouvrier de 1892. In: *Déviance et société*. 1986 - Vol. 10 - N°3. pp. 223-246.

³²⁶ ROBERT, Philippe ; LASCOURMES, Pierre ; KALUSZYNSKI, Martine. Une leçon de méthode: le mémoire de Manouvrier de 1892. In: *Déviance et société*. 1986 - Vol. 10 - N°3. pp. 223-246.

³²⁷ A mulher negra no contexto brasileiro, por exemplo, especialmente no que se refere às amas de leite, passou a receber uma oposição dura da medicina na metade do séc. XIX. As negras começaram a ser vistas como responsáveis pela transmissão de doenças, como a sífilis, e como motivo de corrupção da família senhorial. Desde

caminho arriscado que a antropologia se enveredava, notadamente a partir do seu conceito da antropotecnia que passou a ser empregado para criticar o reinado da estatística, a noção de aptidões inatas e a desigualdade das raças. Além disso, Manouvrier combateu as teses hereditaristas de Georges Hervé e de Georges Papillaut, não se submetendo ao consenso acerca da miscigenação³²⁸. A função que Manouvrier pretendeu atribuir à antropometria não foi baseada na pretensão de ampliar seu campo de incidência, senão estabelecer, precisamente, estreitos limites para o seu uso, cabendo, na sua visão, aos juristas, aos educadores, aos políticos e aos moralistas a responsabilidade pela reforma de suas respectivas ciências, missão análoga ao que os médicos empreenderam com a arte da medicina. Daí que a antropotecnia seria o sinônimo de uma *sociotecnia* esclarecida, verdadeira ferramenta de engenharia social, de melhoramento do mundo. Dessa forma, parece ser correto dizer que a sociologia humana jamais se reduziria às estatísticas mensuradoras de crânios, conforme se pretendeu fazer com o método da antropometria³²⁹.

Naquela época, a antropotecnia teria correspondido a uma antropometria que abandonou seus métodos métricos e numéricos para inserir o conhecimento sociológico nas considerações sobre o comportamento humano?³³⁰ Não parece ser correto esse entendimento. A antropotecnia foi um conceito apropriado para dar conta das questões que a antropometria passou a tratar de forma ilegítima. O que Manouvrier fez foi delimitar os respectivos campos. A questão criminal ficaria a cargo da antropotecnia, que descartou a abordagem fisiológica do crime, na visão de Manouvrier.

Por isso que Manouvrier se afastou da abordagem positivista de seu mestre. Vejamos que alguém como Topinard esteve muito mais próximo de Broca quando limitou a antropologia ao campo de pesquisa dos caracteres anatômicos e biológicos do homem. Manouvrier, em vez disso, preferiu adotar uma concepção diferenciada da antropologia como ciência do homem. O que ele fez, desde então, foi acrescentar uma importante dimensão sociológica na sua área, o

os aspectos não apenas físicos, mas também morais foram disseminados discursos que preconizavam, inclusive, que as mulheres negras não seriam boas mães, atribuindo de outro lado qualidades benéficas à mulher branca e sugerindo que esta retomasse os cuidados dos filhos. FRANKLIN, Naila Ingrid Chaves. *Raça, gênero e criminologia: reflexões sobre o controle social das mulheres negras a partir da criminologia positivista de Nina Rodrigues*. 2017. Dissertação (Mestrado em Direito)—Universidade de Brasília, Brasília, 2017. pp. 72-4.

³²⁸ MANOUVRIER, L. "Discussion". In: *Annales de l'Institut international de Sociologie*, 2, 1896, p. 373-83.

³²⁹ BLANCKAERT, Claude. *Lógicas da Antropotecnia: mensuração do homem e bio-sociologia (1860-1920)*. *Revista Brasileira de Historia*. 2001, vol.21, n.41. pp.145-156.

³³⁰ Mesmo que dado esse importante passo, a influência da formação ideológica da época não foi completamente extirpada, conforme será mais bem elaborado nos próximos capítulos. Basta pensar na ideia de eugenismo clássico, da época de Mouvrier, e o eugenismo contemporâneo, que ganhou espaço com a seleção das características dos seres humanos possibilitadas pelas ciências biológicas.

que incluiu, em nossa visão, um adicional político ao campo que os positivistas pretendiam tornar livre dessas influências, equivalendo-se esse impulso a uma crença meta-ideológica.

É claro que Manouvrier pertenceu à atmosfera de ideias do seu tempo. Seu pensamento pode bem ser compreendido a partir do sistema de classificação do conhecimento que ele tomou emprestado de Auguste Comte, de acordo com a seguinte tripartição: (a) ciências básicas ou ordens dos fenômenos, que abrangeria matemática, física, química, biologia e sociologia; (b) ciência dos tipos dos seres; e (c) artes orientadas para ação, notadamente direito e medicina. A antropologia se situaria em um nível intermediário. Ela mobilizaria sobre o estudo do homem os recursos de todas as ciências fundamentais³³¹. Seguindo essa visão foi que Manouvrier realizou o estudo sobre o crime.

Esse esboço da transição da primeira para segunda fase de Manouvrier demonstrou um significativo abandono das teorias positivistas a partir da inserção do conceito da antropotecnia e de sua ressignificação no campo antropológico. Tal deslocamento implicou em grande dissidência em relação ao *meinstream* da antropologia criminal.

2.5 Memórias de Manouvrier: uma crítica metodológica

Ao final do Congresso de 1889, H. Rollet solicitou a colaboração científica de profissionais para a observação de menores que eram levados em custódia antes da audiência. Foi Manouvrier quem ofereceu sua assistência. Por vários anos, ele fez consultas sobre o lugar de depósito em que ficavam esses adolescentes e, posteriormente, no laboratório de *Hautes Études*. Manouvrier refutou a abordagem fisiológica do crime, desqualificando análises identificadoras de patologias e chamou à atenção para as influências externas que estimulariam condutas honestas ou desonestas, apontando para fatores conformadores como a educação defeituosa e as circunstâncias perniciosas.

A tese que Manouvrier apresentou no Congresso de 1889 procurou demonstrar que Lombroso desenvolveu uma teoria retardatória, não demonstrável cientificamente e que fez confusão especialmente entre três dimensões: (1ª) a criminalidade que se combate (categoria sócio-legal); (2ª) a honestidade (categoria advinda da moral); (3ª) e os caracteres antropológicos (categoria anatômica e fisiológica). Manouvrier questionou essa associação leviana feita de

³³¹ ROBERT, Philippe ; LASCOUMES, Pierre ; KALUSZYNSKI, Martine. Une leçon de méthode: le mémoire de Manouvrier de 1892. In: *Déviance et société*. 1986 - Vol. 10 - N°3. pp. 223-246 .

forma automática entre: (a) criminoso condenado, (b) imoralidade, (c) e características antropológicas específicas. Igualmente, a associação inversa também foi por ele criticada: (a) indivíduo não condenado, (b) moralidade, (c) e ausência de características antropológicas específicas. Seus argumentos se lastreavam em três eixos: (a) definição do seu objeto de estudo; (b) as condições da observação científica; e (c) a relatividade da distinção entre lei e moral³³².

Para Manouvrier, o crime seria o resultado de uma construção social em dois sentidos: de um lado, uma construção social da incriminação; de outro, as condições de sua aplicação. Além do mais, a relatividade da definição do crime, bem como da aplicação da pena, são obstáculos para a criação de qualquer teorização geral do crime e do criminoso a partir de conceitos antropológicos. A base do seu sistema de análise não se fiou em um código penal que pudesse dispor de classificações dos cidadãos em categorias fisiologicamente definidas, senão em categorias socialmente definidas. Logo, o seu novo objeto de estudo tornou-se inteiramente social, mesmo que Manouvrier ostentasse uma sólida formação em medicina. Além disso, a abordagem anatômico-fisiológica somente seria relevante se houvesse um vínculo mediado com o lado psicológico. A influência das circunstâncias combinadas é que produziriam determinadas ações³³³. A complexidade do fenômeno do crime fez Manouvrier modificar seus referências e exigir maiores contributos, isto é, resgatou a contribuição de outros campos para a elucidação dos fatores que levavam à violação da lei.

Essa paralaxe³³⁴ realizada por Manouvrier não apenas representou um deslocamento metodológico. Procedeu-se a uma mudança do objeto de estudo. Segundo seus intérpretes, as memórias de 1892³³⁵ são basicamente um artigo sobre método, de modo que o rigor que Manouvrier imprimiu na definição de sua abordagem merece, hoje em dia, maior atenção. O antropólogo francês lembrou-se dos princípios básicos envolvendo experimentação e observação ao questionar se os métodos científicos seriam os mesmos quando se tratasse de homens e quando se tratasse de animais. Manouvrier criticou o fato de que alguns teóricos produziram conhecimento científico, baseando-se em concepções cujos fundamentos lhes escaparam. Além disso, não se pode deixar de se levar em conta que a polícia do Império acompanhava de perto alguns congressos e reuniões de médicos e antropólogos e que o

³³² MANOUVRIER, Léonce. *Questions préalables dans l'étude comparative des criminels et des honnêtes gens*. Archives Anthropologie Criminelle et des sciences pénales, tome septième. Bruxelles, 1892. pp. 557-574.

³³³ ROBERT, Philippe ; LASCOURMES, Pierre ; KALUSZYNSKI, Martine. Une leçon de méthode: le mémoire de Manouvrier de 1892. In: *Déviance et société*. 1986 - Vol. 10 - N°3. pp. 223-246.

³³⁴ ZIZEK, Slavoj. *Visão em Paralaxe*. Tradução de Maria Beatriz Medina. São Paulo: Boitempo, 2008.

³³⁵ MANOUVRIER, Léonce. *Questions préalables dans l'étude comparative des criminels et des honnêtes gens*. Archives Anthropologie Criminelle et des sciences pénales, tome septième. Bruxelles, 1892. pp. 557-574.

conhecimento foi produzido sob a coação do olhar do Estado *gendarme*. A oposição de Manouvrier à visão etiológica lhe fez defender que todos os seres humanos carregam, ao menos em parte, as condições necessárias para se tornarem criminosos. Manouvrier continuou a tarefa de dismantelar os problemas concretos que envolviam a observação e a comparação, apontando uma série de dificuldades para a criação de uma grade de observação e a consequente definição de procedimentos para a coleta de dados. Em seguida, ele entendeu que seria essencial a esse propósito a escolha das populações a serem observadas. A maior dificuldade que Manouvrier encontrou em sua pesquisa, por uma justa observação dos grandes tipos de variação, foram as qualidades fisiológicas e as influências do meio³³⁶. Ele sustentava que para estudar a influencia dessas qualidades ou das variedades de conformação correspondentes e as influencias das condições externas seria “(...) necessário estabelecer grupos de indivíduos de acordo com cada um desses dois tipos de influência, sendo todas as coisas iguais em outros lugares”³³⁷. Na sua visão, seria bastante problemático estabelecer a constituição de duas subpopulações, uma criminosa e outra honesta, principalmente por três motivos, e o principal teria a ver com a representatividade das populações. Primeiro, a população carcerária não poderia ser representativa dos delinquentes reais. Segundo, os cidadãos em geral não penalizados não poderiam ser definidos como não tendo realizado nenhum ato criminoso. Terceiro, a prisão demonstrava-se como *locus* de um refugio, a escória dos criminosos, a parcela mais miserável dessa categoria legal³³⁸. Logo, esse antagonismo entre homens criminosos e homens honestos seria inexistente ou inapreensível para a pesquisa científica rigorosa. O que se extrai disso é que, em síntese, aquilo que foi obra político-ideológica a ciência não conseguiu comprovar sua veracidade.

Não se pode deixar de observar que, nessa época, havia uma união de esforços motivada pela obsessão classificatória, com a finalidade de comparar criminosos e homens honestos. Sem

³³⁶ ROBERT, Philippe ; LASCOUMES, Pierre ; KALUSZYNSKI, Martine. Une leçon de méthode: le mémoire de Manouvrier de 1892. In: *Déviance et société*. 1986 - Vol. 10 - N°3. pp. 223-246.

³³⁷ “Se quisermos estudar separadamente a influência apropriada dessas qualidades ou variedades de conformação correspondentes e a influência das condições externas, devemos estabelecer necessariamente grupos de indivíduos de acordo com cada um desses dois tipos de influência, de modo que todas as coisas sejam iguais em outros lugares”. MANOUVRIER, Léonce. *Questions préalables dans l'étude comparative des criminels et des honnêtes gens*. In: *Actes du troisième Congrès International d'Anthropologie Criminelle*. Bruxelas, 1892. p. 181.

³³⁸ “Não seria rigorosamente necessário, quando se quer estudar o crime com relação à conformação anatômica, perguntar se os criminosos que estamos considerando não constituem uma categoria entre os criminosos, e então se esses criminosos não viveram em meio a condições externas particularmente próprias a lhes fazer adentar na categoria em questão, enfim, se não é provável que esses criminosos teriam sido honestos, pelo menos em termos legais, se tivessem sido sujeitos a condições ambientais razoavelmente favoráveis a conservação do gênero de honestidade?”. MANOUVRIER, Léonce. *Questions préalables dans l'étude comparative des criminels et des honnêtes gens*. In: *Actes du troisième Congrès International d'Anthropologie Criminelle*. Bruxelas, 1892. p. 176.

deixar de prestar bastante atenção às ideias de Manouvrier, Garófalo lançou a seguinte proposta de apresentação de trabalhos para os congressos posteriores que os teóricos da antropologia criminal iriam participar:

Uma comissão composta por sete antropologistas será encarregada de fazer uma série de observações comparativas para serem apresentadas no próximo Congresso de uma cifra de cem criminosos vivos, ou pelo menos, dos quais um terço são assassinos, um terço violentos, um terço de ladrões e um número igual de cem pessoas honestas cujas origens e os de suas famílias são bem conhecidos³³⁹.

Se compararmos essa passagem à proposta de Manouvrier, perceberemos que sua crítica partiu de uma serena posição de lucidez, reconhecendo os próprios limites da pesquisa científica. Para que os grupos classificados pudessem ser compreendidos em seu comportamento (honesto ou criminoso) seria necessário levar em conta uma série muito ampla de fatores e influências, e isso tornaria a pesquisa praticamente inviável. A pesquisa rigorosa sobre a conduta humana seria uma tarefa impossível, pois irrealizável empiricamente e as representações populacionais *a priori* partiriam de construções inconsistentes. Aqui é como se Manouvrier deixasse explícito que a antropologia criminal não tinha condições de ser radical em seus propósitos deterministas. De fato, todo o campo de construção da antropologia criminal que tratasse do crime e do criminoso de acordo com certo determinismo comportamental-naturalista se tornava o conjunto de propostas visivelmente reducionista.

Para reforçar, Manouvrier também se deteve na demonstração de quão relativa poderia ser a noção de honestidade, seus limites e sua maleabilidade temporal. Ele desenvolveu argumentos no mínimo interessantes para a época a respeito da moral das pessoas honestas. A honestidade, segundo sua visão, estaria relacionada ao risco de sancionamento. Nas suas próprias palavras: “o que diferencia os honestos dos criminosos, é simplesmente que estes não recuam diante do medo de policiais [*gendarmes*], enquanto que aqueles são desonestos se não tiverem riscos a correr”.³⁴⁰ Isso relativiza a ideia de honestidade por esta ser definida não pelo

³³⁹ MANOUVRIER, Léonce. Questions préalables dans l'étude comparative des criminels et des honnêtes gens. IN : *Actes du troisième Congrès International d'Anthropologie Criminelle*. Bruxelles, 1892. p. 171.

³⁴⁰ “O que distingue as pessoas honestas dos criminosos é simplesmente que elas não recuam por medo dos policiais, enquanto que aquelas são desonestas somente se não correrem riscos”. MANOUVRIER, Léonce. Questions préalables dans l'étude comparative des criminels et des honnêtes gens. IN : *Actes du troisième Congrès International d'Anthropologie Criminelle*. Bruxelles, 1892. p. 178.

indivíduo em sua essencialidade, mas pelas circunstâncias da vida. Essa noção se estenderia ao crime.

As pessoas honestas seriam aquelas mantidas nessa condição por motivos bastante circunstanciais (morais ou vulgares), enquanto que outros, por razões também circunstanciais, seriam impelidos ao cometimento de crime. No projeto da antropologia criminal de Manouvrier (ou antropologia legal, como preferiu renomear), que acabou se tornando uma criminologia, a questão toda não seria explicar os motivos da ação, mas estudar as condições ambientais em que o indivíduo observado passou sua infância, sua adolescência, além de todas as circunstâncias externas que lhe poderiam preparar e, posteriormente, projetar para o crime, ou, ao contrário, torná-lo um homem honesto (essa orientação, certamente, está muito próxima ao que a prática processual, atualmente, chama de estudo e parecer social). Como se vê, sua concepção de honestidade era moderada, porque mais social do que psíquica³⁴¹, e mais dependente de condições externas do que de características ontológicas.

2. 6 A antropotécnica como estratégia biopolítica: a arte de punir e a convergência dos saberes

Não é de pouca relevância, contudo, que um jurista como Clóvis Bevilacqua, autor da obra *Criminologia e Direito*³⁴², escreveu um artigo, na *Revista Brasileira*³⁴³, intitulado *Juristas Filósofos* e se encarregou de encarar algumas das ideias de Manouvrier, a quem, como dissemos, considerou um “sábio antropologista”. Bevilacqua, que tinha lido Spencer (para quem o livre jogo da concorrência permitiria aprimorar a raça humana da melhor forma possível³⁴⁴), afirmou que “a antropologia aplicada é a anthropotechnia, e justamente no número de ramificações da anthropotechnia que se enquadra o direito, ao lado da política, da educação, da moral, da hygiene e da medicina”³⁴⁵. A antropotécnica, conforme a compreendemos, apesar dos esforços de Manouvrier em querer delimitar o seu conceito, traria consigo o fundo ideológico

³⁴¹ ROBERT, Philippe ; LASCOUMES, Pierre ; KALUSZYNSKI, Martine. Une leçon de méthode: le mémoire de Manouvrier de 1892. In: *Déviance et société*. 1986 - Vol. 10 - N°3. pp. 223-246.

³⁴² BEVILAQUA, Clóvis. *Criminologia e Direito*. Bahia, 1896.

³⁴³ BEVILAQUA, Clóvis. *Juristas Filósofos*. In : *Revista Brasileira*. Rio de Janeiro, tomo nono, 1897. pp. 101-10, 137-50.

³⁴⁴ POLIAKOV, Léon. *O Mito Ariano*: ensaio sobre as fontes do racismo e dos nacionalismos. Tradução de Luiz João Gaio. São Paulo: Perspectiva, 1975. p. 286

³⁴⁵ BEVILAQUA, Clóvis. *Juristas Filósofos*. In : *Revista Brasileira*. Rio de Janeiro, tomo nono, 1897. pp. 101-10, 137-50.

que se projetaria em todos esses campos mencionados por Bevilaqua, pautados que estavam pela ideia de progresso das nações.

O direito, para Bevilaqua, necessitaria das luzes da ciência do homem, a antropologia. Porém, Bevilaqua discordava de Manouvrier (em que pese ele reconhecesse o amplo conceito de antropologia³⁴⁶ apresentado pelo autor francês) por entender que, por ser uma arte essencialmente social, o direito necessitaria muito mais das luzes que a sociologia projeta (e não tanto da antropologia). Logo, o conhecimento do direito adviria de uma disciplina sociológica. Como dissera Bevilaqua: “e, si o direito necessita das luzes de todas as sciencias que se occupam do homem, como geralmente hoje reconhecem os juristas de mediana cultura, hão de vir coadas essas luzes através da sociologia para que possam melhor iluminá-los”³⁴⁷.

É bastante fácil perceber que essa contrariedade é apenas aparente. Basta lembrar que o adicional sociológico foi justamente o elemento que permitiu a Manouvrier se divorciar dos postulados positivistas-lombrosianos. O direito penal seria uma arte, não uma ciência como a antropologia, pois seria produzido com vistas à aplicação e, sobretudo, estaria pautado pelo progresso da nação. *A arte de punir*, por ser uma ferramenta de uso e de orientação da sociedade³⁴⁸, disporia de sua característica fundamental que seria a aplicabilidade e a suscetibilidade à absorção de variados ramos do conhecimento, o que a tornaria um saber essencialmente prático ou uma razão prática, ou conforme entendemos: uma antropotécnica criminal.

Nesse ponto, reconhecemos que talvez a ingenuidade de Manouvrier tenha se evidenciado em seu postulado segundo o qual a antropotecnica serviria de orientação para as metas da humanidade. Não esqueçamos que nesse tempo o ideal de promoção da riqueza das nações estava fortemente pautado pela classificação dos povos no sentido de promover a saúde dos indivíduos integrantes da nação. A eugenia³⁴⁹ contribuiu para a construção da ideologia

³⁴⁶ “A vastidão de uma tal sciencia é tão grande que ella tem necessidade de desmembrar-se e especializar-se para ser convenientemente estudada, e, ainda assim, qualquer de seus ramos se afigura, pelo tamanho, uma árvore inteira, quero dizer, uma sciencia completa. Porém, parece-me que a anthropologia mesmo transformada, mesmo com essa magnitude de pantosophia, terá de estudar os seres e as categorias de seres de uma esphera sob o ponto de vista *natural* e não *cultural*. E sendo assim, somente uma feição do direito entrará razoavelmente em sua órbita. É mais natural, portanto, que o conhecimento desta espécie se prenda diretamente à sociologia, porque não é a natureza que produz propriamente o phenomeno jurídico, mas sim a sociedade.” BEVILAQUA, Clóvis. *Juristas Philósofos*. In : *Revista Brasileira*. Rio de Janeiro, tomo nono, 1897. pp. 101-10, 137-50.

³⁴⁷ BEVILAQUA, Clóvis. *Juristas Philósofos*. In : *Revista Brasileira*. Rio de Janeiro, tomo nono, 1897. p. 150.

³⁴⁸ E aqui, sem dúvida, podemos incluir as teorias da penal como exemplares da antropotécnica criminal, pois além de orientarem a sociedade, produzem um novo homem.

³⁴⁹ Sobre a eugenia, segundo Schwarcz, Galton, que era conhecido como naturalista e como geógrafo especializado em estatística, por influência da obra de Darwin, publica em 1869, *Hereditary Genius*, obra que procurou provar,

desse tempo, que subjugou povos ao defini-los como subespécies. O seu lado obscuro, sua face oculta, foi o modo de lidar com os considerados pertencentes às raças degeneradas.

Na sequência de interpretação da antropotecnia, o mesmo caminho parece ter seguido Arthur Orlando³⁵⁰, em um tópico intitulado *O Crime*, de sua obra *Ensaio de Crítica* (1904), quando teceu algumas considerações sobre o conceito, que muito se assemelharam às aquelas realizadas por Manouvrier e Bevilaqua. Orlando chegou a sustentar que: “sendo o Direito uma arte antropotécnica, como o é a medicina, claro está que ele não pode fechar os olhos às luzes da Antropologia”³⁵¹. Nas suas ideias se percebe a influência de Manouvrier que via na antropologia não um campo de estudos da genealogia das raças, mas uma ciência social do homem. O direito como arte antropotécnica aproveitaria o conhecimento antropológico, tornando o benefício dessa conexão “evidente como qualquer axioma matemático”³⁵². Estaria em foco, mais uma vez, a premissa prática³⁵³ do direito que suporia que este adviria da realidade das ações, assim como a lei adviria da realidade dos fatos, o que tornaria errônea e absurda qualquer concepção de lei ou de direito que pairasse acima e se concebesse previamente aos fenômenos da vida. Assim, a distinção antiética entre direito e fato, lei e fenômeno, teria de ser

com fundamento no método estatístico e genealógico, que as capacidades humanas seriam frutos da hereditariedade, e não da educação. As proibições aos casamentos entre raças, assim como as restrições sobre alcoólatras, epiléticos e loucos visava a um aprimoramento das populações. Seria a partir da identificação das características físicas que os grupos sociais indesejados seriam reconhecidos. “Transformada em um movimento científico e social vigoroso a partir dos anos 1880, a eugenia cumpria metas diversas. Como ciência, ela supunha uma nova compreensão das leis da hereditariedade humana, cuja aplicação visava a produção de ‘nascimentos desejáveis e controlados’; enquanto movimento social, preocupava-se em promover casamentos entre determinados grupos e talvez o mais importante – desencorajar certas uniões consideradas nocivas à sociedade”. Foram, portanto, os movimentos de eugenia que fomentaram uma administração da hereditariedade, “introduzindo novas políticas sociais de intervenção que incluíam uma deliberada seleção social”. E segue Schwarcz: “a eugenia não apenas representava a política social desse modelo determinista, como revelava as incompatibilidades existentes entre evolucionismo cultural e darwinismo social. Com efeito, punha-se por terra a hipótese evolucionista, que acreditava que a humanidade estava fadada à civilização, sendo que o termo degeneração tomava aos poucos o lugar antes ocupado pelo conceito de evolução, enquanto metáfora maior para explicar os caminhos e desvios do progresso ocidental. Para os autores darwinistas sociais, o progresso estaria restrito às sociedades ‘puras’, livres de um processo de miscigenação, deixando a evolução de ser entendida como obrigatória”. No Brasil, falava-se em branqueamento. Acreditava-se que nas gerações vindouras o Brasil mestiço tornar-se-ia um Brasil Branco (eis o que se entendia como crença no progresso). SCHWARCZ, Lilia Mortiz. *O Espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. pp. 16, 79-80.

³⁵⁰ Advogado e ensaísta, nascido em Recife em 22 de junho de 1858 e falecido em 1916, considerado integrante da Escola de Recife ao lado de Tobias Barreto, Clóvis Bevilaqua, Silvio Romero e João Vieira de Araújo.

³⁵¹ ORLANDO, Arthur. *Ensaio de Crítica*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo Editorial Grijalbo LTDA, 1975. p. 155.

³⁵² ORLANDO, Arthur. *Ensaio de Crítica*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo Editorial Grijalbo LTDA, 1975. p. 156.

³⁵³ A instrumentalização do conhecimento foi um dos propósitos da criação, logo após a Primeira Guerra Mundial, do *Institut international d'Anthropologie* que visava a um alcance prático dos saberes e reivindicava uma pesquisa livre e independente, preconizando o ideal da verdade pura nas pesquisas diariamente realizadas. CAPITAN, L. Rapport général [réunion préparatoire pour la fondation de l'institut international d'Anthropologie]. *Revue anthropologique*, 30, 1920, p. 209.

protestada. Somente a partir do esclarecimento dessas premissas seria possível explicar a relação entre o direito e a ciência, bem como sua hierarquia envolvendo o conhecimento humano³⁵⁴.

Na concepção de Orlando, aqui também quase idêntica à de Manouvrier, o conhecimento humano apresentaria uma divisão tripartida: (1ª) a primeira categoria envolveria as ciências que diriam respeito às diferentes ordens de fenômenos; (2ª) a segunda categoria diria respeito às ciências que se ocupariam das diversas espécies de seres; e (3ª) na terceira estariam as artes que teriam por finalidade o emprego das descobertas científicas sobre a natureza, seja interior, seja exterior. Conforme Orlando, a primeira divisão disporia das ciências abstratas, que investigariam os fenômenos em qualquer lugar; e a segunda trataria das ciências concretas, que estudariam as características dos seres em sua totalidade. As duas primeiras categorias seriam complementares, auxiliando-se mutuamente. Daí que o conhecimento de um fenômeno exigiria que fosse estudado em todos os seres, assim como para o conhecimento de um ser tornaria necessário fosse estudada a totalidade das ordens de fenômenos que a partir dele se manifestassem. Fariam parte da primeira categoria: matemática, física, química, biologia e sociologia. A segunda categoria englobaria: cosmografia, meteorologia, geografia, genealogia, minerologia, botânica e zoologia. Se fosse então imprescindível estudar toda espécie de ser de acordo com a sua complexidade e integralidade, obviamente os seres humanos não estariam livres dessa abordagem. Logo, a antropologia visaria a um estudo completo do homem, desde o aspecto numérico até o aspecto social. Com essas considerações é que Orlando compreendeu que as artes teriam de ser vistas a partir de seus processos cujos fins seriam a ação do homem, não apenas sobre a natureza, mas também sobre si mesmo. As artes, uma vez que repousariam sobre as leis agrupadas pelas ciências, trariam relações com suas ciências específicas. As artes mecânicas manteriam um contato direto com as ciências físicas. Encontraria mesmo tratamento a arte do direito, sobre o que teria pertinência estabelecer uma relação com a ciência social, concreta ou abstrata, isto é, antropologia ou sociologia³⁵⁵.

Ao considerar que o direito seria uma arte como a medicina, Orlando não deixou de reconhecer suas diferenças, já que para os fins da medicina o conhecimento anatomo-fisiológico seria suficiente, ao passo que para o direito, muito mais complexo, requeriria o aproveitamento

³⁵⁴ ORLANDO, Arthur. *Ensaio de Crítica*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo Editorial Grijalbo LTDA, 1975. p. 153.

³⁵⁵ ORLANDO, Arthur. *Ensaio de Crítica*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo Editorial Grijalbo LTDA, 1975. pp. 154-5.

do conhecimento da etnografia e da demografia, que confeririam importante respaldo para a arte jurídica. O autor chama à atenção em seu ensaio para o fato de que, quando o médico era chamado a um tribunal para oferecer seu conhecimento, em realidade, não o fazia como profissional da sua área, senão como homem de ciência, ou seja, não eram os saberes de como tratar um doente que eram convocados, mas o que se oferecia eram os saberes antropológicos. Esse detalhe, entretanto, apresentou um resultado bastante sutil, pois não o antropólogo, mas o médico seria chamado a dizer sobre o caso em questão, e isso encaminhou rapidamente os problemas do campo penal para o campo psiquiátrico, o que vem a explicar o fato de, em um primeiro momento, Lombroso ter considerado o crime como ação de determinada espécie humana e, posteriormente, ter considerado o crime como um caso de epilepsia. Orlando parece ter compreendido que os exageros acerca da gênese atávica ou patológica do crime da nova escola positivista produziram um resultado benéfico: “concorreu para que, em nome da Antropologia, se operasse viva reação em favor da gênese normal da criminalidade, e assim resultassem efeitos mais benéficos não somente para o Direito, mas também para a Moral, para a Pedagogia, para a Política”³⁵⁶. Com essa ideia, Orlando entendeu que seria um grande ganho para as faculdades criarem uma disciplina de antropologia jurídica, a fim de se estudar cientificamente o homem e esse movimento daria maior vigor ao direito civil e ao direito penal. O próprio direito penal, nas ideias do autor, viria a ser uma espécie de nosologia, o direito civil uma espécie de higiene social. Como se pode notar, o ensaio de Orlando manifestou uma pretensão de abrangência muito maior e mais perspicaz do que a de lombroso, pois a ideia de estudar o criminoso em todas as múltiplas e variadas circunstâncias da vida, como fatores de influência da vontade humana, chamaria ao campo penal um número cada vez maior de saberes para definir o crime e o criminoso. Talvez isso também possa explicar que o fato de que campo penal tenha sido o primeiro a reconhecer a necessidade de aproveitar os tais achados da antropologia, como pontuou Orlando. Essa pretensão de totalidade, de chamamento dos saberes a fim de que estes ofereçam as devidas contribuições de seu campo restará bastante clara com o que, atualmente, se definiu como tecnologias convergentes (conforme se expõe no quarto capítulo). Não à toa que Orlando, à sua época, dissesse que a aplicação dos dados antropológicos abriria ao direito civil os mais largos horizontes³⁵⁷.

³⁵⁶ ORLANDO, Arhtur. *Ensaio de Crítica*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo Editorial Grijalbo LTDA, 1975. p. 157.

³⁵⁷ ORLANDO, Arhtur. *Ensaio de Crítica*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo Editorial Grijalbo LTDA, 1975. p. 158.

Em que pese a antropologia criminal, a partir dessas ideias, já iniciar o processo de concentração de pretensões fáusticas no domínio útil da totalidade dos saberes e reuni-los em torno do homem, a antropotecnia, contudo, não parece ter dado conta explicitamente de explicar esse fenômeno convergente de chamamento dos saberes para contribuir com sua definição sobre um determinado fenômeno, mas pode ter lançado as pistas sobre esse processo de conjugação instrumental dos saberes no campo penal. O próprio conceito da antropotecnia estaria ainda como que setorizado, não abrangente de uma totalidade.

De toda sorte, Bevilaqua (alguém que viu no aumento da criminalidade fatores de ordem social, o crescimento demográfico dos centros urbanos, o aumento da pobreza e da miséria³⁵⁸) reconheceu que diante de tantas contribuições das ciências ditas naturais faltaria ainda a fala do direito. Para Bevilaqua: “somente elle [o direito] poderá effectuar a convergência dos pontos de vista”³⁵⁹. Somente o direito poderia dar um acabamento natural aos processos de indução que foram iniciados por outras disciplinas que trataram do crime, porque, para Bevilaqua, esse seria um fenômeno sociológico e da espécie jurídica, apesar de suas raízes estarem localizadas em domínios distantes, como no da psicologia e no da biologia³⁶⁰. Sem deixarmos aqui de ter o cuidado para não conferirmos um significado para além daquele que foi pretendido por Beviláqua, entendemos ser possível extrair de suas considerações que o direito se tornou uma arte instrumentalizadora por conjugação, um instrumento cuja façanha seria tornar outros saberes verdadeiro instrumento (saberes auxiliares): o direito seria uma arte antropotécnica de colonização dos saberes³⁶¹.

³⁵⁸ DANTAS, Laércio Albuquerque. *A Escola do Recife e os Discursos sobre a Criminalidade: teorias científicas e projetos de sociedade no Recife das décadas de 1880-1890*. Recife, 2013. p. 55.

³⁵⁹ Segue Bevilaqua com as suas esclarecedoras afirmações: “aceitemos, os juristas, todas as informações, quaisquer que sejam as suas fontes, contanto que sejam sinceras e provadas, peçamos documentos a todos os sistemas, a todos os métodos empregados para dissecar, explanar e classificar o crime e o criminoso; mas, neste conflito de jurisdição, não cedamos uma linha, porque iríamos assim amputar uma das mais bellas porções da jurisprudência”. Ao final de sua afirmação o caráter estético, a beleza de uma jurisprudência penal, é o fechamento de um discurso em defesa de uma arte de punir, que aqui chamamos de antropotécnica criminal (BEBILAQUA, Clóvis. *Criminologia e Direito*. Bahia, 1896. p. 11). Por isso, parece ter razão Sloterdijk quando dissera que os suplícios teriam sido uma das mais suntuosas artes de punir modernas. O encantamento de Bevilaqua com seu campo reflete a mais clara admiração de um teórico/cientista com o seu campo e sua ciência, mesmo que nesse tempo se tratasse da classificação de seres humanos diante do fato criminoso.

³⁶⁰ BEBILAQUA, Clóvis. *Criminologia e Direito*. Bahia, 1896. p. 11.

³⁶¹ Esse processo de transição de um campo científico para o seu uso em sede penal, ainda que de maneira estranha e disforme que causaria espanto aos cientistas de sua área, foi bem elucidado por Foucault em *Os Anormais*. FOUCAULT, Michel. *Os Anormais: curso no Collège de France (1974-1975)*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes: 2001.

2.7 Um balanço sobre as contribuições de Manouvrier

Manouvrier chegou a propor a substituição da expressão “antropologia criminal” por “antropologia jurídica”, e uma de suas pretensões foi livrar o seu campo de estudo de maus entendidos. Ao propor um novo nome, Manouvrier propôs uma substituição do objeto de estudo.

A lógica argumentativa de Manouvrier pode ser assim descrita: (a) todas as considerações sobre as causas do comportamento criminoso, em um primeiro estágio do seu pensamento, recairiam sobre a medicina e a psiquiatria legal, porque estas seriam artes e não ciências. O mesmo diria respeito ao conhecimento similar em direito civil; (b) a antropologia seria uma ciência, a ciência do homem e como tal cuidaria do conhecimento, não do saber prático. Logo, a antropotecnia diria respeito às práticas que fazem uso dos saberes e, portanto, seriam aplicáveis; (c) no que toca ao comportamento desonesto, sua noção seria muito mais ampla do que as incriminações legais ou a repressão penal, pois dependeria da apreciação de interesses combinados com as propostas educativas e das minúcias circunstanciais da vida cotidiana; (d) esse resultado pressupôs que a arte jurídica fosse esclarecida pela ciência antropológica. O ato legislativo somente evitaria efeitos negativos se fosse um ato de razão decorrente de um conhecimento da natureza humana e não da ignorância, da metafísica ou da opressão. Desta forma, o trabalho de Manouvrier sobre a igualdade das capacidades cerebrais de seres humanos – por exemplo, entre homens e mulheres – o fez exigir a igualdade do *status* jurídico. Por óbvio que a antropologia jurídica de Manouvrier não era a sociologia do direito contemporânea: ele não tomou o direito como um objeto de estudo. Sua proposta consistiu em apenas esclarecer esse campo que interessava à antropotecnia. E nisso consistiu sua perspicácia: para ele, seria pela via do direito que uma ciência do homem poderia abordar o estudo do crime, uma vez que se trataria de uma construção legal. Embora possa haver criminosos que apresentem patologias, fato é que alguns comportamentos se explicam pelos mesmos motivos quando praticados por agentes normais. Entretanto, considerar que o crime diz respeito a uma construção social nos conduz a duas consequências diretas: a incriminação legal e a eventual repressão penal. Manouvrier enfatizou a arbitrariedade das incriminações que são responsáveis por exonerar comportamentos muito semelhantes aos que ameaçam com punição. Além de destacar o papel da reação social, Manouvrier também fez análises de bodes expiatórios³⁶².

³⁶² ”Torna-se necessário perguntar se os criminosos aprisionados não são simplesmente uma categoria de criminosos mais facilmente apreendidos pela lei e pela polícia, mais particularmente, mais particularmente, perigosos, talvez, para a tranquilidade pública, e mais exclusivamente sacrificado, em todo caso, como um tipo de

Pouco sensíveis ao seu ambientalismo ou proto-iteracionismo, os criminólogos do seu tempo mais preocupados estavam em provar sua utilidade social ou sua capacidade de prescrever. Manouvrier foi responsável por provocar uma pequena fissura na teoria lombrosiana e isso abriu espaço para o aparecimento do ecletismo. Os sucessores de Manouvrier não lhe deram um destino melhor, uns o esqueceram e outros adotaram posições radicalmente opostas às suas. Como já reconheceram alguns de seus intérpretes, aqueles que perverteram o seu pensamento não guardaram o que Manouvrier ofereceu de melhor: uma lição de método científico, de honestidade intelectual³⁶³, e de distanciamento do determinismo (fisiológico, biológico, cultural, de gênero e social etc.) e da eugenia.

De fato, Manouvrier realizou análises bastante lúcidas sobre a questão criminal em sua época, adiantando críticas que posteriormente seriam realizadas por diversas escolas criminológicas³⁶⁴. Sua visão talvez tenha sido abafada pela força do consenso científico que imperava na sua época. Entretanto, não é de se excluir um detalhe importante anteriormente mencionado, que foi o controle estatal arbitrário da produção científica, que, por exemplo, colocou a polícia para observar de perto o teor das ideias que eram apresentadas nos congressos de antropologia. Isso não impediu Manouvrier de definir seu posicionamento. Mas de pronto já diz muito sobre o destino dos conceitos até então desenvolvidos. Na realidade, podemos também considerar que aquilo que Manouvrier fez foi politizar o seu campo de pesquisa. Quando trouxe à tona a ideia de que o problema criminal seria de ordem sociológica, e não natural – ao contrário do que seus colegas procuravam defender com uma ciência pretensamente asséptica –, ele acabou demonstrando que essa pureza seria uma ficção e que se tratava de falar de um campo de decisões políticas e não meramente científicas. E foi justamente isso que apareceu com o desdobramento dos congressos de antropologia³⁶⁵. Eles foram, ao final, embates políticos em espaços de disputa sobre “o que é o homem criminoso” e sobre “o que fazer” a partir dessa definição. Eis aí uma relação entre conceito e política. Heidegger tinha dito algo semelhante a esse respeito: “a disputa entre pensadores é a ‘disputa amorosa’ da mesma

dode expiatório para assegurar à lei uma sanção indispensável. Graças a este tributo pago à moralidade em detrimento dos criminosos qualificados pela lei, outros podem dizer que eles são honestos pela definição legal e todos os seus atos, o mais contrário à moralidade, eu não digo ideal, mas bem e verdadeiramente reconhecido, tornar-se então pequenos pecados, simples incidentes da vida”. MANOUVRIER, L., « Questions préalables dans l'étude comparative des criminels et des honnêtes gens, Archives Anthropol. Crim., 1892, 558-574.

³⁶³ ROBERT, Philippe ; LASCOURMES, Pierre ; KALUSZYNSKI, Martine. Une leçon de méthode: le mémoire de Manouvrier de 1892. In: *Déviance et société*. 1986 - Vol. 10 - N°3. pp. 223-246.

³⁶⁴ O paradigma do evolucionismo social encontra sua decadência em favor do elogio às perspectivas culturalistas, nos anos 30. SCHWARCZ, Lília Mortiz. *O Espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 29.

³⁶⁵ DEL OLMO, Rosa. *A América Latina e sua Criminologia*. Tradução de Francismo Eduardo Pizzolante e Sylvio Moretzohn. Rio de Janeiro: Revan, 2004.

questão. Ela auxilia-os alternadamente a penetrar na simples participação no mesmo, a partir do qual eles encontram a docilidade no destino do ser”³⁶⁶.

O que Manouvrier também fez foi promover uma reaproximação dos modelos humanistas de conhecimento, que eram afastados desde a versão poligenista da interpretação biológica na análise dos comportamentos, que acreditava haver diferentes raças humanas que constituíam espécies diversas (quer em razão do clima, quer em razão da miscigenação). Por isso questionamos: se a craniometria e a antropometria tiveram, como foi visto, a pretensão de definir as capacidades humanas nas correlações com a medição do corpo³⁶⁷, o que permaneceria ainda vivo desse empreendimento? Sem dúvida, uma teoria, um conceito é produto de um tempo e de um lugar e, por isso, está, necessariamente, fadado a ser ultrapassado e perder o seu uso. Contudo, o mesmo pode ser dito em relação à ideologia que auxiliou na criação desse conceito? Ainda que não sejam mais utilizados os métodos do modelo positivista criminológico, seria então correto dizer que aquilo que fica como herança seria sua influência ideológica³⁶⁸? A antropotécnica sobreviveria como ideologia dessas questões?

O que se percebe nos detalhes bastante sutis revelados por Manouvrier foi que uma teoria, uma ideia ou um conceito pode até não corresponder à verdade científica, concebida pelo rigor metodológico, ou não encontrar consenso entre os cientistas, mas algo lhe permite continuar vigendo. É como se algo não estranho, mas talvez de difícil precisão, lhe exigisse uma sobrevida, porque ainda demonstraria ser útil a determinados fins. Se determinado discurso não dispõe de legitimidade científica, não quer dizer que não encontre utilidade política. Do contrário, como poderiam ideias que não mais se sustentam cientificamente, quando são colocadas à prova, encontrarem um caminho de permanência e aceitação em determinados espaços? Como o ideário positivista pode ainda estar vigendo com todo seu vigor?

Quem nos dá uma pista sobre esse quadro complexo não é outro senão o próprio médico considerado o pai do positivismo criminológico. Como um seguidor do esclarecimento, ele deixa sua impressão em uma última obra com essas palavras:

É uma triste missão, a nossa, de dever, com a tesoura e a análise, uma por uma, esmigalhar, destruir, aqueles delicados e multicoloridos véus, com os quais se embeleza e se ilude o homem, na sua vaidade orgulhosa; e não poder dar em

³⁶⁶ HEIDEGGER, Martin. *Carta Sobre o Humanismo*. Tradução de Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2005. p. 42.

³⁶⁷ SCHWARCZ, Lilia Mortiz. *O Espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. pp. 65-6.

³⁶⁸ DIAS, Jorge de Figueiredo; Andrade, Manuel da Costa. *Criminologia: o homem delinquente e a sociedade criminógena*. Coimbra: Coimbra Editora, 2007. P. 24.

troca dos ídolos mais reverenciados, dos mais doces sonhos, que o gélido sorriso cínico³⁶⁹.

Ao que parece, esse estado de manutenção de certa aceitação em determinados espaços e épocas pode ser concedido não por certo fortalecimento teórico advindo de injeções de mais e mais teorias, como em um delírio paranoico daquele não se permite abandonar suas premissas; nem por meio do enaltecimento inarticulado pela aceitação e pelo consenso de um grupo de sujeitos responsáveis por pensar um campo científico; mas seria a própria ideologia³⁷⁰ que permitiria a um conceito ou a um conjunto de ideias adquirir força e em certa medida influenciar o espaço do discurso e, portanto, de decisões e de comportamentos. Se Manouvrier, de fato, colocou as teses de Lombroso à prova e as falseou, mas pouca ressonância essa investida pôde provocar no seu campo, foi certamente algo fantasmático como a ideologia de uma época que permitiu ao lombrosianismo não se dissolver teoricamente, vindo, ao contrário, a reparecer de tempos em tempos por meio de novas máscaras, isso porque o lombrosianismo está lastreado em um paradigma muito mais amplo, que é o paradigma imunológico. Mas se a ideologia persistiu, de que ideologia se trata?

Finalmente, pode-se dizer louvável o esforço empreendido por Manouvrier ao tentar demonstrar a inaplicabilidade dos preceitos do lombrosianismo. E isso tem a ver com a honestidade científica que lhe era própria. Quando ele procurava vincular as teses do positivismo criminológico à sua aplicabilidade para testá-las, vemos perfeitamente desenhado o seu esforço em definir os parâmetros de aplicabilidade das ferramentas antropotécnicas, pois seria no âmbito das práticas que elas encontrariam pertinência. Mas aqui podemos perceber a ingenuidade de Manouvrier. Ele mesmo não se deu conta de que: se no campo da aplicação o lombrosianismo beira à torpeza, é porque sua relevância se situa no âmbito ideológico para servir à justificação de determinadas decisões (que podem dizer respeito ao controle biopolítico de populações, à forma preconceituosa³⁷¹ de gerir grupos de indivíduos perfilados, etc.). Ainda

³⁶⁹ LOMBROSO, Cesare. *L'uomo di Genio: in rapporto alla psichiatria, alla storia e all'estetica*. Turin: Fratelli Bocca, 1894. p.1

³⁷⁰ A ideologia é utilizada no sentido da falsa consciência esclarecida, conforme foi descrito por Sloterdijk em *Crítica da Razão Cínica* (SLOTERDIJK, Peter. *Crítica de la Razón Cínica*. Tradução de Miguel Ángel Veja. Ed. Siruela, 2007). Sabe-se o que faz. Ou seja, sabe-se que os postulados positivistas não se sustentam cientificamente, mas ainda assim continua-se a utilizá-los como se eles correspondessem à verdade. Zizek procura avançar nessa síntese ideológica, adicionando, de acordo com a teoria psicanalítica, a dimensão do imaginário do campo ideológico. ZIZEK, Slavoj. *Eles não Sabem o que Fazem: o sublime objeto da ideologia*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zaharo, 1992.

³⁷¹ Sobre o tema: SOUTULLO, Daniel. El Concepto de Eugenesia y su Evolución. In: *La Eugenesia Hoy*. (Org.) CASABONA, Carlos María Romeo. Madri: Bilbao-Granada, 1999.

que estas distinções sejam meramente didáticas, não seria para o campo estritamente científico que devemos olhar, mas justamente para o campo político. Por isso que não seria a criminologia a porta-voz das decisões políticas sobre o crime, senão a política criminal, uma ferramenta da antropotécnica criminal de controle biopolítico das populações, que revelou ser no espaço das decisões que as teorias sobre o crime devem ser testadas e é lá que a convergência dos saberes apresenta sua lógica.

2.8 Antropotécnica e biopolítica a um passo do terror: o racismo de guerra e o corpo-espécie

A antropotécnica acabou se tornando a possibilidade de inserção do aspecto ontológico (no sentido onto-antropológico) à biopolítica. Mas não apenas isso. A antropotécnica de Manouvrier se tornou uma ferramenta específica da manifestação da biopolítica no âmbito da antropologia criminal. Afinal de contas, conforme Foucault, a biopolítica não falaria também do problema dos efeitos climáticos, geográficos, hidrográficos, em última análise, do problema do meio, entre os séculos XVIII e XIX?

Não por outro motivo, Foucault dissera que “(...) o problema desse meio, na medida em que não é um meio natural e em que repercute na população; um meio que foi criado por ela”. Disso se extrai que o meio é também produto. E a biopolítica disporia do problema daquilo que é produzido, enquanto meio produzido, enquanto problema da cidade, porque justamente todas essas produções adviriam de decisões sobre a vida. A biopolítica, nesse tempo, produziu uma dinâmica de saber-poder que tratou da “natalidade, da morbidade, das incapacidades biológicas diversas, dos efeitos do meio, é disso tudo que a biopolítica vai extrair seu saber e definir o campo de intervenção de seu poder”³⁷².

A inserção de um elemento novo que até então não era tratado pelo direito não é apenas de um novo homem, não apenas do homem-corpo, mas do homem-espécie, o homem- múltiplo como um corpo múltiplo, em suma, a população. Diferentemente da disciplina que se interessava pelo indivíduo e seu corpo, o que passou a interessar nesse período foi a população que se definia como problema ao mesmo tempo político e científico³⁷³. Disciplina e controle

³⁷² FOUCAULT, Michel. *Em Defesa da Sociedade*: curso no Collège de France (1975 – 1976). Tradução de Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. São Paulo: Martins Fontes: 2018. p. 206.

³⁷³ FOUCAULT, Michel. *Em Defesa da Sociedade*: curso no Collège de France (1975 – 1976). Tradução de Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. São Paulo: Martins Fontes: 2018. p. 206.

regulatório³⁷⁴ não se excluía, eram desde então sobrepostos. Por isso, seria o caso de questionar: se esses problemas que atualmente o assunto da antropotécnica vem reivindicar sua definição já foram, em boa parte, destrinchados por Foucault ao falar da biopolítica - esta expressão muito se parece com a noção da antropotecnia -, qual seria, portanto, a relevância, nesse ponto preciso, da articulação do conceito da antropotécnica, conceito do qual, diga-se, Foucault não se ocupou?

A primeira justificativa que nos dá o ensejo para a discussão sobre a incidência da antropotécnica como conceito é residual. A antropotécnica falará, entre outras coisas, a partir de uma micropolítica³⁷⁵ (do desejo, da técnica, do crime) de uma excrescência, do resíduo biopolítico que é o corpo como produto. Conforme desenvolvemos o tema no primeiro capítulo, Schreber foi o produto de uma prática biopolítica, um corpo como excrescência dos métodos pedagógicos empregados por seu pai, um médico renomado do séc. XIX. Por isso mesmo, não estaria a antropotécnica apenas ocupada com o problema biológico ou o problema do poder, mas com o problema da morfologia do corpo-múltiplo em seu aspecto psicológico-político como fenômeno de população, massa ou multidão.

A segunda justificativa encontra razão no seguinte aspecto adicional que é um pouco mais extenso. A antropotécnica bem pode ser entendida como um mecanismo biopolítico, uma tecnologia do poder, e desde a metade do séc. XIX, não tão focada na disciplina, mas com ênfase naquilo que Foucault chamou de regulamentação, consistindo em fazer “viver e deixar morrer”, não à toa que a ritualização pública da morte desapareceu desde o séc. XVIII. Essa mudança Foucault diz ter ocorrido em razão da modificação das tecnologias de poder. Porém, muito embora a síntese foucaultina como diagnóstico biopolítico tenha dado ênfase ao fazer viver, o lugar da morte não foi simplesmente eliminado. Certo é que se constata a ocorrência nesse período histórico de certa admiração matemática pela morte, um fetiche necropolítico pelo corpo resíduo, que foi exemplificado com a medição de ossos de cadáveres fomentado pela própria antropologia fisiológica. Com isso, Foucault dá precisamente o tom, o lugar e a função

³⁷⁴ Interessante nesse ponto é o diagnóstico que Christian Dunker faz da atual sociedade brasileira. Pela lógica do condomínio, que é pautado pela lógica do muro, exsurge uma figura comum responsável pela regulação do gozo alheio, que é o síndico. Em vez de ele perguntar “sabe com quem está falando?”, ele simplesmente afirma: “só estou zelando pelo regulamento”. De forma alguma ele se interessa por um laço de submissão capaz de formar uma comunidade de sujeitos integrantes. Para ele, vale mais a crença pascaliana dos procedimentos: “ajoelha e reza, a fé virá por si mesma”. O síndico processualiza o problema, operacionalizando os resultados. Ele faz a gestão de um mal-estar com o propósito de transformá-lo em sofrimento produtivo. DUNKER, Christian Ingo Lenz. *Mal-Estar, Sofrimento e Sintoma: uma psicopatologia do Brasil entre muros*. São Paulo: Boitempo, 2015. pp. 76-7.

³⁷⁵ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Kafka*: para uma literatura menor. Tradução de Rafael Godinho. Lisboa: Assírio & Alvim, 2002. p. 30.

da antropológica se a compararmos com o seu comentário sobre a sexualidade: “a sexualidade está exatamente na encruzilhada do corpo e da população. Portanto, ela depende da disciplina, mas depende também da regulamentação”³⁷⁶. De forma ampla, a sexualidade teve indiscutível importância no séc. XIX, isso o próprio caso Schreber pôde atestar. Essa valorização teve uma série de razões, mas fundamentalmente Foucault apontou duas: a primeira razão considera na sexualidade seu aspecto de controle disciplinar e de vigilância integral do corpo, individualmente, que se exemplificou no controle da masturbação da criança situado entre os séculos XIX e XX. A segunda razão toma em perspectiva a sexualidade que se inseriu em um controle agregado de procriação, nos efeitos envolvidos em seus processos biológicos multiplicados. A posição privilegiada da sexualidade definida por Foucault entre organismo e população teve iniciada sua valorização justamente pelos esforços do saber médico. Esse é o espaço para a pergunta fundamental de Foucault: como foi possível que esse poder, que teve essencialmente a finalidade de fazer viver, pôde deixar morrer? A resposta Foucault encontrou no racismo, dizendo que, logicamente, não ter sido nesse período que o racismo nascera, mas é a partir daí que ele operou de outro modo. Nesse ponto irá aparecer aquilo que Foucault chamou de racismo de Estado: “um racismo que uma sociedade vai exercer sobre ela mesma, sobre os seus próprios elementos, sobre os seus próprios produtos; um racismo interno, o da purificação permanente, que será uma das dimensões fundamentais da normalização social”³⁷⁷.

Foucault fala do racismo como uma espécie de mecanismo necessário ao biopoder para fazer morrer quando o que está vigendo é a ideia de “fazer viver e deixar morrer”. Como se percebe, o fazer viver ganha maior ênfase em relação ao deixar morrer. O racismo seria aquilo que asseguraria a função assassina do estado. Esse seria o lugar reservado para a morte no quadro biopolítico marcado pela ascensão do saber médico ou referindo o lugar que Foucault situou a sexualidade, isto é, entre a disciplina e a regulamentação. O racismo não seria uma ideologia no sentido de erro ou engano produzido nas mentalidades, mas uma técnica do poder, uma tecnologia do poder³⁷⁸.

³⁷⁶ FOUCAULT, Michel. *Em Defesa da Sociedade*: curso no Collège de France (1975 – 1976). Tradução de Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. São Paulo: Martins Fontes: 2018. pp. 211-2.

³⁷⁷ FOUCAULT, Michel. *Em Defesa da Sociedade*: curso no Collège de France (1975 – 1976). Tradução de Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. São Paulo: Martins Fontes: 2018. p. 52.

³⁷⁸ Daí se explicaria que os Estados que mais matam são os mais racistas. O nazismo seria o seu maior exemplo. Estado que tudo disciplinou e tudo regulamentou nos temas biológicos da hereditariedade, da procriação, da doença dos acidentes. Conforme Foucault, não há sociedade mais disciplinar e previdenciária do que esta. FOUCAULT, Michel. *Em Defesa da Sociedade*: curso no Collège de France (1975 – 1976). Tradução de Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. São Paulo: Martins Fontes: 2018. p. 218.

Mas esse quadro descritivo de Foucault continua valendo? O racismo continua sendo esse pretexto estatal para se continuar matando? Tudo indica que a síntese biopolítica do “fazer viver e deixar morrer” continua vigente, mas o “deixar morrer” não encontra na antropotécnica do racismo (seleção, fragmentação, exposição e eliminação das espécies e subespécies, etc.) a sua preponderante técnica de justificação. O racismo se torna cada vez mais insustentável, seja como discurso científico, seja ideologicamente, e isso não quer dizer que ele não seja praticado. Se atentarmos para uma das críticas mais estruturais de Han, verificaremos que, nesse mesmo sentido, o paradigma imunológico não se sustenta mais como paradigma explicativo das nossas atuais formas de vida, sendo mais acertado, na visão desse autor, designar o novo paradigma como sendo neuronal, estando este calcado nas atuais doenças neuronais. O racismo tendo como fundamento um saber biológico, um saber que define, hierarquiza e distingue as espécies – um saber antropotécnico ao pé da letra-, pode bem ser situado no paradigma imunológico, afinal de contas: a morte do “outro” é o que permite que o “eu” tenha uma vida sadia, pura, no sentido que se atribuía no séc. XIX. Ao que parece, esse pretexto da morte, atualmente, se justificaria não mais pelo racismo, mas pelo terrorismo ou pelo terror; e esse pretexto é o que fundamenta um amplíssimo leque de incidências intrusivas sobre a vida e seus hábitos correspondentes no tempo presente.

Não se trata mais do racismo de Estado, mas do terrorismo de Estado. Da mesma forma que o racismo já era algo há muito existente e com o séc. XIX veio a exercer uma função diferente, exercer a função de morte, o mesmo se diz, agora, do terrorismo. E aqui temos que repetir a pergunta de Foucault: como a morte se justifica em um paradigma em que vale o “fazer viver”, em que se procura fomentar as potencialidades humanas, em uma expressão, o aprimoramento humano? No caso do terrorismo (como pretexto, como estratégia e como técnica de eliminação do outro pela vulneração), contudo, o que permitirá matar e exercer a função de morte em um quadro de “fazer viver e deixar morrer”, que encontra, igualmente, outra função (que se modifica no marco preciso de transição do séc. XIX para o séc. XX, e ganha maior legitimação nos anos iniciais do séc. XXI, marcadamente com 11 de setembro de 2001, como evento justificante), é justamente por ser exercido e explicado pela técnica. Vislumbra-se então o terrorismo como uma antropotécnica de morte³⁷⁹, conforme se verá no

³⁷⁹ A morte aqui pode ser estendida também no seu aspecto simbólico. No sistema de justiça criminal contemporâneo existe uma tendência de se tratar o réu como um terrorista, em razão de uma representação administrativista muito destacada no âmbito de atuação do Estado, da polícia ao poder judiciário. Isso bem pode ser visto na aplicação da lei 12.850/2013, que sobrevalorizou a fase de investigação, colocando o investigado e a defesa em espaços de atuação reduzidíssimos.

próximo capítulo. Aqui o terrorismo de Estado não exclui o racismo de Estado, tal como a disciplina não é excluída com a preponderância que se dá à regulamentação e ao controle. Talvez até os ideais de perfeição muito bem descritos por Sfez sejam as últimas consequências de um racismo de Estado aprimorado, generalizado e universalizado da forma pela qual o bipolítica passou a governar, e esse é um governo exercido não só pelo Estado, mas por todos.

O curioso é que esse racismo evolucionário, biológico, enfim, tratou de aparecer quando da necessidade de enfrentamento físico do inimigo. Foucault explicou que: “quando se trata de pensar que se vai ficar frente a frente com ele e que vai ser preciso brigar fisicamente com ele, arriscar a própria vida e procurar matá-lo, foi preciso racismo”. O advento de uma nova tecnologia do poder, uma nova antropotécnica do terror, que Sloterdijk chamou de atmoterrorismo e Grégoire Chamayou explicou na *Teoria do Drone*³⁸⁰ demonstrarão que, de fato, há uma mudança da configuração do biopoder desse período que Foucault descreve até o atual uso tecno-político de ferramentas antropotécnicas: os conflitantes não estão mais frente a frente. O cibernundo transformou suas posições. Essa mudança encontrará sua explicação nos próximos capítulos. Mas, por ora, até chegarmos ao cibernundo e ao terror teremos de enfrentar outras questões. A primeira dela é a que diz respeito à esfera.

³⁸⁰ CHAMAYOU, Grégoire. *Teoria do Drone*. Tradução de Célia Euvaldo, São Paulo: Cosac Naify, 2015.

CAPÍTULO III – ESFERAS CRIMINOLÓGICAS: DO CÍRCULO ANTROPOTÉCNICO À MEDITAÇÃO SOBRE TERROR

Qual o fim político dos castigos? O terror que imprimem nos corações inclinados ao crime. BECCARIA, Cesare. Dos Delitos e das Penas.

No desenvolvimento do capítulo anterior, realizamos um resgate dos primórdios do conceito da antropotecnia e, em meio aos debates antropológicos sobre o homem criminoso, nos deparamos com a contribuição de Manouvrier e sua crítica aos postulados positivistas. Esse autor desenvolveu ideias denominadas ambientalistas ao sustentar que o fenômeno do crime estaria muito menos vinculado aos aspectos de ordem natural do que à criação política do delito e aos fatores sociais e históricos particulares que influenciaram o comportamento do indivíduo.

Nesse sentido, existiria uma similaridade pertinente à comparação com certo ambientalismo que se encontraria nas ideias de Sloterdijk. Manouvrier e Sloterdijk, ambos se debruçaram sobre o conceito da antropotecnia e cada um à sua maneira percebeu que, além do ser, há que se considerar o espaço como fator constitutivo do mundo humano. Para Sloterdijk, o significado do ambiente pode ser encontrado na lógica de construção imunológica das esferas cuja influência sobre os indivíduos é nada menos do que direta e, mais do que isso, conformadora dos seus seres. Tanto por fazerem parte dessa criação, como a partir dela desenvolverem mantos de proteção frente ao estranhamento do universo, os seres humanos estariam em um ambiente de vivências compartilhadas simbolicamente, na forma de imunidade de grupos, e por meio dessas articulações se tornariam criadores de mundo. A formação do sujeito por vivência institucional até certo ponto foi temática já desenvolvida por autores como Foucault, Goffman, Deleuze, Legendre, entre outros. Esse campo abrangeria instituições limitadoras (prisões, instituições psiquiátricas, condomínios, etc.), mas também, com as devidas ampliações metafóricas, ambientes construídos artificialmente com vistas ao aberto, conforme se pode denominar com o sentido da expressão “cultura”. Como dissera noutro contexto Louis Dumont: “o nosso sistema de valores determina toda a nossa paisagem mental”³⁸¹, que, podemos complementar, definirá o nosso mundo.

O trabalho de Sloterdijk, que pretendemos mais detidamente analisar, especialmente no que se refere à *Domesticação do Ser*, procura sustentar que a noção de espaço não é um

³⁸¹ DUMONT, Louis. *O Individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. p. 18.

fenômeno nem físico, nem natural, mas tem origem inter-humana. Trata-se não apenas de indicar para a noção de espaço como esfera a existência de relacionamentos interobjetais (relações entre pessoas e coisas), mas de entender o que se define, a partir de um amplo sentido, a relação entre pessoas e espaços reticulares, que em termos ecológicos seria o próprio ambiente não-natural, advindo daí uma nova consistência para o ser.

Heidegger levou adiante o enaltecimento da questão ontológica, e, desde então, não só pela pergunta do ser, mas também com a pergunta sobre “o que é o homem?”, muito sobre a questão espacial teria sido minimizado³⁸². Para se ter um exemplo, os debates atuais sobre os fatores biológicos como explicações do comportamento humano veem na genética e no DNA³⁸³ um ponto importante de salvação, promovendo-se pesquisas que continuam a saga da busca pelo gene da violência e do crime, ambos como um mal de essência. Os criminosos integrariam uma classe de sujeitos perigosos e, ao lado disso, as teorias sobre fatores de risco colocam características pessoais, como idade, sexo, cor, entre outros, na mira de políticas de controle moldadas não pelo acaso, mas *a priori* destinada às consideradas populações de risco³⁸⁴ e à prevenção de comportamentos indesejáveis, tudo como tentativa de redução do risco social com o controle biopolítico das populações. A noção de risco, no entanto, não dá conta de explicar as questões que se colocam no presente. Basta pensar no exemplo de um ataque terrorista que integra o conjunto de fenômenos que não podem ser previstos, conseguindo, quando muito, apenas reverberar notícias terríficas sobre a violência experienciada. Essas não seriam questões locais³⁸⁵. Se formos pensar na própria linguagem punitiva e seus significados³⁸⁶, ver-

³⁸² Muito pertinente também é a concepção de Heidegger sobre o fim da filosofia, que já havia deixado ao menos algumas pegadas sobre o tratamento da questão não apenas do ser, mas também do espaço, quando falou do lugar: “o antigo significado da palavra ‘fim’ (*Ende*) é o mesmo que o da palavra ‘lugar’ (*Ort*): ‘de um fim a outro’ quer dizer: ‘de um lugar a outro’. O fim da filosofia e o lugar, é aquilo em que se reúne o todo de sua história, em sua extrema possibilidade. O fim como acabamento quer dizer esta reunião”. HEIDEGGER, Martin. *O Fim da Filosofia e a Tarefa do Pensamento*. Tradução de Ernildo Stein. São Paulo: Abril, 1973. p. 270. O espaço em Heidegger pela leitura de Sloterdijk será a casa.

³⁸³ LEITE, Marcelo. *Retórica Determinista no Genoma Humano*. Scientiæ Zudia, São Paulo, v. 4, n. 3. 2006. p. 421-52.

³⁸⁴ DIETER, Maurício Stegemann. *Política Criminal Atuarial: a criminologia do fim da história*. Rio de Janeiro: Revan, 2013.

³⁸⁵ Eis que “se trata de una cuestión mundial, en la que se esta julgando el meollo más profundo de la forma futura de convivencia e incluso quizá del destino mismo de la humanidad em los próximos años, que puede no estar exento de errores fatales e irreversibles”. ZAFFARONI, Eugênio Raúl. *La Cuestión Criminal*. Buenos Aires: Planeta, 2011. p. 10. Sobre os Estados Unidos como centro de influência para a política criminal no mundo: CHRISTIE, Nils. *Uma Razoável Quantidade de Crime*. Tradução de André Nascimento. Rio de Janeiro: Revan, 2011.

³⁸⁶ “Nosso desafio é seguir o caminho dos atos pelo universo de significados. Em particular, quais são as condições sociais que estimulam ou evitam que a certos atos seja atribuído o sentido de criminoso?” CHRISTIE, Nils. *Uma Razoável Quantidade de Crime*. Tradução de André Nascimento. Rio de Janeiro: Revan, 2011. pp. 15, 20.

se-á que atingem níveis globalizantes em suas estratégias de governar por meio do crime³⁸⁷. As tendências ao resgate de fatores genéticos ou biológicos vão encontrar no texto de Sloterdijk uma curiosa referência ao mundo como criação, em um sentido semelhante ao que fora trabalhado por Heidegger, fazendo da questão onto-antropológica um novo caminho para a reflexão acerca da abertura de uma nova clareira do ser, no devir humano. Ao repensar a formação primária da clareira, a partir de considerações sobre estudos paleontológicos, a antropotécnica adquire significados até então não mencionados.

Nesse contexto, Sloterdijk procurou deslocar a questão do ser para conferir maior ênfase à questão do espaço, concebendo este como esfera. Apesar de Sloterdijk dizer que sua ênfase se tornou a questão do espaço, em verdade, boa parte do seu esforço consiste em pensar ainda sobre o ser segundo as implicações técnico-espaciais. Sloterdijk continua nas pegadas de Heidegger. Em termos críticos, se prestarmos atenção no que foi desenvolvido no segundo capítulo desta pesquisa, perceberemos que Manouvrier realizou um movimento semelhante que consistiu em deslocar o problema atinente ao ser a fim de inseri-lo em um espaço de considerações relevantes e, só a partir disso, refez os questionamentos sobre o crime, deixando claro que toda pretensão, naquela época, de apontar as causas fisionômicas como sendo a verdade sobre um fenômeno era falsa, uma ilusão que se valia do consenso ideológico.

Ao chegar neste ponto, revisitaremos a antropotécnica na articulação feita por Sloterdijk com a pergunta pela produção do humano desde a produção de esferas. Para isso, precisaremos mencionar o círculo antropotécnico e passar a entender o mundo como esfera. Em alguns pontos do presente capítulos teremos de meramente reproduzir as ideias de Sloterdijk e dos autores com os quais ele dialoga com o objetivo de esclarecermos a sua empreitada de aprofundamento do conceito da antropotécnica e seus campos de incidência. Apenas alertamos que, apesar de ser um autor reinterpretado, não nos interessou falar das ideias diretas de Heidegger, senão do Heidegger interpretado por Sloterdijk, que contribuiu para a construção do significado da primeira clareira no processo de hominização do *homo sapiens*.

3.1 As Esferas de Peter Sloterdijk: o mundo como criação imunitária

³⁸⁷ SIMON, Jonathan. *Governing Through Crime: how the war on crime transformed Democracy and created a culture of fear*. New York: Oxford: University Press, 2007.

Em sua trilogia *Esferas (Bolhas, Globos e Espumas)*, uma novela das ontologias espaciais³⁸⁸, Sloterdijk realiza uma proposta ambiciosa sobre a constituição dos seres humanos em vivências coletivas. Viver, para ele, é questão de forma, porque vivemos em esferas, em espaços relacionais. O autor concentra sua tese na análise do estar-no-mundo e no vir-ao-mundo para apresentar uma nova perspectiva teórica sobre a experiência existencial, pressupondo a experiência espacial, a propósito a primeira experiência do humano, quando este é, praticamente, golpeado de ar³⁸⁹ nos pulmões ao abrir a clausura materna, espaço em que tudo estava garantido antes do nascimento. A sua noção de esfera se estende às culturas, às visões de mundo, aos Estados, etc., porque todos seriam estufas de proteção climatizadas artificialmente, que teriam a função de garantir proteção aos seres humanos contra o frio exterior que não lhes agrada³⁹⁰.

De acordo com esse constructo teórico, ao existir vida humana, teremos globos habitados, geômetras preocupados em dar sentido às suas vidas em comunidade, como em uma espécie de solidarização na formação esférica consistente na projeção de espaços interiores, circunscrevendo os limites dos seus mundos e impulsionando a extensão do aberto do ser humano³⁹¹. Ou seja, os seres humanos seriam, no final das contas, os espaços que habitam. No livro *Esferas I (Bolhas)*, Sloterdijk procura descrever o que ele denomina por ser-junto como uma microesfera dos espaços habitados de acordo com um sistema de imunidade anímico que destaca não o uno, senão a duplo. Toda existência dependeria dessa duplicidade desde o espaço uterino, de modo que a construção de esferas no *circunmundo* seria nada menos do que a reprodução desse primeiro espaço protetor e climatizado. A imunidade-eu só existirá em termos comunitários com a imunidade-nós, desde o princípio biológico. De tais experiências de vizinhança adviriam as proximidades amorosas, as amizades, a *communitas*. Onde houver viventes, haverá esferas de preservação. Ser-em-esferas compreenderia o significado da coexistência como uma relação existencial básica, mesmo que causadora de estranheza, porque

³⁸⁸ Uma versão sintética sobre *Esferas*, ver *Esferas*: LEAL, Edilene. *Peter Sloterdijk: a novela dos espaços*. São Cristóvão: Revista Tomos, jan./jun. de 2010. pp. 221-41.

³⁸⁹ Algo nesse sentido a filósofa José-Marie Mondzain já dissera: “se a criança que vem ao mundo respira o ar deste mundo, é com o espanto apavorado de seu primeiro grito, grito que lhe dá fôlego, fôlego que lhe dará palavra, palavra que só encontrará seu lugar entre corpos afetados pela estranheza ao mesmo tempo irredutível e familiar de um lado de fora sideral e siderante”. MONDZAIN, Marie-José. *Sideração*. Tradução de Laura Erber. Rio de Janeiro: Zazie, 2016. p.13.

³⁹⁰ SLOTERDIJK, Peter. *Esferas I: burbujas. Microsferología*. Tradução de Isidoro Reguera. Madrid: Siruela, 2003. pp. 13-6.

³⁹¹ SLOTERDIJK, Peter. *Esferas I: burbujas. Microsferología*. Tradução de Isidoro Reguera. Madri: Siruela, 2003. pp. 22-4.

pressupõe o outro como parte de si³⁹². Viver em esferas tomaria conta de pactos pneumáticos que proporcionariam uma intimidade bipolar, isto é, onde houver ar, teremos dois seres a respirar³⁹³. O que o autor chama de mistério do mundo seria o resultado de forças de compenetração formadas por pares até atingir a magnitude de comunidades, grupos e populações: da microesfera à macroesfera³⁹⁴, do útero materno às formas modernas de Estado³⁹⁵.

Não à toa que em *Esferas II* (Globos), Sloterdijk irá descrever as consequências da expansão anímica produzida pelos movimentos imperiais, reconstruindo a constituição bipolar desde o ambiente familiar até a abertura dos polos múltiplos que envolvem cidades e impérios, como verdadeira produção de um fluxo sempre em direção para o maior e com vistas ao infinito. Eis aqui um espaço que a partir de sua elasticidade se transformaria em um espaço mais amplo, da microesfera à macroesfera, o cosmos ou a esfera protegida por Deus, que já demonstraria os primeiros passos de um amplo processo que hoje se chama muito tardiamente de globalização. Sloterdijk procurou demonstrar em *Esfera II*, que houve uma forte tensão entre imunidade e infinito (expansivo) que levou ao rompimento da esfera divina imunológica. Em realidade, nisso se inscreveu a famosa frase de Nietzsche sobre a morte de Deus. É que a própria microesfera seria um espaço propenso ao crescimento que se constituiu da incorporação e da assimilação³⁹⁶. O que ocorreu com a modernidade foi a destruição do monocentrismo metafísico que representou uma promessa de proteção aos seres por um Deus somente. Essa

³⁹² SLOTERDIJK, Peter. *Esferas III: espumas*. Esferología plural. Tradução de Isidoro Reguera. Madri: Siruela, 2004. pp. 72-4.

³⁹³ O que Sloterdijk entende por intimidade se refere, exclusivamente, aos espaços interiores divididos, compartilhados, cosubjetivos, que participam grupos diádicos, multipolares de humanos e que só existem por haver proximidade, incorporações, invasões, cruzamentos e ressonâncias, identificações, acabando por criar formas peculiares de espaço como receptáculos autógenos. O globo psíquico primitivo (pré-nascimento) não tem um único centro que irradie tudo, mas dois epicentros que se interpelam, mutuamente, por ressonância. SLOTERDIJK, Peter. *Esferas I: burbujas*. Microesferología. Tradução de Isidoro Reguera. Madri: Siruela, 2003. pp. 98-9.

³⁹⁴ SLOTERDIJK, Peter. *Esferas I: burbujas*. Microesferología. Tradução de Isidoro Reguera. Madri: Siruela, 2003. pp. 49-50.

³⁹⁵ O constructo de Sloterdijk é muito mais amplo do que aquele concebido por Paul Virilio, para quem existiria um processo de miniaturização progressiva do espaço. Para Sloterdijk, em realidade, o campo espacial abordaria tópicos que dizem respeito não só às noções físico-anímicas, mas à noção de espaço como produção de mundo e de imunidades cosmológicas e artificiais diante do espaço frio do universo. VIRILIO, Paul. *A Inércia Polar*. Tradução de Ana Luísa Faria. Lisboa: Dom Quixote, 1999.

³⁹⁶ “O destino de todos os sistemas metafísicos de imunidade se decide frente à questão de se os seres abertos ao grande mundo, os seres humanos da época dos impérios e cidades, conseguem dar plenamente o salto de autoabrigo coletivo em comunidades cidadãs fortificadas à autogarantia individual, para além de pátrias ocasionais. É de interesse existencial para eles saber com clareza se seriam capazes de chegar a viver uma vida plena também no estrangeiro mais remoto: uma questão cifrada para estes na consideração de se eles, os mortais, que dependem de uma família e estão apegados ao solo, poderiam familiarizar-se também com o universo exterior. Quanto exílio é capaz de suportar o ser humano? Quanto desacostumados dos primeiros lugares necessita a alma capaz de pensar para se recolher em si mesma”. SLOTERDIJK, Peter. *Esferas II: globos*. Macroesferología. Tradução de Isidoro Reguera. Madri: Siruela, 2004. p. 309.

destruição compreenderia o período de expansão realizado pela Europa desde 1492, denominado como globalização terrestre³⁹⁷. Aconteceu nesse processo nada menos do que uma dissolução imunitária devastadora. Desde esse desfazimento imunitário, não houve invenção protésica capaz de substituir essa imunidade unitária, que estivesse à sua altura. A partir disso, estar no mundo representou responder ao estranhamento do vazio exterior com técnicas artificiais de aquecimento que compensariam a ausência de envoltura em um mundo definido pela tecnologia³⁹⁸.

A descrição do novo mundo tecnicizado é realizada em *Esferas III (Espumas)*, um diagnóstico do presente. Construir esferas artificialmente, a partir do séc. XX, significou se deparar com quadros de psicoses epocais e, principalmente, com a poliesferologia das espumas. Autoreferentes e vazias, as espumas são estruturas permeadas de ar que se expandem e entram em colapso. Analogamente, vivendo a partir de suas autorreferencialidades, os indivíduos viveriam em espaços isolados³⁹⁹. A nossa época fomentaria um tipo de paranoia social somada ao estresse brutal dos indivíduos. O que antes foi espaço de proteção imunizado se tornou verdadeiro campo de batalha⁴⁰⁰. Nossas formas de vida flutuantes denunciariam que estamos vivendo em ambientes espumosos que nos oferecem os novos traços do ser humano produzido em nossa época.

A forma do mundo na modernidade não se daria mais por formas redondas esféricas, mas descentradas, não redondas, que agora seria o novo mundo poliesférico da espuma. A conexão universal das redes não contraria esse diagnóstico. As bolhas isoladas não formam um hiperglobo, mas amontoados irregulares. Uma amorfologia política atinge a metamorfose do solidário. Montões, espumas⁴⁰¹, nuvens, todas essas seriam expressões de metáforas da amorfologia e que demonstrariam a atual formação do mundo interior que se compõe de arquiteturas imunitárias dos seres mimados⁴⁰². Esses seriam sujeitos do tipo psicótico que

³⁹⁷ SLOTERDIJK, Peter. *Esferas III: espumas*. Esferología plural. Tradução de Isidoro Reguera. Madri: Siruela, 2004. p. 20.

³⁹⁸ SLOTERDIJK, Peter. *Esferas I: burbujas*. Microesferología. Tradução de Isidoro Reguera. Madri: Siruela, 2003. pp. 33-4.

³⁹⁹ SLOTERDIJK, Peter. *O Desprezo das Massas: ensaio sobre lutas culturais na sociedade moderna*. Tradução de Cláudia Cavalcanti. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

⁴⁰⁰ SLOTERDIJK, Peter. *Esferas III: espumas*. Esferología plural. Tradução de Isidoro Reguera. Madri: Siruela, 2004. pp. 27-35.

⁴⁰¹ SLOTERDIJK, Peter. *Esferas I: burbujas*. Microesferología. Tradução de Isidoro Reguera. Madri: Siruela, 2003. pp. 72-4. Seria oportuno reconfigurar a esfera de análise das massas, algo disforme remetendo ao denso e pesado, para adotar uma expressão condizente com a era do rarefeito e fugaz. Espumas, ao que parece, cumpre essa função.

⁴⁰² SLOTERDIJK, Peter. *Palácio de Cristal: para uma teoria filosófica da Globalização*. Tradução de Manuel Resende. Lisboa: Relógio d'Água, 2005. p. 227.

viveriam em seu mundo particular, como um Schreber pós-desastre, que, em seus delírios, exerceria sua autoridade de forma unilateral em uma micro-esfera-psíquica hiper-expandida.

3.2 A antropoténica criminal e ea cultura do vidro

A questão criminal ganhou novos atributos desde a pretensão de expandir o espaço interior, como centro de formação cultural (de um lado, o norteamericano, e de outro, o europeu) e seus correspondentes constructos ideológicos, procurando abarcar a totalidade do mundo com os seus mecanismos de influência. Com o uso de novas técnicas, a violência acaba sendo racionalizada a partir de cálculos do controle da esfera-global.

Os criminosos são situados em categoriais de perigosidade, porém não mais sob a justificativa de corresponderem à categoria dos degenerados, mas por se enquadrarem em perfis de risco ou em grupos de risco. O que essa abordagem tem como propósito consiste, de um lado, em promover a gestão do risco interno; e, de outro, os considerados praticantes do terror são o risco externo sempre insuscetível de total apreensão. Classificação espacial dos corpos⁴⁰³, perfis de risco, estratégias de prevenção, prognósticos, abandono da reabilitação, gerenciamento populacional, mapeamento de bairros, incapacitação de incorrigíveis, emprego de técnicas atuariais, enfim, são basicamente os elementos que compõem a realidade do sistema de justiça criminal norte-americano⁴⁰⁴ e que se expande por todo o espaço global, conferindo

⁴⁰³ “Podemos descrever uma nova tecnologia política ou um conjunto de tecnologias, em operação nos vários elementos da nova penologia, como, por exemplo, encarceramento em massa, exclusão espacial e monitoramento eletrônico? Todos esses dependem, de uma ou outra forma, de uma classificação espacial de corpos penais em relação ao risco que eles apresentam, e uma grande parte do recente conhecimento sobre punição e sociedade tem prestado atenção de perto à relação entre mudanças penais contemporâneas e tecnologias do risco.” SIMON, Jonathan. *Punição e as Tecnologias Políticas do Corpo*. Tradução de Leandro Ayres França. Porto Alegre: EdUPUCRS, Revista Eletrônica da Faculdade de Direito, 2013, Vol. 5, n.º 2. pp. 219-51.

⁴⁰⁴ A lógica atuarial tem como objetivo calcular, a partir de amostragens estatísticas, a probabilidade de uma ação futura ser praticada DIETER, Maurício Stegemann. *Política Criminal Atuarial: a criminologia do fim da história*. Rio de Janeiro: Revan, 2013.

forma àquilo que diversos teóricos chamaram de nova penalogia⁴⁰⁵. Todos esses são álibis perfeitos, como dissera Baudrillard⁴⁰⁶.

Nessa descrição está assentada a conexão entre saber criminal e antropotecnologia, cuja simbiose nos revela algumas das condições da antropotécnica criminal. Aqui é possível identificar que o sentido da antropotécnica é análogo àquele atribuído por Sloterdijk em *Regras para o Parque Humano*, quando o autor defendeu que o fracasso da domesticação humanista com o uso das letras e das artes abriria espaço para uma nova clareira de modificações da arquitetura da genética humana, reavaliando a domesticação do ser por meio da técnica no alvorecer do novo milênio. O problema seria saber, contudo, desde o humanismo letrado até às atuais biotecnologias: quem educará os educadores? A complexidade dessas questões não se concentraria apenas na seleção pré-natal do nascimento, conforme Habermas teria sustentado⁴⁰⁷. Em todo caso, a planificação do texto humano, da partitura genética, com a proposta de fazer incidir as novas tecnologias nas características essenciais dos homens, situa Sloterdijk, nesse ponto preciso do uso que fazemos do seu conceito, ao lado de autores do negativo, como Lombroso, quando queria descrever as características do criminoso nato no âmbito da antropologia criminal. A causalidade é parte do conjunto de expressões do paradigma imunológico. O paradigma da transformação falará de influências, afetações, positividade, minimizando a adoção das concepções teóricas do determinismo científico.

Se atentarmos para o estado da arte da política criminal, nos Estados Unidos, e de modo semelhante no mundo ocidental, perceberemos que o rastro do paradigma imunológico permanece ou como discurso de uma transformação negativa (na ideia de que o cárcere transforma sempre para o pior e os criminosos seriam aqueles que no final das contas não mereceriam sequer o mínimo de investimento para se modificarem em seu próprio benefício); ou se pressupõe a existência de criminosos incorrigíveis em sua essencialidade, assemelhando-se à ideia de degenerescência como na época do cientificismo positivista, que sustentou que certos

⁴⁰⁵ CHRISTIE, Nils. *La Industria del Control del Delito: la nueva forma del holocausto?* Tradução de Sara Costa. Buenos Aires: Del Puerto, 1993. DIETER, Maurício Stegemann. *Política Criminal Atuarial: a criminologia do fim da história*. Rio de Janeiro: Revan, 2013. FEELEY, Malcolm M.; SIMON, Jonathan (1992). *The New Penology: notes on the emerging strategy of corrections and its implications*. *Criminology*, 30(4). GARLAND, David. *A Cultura do Controle*. Tradução de André Nascimento. Rio de Janeiro: Revan, 2008. HARCOURT, Bernard E. *Against Prediction: profiling, policing, and punishing in actuarial age*. Chicago (Illinois): The University of Chicago Press, 2007. WACQUANT, Loïc. *Punir os Pobres: a nova gestão da miséria nos Estados Unidos [A onda punitiva]*. Tradução de Sergio Lamarão. Rio de Janeiro: Revan, 2007.

⁴⁰⁶ BOUDRILLARD, Jean. *De um Fragmento ao Outro*. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. São Paulo: Zouk, 2003. p. 61.

⁴⁰⁷ HABERMAS, Jürgen. *O Futuro da Natureza Humana*. Tradução de Karina Jannini. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

indivíduos pertenceriam, ao fim e ao cabo, a uma raça primitiva e essa condição antropológica explicaria a origem crime.

Há ainda que ser observado um relevante acréscimo na comparação com o período da antropologia criminal: constata-se o abandono das práticas humanistas de domesticação, de modo que os identificados como perigosos apenas são controlados por meio das tecnologias de medição do risco, fazendo visível a estratégia de política criminal que adotou a ideia de incapacitação seletiva⁴⁰⁸. Se retomarmos a proposta de Sloterdijk lançada no castelo de Elmau, na Baviera, tudo indica que não se levou a cabo a intervenção genética direta no sentido mais radical, como forma de contenção da violência desinibida. O que se promoveu até o presente foi uma organização da vida coletiva formando grupos de indivíduos que são ambientados em espaços de complicação, regiões cujas formas de vida se distanciam visivelmente do luxo e a estes o que lhes resta é o Estado penal. Esse modo de tratamento se refere aos desassistidos pelos benefícios do Estado em espaços propícios à violência, à morte, à depressão, ao sofrimento, algo muito parecido com a síntese biopolítica de “fazer viver e deixar morrer”. Nesse cenário, nem sequer é necessário fazer uso da retórica do gene da maldade se formos bem observar, pois o ambiente realiza perfeitamente o papel da antropotécnica criminal e produz o criminoso como uma fábrica em franco progresso.

Em realidade, Sloterdijk propôs um diagnóstico em *Regras Para o Parque Humano* que há muito tempo foi oferecido pelos criminológicos críticos⁴⁰⁹, pelos críticos da pena e pelos tecnocratas da descrença⁴¹⁰, conhecidos como teóricos de Estado, *think tanks* da política criminal. Pressupor o acerto deste diagnóstico implica entender que os maiores benefícios da globalização e do capital são direcionados para os Estados de maior concentração de poder (econômico e político) e de luxo nas mãos de grupos de endinheirados, normalmente, tendo-se como referência os Estados Unidos e os países ricos da Europa. Para estes, o Palácio de Cristal⁴¹¹ é a metáfora que se encaixa a esse cenário. Criminosos perigosos aparecem como

⁴⁰⁸ DIETER, Maurício Stegemann. *Política Criminal Atuarial: a criminologia do fim da história*. Rio de Janeiro: Revan, 2013.

⁴⁰⁹ SANTOS, Juarez Cirino dos. *A Criminologia Radical*. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2006.

⁴¹⁰ MARTINSON, Robert. *What Works? – Questions and answers about prison reform*. Disponível em: <https://www.nationalaffairs.com/storage/app/uploads/public/58e/1a4/ba7/58e1a4ba7354b822028275.pdf>. Acesso em: 28/07/2018.

⁴¹¹ O prédio original, construído a partir do outono de 1850, no Hyde Park de Londres, e inaugurado na presença da rainha Vitória, teve uma incrível realização tecnológica considerada obra de Estado-maior, pois reinstalado em 1854, quando ampliado e aprimorado em suas proporções, no subúrbio de Sydenham, em Londres, até sua destruição num incêndio em 1936. No ano 1862, Dostoiévski visitou o palácio da Exposição Universal em South Kensington (maior que o Crystal-Palace de 1851). Provavelmente, Dostoiévski transpôs o nome de palácio de cristal para o edifício da Exposição Universal por este não ter nome. Segundo Sloterdijk, *Memórias do Subsolo* é,

terroristas: eis o crime perfeito para justificar o controle de todas as ações e hábitos no mundo habitado e, hoje em dia, mais do que antes, também no mundo digital. A biopolítica demonstraria sua obra de sectarização social: uma parcela de indivíduos mimados disporia do luxo no interior do palácio de vidro, enquanto que um imenso rebanho disforme se localizaria do lado de fora, todavia com a firme ideia de que um dia acessará o espaço do luxo do palácio de vidro. Condomínios⁴¹² de luxo fechados monitorados por câmeras, *shoppings*, estádios de futebol cobertos, etc., revelam que apesar de cerrados, esses espaços são transparentes e convidam o olhar alheio a cobiçar a possibilidade de se inserir nesse interior. Esses espaços da transparência demonstram quem, de fato, são os seres que ali habitam⁴¹³. São sujeitos envolvidos pelo tédio que desejam gozar do luxo. Fazem, no entanto, prosperar o ressentimento com a combinação de tempo livre e frustração. Ao alimentarem seu rancor, incendeiam fantasias de humilhação⁴¹⁴. Benjamin ao falar da pobreza da experiência, mencionará que o vidro é um material tão duro e liso que nada consegue se fixar. Material frio e sóbrio, não tem aura alguma. Homens que sonham com prédios de vidro talvez anunciem uma nova pobreza. Esses espaços de vidro determinariam o hábito, impondo ao habitante que adquira o máximo possível de hábitos para se adaptar ao espaço interior, um lugar para não se deixar vestígios. Eis a cultura do vidro. O ambiente de vidro que, já fora dito, mudará o homem por completo⁴¹⁵.

Essa é a parte de um todo que envolve a hiperpolítica criminal, uma arte antropolítica criminal fomentada, constituindo-se como braço do biopoder ao promover a gestão eficiente da criminalidade a partir do uso de técnicas atuariais e de prognósticos de risco (instrumentos

além de documento que inaugura a psicologia moderna do ressentimento, a primeira oposição à globalização. DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Memórias do Subsolo*. Tradução de Boris Schnaiderman. São Paulo: Ed. 34, 2000. Nas palavras de Dostoiévski: Quem contempla esse palácio “sente que algo já foi alcançado aí, que há nisso uma vitória, triunfo. Até se começa como que a temer algo”. Também sobre o tema: SLOTERDIJK, Peter. *Palácio de Cristal: para uma teoria filosófica da Globalização*. Tradução de Manuel Resende. Lisboa: Relógio D’Água, 2005. pp., 13-24, 185.

⁴¹² Interessante nesse aspecto é o que Christian Dunker chama de lógica de condomínio. Para o psicanalista, não se trata apenas de descrever as consequências psíquicas de habitar esses espaços cercados por muros e desenhados por caprichosos esquemas do luxo, mas tal lógica chaga ao Brasil e explica a “transformação dos problemas relativos à saúde pública, mental e geral, em meros problemas de gestão”. Para essa função, vem o síndico a ser justamente a controle que se garante na condição de controlador do gozo desses espaços cerrados. Com isso: “a lógica do condomínio surge, assim, como um capítulo e um sintoma da modernidade brasileira”. Ao que tudo indica, as políticas de higienismo dos condomínios fechados remontam às políticas de branqueamento fomentadas pela antropologia positivista do final do séc. XIX. DUNKER, Christian Ingo Lenz. *Mal-Estar, Sofrimento e Sintoma: uma psicopatologia do Brasil entre muros*. São Paulo: Boitempo, 2015. pp. 42-3.

⁴¹³ LEAL, Edilene. *Peter Sloterdijk: a novela dos espaços*. São Cristóvão: Revista Tomos, jan./jun. de 2010. pp. 221-41.

⁴¹⁴ SLOTERDIJK, Peter. *Esferas III: espumas. Esferología plural*. Tradução de Isidoro Reguera. Madri: Siruela, 2004. pp. 636.

⁴¹⁵ BENJAMIN, Walter. *Experiência e Pobreza*. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. Obras escolhidas. Vol. 1. Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura. Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 114-119.

imunizantes utilizados desde o interior do palácio de vidro). A hiperpolítica criminal é um tipo de estratégia biopolítica que prepara os espaços, calculando os riscos de determinado ambiente e as implicações de suas exterioridades problemáticas: pobres, criminosos, reincidentes, pequenos traficantes de drogas e predadores sexuais⁴¹⁶. Em última análise, esses que são considerados os perdedores da história, que suportam a gravidade da existência e da urgência, é que sofrem a implicação das inscrições antropotécnicas em seu corpo - sua última casa.

É sobre o tema da casa como lugar de constituição do ser humano que devemos retomar para compor o círculo antropotécnico. O que Heidegger teria designado como o ser, para Sloterdijk não seria outra coisa senão o que está por desvelar, o que está para além do acontecido, descoberto e dito. O que já é patente clarifica, mas pensar a clareira pressuporia o seu resto desvelado. Por isso, pensar será a clarificação da clareira e a clareira se constituirá como o caminho para a transformação antropológica, conforme se verá no próximo tópico.

3.3 A domesticação do ser do *extasis* ao *entasis*: para uma clarificação do círculo antropotécnico em um mundo pós-terrorífico

O círculo antropotécnico remete aqui à retomada de um princípio, de um caminho que em um percurso nebuloso – ocultado pelo assombro - parecia ter sido esquecido e abandonado⁴¹⁷. A retomada condiz com a clarificação redefinidora do conceito da antropotécnica. Isso deve ser feito de tal modo que voltamos a um ponto de partida. Quem mais se deteve nas reflexões sobre a antropotécnica foi, sem dúvida, Sloterdijk. Talvez poucas variações possam ser apontadas em seus textos que trataram da antropotecnica, exceto no que toca ao sentido conferido às suas influências mais marcantes. Certo é que a influência heideggeriana se intensificou em *Domesticação do Ser*. Por isso, nesse momento, pretendemos extrair as consequências crítico-filosóficas desse que é um dos capítulos mais importantes da

⁴¹⁶ Os norte-americanos criaram sistemas de informações que são utilizados para localizar os predadores sexuais (indivíduos bestializados), servindo para que a população amedrontada tenha à mão notícias atualizadas dos seus próprios criminosos. Alguns condomínios, como forma de fomentar a valorização imobiliária, atestam que seus espaços cercados estão isentos de criminosos sexuais. DIETER, Maurício Stegemann. *Política Criminal Atuarial: a criminologia do fim da história*. Rio de Janeiro: Revan, 2013.

⁴¹⁷ Para esta afirmação, importante a fala de Sloterdijk quando o autor conta o seguinte: “quando, há dois mil e quinhentos anos, os filósofos geômetras gregos começaram a medir o Universo, encontravam-se sob a influência de uma forte intuição formal: a de que, no fim das contas, todas as coisas se movem em círculo”. SLOTERDIJK, Peter. *Palácio de Cristal: para uma teoria filosófica da Globalização*. Tradução de Manuel Resende. Lisboa: Relógio D’Água, 2005. p. 23.

obra *Sem Salvação*: nas pegadas de Heidegger⁴¹⁸. Não se trata de falar de Heidegger, tampouco de interpretá-lo, mas de buscar compreender a meditação sobre a clareira que Sloterdijk realizou em sua obra. Esse tópico poderá, talvez, provocar certa sensação de alongamento intencional, mas será com o propósito de demonstrar a importância de nos aprofundarmos no pensamento sobre a antropotécnica que nos permitirá aceitar esse encargo.

Nesse interessante ensaio, o ponto de partida de Sloterdijk reside na ideia de Heidegger de que “o pensamento vulgar não vê o mundo, preso que está no puro ente”⁴¹⁹. O que nessa reflexão estaria implícito é definido como – o que depois se perceberá como certa diferença ontológica naturalizada em Heidegger e que se situa no pensamento de Sloterdijk - marca da filosofia em sua insistência em manter a velha guerra, desde Platão, entre pensamento vulgar e pensamento filosófico, os quais seriam, entretanto, um a dupla face do outro. Sendo necessário à reflexão tomar distância do uso ordinário do entendimento, sua ocupação estaria voltada para o pensamento do mundo em seu ser-no-mundo em geral em oposição à ocupação reflexiva com os entes particulares. Nesse ponto, Sloterdijk interpretará a ideia de Heidegger segundo a qual o verdadeiro momento filosófico ocorreria quando se pensasse em perigo, como um estremeamento que se apodera do que se sente⁴²⁰. A pergunta de Heidegger sobre o início da filosofia⁴²¹ orientou Sloterdijk no pensamento sobre a clareira e sobre a antropologia filosófica. O pensamento profundo falaria de um caminho marcado pela passagem por aquilo que se chama terror, tremor ou estremeamento. Na linguagem política do séc. XX, isso também pôde ser chamado de estado de exceção. Meditar sobre o tormentoso significaria afastar-se de uma filosofia escolástica, entendida pela condensação de interesses a respeito daquilo que se

⁴¹⁸ SLOTERDIJK, Peter. *Sin Salvación: Tras las Huellas de Heidegger*. Tradução de Joaquín Chamorro Mielke. Madri:Akal, 2011.

⁴¹⁹ HEIDEGGER, Martin. *Os Conceitos Fundamentais de Metafísica: mundo – finitude - solidão*. Tradução de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense, 2011.

⁴²⁰ SLOTERDIJK, Peter. *Sin Salvación: Tras las Huellas de Heidegger*. Tradução de Joaquín Chamorro Mielke. Madri:Akal, 2011. pp. 93-4.

⁴²¹ A conhecida afirmação de Heidegger de que a filosofia teria suas origens no mundo grego pode encontrada no texto “Que é isso a Filosofia?”. Nas palavras do filósofo: “a palavra *philosophía* diz-nos que a filosofia é algo que pela primeira vez e antes de tudo vinca a existência do mundo grego. Não só isto – a *philosophía* determina também a linha mestra de nossa história ocidental-européia. (...) Porém, não apenas aquilo que está em questão, a filosofia, é grego em sua origem, mas também a maneira como perguntamos, mesmo a nossa maneira atual de questionar ainda é grega”. Na tradução brasileira, espanto é a palavra empregada no texto de Heidegger para explicar a origem da filosofia. E a filosofia procuraria o que seria o ente enquanto o ente é. A resposta sobre o que é a filosofia estaria relacionada à resposta sobre aquilo para o que ela está a caminho. Daí a afirmação: o ser de um ente. HEIDEGGER, Martin. *Qu'est-ce que la Philosophie?* Tradução de Ernildo Stein. São Paulo : Abril, 1973. pp. 212-8. No texto de Sloterdijk, tradução do alemão para o espanhol, a palavra utilizada não é o espanto, mas assombro.

compreende em estado de normalidade⁴²². O pensar⁴²³ seria mais do que pensar o ser, mais do que o êxtase: seria a evasão desse espaço de filosofia escolar. Ao que parece, nessa interpretação, o pensar profundamente teria sempre de levar em conta uma dose de terror que aconteceria no momento do pensar.

O que Heidegger teria feito em termos de reflexão profunda, ao que parece, Sloterdijk definiu como uma modernização do assombro, convertendo-o em espanto e, com isso, a filosofia se apoiaria sobre um afeto lógico mais sombrio. O conceito de assombro superaria a destinação da razão europeia, que passou pela admiração medieval pelo intelecto até à expulsão do saber moderno, chegando ao séc. XX, em que o assombro passou a ser a mimese do terror e se deparou com a meditação sobre o tremendo. A exacerbação ontológica do assombro, para um historiador das ideias, só poderia ter relação com as catástrofes do séc. XX. Até com isso se proporcionaria a fundamentação para as revisões das visões de mundo ocorridas na modernidade. Mas se o assombro foi tingido de estranheza e espanto no séc. XX, deduz Sloterdijk que foi justo porque as preocupações da época penetraram no mais íntimo do pensamento. Assim, depois da monstruosidade política, alguns pensadores se obrigaram a perguntar sobre como transformar o pensamento do ser em pensamento da responsabilidade⁴²⁴. Dessa vivência do terror avizinado, veio toda uma geração de intelectuais cuja tarefa consistiria em produzir uma literatura de situações extremas. A soma de motivos imanentes e externos fez o extremismo se converter em estilo intelectual de uma época. Por isso, Sloterdijk sustenta que apontar alguns aspectos pré-lógicos das ideias, como as da primeira metade do séc. XX, ganha relevância para o entendimento da dinâmica cultural atual e das premissas do pensamento da época que começaram a mudar novamente com o final do século e início do séc. XXI. Na visão de Sloterdijk, sob o rótulo da pós-modernidade, um estado pós-extremista da consciência tem se consolidado em um pensamento das situações medianas. Essa retração do espírito da época pela preferência de situações médias tem de ser entendida depois das

⁴²² Esse pensamento de Heidegger aparece também na ideia de “(...) transformação do pensamento e não se reduzir à simples enunciação de um estado de coisas”. HEIDEGGER, Martin. *O Fim da Filosofia e a Tarefa do Pensamento*. Tradução de Ernildo Stein. São Paulo: Abril, 1973. p. 270.

⁴²³ Marie-José Mondzain assim descreve a filosofia como espanto: “O pensamento não passa de uma surpresa, essa arte do salto no questionamento, o perigo do desconhecido, mas, sobretudo, na ruptura de toda continuidade assegurada, de toda segurança repetitiva”. MONDZAIN, Marie-José. *Sideração*. Tradução de Laura Erber. Rio de Janeiro: Zazie, 2016. p.11.

⁴²⁴ Como contemporâneo do terror das situações, Sartre era uma voz ressonante de toda uma geração de escritores que laboravam sobre o próprio feitiço do terror. “Não é nossa culpa nem nosso mérito termos vivido num tempo em que a tortura era um fato cotidiano”. SARTRE, Jean-Paul. *Que é Literatura*. Tradução de Carlos Felipe Moises. São Paulo: Ática, 2004. p. 160. A propósito sobre o tema da tortura: LAZZARI, Felipe da Silveira. *A Tortura Continua! O Regime Militar e a institucionalização da violência e do autoritarismo nas instituições de segurança pública*. 1. ed. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2015.

catástrofes do séc. XX, que possuíram um valor civilizador, e cujas violências adotaram uma vertente psíquica de forças destrutivas do terror que incidem não como um ataque frontal, mas que se dispersaram de forma viral⁴²⁵. Assim como a democracia demonstraria uma preferência por situações medianas, a tendência ao centro simbolizaria o cansaço do apocalipse de sociedades que tiveram que ouvir inúmeras vezes sobre mudanças de paradigma e revoluções⁴²⁶. Nessas sociedades se constataria o impulso difuso de mudar o drama histórico para um estado de normalidade. O estado de segurança fortaleceria o anti-extremismo nas rotinas de sociedades pós-radicais e cristalizaria a ideia de que os seres humanos preferem viver seguros a fazerem revoluções⁴²⁷.

Esse diagnóstico merece ser refletido na medida em que o pensamento das situações medianas já não estaria à altura dos acontecimentos. Por isso, o tempo presente demandaria a urgência de pensamentos das situações extremas, que devem convergir para um sentido não correlato aos campos de extermínio, tampouco aos das trincheiras que estariam fora de questão para o mundo euroamericano, mas das rotinas de revolução permanente, na cotidianização do monstruoso e nas vidas dos indivíduos que não escapariam às suas catástrofes íntimas. Daí a afirmação de que o terror hoje vem do mediano extremo. Derrida teria dito algo semelhante ao descrever o terror destilado pós-11 de setembro, que se inseriu nos hábitos cotidianos⁴²⁸. Antes mesmo do 11 de setembro, Paul Virilio, um estudioso das guerras informáticas, já alertava sobre um terror que se dissolveu nas sociedades e pôde produzir seus efeitos até mesmo na indústria cultural. De um medo nuclear (o que ele chamou de “fé nuclear”), passou-se a um estágio de terror ordinário, o que se transformou em múltiplos terrores íntimos e cotidianos⁴²⁹. Sloterdijk visualiza na história contemporânea o monstruoso⁴³⁰ manifesto em Hiroshima; e no presente,

⁴²⁵ HAN, Byung-Chul. *Topologia de la Violencia*. Tradução de Paula Kuffer. Barcelona: Herder, 2013. p.19.

⁴²⁶ As revoluções modernas, conforme Berman, tiveram a façanha de ajustar aos novos tempos os sistemas de cultura e de organização social já assentados. Nessa obra, pode compreender como as ditas revoluções seriam como que obras do conservadorismo. Não à toa que muitos intelectuais produziram teorias e ideologias que puderam ser comparadas com verdadeiras religiões, tendo em vista seu caráter messiânico, a exemplo do marxismo. BERMAN, Harold J. *Direito e Revolução: a formação da tradição jurídica ocidental*. São Leopoldo: Unisinos, 2006.

⁴²⁷ SLOTERDIJK, Peter. *Sin Salvación: Tras las Huellas de Heidegger*. Tradução de Joaquín Chamorro Mielke. Madri: Akal, 2011. p. 95-8.

⁴²⁸ DERRIDA, Jacques. *Filosofia em Tempos de Terror*. Diálogos com Jürgen Habermas e Jacques Derrida. BARRADORI, Giovanna (org.). Tradução de Juan José Botero e Luis Eduardo Hoyos. Madri, 2003. p. 149.

⁴²⁹ “Portanto, ao lado de um terrorismo ordinário cada vez mais ativo, o público pôde ver, durante a última década do século XX, os anúncios publicitários repulsivos como os da Benetton ou ainda os grandes espetáculos que se fizeram em favor da luta contra a Aids, o câncer, etc., com a exibição, diante das câmeras, de doentes terminais, de deficientes incuráveis... ‘Prevenir é curar!’ Ameaças veladas, eugenia rasteira, terrores secretos, motivos de desconfiança, de mal-estar, de ódios recíprocos”. VIRILIO, PAUL. *Estratégias da Decepção*. Tradução de Luciano Vieira Machado. São Paulo: Estação Liberdade, 200. p. 82.

⁴³⁰ PLESSNER, Helmut. *O Problema da Monstruosidade*. Tradução de Serigio da Mata. Ouro Preto: Artefilosofia, n.7, pp. 145-151, 2009.

com o novo estado da tecnologia biológica, pois, caso o controle seja perdido nesse manejo da técnica, poder-se-á acarretar uma situação em que as sociedades se tornarão reféns das suas tecnologias mais avançadas⁴³¹. Com isso, a ênfase no êxtase ontológico encontraria uma atualidade que não se findaria com as condições que lhe fizeram nascer.

Sloterdijk pretende demonstrar que a meditação de Heidegger do êxtasis existencial também seria relevante para compreender a crise atual da autodefinição biológica dos homens, essa crise na forma de aceder aos seres humanos para o que se empregou a expressão antropotécnica. Justamente o campo que Heidegger atacou fortemente, o campo das antropologias que partiam das ciências biológicas, foi onde Sloterdijk resgatou o conceito e procurou o refundar, aproveitando a oportunidade para celebrar um diálogo com as ciências empíricas. Sloterdijk ensaiou uma conciliação que na sua visão traria a possibilidade de avançar nas extremidades do pensamento heideggeriano. Ao que parece, seu texto pretende confessar essa busca de demarcação do conceito com a declaração de toda uma polêmica que foi gerada desde o ano de 1999, conforme o autor mesmo dissera: “(...) a expressão ‘antropotécnica’ responde a um teorema claramente perfilado da antropologia histórica: segundo o qual o homem é no fundo produto, e somente pode ser entendido – dentro dos limites do saber atual – examinando analiticamente seus métodos e relações de produção”⁴³². A pretensão de Sloterdijk parece ter sido a de lapidar um conceito expressivo para aquilo que Heidegger não quis, não conseguiu ou não soube nomear. O que Heidegger manteve oculto, Sloterdijk quis desocultar. Mas adiantamos que ainda na descrição que se lê em *Domesticação do Ser* resta algo no nível oculto, não inscrito, pré-simbólico que concerne a um estágio pré-humano na constituição do *homo sapiens*. Vejamos no próximo tópico como isso aparece.

3.4 A abertura da primeira clareira a partir de uma leitura paleontológica da antropotécnica

Ganha importância aqui a definição de Heidegger segundo a qual a técnica seria uma maneira de desocultar, produzindo e fazendo presente o ente, por meio de instrumentos de natureza técnica e material. A pergunta pela produção do homem estaria associada à pergunta pela verdade deste ente. O homem seria uma magnitude, matriz de possibilidades, que não se

⁴³¹ SLOTERDIJK, Peter. *Sin Salvación: Tras las Huellas de Heidegger*. Tradução de Joaquín Chamorro Mielke. Madri:Akal, 2011. p. 99.

⁴³² SLOTERDIJK, Peter. *Sin Salvación: Tras las Huellas de Heidegger*. Tradução de Joaquín Chamorro Mielke. Madri:Akal, 2011. p. 100.

definiria pela pura natureza, mas se constituiria como produto e resultado de prototécnicas espontâneas em alargados processos de formação em condições que revelariam sua tendência paranatural. A aliança que Sloterdijk mantém com Heidegger consiste em pôr entre parênteses a reação negativa heideggeriana frente às formas de antropologias empíricas, ensaiando uma configuração renovada entre antropologia e ontologia pelo estudo paleontológico. A situação existencial do homem, nomeada como ser-no-mundo, como sair de uma jaula desde a clareira do ser, seria o resultado da produção como um tirar e colocar a descoberto, na exposição extática: um ente que era inexistente por estar coberto e oculto. A posição do homem no mundo passa a ser interpretada de acordo com as técnicas do *extasis*, representando esse processo como uma situação tecnógena. Eis aqui o caminho heideggeriano que conduz Sloterdijk. Então, surge a oportunidade para a pergunta que conduziu o ensaio *Domesticação do Ser*: como o homem chegou à clareira e como a clareira chegou ao homem?⁴³³

Vamos condensar a resposta apresentada por Sloterdijk. O filósofo tem como ponto de apoio um autor como Arnold Gehlen, para quem o homem teria de atribuir uma interpretação ao seu próprio ser e a partir dessa mesma interpretação assumir uma posição no mundo, definindo uma conduta referente a si mesmo e aos demais. Essa tarefa existencial poderia partir tanto da ideia de que o homem proviria de deus, quanto do animal. O positivismo que apequenou o ser humano com suas determinações apenas suporia o homem para, logo depois, reencontrá-lo em níveis pré-humanos. A visão teológica de que o homem proviria de um deus provisor igualmente lhe retiraria qualquer resquício de autenticidade em seu mister autoprodutivo. Ambas as perspectivas, teológica ou científica, resumiriam que o homem não pode ser entendido desde si mesmo, mas apenas por categorias extrahumanas poderia ser descrito⁴³⁴. A dificuldade toda – e foi esse ponto obscuro que Sloterdijk procurou perscrutar – consistiria em primeiro começar pela autêntica pré-humanidade com sua pré-mundanidade a fim de descrever, em seguida, esse procedimento antropotécnico de produção. Essa é a associação realizada por Sloterdijk e que conferirá um novo sentido à noção de clareira do ser, permitindo ampliar o campo conceitual da antropotécnica. A sua proposta seria produzir uma interpretação ontológica da existência humana como uma onto-antropologia com o propósito

⁴³³ SLOTERDIJK, Peter. *Sin Salvación*: Tras las Huellas de Heidegger. Tradução de Joaquín Chamorro Mielke. Madri:Akal, 2011. p. 100-1.

⁴³⁴ GEHLEN, Arnold. *El Hombre*: su naturaleza y su lugar en el mundo. Tradução de Fernando-Carlos Vevia Romero. Salamanca: Sígueme, 1980. p. 10. Sloterdijk procurou empregar leituras de autores como Gehlen e Plessner, os quais podem ser vistos como autores antagônicos em alguns aspectos envolvendo a constituição do ser humano. Gehlen, por exemplo, recusa a lógica sucessiva - adotada por Plessner (ao seguir Max Scheler cuja distinção entre homem e animal estaria no espírito, uma denegação das funções vitais) - entre animal e homem ao tentar evitar os erros do evolucionismo.

de entrar em um círculo, que não seria o hermenêutico, senão o círculo antropotécnico. De acordo com essa hipótese, a pergunta sobre o homem – e todas as condições históricas peculiares que o possibilitaram – giraria em torno desse círculo que falaria do êxtase existencial como inserção no acontecer – abertura que nos diz respeito – e nunca é abandonado. A história do homem se resumiria no drama silencioso de sua configuração, que estaria atrelada às coisas, às simbioses e aos feitos humanos⁴³⁵. A tese de Sloterdijk, contra a obsessão da evidência, centra-se na intuição de que houve algo pré-humano que tomou o caminho que levou ao homem, algo pré-humano e obscuro se tornou formador de mundo e então algo animal se superou como animal e transcendeu da animalidade ao existir. Algo ativamente presentidor que em seu mundo circundante se sentia estreito, tornou-se extático, expansivo, e sensível à totalidade com tendências a perguntar-se pela verdade, resultando disso a clareira. A clareira e a hominização, vistas como devir, seriam expressões do mesmo processo: “a ontoantropologia pergunta pelo êxtase humano, que é o ser-no-mundo, e pelo status do que foi animal e ao que lhe aconteceu nesse devir extático”⁴³⁶.

Com essa interpretação da clareira primordial, Sloterdijk procurou produzir uma nova distinção entre o espaço circundante (o entorno) e o mundo (como construção, imagem da existência produzida em processos complexos de transformação), esse mundo mais próprio ao sentido heideggeriano. O entorno seria o desenho do círculo no interior do qual os sistemas biológicos se encontrariam numa interação vinculada àquilo com que coexistem, pois abertos. O fechamento desse círculo seria produtor de uma relativização da abertura de mundo do vivente. O entorno teria a qualidade de jaula. O *circunmundo* seria uma jaula natural aberta para o ser humano em um processo de desenvolvimento vital. Romper com o círculo do *circunmundo* constituiria o verdadeiro sentido de quem adveio ao mundo, a diferença ontológica do *homo sapiens*. Sua relação com o mundo deixaria de ser jaula para ser extática, porque rompe com aquela condição do animal que se fecha em seus próprios limites. A abertura radicalizada permitiria a constituição do mundo e de si mesmo como autorrealizações. Para Sloterdijk, seria impossível pensar em um ser formador de mundo tal como homem no sentido de evolução animal⁴³⁷. Nietzsche teria sido quem deu as pistas sobre a relação entre a constituição de mundo e o *extasis*, mais precisamente sobre o mundo circundante para os

⁴³⁵ SLOTERDIJK, Peter. *Sin Salvación: Tras las Huellas de Heidegger*. Tradução de Joaquín Chamorro Mielke. Madri:Akal, 2011. p. 102-3.

⁴³⁶ SLOTERDIJK, Peter. *Sin Salvación: Tras las Huellas de Heidegger*. Tradução de Joaquín Chamorro Mielke. Madri:Akal, 2011. p. 105.

⁴³⁷ SLOTERDIJK, Peter. *Sin Salvación: Tras las Huellas de Heidegger*. Tradução de Joaquín Chamorro Mielke. Madri:Akal, 2011. p. 106-7.

deuses: “em torno ao herói tudo se torna tragédia, em torno ao semideus, drama satírico; em torno a Deus tudo se torna – como? ‘Mundo’, talvez?”⁴³⁸.

A posição do homem no mundo se orientaria por uma seriedade tal orientada pela pergunta pela verdade. Se o animal se orientaria pelo acerto vital (alimentação, procriação e reações frente aos inimigos físicos), o homem no mundo se orientaria pela verdade, como resposta às condições de existência do humano e da cultura. O ontologicamente monstruoso demonstraria que tudo se transforma em mundo no entorno de um ser que não é divino. Essa relação fundamental foi o que Heidegger designou como clareira. Com a clareira é possível dialogar com os tempos. A situação atual da ontoantropologia trouxe lições fundamentais sobre as frações euroamericanas na sua disputa sobre a definição do homem. Não se pode mais dizer que o monstruoso⁴³⁹ é inconcernível, pois os seres humanos se tornaram técnicos do monstruoso de forma lúcida. Sloterdijk procurou trazer os contributos de Plessner sobre a monstruosidade para a questão técnica. Para Plessner, a monstruosidade estaria ligada à capacidade do homem de negar a si mesmo e ao seu semelhante. A monstruosidade não seria necessariamente a expressão da violência extrema. Plessner via, por exemplo, a monstruosidade no ato que foi noticiado sobre uma família de operários gregos (mãe, filho e filha) que juntos, para resolver o problema da desonra, teriam decapitado o pai por ter violado a filha. O monstruoso não seria definido pela violência tremenda do crime, mas justamente no rigorismo absurdo da norma, livre de sentimento. Uma autonegação destruidora dos outros se revelaria até em motivos sublimes, e que também demonstrariam, certa irreconciliação consigo, a de que o homem não consegue viver sem rupturas com o seu maior comprometimento, que é o de ser: humano. A monstruosidade se refere, portanto, a uma frieza acima da média, que dificilmente é natural, que se constitui na degradação do sentimento como obra do meio, que tem a pretensão de eliminar toda forma de fraqueza e de vulnerabilidade. O compadecer-se diante da fraqueza, o recusar-se a utilizar a força, o perdão, em suma, expressariam a possibilidade de reconciliar-se de que dispõe o ser humano ao abrir mão do próprio poder. A concepção de Sloterdijk revela que mais do que nunca o homem não pode mais ser entendido desde o animal, como os darwinianos queriam. A humanidade daria provas de sua monstruosidade a partir da técnica

⁴³⁸ NIETZSCHE, Friedrich. *Além do Bem e do Mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. São Paulo: Cia das letras, 2004. p. 80.

⁴³⁹ PLESSNER, Helmut. *O Problema da Monstruosidade*. Tradução de Serigio da Mata. Ouro Preto: Artefilosofia, n.7, pp. 145-151, 2009.

avançada. Ao contrário de Heidegger, Sloterdijk quer questionar sobre a capacidade apocalíptica do homem, que não pode encontrar-se apenas na e com a modernidade⁴⁴⁰.

A metáfora do habitar a casa do ser conduz ao questionamento sobre de que maneira o vivente pré-humano, animal gregário, chegou a casa. A teoria da casa como lugar da hominização seria a teoria do lugar originário, revelando a estância como o lugar do *ser-em*, um lugar que se tornou fundamento da clareira do ser e, por consequência, da hominização do homínídeo. O conceito de espaço que está em jogo para Sloterdijk foi proposto pelo autor como esfera, expressão que é pensada segundo a dimensionalidade da ressonância interanimal e interpessoal, a partir do que a forma como os humanos convivem ganha verdadeira força plástica. Isso ocorreria de uma forma em que a coexistência chegaria a transformar fisiologicamente os próprios viventes que coexistem. A demonstração para essa afirmação estaria na facialização do *homo sapiens*, que, em razão da convivência esférica, o focinho animal se desfez na fisionomia dos seres humanos. Tais espaços interiores seriam semelhantes a estufas climatizadas. O efeito-estufa produziria efeitos ontológicos. O animal *ser-no-circunmundo*-estufa se transformou em ser humano como ser-no-mundo. Entre o *circunmundo* e o mundo haveria um mundo intermediário que seria justamente a esfera, que não é nem o fechamento na jaula do *circunmundo*, nem o terror puro de estar em um confinamento no indeterminado. As esferas seriam interaberturas, como membranas entre o interior e o exterior. Heidegger teria falado dessas zonas intermediárias quando utilizou expressões como proximidade, vizinhança, pátria, habitar e casa, sendo todas elas expressões que evocariam a dimensão ontológica⁴⁴¹.

Nessa linha, Sloterdijk retomou a constituição das versões arcaicas das esferas e colocou o questionamento sobre como a hominização foi possível no interior de casas esféricas. A expressão casa é empregada metaforicamente, mas o autor não descuida do fato de que os homínídeos passaram por um caminho evolutivo que deu início à construção literal de casas. A casa promoveu uma estabilização do desnível entre o clima interior e o clima exterior e tornou

⁴⁴⁰ Na pesquisa ontoantropológica seria necessário partir de uma situação pré-humana na qual o resultado não estivesse latente, tampouco explicitamente antecipado. O homem não é ainda o que ia ser, antes de chegar a ser. O que Sloterdijk pretende aparece como uma maneira de explicar os mecanismos antropogênicos e demonstrar em que sentido esses mesmos mecanismos operaram de forma pré-humana. Ao responder a pergunta sobre o que produz o homem, Sloterdijk afirma ser necessário não partir de pressuposições tais como Deus é que produziria o homem, ou o homem é que produziria o homem. Caso assim o fosse, seria como conceber que o homem já seria homem antes do devir homem. Deus apenas produziria o homem por já conhecê-lo antes de tê-lo feito. SLOTERDIJK, Peter. *Sin Salvación: Tras las Huellas de Heidegger*. Tradução de Joaquín Chamorro Mielke. Madri:Akal, 2011. p. 107-19.

⁴⁴¹ SLOTERDIJK, Peter. *Sin Salvación: Tras las Huellas de Heidegger*. Tradução de Joaquín Chamorro Mielke. Madri:Akal, 2011. p. 112-3.

possível personalizar os climas arranjados como produtos da técnica. A casa trouxe a vantagem de ser uma instalação de isolamento que oferece um espaço interior que contrapõe ao não-interior. Sloterdijk menciona que o próprio *Homo Habilis* já desenvolveu, há mais de um milhão e meio de anos, proteções de paliçadas contra o vento, fazendo valer o princípio do muro como instrumento de controle climático. Logo, na interpretação da hominização a partir da clareira e da casa se revelaria que nos pré-*sapiens*, nos quais é preponderante a parte animal, já existia algo equivalente a um interior climatizado e a casas antes mesmo das casas. O intento de Sloterdijk, portanto, foi o de reconstruir a forma em que o efeito da estufa fez florescer o *extasis* humano⁴⁴².

3.5 A antropotécnica e as causalidades circulares: exclusão corporal, neotenia e transferência

O ponto obscuro que Sloterdijk procura desvelar em Heidegger não parece ser correlato ao entendimento vulgar de uma causa ou tal como o positivismo criminológico, calcado nos interesses médicos, procurava defender. Sloterdijk concebeu outra explicação e contestou as teorias causalistas sobre a produção do humano. A explicação de Sloterdijk se fiou na noção de *causalidades circulares*, que seriam basicamente os mecanismos que cooperaram para a produção do homem no longo processo desencadeado na primeira clareira. Na esteira da ampliação da interpretação paleontológica da antropotécnica, os mecanismos apontados por Sloterdijk seriam: o isolamento, a exclusão corporal, a neotenia⁴⁴³, e a transferência. O

⁴⁴² SLOTERDIJK, Peter. *Sin Salvación: Tras las Huellas de Heidegger*. Tradução de Joaquín Chamorro Mielke. Madri:Akal, 2011. p. 113-4.

⁴⁴³ Gehlen compreende o homem como um ser prático não acabado (que encontra se depara com a tarefa existencial que é precisamente a interpretação de si) determinado pela carência, um ser de que faltam todas as condições vitais do animal, apresentando uma prolongada necessidade de proteção, porquanto um animal desprovido de defesa. Um ser desesperadamente inadaptado, carente de meios, de instintos e deixado a si mesmo. Um ser que está aberto ao mundo, que carece de adaptação animal a um ambiente. Em última análise, um ser carente segundo o ponto de vista orgânico e, por isso, aberto ao mundo. Como característica primordial, o homem tem de se descarregar, ou seja, transformar suas próprias carências existenciais em oportunidades para prolongar sua vida. Por se configurar como um ser inacabado é também um ser de doma, domesticação e adestramento. O adestramento, a educação, a autodisciplina, tudo isso no sentido de adquirir forma e manter-se nela, em suma, é o que define as condições existenciais de um ser não terminado. Assim, o homem seria um “ser em risco”. Além disso, o homem seria um ser provisor, pois está orientado ao distante, ao não presente no espaço e no tempo, pois vive para o futuro e não para o presente. A noção fundamental que concerne ao homem é a ação. “Para hacerse capaz de existir, el hombre está construido para transformación y dominio de la naturaleza y por ello mismo para la posibilidad de la experiencia del mundo: es un ser práctico porque es no-especializado y carece por tanto de un medio ambiente adaptado por naturaleza. La esencia de la naturaleza transformada por él en algo útil para la vida se llama cultura, y el mundo cultural es el mundo humano” (p. 42). GEHLEN, Arnold. *El Hombre: su naturaleza y su lugar en el mundo*. Tradução de Fernando-Carlos Vevia Romero. Salamanca: Sígueme, 1980. pp. 17-41. Nesse sentido, Gehlen sustenta que desde a aparição do homem a técnica o acompanha, sobre o que diversos outros teóricos já escreveram, a exemplo de Ortega y Gasset, relacionando a necessidade da técnica à deficiência orgânica

mecanismo do isolamento colocaria em suspenso a pressão de toda seleção com a permanência em muros viventes, criando uma vantagem climática para os seus habitantes. As mães com suas crias seriam os primeiros beneficiários desse sistema, uma vez que estariam em um clima de perigo minimizado e em reduzidas exigências de adaptação. O resultado mais importante do isolamento seria a transformação da cria em bebê, desenvolvendo-se nele um espaço de cuidados, o espaço mãe-filho. Já nos primeiros antropóides se iniciou uma tendência à infantilização e à história natural das formas de vida luxuosas. Com isso, as leis darwinianas de adaptação e de seleção seriam magnitudes elásticas, porque boa parte das formas evoluídas não precisaram se desenvolver em condições adaptativas. Dentro dos espaços de isolamento foram criadas condições de segurança mais adequadas para a criança. Por isso, a presença de crianças modelaria a sociedade, transformando as atividades dos adultos a partir das demandas dos infantes⁴⁴⁴.

O mecanismo da exclusão corporal abriria basicamente um canal para a clareira pelo uso de uma ferramenta antropotécnica. A partir desse mecanismo teria iniciado a história do *homo technologicus*, o animal que pega as coisas com a mão. Sloterdijk entendeu que foi Paul Alsberg quem teria reconhecido o mecanismo da exclusão corporal como peça chave da antropogênese. O distanciamento dos *circunmundos* naturais com a conformação de espaços de proteção frente à natureza pelo uso de instrumentos, inicialmente, teria se dado de forma causal, e depois fez valer a experiência. A “evasão da prisão” seria a relação biologicamente não determinada pelo *circunmundo*. A cena original da clareira estaria atrelada ao que provavelmente remontaria à ação de um primata ágil da savana africana oriental com traços generalistas, avançando na tendência de caminhar na forma ereta, como quem pega uma pedra e encontra nela o sentido da utilidade, percebendo uma parte acessível à mão e outra parte servindo para fazer contato com outro objeto. Esse uso, que pode ter sido o lançamento, o golpear, o cortar, fez alguns fenômenos do *circunmundo* cederem à pedra. Com essa ação, abriu-se uma nova clareira para o primata. No uso de pedras para lançar, golpear e cortar foi

do homem. As armas seriam artefatos substitutivos dos órgãos que faltam, não sendo desnecessário dizer que a própria instrumentalização inicial do fogo decorreu da procura de calor (própria da matrix-mãe). O princípio de substituição de órgãos se traduziria como descarga e superação desses mesmos órgãos. A pedra projetada com a mão alivia o punho que lança o golpe, superando seus efeitos; o cavalgar e o carro substituem a corrida, assim como o avião substituiria as asas que nos faltam e superou todo possível esforço orgânico de voo. A domesticação seria uma técnica que depois de vários experimentos traria bons resultados. Esses seriam basicamente os princípios de substituição, descarga e superação de órgãos. Desse visão advém o homem enquanto ser carencial. Portanto, constituir-se como um ser de ação torna-se a condição necessária à sobrevivência. GEHLEN, Arnold. *Antropología Filosófica: del encuentro y descubrimiento del hombre por sí mismo*. Tradução de Carmen Cienfuegos W. Barcelona: Paidós, 1993. p. 114.

⁴⁴⁴ SLOTERDIJK, Peter. *Sin Salvación: Tras las Huellas de Heidegger*. Tradução de Joaquín Chamorro Mielke. Madri: Akal, 2011. p. 115-6.

aplicado pela primeira vez o princípio da técnica para exonerar o contato do corpo com o *circunmundo*. Então a técnica permitiu uma evitação positiva transformada em habilidade. Na relação com o objeto, abriu-se o caminho para o domínio das coisas próximas e das distantes. O sentimento do acerto seria o fundamento pós-animal da verdade. Isso foi capaz de desencadear o acontecimento da antropogênese, que envolveu a primeira produção ontologicamente relevante como produção de um resultado observável. Para poder produzir no sentido de agir e obter um resultado, seria necessário que esse ator tivesse diante de si uma abertura, entendida como um espaço livre ou uma janela, a partir do que se percebe que a transformação do *circunmundo* seria obra de uma ação e de um fazer. A abertura produziria o lançar e o golpear que se complementaria com a técnica de extrair lascas, cortando pedras com pedras, e as transformando em ferramentas de corte. Com esse ato, tem-se a obtenção do primeiro meio de produção produzido. Na hipótese de Sloterdijk, talvez somente o segundo instrumento possa servir de critério para definir a diferença ontológica entre o homem e o animal⁴⁴⁵.

Com as ações de lançar, golpear e cortar, logo complementadas com operações tais como raspar, polir e perfurar, abriu-se uma janela a partir da qual apareceu de uma maneira totalmente nova o resultado. Esse apresentar-se dos resultados com as ações mesmas ganhou distinção como aparição de novos entes com a germinação de plantas ou até com o nascimento de animais. Seria na clareira, como âmbito de observação do êxito, que verdades e ações convergiriam. As próprias frases seriam mimeses de lançamentos, golpes e cortes na dimensão dos signos, sendo as afirmações correspondentes às ações exitosas e as negações adviriam das observações de lançamentos que decaíram em erro ou em golpes frustrados. Instrumentos de pedra se transformaram em ferramentas de medida e de produção. O resultado ontológico dessas produções seria a abertura para os resultados cujas ações dizem respeito a manipulações, lançamentos, e se julgam resultados, relacionando êxito e verdade. Nesse processo residiria a clareira inicial, ao contrário do que concebeu Heidegger com a primeira abertura da clareira⁴⁴⁶, quando referenciou os gregos⁴⁴⁷. Não à toa que Mondzain menciona que “a paleontologia

⁴⁴⁵ SLOTERDIJK, Peter. *Sin Salvación: Tras las Huellas de Heidegger*. Tradução de Joaquín Chamorro Mielke. Madri:Akal, 2011. p. 116-9.

⁴⁴⁶ SLOTERDIJK, Peter. *Sin Salvación: Tras las Huellas de Heidegger*. Tradução de Joaquín Chamorro Mielke. Madri:Akal, 2011. p. 119.

⁴⁴⁷ “As palavras chegam em grande número para dizer essa perturbação comum ao desejo e à razão: espanto iluminado, trovão na surpresa, raio de inteligência, luz do espírito. O saber nasce na tempestade. A relação indissociável da surpresa e do espanto siderado, com o desdobramento do pensamento cosmológico, é um *topos*, um lugar-comum nos gregos”. MONDZAIN, Marie-José. *Sideração*. Tradução de Laura Erber. Rio de Janeiro: Zazie, 2016. p.10.

descobre o homem no momento em que este se faz ver, ao dar a ver aquilo que ele quis mostrar-nos”⁴⁴⁸. Na primeira abertura da clareira, a diferença entre ações exitosas e inexitosas se fez presente. No amanhecer da linguagem também advieram os gestos orais, os gritos e as frases que destacaram a diferença que se fez ver entre êxito e fracasso. Logo, encontram paralelo as ações exitosas e as afirmações⁴⁴⁹ acertadas⁴⁵⁰. O êxito se reproduziu no dizer.

⁴⁴⁸ MONDZAIN, Marie-José. *Homo Spectator*: ver, fazer ver. Tradução de Luís Lima. Lisboa, 2015. p. 16.

⁴⁴⁹“A vizinhança entre a monstruosidade e o milagre, entre a criação e a desordem, é expressa com a força de um grito”. MONDZAIN, Marie-José. *Sideração*. Tradução de Laura Erber. Rio de Janeiro: Zazie, 2016. p.13.

⁴⁵⁰ SLOTERDIJK, Peter. *Sin Salvación*: Tras las Huellas de Heidegger. Tradução de Joaquín Chamorro Mielke. Madri:Akal, 2011. p. 120. Posicionamento distinto encontramos em Christoph Türcke, para quem a palavra, nos seus primórdios, operou como fuga catártica das estimulações com pronúncia do nome. Conforme Türcke, as palavras em sua origem dificilmente seriam outra coisa senão a expressão de um susto. No sentido arqueológico, palavras primitivas são pré-nomes – exclamações, de modo que a exclamação pronuncia aquilo quer expelir e o que nomeiam tem de desaparecer, pois a palavra provém justamente do estremecimento, de um abalo natural causador de medo. Ou seja, a palavra tem por necessidade desenvolver um dispositivo exorcizatório (*emergency exit*). Logo, a palavra teria que desaparecer, assim como a excitação torturante da qual queria se livrar. Não o fez. Sempre restou mais excitação. A palavra, no entanto, pôde se distanciar da excitação, atenuando-a. Foi por meio da formação ordenada de sons que teve início a desconstrução da própria excitação. A palavra firmou-se em nome por sua incessante repetição (eis aqui o início da compulsão à repetição freudiana). Desta maneira, firmou-se a si mesma. Enquanto válvula sonora da excitação, o nome se tornou seu asilo (*asylon* do grego, lugar de proteção), lugar interno que a amortece. Daí que a sacralização do susto pelo nome está atrelada à construção de um lugar sagrado, o qual fornecerá ao susto uma dupla armadura, a saber: o nome transforma uma força assustadora em proteção salvadora, encobrindo-a, tornando-a tolerável. Isso quer dizer que, nesse processo de catarse, o susto ainda sem nome não é o mesmo que o susto nomeado. Não faltará alguém para dizer que uma catástrofe não mudaria em nada apenas por ser nominada. Mas, com o nome, ela é como que bafejada (no bafejo da integridade o nome veste o que nomeia), envolvida por uma proteção. E mesmo que em nada mude, isto é, a catástrofe não se importará com o nome, a nomeação ajudará aquele que a clama, porquanto para ele há uma proteção amortecedora, atenuadora do susto. Nesse processo todo, o nomeado é coberto pela significação em dois sentidos: deixar livre os clamantes e se tornar asilo da integridade, dando fim à intolerabilidade e à incompreensão. Deste modo, o nome que se repetiu constantemente também adquiriu novos contornos, atributos eram-lhe conferidos por sua incessante variação. Da mesma forma que o susto que se afrouxa e se amortece, o nome pela repetição se torna algo comum, costumeiro, cotidiano. Por isso, a própria nomeação se torna algo tão trivial a ponto de perder sua característica de se referir somente ao que lhe causava estremecimento. Ou seja, da cobertura do susto a linguagem se torna algo descobridor da própria natureza, é dizer, passa a descobrir aquilo que encobriu. No entanto, esse percurso de reorientação só poderá ser traçado à medida que a linguagem se mover para além do nome, minimizando-o e ao mesmo tempo encobrindo sua origem assustadora, em outras palavras, enviando-a para o subsolo. Esse processo não extingue o susto, apenas o renega. Logo, isso se mostra infundável, o subsolo nunca se encontra pacificado, domesticado. Eis que tem início a operacionalização da cura pela fala: a descoberta da dor corporal como saída de emergência do sofrimento. Por isso que para Freud foi tão importante estudar a infância (do termo latino *infans*, “sem linguagem”). Nesta fase, as impressões externas são tão importunas, perturbadoras, precisamente porque não há palavras para amortecê-las. Expressar a dor pelo grito foi a primeira manifestação da palavra. A cura pela fala não está desvinculada disso. Rememorando o estágio de *infans*, as palavras são perquiridas com o sentido de encontrar uma representação que exprima o sentido do trauma, expulsando o que antes profundamente causava dor. Daí que esse modo de cura remexe na pré-história da palavra que nas suas formas primitivas a humanidade apenas a balbuciou tentando resolver um subsolo sempre efervescente. E nisso consiste o seu sucesso. Foi justamente por não poder atingir seu efeito desejado – expulsão da dor por completo, sempre restava algo - que a linguagem pôde nascer e se desenvolver. Assim, o homem só dispõe de palavra – discurso ordenado e racional - porque tem recalamento, produzindo o seu principal efeito: o inconsciente. O que a psicanálise faz é buscar a conexão entre esse subsolo e a superfície, revalidando a barreira que a separa pelo lado da linguagem e atualizando a arcaica e irrealizada cura pela fala na função catártica da palavra enquanto descarrego de excitações. TÜRCKE, Christoph. *Filosofia do Sonho*. Tradução de Paulo Rudi Schneider. Ijuí: Unijuí, 2010. pp. 213-299. Na atualidade, a palavra é expurgada junto com tudo que não é número, isto é, não há repetição, enquanto movimento característico da linguagem. Ocorre que não havendo linguagem, não há sujeito do inconsciente, logo, não há culpa. Há apenas o signo a satisfazer os sentidos. As imagens físicas violentas ganham

Com isso, uma das teses de Sloterdijk seria que a linguagem passaria a ser uma forma de reproduzir êxitos, a consecução do êxito de falar, e a partir de cada êxito alcançado e registrado, em cada palavra acertada e contundente, a distancia do hominídeo ao *circunmundo* se ampliaria. O animal pré-humano se tornou expansivo, seu *extasis* e seu espaço de ação se expandiram, colocando-se a salvo em proteções técnicas e lembranças de ações exitosas. Nesse caminho, os hominídeos começaram a ostentar o luxo. Sua humanização se aproximava na medida em que produziam um refinamento interior. A seleção cada vez mais estaria dependente de estufas climatizadas. Não se trataria mais de se adaptar ao *circunmundo*, senão de compensar as qualidades que permitiriam tomar maior distância do *circunmundo*, tendo-se o ser humano cada vez menos de se adaptar ao ambiente. Em outras palavras, tornar-se-ia cada vez mais claro que nas estufas autógenas erigidas pelo emprego da técnica conduziu-se a inversão das tendências à seleção. Na estufa não seria o mais apto que sobreviveria, mas o mais afortunado ao aproveitar as condições internas de proteção. Esse marco evolutivo revelaria que a evolução humana se produziu em grande parte em um meio grupal com a tendência a recompensar as variações esteticamente favoráveis e intelectualmente mais potentes. Além disso, muitas variações genéticas seriam neutras em termos seletivos. Logo, o humano se encaminhou para a beleza, que figuraria como prêmio bioestético à distinção. Não seriam apenas as formas femininas e o apuramento dos rostos humanos o efeito dessa situação, mas foi sobretudo o cérebro humano⁴⁵¹ que adquiriu exuberância, passando a adquirir um potencial que superaria as meras necessidades práticas⁴⁵².

Esse lugar específico do humano no porvir possuiu qualidades de útero para aqueles que utilizavam os privilégios dos não-nascidos. Os seres vivos, que um dia se tornaram homens, primeiro se reproduziram em um criador denominado por Sloterdijk como parque autógeno, ou

espaço, pondo em cena conflitos e forças naturais com excepcionalidade, além de aparições de monstros, bacanais de heróis e deuses, intervenções explosivas de humor desordenando as aparências, ou seja, tudo é crueldade, rigoroso movimento, toda ação é levada ao extremo. Daí a declaração de Artaud: “(...) onde a raiva avança a culpa recua (...). O resto se faz com gritos”. ARTAUD, Antonin. *O Teatro e seu Duplo*. Tradução de Teixeira Coelho. São Paulo: Martins Fontes, 2006. p. 159. Realmente, a teatralidade é o espaço (quiçá em constante desterritorialização à maneira de Deleuze e Guattari em *Anti-Édipo*) do palco cínico pertinente à ideologia. Nele há a encenação como consciência duplicada, a decadência da linguagem como forma de violência Real, a ironia ou a paródia como inversão dos valores que regem nossas formas de vida. Todos estes são pontos essenciais no “cenário” em que atua cinismo moderno. Esses temas inicialmente foram desenvolvidos em: GLOECKNER, Ricardo Jacobsen; LEAL, David. *Dispositivos de Segurança e Mecanismos Liberógenos: a ampliação do controle penal no neoliberalismo*. Porto Alegre: Revista de Estudos Criminais, 2012. v. 1, p. 117-142.

⁴⁵¹ Atualmente, com ênfase no cérebro humano: DOIDGE, Norman. *O Cérebro que se Transforma: como a neurociência pode curar pessoas*. Tradução de Ryta Vinagre. Rio de Janeiro: Record, 2016.

⁴⁵² SLOTERDIJK, Peter. *Sin Salvación: Tras las Huellas de Heidegger*. Tradução de Joaquín Chamorro Mielke. Madri: Akal, 2011. p. 121-3.

parque humano⁴⁵³. O criadouro de homens se tornou efeito de técnica primitiva. O que Heidegger teria designado como armação e concebeu como o destino do ser passaria a representar então albergar os homens e os produzir. A esfera produziria o humano. Isso permitiria compreender que os homens não são seres vivos que vêm ao mundo, senão são aqueles que vêm à estufa. A estufa para Sloterdijk significa mundo: significa esfera. Graças à técnica da estufa grupal por tempo prolongado, cada vez mais os vivos tiveram de aprender a proteger suas incubadoras. O bem-estar exigiu a previsão. A previsão estabilizou o bem-estar. O cuidado de Heidegger não seria outra coisa senão a necessidade de manter em condições adequadas esse bem-estar. O cuidar seria o cuidar da casa. A ameaça passaria a ser a situação na qual a improbabilidade da abundância provocaria um sentido de ameaça. O futuro teria sido, portanto, a dimensão em que a improbabilidade do estado biológico teve de ser reduzida por meio da astúcia da técnica. Os homens se tornaram seres *a priori* conservadores do luxo e toda história humana coletiva seria uma história do bem-estar em comunidade⁴⁵⁴. Aqui entra o terceiro mecanismo. Somente pelo fato de o homem estar condenado às possibilidades do luxo é que se poderia entender o ser como tempo. Na visão de Sloterdijk, Heidegger teria se aproximado dessa ideia com a teoria do cuidado, em *Ser e Tempo*. Mas Heidegger tinha pretensões antiantropológicas⁴⁵⁵ e isso não lhe teria permitido esclarecer o fato de que todo cuidado seria cuidado do recinto. No início, o cuidado de si e o cuidado do recinto eram indiscerníveis. Assim, os corpos dos hominídeos tornaram-se corpos de luxo e o luxo teve início com a licença para ser imaturo. Os homens tiveram de cuidar de si mesmos, cuidar ainda mais dos criadouros de suas culturas, sua estufa da técnica, sua arte e seus costumes. Em última análise, tiveram que ser animais cuidadores, seres produtores que tiveram que pensar no dia seguinte, porque no presente vive o animal que os seres humanos nunca mais poderão outra vez ser. O recinto como a casa do ser foi uma repetição das funções do útero no espaço público,

⁴⁵³ SLOTERDIJK, Peter. *Regras Para o Parque Humano: uma resposta à 'Carta Sobre o Humanismo'*. Tradução de Manuel Resende. Coimbra: Angelus Novus, 2007.

⁴⁵⁴ SLOTERDIJK, Peter. *Esferas III: Espumas*. Tradução de Isidoro Reguera. Madri: Siruela, 2004. p. 564.

⁴⁵⁵ Em *Ser e Tempo*, por exemplo, Heidegger: "(...) na tendência corretamente compreendida de toda 'filosofia da vida' séria e científica – em que a palavra vida diz algo como a botânica das plantas – subsiste implicitamente a tendência para uma compreensão do ser da presença. O que chama a atenção, e nisso está sua radical deficiência, é não se questionar ontologicamente a própria 'vida' como um modo de ser". HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2006. p. 90. Em *Carta Sobre o Humanismo*, essa crítica se mantém. Heidegger ataca a ideia do homem como animal dotado de racionalidade, assim como desconsidera as definições orgânicas como fundamentos da sua essência. Na sua perspectiva, o homem na sua *existência* não pode ser determinado pela concepção natural, pela ideia da natureza determinanete, tal como pretendem as noções biológicas e zoológicas do seu tempo. Constitui-se como próprio do humano é a sua condição de estar postado na clareira, a *existência* do homem enquanto tal. Para Heidegger: "as plantas e os animais estão mergulhados, cada qual no seio do seu ambiente próprio, mas nunca estão inseridos livremente na clareira do ser – e só esta clareira é 'mundo', por isso, falta-lhes a linguagem". HEIDEGGER, Martin. *Carta Sobre o Humanismo*. Tradução de Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2005. pp. 27-8.

uma incubadora aberta. Com a utilização de meios técnicos que permitiram o distanciamento do *circunmundo* a incubadora pôde perdurar. Contudo, apenas os meios técnicos do tipo comunicativo e simbólico foram apropriados para desenvolver a climatização do espaço interior. Logo, a linguagem não seria outra coisa senão a segunda casa do ser: uma casa que a partir das suas condições de produção de demanda de casas, Sloterdijk a denomina como armação, recinto, estufa, antroposfera, ou, apenas, esfera. Eis, em suma, uma das teses centrais do pensamento de Sloterdijk: toda técnica teria sido técnica de estufa e, portanto, técnica genética. Segundo essa perspectiva, a práxis distanciadora do *circunmundo* dos hominídeos, até chegar aos homens incipientes, foi desde sempre uma manipulação genética espontaneamente produzida, mas não necessariamente se deu de forma consciente. Ou seja, técnica de auto-encasamento cujo efeito secundário foi a hominização⁴⁵⁶.

Como se vê em todo esse esforço interpretativo de Sloterdijk, o território não seria a condição que tornaria possível a comunidade, mas a comunidade falante⁴⁵⁷ e cooperativa seria uma incubadora simbólica em que as convivências definiriam suas formas de vida. A conversação seria mais fundamental do que o solo sobre o qual se vive. No caminho de redução da perigosidade congênita, os seres *sapiens* desenvolveram procedimentos de automodelação. Em meio às técnicas eficientes da cultura para a automodelagem dos seres humanos encontramos as instituições simbólicas, como as línguas, as narrativas sobre a fundação de comunidades, até mesmo as regras de matrimônio e de parentesco, técnicas educativas, normas sobre os papéis de cada um de acordo com a idade e o sexo. Nesses componentes da cultura também figuraria a guerra, os calendários, a divisão do trabalho e modelos disciplinares e de controle, inserindo-se aqui, sem dúvida alguma, o controle penal como antropotécnica criminal. Essas instituições e ações modeladoras dizem respeito ao termo antropotécnica. As antropotécnicas primárias elaboraram a plasticidade humana, desenvolvida na estufa. Elas assim são denominadas porque tendem à modelagem direta dos seres humanos e atribuem-lhes, em tese, características civilizadoras: abrangem o tradicional e se definem pela educação, pela

⁴⁵⁶ SLOTERDIJK, Peter. *Sin Salvación: Tras las Huellas de Heidegger*. Tradução de Joaquín Chamorro Mielke. Madri:Akal, 2011. p. 123-9.

⁴⁵⁷ O importante a considerar aqui, quando Heidegger teria concebido a linguagem como a casa do ser, não significaria que a linguagem permitiria dar nome às coisas, pessoas, atribuindo-lhes histórias. O decisivo é que a linguagem aproxima o estranho e inquietante a tal ponto de incluí-lo na esfera do habitável, inteligível, revestido de empatia. Logo, a linguagem diz respeito a tornar possível a vivência humana no aberto do mundo, que transformou o *extasis* e *entasis*. Essa tendência à aproximação se impõe com a linguagem, desde as primeiras palavras. Assimila o semelhante e o dessemelhante, desde, por exemplo, a articulação de metáforas. A sua tarefa fundamenta seria o *encasar* a totalidade do ente. A linguagem seria o meio universal da amizade com o mundo precisamente por ser o agente de transferência do doméstico ao não doméstico. SLOTERDIJK, Peter. *Sin Salvación: Tras las Huellas de Heidegger*. Tradução de Joaquín Chamorro Mielke. Madri:Akal, 2011. p. 134-7.

instrução e pela formação. Esses procedimentos, contudo, pressupõem um ser humano educado, mas não o produzem. As técnicas antropogênicas, as mais primitivas, é que deram início à autodomesticação. Só de maneira indireta e inconsciente produziram o homem, tornando possível seguir a deriva genética para as formas luxuosas com o apoio de suas extensões simbólicas. A moderna biotécnica, nas considerações de Sloterdijk, se chegasse a realmente efetuar intervenções diretas no texto genético dos indivíduos, essas modificações seriam igualmente de natureza antropotécnica, mas não antropogênicas. As ideias de otimização em relação ao potencial humano, aprimoramento humano (*human enhancement*), não seriam uma realidade de melhora das características hereditárias do humano, senão uma renúncia ativa à parte da mobilidade potencial que há mais de cem mil anos transformara geneticamente o homem. No entanto, Sloterdijk entende que, qualquer que seja o resultado, a situação genética humana já estaria marcada pela quase total exclusão da seleção natural, além de, em um futuro próximo, ser bastante provável que se consumará a tendência à globalização dos genes, que levará a uma nivelção das diferenças históricas entre povos e raças, criando-se uma situação pós-racista, segundo a qual a variação entre indivíduos será maior do que a variação entre as próprias etnias⁴⁵⁸, tese que não se distingue de outros autores que afirmam que é efeito da própria globalização nivelar todos os indivíduos⁴⁵⁹.

Nesse ponto, já nos parece razoável considerar que a *humanitas* depende do estado da técnica. Se existe o homem, a técnica o produziu desde o não humano. Então, Sloterdijk sustenta que não seria nada estranho aos homens se eles se submetessem a novos procedimentos de autoprodução, pois seria da sua consistência se transformarem autotecnicamente. Nesse projecto, seremos testemunhas das tecnologias inteligentes que darão forma a uma operatividade não tirânica denominada homeotécnica. No futuro, conforme a crença do autor, desenvolver a técnica resultará em ler as partituras das inteligências encarnadas, promovendo-se a execução de suas próprias peças. Casos de co-inteligência serão as situações limite da homeotécnica⁴⁶⁰, tecnologias pautadas por formas não dominadoras de operação – um visão otimista do futuro, é inegável.

⁴⁵⁸ SLOTERDIJK, Peter. *Sin Salvación: Tras las Huellas de Heidegger*. Tradução de Joaquín Chamorro Mielke. Madri:Akal, 2011. p. 130-2.

⁴⁵⁹ Por exemplo: HAN, Byung-Chul. *Topologia de la Violencia*. Tradução de Paula Kuffer. Barcelona: Herder, 2013; e BERARDI, Franco [Bifo]. *A Fábrica da Infelicidade: trabalho cognitivo e crise da new economy*. Tradução de Orlando dos Reis. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

⁴⁶⁰ SLOTERDIJK, Peter. *Sin Salvación: Tras las Huellas de Heidegger*. Tradução de Joaquín Chamorro Mielke. Madri:Akal, 2011. P. 146-9.

3.6 Antropotécopolítica e a questão criminal: quando a antropotécnica se torna ferramenta biopolítica

Como procuramos explicar, Sloterdijk reinterpretou algumas investigações paleoantropológicas de autores como Gehlen, Alsberg, Plessner, entre outros, ampliando a tese de que o ser humano estaria envolvido em um processo técnico de evasão da prisão do *circunmundo*, o espaço circundante ou mundo circundante, para se inserir no mundo. A expressão mundo partiu da filosofia heideggeriana até atingir o significado da casa ou simplesmente: esfera. Para Sloterdijk, o ser humano seria produto da esfera e estaria sujeito a modificações que sofreram a influência de mecanismos pré-humanos e não-humanos de afetação.

Esse aspecto da produção humana, Laura Bazzicalupo o classifica como sendo fundamentalmente biopolítico, e Sloterdijk o denomina como “antropotécnica política”⁴⁶¹ (antropotecnopolítica). A produção seria o dispositivo biopolítico que traduziria a chave da domesticação: a produção do ser humano pelo próprio ser humano⁴⁶². Nas pegadas de Heidegger (não tanto nas de Nietzsche), a domesticação seria o grande impensado da nossa época e, então, Sloterdijk desconstrói o dispositivo imunitário de separação metafísica entre natureza e técnica, entre ser humano e natureza. Mas nesse ponto, desde os primórdios da cultura ocidental, a seleção das raças foi algo como que fundante do governo dos homens. Ao referir o diálogo *Político* de Platão e sua explicação como arte classificatória estatal, Sloterdijk diz que: “sob a forma lógica de um exercício grotesco de definição, o diálogo do Político desenvolve o preâmbulo de uma antropotécnica política: nele não se trata já de dirigir, domesticando-o um rebanho já dócil, mas de criar sistemática e repetidamente exemplares humanos mais próximos de seu estado ideal.”⁴⁶³. Como se vê, todo governo é criador - em seus aspectos preferenciais, e sua façanha é a produção. Todo corpo domesticado acaba se revelando como um corpo político, porque produzido, nem artificial, nem naturalmente, mas tecnicamente. Nessa concepção sobre o homem de Estado estaria presente a ideia de que pensar corresponderia a um trabalho de busca da verdade e isso somente aconteceria com o esforço de

⁴⁶¹ SLOTERDIJK, Peter. *Regras Para o Parque Humano: uma resposta à ‘Carta Sobre o Humanismo’*. Tradução de Manuel Resende. Coimbra: Angelus Novus, 2007. p. 68.

⁴⁶² BAZZICALUPO, Laura. *Biopolítica: un mapa conceptual*. Tradução de Daniel J. García López. Roma: Carocci, 2016. pp. 153.

⁴⁶³ SLOTERDIJK, Peter. *Regras Para o Parque Humano: uma resposta à ‘Carta Sobre o Humanismo’*. Tradução de Manuel Resende. Coimbra: Angelus Novus, 2007. p. 65-9.

classificação e conceitualização da multiplicidade de conceitos e coisas. As políticas da espécie, realizadas pelos bons reis, organizariam grupos de rebanhos que corresponderiam a tipos, que assim seriam definidos com o propósito de se evitar a mestiçagem. Sua tarefa seria a de “(...) cuidar de seres vivos sem mistura, isto é, criaturas que não copulem fora de sua espécie, como costumam fazer por vezes cavalos e burros. Deverão então velar pela endogamia, e buscar meios de impedir a mestiçagem”. Essa seria uma competência fundamental da arte pastoreira presente no *Político* de Platão, e se definiria como guarda voluntária da arte do estadista. Essa arte corresponderia a um saber perito, um saber doméstico fundado na melhor maneira com o emprego de ferramentas eficientes a fim de selecionar e cruzar os homens⁴⁶⁴, em última análise, tratar-se-ia de um saber de cuidado⁴⁶⁵.

A referência à estaticidade Heideggeriana reinterpretada por Sloterdijk não permite submeter esses dilemas às explicações reducionistas do evolucionismo biológico, que é incapaz de distinguir ambiente e mundo. A explicação científica nunca será capaz de dar conta do devir humano⁴⁶⁶, assim como podemos mesmo dizer que uma explicação científica nunca dará conta de descrever o comportamento humano e o fenômeno da violência de forma determinista, como pretendeu o positivismo criminológico sob as suas variadas vertentes, porque a ciência só veria o ambiente, mas não veria o mundo. Sloterdijk quando retomou Heidegger o fez a partir de um reconstrutivismo fantástico, que seria uma autenticidade fantástica de acordo com sua narrativa, que na fuga do ambiente revelaria o *extasis* do mundo. O ser humano não disporia de um acesso direto às condições de sua produção (“a dignidade da clareira é intangível”⁴⁶⁷, o que significa escapar do determinismo), seja em termos de biopoder – no preciso aspecto que envolve a plasticidade do humano – seja em termos de biopolítica – entendida no sentido seletivo -,

⁴⁶⁴ SLOTERDIJK, Peter. *Regras Para o Parque Humano*: uma resposta à ‘Carta Sobre o Humanismo’. Tradução de Manuel Resende. Coimbra: Angelus Novus, 2007. pp. 66-71.

⁴⁶⁵ Bazzicalupo considera, por outro lado, que haveria uma explícita contrariedade entre o pensamento de Sloterdijk e o pensamento Habermas, notadamente no ponto em que Habermas, em *O Futuro da Natureza Humana* teria entendido que seria necessário submeter as biotecnologias à razão humana, ideia que Sloterdijk teria atacado ferozmente. Na realidade, ambos apresentam propostas, em alguns aspectos, parecidas. Sloterdijk, em *Regras Para o Parque Humano*, não demonizando a técnica, entendeu ser necessário redigir-se um código de antropotécnicas a fim de se decidir o que seria permitido produzir em termos de engenharia genética, diante das novas descobertas das ciências biológicas; assim como Habermas depositou sua confiança no Direito com o uso de uma razão prática e reguladora das atuais experiências de programação. Em realidade, o tema da engenharia genética é apenas um capítulo das antigas formas de disputa sobre a vida, assunto atinente à biopolítica no seu mais visível padrão. Significa também que a antropotécnica é um capítulo que pertence ao grande tema da biopolítica. HABERMAS, Jürgen. *O Futuro da Natureza Humana*: a caminho de uma eugenia liberal? Tradução de Karina Jannini. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

⁴⁶⁶ BAZZICALUPO, Laura. *Biopolítica*: un mapa conceptual. Tradução de Daniel J. García López. Roma: Carocci, 2016. pp. 155.

⁴⁶⁷ SLOTERDIJK, Peter. *Sin Salvación*: Tras las Huellas de Heidegger. Tradução de Joaquín Chamorro Mielke. Madri: Akal, 2011. P. 101.

devendo estar à altura de explicações científicas e genômicas. É justamente por meio da metáfora doméstica que a teoria das esferas, receptáculos que correspondem ao habitar humano, redescreverá a ressonância interanimal desse espaço virtual que tem força de produção e fomentador da plasticidade. Aqui o poder plástico das esferas, atinente à situação humana na dinâmica da evolução exuberante, aparece como uma inversão da lógica darwiniana de adaptação ao ambiente, pois a desadaptação ao ambiente para o caminho em direção ao luxo mais bem descreveria o percurso paleoantropológico dos seres humanos. Então, se os seres humanos desenvolveram os procedimentos de autoformação, as antropotécnicas compensariam - noutras palavras, imunizariam - a exposição ao risco que o ambiente proporcionaria na forma de esferas antropogenéticas, sendo igualmente responsáveis pela produção das modificações em sede ontoantropológica⁴⁶⁸.

Sloterdijk, de fato, insiste na potencialidade das antropotécnicas como ferramentas de autoeducação, uma proposta positiva e otimista, que talvez retire um pouco do caráter negativo no sentido tanatopolítico que lhe atribuiu Campbel e no sentido negativo-imunitário que se poderia lhe atribuir a crítica de Han ao paradigma imunológico. *Has de Cambiar tu Vida* pode ser lido como um chamamento⁴⁶⁹ ao papel de seletor a partir do esforço de cada um para transformar suas condições existenciais e, assim, transformar o mundo. Mas sendo esse caráter positivo pensado como o papel de seletor da espécie, retorna-se ao mesmo estágio do negativo demonstrado por Han. De toda sorte é de se pensar se não existirá sempre uma negação em relação àquilo que não corresponde ao ideal ou ao utópico.

Em que pese a tentativa de Sloterdijk de atribuir à ação de sucesso uma prática ontológica de produção do ser, seu esforço muito se assemelha à distinção entre as leis estruturais das operações animais e a forma de aprendizagem do ser humano, no esquema

BAZZICALUPO, Laura. *Biopolítica*: un mapa conceptual. Tradução de Daniel J. García López. Roma: Carocci, 2016. 155.

⁴⁶⁹ Esse chamamento, verdadeiro imperativo categórico, de Sloterdijk muito se assemelha ao chamamento ideológico contemporâneo, em especial se pensarmos na ideologia neoliberal que convida a cada um para ser empresário de si. Aqui Schreber tem a nos ensinar. O chamamento a determinados papéis e resultados tem a potencialidade de produzir justamente o seu contrário. Na era da hiperprodução, o cansaço aparece como a resposta do corpo humano que se esgotou. Por outro lado, talvez um descanso necessário do corpo e do espírito não seja possível, porque o ser não tem mais casa, também entendida como esfera. Estamos em nosso tempo, conforme a linguagem de Sloterdijk, em um processo de eliminação progressiva das esferas protetoras constituídas há milênios. Por outro lado, encontra semelhança esse imperativo com o chamamento à autoridade que descrevemos no primeiro capítulo sobre Schreber, o que remete boa parte do problema às implicações das imposições do imperativo categórico. Se formos ler o texto *Kant com Sade de Lacan* (LACAN, Jacques. *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro: Zahar, Rio de Janeiro, 1998. p. 777), veremos que existem sempre implicações não reveladas em uma norma, vindo Sade, nesse aspecto, a ser o lado obscuro de Kant. O cansaço é o lado recalcado que aparece como Real nesse cenário em que a imposição de autoprodução e de aumento das próprias capacidades se tornou uma forte imposição do nosso tempo.

apresentado por Gehlen. Para Gehlen a maneira de aprendizagem do humano não seria tão rígida quanto à do animal, podendo-se o humano inclusive se valer de situações simuladoras ou artificiais para adquirir aprendizagem. As formas de aprendizagem dos seres humanos não se vinculariam necessariamente aos mecanismos pulsionais ou às forças instintivas⁴⁷⁰. Por isso que o homem seria um ser simbólico e que não poderia ser deduzido do contexto (espaço natural). Distancia-se o ser humano daquelas situações prêmio, como nas descrições do cachorro de Pavlov. Os animais aprenderiam quando os instintos fossem acionados, em situações concretas, o que pela lógica da repetição serviu a sua sobrevivência. O ser humano, por sua vez, aprenderia por uma pedagogia, eminentemente, livre do instinto, marcando a sua especificidade pela liberação de cargas, pela isenção de comportamentos. Na verdade, o processo ocorrido na clareira é análogo a um processo de aprendizagem que promoveria uma mudança antropológica nos seres, sendo o humano o ser distinto entre os demais, justamente por essa capacidade de transcender a sua condição meramente instintual ou biológica. O homem como um projeto único da natureza apresentaria, para Gehlen, um desenho especial, um ser distinto entre os outros seres ao negar as leis que regem a vida orgânica⁴⁷¹, e essas intuições parecem ter também influenciado o pensamento de Sloterdijk.

3.7 Crítica à biopolítica imunitária: da antropotécnica ao terror

A fim de avançar no desenvolvimento do conceito da antropotécnica em sua explicação técnica e espacial, necessário chamar à atenção, neste ponto, para o aspecto imunológico que

⁴⁷⁰ Gehlen traz as seguintes ideias sobre os instintos: “os instintos autênticos são movimentos, ou melhor, modelos ou figuras de movimentos de um tipo muito especial, que transcorrem em virtude de um automatismo inato e são dependentes de processos de produção de estímulos endógenos internos. [...] Os movimentos instintivos (quer dizer: figuras ou modos de comportamentos inatos e típicos da espécie) são acionados ou postos a funcionar, normalmente, pelos objetos adequados, que o animal encontra no mundo que o rodeia. Quer dizer, seus companheiros de espécie ou o parceiro sexual, a presa, o inimigo, etc. Ou melhor: não são acionados por estes objetos, mas por certos 'sinais' sumamente específicos que há neles e que podemos chamar 'acionadores'”. GEHLEN, Arnold. *El Hombre: su naturaleza y su lugar en el mundo*. Tradução de Fernando-Carlos Vevia Romero. Salamanca: Sígueme, 1980. p. 27. Sendo o instinto algo como uma informação genética, ele operaria quando os acionadores fossem provocados. De acordo com a etologia de Lorenz os acionadores do extinto dispõem da possibilidade de serem simulados por meio de estímulos artificiais. Gehlen se oporia a essa ideia ao refutar a exportação imediata da observação empírica dos próprios animais para descrevê-la como definição do comportamento humano. Por outro lado, Gehlen estaria de acordo com a característica do ser humano consistir na minimização do instintivo, isto é, na redução das ações motivadas por acionadores. Para Gehlen haveria uma lógica de exclusão mútua entre comportamento instintivo e inteligência, e não haveria nenhuma relação de grau, como defendeu Scheler. ALMEIDA, Cleber Ranieri Ribas de. *A Biofilosofia dos Graus do Orgânico: Alrnold Gehlen e a ontologia de Nicolai Hartmann*. *Problemata - Revista Internacional de Filosofia*, v. 7. p. 100-135, 2016.

⁴⁷¹ GEHLEN, Arnold. *El Hombre: su naturaleza y su lugar en el mundo*. Tradução de Fernando-Carlos Vevia Romero. Salamanca: Sígueme, 1980. pp. 16-33.

aparece nas ideias de Sloterdijk. Para ele, hoje em dia, os indivíduos carregariam suas próprias imunizações, suas formas imunitárias de proteção individual pautadas pela técnica.

Em seu último capítulo de *Esferas II*⁴⁷², no tópico *poética do espaço do barco*, Sloterdijk procurou interpretar, dentro do que é narrado como um grande processo de desconstituição imunitária, que ganha força desde a globalização, a própria força imunitária que detinha o barco como espaço comunitário. Para entender o que Sloterdijk designa por globalização, devemos lembrar que esferas são espaços artificiais construídos por seres humanos. Aqui o autor, por uma perspectiva criativa, contrapõe o espaço natural ao espaço artificializado. O barco, assim como a caravana e o automóvel, seria o ninho mobilizado ou a casa absoluta. Nele e a partir dele seriam possíveis relações simbióticas, na medida em que a embarcação pode ser vivenciada como ventre materno que protege grupos de iniciantes: “o barco é, por sua vez, uma autoextensão mágico-tecnosférica das tripulações e, com isso, todos os veículos modernos, são uma máquina homeostática de sonhar, que se deixa conduzir através do elemento exterior como uma grande mãe manipulável”⁴⁷³. A diferença dessa máquina homeostática de ontem para as máquinas de hoje no *design* imunitário não seria apenas o telescópio de tecnologias ecológicas para o corpo do próprio indivíduo, mas a diminuição do papel da segurança⁴⁷⁴, a proteção que anteriormente foi provida por corpos coletivos. Com o esfacelamento da proteção metafísica – deus –, dilacerou-se uma segurança transcendental cósmica de tal maneira que nenhuma outra foi capaz de assumir seu lugar, senão em micro-esquemas individuais de proteção⁴⁷⁵.

⁴⁷² SLOTERDIJK, Peter. *Esferas II: globos. Macrosferología*. Tradução de Isidoro Reguera. Madri: Siruela, 2004. p. 824.

⁴⁷³ SLOTERDIJK, Peter. *Esferas II: globos. Macrosferología*. Tradução de Isidoro Reguera. Madri: Siruela, 2004. p. 824.

⁴⁷⁴ CAMPBELL, Timothy C. *Improper Life: technology and biopolitics from Heidegger to Agamben*. Londres: University of Minnesota Press, 2011. p. 91.

⁴⁷⁵ Sloterdijk entende que: “o destino de todos os sistemas metafísicos de imunidade se decide frente à questão de se os seres abertos ao grande mundo, os seres humanos da época dos impérios e cidades, conseguem dar plenamente o salto de autoabrigo coletivo em comunidades cidadãs fortificadas à autogarantia individual, para além de pátrias ocasionais. É de interesse existencial para eles saber com clareza se seriam capazes de chegar a viver uma vida plena também no estrangeiro mais remoto: uma questão cifrada para estes na consideração de se eles, os mortais, que dependem de uma família e estão apegados ao solo, poderiam familiarizar-se também com o universo exterior. Quanto exílio é capaz de suportar o ser humano? Quanto desacostumados dos primeiros lugares necessita a alma capaz de pensar para se recolher em si mesma”. A modernidade que desde as grandes navegações se firmou em contratos de seguros e procurou se proteger imunologicamente das consequências da vida. O seguro toma o lugar de deus no ajustamento dos negócios. Daí que advém uma tecnologia imunológica da modernidade, pragmaticamente implantada. Uma intuição que o século XIX terá como produto: os seguros sociais e as instituições médico-higiênicas do Estado de bem-estar social. O preço imaterial que foi pago pelos modernos por força da sua assegurabilidade foi alto mesmo em termos metafísicos, porque se renunciou a uma relação com o absoluto como perigo irredutível, elegendo-se a si mesmos como casos de mediocridade estatística. O direito de

Sloterdijk indica a probabilidade de uma guerra imunológica que poderá criar condições em que a redução de vínculos comuns será a regra. O aumento de proteções individuais levaria ao crescimento de próteses e de locomoções, criando a possibilidade de transformá-los em máquinas homeostáticas, que farão cada um tomar cuidado apenas quando mirar para o exterior. O poder, entendido como segurança, modificou necessariamente as formas de vida comunais para individuais. Hoje, testemunharíamos não apenas o desmantelamento do Estado de proteção, mas um período pós-moderno em que os planos de formação de imunidade não dependeriam mais do que fazer uso das mãos. O uso da ágora apenas assegura, mas não permite o cuidado de comunidades e de nações que foram perdidas. Nesses regimes individuais de imunidade temos formas de segurança sob o aspecto das tecnologias, que devem ser compreendidas como esquemas individuais de segurança que passam a substituir as próprias comunidades políticas nacionais. Campbell percebe um forte caráter de tanatopolítica na descrição do fim da política comunal de proteção e na morte por exposição daqueles que são deixados sem proteção⁴⁷⁶.

Em verdade, Campell parece estar correto, pois Sloterdijk deixa bastante evidente a existência de uma inscrição do exterior no interior esférico com o fenômeno do neoliberalismo. Associando, neste ponto, ao neoliberalismo o fim das esferas de proteção, o autor sustenta que o capital transformou radicalmente a noção de casa. No mercado ninguém está em casa⁴⁷⁷. O capitalismo teria transformado o que era uma casa para todos em uma casa para qualquer um. O capitalismo fez o trabalho de morte por meio do mercado mundial com um desastre ecológico de proporções catastróficas, que não se mede por milhares de mortes, mas pelo fato de o globo se tornar inapropriado aos seres humanos. Esse seria o resultado de regimes imunitários estabelecidos pelos próprios indivíduos. As esferas íntimas, chamadas microesferas, elevaram-se ao nível de grandes estruturas imunitárias (Estados, impérios, mundos), mas no curso dos

ser sujeito foi trocado pelo direito de receber indenizações nos casos de sinistro. SLOTERDIJK, Peter. *Esferas II: globos. Macroesferologia*. Tradução de Isidoro Reguera. Madri: Siruela, 2004. pp. 309, 766-7.

⁴⁷⁶ CAMPBELL, Timothy C. *Improper Life: technology and biopolitics from Heidegger to Agamben*. Londres: Universty of Minnesota Press, 2011. pp. 92-3.

⁴⁷⁷ Não é de hoje a ideia de que a cura, por uma perspectiva psicanalítica, remete ao encontro de um lugar, isto é, corresponde a uma recuperação, bem como uma reconstrução de uma experiência perdida. “A antiga noção de cura não tem outro sentido que não a de reencontro de um lugar”. Em verdade, esse lugar de reencontro chama-se casa. Mas esse cercamento também pode ser produtor de sintomas de sofrimento. Quando se torna sintomática a necessidade de estabelecer demarcações físicas, muros, fronteiras, limites, certamente houve um fracasso simbólico anterior. O muro seria esse engodo, uma falsa divisão, uma falsa unidade comunal. Em seguida, quando esse objeto determinado, material, concreto, que é o muro é construído, a fantasia do condomínio se intensifica e gera um fascínio totalitário, uma redução identitária e uma evidente servidão voluntária. DUNKER, Christian Ingo Lenz. *Mal-Estar, Sofrimento e Sintoma: uma psicopatologia do Brasil entre muros*. São Paulo: Boitempo, 2015. pp. 58-9.

últimos tempos essa dimensão macro não comportaria mais a estrutura imunitária una, senão fragmentos particulares de próteses individuais⁴⁷⁸. As finas paredes imunitárias desse mundo seriam construídas apenas por aqueles com dinheiro o suficiente⁴⁷⁹, e a metáfora do Palácio de Cristal remete à expressão da cultura ocidental e as consequências do mercado mundial: “o espaço-interno-do-mundo do capital não é uma ágora nem uma feira ao ar livre, mas uma estufa que arrastou tudo o que antes era exterior para o seu interior”⁴⁸⁰.

A questão imunológica, porém, encontraria no terrorismo outra lógica. Isso porque o terror operaria com o propósito de tornar o homem instrumento de sua própria destruição. O terror, para Sloterdijk, é reinterpretado como uma técnica de violência ou uma violenta forma de técnica. Campbell veria nessa lógica mais uma vez a tanatopológica do terror, pois a tecnologia tornaria possível realizar novas maneiras de destruir o ambiente. As novas armas do terror são aquelas categorias de ataque exploradoras das superfícies vulneráveis. O terrorismo acabaria por afetar as condições primárias da vida. A tecnologia ambiental de manipulação do espaço teria iniciado no séc. XIX, mas a modificação do espaço como um ambiente revertido em objeto de destruição por ataques terroristas somente teria acontecido na Primeira Guerra Mundial⁴⁸¹. Sloterdijk percebe que essa lógica de operação do terror, como um terror atmosférico, como terror ecológico, ocorrerá da mesma forma quando importada para campo penal (conforme será desenvolvido nos próximos tópicos).

A ameaça para a humanidade, na atualidade, todavia, converter-se-ia em ameaça global. O terror ecologicamente endereçado passa a ser visto como uma resposta aos crescentes regimes imunitários, que, em razão da tecnologia, tornam-se, progressivamente, mais sofisticados. Conforme a globalização se expande, regimes imunitários tecnologicamente mais potentes são lançados, porém não são programados por indivíduos em algum nível de conjunto e de comunidade, ou quem sabe em um nível sub-comunitário de criação. Esses projetos requerem uma forma de tecnologia que vai ameaçar penetrar em suas defesas. Significa que o terrorismo, como filho da modernidade (sua definição pela ótica da técnica terá de conceber o ataque a organismos e a defesas imunitárias), exigirá sempre criar regimes imunitários mais poderosos

⁴⁷⁸ SLOTERDIJK, Peter. *Palácio de Cristal: para uma teoria filosófica da Globalização*. Tradução de Manuel Resende. Lisboa: Relógio D'Água, 2005. p. 162.

⁴⁷⁹ CAMPBELL, Timothy C. *Improper Life: technology and biopolitics from Heidegger to Agamben*. Londres: University of Minnesota Press, 2011. p. 93.

⁴⁸⁰ SLOTERDIJK, Peter. *Palácio de Cristal: para uma teoria filosófica da Globalização*. Tradução de Manuel Resende. Lisboa: Relógio D'Água, 2005. p. 22.

⁴⁸¹ CAMPBELL, Timothy C. *Improper Life: technology and biopolitics from Heidegger to Agamben*. Londres: University of Minnesota Press, 2011. pp. 99-101.

com a capacidade de impedir o acesso terrorista às condições ambientais, chegando ao paradoxo de que alguns terão de morrer para que futuramente outros possam restar vivos. Outro paradoxo é que esse ciclo não tem fim. Revolução permanente demanda permanente terror. Campbell entende que, com essas considerações, Sloterdijk cai em um determinismo tecnológico, que, na realidade, irá atravessar seu pensamento ao trazer a ideia de que a imunologia é que daria luz ao próprio terrorismo. Nessa linha, o erro de Sloterdijk estaria em afirmar uma imunologia nada além de defesa e em conceber que o aumento de regimes de imunidade seria o sinônimo daquilo que Derrida⁴⁸² chamou de autoimunologia⁴⁸³. Aqui temos de lembrar, por outro lado, do pensamento de Han⁴⁸⁴, que, por exemplo, considera que o terrorismo já se revelaria independente das explicações imunitárias, tendo sido integrado ao sistema como um fator entre tantos outros a ser considerado, como uma quantidade razoável de terror. Cumpre relembrar, no entanto, que o pretexto da morte em um regime de governo que pretende expandir a vida, apenas encontra sua justificação no terrorismo. Esse é um elemento integrante dos regimes de governo desde o fim das grandes guerras.

Nesse contexto, para Campbell, Sloterdijk teria reconhecido, na verdade, que a questão fundamental para a imunologia estaria atrelada à pergunta de Esposito em *Communitas*: “como vamos produzir uma imunização para a vida sem fazer disso um trabalho de morte?”. Essa pergunta se assemelha muito à pergunta de Foucault sobre como deixar morrer em um governo biopolítico cuja ênfase é fazer viver. Sloterdijk irá falar sobre as modernas massas agregadas sobre unidades comunistas de emergência⁴⁸⁵. São regimes de medo permanente fundados sobre apenas um elemento em comum: um estado de ameaça por todos compartilhados. *Make it new!* – eis o exemplo de uma sentença que coopera para a criação desses regimes fundados no medo, contribuindo para as sociedades se tornarem mais facilmente domesticadas. Essas comunidades apenas desenvolvem uma fina camada de identidade, frágeis proteções imunitárias, com base na ameaça exterior⁴⁸⁶.

⁴⁸² DERRIDA, Jacques. *Filosofia em Tempos de Terror*. Diálogos com Jürgen Habermas e Jacques Derrida. BARRADORI, Giovanna (org.). Tradução de Juan José Botero e Luis Eduardo Hoyos. Madri, 2003.

⁴⁸³ CAMPBELL, Timothy C. *Improper Life: technology and biopolitics from Heidegger to Agamben*. Londres: Universty of Minnesota Press, 2011. pp. 100-1.

⁴⁸⁴ HAN, Byung-Chul. *Sociedade do Cansaço*. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petropolis: Vozes, 2015.

⁴⁸⁵ SLOTERDIJK, Peter. *Ira e Tempo: ensaio político-psicológico*. Tradução de Marco Antônio Casanova. São Paulo: Estação Liberdade, 2012.

⁴⁸⁶ CAMPBELL, Timothy C. *Improper Life: technology and biopolitics from Heidegger to Agamben*. Londres: Universty of Minnesota Press, 2011. p. 102.

3.8 O futuro pós-racista e o futuro do terror: ainda sobre antropotécnica e imunidade

Sloterdijk procurou reinterpretar a passagem do povo para a população que aparece de forma tão expressiva nas aulas de Foucault quando este tratou da biopolítica na linguagem da bioengenharia racista⁴⁸⁷. Isso é colocado da seguinte forma: se o racismo figurou como mecanismo com o qual Foucault analisou o poder soberano no final do séc. XIX, e que se tornou maduro com o nazismo, no presente tempo histórico, deparar-nos-íamos com uma nova configuração biopolítica, com o momento especificamente antropotécnico encerrado pela tanatopolítica na forma do terror? Sloterdijk não é muito preciso nessas questões. De um lado, o indivíduo sem imunidade diante do mercado permitirá formar um quadro em que algumas vidas sejam abandonadas, sendo Sloterdijk um crítico ao neoliberalismo. Contudo, quando a discussão se direciona para a biotecnologia, o mercado praticamente desaparece nos textos de Sloterdijk. Sobre esse aspecto, a ênfase nos fatores de humanização e bestialização entra em cena. A biotecnologia mais bem se definiria como uma leitura. A seleção genética será entendida como uma forma de leitura e a bioengenharia será uma maneira renovada de escrever os genes⁴⁸⁸. A impressão que se tem é que apenas a técnica é que salvará o humano.

A biotecnologia passará a ter uma função inspiradora de outras formas de tecnologias e, por consequência, novas formas de escritura no campo da engenharia genética de indivíduos superiores. A existência desses indivíduos não apenas será possível, mas também necessária. Entre tantas ideias preocupantes, Sloterdijk chega a sustentar que o governo antropotécnico demandará um estadista que saiba adequadamente unir liberdade e tendências projetando tudo aquilo que for mais vantajoso para todos⁴⁸⁹. Uma homeostase óptima será realizada no parque humano, quando coragem guerreira e filosofia humanista são tecidas conjuntamente. Com as suposições sobre o período pós-racista se torna clara nas ideias de Sloterdijk a tentativa de lidar

⁴⁸⁷ Nas próprias palavras de Foucault “um dos fenômenos fundamentais do séc. XIX foi, é o que se poderia denominar a assunção da vida pelo poder: se vocês preferirem, uma tomada de poder sobre o homem enquanto ser vivo, uma espécie de estatização do biológico ou, pelo menos, uma certa inclinação que conduz ao que se poderia chamar de estatização do biológico”. O direito de vida e de morte existe como efeito do poder soberano, que se exerce como o direito de fazer morrer e deixar viver. E completa Foucault: “E eu creio que, justamente, uma das mais maciças transformações do direito político do século XIX consistiu, não digo exatamente em substituir, mas em complementar esse velho direito da soberania – fazer morrer ou deixar viver – com outro direito novo, que não vai apagar o primeiro, ou melhor, um poder exatamente inverso: poder de ‘fazer’ viver de ‘deixar’ morrer. O direito de soberania é, portanto, o de fazer morrer ou de deixar viver. E depois, este novo direito é que se instala: o direito de fazer viver e de fazer morrer”. FOUCAULT, Michel. *Em Defesa da Sociedade*: curso no Collège de France. Tradução de Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. São Paulo: Martins Fontes: 2018. pp. 201-2.

⁴⁸⁸ C AMPBELL, Timothy C. *Improper Life: technology and biopolitics from Heidegger to Agamben*. Londres: University of Minnesota Press, 2011. p. 113-4.

⁴⁸⁹ SLOTERDIJK, Peter. *Regras Para o Parque Humano: uma resposta à ‘Carta Sobre o Humanismo’*. Tradução de Manuel Resende. Coimbra: Angelus Novus, 2007.

com elementos aleatórios da vida no nível individual quando os indivíduos em categorias superiores e diferenciadas dos demais tomarão conta do parque humano no futuro. A massa não será mais diferente, exceto aqueles indivíduos que carregarão genes superiores, que figurarão como os últimos protetores dos agregados dos animais humanos. Essa, na verdade, seria a projeção de mais uma forma de vida que se fortaleceria em razão da morte dos outros. Quando o homem se coloca à espera de o mistério da genética futura ser revelado, ele acaba por se colocar na condição de quem demanda por salvação. Por isso, *Sem Salvação* é um título que apenas nega, ironicamente, a si mesmo, porque o que seu significado assimila, em suma, é a assunção da ideia nietzcheana da morte de deus. Aparece nessa perspectiva a afirmação de que aqueles que se mantiverem imobilizados serão deixados às vicissitudes do futuro. Esse messianismo na crítica de Sloterdijk vê na técnica o perigo e a salvação, sendo esta última somente possível com o advento dos super-humanos, no manejo zoopolítico do parque humano. Aqui Campbell é mais astuto do que Sloterdijk, pois este não coloca na balança o fato de a tecnologia, mesmo a biotecnologia, acabar se tornando produto do mercado. A humanidade restaria sem proteção imunológica diante do risco, definindo-se como uma massa animalizada; ao passo que apenas uma minoria restaria envolvida pela imunização: os biotecnologicamente soberanos. A diferença entre espécies acabará se resumindo novamente por um novo papel repressivo, pois a imunidade projetada exigirá o distanciamento dos grupos de animais humanos contra os quais estarão geneticamente protegidos e imunizados, talvez de uma forma não diferente da soberania colonialista europeia dos séculos anteriores⁴⁹⁰.

Com esses assentos, a abordagem envereda para o colonialismo, que em Sloterdijk funcionará como uma forma de aprimoramento dos regimes imunitários, então esse tipo de tanatopolítica vai ser registrada na proliferação de sempre mais fortalecimento de dispositivos imunitários para o colonizador e a tentativa do colonizado de enfraquecê-lo. Isso porque a imunização individualmente produzida geraria de uma forma muito mais eficaz o trabalho de morte, o que colocaria a bioengenharia no trabalho de proteção contra os ataques terroristas que operam sobre as imunidades tecnologicamente fomentadas. Nessa visão, seria a técnica a última tentativa dos seres humanos de lidarem com o insuspeito e aleatório da vida (afinal, o terrorista é sempre aquele que está à espreita)⁴⁹¹.

⁴⁹⁰ CAMPBELL, Timothy C. *Improper Life: technology and biopolitics from Heidegger to Agamben*. Londres: University of Minnesota Press, 2011. p. 116.

⁴⁹¹ Daí a diferença: Foucault pensa a biopolítica erigida como uma tecnologia de segurança, operando, em situações aleatórias, sobre populações de seres vivos e que otimiza seu status de vida; ao passo que Sloterdijk que, a partir do fim das macroesferas, o indivíduo e não a população é que otimiza sua condição vital. Não se pode esquecer

Se pensarmos nas intuições de Sloterdijk sobre a clareira, sobre a casa e o advento dos seres humanos como aqueles condenados ao luxo, parece ser acertada a crítica de Campbell: o fim das esferas imunológicas de proteção seria o sinônimo da inauguração de uma nova condição representada pelo fim de comunidades, algo que de forma análoga fora denominado como tanatopolítica, pela morte daqueles que ficaram sem proteção, no interior do mundo do capital⁴⁹². Essa destruição imunitária tem a ver com o tema do terrorismo, em um sentido capital que será abordado adiante.

Visto isso, nos próximos tópicos, passaremos a verificar as consequências do terror imunitário como penetração nos espaços de vulnerabilidade, na esteira do pensamento de Sloterdijk para, ao fim, interpretarmos, a partir dessa perspectiva, a antropotécnica criminal em seu caráter mais negativo voltado ao terror e à morte tecnicizada. Assim, será pela perspectiva espacial que o uso da técnica, como mecanismo de destruição do outro por meio de ataques às suas condições existenciais, explicará a vizinhança com os temas tais como o humano, a técnica, o criminoso e a biopolítica e, em última análise, a destruição do devir humano, especialmente com a criação da figura performática e ambígua do terrorista.

3.9 Terror no ar: antropotécnica e atmoterrorismo

Como bem percebeu Campbell, Sloterdijk ampliou sua concepção de esferas para o espaço de respiração, ampliando as formas em que as esferas podem ser reprimidas. A catástrofe apareceria com a vulnerabilidade massiva provocada pelas formas ecotecnológicas. A própria respiração seria colocada em risco⁴⁹³. A partir dessa percepção, Sloterdijk desenvolve uma noção diferenciada sobre o terror. Essa compreensão não segue a pauta regular dos noticiários sobre o terrorismo⁴⁹⁴. Comumente, o que se compreende por terrorismo se resume a certos

que, Em Defesa da Sociedade, Foucault defendeu que foi o racismo que permitiu reintroduzir a morte na biopolítica. CAMPBELL, Timothy C. *Improper Life: technology and biopolitics from Heidegger to Agamben*. Londres: University of Minnesota Press, 2011. p. 112.

⁴⁹² “Tanatopolítica é o nome dado ao fim da proteção comunitária e a morte por exposição daqueles deixados sem proteção”. CAMPBELL, Timothy C. *Improper Life: technology and biopolitics from Heidegger to Agamben*. Londres: University of Minnesota Press, 2011. p. 93.

⁴⁹³ CAMPBELL, Timothy C. *Improper Life: technology and biopolitics from Heidegger to Agamben*. Londres: University of Minnesota Press, 2011. p. 95-100.

⁴⁹⁴ Kofi Annan, em 2004, quando à época era secretário-geral das Nações Unidas, com ar humanista combativo, afirmou que: “há demasiado tempo que a autoridade moral das Nações Unidas se vê enfraquecida pelo prolongado debate sobre o que é terrorismo: se os Estados podem ser considerados culpados da sua prática e os grupos que não actuam sob a autoridade legal de um Estado, também, e se abrange atos de resistência à ocupação estrangeira”. ANNAN, Kof. *Uma estratégia mundial de combate ao terrorismo*. Publicado originalmente em Portugal pelo

eventos violentos veiculados pela mídia. Uma noção oficial⁴⁹⁵, oriunda dos gabinetes de Estado, vislumbraria motivações de ordem política nos atos ditos de terror⁴⁹⁶. Nesse aspecto, pode-se perceber que aquilo que se entende por terrorismo se aproxima e se assemelha à figura do inimigo. Há quem entenda que o terrorismo é compreendido mais adequadamente como técnica militar instrumentalizada. Assim, terrorismo e técnica se aproximam e é no momento em que se instala a guerra que facilmente esse tipo de técnica poderia ser mais bem visualizado, como, por exemplo, destruindo-se redes de comunicação, fontes de alimento, linhas de transporte, etc.⁴⁹⁷.

Sloterdijk procurou ilustrar que o atentado de 11 de setembro, assim como o clone humano de seis células, um mês depois, se analisados isoladamente, não representaram acontecimentos que estampariam uma cesura na história dos acontecimentos, porque foram somente capazes de instigar certa histeria coletiva. Sem dúvida alguma, se os dois acontecimentos forem analisados por uma perspectiva mais ampla, eles podem encontrar outro significado, e adquirirem outra importância. Gradualmente, o terrorismo e o avanço da técnica em sua versão dos atentados contra Nova Iorque e Washington fazem parte de uma trajetória de hostilidades contra os EUA; e os experimentos com a herança genética humana fazem parte dos estudos da biologia moderna. Ambos os acontecimentos não apresentam um salto evolutivo na visão desse autor. Haveria uma continuidade histórica que lhes concerniria. O que os ataques de 11 de setembro puderam demonstrar foi que os norte-americanos passaram a abrir mais o seu jogo, de modo que o seu unilateralismo global foi assumido sem reservas, demonstrando de forma mais escancarada os mecanismos do exercício do poder mundial. Por não terem, ainda, assumido uma postura de cultura que soube incorporar a derrota, mensagem que deveria ter sido transmitida com os ataques de 11 de setembro, os EUA estão demasiadamente distantes de

jornal Público, em 29/01/2004. Disponível em: <http://www.unric.org/pt/actualidade/opiniaio/5918>. Acessado em 10/08/16.

⁴⁹⁵ O governo Reagan, ao assumir o poder, já anunciava que a política externa dos Estados Unidos seria baseada na guerra ao terrorismo (*war on terror*). Sua concentração se deu no que foi chamado pelo secretário de Estado George Shultz de “o flagelo maléfico do terrorismo” por “adversários depravados da própria civilização”, que demonstravam um “retorno ao barbarismo na era moderna”. CHOMSKY, Noam. *Poder e Terrorismo*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Record, 2005. p. 61.

⁴⁹⁶ Joe Biden, vice-presidente dos Estados Unidos, chegou a apontar, por exemplo, Julian Assange, que foi analista de segurança nacional dos Estados Unidos, como um terrorista *high-tech* por ter divulgado documentos secretos das políticas dos Estados Unidos envolvendo espionagem. Disponível em: <http://archivo.eluniversal.com.mx/internacional/70971.html>. Acessado em 17/08/16.

⁴⁹⁷ LUZ, Cícero Krupp da. O Paradoxo da Manutenção do Status Quo da Política Internacional: as quatro falácias do Código Binário Terrorismo/Direitos Humanos. In: *Direitos Humanos e Terrorismo*. AMARAL, Augusto Jobim do (org); PEREIRA, G. O. L. (org); BORGES, Rosa Maria Zaia. Porto Alegre: Edipucrs. p. 47.

uma transição para um pós-imperialismo autêntico⁴⁹⁸. Assim, Sloterdijk entende que a Europa já vivenciou o seu 11 de setembro⁴⁹⁹, e isso aconteceu em 1914. Desde então, adquiriu-se a experiência da derrota e, nesse aspecto, a Europa se tornou mais madura que os norte-americanos, pois a sua ferida histórica foi mais bem tratada pelos efeitos do tempo histórico.

Esses dois acontecimentos apontados pelo filósofo (o 11 de setembro e o clone de células humanas), contudo, parecem maiores do que realmente o são, porquanto são contemplados pelas lentes de aumento da mídia. Sloterdijk entende que os meios de comunicação, quase que como na histeria, estão condenados ao excesso, eis que suas campanhas só adquirem sucesso se baseadas no exagero. A batalha em que eles estão envolvidos tem como objetivo assumir a soberania do *ar*. Isso acontece como se tapetes de bombas informáticas fossem lançadas sobre a população, normalmente, sob o lema do esclarecimento. De certa forma, os meios de comunicação seriam cúmplices do terrorismo. É que, de fato, os agentes do terror tomam como certa a ideia de que a política nunca mais poderá adotar o segredo de Estado. As sociedades democráticas também não seriam capazes de se calar sobre determinados assuntos. Da mesma maneira, os Estados Unidos não são mais capazes de manter os horrores de suas guerras em segredo⁵⁰⁰. Por isso, o terrorismo hoje diz respeito a uma guerra atmosférica, que está fundada também nos meios de comunicação e cada atentado em um mercado de aldeia é expandido pelos noticiários e pelas mídias sociais, transformando-se em um ataque contra todo o país informado. As notícias são permeadas pela lógica da concorrência por meio da notícia apavorante. O ato terrorista visaria, por consequência, ao fortalecimento por meio da publicidade. Daí que “o efeito principal das bombas se passa no

⁴⁹⁸ SLOTERDIJK, Peter. *Se a Europa Despertar*: reflexões sobre o programa de uma potência mundial ao final da era de sua letargia política. Tradução de José Oscar de Almeida Marques. São Paulo: Estação Liberdade, 2002. pp. 83-5.

⁴⁹⁹ Habermas, por sua vez, dissera o seguinte: “se o ataque 11 de setembro, como muitos achavam, fosse representar um marco na ‘histórica mundial’, deveria resistir à comparação com outros eventos histórico-mundiais. Para tanto se ofereceria não Pearl Harbor mas agosto de 1914. Com a eclosão da Primeira Guerra Mundial chegou ao fim um tempo pacífico e, em retrospecto, de certo modo ingênuo. Agosto de 1914 inaugurou uma era da guerra total e da opressão totalitária. Mas somente em retrospecto poderemos reconhecer se a queda – carregada de sentido simbólico – das cidadelas capitalistas no sul de Manhattan representa um corte tão profundo, ou se essa catástrofe apenas confirmou, de forma desumana e dramática, uma vulnerabilidade de nossa civilização complexa, da qual se tinha consciência há muito tempo”. HABERMAS, Jürgen. *O Ocidente Dividido*. Tradução de Luciana Vilas Bôas. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2006. pp. 10-11.

⁵⁰⁰ O segredo como forma de preservação da força ainda se mantém nas ações de espionagem de Estados contra Estados, assim como nas investigações policiais legitimadas pelo poder judiciário e pelo Ministério Público, especialmente quando o pretexto fático e legal lhes permite. Nesses dois aspectos, o problema do segredo cautelar merece ser amplamente pensado, pois demonstra ser uma tendência nesses dois tópicos que envolvem a ação do Estado, que muito se aproxima de uma prática terrorista mediante técnicas preventivas.

noticiário”⁵⁰¹. Sloterdijk chega a afirmar que “mesmo para os terroristas islâmicos, é demasiado tarde para rever a repartição das coisas e dos territórios do globo, confiscam grandes terrenos no espaço amplamente aberto da informação mundial”⁵⁰².

É inegável que os mecanismos globais de comunicação representam, de certa forma, o poderio ocidental. Contudo, consequência dessa hegemonia são as reações de políticos populistas de sociedades não-ocidentais, condenando o imperialismo ocidental, de modo a convocarem a preservação das suas culturas autóctones. Essa preservação em um movimento de retração ingênua se assemelha ao que Ortega Y Gasset já dissera: “outrora podia-se ventilar a atmosfera confinada de um país abrindo as janelas que dão para outro. Mas agora esse expediente não serve de nada, porque no outro país a atmosfera é tão irrespirável como no próprio. Daí a sensação opressora de asfixia”⁵⁰³.

⁵⁰¹ SLOTERDIJK, Peter. *Se a Europa Despertar*: reflexões sobre o programa de uma potência mundial ao final da era de sua letargia política. Tradução de José Oscar de Almeida Marques. São Paulo: Estação Liberdade, 2002. pp. 86-9.

⁵⁰² SLOTERDIJK, Peter. *Palácio de Cristal*: para uma teoria filosófica da globalização. Tradução de Manuel Resende. Lisboa: Relógio D'Água, 2008. p. 195.

⁵⁰³ ORTEGA Y GASSET, José. *A Rebelião das Massas*. Tradução de Herrera Filho. Rio de Janeiro: Ibero-Americano, 1959. p. 21.

Não é à toa que em razão de as comunicações em escala global serem dominadas pelo Ocidente, existe nisso uma das principais fontes de ressentimento⁵⁰⁴ e hostilidade por parte de povos não-ocidentais contra o próprio Ocidente⁵⁰⁵.

Nessa concepção, o único método que produziria algum efeito razoável sobre o terrorismo seria a ausência de noticiário, que, no entanto, cuja hipótese não seria possível de aplicação em sua totalidade em sociedades democráticas. De toda sorte, seria preciso desconectar os canais de iniciativa ao terror. “A terapia seria o silenciamento sistemático. Ela mostraria ao remetente da bomba que sua notícia assustadora não pode mais ser enviada, pois os canais foram desativados. Seria uma espécie de jejum sagrado para a sociedade intoxicada pelos meios de comunicação”⁵⁰⁶. Logicamente, seria impossível imprimir um tratamento radical ao mercado da notícia. Por isso, recomenda Sloterdijk uma dieta redutora para lidar com esse problema que se tornou verdadeira histeria coletiva, um problema que envolve a psicologia

⁵⁰⁴ O tema do ressentimento é extremamente amplo. O ressentimento advindo das massas humildes é, atualmente, um desdobramento do tema que merece reflexão, pois abrange um aspecto importante que envolve emoção-excitação-afeto, compreendendo-se o sentimento de um grupo que encontre identificação com os sentimentos de humilhação e injustiça contra si, tanto praticada por parte de um Estado, quanto por indivíduos. Logicamente, o ressentimento é produzido quando as condições sociais se equalizam ao menos no aspecto formal nas sociedades ditas democráticas. É preciso pensar sobre esse ressentimento que é produzido em razão de culturas distintas e também sobre o ressentimento daquelas que acreditam estar em uma condição elevada em relação aos demais. KONSTAN, David. Ressentimento – História de uma emoção. In: BRESCIANI, Stella e NAXARA, Márcia (org.). *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. São Paulo: UNICAMP, 2001; SAFATLE, Vladimir. *O Circuito dos Afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo*. São Paulo: Cosac Naify, 2015. Desde Nietzsche, o ressentimento se tornou um tema fundamental para a crítica. O próprio filósofo já falava com certo desprezo às massas, composta por fracos, covardes e inferiores, pela soma de forças, que se privilegiaram de uma elevação que, para ele, era indevida; enquanto que aristocratas abandonavam seus postos privilegiados de dominação. A opinião de massa é, nesse aspecto, violentamente atacada. Não à toa que nesse período de transição entre o século XIX e XX, para Ortega Y Gasset, que também se orgulhava de escrever sobre a posição aristocrática, a massa é considerada um dos principais acontecimentos a ser levado em conta (ORTEGA Y GASSET, José. *A Rebelião das Massas*. Tradução de Herrera Filho. Rio de Janeiro: Ibero-Americano, 1959. p. 21). De toda sorte, o ressentimento envolve afetos, tais como a inveja, o ciúme, o rancor, o desejo de vingança fundados em uma experiência de humilhação e de medo, que se tornam motores do ressentimento. Ações que decorrem desses afetos procuram desfazer o sentimento de impotência. Não raro a procura de um inimigo satisfaz a necessidade de unificação de sentimentos complexos e de difícil definição, tornando-se essa uma ação redutora de complexidade da experiência em sociedade. ANSART, Pierre. História e memória dos ressentimentos. In: BRESCIANI, Stella & NAXARA, Márcia (org.). *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. São Paulo: UNICAMP, 2004. p. 15-34. Também: ANSART-DOURLIN, Michèle. O Ressentimento: as modalidades de seu deslocamento nas práticas revolucionárias. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (org.). *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. São Paulo: UNICAMP, 2004. pp. 351-369. GAUER, Ruth M. Chittó. A Civilização do Medo Produz a Civilização da Ira. In: *Sentimentos na História: imagens, práticas, emoções*. (Org.) Marion Brepohl; André Mendes Capraro; Renata Senna Garraffoni. Curitiba: Ed. Curitiba. 2012. pp. 93-111. OS primeiros passos nessa temática do ressentimento foram dados em: LEAL, David. “A Sedução da Letra: antropotécnica e política criminal pós-humanista (um ensaio psicopolítico para além do ressentimento)”. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Ciências Criminais, Porto Alegre, 2014.

⁵⁰⁵ HUNTINGTON, Samuel P. *O Choque de Civilizações: e a recomposição da ordem mundial*. Tradução de M. H. Côrtes. Rio de Janeiro: Objetiva, 1996. p. 69.

⁵⁰⁶ SLOTERDIJK, Peter. *Se a Europa Despertar: reflexões sobre o programa de uma potência mundial ao final da era de sua letargia política*. Tradução de José Oscar de Almeida Marques. São Paulo: Estação Liberdade, 2002. p. 90.

das massas. Essa recomendação chega a estar um tanto fora de lugar (para não dizer ingênua), mas as implicações envolvendo o terrorismo são realmente bem percebidas pelo filósofo quando ele diz que: “só quem vende tecnologia de segurança pode tirar conclusões a partir dos activismos pós-históricos – os outros observadores ficam entregues às marés da emotividade mediática, incluindo o frenesim das polícias internacionalizadas que utilizam a elevação do *stress* público para legitimar sua expansão”⁵⁰⁷. A expansão policial referida pelo autor hoje ganha uma expressão radical com a vigilância em massa das comunicações. No entanto, criar a representação segundo a qual o terrorismo seria um perigo mortal para o mundo como um todo não passa de uma figura retórica que políticos e traficantes da emoção utilizam de forma desinibida. Há tempos que a absorção psíquica do terror foi transferida à sociedade, assim como a irritação terrorista chega aos seus reais destinatários tendo os diversos meios de comunicação como instrumento, jamais por ordens de mobilização oriundas do Estado. O próprio Estado tornou-se um consumidor de terror, porque produtor desse mesmo terror e mesmo que lidere a campanha contra o terrorismo (*war on terror*) não deixa de ser menos vulnerável e passivo que toda a sociedade⁵⁰⁸. O clima de angústia alimentado no espaço midiático assegura que os consumidores de segurança se curvem a uma comédia do inelutável. Isso leva a uma situação em que após o 11 de setembro eles têm de se sacrificar diante de certas exigências de redução de risco⁵⁰⁹.

No entanto, uma explicação sobre o terrorismo como estratégia de ataque às vulnerabilidades espaciais e corporais ainda não parece estar revelada. Não é nos dias atuais que a união entre técnica e terror deve ser apresentada, mas justamente desde o início do séc. XX com aquilo que Sloterdijk chamou de *atmterrorismo*. As implicações desse tema adquirem importância incontestável para o campo penal, especialmente para o campo da antropotécnica criminal no seu sentido mais negativo, que diz respeito à seleção de seres humanos realizada a partir da provocação da morte pelo uso da própria respiração, em última análise, pela criação

⁵⁰⁷ “Os clientes, na grande casa de vidro, vivem séries de incidentes sem objetivos específicos e grandes gestos sem fundamento”. SLOTERDIJK, Peter. *Palácio de Cristal: para uma teoria filosófica da globalização*. Tradução de Manuel Resende. Lisboa: Relógio D’Água, 2008. p. 199.

⁵⁰⁸ “Não pode pois ser directamente atacado nem reagir directamente. O discurso sobre a ‘guerra contra o terror’ mais não é do que uma diversão que permite não compreender que a agressão vive unicamente do processo mediático secundário. Aquilo a que se chama terrorismo insere-se na alteração estrutural da opinião pública na era da mediatização total. Quem quisesse realmente combater o terrorismo teria de cortar as suas raízes, que mergulham no fascínio que os comediantes do terror e o seu público sentem relativamente à morte – e isso iria chocar com as leis do divertimento da globalização”. SLOTERDIJK, Peter. *Palácio de Cristal: para uma teoria filosófica da globalização*. Tradução de Manuel Resende. Lisboa: Relógio D’Água, 2008. p. 200.

⁵⁰⁹ SLOTERDIJK, Peter. *Palácio de Cristal: para uma teoria filosófica da globalização*. Tradução de Manuel Resende. Lisboa: Relógio D’Água, 2008. p. 201.

de um espaço de destruição. Trata-se aqui de uma estratégia biopolítica de destruição da autoimunidade do indivíduo, conforme se verá no próximo tópico.

O tema do terrorismo encontra uma importante elucidação biopolítica quando correlacionado com o tema da *técnica*, esta que “*integra tudo*”⁵¹⁰, pois produtora de tecnologias de dominação⁵¹¹. Não se quer dizer que a técnica seja somente aquilo que remete ao real e ao material: ela é também ficção, pois parte de um discurso ficcional, afinal de contas, a ficção – o ideal de progresso, por exemplo - é o motor da técnica. Embora os efeitos da técnica sejam sentidos em nossa vida cotidiana, o que há de mais sério para pensar, dirá Sfez, ocorre no regime da ficção. Ficção não se confunde com ilusão. Até porque a ficção não está fora da realidade. A metáfora também é o que há de mais sério para pensar. Por isso, temos de encarar a técnica como um discurso ficcional e metafórico. Alerta-se que não se pretende sustentar que a técnica seja determinista no sentido em que, por exemplo, os campos de concentração seriam responsabilidade da IBM, ou que, atualmente, a *internet* mudará por completo o mundo. Não se trata de cair nos discursos deterministas, como bem destacou Sfez⁵¹², mas de compreender o lugar e a relevância da técnica para a produção antropotécnica contemporânea.

Nesse contexto, a prática do terrorismo passará a ser aprofundada em outro contexto por Sloterdijk como uma estratégia espacial e atmosférica. O período que se destaca como sendo o marco dessa época inicia-se em 1915, no dia 22 de abril, no arco Norte de Ipres, na Bélgica⁵¹³. Nesse dia, usou-se gás clórico como uma arma de combate. O exército alemão utilizou esse novo instrumental contra os soldados franco-canadenses⁵¹⁴. A investida militar teve um êxito

⁵¹⁰ ELLUL, Jacques. *La Edad de la Técnica*. Tradução de Joaquim Sirera Riu y Juan León. Barcelona: Octaedro, 2003. pp. 7-10.

⁵¹¹ ROMANDINI, Fabián Ludueña. *La Comunidad de los Espectros*. Buenos Aires: Miño y Dávila, 2010. p. 11.

⁵¹² SFEZ, Lucien. *Técnica e Ideologia: um jogo de poder*. Tradução de Marcos Mayer e Silvia kot. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2002. pp. 13-16.

⁵¹³ Horrorizados com as consequências da guerra química, diversos países assinaram o Protocolo de Genebra, que proibia o uso de armas químicas e bacteriológicas. Ver em: “<https://super.abril.com.br/blog/superlistas/5-episodios-com-armas-quimicas-que-entraram-para-a-historia/>”. Acesso em: 27/07/2018.

⁵¹⁴ Nas semanas que precederam ao ataque, os soldados alemães espalharam milhares de garrafas de gás. Um total de cento e cinquenta toneladas de cloro foi liberado e transformou-se em uma nuvem de gás de, aproximadamente, seis quilômetros de largura e seiscentos a novecentos metros de profundidade. O vento favorável impulsionou a nuvem numa velocidade de dois a três metros de gás por segundo contra os adversários franceses. A exposição contínua a essa atmosfera causou danos terríveis e irreparáveis nas vias respiratórias dos soldados inimigos. Pelas 18h20min, o general francês Jean-Jules Henry Mordacq, que estava a cinco quilômetros do fronte de batalha, recebeu uma chamada telefônica do campo de batalha na qual um oficial lhe comunicou sobre o estranho surgimento de uma grande fumaça advinda das trincheiras alemãs. Tendo em vista o alarme, Mordacq e seus ajudantes dirigiram-se a cavalo até o fronte de batalha. Quando os cavalos se negaram a prosseguir, a equipe teve de ir a pé à zona de gás. Mordacq e seus soldados passaram a sofrer dificuldades respiratórias e então se depararam com grupos de soldados em pânico, correndo, com uniformes abertos, cuspidos sangue e pedindo água. Às dezenove horas, alargou-se uma fenda de seis quilômetros de largura no fronte franco-canadense. No mesmo

inegável. Essa que se denominou a época dos extremos chama à atenção por esse modelo técnico que introduz o meio ambiente nas lutas entre grupos e coloca a técnica à frente das questões não apenas envolvendo guerras e definições sobre amigo e inimigo, mas, de forma mais ampla, elucida a questão biopolítica da antropotécnica em seu caráter mais negativo.

Já é possível apontar, nessa situação, um primeiro aspecto inovador, que se refere ao seguinte: com a existência de artilharias, todo o objetivo consistiu em derrubar o alvo, que não era outro senão o próprio corpo do inimigo, atingindo-o com ataques certos; porém, a partir da técnica atmosférica de combate a distância, não se trata de mirar mais para o corpo do inimigo, senão para o próprio meio ambiente. Se em uma etapa dos combates a heroicidade foi um valor estratégico cultivado militarmente, relacionada a um valor pessoal de influência, prática de um ofício viril, tendo como técnica de armamento o fuzil com baioneta, a etapa posterior, com os novos modos de atuação, concebeu um agir com base no meio ambiente, com base no espaço. Ou seja, o terror em sentido explícito e contemporâneo foi inventado pelo uso da técnica. Outro aspecto é que, desde então, projetou-se um modo de intervenção sem projetar vulnerabilidades, estendendo a força militar para além das fronteiras⁵¹⁵ e removendo o corpo vulnerável daquele que ataca. De outro lado, o foco da atenção se orientava para a supressão das condições vitais do inimigo por meio de um ataque ao meio ambiente, que perfila o conceito de terror, um saber exterminador, sendo o terrorista aquele que conhece a vítima melhor do que ela mesma⁵¹⁶. Trata-se agora de privar o inimigo de suas mínimas condições vitais. Dessas considerações segue a guerra química que representou uma técnica ofensiva dirigida às funções vitais do ser existente: respiração, funções do sistema nervoso central e as condições vitais relacionadas à radiação e à temperatura. Vai-se da guerra clássica ao terrorismo pelo uso da técnica. O terror deixa de ser um ataque ingênuo, substituindo as formas clássicas de luta. Uma transformação tão sensível pode ser observada na situação de adversários com extrema desigualdade, consubstanciada na atual conjuntura bélica de guerras não estatais ou atritos entre exércitos estatais e combatentes que não pertencem a qualquer Estado politicamente organizado e reconhecido. Quanto aos alemães e aos franceses, é singular nesse marco histórico que ambos os lados do fronte integraram formas de terror meioambiental com ações normais de guerra. E isso sem observar a Convenção de Haya, que, reagindo às perdas humanas promovidas pela

instante, as tropas alemãs avançaram e coroaram Langemarck. SLOTERDIJK, Peter. *Temblores de Aire*. Tradução de Germán Cano. Valência: Pre-Textos, 2003. p. 40-3.

⁵¹⁵ CHAMAYOU, Grégoire. *Teoria do Drone*. Tradução de Célia Euvaldo, São Paulo: Cosac Naify, 2015. p. 20.

⁵¹⁶ SLOTERDIJK, Peter. *Temblores de Aire*. Tradução de Germán Cano. Valência: Pre-Textos, 2003. p. 46.

técnica⁵¹⁷, proíbe a utilização de todo tipo de armas tóxicas daninhas contra o inimigo ou populações civis. A descoberta do ambiente teve lugar nas trincheiras da Primeira Guerra Mundial como uma solução técnica, nuvens tóxicas que não eram gases em sentido estrito, mas finíssimas partículas pulverizadas, inventando-se uma artilharia que não apontava para os inimigos e suas posições apenas, senão para o ambiente respirável. Nesse momento histórico, rapidamente passou-se a investigar maneiras de se evitar o efeito de dispersão das nuvens tóxicas e a maneira de estabilizar as partículas de poeira tóxica no campo de batalha. O rápido desenvolvimento das máscaras de gás demonstrou que a respiração humana passou a desempenhar uma função importante nos fatos e nos fatores da guerra, algo que permitiu expandir os modos de ataque que passaram a empregar substâncias tóxicas bélicas capazes de penetrar nas máscaras protetoras do inimigo⁵¹⁸. Em um sentido correlato, aqui vale a fala de Kerchkhove: “o mito da poluição é a metáfora da descoberta pelo Ocidente que o espaço está vivo e por isso poder ser morto”⁵¹⁹.

Desta forma, o entorno circundante demonstraria estar intimamente vinculado ao novo conceito de terror em um aproveitamento astuto dos hábitos de vida das vítimas. Na utilização de gases tóxicos, leva-se em consideração a condição biológica dos seres humanos a fim de melhor atacá-los. O hábito de respirar se volta contra quem respira. Eis o controle pelo hábito no sentido fatal que Benjamin já alertara com o uso de novas técnicas⁵²⁰. Nisso, a vítima torna-se cúmplice de seu desfalecimento. Eis o desespero da vítima que não sabe o que faz, mas que acaba contribuindo com a sua própria decadência e investindo contra si mesma. O veneno tóxico é uma arma que, como bem observou Chamayou: “mata o inimigo à sua revelia, (...) priva-o de sua ‘liberdade de defesa’”⁵²¹. Por isso que é decisivo o uso que o terrorismo faz da técnica moderna, pois ele se insere em dimensões que poderiam parecer, em um primeiro

⁵¹⁷ <https://idi.mne.pt/pt/relacoesdiplomaticas/2-uncategorised/821-conferencia-da-paz-1899-e-1907.html>. Acesso em 19 de fevereiro de 2017.

⁵¹⁸ Trata-se da substância chamada Cruz azul ou Clark I que, a partir de 1917, criada pelos químicos oficiais alemães, na forma de partículas finas, era capaz de penetrar os filtros protetores do ar. Nesse mesmo tempo, os alemães utilizaram contra as tropas britânicas um gás de luta novo, o gás mostarda, que em poucas quantidades em contato com a pele e com as vias respiratórias era capaz de provocar cegueira e disfunções nervosas. Uma das vítimas mais famosas desse tipo de ataque foi Adolf Hitler, quando a investida foi realizada pelos britânicos na primeira guerra mundial, que muitos anos depois relatava seu temor de perder a visão novamente. Sem dúvida a experiência traumática lhe deixou uma marca que o acompanhou até o último momento da sua vida. As consequências hermenêuticas dessa experiência se fizeram presentes no horror da segunda guerra, influenciando de forma idiossincrática no conceito de guerra como prática genocida. SLOTERDIJK, Peter. *Temblores de Aire*. Tradução de Germán Cano. Valência: Pre-Textos, 2003. p. 47-52.

⁵¹⁹ KERCHKHOVE, Derrick. *A Pele da Cultura*: uma investigação sobre a nova realidade eletrônica. Tradução de Luís Soares e Catarina Carvalho. Lisboa: Relógia D'Água, 1997. p. 225.

⁵²⁰ BENJAMIN, Walter. *A Obra de Arte na Época de sua Reprodutibilidade Técnica*. Tradução de Francisco de Ambrosio Pinheiro Machado. Porto Alegre: Zouk, 2012. p. 115.

⁵²¹ CHAMAYOU, Grégoire. *Teoria do Drone*. Tradução de Célia Euvaldo, São Paulo: Cosac Naify, 2015. p. 177.

momento, livres de considerações subjetivas e que estariam em uma posição de importância secundária. Mas é o contrário: conteúdos latentes, qualidade física do ar, aditivos artificiais na atmosfera, fatores climáticos, etc., passaram a ser objetos de análise centrais e urgentes⁵²², porque integram em verdade aspectos essenciais de formas de vida. A partir de então, o terrorismo acaba com a diferença entre violência contra a pessoa e violência contra as coisas. Dado que é a partir das investidas terroristas que preocupações como essas passam a existir, as privações do ar e da atmosfera se tornam uma preocupação médica, legal, política, estética e teórico-cultural. Logo, a aerologia e a técnica do clima se tornaram formas de saber pós-terroristas. Nas próprias campanhas antiterror – *war on terror* – que foram exaustivamente televisionadas não se permitiu perceber que o terrorismo não diz respeito a um inimigo, mas a um *modus operandi*. Significa que o terrorismo é um método eficiente de combate que se espalha por todos os lados dos conflitos. Significa também que o terrorismo é uma técnica de investida, capaz de esvaziar de sentido a expressão “guerra ao terror”. Por ser assim concebido, um ato terrorista nunca é isolado, de modo que compreende sempre uma contraofensiva e um emaranhado de gestos e ações, de tal forma que cada ataque é descrito como uma ação que pressupõe uma iniciativa do adversário. Em uma frase: o terrorismo é sempre visto como antiterrorista e corresponde à ampliação de zonas de guerra. Com tal ampliação o inimigo se torna objeto inserido no meio ambiente, em sua possível condição de objeto eliminável. Destaca-se com isso que o terrorismo passa a ser compreendido a partir de sua particularidade de esquadrihar o meio ambiente concebido sob sua vulnerabilidade. Um saber específico sobre o meio ambiente e a relação que os viventes têm com o mundo circundante. O avanço astuto na luta terrorista diz respeito à aquisição de vantagens, especialmente técnicas e tecnológicas, sobre os aspectos mais débeis do meio ambiente, em especial dos requisitos vitais aí implícitos, em que o inimigo está envolvido⁵²³.

Define-se, com isso, o terrorismo se define como uma tecnologia política, que marcou o séc. XX e se radicalizará no séc. XXI. O futuro estará definido pelo embate climático de política ambiental: do bioterrorismo ao atmoterrorismo⁵²⁴. Tudo isso se torna banal, tal como o hábito da respiração. Servem à mesma lógica as ações de devastação do planeta com a criação de ambientes artificiais, dos shoppings às cidades-estufas, dos condomínios aos ambientes virtuais, até às estratégias de exclusão ambiental que reafirmam as exclusões sociais, porém de

⁵²² SLOTERDIJK, Peter. *Temblores de Aire*. Tradução de Germán Cano. Valência: Pre-Textos, 2003. p. 54-55

⁵²³ SLOTERDIJK, Peter. *Temblores de Aire*. Tradução de Germán Cano. Valência: Pre-Textos, 2003. p. 56-68.

⁵²⁴ PETRONIO, Rodrigo. *Terrorismo e Ecologia*. Disponível em: “<http://filosofiacienciaevida.com.br/terrorismo-e-ecologia/>”. Acesso em: 31/10/2018.

maneira que a técnica irá definir esses novos meios. Os principais aspectos dessa dominação da natureza se redefinem porque se referem a problemas ontológicos, em pluralidades infinitas de mundos⁵²⁵. Dos procedimentos atmoterroristas da guerra de gás (1915-8) ao extermínio genocida (1941-45), anunciou-se, para Sloterdijk, uma climatologia especial e, com ela, a manipulação do ar se converteu, desde então, em assunto de Estado. O mesmo ocorreu com o lançamento das bombas atômicas sobre Hiroshima e Nagasaki. A radiação demonstrou que pode haver algo no ar que não se pode notar, revelando que é preciso contar com o imperceptível como se fosse uma nova lei. Os sistemas paranoides se tornaram educação geracional e a pedagogia de Schreber-pai se tornou universal: *only the paranoid survive*⁵²⁶. Com o interesse de legitimar, democraticamente, o *atmoterrorismo*, em sua forma mais avançada, é preciso pressupor a imagem de um inimigo contra o qual seja plausível utilizar meios apropriados e eficientes para o seu enfrentamento. Aqui se vê a produção do terrorista/criminoso como uma estratégia performativa. No *american way of war*, o inimigo provoca seu castigo, dado que somente criminosos em sua essência poderiam apresentar grosserias armadas contra os EUA diante de todo o seu poderio bélico. Isso vale desde a Guerra Fria quando Moscou era qualificada como base mundial do terrorismo. Por isso, a declaração de guerra substitui uma ordem de captura, ou bem uma ordem executora, contra o inimigo: quem possui a soberania interpretativa de declarar como terroristas aqueles que lutam em nome de uma causa estranha não precisa do pretexto da guerra⁵²⁷ para operar técnicas atmoterroristas, basta deslocar a percepção do terror do plano dos meios ao ânimo do grupo adversário e, portanto, retira-o da

⁵²⁵ UEXKÜLL, Jakob Von. *Dos Animais e dos Homens*: digressões pelos seus próprios mundos – doutrina do significado. Tradução de Alberto Candeias e Anibal Garcia Pereira. Lisboa: livros do Brasil, (s.d.)

⁵²⁶ Todo futuro consistiria em desconfiar da própria percepção. Neste contexto, a partir dos anos 90, promoveu-se um salto atmoterrorista. Em um escritório do *Department of Defense*, no dia 17 de junho de 1996, sete oficiais de um departamento de investigação científica do Pentágono, como que impelidos por um impulso transumanista, explicaram que o modo de fazer guerra no futuro consistiria no domínio da ionosfera. A ideia era a de que, no ano de 2025, os Estados Unidos poderão se reafirmar enquanto potência armamentícia absolutamente dominante no ar e no espaço. Em trinta anos de desenvolvimento dessa técnica bélica, dominar-se-á a ionosfera como um dos componentes, invisíveis para o olho humano, das cobertas terrestres físicas exteriores, especialmente pela supressão e produção artificial de condições tormentosas. Segundo antecipações atuais, a arma abarca, entre outras coisas: a conservação ou ofuscamento da visão no espaço aéreo, supressão de chuvas sobre territórios, produção de seca, interceptações ou impedimento de comunicação inimiga e obstaculização de atividades meteorológicas semelhantes. Esse tipo de investida terrorista e ao mesmo tempo antiterrorista permite contrariar até mesmo a opinião pública. Sob nenhuma outra circunstância poder-se-ia justificar a inversão de meios públicos na construção de uma arma tecnologicamente assimétrica, em termos de potência, de evidente qualidade terrorista. SLOTERDIJK, Peter. *Esfemas III*: Espumas. Tradução de Isidoro Reguera. Madri: Siruela, 2004. pp. 152-62.

⁵²⁷ A propósito, a própria noção de guerra entra em crise. Na ideia de Chamayou, com a utilização dos drones como técnicas de matar, como arma do covarde aos critérios clássicos, elimina-se a reciprocidade do *ethos* da bravura militar e do espírito de sacrifício. Tem-se uma guerra assimétrica que se aplica para além dos limites da guerra. Conforme o autor: “a racionalidade política subjacente a esse tipo de prática é a *defesa social*, com seu instrumento clássico, a medida de segurança, que não é ‘destinado a punir, mas somente a preservar a sociedade contra o risco que ela corre com a presença de seres perigosos em seu seio’”. CHAMAYOU, Grégoire. *Teoria do Drone*. Tradução de Célia Euvaldo, São Paulo: Cosac Naify, 2015. p. 45.

cena. A justiça antecipada, novo modo de violência estética, de fato, para além de pessoas e coisas, acaba por se estender à cultura. Os desenhistas da atmosfera se tornaram tutores do clima, manifestação antropogênica com a construção de estufas, que estão no cerne da cultura do luxo e da frivolidade com atividades culturais e técnicas (energia elétrica, complexos industriais, calefações privadas, carros, aviações, etc.)⁵²⁸.

Essas estratégias biopolíticas do terror se expandiram rapidamente para o campo penal, fazendo aparecer um novo sentido à antropotécnica criminal desde a técnica atmterrorista e o saber pós-terror. Aqui, mais uma vez, veremos que Sloterdijk conduziu sua crítica à esfera criminológica: em menos de dez anos do combate franco-alemão, em oito de fevereiro de 1924, uma sociedade democrática inseriu no seu sistema penal a técnica atmterrorista de eliminação de seres humanos com a destruição do meio ambiente.

O Estado de Nevada, nos Estados Unidos, criou uma câmara civil com a finalidade de execução eficiente de condenados, a partir da apresentação de um modelo ideal para os outros onze Estados do país, destacando-se a Califórnia que dispôs de uma câmara de gás na famosa prisão de *San Quentin*. Já no ano de 1921, no mês de março, o parlamento havia autorizado a utilização dos novos métodos, tendo o primeiro executado um jovem chinês, Geen Jon, com vinte e um anos de idade, à época, cuja condenação se deu pela prática do homicídio de outro chinês, Tom Quong Kee. A morte na câmara de gás ocorria com a inalação de vapores de ácido cianídrico, que coibia o fluxo de oxigênio no sangue, levando o condenado à asfixia. Não surpreende que o inventor da câmara de gás da prisão de Nevada, em Carson City, tenha sido comandante do corpo médico das forças armadas dos Estados Unidos, quando prestou serviços na guerra, o major Delos A. Turner. Sua missão consistiu em utilizar suas experiências militares com o uso de ácido cianídrico para a realização da execução civil. A câmara de Carson City foi utilizada entre 1924 e 1979 em trinta e duas ocasiões. Neste contexto, com a utilização das câmaras de gás o desenho das nuvens foi deixado de lado e a justiça de Nevada, com a morte por gás letal, associou alta eficiência e sentimento de humanidade, alegando-se, inclusive, tal sentimento ao operar a redução do sofrimento do criminoso em sua morte imediata. Turner também sugeria a câmara de gás, porque na sua visão era menos violenta, como uma alternativa necessária à cadeira elétrica. Daqui também se pode extrair a composição de um humanismo pragmático que soube unir eficiência e método indolor, tomando forma uma lei da modernidade

⁵²⁸ SLOTERDIJK, Peter. *Esferas III: Espumas*. Tradução de Isidoro Reguera. Madri: Siruela, 2004. pp. 119-30.

segundo a qual os espaços públicos passam a ser preservados de atos de autêntica crueldade⁵²⁹, processo que Foucault descreveu no seu célebre *Vigiar e Punir*.

Na esteira da ocultação da crueldade pela provocação da morte humanista indolor, o Estado de Oklahoma retoma a proposta de executar seus condenados por meio de câmaras de gás devido à falta de medicamentos para a injeção letal. É preciso lembrar, antes de mais, que os Estados Unidos dispõem - ao lado da Arábia Saudita, China, Irã e Iêmen – de métodos de execução bastante peculiares. A Arábia Saudita adota a decapitação. A China fuzila seus condenados. O Irã chega a utilizar o enforcamento. O Iêmen também emprega o fuzilamento. E os Estados Unidos propõem o retorno do método do gás venenoso. A sua Suprema Corte mantém em suspenso as execuções por injeção letal em função da discussão sobre um dos três componentes no coquetel de drogas cujo uso poderia estar violando a Constituição. Isso levou os legisladores a discutirem recentemente a respeito do nitrogênio para execução de criminosos. Consistiria em uma morte por hipóxia que, com o uso do gás venenoso, eliminaria o oxigênio do sangue do condenado. Tal método, para aqueles que o defendem, provocaria uma morte sem dor análoga à morte de um avião quando a cabine do avião se despressuriza. O deputado estadual, Mike Christian, chegou a declarar que: “não seria necessário nenhum médico para isso. (...) É muito prático e eficiente”⁵³⁰.

Por mais de meio século os norte-americanos procuraram criar meios de provocar mortes de forma humanizada em nome do Estado. A forca e o pelotão de fuzilamento; a eletrocussão (a primeira cadeira elétrica é do ano de 1890); e a execução por gás (1920). A injeção letal faz parte de um processo de evolução humanista patrocinada pelo Estado. Um legista, chamado Jay Chapman, afirmou que se matam animais com mais humanidade do que seres humanos. Seu método foi utilizado em 1982 pela primeira vez, no Texas. O obstáculo para sua aplicação, contudo, consiste na resistência dos laboratórios em vender anestésicos sedativos para o uso nas prisões. Tem-se o Midazolam como medicamento em questão. Em abril de 2014, um preso condenado à morte, Clayton Lockett, levou em torno de 40 minutos para morrer e, em meio a convulsões e espasmos, ele declarou agonizando que: “alguma coisa não estava funcionando”. Tal execução foi declarada desumana pela Casa Branca. Tendo tudo isso em vista, com a possibilidade de a Suprema Corte considerar inconstitucional o uso do Midazolam, em

⁵²⁹ SLOTERDIJK, Peter. *Temblores de Aire*. Tradução de Germán Cano. Valência: Pre-Textos, 2003. pp. 59-68-73.

⁵³⁰ Disponível em: “http://brasil.elpais.com/brasil/2015/02/16/internacional/1424044115_325824.html”. Acesso em 14/02/17.

Oklahoma já se pensa no uso da câmara de gás como método substituto de execução eficiente. E isso não se restringe a esse Estado, pois os Estados do Arizona, da Califórnia, de Missouri e de Wyoming também permitem a execução pelo uso da câmara de gás, ainda que a injeção letal seja a primeira opção adotada. A última morte por gás venenoso ocorreu no Arizona, em 1999, e Walter LaGrand foi o executado. O nitrogênio ainda não foi utilizado para executar criminosos. Seu uso seria um novo experimento com seres humanos⁵³¹. Além do mais, não é um dado isolado que, segundo Richard Dieter, que atuou no Centro de Informação sobre a Pena de Morte, de 1992 a 2015, um a cada dez condenados à morte foi veterano de guerra⁵³².

Sem dúvida que, na hipótese de ser o terrorismo uma técnica de vulneração que elimina as finas membranas de proteção imunológicas, também são terroristas os tratamentos estatais que vulneram um indivíduo retirando-lhe a qualidade de detentor de direitos fundamentais⁵³³. São também terrorismo intelectual as formulações teóricas que justificam a eliminação de direitos e garantias fundamentais daquele que é nomeado terrorista ou tratado como agente do terror.

3.10 Criminologia filosófica em tempos de terror: crítica antropolítica do terror e a relação saber-poder frente ao cinismo biopolítico

O evento “11 de setembro”, data que representa um trauma sofrido em decorrência dos ataques às torres gêmeas de Nova Iorque, demonstra que um acontecimento não adquire ressonância de forma natural ou espontaneamente. Tudo depende de um maquinário complexo – histórico, político, midiático, etc., que nos permite perceber, como dissera Derrida, que não se contam os mortos da mesma forma em todos os lugares. Existe aqui uma resposta ou uma reação psicológica, política, policial e militar, que revela que outras matanças comparáveis quantitativamente - ou até superando a quantidade de mortos - não produzem os mesmos efeitos, se fossem praticadas, por exemplo, na Europa ou nos Estados Unidos, em seus meios de comunicação, em suas mídias, em seus rádios e em suas televisões, ou nisso que se

⁵³¹ http://brasil.elpais.com/brasil/2015/02/16/internacional/1424044115_325824.html. Acesso em: 14/02/17.

⁵³² A Suprema Corte dos Estados Unidos reinstalou a pena de morte no sistema de justiça criminal desde 1976. Os veteranos de guerra sofrem do chamado transtorno pós-traumático (TEPT), de modo que mais de oitocentos mil veteranos da guerra do Vietnã passaram por essa situação. Quase setenta e cinco mil combatentes da operação Tempestade do Deserto sofreram da doença da Guerra do Golfo, bem como câncer no cérebro e diversos transtornos mentais. Não diferente é a situação dos Ver em: http://brasil.elpais.com/brasil/2015/11/10/internacional/1447183370_615132.html. Acesso em 14/02/17.

⁵³³ ZAFFARONI, Eugênio Raul. *O Inimigo do Direito Penal*. Rio de Janeiro: Revan, 2007.

convencionou chamar de opinião pública. Diferente seria se catástrofes acontecessem na Camboja, em Ruanda, na Palestina, no Iraque e até no Brasil (é só analisar a quantidade de mortos contabilizados na trágica guerra contra o tráfico de drogas⁵³⁴). Também não se pode dizer que toda a repercussão do 11 de setembro foi uma novidade em decorrência do meio empregado com o ataque de aviões, pois basta lembrar os bombardeios de Hiroshima y Nagasaki⁵³⁵.

Derrida interpretou o 11 de Setembro como algo produtor de um efeito distante advindo da Guerra Fria. Para ele, existe uma continuidade histórica no que toca às suas consequências, especialmente referindo-se à época em que os Estados Unidos abasteciam com armas e disponibilizaram seu modo de formação militar aos inimigos da antiga União Soviética. Esses inimigos domesticados há bastante tempo pelos norteamericanos, recentemente, tornaram-se os seus próprios inimigos. Esse é o mais claro exemplo de que o terrorismo é produto. Desde o fim da guerra fria a chamada nova ordem mundial⁵³⁶, ancorada em sua precária estabilidade,

⁵³⁴ CARVALHO, Salo. *A Política Criminal de Drogas no Brasil: estudo criminológico e dogmático da Lei 11.343/06*. São Paulo: Saraiva, 2016.

⁵³⁵ DERRIDA, Jacques. *Filosofia em Tempos de Terror*. Diálogos com Jürgen Habermas e Jacques Derrida. BARRADORI, Giovanna (org.). Tradução de Juan José Botero e Luis Eduardo Hoyos. Madri, 2003. p. 139.

⁵³⁶ Importante esclarecer que, com o fim da guerra fria, a nova orientação da ordem internacional, a globalização, a ampliação de diversos meios de integração transnacional, o entendimento sobre segurança e defesa internacional, nacional e regional, ganha novos sentidos. As forças armadas, nesta seara, têm um importante papel estratégico. Na América Latina, esse papel foi definido por força da hegemonia ocidental associada com o bloco militar da OTAN. No período da guerra fria, os países latino-americanos deveriam lutar contra o inimigo comunista no interior de seus territórios, enquanto que, de outro lado, os norte-americanos protegiam todo o hemisfério ocidental contra a ameaça externa oriunda do bloco soviético. Nessa linha, os militares brasileiros desenvolveram certa doutrina anti-comunista (Doutrina de Segurança Nacional) que representou verdadeira fonte ideológica dos regimes militares que, desde 1960, perduraram por três décadas. A nova ordem mundial substituiu a ameaça comunista por novas ameaças: terrorismo, tráfico de drogas, problemas ambientais, armas de destruição em massa, etc. Os países latino-americanos tiveram de redefinir seus papéis. Assim, a guerra deslocou seu foco para o narcotraficante, o crime organizado e, de certa forma, a violência urbana. No âmbito externo, as forças armadas deveriam se unir às forças de paz das Nações Unidas no momento em que fossem solicitadas. A atuação externa não gerou preocupação para os países latino-americanos, tanto durante quanto depois da guerra fria. Assim, é no espaço interno que se atuou mais intensamente no papel de polícia desempenhado pelos militares. No atual regime democrático, a redefinição da política de defesa e de segurança está condicionada aos parâmetros estabelecidos pelos EUA e pela OTAN. As estratégias da OTAN foram reconfiguradas a partir da mudança da nova ordem mundial, bem como a reordenação das políticas de defesa dos EUA e seus aliados no Ocidente. No período anterior a 1990, a estratégia era baseada na preparação contra os ataques surpresa por parte da União Soviética e de seus aliados do Pacto de Varsóvia. A postura era de pronta defesa. Havia o receio de que um ataque pudesse provocar um contra-ataque nuclear. A nova orientação da OTAN a fim de adaptar ao novo ambiente ocorreu na Cúpula de Londres, no ano de 1990, momento em que os chefes de Estados chegaram ao consenso de que deveriam adotar nova estratégia. Então, deveria ser adotada uma estratégia de cooperação militar e forças armadas com contingentes menores, mais flexíveis e com capacidade de maior mobilidade, com estrutura multinacional, necessitando com isso maior disponibilidade tecnológica. As armas nucleares perdem a importância em razão da tendência dos conflitos serem regionais. Como consequência, os contingentes militares são reduzidos. Ataques em larga escala deixam de ser a preocupação maior, mas a estabilidade do novo mundo complexo. Nesse sentido, os países latino-americanos deveriam adotar a estratégia de redução do contingente militar, conferindo espaço a forças menores, especializadas e tecnologicamente equipadas SANTOS, Maria Helena. *A nova missão das Forças Armadas Latino-Americanas no mundo pós-Guerra Fria: o caso do Brasil*. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 19, n. 54, fev. 2004.

deitaria de um lado ao outro de certa solidez, assim como do crédito que se atribui ao poderio norteamericano.

Isso significa que desestabilizar essa superpotência que cumpre o papel de guardião da ordem do mundo, que tem a função de defesa/ataque, implica em desestabilizar o globo como um todo. A desestabilização, na leitura de Derrida, compreendeu não apenas um grande número de forças, de coisas, que dependem da ordem garantida pelos Estados Unidos; mas, basicamente, todo um sistema de interpretação, de lógica, de retórica, de conceitos que permitem compreender e explicar algo como o 11 de setembro – todo um discurso que se encontra (a)creditado, legitimado, no espaço mundial por um sistema predominante, que é o conjunto que se constitui por: opinião pública, mídias, retórica política, autoridade daqueles que mediante sua autoridade têm a palavra no espaço público. Ou seja, desestabilizou-se tudo aquilo que se faz de forma “legítima” com o uso do léxico da violência, da agressão, do crime, do terrorismo, da soberania, dos saberes, etc. O que se feriu ou tocou não foram apenas pessoas ou prédios, símbolos do poder político, militar ou econômico, mas, sobretudo, um aparato conceitual, que permite compreender e interpretar, assim como nomear algo como o 11 de setembro, neutralizando seu traumatismo⁵³⁷. E isso representa, de certa forma, uma humilhação⁵³⁸.

Derrida traça um interessante conceito para elaborar a compreensão sobre o problema da sua crítica às interpretações ao 11 de setembro. Ele diz haver uma lei que rege todo um processo autoimune, que consiste em um estranho comportamento do ser vivo, que, de modo suicida, lança-se à destruição de si mesmo, de suas proteções, com o verdadeiro propósito de imunizar-se contra a sua própria imunidade. Para explicar como isso se efetiva ou como isso se desenvolveu no curso dinâmico da história recente, Derrida mencionou três momentos de um processo importante, que são também, cada um à sua maneira, autoimunidades: 1º) a Guerra Fria; 2º) o fim da Guerra fria; e 3º) o equilíbrio do terror. O primeiro momento refere-se a um tipo de transgressão sentida não só pelos Estados Unidos, mas pelo mundo todo, como uma transgressão de um novo tipo: uma transgressão que viola o território de um país que é soberano entre os países soberanos, que desempenha o papel de garante da ordem mundial, que é

⁵³⁷ DERRIDA, Jacques. *Filosofia em Tempos de Terror*. Diálogos com Jürgen Habermas e Jacques Derrida. BARRADORI, Giovanna (org.). Tradução de Juan José Botero e Luis Eduardo Hoyos. Madri, 2003. pp.140-1.

⁵³⁸ “O terrorismo do 11 de setembro responde justamente a isso: humilhação contra humilhação”. (...) O pior para a potência mundial não é ser agredida ou destruída, mas ser humilhada. Com o 11 de setembro, ela foi humilhada, pois os terroristas infligiram-lhe algo que ela não pode devolver”. BAUDRILLARD, Jean. *Power Inferno*. Tradução de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina. 2007. p. 63.

garantida e creditada como uma transação financeira, assim como o crédito atribuído à linguagem e às suas leis⁵³⁹, às negociações políticas⁵⁴⁰. É esse crédito que os Estados Unidos possuem que lhes permite a continuar seu império, não apenas por evidente supremacia tecnocientífica e militar, mas, sobretudo, em razão da forte presença no Conselho de Segurança na função de arbitragem (mesmo que os Estados Unidos não respeitem o teor de suas resoluções). Em última análise, os Estados Unidos representariam a última unidade constituída por Direito e força. Eis aqui o primeiro sintoma, porquanto não apenas o solo - isto é, aquilo que confere fundamento a essa força de lei - aparece em uma situação de vulnerabilidade e exposição à violência. A violência de que é objeto advém do interior, de forças que, em um primeiro momento, parecem não ter forças, mas a partir do desenvolvimento de um saber *high-tech*, descobrem o meio de apoderar-se de uma arma, de uma cidade e de um aeroporto norte-americanos⁵⁴¹. Assim, os imigrantes formados pelos Estados Unidos são capazes de incorporar dois suicídios em um só: o seu (que nos deixa sempre despreparados frente a uma agressão suicida autoimune) e o suicídio daqueles que os receberam, os treinaram e os armaram. É importante ter em mente que os Estados Unidos já haviam preparado terreno e fortalecido o adversário quando formou gente como Bin Laden, criando situações favoráveis à troca de lado (como, por exemplo, a aliança com a Arábia Saudita e outros países muçulmanos árabes na guerra contra a antiga União Soviética no Afeganistão). Esse duplo suicídio atingiu aquilo que simbolicamente representou o corpo norte-americano, a cabeça da capital mundial, o *World Trade Center*, bem como a cabeça da representação política e estratégica norte-americana - o Pentágono⁵⁴².

⁵³⁹ Importante mencionar aqui que Derrida vê na dimensão extralegal da violência o mesmo modo de entender a estrutura performativa dos atos de fala – aquilo que acarreta seu próprio conteúdo proposicional – quando, por exemplo, um juiz declara um casal “marido e mulher”. Conforme procuramos elaborar no primeiro capítulo, os enunciados performativos são inseridos num conjunto de relações por outros performativos. Ser declarado marido e mulher, professor, presidente dos Estados Unidos ou americano corresponder a um mandato simbólico que impõe diversas atitudes, rituais e comportamentos sociais adequados à posição simbólica na sociedade. Os atos oficiais de interpelação são incessantes *chamados à ordem*, que funcionam como atos do destino. SANTNER, ERIC L. *A Alemanha de Schreber: uma história secreta da modernidade*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. pp. 22-5, 175.

⁵⁴⁰ Aproxima-se neste aspecto das concepções de Derrida sobre o fundamento da lei, a força que lhe constitui, não passando do crédito que lhe conferimos, afinal de contas, o fundamento da lei é sem fundo. DERRIDA, J. *Força de Lei: o Fundamento místico da autoridade*. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

⁵⁴¹ Talvez uma das façanhas de um ataque terrorista como o praticado no 11 de setembro seja justamente colocar em curto-circuito a noção espacial de dentro e fora, de interno e externo. Em última análise, de controle daquilo que entra e daquilo que sai do território de um Estado, demonstrando completa vulnerabilidade do fundamento do seu poder, assim como as inconsistências de suas verdades. Um retorno violento dessas definições aparece com a nomeação do seu inimigo: o terrorista.

⁵⁴² DERRIDA, Jacques. *Filosofia em Tempos de Terror*. Diálogos com Jürgen Habermas e Jacques Derrida. BARRADORI, Giovanna (org.). Tradução de Juan José Botero e Luis Eduardo Hoyos. Madri, 2003. pp. 142-4.

O segundo momento autoimune que Derrida comenta diz respeito a algo que, para ele, é pior do que a Guerra Fria em suas expressões. Aqui o filósofo dá um passo além da temporalização psicanalítica quando transmite a ideia de que um acontecimento traumático como o 11 de setembro, para ser compreendido, necessita ser pensado de forma diferente, distante da temporalização cronológica linear, justo porque a ferida provocada pelos ataques se mantém exposta pelo terror do *porvir*, isto é, não somente pressupondo seu passado. O porvir definiria o inapropriado do acontecimento, não o presente, tampouco o passado. Trata-se de um trauma cuja temporalidade não precede e não procede do agora, nem do passado presente, senão de um *inapresentável*, que está por vir. Uma ameaça anônima. Noutras palavras: “o futuro é absorvido porque já aconteceu em tempo real”⁵⁴³. É algo como uma arma que fere e deixa aberta uma ferida inconsciente. Só que os efeitos dessa arma terrível se concentram no porvir. Imagine-se se alguém dissesse que aquilo que se sucedeu foi terrível, doloroso e trágico, mas não voltará a acontecer jamais e nunca haverá algo tão grave que se equipare ao 11 de setembro. É possível presumir que, mesmo que se iniciasse uma guerra, ela não se prolongaria por muito tempo, e rapidamente as coisas voltariam ao seu curso normal. O traumatismo mais forte provocado pelo porvir acontece quando o que há de pior se torna uma ameaça verdadeira de acontecer, que o mal pode ser pior ainda no futuro. Em razão disso, a ameaça que se assinalou foi pior do que a ameaça que a Guerra Fria pôde perpetrar – a ameaça nuclear contida por uma inibição recíproca de duas potências mundiais. Daí que o mundo não se traumatizou com o presente. O trauma foi gestado desde o porvir *inapresentável*, a partir de uma ameaça aberta de um dia, quiçá, ser possível golpear a cabeça do Estado-nação soberano. Para além da estupidez de denominações como *o eixo do mal (the axis of evil)*, haveria um mal absoluto por todas as partes que assombraria e ameaçaria, e é justamente uma ameaça absoluta porque compromete a domesticação do mundo e a vida sobre a terra. O paradoxo existente aqui é que, conforme Derrida, o pior em todo esse terror pode suceder, simultaneamente, como inconsistente, passageiro, negado, reprimido, passível de ser relegado a um mero acontecimento entre outros, na cadeia de outros grandes acontecimentos. Todos os esforços para minimizar os efeitos traumáticos são tentativas autoimunes que produzem as monstruosidades que pretendem eliminar⁵⁴⁴.

O terceiro momento trata do círculo vicioso da repressão. O efeito perverso da autoimunidade tem a ver com aquilo que a psicanálise fala sobre com a mesma expressão,

⁵⁴³ BAUDRILLARD, Jean. *O Paroxista Indiferente*. Rio de Janeiro: Pazulin, 1999. p. 43.

⁵⁴⁴ DERRIDA, Jacques. *Filosofia em Tempos de Terror*. Diálogos com Jürgen Habermas e Jacques Derrida. BARRADORI, Giovanna (org.). Tradução de Juan José Botero e Luis Eduardo Hoyos. Madri, 2003. pp. 145-8.

repressão, no preciso sentido em que ela produz e reproduz, gesta e regenera aquilo mesmo que deveria desativar. O que se chama *war on terrorism* opera de modo a regenerar as causas do mal que pretende eliminar. Esses três recursos do terrorismo, esses três momentos, não se diferenciam, mas se justapõem, são o mesmo produto da realidade perceptível e do inconsciente. No Iraque, no Afeganistão, na Palestina, as bombas nunca serão inteligentes o suficiente para evitar que as vítimas respondam com contraterrorismo, entendido este como represália legítima⁵⁴⁵. Na década de 80, na América Central e no Oriente Médio, ao se levar adiante a guerra ao terrorismo, centenas de milhares de pessoas foram massacradas e torturadas (chegando a aproximadamente duzentas mil), o número de refugiados chegou a um milhão. No caso da Nicarágua⁵⁴⁶, os Estados Unidos atacaram⁵⁴⁷ de forma tão trágica este país que levou à morte dezenas de milhares de pessoas e disseminou a destruição. Sendo o segundo mais país pobre do Hemisfério, é possível que nunca se recupere da destruição provoca pelos norte-americanos. Por conta da intervenção dos Estados Unidos, a Nicarágua processou Washington na Corte Internacional de Justiça, que, por sua vez, condenou os Estados Unidos por uso ilegal da força, por terrorismo internacional, e pela violação de tratados internacionais. Assim, o Tribunal determinou que os Estados Unidos interrompessem os crimes perpetrados e pagasse reparações maciças. A decisão nunca foi respeitada pelo governo norteamericano. A Nicarágua, posteriormente, recorreu ao Conselho de Segurança da ONU, que condenou os Estados Unidos, mas este vetou a resolução, que exigia a observância do direito internacional por parte de todos os Estados. O curioso disso é que o atual líder da guerra ao terrorismo é o único país do mundo que foi condenado por terrorismo internacional pelo Tribunal de Justiça Internacional. Além disso, outro ataque terrorista norteamericano que pode ser considerado de ainda maior gravidade foi perpetrado contra El Salvador e Guatemala, que o exército dos Estados Unidos auxiliou a derrotar a Teologia da Libertação, tendo a Igreja Católica (que optava preferencialmente pelos pobres) como um dos principais alvos do terrorismo. O arcebispo Óscar Romero, que se opunha à época ao governo de direita, foi assassinado na década de 1980⁵⁴⁸, posteriormente foram assassinados seis eminentes intelectuais jesuítas, e a população

⁵⁴⁵ DERRIDA, Jacques. *Filosofia em Tempos de Terror*. Diálogos com Jürgen Habermas e Jacques Derrida. BARRADORI, Giovanna (org.). Tradução de Juan José Botero e Luis Eduardo Hoyos. Madri, 2003. p. 149.

⁵⁴⁶Ver também: http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/11/141120_canal_nicaragua_numeros_rs. Acessado em 16/01/17.

⁵⁴⁷ https://en.wikipedia.org/wiki/Nicaragua_v._United_States. Acessado em: 16/01/2017.

⁵⁴⁸ https://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra_Civil_de_El_Salvador. Acessado em 16/01/17.

sofreu um efeito devastador com a guerra civil do país com milhares de mortos e desaparecidos⁵⁴⁹.

Na mesma época, no Oriente Médio, houve muitas atrocidades terroristas patrocinadas pelos Estados Unidos, sendo que a pior delas foi a invasão israelense no Líbano, no ano de 1982, que eliminou, aproximadamente, vinte mil pessoas. Isso foi, sem dúvida, terrorismo ao pé da letra, e só pôde ser perpetrado porque os Estados Unidos deram seu aval, fornecendo armas e apoio diplomático (contrariando o veto de diversas resoluções do Conselho de Segurança da ONU que intentaram interromper a luta armada). Sendo um sucesso, a operação expulsou a Organização pela Libertação da Palestina (OLP) da região, como integrante das negociações dos territórios ocupados, sendo esta, a propósito, considerada uma organização terrorista pelos Estados Unidos⁵⁵⁰. Chomsky entende que esse foi justamente o objetivo da guerra e nada tinha a ver com o Líbano: é que, em Israel, chama-se abertamente de “guerra pelos territórios ocupados”; a OLP insistia em uma resolução negociada do conflito, porém não era o que Israel pretendia. Israel destruiu a OLP e a expulsou da região. Eis aqui a definição clássica e oficial do terrorismo internacional empregada pelos Estados Unidos: uso da ameaça, da intimidação e da violência direcionados às populações civis com o intuito de atingir fins políticos, religiosos ou de qualquer outra natureza⁵⁵¹. Como se viu: toda arte do terror se diz antiterrorista.

Derrida considera, com isso, que a violência desencadeada por Estados terroristas, na atualidade, não se diferencia da concepção de guerra, especialmente quando se pensa em guerra ao terror (*war on terrorism*). Bush falava em guerra sem que, no entanto, fosse capaz de definir o inimigo ao qual declarou guerra. O Afeganistão, o seu exército e a sua população de civis não são os inimigos, assim como Bin Laden não era afegão - e foi rechaçado por seu país. Os Estados que lhe davam apoio não o faziam direta ou publicamente. Deve-se ter o cuidado de observar que diversos países são ambientes de formação e de informação para os considerados terroristas de todo o mundo. Não se pode determinar com precisão o território ou a sede dessas tecnologias de formação de violência. Mas agora as agressões terroristas não necessitariam mais lançar aviões e bombas (ao menos não como instrumentos mais importantes dos seus ataques),

⁵⁴⁹ CHOMSKY, Noam. *Poder e Terrorismo*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Record, 2005. pp. 63-6.

⁵⁵⁰https://pt.wikipedia.org/wiki/Organiza%C3%A7%C3%A3o_para_a_Liberta%C3%A7%C3%A3o_da_Palestina. Acessado em: 16/01/17.

⁵⁵¹ CHOMSKY, Noam. *Poder e Terrorismo*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Record, 2005. pp. 66-7.

porque é suficiente invadir um sistema informático⁵⁵², instalar um vírus ou alguma perturbação grave, para conseguir provocar o caos em questões econômicas, militares e políticas de um país. Logicamente, a relação existente entre a guerra, o território e o terror se transformou e isso encontra o grande interesse no conhecimento, no saber, na tecnociência⁵⁵³, em última análise: nas ciberantropotécnicas ou antropotécnicas virtuais que se definem pelo uso eficiente de informação e dados. Assim, acredita-se que no futuro será possível produzir um terror ainda maior por meio das redes informatizadas do mundo. Daí que o 11 de setembro pertence a um teatro arcaico da violência que teve a finalidade de afetar a imaginação daquele que foi afetado. Então, um dano muito maior, de forma invisível, poderá ser praticado no amanhã, muito mais rápido, porém, sem sangue, com o ataque às *networks* informáticas das quais a vida social é totalmente dependente. De fato, o 11 de setembro representa ainda os velhos tempos da guerra, da última guerra. As coisas operavam ainda na ordem do grande, do gigantesco, do visível. Agora, as nanotecnologias de todo tipo se inscrevem numa ordem mais complexa. Para Derrida, o nosso inconsciente já se tornou sensível a essa mudança, já sabe disso, e é o que causa medo e terror⁵⁵⁴. Han⁵⁵⁵ irá além e dirá que é justamente esse inconsciente coletivo que é dominado pelas tecnologias do *Big Data*.

Antes mesmo do 11 de setembro, Paul Virilio, um estudioso das guerras informáticas, já alertava sobre um terror que se dissolveu na sociedade e pôde produzir seus efeitos até mesmo na indústria cultural. De um medo nuclear⁵⁵⁶, passou-se a um estágio de terror ordinário, que se

⁵⁵² “De origem militar, a Internet tem objetivos militares e desempenha, no domínio da informação, o mesmo papel que a *interferência* nas emissões inimigas nas guerras anteriores. Como observa com justeza Negropoten: com a ‘libertação da informação’ na Web, o que mais falta é o *sentido*, em outras palavras *um contexto* em que os internautas pudessem situar os fatos e distinguir assim o VERDADEIRO do FALSO”. VIRILIO, PAUL. Estratégias da Decepção. Tradução de Luciano Vieira Machado. São Paulo: Estação Liberdade, 200. pp. 88-9.

⁵⁵³ DERRIDA, Jacques. *Filosofia em Tempos de Terror*. Diálogos com Jürgen Habermas e Jacques Derrida. BARRADORI, Giovanna (org.). Tradução de Juan José Botero e Luis Eduardo Hoyos. Madri, 2003. p. 151.

⁵⁵⁴ DERRIDA, Jacques. *Filosofia em Tempos de Terror*. Diálogos com Jürgen Habermas e Jacques Derrida. BARRADORI, Giovanna (org.). Tradução de Juan José Botero e Luis Eduardo Hoyos. Madri, 2003. pp. 150-1.

⁵⁵⁵ HAN, Byung-Chul. *Psicopolítica: neoliberalismo e as novas formas de poder*. Tradução de Alfredo Bérge. Barcelona: Herder, 2014. p. 21.

⁵⁵⁶ O mundo interconectado permite a difusão de tecnologias para outras civilizações. Não existe mais uma ameaça única, reconhecida por todos, tal como existiu no período da Guerra Fria, algo que viabilizava o controle de tecnologias de modo um tanto eficaz. Na década de 20, o Ocidente seguia à frente de todos os demais, porém seu poderio militar testemunhou certo declínio comparado às outras civilizações. A explicação disso é que conforme os Estados se desenvolvem economicamente e se modernizam o desenvolvimento militar se torna uma consequência necessária desse processo. Para Huntington, houve cinco tendências que, depois da Guerra Fria, dominaram o desenvolvimento militar no mundo. A primeira: as forças armadas da União Soviética deixaram de existir, em razão da drástica redução orçamentária. A segunda: tendo em vista a drástica redução da capacidade militar russa, o Ocidente presenciou, conseqüentemente, um declínio nos seus gastos militares. A terceira: em contrapartida, a Ásia Oriental aumentou significativamente os gastos militares e o aprimoramento das suas forças armadas. Seu estímulo foi consequência da sua expansão econômica e na projeção de poder, acentuando a probabilidade de instabilidade regional, bem como guerras limitadas. De forma semelhante ocorreu com outras nações da Ásia Oriental que procuraram expandir suas forças armadas, tal como, Taiwan, Coreia do Sul, Tailândia,

transformou em múltiplos terrores íntimos e cotidianos⁵⁵⁷. Afinal de contas, o que distinguiria terror, medo, angústia e pânico? Qual seria a diferença desse terror organizado, provocado, instrumentalizado, esse que, desde a tradição de Hobbes a Schmitt, além de Benjamin, tem o medo como a condição para a autoridade da lei e do exercício do poder soberano, sendo até mesmo a condição da política de Estado? No Leviatan, Thomas Hobbes fala de medo, mas também fala de terror (11, § 27). Benjamin diz que o Estado se apropria do monopólio da violência. No mesmo tom, Cézare Beccaria, em *Dos Delitos e das Penas*, falava da pena como a provocação de um terror. Poder-se-ia dizer que não é toda experiência de terror que decorre do terrorismo. Entretanto, a palavra terrorismo deriva do terror revolucionário francês que foi praticado em nome do Estado e que pressupunha o monopólio legal da violência. Se formos analisar as definições correntes de terrorismo (crimes praticados contra a vida humana de civis com finalidade política, normalmente com o escopo de influenciar a política de um país, aterrorizando a população), de fato, não encontramos os fatores compreensivos do terrorismo de Estado. Portanto, terrorismo de Estado não existe, dada a ausência do um conceito? Não é desconhecido o fato de que os terroristas têm a pretensão de responder, em defesa própria, contra um terrorismo praticado por um Estado previamente, quando este não diz seu nome e se mascara diante de pretextos discursivos mais ou menos críveis – segundo ações que confirmam verdadeiro cinismo de Estado. Como se sabe, mesmo durante guerras declaradas entre Estados, os desdobramentos terroristas são comuns. Ainda antes dos bombardeios massivos nas últimas guerras mundiais, fazer a população se intimidar sempre foi um recurso clássico⁵⁵⁸. Por isso um fator importante: todo terrorismo se apresenta como uma resposta a um ataque⁵⁵⁹. Significa que, se aquele que recorre ao terrorismo o tem como um último recurso porque “o outro é mais

Malásia, Singapura e Indonésia, que estão lançando mão de gastos militares na compra de aviões, tanques, navios da Rússia, dos Estados Unidos, da Grã-Bretanha, da França e da Alemanha⁵⁵⁶. A quinta: os desdobramentos anteriores tornam a regionalização uma tendência central enquanto estratégia e poder militar pós-guerra fria. A regionalização torna-se também a justificativa para que sejam reduzidas as forças armadas ocidentais e russas, aumentando as forças armadas de outras nações. Conforme Huntington, a segurança militar no globo dependerá muito mais da distribuição de poder dentro de cada região do mundo e das atitudes dos Estados-núcleos e das civilizações, e não da distribuição de poder mundial e das ações das superpotências. Ao que parece, entretanto, por um período bastante longo o Ocidente permanecerá na posição de civilização mais poderosa do mundo, na dianteira especialmente em talento, pesquisa e capacidade científica, além de inovação tecnológica civil e militar. HUNTINGTON, Samuel P. *O Choque de Civilizações: e a recomposição da ordem mundial*. Tradução de M. H. Côrtes. Rio de Janeiro: Objetiva, 1996. pp. 107-9.

⁵⁵⁷ “Portanto, ao lado de um terrorismo ordinário cada vez mais ativo, o público pôde ver, durante a última década do século XX, os anúncios publicitários repulsivos como os da Benetton ou ainda os grandes espetáculos que se fizeram em favor da luta contra a Aids, o câncer, etc., com a exibição, diante das câmeras, de doentes terminais, de deficientes incuráveis... ‘Prevenir é curar!’ Ameaças veladas, eugenia rasteira, terrores secretos, motivos de desconfiança, de mal-estar, de ódios recíprocos”. VIRILIO, PAUL. *Estratégias da Decepção*. Tradução de Luciano Vieira Machado. São Paulo: Estação Liberdade, 200. p. 82.

⁵⁵⁸ DERRIDA, Jacques. *Filosofia em Tempos de Terror*. Diálogos com Jürgen Habermas e Jacques Derrida. BARRADORI, Giovanna (org.). Tradução de Juan José Botero e Luis Eduardo Hoyos. Madri, 2003. pp. 152-3.

⁵⁵⁹ SLOTERDIJK, Peter. *Temblores de Aire*. Tradução de Germán Cano. Valência: Pre-Textos, 2003.

terrorista que eu”, essa é uma forma de defesa, de contra-ataque. Então, por essa lógica, o pior terrorista seria aquele que me privou de qualquer outro meio distinto de defesa. É assim que Estados Unidos, Israel, potências coloniais, países ricos, são acusados de serem mais terroristas do que aqueles que eles mesmos chamam de terroristas. Representa verdadeira estratégia de combate apresentar o adversário como um terrorista. Contudo, há aqueles que pretendem opor – não um contraterrorismo – mas uma guerra limpa. A depender do contexto, ambos os posicionamentos são impossíveis de distinguir. Muitas vezes guerra e terror não se diferenciam. A questão toda é que o terrorismo não se qualifica por ser mais ou menos terrorista. Não é uma questão de ordem quantitativa. É que a ação terrorista, situada no âmbito da psicopolítica, procura produzir efeitos psicológicos e reações simbólicas ou sintomáticas que podem se tornar incalculáveis. Não havendo espetacularização do acontecimento, a morte de milhares de pessoas em um tempo breve é capaz de produzir efeitos psíquicos e políticos menos potentes do que a morte de um indivíduo específico em um país de grande representatividade no cenário mundial. Pois bem. Por isso os questionamentos de Derrida⁵⁶⁰: o terrorismo é praticado somente quando há morte? É possível aterrorizar sem matar? Matar é somente fazer morrer? Matar não é, igualmente, deixar morrer, tal como na definição da biopolítica? Não querer se responsabilizar por se deixar morrer de fome, de AIDS, por falta de cuidados médicos, em presídios, em delegacias, em confrontos urbanos, etc., não faria parte de uma nefesta antropotécnica terrorista empregada de certo modo estratégica e conscientemente?

A perversão autoimune descrita por Derrida se aproxima das ideias de Georges Canguilhem, quando este dissera que: “a doença entra e sai do homem como por uma porta”⁵⁶¹. Para Canguilhem, a doença não está em alguma parte do homem. Antes se trata de uma perturbação de um equilíbrio. Isso a torna uma questão quantitativa. “Está em todo o homem, é toda dele”. É o que lhe permite defender que as circunstâncias externas não são causas, são *ocasiões*. Entretanto, a doença é mais do que isso. Ela é o esforço que a própria natureza (*physis*) exerce para atingir um novo estado de equilíbrio, “é uma reação generalizada com intenção de cura” (não se trata de reestruturação de uma totalidade orgânica). “O organismo desenvolve uma doença para se curar”. Para o autor, a técnica médica imita a o que ele denomina ação médica natural, tratando-se de imitar uma tendência de um movimento interno íntimo. É como se dissesse que o corpo é técnico por natureza. Canguilhem assume, com isso, que se trata de

⁵⁶⁰ DERRIDA, Jacques. *Filosofia em Tempos de Terror*. Diálogos com Jürgen Habermas e Jacques Derrida. BARRADORI, Giovanna (org.). Tradução de Juan José Botero e Luis Eduardo Hoyos. Madri, 2003. pp.159-60.

⁵⁶¹ CANGUILHEM, Georges. *O Normal e o Patológico*. Tradução de Maria Thereza Redig de Carvalho Barrocas: Forense Universitária, Rio de Janeiro, 2009. p. 12.

uma concepção otimista do sentido da natureza, não da técnica humana. Nesse sentido, encontraria uma errada conclusão quem pensasse que a doença se opõe à saúde, que o patológico seria o oposto do normal. Esses termos são antes distintos em suas alterações quantitativas⁵⁶², muito semelhante ao que Malabou entende sobre o negativo da plasticidade, em *Ontologia do Acidente*⁵⁶³. E esse processo fez parte dos acontecimentos do grande cenário do terrorismo que, além revelar um importante nível de indistinção entre natureza e técnica, revela também a indistinção entre terror e guerra, entre terror e crime.

A partir de Foucault é possível responder a pergunta sobre o terrorismo como sendo não apenas uma maneira específica e técnica consciente de produzir mortes, mas também de deixar morrer. Foucault descreveu o paradigma soberano de nascimento da polícia, ou a gênese do dispositivo policial, a partir dos séculos XV e XVI, como uma tecnologia de governo sobre súditos e sobre determinado território, o que se pode afirmar é que em um impulso expansivo, o domínio desse território se virtualizou e o dispositivo policial se alastrou por toda a *internet*, pelas redes sociais, etc. É a partir do séc. XVII que a polícia constitui um papel mais preciso, concentrando um conjunto de funções a partir do que o Estado ampliaria sua força e manteria a segurança interna. Façanha desse poder que é a polícia é que ele permite ao soberano ter um controle direito sobre seus súditos, desde práticas religiosas, fluxo de alimentos, de mercado, técnicas de higiene, além de segregação de doentes e criminosos, em suma, a própria polícia permitiria exercer o controle quase da totalidade da vida e sem a qual o Estado não operaria de forma eficiente⁵⁶⁴.

Há certo tempo que a noção de biopolítica se tornou presente na pena de intelectuais para descrever uma forma de poder que supera uma noção anteriormente descrita por Foucault como poder disciplinar. Essa noção tem servido como instrumental teórico para explicar as novas formas de biopoder existentes nas sociedades altamente avançadas tecnologicamente. Franco de Sá, por exemplo, fala de um novo poder que abre o campo e não é mais transcendente, mas eminentemente técnico e imanente; não diferencia mais norma e exceção, contudo, identifica uma à outra. Um famoso texto de Walter Benjamin, “Para uma Crítica da Violência”, já em 1919, ilustrava esse novo poder, atribuindo-lhe um nome, a polícia. Não se trata de

⁵⁶² CANGUILHEM, Georges. *O Normal e o Patológico*. Tradução de Maria Thereza Redig de Carvalho Barrocas: Forense Universitária, Rio de Janeiro, 2009. pp. 12-3.

⁵⁶³ MALABOU, Catharine. *Ontologia do Acidente*: ensaio sobre a plasticidade destrutiva. Tradução de Fernando Scheibe. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2014.

⁵⁶⁴ FOUCAULT, Michel. *Segurança, Território, População*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

confirmar a ordem vigente ou o poder soberano, a polícia se manifesta por um poder que extrapola até mesmo o poder soberano do Estado. A ideia de que os fins da violência da polícia estariam de acordo com finalidades sempre comuns ao Direito é totalmente falsa⁵⁶⁵. O poder de polícia revela como o Estado não pode atingir seus fins com respeito à ordem jurídica e suas configurações, senão por meio da violência. Apesar de tudo, tal poder se caracteriza pela ausência de rosto, e se manifesta pela invisibilidade, tal como um espectro que emerge da sombra da espada solar do poder soberano⁵⁶⁶.

Para Benjamin, a Lei é desprovida de fundamento e sua força é sustentada pela violência. Nisso, conforme já apontado, há dois tipos de violência identificados por Benjamin: uma violência que instaura a Lei e outra violência que é mantenedora da Lei. A polícia vem a ser uma *mistura espectral* dessas duas formas de violência, representando que o sistema legal não pode mais garantir, por meio dessa ordem, os fins do Estado senão por meio da violência. Daí que a polícia intervém por razões de segurança⁵⁶⁷. Complementa Benjamin: “(...) para não falar nos casos em que, sem qualquer relação com os fins de direito, ela acompanha o cidadão como uma presença que molesta brutalmente ao longo de uma vida regulamentada por decretos, ou pura e simplesmente o vigia”⁵⁶⁸. A polícia é a violência extralegal, um poder sem rosto que operaria a partir da invisibilidade, e desse poder o sistema legal é um claro dependente.

Veja-se, por exemplo que, em seu discurso de Oslo (2009), quando recebia o Prêmio Nobel da Paz, Obama se manifestou dizendo que os Estados Unidos o que faziam era travar uma guerra justa no Afeganistão. Ele apontou três condições necessárias para que uma guerra possa ser declarada: em caso de legítima defesa; houver emprego de força proporcional; e se os

⁵⁶⁵ BENJAMIN, Walter. *Escritos Sobre Mito e Linguagem*. Tradução de Susana Kampff e Ernani Chaves. São Paulo: 34.

⁵⁶⁶ Franco de Sá faz uma descrição interessante sobre o texto de Benjamin: “Na perspectiva de Benjamin, a polícia prefigura este novo poder emergente porque antecipa o seu anonimato, o seu carácter sem rosto nem figura, escapando à visibilidade da decisão soberana fundadora do direito e escudando-se na execução administrativa de meras medidas: ‘ao contrário do direito, que reconhece uma categoria metafísica na ‘decisão’ fixada segundo o lugar e o tempo, através da qual suscita a crítica, a consideração do instituto da polícia nada encontra de essencial. A sua violência é sem figura, tal como o seu aparecimento espectral na vida dos Estados civilizados, que nunca se pode captar, mas se espalha por todo o lado’. Consequentemente, o novo poder emergente manifesta-se não tanto a partir de si mesmo, mas a partir do homem que se lhe encontra exposto. A potência ou a violência policial, sempre possível no seio dos ‘Estados civilizados’, é apenas uma emergência acidental e visível de um poder sem face determinada. E é na emergência de um homem ingênuo e irresponsável, centrado na sua privacidade, fechado na intransigência dos seus princípios, incapaz de deliberar e pensar publicamente, que a presença de um tal poder se pode maximamente denunciar”. FRANCO DE SÁ, Alexandre. *Metamorfose do Poder: prolegómenos schmittianos a toda a sociedade futura*. Coimbra: Ariadne Editorial, 2004. p. 48-9.

⁵⁶⁷ BENJAMIN, Walter. *Escritos Sobre Mito e Linguagem*. Tradução de Susana Kampff e Ernani Chaves. São Paulo: 34. p. 136.

⁵⁶⁸ BENJAMIN, Walter. *Escritos Sobre Mito e Linguagem*. Tradução de Susana Kampff e Ernani Chaves. São Paulo: 34. p. 136.

civis não forem sacrificados. Facilmente se percebe que nenhuma dessas condições foi observada. Ninguém no Afeganistão ou em qualquer outra parte poderia seriamente acreditar que os líderes das guerras locais ou os combatentes religiosos seriam capazes de ameaçar a segurança dos Estados Unidos. Além do mais, não há proporcionalidade alguma em um exército de cem mil combatentes frente a quinhentos combatentes da Al-Qaeda, assim como as mortes de civis já são conhecidas mundialmente e se tornaram um escândalo mundial com as divulgações do *Wikileaks*. Então, é de se questionar o porquê de se permanecer nesse caminho que não leva a objetivo proposto?⁵⁶⁹.

A resposta é que o objetivo perseguido não é o mesmo que o objetivo declarado. Isso fica claro nos discursos de Obama quando ele mesmo defendia que os Estados Unidos teriam a responsabilidade de carregar um pesado fardo⁵⁷⁰, pois representou para o povo norteamericano a missão particular que não é outra senão a de garantir a segurança mundial, servindo de polícia para toda a humanidade e oferecer sua contribuição para a promoção da liberdade em todo o planeta. Eis o interesse esclarecido dos norteamericanos, verdadeiros messianismo político que o conduziu e o mantém na guerra do Iraque. Com isso se produz uma crença coletiva que, mesmo não sendo religiosa, apresenta um caráter de mandamento divino, fugindo à argumentação racional. Obama viu na utilidade da guerra um propósito muito maior do que os propósitos de autodefesa, de defesa da população e do seu governo contra o inimigo ou contra uma guerra civil, que foi a domesticação global. Obviamente, o uso da força encontrará justificações humanitárias, porque a manutenção da guerra e da violência pode transparecer o interesse da nação americana ao demonstrar sua superioridade bélica (que já é incontestável, porém os norteamericanos preferem pagar um alto preço para a manutenção dessa condição, basta ver seu orçamento militar⁵⁷¹). Mas a questão é que a aspiração ao poder não necessita de

⁵⁶⁹ TODOROV, Tzvetan. *Os Inimigos Íntimos da Democracia*. Tradução de Joana Angélica d'Avila Melo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. p. 67.

⁵⁷⁰ Torna-se impressionante a semelhança desse discurso com outro líder de Estado extraído da literatura, o Grande Inquisidor de Dostoiévski (DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Os Irmãos Karamázov*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Ed. 34, 2008). O fardo que o líder eclesiástico carrega é o de ter de mentir para sustentar uma ordem religiosa fundada na liberdade, porém sabendo que o homem prefere o pão àquela. Noutras palavras: “cuanto más represivo es (Inquisición, etc.), tanto más duramente tiene que incrustarse en las cabezas la retórica de la libertad”. SLOTERDIJK, Peter. *Crítica de la Razón Cínica*. Tradução de Miguel Ángel Veja. Ed. Siruela, 2007. p. 289.

⁵⁷¹ Trump se engajou em reestabelecer a força armamentista de defesa norteamericana. O Congresso, no ano de 2017, aprovou setecentos bilhões para gastos militares para o ano de 2018. Ver em: “<https://g1.globo.com/mundo/noticia/congresso-dos-eua-aprova-us-700-bilhoes-para-orcamento-de-defesa.html>”. Acesso em 02/09/2018.

outra justificação senão a do próprio poder, ainda que se possa falar em petróleo, em segurança, etc⁵⁷².

3.11 O terror antes do terrorismo: a imagem como estética da antecipação virtual

Entretanto, talvez seja equivocado acreditar que o terror é sempre deliberado, consciente. Há situações, evidentemente, em que o terror atua por si próprio, por efeito de um estratégico, tendo por circunstância primordial relações de força instaladas, sem que qualquer um se sinta responsabilizado. Situações de opressão produzem um efeito de terror que não é natural – mas que é institucionalizado-, sem que aquele que disso se beneficie tenha que ter dado início a atos terroristas ou receba o tratamento de terrorista. Como se referiu, o sentido estreito que se atribui hoje ao terrorismo, e que está presente nos discursos, existe graças ao poder tecnoeconômico dos meios de comunicação. É só pensar o que teria sido do 11 de setembro sem a televisão. Essa mediatização absoluta era já pretendida pelos organizadores do 11 de setembro. Aqui os organizadores são tanto os terroristas como aqueles que se diziam falar em nome das vítimas. Nisso assiste razão a Baudrillard quando comentava que essa guerra já havia sido produzida virtualmente, só restava acontecer de fato⁵⁷³.

O maior terror, realmente, consistiu em explorar, em expor sua imagem por parte daquilo que foi objetivo do terror, repetindo o terror da imagem. Houve um uso deliberado do terror. Representou-se o que não poderia ser representado⁵⁷⁴. O objetivo estava voltado para a exposição da vulnerabilidade, conferindo-lhe toda ressonância possível à agressão contra a qual se queria proteger. O fim da imunidade se anunciava. Tem-se aqui, portanto, um marco do fim da mesma perversão autoimune que Derrida mencionou. Poder-se-ia considerar que a existência de um tipo de ameaça cuja virtualidade não tem a forma de uma intenção malévola, de vontade de provocar o mal. É a raiz não erradicável do terror que se anuncia como tal antes mesmo de se organizar como terrorismo⁵⁷⁵.

⁵⁷² TODOROV, Tzvetan. *Os Inimigos Íntimos da Democracia*. Tradução de Joana Angélica d'Avila Melo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. p. 68-9.

⁵⁷³ BAUDRILLARD, Jean. *Power Inferno*. Tradução de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina. 2007. p. 72.

⁵⁷⁴ GIANOTTI, Marco. *Andy Warhol ou a sombra da imagem*. *ARS (São Paulo)* [online]. 2004, vol.2, n.4 [cited 2018-11-11], pp.117-126. Disponível em: "http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-53202004000400008". Acesso em 11/11/2018.

⁵⁷⁵ BARRADORI, Giovanna. *Filosofia em Tempos de Terror*. Diálogos com Jürgen Habermas e Jacques Derrida. Tradução de Juan José Botero e Luis Eduardo Hoyos. Madri, 2003. pp. 160-1.

Talvez seja um erro acreditar que o 11 de setembro foi um evento novo sem seus diversos efeitos e meios de investida contra monumentos do poder simbólico e econômico dos Estados Unidos. Ao que parece, esse talvez seja um dos últimos capítulos da história das guerras físicas e imunológicas. O que não tinha havido até então se refere à presença da mídia ao vivo e da câmera registradora de informações a ponto de tornar um acontecimento local em evento mundial, globalizado, transformando todos em testemunhas oculares apavoradas⁵⁷⁶. Entretanto, um pensador como Baudrillard considerou o 11 de setembro como algo que não havia sido previsto⁵⁷⁷, era inimaginável, algo que apenas se tornaria possível, justamente, depois de acontecer (mesmo que os filmes de Hollywood tivessem descrito múltiplas formas de catástrofes, o acontecimento situava-se na ordem do imprevisível)⁵⁷⁸. Paradoxalmente, não seria possível entender da mesma forma a guerra que se trava no Iraque, pois, desde o seu início, foi prevista, programada, antecipada, a tal ponto de não ser necessário acontecer. Porém, ela aconteceu, como um exaurimento daquilo que já se realizava no nível artístico-imaginário. Se em sua virtualidade ela já havia sido antecipada, é porque o 11 de setembro sequer foi um legítimo acontecimento. Por isso que o real toma forma a partir do horizonte do virtual (e este não seria menos real do que o corpo físico e orgânico). Baudrillard percebe, neste contexto, a hegemonia que se estabeleceu por meio do virtual como sendo capaz de receber um reforço do

⁵⁷⁶ HABERMAS, Jürgen. *O Ocidente Dividido*. Tradução de Luciana Vilas Bôas. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2006. p. 12.

⁵⁷⁷ “O ‘Mal’ é aquilo que chega sem prevenir, logo sem prevenção possível”. BAUDRILLARD, Jean. *Power Inferno*. Tradução de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina. 2007. p. 72.

⁵⁷⁸ Durante o período da guerra fria, os estudos envolvendo as maiores preocupações do mundo tiveram como questão central o medo de uma possível hecatombe nuclear e a destruição das civilizações como consequência. Com isso, a guerra entre as potências era o problema maior visto pelos líderes mundiais. Tratava-se de pensar a política internacional na Guerra Fria pensando “como sobreviver”. Daí que foram desenvolvidos conceitos como “equilíbrio do poder”, “equilíbrio do terror”, “limitação dos danos”, “resposta flexível”, etc. O problema do terrorismo, de 1930 a 1990 foi tratado com relação ao perigo de algum Estado vender armas nucleares a grupos ou organizações terroristas. Eis que então, ocorre o evento 11 de setembro: “Na manhã do dia 11 de setembro de 2001, o NORAD (North American Aerospace Defense Command) preparava-se para um exercício militar que compreendia a interceptação de quatro caças russos que invadiam o espaço aéreo norte-americano. O exercício estava quase começando quando, às 08h38min, a FAA (Federal Aviation Agency) notifica o NORAD sobre o sequestro de um avião comercial que estaria dirigindo-se a Nova York. O militar que recebe a ligação mostra-se incrédulo - o último sequestro de aeronaves nos EUA fora em 1993 - e pergunta se se tratava do ‘mundo real’. Prontamente, todo centro de comando passa a monitorar os acontecimentos, comunicando-se diretamente com a FAA. O que há de irônico nesses acontecimentos é o fato de os militares estarem se preparando para um exercício contra uma ameaça típica da lógica da guerra fria - a invasão do espaço aéreo dos EUA por caças russos -, ao passo que, no ‘mundo real’, os acontecimentos estavam em outra lógica de segurança, uma lógica que turvaria definitivamente as fronteiras entre os mundos civil e militar e que tornaria as distinções entre ‘dentro’ e ‘fora’ mais indefiníveis, colocando em questão a própria noção de internacional”. AREND, Hugo. O 11/9 e seus Significados Teóricos e Políticos para a Segurança Nacional. In: *Direitos Humanos e Terrorismo*. AMARAL, Augusto Jobim do (org); PEREIRA, G. O. L. (org); BORGES, Rosa Maria Zaia. Porto Alegre: Edipucrs. pp. 83-5.

fato de que essa guerra já anunciada foi um duplo, um clone da Guerra do Golfo e, portanto, Bush foi o clone do seu próprio pai⁵⁷⁹.

Na realidade, se formos analisar o ato terrorista em si a partir do 11 de setembro, quando pretendeu apenas desestabilizar a ordem mundial, ele se revela como detentor de uma importância inexpressiva. Desordem e desregulação já haviam sido suficientemente espalhadas pelo mundo. O efeito de produção que se desencadeou com o 11 de setembro foi o de fortalecer, ainda mais, os mecanismos de controle e vigilância, que hoje estão por toda parte⁵⁸⁰ em busca de dados informacionais. O que estava em jogo, desde então, com essa transformação ambiental e com essa espécie de chantagem preventiva não dizia respeito à necessidade de instaurar o bem, ou corrigir o rumo irracional do mundo, tampouco prevenir novos crimes que surgiram. Igualmente, não dizia respeito ao acesso ao petróleo, nem às considerações geoestratégicas diretas dos ataques terroristas. A razão última, fundamental e profunda consiste em instaurar uma ordem securitária total, ou seja, a neutralização das populações com base na afirmação do que Baudrillard considera um evento que verdadeiramente não foi um autêntico acontecimento. O fim da história, por essa perspectiva, isto é, o não-acontecimento, longe de uma perspectiva liberal triunfante no auge da democracia, como dissera Fukuyama, está nesse terror de um pretexto preventivo, ao lado de uma lógica vitimária⁵⁸¹, que fulminou a possibilidade de qualquer acontecimento, uma nova experiência de sentido. O terror espalhado por todos os lados se tornou ar e anunciou a vitória do terrorismo⁵⁸², porquanto todo sistema terroriza a si mesmo sob a justificativa da segurança total, de controle absoluto dos corpos como dados, como informação útil. Com isso, se a guerra virtual já havia sido vencida pela potência mundial, faltando apenas sua confirmação real, não se pode negar que o terrorismo se consagrou a nível biopolítico, porque passou a ser o fundamento regulador das sociedades contemporâneas. O 11 de setembro, de certa forma, conseguiu promover uma coalização de todos os poderes, de convergência eficiente, que se tornaram cúmplices na defesa da ordem mundial e promoveu a informação à condição de mais potente de todos os saberes.

⁵⁷⁹ BAUDRILLARD, Jean. *Power Inferno*. Tradução de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina. 2007. p. 72.

⁵⁸⁰ BAUDRILLARD, Jean. *Power Inferno*. Tradução de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina. 2007. p. 30.

⁵⁸¹ A lógica vitimizante conferiu legitimidade à doutrina Bush, fundada que estava em visões paranoicas de ações preventivas sobre a ameaça futura, procurando prevenir-se de futuros ataques terroristas. Segundo a lógica vitimária, esse é o raciocínio: “Agora nós somos as vítimas, e é isso que legitima o fato de falarmos (e agirmos) de uma posição de autoridade”. ZIZEK, Slavoj. *Bem-vindo ao Deserto do Real: cinco ensaios sobre o 11 de setembro e datas relacionadas*. Tradução de Paulo Cezar Castanheiras: São Paulo, Boitempo, 2003. p. 14.

⁵⁸² BAUDRILLARD, Jean. *Power Inferno*. Tradução de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina. 2007. p. 73-4.

Pois bem. Mas, se pensarmos mais radicalmente não chegaríamos à constatação de que é contra essa potência mundial na verdade que todos se deveriam levantar? O contra-poder do terrorismo se revolta contra esse poder total. Não é preciso muito para perceber que o princípio do *marketing* terrorista procura se estender a toda população, tendo em vista que qualquer um pode representar uma ameaça terrorista em potencial. Nisso todos são virtualmente reféns do exercício de um poder que se agiganta e se virtualiza como um Deus em divina expansão. Testemunhou-se a aliança entre os saberes antropotecnológicos cuja manifestação desinibida coloca todas as pessoas em vigilância sob o pretexto de prevenção⁵⁸³ ao terrorismo⁵⁸⁴, revelando, dessa forma, que se fomentam verdadeiras guerras não declaradas. Baudrillard mesmo já alertava que o mundo se relaciona com uma potência que se manifesta em estado puro, mas que se torna um poder sem soberania. Nas suas palavras:

Enquanto o poder tira a sua soberania da representação, na medida em que possui uma razão política, o seu exercício pode encontrar o seu equilíbrio ou, em todo caso, pode ser combatido, contestado. Mas a eliminação dessa soberania dá lugar a um poder descontrolado, sem contrapartida – em estado selvagem (de uma selvageria não mais natural, mas tecnológica)⁵⁸⁵.

⁵⁸³ “Esse mecanismo já aparece no último filme de Steven Spielberg, *Minority Report*, no qual, com o objetivo de prever crimes futuros, comandos policiais agarram o criminoso antes que ele entre em ação, antes da passagem ao ato. Esse é exatamente o cenário da Guerra do Iraque: matar o futuro criminoso na casca (o uso de armas de destruição de massa por Saddam Hussein). Uma questão se torna irreprimível: o crime presumido aconteceria realmente? Nunca se saberá a resposta, pois ele foi previsto, antecipado e impedido (Saddam é apenas um detalhe). Mas o que se pode vislumbrar através disso é uma espécie de ‘desprogramação’ automática de tudo que poderia vir a acontecer, algo como uma profilaxia em escala global, não somente de qualquer crime, mas de qualquer acontecimento que pudesse vir a perturbar uma ordem mundial considerada hegemônica”. BAUDRILLARD, Jean. *Power Inferno*. Tradução de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina. 2007. pp. 70-1.

⁵⁸⁴ De fato, os conceitos oficiais de terrorismo são tão voláteis que aquele que hoje é considerado terrorista não executa diretivas de uma central clandestina, já não é mais o velho terrorista. Porém, é o engajado por conta própria. Daí que eliminar algum centro de decisão da Al-Qaeda, *locus* a partir do qual ordens seriam disseminadas, torna-se uma fantasia pertencente a um esquema falido frente à nova situação. O papel que as montanhas do Afeganistão poderiam representar jamais se comparariam àqueles das KGB em Moscou, à época guerra fria. Evidentemente, o contexto atual mudou, porquanto está mais fortemente marcado pela evolução da técnica. Falou-se muito do choque de civilizações durante um tempo e de todo perigo que o islamismo representou para os países ocidentais, porém, dirá Tzvetan Todorov que: “o que se vê, ao contrário, são os exércitos ocidentais ocupando os países muçulmanos ou intervindo militarmente neles. Esse fato é abundantemente explorado pela propaganda dos inimigos do Ocidente, que, difundida hoje pela internet, alcança imediatamente um vasto público”. TODOROV, Tzvetan. *Os Inimigos Íntimos da Democracia*. Tradução de Joana Angélica d’Avila Melo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. p. 66.

⁵⁸⁵ BAUDRILLARD, Jean. *Power Inferno*. Tradução de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina. 2007. p. 76.

Tal poder, não tendo uma referência legítima, também não tem um inimigo verdadeiro, pois seu inimigo é nada mais que um fantasma criminoso, estrategicamente produzido, e é isso que permite que esse poder se volte contra todos nós. Um poder total que penetrou no hábito⁵⁸⁶.

De fato, a façanha antropológica que instrumentalizou o discurso e as estratégias sobre o terror permitiu a ampliação ainda maior do controle biopolítico sobre todos os viventes e o mesmo esquema estratégico ocorreu com o ciberespaço, no qual foi necessário criar-se a figura dos ciberterroristas com o propósito de se acessar até o último dado informacional dos indivíduos. Seu fundamento é a prevenção, a dissuasão, a segurança total e o controle. Essas são as características que tornam tal poder vulnerável. Então, essa fraqueza é o que o próprio terrorismo permite revelar. Sendo assim, o terrorismo é também um modo peculiar de desvelamento por meio da violência armada com as invenções da técnica. Somente neste sentido podemos falar da autenticidade do terror: é quando por meio de uma nova técnica os ciberativistas realizariam o desvelamento da ordem estabelecida (*status quo*). Eis o verdadeiro inferno do poder⁵⁸⁷.

Antes, é imprescindível perguntar o que essa guerra (*War on Terror*) é capaz de mascarar e o que ela mesma diz exorcizar (uma guerra, frisa-se, que parece não ter finalidade nem necessidade próprias, tampouco inimigo verdadeiro). Essa guerra ganha sentido somente a partir do efeito de conjuração, de compromissos que ela tornou possível angariar, mas que não foram capazes de apagar, recalcar, o acontecimento. Daí que essa guerra já havia se tornado interminável antes de começar, porque ela mesma já havia acontecido e o suspense sobre seu desfecho compõe boa parte da sua impostura. Essa guerra se desenvolve como uma guerra sem fim e que, no entanto, nem mesmo existirá, porque deve permanecer como ameaça. “É esse suspense – o da guerra sem fim - que nos embalará o futuro, baseado no que ocorre hoje e se torna notícia, ou seja, uma atualidade difusa de chantagem e de terror disseminados sob a forma de princípio universal da prevenção”⁵⁸⁸. Seria essa a vitória do terrorismo biopolítico, a saber, a de ter mergulhado não somente os Estados Unidos, mas todo o Ocidente em uma prejudicial

⁵⁸⁶ “Quanto a o terror, sabemos que já se encontra em toda parte, na violência institucional, mental e física, em doses homeopáticas. O terrorismo apenas cristaliza todos os ingredientes em suspenso”. BAUDRILLARD, Jean. *Power Inferno*. Tradução de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina. 2007. p. p. 33.

⁵⁸⁷ BAUDRILLARD, Jean. *Power Inferno*. Tradução de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina. 2007. pp. 75-7.

⁵⁸⁸ BAUDRILLARD, Jean. *Power Inferno*. Tradução de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina. 2007. pp. 69-70.

obsessão pela segurança, concebendo uma forma de vida que distribui pelo ar um terror perpétuo⁵⁸⁹?

A reavaliação de todos esses problemas pelo qual passou o conceito da antropotécnica não deve apenas incentivar a realização de um balanço histórico a fim de novamente balisarmos nossas formas de vida, mas é necessário perceber aquilo que “fizemos de nós mesmos” para possibilitar um trabalho necessário de reavaliação dos saberes.

⁵⁸⁹ BAUDRILLARD, Jean. *Power Inferno*. Tradução de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina. 2007. p. 49.

CAPÍTULO IV – ANTROPOTÉCNICA E TRANSMANISMO: DO APRIMORAMENTO HUMANO AO REGIME DA INFORMAÇÃO

A agenda biopolítica no que toca ao tema da antropotécnica se depara em nosso percurso com o assunto do transumanismo, que ganhou força desde o início do novo milênio. Tal expressão abarca problemas não apenas que dizem respeito ao presente, mas traz também visões de um futuro aberto. Ao lado do transumanismo encontra-se a expressão aprimoramento humano (*human enhancement*), que é normalmente utilizada para definir um conjunto bastante amplo de temas que apontam para o aumento das capacidades dos seres humanos. Sendo assuntos que se avizinham do velho humanismo letrado, ambos os temas podem ser lidos pela perspectiva da antropotécnica, permitindo a esse conceito abranger temas atuais que concernem aos seres humanos pelos problemas que são levantados quando são empregadas essas definições.

Ciência e técnica estão aqui envolvidas na meta da otimização humana com o apoio das tecnologias tanto materiais quanto de matriz simbólica, que atribuem um sentido novo e normalmente individual a determinados eventos, oportunizando avistar outras vias para a tarefa que consiste em decidir com responsabilidade sobre si mesmo. Em realidade, o que está por trás do transumanismo e do aprimoramento humano diz respeito a uma vontade de superação dos limites do corpo e da condição orgânica dos seres humanos com o apoio das promessas tecnocientíficas e das já disponíveis ferramentas de alargamento das possibilidades humanas. Esses temas encontram um amplo debate, em âmbito internacional, que percorre o aspecto meramente biológico e chega aos problemas desencadeados pelo mundo virtual.

Em todo caso, o humano e a técnica são componentes que permanecem no centro dos debates contemporâneos e vinculam não somente os saberes das ciências biológicas e de outras expressões das tecnologias do aprimoramento, mas também remetem a uma espécie de união de esforços com relação às contribuições das chamadas ciências humanas e das ciências ditas materiais. “Tecnologias da convergência”, nesse contexto, tornou-se a expressão definidora dessa estratégia de acumulação dos saberes (agora transformados em saberes informacionais, o conhecimento se torna dado, o caminho para isso é a cibernética), que foi sutilmente abordada nos capítulos precedentes, mas ainda não havia recebido, nos marcos do seu relato histórico, uma justa definição. Os relatórios que começaram a ser lançados no clarão do novo milênio evidenciaram uma disputa entre nações, culturas, campos, saberes, tecnologias, informações, espaços, etc., sendo todas essas expressões elementos de um reacender da velha contenda sobre

a condição humana⁵⁹⁰. Não seria equivocado dizer que as novas abordagens sobre o humano se distanciaram do velho paradigma da antropologia criminal, que sustentava certa inalterabilidade da natureza humana. Agora, o pressuposto antropotécnico de governo passaria por uma ideia de quase plasticidade total, que potencializa a noção de governo de si. Aqui vale a regra: “os limites do meu corpo se tornam os limites do meu mundo”. Porém, esse governo de si não coincide com a ideia de Sloterdijk sobre auto-operar-se de forma autêntica.

Nesse cenário, logo aparecem novos problemas que dizem respeito à constituição do ser no mundo, como, por exemplo, o próprio corpo e o espaço que estão a se diluir e a se liquidar em suas composições estáticas, assim como boa parte de nossas referências muito rapidamente estão a se esmorecer. Constata-se cada vez mais a ideia de que os seres humanos são seres em transformação e isso se dissemina como uma ideia amplamente aceita, fazendo-se abandonar as noções de estaticidade orgânica dos seres como nos antigos paradigmas biológicos que deram o ensejo para o positivismo lombrosiano. A plasticidade se torna um caminho e se transforma em abertura para a inserção no ciberespaço. Esse será o ensejo, desde a cibernética de Wiener, na década de 1940, para operar os saberes em sua totalidade e convertê-los em informação. Em última análise, a cibernética foi também responsável por codificar o mundo e ressignificá-lo pela forma da virtualização. Ou seja, esse percurso da transformação humana conduz a condição orgânica dos seres ao fluxo numérico da acumulação informacional. Virtualizar a condição humana e desmaterializá-la por meio do infinito numérico confirma a última parada da antropotécnica como sendo um processo cujo destino pode ser a ausência da significação⁵⁹¹ imunológica. Nesse futuro possível, a antropotécnica quiçá não será mais um conceito explicativo da experiência de mundo, porque não se tratará mais de produção do humano, senão de seres maquínicos.

⁵⁹⁰ Paul Virilio, o teórico do espaço, já dissera que não há corpo sem mundo. O corpo seria pensado não somente com relação ao outro, à mulher, ao homem, ao amigo, ao vizinho, ao inimigo, ao estrangeiro, mas também em relação ao mundo. Ser referir-se-ia à presença. Estar presente aqui, agora. As afirmações de Virilio não deixaram de lado o fato de que a partir da realidade virtual nossas noções de tempo e espaço se redefinem. O mesmo se diz em relação ao mundo. No espaço virtual haveria o problema de negar o aqui em favor do agora. Já não existe o aqui, porque tudo se torna agora. As novas tecnologias do transporte minimizam as distâncias do meio ambiente. Mas essa minimização contaminadora das distancias como produto da velocidade não pode ser vista, porque ela é mental. Uma nova relação entre corpo, técnica e espaço se já formava. VIRILIO, PAUL. *El Ciber mundo: la política de lo peor*. Tradução de Mónica Poole. Madri: Teorema, 1997. p. 46-60.

⁵⁹¹ Noutras palavras, a antropotécnica parece estar sendo empregada em função de uma forma peculiar de tanatopolítica, em um sentido semelhante ao desenvolvido por Campbell.

4.1 Aprimoramento humano e tecnologias convergentes: disputas antropotécnicas a partir do transumanismo

No ano de 2002, nos Estados Unidos, foi publicado um extenso relatório com o título *Converging Technologies for Improving Human Performance: Nanotechnology, Biotechnology, Information Technology and Cognitive Science*⁵⁹² (CT-NBIC). Tal informe, composto por diversos artigos das mais diversas áreas, promovido pela *Natural Science Foundation*, editado por Mihail Roco, um especialista em nanotecnologia, e pelo sociólogo William Sims Brainbridge, divulgou os resultados de investigações dos campos científicos da época e fez projeções sobre as possibilidades das décadas vindouras. As contribuições são de autoria de investigadores de diferentes universidades, agências e empresas, tendo todas como características comuns noções visionárias em suas respectivas áreas. O título já demonstra o propósito da menção da ideia de convergência, que consistiria no agrupamento das tecnociências (nano, bio, info, cogno) voltadas para o aprimoramento humano, representando uma unidade teórica entre as técnicas e as ciências lastreadas em certo materialismo científico. O relatório se ocupou não de questões filosóficas envolvendo a natureza humana, mas, sobretudo, das futuras possibilidades com a integração de tecnologias em nível nano, que descartam distinções do tipo: natural e artificial; homem e animal; humano e máquina; matéria inerte, vivente e pensante, etc. A abordagem trouxe a ideia de um engenheiro universal figurado por cada um dos seres humanos do globo. Assim, se tudo é material e produto de uma amálgama natural em grande medida atingida, seria o caso de se perquirir o aprimoramento técnico dos resultados a fim de engendrar novas construções⁵⁹³.

Mas o que seriam especificamente esses aprimoramentos? Como eles se realizariam? Alguns deles tratariam, por exemplo: da interface imediata entre cérebros e máquinas, colocando a possibilidade de melhorar o desempenho dentro da indústria, ou em combate, ou até mesmo na investigação científica, sendo todas técnicas biológicas de aprimoramento do desempenho físico, cognitivo e emocional, etc. Apesar de mencionar as dificuldades e os riscos envolvidos, o informe não se detém neles, pois seu propósito está muito mais relacionado à demonstração dos benefícios da convergência em curto e longo prazo, apontando, inclusive, ser

⁵⁹² ROCO, Mihail C.; BAINBRIDGE, William. *Converging Technologies for Improving Human Performance: Nanotechnology, Biotechnology, Information Technology and Cognitive Science*. (Report), Kluwer, Boston Academic Publishers: 2003. Disponível em: “<http://www.wtec.org/ConvergingTechnologies/>”. Acesso em: 25/0/2018.

⁵⁹³ HOTTOIS, Gilbert. *Humanismo, Transhumanismo, PostHumanismo*. Tradução de Daniela Pabón e Gustavo Chirolla Ospina. Universidad El Bosque, Revista Colombiana de Bioética. Vol. 8, Nº 2, 2013.

essa a direção que o governo norteamericano deveria tomar, afinal de contas: o fundamental acerca dos problemas psicológicos, éticos e sociais teria relação com o manejo tecnocientífico. Ou seja, estamos mais uma vez envolvidos com temas fundamentalmente antropotécnicos quando se fala de transumanismo ou tecnologias de aprimoramento humano. Para se ter uma ideia, o relatório colocou em relevo que muitos impasses não poderiam ser simplesmente definidos pelos campos científicos, porque, para defini-los, depender-se-ia de decisões de cunho político, isto é, o aprimoramento das capacidades humanas seria assunto político de governo e de decisões de caráter antropotécnico, que são tomadas com base em valores específicos e em conceitos que se dispõe sobre o que é e o que vem a ser o humano. O que se extrai em grande parte dos textos reunidos nesse documento é que, em uma realidade mundial em evolução e potencialmente conflitiva, a decisão sobre o aprimoramento humano se tornou uma condição essencial para se posicionar de forma competitiva em termos econômicos, para garantir a segurança nacional, bem como para assegurar a superioridade dos Estados Unidos, algo que, conforme se lê, seria proveitoso para a humanidade como um todo – suposição esta que muito se assemelha ao velho discurso sobre a necessidade de os Estados Unidos se manterem na condição de guardiões do mundo. Não à toa que a segurança nacional tenha representado uma das preocupações do relatório⁵⁹⁴.

Logo em seguida, o relatório norteamericano (CT-NBIC) gerou algumas reações na Europa. Eis que, em 2004, o repórter e filósofo alemão, Alfred Nordmann, em *Converging Technologies: shaping the future of European Societies*⁵⁹⁵, concentrou seus esforços no interesse de deslocar a perspectiva CT-NBIC para uma abordagem CTEKS (*Convergent Technologies for the European Knowledge Society*) e procurou destacar os aspectos social, europeu e científico no seu empreendimento. O relatório europeu ampliou a concepção anterior das tecnologias convergentes (nano-bio-info-cogno) do relatório norteamericano (CT-NBIC), passando a utilizar a expressão *Widening the Circles of Convergence*⁵⁹⁶. De acordo com essa pretensão expansiva que visou a cooptar a totalidade dos saberes, vê-se nas primeiras páginas do informe a aglutinação: “Nano-Bio-Info-Cogno-Socio-Anthro-Philo-Geo-Eco-Urbo-Orbo-Macro-Micro”. O que se propôs nesse passo adicional da convergência alargada foi a integração das chamadas ciências humanas, reconhecendo, em realidade, as esferas do conhecimento que

⁵⁹⁴ HOTTOIS, Gilbert. *Humanismo, Transhumanismo, PostHumanismo*. Tradução de Daniela Pabón e Gustavo Chirolla Ospina. Universidad El Bosque, Revista Colombiana de Bioética. Vol. 8, Nº 2, 2013.

⁵⁹⁵ NORDMANM, Alfred. *Converging Technologies: Shaping the future of European Societies*. Bruxelas: Comissão Europeia, 2004.

⁵⁹⁶ NORDMANM, Alfred. *Converging Technologies: Shaping the future of European Societies*. Bruxelas: Comissão Europeia, 2004. p. 44.

pela mirada filosófica tiveram o nome de humanismo. Vislumbrou-se maior importância atribuída a essas áreas do saber do que aquele núcleo do CT-NBIC foi capaz de reconhecer com seu evento.

Em realidade, ciências e técnicas são convidadas a apoiar o campo das tecnologias convergentes para reunirem forças no objetivo comum de otimização humana não apenas pelo aprimoramento das tecnologias materiais, mas principalmente por aquelas de caráter simbólico, reconhecedoras de determinados valores. Por isso que a passagem do CT-NBIC para o CTEKS representa submeter os conhecimentos de caráter exclusivamente materiais aos conhecimentos e práticas tradicionais, logicamente pela pretensão de se fazer sobrepor os tradicionais temas humanistas às chamadas ciências duras como forma de dar continuidade a uma tradição europeia de cultivo de certos valores. Com isso, são atribuídas às tecnociências objetivos em conformidade com valores de cunho ético, social, filosófico e religioso. Ou seja, tratar-se-ia de conferir caráter normativo às tecnologias da convergência por meio dos saberes humanista⁵⁹⁷. E foi exatamente isso o que se revelou. O informe europeu destacou que seria necessário construir uma agenda política sedimentada em valores e objetivos comuns aos membros da União Europeia. A ideia seria dar alguma direção para as tecnologias convergentes, informando-as e as conformando. Reivindicou-se que a responsabilidade humana não fosse delegada aos processos automatizados do tipo maquínico, de modo que as CTEKS teriam de oferecer o suporte a decisões responsáveis⁵⁹⁸.

Então, uma das questões colocadas dizia respeito aos novos processos de regulamentação de usos e de práticas. Pela perspectiva do relatório europeu, os direitos fundamentais não oferecerão respostas adequadas aos desafios impostos pelas tecnologias convergentes, sobretudo se pensarmos na inviolabilidade do corpo humano. Significa dizer que o direito não seria capaz de formular regras antropotécnicas em uma perspectiva fundamentadora de seu uso e autodisposição, revelando-se, nessa afirmação, uma diferença substancial em relação àquela defesa realizada por um jurista como Bevilaqua⁵⁹⁹, no início do séc. XX, que acreditava que o direito seria o campo responsável pela orientação dos saberes como um regulador técnico, conforme se pôde ver no segundo capítulo. Daí a questão que se

⁵⁹⁷ HOTTOIS, Gilbert. *Humanismo, Transhumanismo, PostHumanismo*. Tradução de Daniela Pabón e Gustavo Chirolla Ospina. Universidad El Bosque, Revista Colombiana de Bioética. Vol. 8, Nº 2, 2013.

⁵⁹⁸ “Em vez de delegar a responsabilidade humana a processos automatizados semelhantes a máquinas, as CTEKS devem apoiar e sustentar o julgamento responsável?”. NORDMAN, Alfred. *Converging Technologies: Shaping the future of European Societies*. Bruxelas: Comissão Europeia, 2004. p. 42.

⁵⁹⁹ BEVILAQUA, Clóvis. Juristas Filósofos. In : *Revista Brasileira*. Rio de Janeiro, tomo nono, 1897. pp. 101-10, 137-50.

deve levantar para esse novo estágio: os padrões da ética médica seriam tranquilamente aplicados a um indivíduo que utilizasse um implante para estimular sua felicidade? E como diferenciar um psicofármaco prescrito, decisões acerca do próprio estilo de vida, uso de drogas ilícitas e um eletrodo implantado voluntariamente no próprio corpo? As leis que proíbem o *doping* esportivo ou as maneiras de obtenção de vantagens individuais poderiam ser estendidas ao mercado de trabalho⁶⁰⁰ com sua peculiar lógica de concorrência, como bem destaca o modelo neoliberal que torna qualquer um empresário de si? O relatório europeu contesta o aprimoramento das capacidades humanas pelo uso de tecnologias materiais, dizendo não ser essa uma prioridade. Tais tecnologias deveriam ser reservadas ao trabalho terapêutico no âmbito da ética médica tradicional. A melhora (*enhancement*) estaria reservada ao conhecimento (do homem e da natureza) e ao ambiente (natural e artificial). Nessa visão, seria ao entorno que as tecnologias materiais deveriam ser aplicadas. O corpo e o cérebro humanos não integrariam os objetivos principais desse campo. O que se tornou visível nesse manifesto foi a defesa dos interesses que circundam a identidade europeia ao fazer menção a valores tais como a dignidade, a igualdade, a integridade, a liberdade, a solidariedade e a justiça. Esses seriam valores universais dos quais a Europa seria a guardiã. Foi sobre esse conjunto de valores que a União Europeia pretendeu reafirmar sua supremacia. Os pressupostos dessa ética não seriam outros senão o humanismo judeocristão e o humanismo filosófico tradicional, que se traduzem pela imagem do homem e, especialmente, na imagem do homem na relação que ele mesmo estabelece com a própria natureza. Esse tipo de humanismo vê o futuro por meio do aprimoramento do ambiente e do autoaprimoramento obtido pelas antropotécnicas tradicionais como: educação, boas relações, instituições justas, solidárias, etc. Hottois, alguém que vê com bons olhos os temas do transumanismo, considera que essa seria uma imagem relativamente obsoleta do homem, que estaria implícita no relatório CTKS; ao passo que a atualização do ser humano e do seu lugar no universo foi algo que o transumanismo soube realizar em suas definições⁶⁰¹.

No mesmo ano de 2004, na atmosfera das publicações concernentes à União Europeia, foi publicado o relatório *Converging Technologies and the Natural, Social and Cultural*

⁶⁰⁰ Como acontece nos esportes de autorrendimento em que técnicas ambientais são empregadas para ampliar as capacidades do corpo, como a atividade física em altitudes elevadas com o oxigênio rarefeito ou até mesmo o uso de máscara de gás em corridas e outras atividades aeróbicas a fim de aumentar os glóbulos vermelhos no sangue, facilitando a distribuição de oxigênio no corpo. NORDMANM, Alfred. *Converging Technologies: Shaping the future of European Societies*. Bruxelas: Comissão Europeia, 2004. p. 32.

⁶⁰¹ HOTTOIS, Gilbert. *Humanismo, Transhumanismo, PostHumanismo*. Tradução de Daniela Pabón e Gustavo Chirolla Ospina. Universidad El Bosque, Revista Colombiana de Bioética. Vol. 8, Nº 2, 2013.

*World*⁶⁰², editado por *Foresighting the New Technology Wave*, que teve como proponente Wolfgang Bibel, um alemão especialista em inteligência artificial. Sua postura foi de crítica ao relatório norteamericano CT-NBIC. Entre outras coisas, o relatório denunciou a ideia de plasticidade indefinida dos seres humanos. Esse ponto cego deveria ser devidamente descoberto e diagnosticado, segundo o documento⁶⁰³.

No ano de 2009, foi lançado um dos mais importantes documentos sobre o tema do transumanismo: o relatório *Human Enhancement*, encomendado pelo Parlamento Europeu, por meio da Unidade de STOA (*Science and Technology Options Assessment*), tendo a participação de diversos autores e contando com dois centros de pesquisa, um alemão e outro holandês. A definição apresentada sobre o aprimoramento humano foi a seguinte: “definimos o aprimoramento humano [*human enhancement*] como uma modificação que tem o objetivo de desenvolver a performance humana individual por meio de intervenções científicas ou tecnológicas no corpo humano”⁶⁰⁴. Com isso estaria presente a ideia de que a medicina seria a responsável pelas práticas do aprimoramento e, por isso, seria incentivada a medicalização de comportamentos, mesmo no caso daqueles antes entendidos como não patológicos⁶⁰⁵. Hottois percebe nesse aspecto o fato de a sociedade do desempenho reduzir comportamentos em infranormais, insuficientes e insatisfatórios, que em outro contexto social e psicoeconômico diferentes seriam provavelmente satisfatórios. Isso explicaria o uso de medicamentos fora de situação terapêutica. Daí que, por exemplo, uma terapia tecnicamente exitosa encontraria seu término com a cura. No entanto, não se aplicaria o mesmo entendimento à lógica do aprimoramento, que não teria fim, pois não é a doença que está em questão, senão o aprimoramento humano. Vários seriam os exemplos das tecnologias do aprimoramento, que

⁶⁰² BIBEL, Wolfgang. *Converging Technologies and the natural, social and cultural world*. European Commission HLEG *Foresighting the New Technology Wave, Special Interest Group-report*. Bruxelas, 2004.

⁶⁰³ BIBEL, Wolfgang. *Converging Technologies and the natural, social and cultural world*. European Commission HLEG *Foresighting the New Technology Wave, Special Interest Group-report*. Bruxelas, 2004. p. 62.

⁶⁰⁴ “Definimos 'aprimoramento humano' como uma modificação que objetiva o melhoramento da performance huana a promove intervenções no corpo humano baseadas na ciência ou na tecnologia. Essa definição inclui 'força', segundo estágio de formas de aprimoramento humano com efeito a longo prazo, efetivos ou permanentes, bem como aprimoramentos temporários. Por não estar relacionado a um conceito específico de saúde, este é um conceito não médico de aprimoramento humano”. *Human Enhancement*. Bruxelas: Parlamento Europeu, 2009. p. 17.

⁶⁰⁵ A medicalização da sociedade estaria, segundo esse estudo, relacionada a diversos fatores, entre os quais: quando os problemas não-médicos são tratados como médicos, especialmente em termos de distúrbios psíquicos. Tal tendência é vista em um panorama de mudanças ainda maior que (a) questiona a autoridade médica por parte do paciente, especialmente se observarmos o uso da internet com seus incontáveis sites sobre questões médicas; (b) o novo controle de custos nos cuidados médicos; (c) comercialização dos medicamentos que utiliza estratégias de marketing destinadas diretamente ao consumidor; (d) mudança da noção de paciente para consumidor; (e) advento da biotecnologia e da neurotecnologia, que promovem novas abordagens sobre os distúrbios do corpo e da mente humana. *Human Enhancement*. Bruxelas: Parlamento Europeu, 2009. p. 58.

iriam do mais comezinho ao assunto transumanista; do uso de anfetaminas a drogas estimulantes (Ritalina, Prozac, Aderall); de *doping* no esporte à terapia genética e ao eugenismo; de híbridos homem-máquina (cyborg), *humanity 2.0*, a próteses cerebrais (parabiose); do mundo físico ao ciber mundo⁶⁰⁶.

O relatório *Human Enhancement* levou em consideração que o debate sobre o transumanismo tocaria às áreas da filosofia, da religião, da política, da ética, e do crime⁶⁰⁷, revelando que suas questões são, de certa maneira, novas por essa perspectiva, pois conectariam projetos de ciência e ficção e passariam a tornar o transumanismo um tema verdadeiramente político. De acordo com o relatório, constata-se uma tendência em querer criminalizar as práticas do aprimoramento, a exemplo do *doping* no esporte. Alertou-se que seria preciso tomar o devido cuidado para não se produzir uma população inteira de criminosos com a tendência criminalizante. A sugestão seria abordar a questão sob o ponto de vista político, e não criminal, sob pena de se promover a realização de práticas subterrâneas, que são sem dúvida mais difíceis para se exercer o controle e o monitoramento. Não obstante, a fim de firmar sua legitimidade, o transumanismo, ou ao menos por parte daqueles que defendem sua bandeira, tem se revelado como um projeto de continuidade da ilustração e oriundo de um humanismo laico. Hottois sustenta que seria um equívoco entender o transumanismo como um projeto exclusivamente americano ou anglosaxão. A própria União Europeia estaria comprometida de uma maneira muito ambígua com os projetos tecnocientíficos, e ainda que estes não mencionem expressamente o aprimoramento, é inegável que podem conduzir a ele, algo típico de situações conhecidas como *dual use*, que ocorrem quando uma técnica indica uma função determinada, porém sem excluir a produção de outros efeitos possíveis. Daí que, se acaso procurasse manter uma posição reguladora menos liberal nas questões do aprimoramento, a União Europeia poderia ensejar seu enfraquecimento diante da lógica de competição global. Para além dessas questões, Hottois chega a defender que o transumanismo tem de ser visto como um tópico relevante não só para o campo acadêmico, comercial ou cultural. Sua importância tem a ver com o seu uso no contexto sóciopolítico contemporâneo, pois o imaginário especulativo relacionado ao aprimoramento tornou-se capaz de influenciar o cidadão que vota e que compra.

⁶⁰⁶ OLIVEIRA, Diego Viana de. *A técnica como modo de existência em Gilbert Simondon: tecnicidade, alienação e cultura*. Curitiba: Dois Pontos, volume 12, número 01, 2015. p. 83-98.

⁶⁰⁷ *Human Enhancement*. Bruxelas: Parlamento Europeu, 2009. p. 201.

De fato, o transumanismo, contemporaneamente relacionado às propostas liberais e individualistas⁶⁰⁸, é um dos assuntos antropotécnicos mais importantes do presente.

4.2 O panorama do transumanismo: dos bioconservadores à dignidade pós-humana

O transumanismo concebe a ideia de que a condição humana será radicalmente modificada pela tecnologia: expandindo seus limites em termos de eliminação do sofrimento indesejado, extinguindo a ideia de envelhecimento, expandindo a longevidade, aumentando as capacidades cognitivas e morais, enfim, essas promessas serão realizadas em um futuro próximo pelo exponencial avanço da técnica. A própria morte se tornou um tema de fundamental relevância para o transumanismo com o anúncio de tecnologias da ciência-ficção que poderão colocar em suspenso a condição de ser-para-a-morte – de modo crônico –, promovendo, possivelmente, certo tipo de ressurreição por meio de *up/downloading* de um indivíduo⁶⁰⁹. Em verdade, é a questão da promoção da vida que se coloca ao centro dos interesses.

Começa a se tornar perceptível que a abordagem transumanista tem suas raízes no evolucionismo com seu olhar lançado para a evolução humana, não exclusivamente natural, mas desde a preponderância do ângulo tecnológico. Além disso, o transumanismo tem chamado à atenção para a ideia de que toda técnica tem servido para o aprimoramento das capacidades humanas. Afinal de contas, toda a tecnologia nos transforma. Por isso, não parece despropositado dizer que as tecnologias têm inúmeras implicações sobre o humano, algumas claras, outras obscuras, permitindo compreender-se a ideia de que, quando inventamos uma ferramenta, é como se ela também nos inventasse⁶¹⁰. Daí que o conceito de antropotécnica vem a especificar o nível corpóreo das modificações, pois o corpo é um dos aspectos mais importantes para as nossas identidades do que qualquer outro⁶¹¹. Com a crença no progresso, a

⁶⁰⁸ HOTTOIS, Gilbert. *Humanismo, Transhumanismo, PostHumanismo*. Tradução de Daniela Pabón e Gustavo Chirolla Ospina. Universidad El Bosque, Revista Colombiana de Bioética. Vol. 8, Nº 2, 2013.

⁶⁰⁹ HOTTOIS, Gilbert. *Humanismo, Transhumanismo, PostHumanismo*. Tradução de Daniela Pabón e Gustavo Chirolla Ospina. Universidad El Bosque, Revista Colombiana de Bioética. Vol. 8, Nº 2, 2013.

⁶¹⁰ OLIVEIRA, Diego Viana de. *A técnica como modo de existência em Gilbert Simondon: tecnicidade, alienação e cultura*. Curitiba: Dois Pontos, volume 12, número 01, 2015. p. 83-98.

⁶¹¹ Não à toa que Lacan desenvolve a “fase do espelho” como importante estágio de formação do eu. Seria basicamente quando a criança entre os três anos de idade toma consciência do seu corpo uma totalidade ao estar no colo do adulto em frente ao espelho. O que antes eram fragmentos dispersos passa a representar a totalidade de identificação orgânico-psíquico-corporal, ou seja, a forma total do corpo e o sujeito assume uma imagem. Nas palavras de Lacan: “A forma total do corpo pela qual o sujeito antecipa numa miragem a maturação de sua potência só lhe é dada como *Gestalt*, isto é, numa exterioridade em que decerto essa forma é mais constituinte do que constituída, mas em que, acima de tudo, ela lhe aparece num relevo de estatura que a congela e numa simetria que

continuidade da técnica, por meio da evolução e da história humana, novas formas de vida ser tornarão possíveis. E nisso os próprios críticos do modelo neoliberal - que veriam apenas uma radical mudança em nossas formas de vida como uma resposta à crise engendrada pelo governo do neoliberalismo que se instalou no mundo todo - parecem estar em sintonia com os autores do transumanismo, nesse aspecto bastante pontual⁶¹².

Um teórico de destaque nesse tema é sem dúvida Nick Bostrom, que concebeu o transumanismo como um movimento que se desenvolveu gradualmente nas últimas décadas e que promoveu a compreensão transdisciplinar para o aprimoramento e a melhora da condição humana a partir das novas tecnologias. O foco transumanista estaria tanto nas tecnologias atuais - engenharia genética, tecnologias da informação -, como nas tecnologias futuras - nanotecnologia molecular e inteligência artificial. O debate sobre o aprimoramento humano abrangeria os seguintes pontos: ampliação da saúde, erradicação de doenças, eliminação do sofrimento desnecessário, aumento das capacidades intelectuais, físicas e emocionais, etc. Com temas mais ligados à ficção científica – mas também transumanistas – estariam: a colonização do espaço, a criação de máquinas superinteligentes e a possibilidade de modificação radical da condição humana⁶¹³.

Bostrom procurou descrever a origem do transumanismo desde os esforços humanos mais longínquos na história, quando, segundo ele, o homem buscou prolongar a vida terrena. O autor fala do rei sumério, Gilgamesh, que desejava obter a vida eterna, e das sucessivas tentativas dos alquimistas, que queriam criar um elixir para prolongar a existência. Bostrom também insere no assunto transumanista as escolas do taoísmo esotérico chinês, que procuravam a imortalidade física na harmonia com as forças da natureza. Ainda que algumas dessas antigas descobertas pudessem trazer alguns benefícios aos seres humanos, como o uso de corantes por obra dos alquimistas, todos esses esforços se tornaram ilusórios em relação ao

a inverte, em oposição à turbulência de movimentos com que ele experimenta animá-la. Assim, essa *Gestalt*, cuja pregnância deve ser considerada como ligada à espécie, embora seu estilo motor seja ainda irreconhecível, simboliza, por esses dois aspectos de seu surgimento, a permanência mental do [eu], ao mesmo tempo que prefigura sua destinação alienante; é também prenhe das correspondências que unem o [eu] à estátua em que o homem se projeta e aos fantasmas que o dominam, ao autômato, enfim, no qual tende a se consumir, numa relação ambígua, o mundo de sua fabricação”. LACAN, Jacques. *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 98.

⁶¹² “‘Aprimoramento humano’ será entendido como ‘A atividade ou técnica de transformação não médica de um ser humano modificando seu corpo’”. GOFFETTE, Jérôme. *Technology, Body and Human Enhancement: prospects and justice*. In: McGuire Michael & Holt Tom: *Handbook of Technology, Crime and Justice*, London: Routledge. pp. 654-672.

⁶¹³ BOSTROM, Nick. *Transhumanist Values*. Review of Contemporary Philosophy, v. 4, issue 1-2, p. 87- 101, 2005c. Ver também: BOSTROM, N. et al. The transhumanist FAQ, version 2.1, 2003.

seu verdadeiro propósito de tornar possível a vida eterna. Por certo, a questão transumanista tem sido definida pela procura por transcender nossos limites naturais, o que, no entanto, tem sido visto de forma ambivalente, a ponto de criar dois posicionamentos distintos: de um lado estão os transumanistas, que defendem o uso das novas tecnologias de forma ampla; de outro, estão os bioconservadores, que veem com maus olhos o uso de tecnologias que possam alterar substancialmente a condição humana. Em defesa do transumanismo, Brostom argumenta que o humanismo renascentista já havia concebido a ideia de pessoas bem dotadas, aquelas que seriam mais bem desenvolvidas científica, moral e culturalmente. Brostom menciona, nesse aspecto, a oração filosófica de Giovanni Pico Della Mirandola, no *Discurso Sobre a Dignidade do Homem*, ao proclamar que o homem não dispõe de uma forma acabada e se torna responsável por se moldar⁶¹⁴. Em seguida, a era do iluminismo seria reconhecida como aquela que propôs uma metodologia baseada na investigação empírica e na razão *a priori*. A herança do renascimento combinaria as influências de Isac Newton, Thomas Hobbes, John Locke, Immanuel Kant, Marquês de Condorcet, entre outros, para solidificar as bases da razão humana, enfatizando a razão crítica e a ciência empírica em contraposição à autoridade religiosa. Tudo corresponderia à forma de conhecer o mundo natural, de entender o nosso lugar nesse mesmo mundo e, a partir disso, firmar as bases para a moralidade. O transumanismo firmaria suas raízes no humanismo racional e nos séculos XVIII e XIX teria se tornado mais nítida a possibilidade de modificar os seres humanos por meio da ciência. Daí que em Condorcet, por exemplo, os transumanistas vislumbrariam um relevante pensador que especulou sobre a extensão da vida no uso da ciência médica. Mais enfaticamente, será a partir da publicação de *A Origem das Espécies*⁶¹⁵ que cada vez mais a humanidade em sua composição atual passaria a ser vista não como um estágio final de evolução, senão em sua fase inicial. Uma espécie de fisicalismo começou a tomar conta desse tema, quando, ao se pressupor que os seres humanos seriam

⁶¹⁴ “Estabeleceu, portanto, o óptimo artífice que, àquele a quem nada de especificamente próprio podia conceder, fosse comum tudo o que tinha sido dado parcelarmente aos outros. Assim, tomou o homem como obra de natureza indefinida e, colocando-o no meio do mundo, falou-lhe deste modo: ‘Ó Adão, não te demos nem um lugar determinado, nem um aspecto que te seja próprio, nem tarefa alguma específica, a fim de que obtenhas e possuas aquele lugar, aquele aspecto, aquela tarefa que tu seguramente desejares, tudo segundo o teu parecer e a tua decisão. A natureza bem definida dos outros seres é refreada por leis por nós prescritas. Tu, pelo contrário, não constrangido por nenhuma limitação, determiná-Ia-ás para ti, segundo o teu arbítrio, a cujo poder te entreguei. Coloquei-te no meio do mundo para que daí possas olhar melhor tudo o que há no mundo. Não te fizemos celeste nem terreno, nem mortal nem imortal, a fim de que tu, árbitro e soberano artífice de ti mesmo, te plasmasses e te informasses, na forma que tivesses seguramente escolhido. Poderás degenerar até aos seres que são as bestas, poderás regenerar-te até às realidades superiores que são divinas, por decisão do teu ânimo’”. PICO DELLA MIRANDOLA, Giovanni. *Discurso sobre a dignidade do homem*. Tradução e introdução de Maria de Lurdes Sirgado Ganho. Lisboa: Edições 70, 2001. p.57.

⁶¹⁵ DARWIN, Charles. *A Origem das Espécies*. Tradução de Carlos Duarte e Anna Duarte. São Paulo: Martin Claret, 2014.

constituídos da mesma matéria que se submete às leis da física, tornando-se possível modificar a própria natureza humana tal como os objetos são manipulados⁶¹⁶.

Brostom não desconhece os diversos movimentos que contrabalançaram os ideais iluministas. Do romantismo à crítica à razão instrumental, os escritos pós-modernos, os movimentos ambientalistas, os movimentos antiglobalização, etc. Contudo, o legado do iluminismo que o autor relaciona ao transumanismo estaria descrito na provocação kantiana, *sapere aude!* Em última análise, tratar-se-ia de ter a coragem de usar a própria inteligência. No entanto, o transumanismo encontraria boa parte de sua força em doses consideráveis de especulação, na imaginação sobre o futuro, que, segundo Brostom, bem pode ser reconhecida em J.B.S. Haldane, bioquímico famoso, do início do séc. XX, que via no futuro grandes benefícios com o controle da genética e da ciência em geral: sociedades mais ricas, abundantes, mais limpas, pessoas mais altas e inteligentes e a própria ideia de ectogênese (criação de fetos em úteros artificiais) seria, nessa projeção, peça de uma realidade futura possível. Brostom, por ser um militante do transumanismo, diz que até hoje não houve inovação relevante, do fogo ao voo, que não representasse uma ofensa a um Deus. Um inventor seria sempre um Prometheus. O mesmo se refere às alterações biológicas. Não haveria modificação que não soasse como bizarra, indecente ou antinatural. A partir do ensaio de Haldane, uma enxurrada de reflexões foi desencadeada. Adols Huxley, em *Admirável Mundo Novo*⁶¹⁷, desenhou um cenário necessariamente transumanista de modificação tecnológica do mundo e dos seres humanos, que pelo uso do *soma* a população se manteria estática e conformista. As crianças são geradas artificialmente por clínicas de fertilidade. As castas inferiores são privadas de oxigênio a fim de suas capacidades restarem reduzidas. Já em *1984*⁶¹⁸, George Orwell centraliza na sua distopia a vigilância absoluta sobre os indivíduos, que também teria em comum o uso da tecnologia de forma negativa, em razão de o seu uso positivo desequilibrar a ordem das coisas⁶¹⁹.

⁶¹⁶ BROSTOM, Nick. *A History of Transhumanist Thought*. In: *Journal of Evolution and Technology* - Vol. 14 Issue 1 - April 2005; reprinted (in its 43 present slightly edited form) in *Academic Writing Across the Disciplines*, eds. Michael Rectenwald & Lisa Carl. New York: Pearson Longman, 2011.

⁶¹⁷ HUXLEY, Adols. *Admirável Mundo Novo*. Tradução de Lino Vallandro e Vidal Serrano. São Paulo: Globo, 2009.

⁶¹⁸ ORWELL, George. *1984*. Tradução de Alexandre Hubner, Heloisa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

⁶¹⁹ BROSTOM, Nick. *A History of Transhumanist Thought*. In: *Journal of Evolution and Technology* - Vol. 14 Issue 1 - April 2005; reprinted (in its 43 present slightly edited form) in *Academic Writing Across the Disciplines*, eds. Michael Rectenwald & Lisa Carl. New York: Pearson Longman, 2011.

No início do séc. XX, de racistas a ideólogos, diversos foram aqueles que se ocuparam dos efeitos da medicina e das redes de controle social lançando mão de ferramentas genéticas. Muitos acreditaram que a sociedade moderna estaria a promover a sobrevivência de indivíduos inaptos, que, se vivessem em tempos anteriores, pereceriam. Não foram poucos os países que fizeram uso de programas de eugenia, violando direitos humanos em várias dimensões. Nos Estados Unidos⁶²⁰, entre os anos de 1907 a 1963, há a estimativa de que 64.000 indivíduos tenham sido esterilizados sob o pretexto das leis de caráter eugênico (alguns Estados como o da Virgínia continuaram até o ano 1979), cujas vítimas foram deficientes físicos e mentais, cegos, surdos, indivíduos fisicamente deformados, pobres e sem-teto. Entretanto, a esterilização norte-americana não chegou a se comparar minimamente à eugenia promovida pelo holocausto e à ideologia nacionalsocialista⁶²¹. Os movimentos eugênicos acabaram sendo universalmente condenados em razão dos crimes que foram cometidos em seu nome. O panorama de projeção de um mundo melhor, na visão de Brostom, começaria a aparecer somente pelas esperanças atribuídas ao progresso científico e tecnológico. Viagens ao espaço, computadores e outras variantes da tecnologia teriam realimentado as esperanças nesse novo período. A aceleração das inovações no campo tecnológico começava, então, a causar espanto. Ciência e especulação começaram a andar de mãos dadas. Daí que o transumanismo passou a ser discutido, principalmente, pela literatura de ficção científica. De acordo com Brostom, a palavra transumanismo parece ter sido empregada pela primeira vez pelo irmão de Aldous Huxley, Julian Huxley, que foi um reconhecido biólogo (primeiro diretor-geral da UNESCO e um dos fundadores do *World Wildlife Fund*)⁶²², que sustentou que a espécie humana poderia transcender a si mesma, não apenas os indivíduos de forma isolada, mas a humanidade como um todo⁶²³.

Segundo certos prognósticos, a rapidez das inovações tecnológicas contínuas nos levaria a aceitar a conseqüente ideia de profunda modificação humana em um futuro próximo. Nesse campo, estaria em evidência, desde o ano de 1965, a Lei de Moore (lançada por Gordon Earl Moore, fundador da *Intel*), que afirmou que a potência dos computadores dobraria a cada

⁶²⁰ Ver por em: “<http://www.bbc.com/portuguese/internacional-39625619>”. Acesso em: 31/05/2018.

⁶²¹ BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e Holocausto*. Trad. De Marcos Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e Ambivalência*. Trad. De Marcos Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

⁶²² BROSTOM, Nick. *A History of Transhumanist Thought*. In: *Journal of Evolution and Technology* - Vol. 14 Issue 1 - April 2005; reprinted (in its 43 present slightly edited form) in *Academic Writing Across the Disciplines*, eds. Michael Rectenwald & Lisa Carl. New York: Pearson Longman, 2011.

⁶²³ Julian Huxley dispôs de uma frutífera produção bibliográfica, podendo-se encontrar disponibilizados em alguns sites ensaios de sua autoria. Ver, por exemplo, *The New Divinity* em: “http://www.update.uu.se/~fbendz/library/jh_divin.htm”. Acesso em 30/05/2018.

dezoito meses. Ray Kurzweil, alguém que obteve muitos acertos na história das previsões do futurismo⁶²⁴, estendeu essa previsão às tecnologias baseadas em informação. Uma das previsões de Kurzweil seria a de que a *singularidade* (marco temporal em que a inteligência artificial, nessas perspectivas, ultrapassará a inteligência dos seres humanos) se tornará definitiva no ano de 2045. O tema da singularidade apontaria para a hipótese de algum tipo específico de descontinuidade na história. Atualmente, afirma-se que a singularidade conduzirá à previsão da inteligência artificial que se autoaperfeiçoará e que provocará mudanças radicais em um curto espaço de tempo em toda a nossa ideia de conhecimento e técnica. Em 1965, Irving John Good⁶²⁵, a propósito, já falava da necessidade de se criar uma máquina super inteligente que abriria as portas da criação de máquinas ainda mais aprimoradas, algo como uma clareira não do ser, mas da máquina. Com isso, haveria uma explosão de inteligência, de modo que a inteligência humana seria rapidamente ultrapassada. Nessa esteira de eventos, no ano de 1993, Vernor Vinge lançou a previsão de que no período de trinta anos teríamos as ferramentas tecnológicas para dar vida a um tipo de inteligência sobrehumana e, não muito tempo depois dessa criação, a própria era humanista encontraria seu fim para dar espaço à era transumanista. Ocorre que, atualmente, o transumanismo estaria dividido, pois não seria consenso que mudanças súbitas seriam patrocinadas pelo progresso científico e tecnológico⁶²⁶.

Estipula-se que, se algum tipo de tecnologia transumanista radical (superinteligência, nanotecnologia molecular, *upload* da mente humana, etc.) for amplamente desenvolvida e passar a ser utilizada efetivamente, é bem provável que a condição humana sofrerá tremendas modificações. E justamente em razão do impacto que tais tecnologias poderão promover é que elas merecem maior atenção. Ocorre que o transumanismo parece não depender da concretização dessas tecnologias radicais futuras para ganhar prestígio político e científico, pois basta ver os diversos exemplos de tecnologias atualmente existentes, cuja combinação, sem dúvida alguma, já está a promover transformações radicais na condição humana: realidade virtual; engenharia genética⁶²⁷; produtos destinados ao aprimoramento da memória, à

⁶²⁴ Ver em: “<https://medium.com/futuro-exponencial/conhe%C3%A7a-as-previs%C3%B5es-de-ray-kurzweil-para-o-futuro-da-humanidade-267ddcf04b27>”. Acesso em: 31/05/2018.

⁶²⁵ Sobre o tema, ver em: “<http://www.bigdatabusiness.com.br/historia-inteligencia-artificial/>”. Acesso em 31/05/2018.

⁶²⁶ BROSTOM, Nick. *A History of Transhumanist Thought*. In: *Journal of Evolution and Technology* - Vol. 14 Issue 1 - April 2005; reprinted (in its 43 present slightly edited form) in *Academic Writing Across the Disciplines*, eds. Michael Rectenwald & Lisa Carl. New York: Pearson Longman, 2011.

⁶²⁷ Julian Savulescu trouxe a ideia de benefício produtivo, que consiste em selecionar a criança que teria a melhor vida, na hipótese de os pais tiverem as informações disponíveis. Não seria o caso de promover uma classificação da vida de acordo com o bem-estar, mas seria na hipótese de pares em que seja possível fazer essa escolha. Um casal que, por exemplo, realiza fertilização *in vitro* deve selecionar aqueles embriões idênticos a não ser que algum

necessidade de sono⁶²⁸, à regulação do humor; cirurgia estética, operações de mudança sexual; próteses; medicamentos contra o envelhecimento; interface entre homem e computador, etc. Na visão de Brostom, a agenda transumanista, que pretende tornar essas tecnologias seguras e acessíveis a todos os indivíduos, revela-se cada vez mais importante na medida em que conecta todos esses temas na atualidade⁶²⁹.

Nesse contexto, haveria dois tipos importantes de aprimoramento: de um lado, aqueles que ofereceriam vantagens posicionais, como o aumento da altura, por exemplo, e que apenas são considerados como vantagens porque os outros indivíduos não as possuem; e, de outro, vantagens intrínsecas, que têm como exemplo o aprimoramento imunológico ou a melhora no sistema cognitivo. O aprimoramento do segundo tipo é o que deveria ser promovido e não aquele que se destacaria por possibilitar vantagens de posicionamento social. Brostom sugere que temos de desenvolver mais os nossos possíveis modos de vida, que atualmente são inacessíveis à alteração profunda por causa de nossa condição biológica. Ele defende, além disso, que existe uma urgência moral em desenvolver uma concepção de dignidade humana ampliada com a proposta de adequar a dignidade pós-humana e transumana. Isso porque o transumanismo seria compatível com uma ampla gama de visões políticas, exceto com as mais conservadoras (bioconservadorismo) que se opõem ao uso da tecnologia para expandir as capacidades humanas⁶³⁰. Isso assim seria porque o transumanismo estaria comprometido com uma agenda de transformação. Mas é claro que o uso de tecnologias futuras não estaria livre de reforçar valores conservadores, como, por exemplo, a criação de um fármaco que contribuísse para a união de um casal e, portanto, seria capaz de fortalecer a família tradicional. O argumento central dos bioconservadores seria o de que as tecnologias transumanistas minariam a dignidade humana. Daí que a inclusão e o reconhecimento de uma dignidade pós-humana estaria também

deles apresenta alguma predisposição à asma. A sugestão é a de que os pais devem escolher o embrião saudável para realizar a implantação. SAVULESCU, Julian. *Procreative Beneficence: why we should select the best children*. *Bioethics*. **15** (5–6): 413–26, 2001. Disponível em: “<http://summerschool.globalbioethics.org/wp-content/uploads/2015/11/Savulescu-2001-Bioethics.pdf>”.

⁶²⁸ CRARY, Jhonatan. *24/7: capitalismo tardio e os fins do sono*. Tradução de Joaquim Toledo Jr. São Paulo: Ubu Editora, 2016.

⁶²⁹ BROSTOM, Nick. *A History of Transhumanist Thought*. In: *Journal of Evolution and Technology* - Vol. 14 Issue 1 - April 2005; reprinted (in its 43 present slightly edited form) in *Academic Writing Across the Disciplines*, eds. Michael Rectenwald & Lisa Carl. New York: Pearson Longman, 2011.

⁶³⁰ A origem do bioconservadorismo pode ser diversa: noções de tabu; visão romântica da natureza humana; ordem natural dada por deus; revolta contra a industrialização; crítica à tecnologia conjuntamente ao capitalismo; oposição ao consumismo, etc. Habermas e Fukuyama são apontados como bioconservadores. BROSTOM, Nick. *Is transhumanism the world's most dangerous idea?* 2004. Disponível em . Acesso em: 21 abr. 2013.

em pauta para os transumanistas. A dignidade humana⁶³¹ e pós-humana seriam complementares, até porque, segundo Brostom, para os olhos dos nossos antepassados, que foram os caçadores-coletores, nós mesmos já seríamos considerados os transumanos⁶³².

A autodefesa realizada pelos transumanistas centra-se na ideia de que as tecnologias de aprimoramento humano devem ser amplamente divulgadas e disponibilizadas aos indivíduos para que eles mesmos façam o que bem entenderem das suas próprias vidas, sem que se esqueçam de promover uma ética inclusiva, que não exclua padrões atuais e futuros de vida e de tecnologia com vistas ao progresso humano. Nesse contexto, afirma-se que a pesquisa genética evoluiu tão rapidamente que traços complexos, como o da inteligência, podem ser exemplos das importantes descobertas nesse campo. A defesa explícita do uso de novas técnicas de seleção pode ser encontrada em alguém como Julian Savulescu, que sustentou que o uso da tecnologia no campo genético deve ser permitido tanto em genes relacionados à doença, como em genes que não o sejam, mesmo que isso possa fomentar a desigualdade social. Os casais deveriam fazer uso da informação genética disponível, quando, por exemplo, for possível escolher entre um filho com doença e outro filho sem doença, realizando o que Savulescu chamou de procriação beneficente⁶³³.

Alguém considerado um bioconservador como Sandel criticou a posição de Savulescu, pois, para aquele, os pais que desejam melhorar os filhos, colocando-se no papel de projetistas, seriam os mais propensos ao exagero, tomando atitudes que seriam muitas vezes contrárias à ideia de amor incondicional. A obrigação de moldar os filhos para o sucesso não deixa de ser uma das características constantes do tempo presente. São comuns os casos de pais que projetam em seus filhos um grande desejo de sucesso e de realização, como no esporte e até mesmo na música⁶³⁴. Sem dúvida alguma, as novas projeções serão capazes de desencadear novos tipos de psicopatologias presente e futuro. Tem sido comum falar de epidemia de lesões nos esportes decorrentes do incentivo da sua prática desde a tenra infância. Tem sido comum também no mundo acadêmico a pressão exercida pelos pais, que realizam um amplo controle sobre a carreira de seus filhos. O desejo incontrolável de moldar a vida dos filhos e de

⁶³¹ A dignidade como limite frontal ao aprimoramento chegou a ser questionada, de modo que a liberdade, o consentimento informado, o princípio da autonomia seriam melhores fundamentos da pesquisa e da prática ética. PINKER, Steven. *The Stupidity of Dignity: Conservative bioethics' latest, most dangerous ploy*. In: *The New Republic*, Wednesday, May 28, 2008.

⁶³² BROSTOM, Nick. *In Defense Posthuman Dignity*. *Bioethics*, v. 19, n. 3, p. 202-214, 2005b.

⁶³³ SAVULESCU, Julian. *Procreative Beneficence: why we should select the best children*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2001.

⁶³⁴ Nesse aspecto, percebemos em alguma medida as mesmas preocupações hereditárias havidas no séc. XIX, assim como a existência àquela época de um pai projetista como foi o pai de Schreber.

administrar suas carreiras tem se intensificado desde os *baby boomers*, expandindo o curso da moldagem e do aprimoramento ao atender à demanda por desempenho. O uso explosivo de medicamentos como a Ritalina e o Adderall reflete a medida desses fenômenos. Diferentemente das décadas de 1960 e 1970, em que drogas como o LSD e a maconha eram utilizadas para descontraír, atualmente estão em destaque as drogas lícitas por serem abusivamente utilizadas para expandir a atenção na tentativa de adequar os indivíduos às demandas de competitividade. Sandel veria nesse importante exemplo o motivo para não abraçarmos a engenharia genética que alimenta dia a dia o sonho de pais ambiciosos que desejam moldar seus filhos e adequá-los à lógica do hiperdesempenho, tendência que estaria a se aproximar visivelmente da eugenia⁶³⁵.

Como entusiasta do ciber mundo, a preocupação com os filhos e com a educação daqueles que estão por vir apareceu nas palavras de Pierre Levy, quando este teórico convocou a todos a venerarem a consciência e o caráter mágico e sagrado da vida. O fim único da educação, para ele, não seria outro senão a consciência humana. Em sua direção expansiva, em sua possibilidade de ser livre, em seu amor por todas as formas, a educação contribuiria para que os pais empreendessem na formação de uma boa educação de seus filhos em todas as disciplinas (música, literatura, matemática, mecânica, biologia, psicologia, etc.). Cada disciplina cultural visaria à exploração das formas em diversos níveis. A transformação, a maleabilidade, a plasticidade, enfim, todos são formas e elementos que lhe permitem produzir deslocamentos antropotécnicos, pois as disciplinas mesmas não têm realidade, senão formas e, portanto, são virtuais. Pierre Levy escreve sobre isso, dizendo que: “a verdadeira educação e a verdadeira aprendizagem fundem todas as disciplinas em uma apreensão global para a qual a aprendizagem de si é tão importante quanto o conhecimento do mundo”⁶³⁶. O conhecimento de si tornou-se resultado de um amplo processo de mobilização virtual.

4.3 Convergências conceituais: do aprimoramento humano à produção antropotécnica

A expressão aprimoramento humano (*human enhancement*) remonta a práticas já milenares, mas na atualidade está relacionada às novas (psicoestimulantes, técnicas

⁶³⁵ “Hoje, no entanto, os pais exageradamente ambiciosos tendem a perder a medida na transformação do amor, ao promover e exigir todo tipo de conquista dos filhos”. SANDEL, MICHEL J. *Contra a Perfeição: ética na era da engenharia genética*. Tradução de Ana Carolina Mesquita. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013. pp. 62-72.

⁶³⁶ LÉVY, Pierre. *A Conexão Planetária: o mercado, o ciber espaço, a consciência*. Tradução de Maria Lúcia homem e Ronaldo Entler. São Paulo, Editora 34, 2001. p. 156

reprodutivas, etc.) e futuras (inteligência artificial, criação de máquinas superinteligentes, etc.) possibilidades das tecnologias. Sua definição mostra-se pertinente aos esquemas propostos pelo transumanismo que propõe o aprimoramento do corpo e da mente humana.

Mesmo que a expressão aprimoramento seja antiga e não disponha de um campo preciso, ela sofre uma viragem decisiva na década de 1980 com a obra *Enhancing Human Performance*, organizada por Druckman e Swets⁶³⁷, e que tempos depois foi analisada em um tópico do livro *Enhancing Human Traits: Ethical and Social Implications*⁶³⁸, de 1998, editado por Erik Parens. Pelo que se nota, Parens já começava a abordar o aprimoramento humano como um projeto, em seu artigo: *Is Better Always Good? The Enhancement Project*. Nos anos seguintes, o tema passou a ser debatido em diversos relatórios importantes nos Estados Unidos e na Europa, como foi demonstrado nos tópicos acima. Paralelamente à expressão aprimoramento humano, foi empregado o conceito da antropotécnica por Sloterdijk, que, na verdade, se trata de uma expressão já utilizada no final do séc. XIX, por Manouvrier, na ocasião das discussões sobre antropologia criminal; posteriormente, a antropotécnica aparece no ano de 1948, na obra de Goldfiem⁶³⁹, e, mais recentemente, é empregada por Hottois⁶⁴⁰ e Goffette⁶⁴¹. A expressão aprimoramento humano como rótulo acadêmico, sociológico e político é bastante recente. Seu significado é aberto e variável. Seu escopo não parece estar bem definido, mas envolve pesquisas que discutem: aprimoramento cognitivo, aumento das capacidades físicas, modificação das possibilidades reprodutivas, modificações químicas do humor, etc., seja através de métodos terapêuticos ou não terapêuticos. Esse campo tem gerado grandes especulações, mas também interesses de governos e instituições.

É fácil perceber que o campo do aprimoramento humano reúne elementos de diferentes composições, envolvendo atividades reais, tecnológicas, virtuais e teóricas. Como todas envolvem modificações humanas, elas tocam em questões extremamente importantes como a condição orgânica dos seres humanos, a forma como os indivíduos vivem em sociedade e regulamentam suas vidas. Em razão da largueza e da diversidade desse campo, acaba se tornando impossível abordar todas as questões aí implícitas. Goffette trará o seguinte conceito:

⁶³⁷ DRUCKMAN, Daniel; SWETS, John A. *Enhancing Human Performance: issues, theories and techniques*. Washington, DC: National Academy Press, 1988.

⁶³⁸ PARENS, Erik. *Enhancing Human Traits: Ethical and Social Implications*. Washington, DC: Georgetown University Press, 1998.

⁶³⁹ GOLDFIEM, Jean Schunck. *Anthropotechnie: de la science de l'homme à l'art de faire des hommes*. Paris: Calmann-Lévy, 1948.

⁶⁴⁰ HOTTOIS, Gilbert. *De l'anthropologie à l'anthropotechnique ? Tumultes n° 25*, 2005. p. 49-64.

⁶⁴¹ GOFFETTE, Jérôme. *Technology, Body and Human Enhancement: prospects and justice*. In: McGuire Michael & Holt Tom: *Handbook of Technology, Crime and Justice*, London: Routledge. pp. 654-672.

“o aprimoramento humano será entendido como 'a atividade ou técnica não-médica de transformação de um ser humano, modificando seu corpo’”⁶⁴². Entretanto, já que toda antropotécnica afetaria o corpo, Goffette propõe que riscos resultates de certas práticas deveriam ser medidos e criteriosamente avaliados. Para tanto, seria lógico realizar-se estudos investigativos de qualquer aprimoramento proposto, incluindo tanto riscos quanto vantagens, definindo padrões de uso, especificando a finalidade de protocolos determinados para cada produto. O que é certo é que o transumanismo não se limitaria ao campo de discussão sobre o aprimoramento genético no âmbito médico ou estritamente biológico. Essas são apenas partes integrantes das temáticas envolvidas no grande conjunto das tecnologias convergentes. Entre a variedade de temas que tem sido discutida nos últimos tempos sobre a noção transumana, a *internet*, o ciberespaço, o virtual, etc., aparecem como assuntos centrais nesse campo, pois também são temas antropotécnicos e, portanto, biopolíticos por definição. As modificações humanas presentes e futuras são realmente temáticas que adquirem dignidade política. O curioso nisso tudo é que existe uma grande movimentação de governos e instituições que demonstram o interesse de se apropriarem desses conhecimentos – resultando em verdadeira disputa por poder - a fim de fazê-los convergir para um sentido unitário e previamente definido por grupos políticos. O fator virtual permitira transformar esses conhecimentos em saberes de informação.

A partir daí começará a se desenhar uma resposta para a pergunta do tipo: “qual finalidade haveria no interesse de convidar os conhecimentos humanistas para compor o conjunto de saberes das tecnologias convergentes?”. As práticas humanistas de culturalização fazem parte do conjunto de ferramentas antropotécnicas que há mais de dois mil anos têm a finalidade de domesticar o humano.

A partir da leitura foucaulteana, encontramos a indicação de que o discurso da disciplina seria o discurso da regra, não jurídica, mas natural, lastreado na norma, que definiria não um código legal, mas que produziria a normalização. Seu horizonte teórico não seria o do direito, mas o campo das ciências humanas⁶⁴³. Como o conhecimento se tornou um mecanismo empregado para gerar riqueza no governo biopolítico, seu controle permanece como questão de segurança de Estado, de instituições e de interesse de grupos específicos. Bifo considera que o

⁶⁴² GOFFETTE, Jérôme. *Technology, Body and Human Enhancement: prospects and justice*. In: McGuire Michael & Holt Tom: *Handbook of Technology, Crime and Justice*, London: Routledge. pp. 654-672.

⁶⁴³ FOUCAULT, Michel. *Em Defesa da Sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)*. Tradução de Maria Emantina de Almeida Prado de Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2010. p.33.

deus paranoico que domina a civilização tardomoderna se personificou na técnica, de modo que impõe o domínio da vida como uma máquina homogeneizadora⁶⁴⁴. A unicidade totalizadora da convergência tecnológica, em verdade, escamoteia as diferenças sociais com seus instrumentos da indiferença⁶⁴⁵. Não existe nada de novo nisso, em verdade, pois estamos diante da velha disputa de forças entre nações e grupos hegemônicos que há muito tempo perceberam que saber e poder não se dissociam, e que a riqueza das nações passa necessariamente pela técnica e pelo humano⁶⁴⁶. O que percebemos ganhar um contorno adicional diz respeito ao próprio conceito de disciplina que agora não estaria mais limitado ao âmbito institucional de domesticação. É que agora parece se expandir um modo de vida tal cujas consequências antropológicas são determinantes para o conceito da antropotécnica. O aprimoramento humano, assim como a ética do exercício destacada no primeiro capítulo, atestam essa mudança da disciplina para o aspecto autônomo e individual e reformulam o entendimento conceitual que Foucault apresentou em *Vigiar e Punir*. Essa constatação confirma aquilo que Pierre Dardot e Christian Laval comentaram sobre um aspecto bastante interessante das sociedades contemporâneas marcadas pela ideologia neoliberal como nova razão do mundo e relevante elemento do capital: a verdadeira façanha do poder ocorre quando uma autoridade externa se torna prescindível para o controle dos corpos⁶⁴⁷ e das cabeças.

A disciplina ganhou autonomia e se libertou dos cerceamentos institucionais para se inserir nas mentalidades, não pela imposição de limites bem definidos - afinal de contas, o corpo não é mais um limite -, senão pela imposição de fomento da autoprodução como uma nova forma de exercício. O ciber mundo será o caminho para a discussão dessa nova fase antropotécnica. Porém, o aumento das capacidades humanas pelas possibilidades do virtual tem promovido não a expansão das potencialidades humanas, mas diversos, em certas ocasiões, a mais clara redução das suas mais comuns capacidades. Inaugura-se uma nova experiência de vida inativa.

⁶⁴⁴ BERARDI, Franco (Bifo). *Después de Futuro: desde el futurismo al cyberpunk*. El agotamiento de la modernidad. Tradução de Giuseppe Maio. Madri: Enclave de Libros, 2014. p. 117.

⁶⁴⁵ PRADO, Geraldo. *Prova Penal e Sistema de Controles Epistêmicos: a quebra da cadeia de custódia das provas obtidas por métodos ocultos*. São Paulo: Marcial Pons, 2014. p. 28.

⁶⁴⁶ Como Foucault dissera, quem governa tem de saber como ocorre o funcionamento não apenas das leis, mas de funcionamento do Estado e de manutenção de suas forças. Desde o séc. XVII, a arte de governar teria sido composta pela realização de análises, agrupamento de dados, de informações, de conhecimentos sobre o próprio Estado a fim de racionalizar a forma como se exerce o poder. É um tipo novo de inteligência de governo que passa a ser exercida com o uso da estatística, que teria dado início à ciência da realidade do Estado. FOUCAULT, Michel. *Segurança, Território, População*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008. p. 134.

⁶⁴⁷ DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *A Nova Razão do Mundo: ensaios sobre a sociedade neoliberal*. Tradução de Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2016.

Nesse processo, além da apropriação dos conhecimentos e das tecnologias, o que Bifo chama de “hipermundo”, que também é chamado de cibermundo ou simplesmente virtual⁶⁴⁸, estaria subtraindo a energia dos corpos pelo infotrabalho e a única maneira de se reconhecer o laço social seria por meio da lógica da competição. Como consequência, a agressividade tem se exaltado na vida social contemporânea. Esse fluxo contínuo do infotrabalho - um processo que se desenvolve nos interstícios da infraestrutura técnica e digital e nas profundezas do psiquismo coletivo – é incapaz de tornar-se subjetividade, de consolidar comportamentos organizados, formas de defesa política, justamente em razão das características técnicas do processo de trabalho, que se encontra celularizado. Se na época industrial o trabalhador era uma pessoa física, detentora de direitos, trabalhando por um tempo diário definido (oito, nove ou dez horas ao dia) e com direito de descanso de seu corpo físico, hoje em dia, muitas dessas noções se extraviaram. Quando o processo de produção se transformou em rede digital, quando o ato produtivo se transformou em distribuição de átomos de infotrabalho homologados segundo um princípio de modularidade e recombinação, nesse ponto já não é mais necessário à pessoa estar presente, nem seu corpo físico. Na rede global já não há pessoas que prestam tempo-trabalho, senão um mosaico infinito de fragmentos recombináveis e celularizados. Um autêntico *brain-sprawl*, uma extensão ilimitada de atividade nervosa à espera de ser mobilizada celularmente e provisionalmente assalariada. O processo produtivo global se nos mostraria tendencialmente como um oceano de fractais recombinantes celularizados. A pessoa não seria mais que um resíduo irrelevante, intercambiável, precário do processo de produção de valor. Por conseguinte, já não poderia reivindicar direito algum nem poderia identificar-se como singularidade. Daí o emprego da noção escravismo celular⁶⁴⁹.

De toda sorte, é evidente que a digitalização produziu um salto importante no processo de simplificação, padronização e sincronização da ação produtiva. Ela tornou viável um processo de recombinação a-subjetiva de informação cujo propósito não seria mais o de conferir significado ao mundo, mas de produzi-lo como rede. A rede funciona na medida em que os signos e os gestos produtivos sejam compatíveis e sejam processados em conformidade. Os agentes semióticos necessitam estar livres de toda e qualquer carnalidade e singularidade

⁶⁴⁸ LÉVY, Pierre. *O que é o Virtual?* Tradução de Paulo Neves. São Paulo: 34, 2006.

⁶⁴⁹ A cadeia de montagem da fábrica taylorista do início do séc. XX apresentava diversas etapas de disciplinamento do trabalho vivo: a análise dos movimentos, suas implicações e sincronização. Por outro lado, o atual processo de abstração produtiva, em que gesto laboral perde a concretude, se desenvolve de acordo com outras lógicas, que não mais tem a ver com aquela lógica descrita por Foucault no disciplinamento do corpo físico. BERARDI, Franco (Bifo). *Después de Futuro: desde el futurismo al cyberpunk. El agotamiento de la modernidad.* Tradução de Giuseppe Maio. Madri: Enclave de Libros, 2014. pp. 25, 155-6.

linguística. Eles somente são colocados em rede quando suas temporalidades são equalizadas, isto é, todas as mentes são reguladas em uma conexão de um tempo idêntico e segundo um código universal. Com isso, está em processo uma nova formatação da atividade mental, que resultará em uma nova mutação cognitiva, tendo por principal ferramenta a tecnologia, e está a acorrer, por exemplo, nos campos da comunicação, da imaginação, da psicofarmacologia e da formação⁶⁵⁰.

Bifo comenta que o *boom* da *new economy* dos anos 90, nos Estados Unidos, e o otimismo da *internet* permitiu uma nova união entre produção cognitiva e capital financeiro que, na sua visão, seria indissociável da *prozac economy*. Nesse período, as benzodiazepinas promoveram a manutenção dos esforços produtivos de trabalhadores precários para o bem do sucesso do empresariado. O *crash* das empresas vinculadas à *internet* arrebatou o sistema produtivo global no começo do novo milênio e esse fenômeno, segundo ele, tem de ser visto em consonância com o colapso psíquico que afetou o corpo coletivo que estava numa espécie de eletrocussão contínua. Ocorreu por essa razão o *prozac-crush*. A depressão econômica seria como que um efeito colateral de depressões psíquicas largamente diagnosticadas. A tensão psíquica prolongada criou o ambiente ideal para o colapso que acabou por acontecer no âmbito da economia, com recessão e queda da demanda. É certo que as grandes empresas virtuais, que faturam com *marketing*, tiveram a perspicácia de colocar todos a seu serviço. Na transição do processo de flexibilização do trabalho para a fractalização (fragmentalização do tempo de atividade), não havendo mais um ser humano no processo produtivo, o que existe é um produto intercambiável de microfragmentos de semioses que podem ser recombinadas no fluxo da rede. O trabalhador perfeito estaria a caminho de não ter mais a necessidade de dormir, e as empresas farmacêuticas têm ajudado nesse projeto⁶⁵¹. O colapso nervoso seria nada menos do que a consequência da submissão a essa lógica. O desespero se tornou o modo de pensamento sobre o futuro e, por isso, se tornou compreensível a existência de uma onda de terror e de suicídio no mundo do presente, que evidencia que os seres humanos se encontram fora do tempo. Bifo

⁶⁵⁰ A escola e a universidade estão cada vez menos orientadas à formação de pessoas livres. O foco está na produção de seres humanos compatíveis com o excesso produtivo. Nessa lógica o que se desenvolve são suavizações das asperezas: diferenças étnicas, culturais, históricas e estéticas. No âmbito farmacológico, tem-se o seguinte: com a atual modelagem dos corpos, irrompem patologias (envolvendo a atenção, a memória, as emoções), novas formas de sofrimento, transtornos de comunicação e por aí vai. Ocorre um esgotamento do sistema nervoso sem precedentes e atingem um nível epidêmico. Daí que a psicofarmacologia precisa intervir para viabilizar e restabelecer a fluidez produtiva e comunicativa. Mesmo que a psicofarmacologia não seja capaz de curar o indivíduo adoentado psiquicamente, ela é capaz de manter o jogo de mobilização de energias psíquicas. BERARDI, Franco (Bifo). *Después de Futuro: desde el futurismo al cyberpunk*. El agotamiento de la modernidad. Tradução de Giuseppe Maio. Madri: Enclave de Libros, 2014. pp. 156-7.

⁶⁵¹ CRARY, Jhonatan. *24/7: capitalismo tardio e os fins do sono*. Tradução de Joaquim Toledo Jr. São Paulo: Ubu Editora, 2016. p. 13.

chama à atenção para a ocorrência de uma onda gigante de desespero que pode transformar-se em uma epidemia de suicídio na forma de uma bomba psíquica devastadora⁶⁵².

Acaba se tornando visível que decisões importantes foram, inegavelmente, tomadas quando os neurônios dos seus decisores eram invadidos por Zoloft e logo em seguida por comprimidos de Prazac. Bifo percebeu esse fenômeno no transcurso das crises financeiras ocorridas no ano 2000, e posteriormente pela crise política do 11 de setembro, que, tudo somado, desencadearam uma fase depressiva em largo alcance. Esses eventos criaram uma atmosfera de derrota e não tardou para a classe dirigente norte-americana se socorrer da guerra como verdadeira droga estimulante para retomar tendências de agressividade que estavam naquele momento, de certo modo, contidas. Por isso, o ambiente da psicosfera no novo milênio e sua geração videoeletrônica nos permite entender alguns dos acontecimentos mais relevantes do presente e como se manifestam os seus efeitos. As duas décadas de info-invasão, de sobrecarga do sistema nervoso, de uso turbulento de psicofarmacologia em massa, sedantes, euforizantes de todo tipo, a fractalização do trabalho e a insegurança social, resultaram em medo, solidão e terror. A crescente exposição do organismo a estímulos neuromobilizadores, a aceleração, bem como a intensificação dos estímulos sobre o organismo parecem ter rompido com psicoimunidades atuantes e com a própria sensibilidade biopsicológica. A dramática estimulação psíquica tem reduzido a sensação do tempo e reduzido também a capacidade de empatia dos seres humanos, porque, afinal de contas, o outro já não é mais percebido como corpo presente. Nisso se pode entender que o tempo para a empatia se desfez, justamente porque a infoestimulação se tornou intensa em excesso. Nessa visão, não apenas o universo da tecnologia teria a responsabilidade pela transformação psíquica e antropológica dos seres humanos, mas também a própria disciplina capitalista. Na fase final da modernização capitalista, o fato de a mulher ter se inserido no mercado de produção, na compreensão de Bifo, acabou por provocar uma diminuição do contato corporal e dialogal com o filho. A mãe abandonou seu espaço na experiência humana ocidental com a primeira geração videoeletrônica. A emancipação das mulheres somada à difusão videoeletrônica explicaria um pouco dessa transformação psicopolítica nos dias correntes. A próxima geração estaria a preparar outros transtornos psíquicos. Na visão de Bifo o que o neoliberalismo tem exigido da mente e do corpo humanos com o alto rendimento acabaria por se converter em parte do próprio código genético. O automatismo técnico estaria a conduzir ao desaparecimento do humano.

⁶⁵² BERARDI, Franco (Bifo). *Después de Futuro: desde el futurismo al cyberpunk. El agotamiento de la modernidad*. Tradução de Giuseppe Maio. Madri: Enclave de Libros, 2014. Pp. 158-163.

Dentre todas as distopias do séc. XX, a virtual seria aquela que mais produziu efeitos consideráveis na transformação antropotécnica do humano⁶⁵³.

Nesse mesmo nível, a indústria do videogame, nos anos 2000, contribuiu com uma participação de destaque com o novo *Playstation 2*. A Sony, nesse período, para lançar o *Playstation 2*, criou um dispositivo que passou a ser chamado de *Emotion Engine* que teve a façanha de produzir dois milhões de micropolígonos⁶⁵⁴ por segundo. O efeito foi o de criar uma percepção de realismo imersivo, como se o jogador fizesse parte da realidade virtual criada pelo videogame e o *Playstation 2* auxiliou a disseminar o assunto. A explosão de jogos virtuais *on-line* fortaleceu a participação no espaço de experiência virtual. Aqui os atores não são mais apenas a televisão e a rede. Ocorre, nesse aspecto, outro tipo de convergência que Bifo define da seguinte maneira: “a convergência para um hipersistema narrativo se delinea como um processo com três atores. A rede engloba a televisão (ou melhor, e alternativamente, a televisão invade a rede), mas também se delinea um enxerto de um terceiro componente, que é a imersão perceptiva, a realidade virtual”⁶⁵⁵. O fato de no ano de 1999 a venda de *Playstation* ter superado os lucros das salas de cinema no mundo inteiro deve ser bem observado, pois esse é um fenômeno que certamente pode gerar transformações psicoperceptivas, emocionais, antropológicas e sociais.

Os usuários de *Playstation* não são apenas jovens. O mercado há certo tempo se formou por consumidores de todo tipo, sexo e idade. Bifo considera que é praticamente um novo momento em que o tempo emocional das gerações do porvir será domesticado pelas tecnologias criadas pela *Sony* e pela *Microsoft*, que demonstraram que o consumo, a emoção, a linguagem e o trabalho produtivo estão todos em convergência hipermediática. Isso permite entender que o próprio processo de produção levado a cabo em escala global tem em vista a produção de estados mentais. A ideologia felicista existente nesse meio, contudo, tem a ideia de ocultar a infelicidade crescente daqueles implicados no processo de produção virtual. O sofrimento daqueles que são excluídos do circuito das redes aparece como forma de empobrecimento material, enquanto que o sofrimento da classe virtual tem sua ênfase no aspecto psíquico. A

⁶⁵³ BERARDI, Franco (Bifo). *Después de Futuro: desde el futurismo al cyberpunk*. El agotamiento de la modernidad. Tradução de Giuseppe Maio. Madri: Enclave de Libros, 2014. pp. 100, 167-79.

⁶⁵⁴ Micropolígono seria o ponto luminoso que faria o jogador perceber uma profundidade tridimensional. O *Playstation* anterior apenas produziu trezentos mil micropolígonos. BERARDI, Franco (Bifo). *A Fábrica da Infelicidade: trabalho cognitivo e crise da New Economy*. Tradução de Orlando dos Reis. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p. 11.

⁶⁵⁵ BERARDI, Franco (Bifo). *A Fábrica da Infelicidade: trabalho cognitivo e crise da New Economy*. Tradução de Orlando dos Reis. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. pp. 11-2.

economia psíquica digital está inserida em um novo tipo de sistema tecnocomunicativo que está construindo uma condição cognitiva global, fazendo se desenvolverem novas faculdades cognitivas. Bifo compreende que isso não ocorreria sem uma considerável transformação antropológica, que em um momento inicial investe no psiquismo individual e, depois, no social⁶⁵⁶.

O nome dado ao motor da *Playstation 2*, *Emotion Engine*, permitiu perceber que na tencnoesfera virtual o maquinário digital assimila um grande número de automatismos emocionais. Esse processo ocorre desde a infância e participa das fases formativas do ser humano. Isso vem a demonstrar que os organismos dos seres humanos estão passando por um processo de reprogramação neurológica, psíquica e relacional⁶⁵⁷. Segundo Bifo, bastaria pensar no exemplo dos videogames, das telas tridimensionais e nas chamadas tecnologias imersivas para perceber que se cria um tipo de interface imersiva mais ampla que torna possível focar e expandir a estimulação das sensações. E cada vez mais as emoções, formadas pela estimulação e geradoras de reações psico-físicas, são provocadas pelo fator tecnológico. Mas isso só aconteceria com uma mudança do próprio aparelho neuronal (corpo-mente). Então, fomenta-se a convergência entre tecnologias informáticas e tecnologias psicotrópicas (drogas e psicofármacos) e biotécnicas (fala-se aqui na indução calculada de neuromutações⁶⁵⁸). Como consequência, a semioesfera imersiva produziria os efeitos emocionais que são como emersões de pânico e depressão, como vulcões emocionais da psique social. Não à toa que a expansão extraterrestre, se em um estágio inicial da aventura das potências mundiais tinha em vista a conquista do espaço extraterrestre, posteriormente, a direção expansiva do desenvolvimento

⁶⁵⁶ BERARDI, Franco (Bifo). *A Fábrica da Infelicidade: trabalho cognitivo e crise da New Economy*. Tradução de Orlando dos Reis. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. pp. 12-4.

⁶⁵⁷ BERARDI, Franco (Bifo). *A Fábrica da Infelicidade: trabalho cognitivo e crise da New Economy*. Tradução de Orlando dos Reis. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p. 14.

⁶⁵⁸ Interessante notar que nesse percurso chega-se a falar de “sujeito cerebral”, noção aprofundada por Alain Ehremberg, que envolve um projeto, desde a década de 1980, de naturalização do sujeito. Ehremberg menciona a velha tensão entre sujeito cerebral e sujeito falante, sendo este o sujeito da psicanálise. Pelo fato de nossas experiências subjetivas se constituírem como linguagem, este autor menciona que o sistema linguageiro jamais se extinguirá com a cerebralização do psiquismo. Daí que não apenas é necessário denunciar a propalação de um sujeito cerebral, mas principalmente saber perceber os novos tipos de subjetividades que estão se formando com o avanço da tecnologia, algo que pode ser identificado pelo conceito de neuromutação desenvolvido por Bernard Andrieu, que fala da hibridização do novo sujeito. Para este autor os riscos com o processo da cerebralização devem ser apontados, mas também devem ser levados em consideração os pontos positivos dessas mudanças, sem cair nos discursos de medo e catástrofe. WINOGRAD, Monah. *Neuociência e Psicanálise*. São Leopoldo: IHU-Onlie, 4 de setembro de 2006. pp. 17-9.

estaria voltada para o espaço interior, do mundo interno, a microesfera⁶⁵⁹: o espaço temporal por meio do psiquismo colonizado.

O capitalismo teria colonizado o tempo durante a modernidade, e isso promoveu uma mudança antropológica na mente e na percepção temporal. O que viria a significar então o cibertempo? A noção de cibertempo deve, assim, pressupor a inovação de ciberespaço. Bifo em sua exposição definiu o ciberespaço como “(...) a esfera de interação de inúmeras fontes humanas e maquínicas de enunciação, a esfera de conexão entre mentes e máquinas”. Nesse aspecto, constata-se a expansão dessa relação entre o corpo orgânico e o corpo inorgânico da máquina eletrônica. Por sua vez, a noção de cibertempo pressuporia a face orgânica desse processo relacional, que não é outra coisa senão o tempo que o cérebro humano leva para elaborar uma miríade de informações e estímulos emocionais provenientes do ciberespaço (estímulos que são muito mais rapidamente comunicados ao corpo do que a produção de consciência a partir das informações recebidas pelo sistema perceptivo⁶⁶⁰). Por isso que o cibertempo, pelo seu caráter orgânico, não é expansível ilimitadamente. Por mais que o cérebro tenha suas capacidades aumentadas com drogas e estimulantes neuronais, não se pode crer que o cérebro orgânico seja ilimitado, pois seus limites estão vinculados aos aspectos emocionais e sensíveis do próprio organismo. O ciberespaço se constitui como uma rede não hierárquica e não linear, que faz a conexão entre mentes e dispositivos tecnológicos. É certo que o ciberespaço se expande com a velocidade digital, porém o núcleo subjetivo do cibertempo evolui no ritmo da corporeidade. Na relação cibertempo/ciberespaço são criadas as condições para a transformação, assim como as contrariedades na forma de infoprodução. A mutação que se produz com a exposição da mente orgânica ao ambiente da tecnoesfera digital apresenta uma mudança muito mais rápida do que os hábitos e os sistemas psíquicos. O estímulo informativo penetra no mais íntimo da atenção humana. O tempo mental, contudo, não é infinito. É possível aumentar o tempo diante da tela de um computador e até acelerar as reações orgânicas frente aos estímulos provocados pela esfera digital, mas a experiência não acompanha esse ritmo, pois, ainda que a velocidade aumente, a consciência dessas reações já não consegue processar todos os estímulos. Nesse sentido, a possibilidade de acelerar a experiência sensorial provocaria uma perda da própria sensibilidade, que diz respeito tanto à esfera ética, quanto estética em razão da perda das capacidades das vias da percepção. Com isso, o outro se transforma em mero

⁶⁵⁹ BERARDI, Franco (Bifo). *A Fábrica da Infelicidade: trabalho cognitivo e crise da New Economy*. Tradução de Orlando dos Reis. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. 14-8.

⁶⁶⁰ KERCHKHOVE, Derrick. *A Pele da Cultura: uma investigação sobre a nova realidade eletrônica*. Tradução de Luís Soares e Catarina Carvalho. Lisboa: Relógia D'Água, 1997.

estímulo, um estímulo como outros, frenético ou minimizado, um objeto emocional, em um processo em que se tornaria confuso distinguir até mesmo o que é físico e o que é virtual⁶⁶¹.

No final das contas, é o mundo virtual que comanda o mundo físico, governa nossa percepção e organiza nossa atenção para dentro de uma ideia. Pierre Levy já havia apresentado um diagnóstico bastante preciso no ano 2000 quando disse: “quanto mais tomarmos consciência de que o mundo se adensa, enriquece, torna-se complexo e dilata exatamente onde colocamos nossa atenção; mais a inteligência coletiva da qual participamos criará conscientemente seu próprio mundo”⁶⁶².

Em 1992, em uma carta enviada ao linguista John Sebock, Bill Gates teria dito que: *power is making things easy* - poder consiste em facilitar as coisas. Bill Gattes na verdade aplica o princípio da técnica que consiste em conduzir o humano às possibilidades do luxo. Nota-se que muito se assemelha a afirmação de Bill Gattes à visão da microfísica do poder⁶⁶³ que percorre todo o corpo social, que orienta os comportamentos cognitivos que conformam a sociedade, para a facilitação de determinados processos. As redes e os sistemas de navegação são procedimentos não coativos, mas facilitadores, pois não existe a imposição para que alguém execute tarefas difíceis. O que se faz é tornar acessíveis ações fáceis que satisfazem a determinados interesses. Isso a *Microsoft* tem feito sistematicamente⁶⁶⁴. Em última análise, as tecnologias que compõem a expressão aprimoramento humano têm a façanha de facilitar a vida, permitindo ao mesmo tempo tornar mais fácil a submissão à lógica de produtividade e essa facilitação levaria ao processo da convergência informacional.

⁶⁶¹ BERARDI, Franco (Bifo). *A Fábrica da Infelicidade: trabalho cognitivo e crise da New Economy*. Tradução de Orlando dos Reis. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. pp. 18-9.

⁶⁶¹ BERARDI, Franco (Bifo). *A Fábrica da Infelicidade: trabalho cognitivo e crise da New Economy*. Tradução de Orlando dos Reis. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. 18-20.

⁶⁶² “O mundo ‘virtual’ reage muito mais rápido que o mundo físico aos deslocamentos de nossa atenção que, a partir de agora, comandam a criação e a organização do mundo físico. A partir do momento em que voltamos nossa atenção para uma ideia, nós lhe acrescentamos existência, e isso se amplia à medida que nossa atenção se torna pública no ciberespaço e é captada pela grande máquina econômica e social planetária. Para onde dirigimos nosso olhar, nossa escuta, nossa sensibilidade, nossos pensamentos? Eis aí questões que não são mais apenas pessoais, íntimas, espirituais, mas diretamente econômicas. Ou seja, quando a economia se torna uma economia da atenção, isto é, da consciência, não há mais diferença entre economia e espiritualidade. O que ocupa nosso espírito? Quem dirige nossa consciência? Para onde ela se dirige? Aí estão, de agora em diante, as questões econômicas, sociais e políticas capitais que comandam o destino do mundo real, questões às quais ninguém além de nós – nós, pessoalmente – pode responder”. LÉVY, Pierre. *A Conexão Planetária: o mercado, o ciberespaço, a consciência*. Tradução de Maria Lúcia homem e Ronaldo Entler. São Paulo, Editora 34, 2001. p. 119.

⁶⁶³ FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

⁶⁶⁴ BERARDI, Franco (Bifo). *Después de Futuro: desde el futurismo al cyberpunk. El agotamiento de la modernidad*. Tradução de Giuseppe Maio. Madri: Enclave de Libros, 2014. pp 137-41.

4.5 Antropotécnica e cibernética: domínio dos corpos virtuais

No cenário antropotécnico cumpre dar sequência ao fator estético, que aqui corresponde ao uso das imagens por meio das quais se tem modelado o imaginário social dos séculos XX e XXI, convertendo-se, na perspectiva de Bifo, em terrorismo da felicidade, da riqueza e da estética *fitness*. O terror seria o regime linguístico que se impõe quando o impossível adotaria a forma de realidade. Desde o início do século XXI, o terror em sua forma moderada se disfarçaria nas imposições de realização existencial.

Ingmar Bergman, em 1977, produziu uma interessante película chamada *O Ovo da Serpente*, com Liv Ullmann e David Carradine, que se passava na Alemanha nazista, de 1923. Bifo entende que essa não era meramente uma película histórica, mas um prognóstico da sociedade futura. Bergman descrevia a década em que o regime nacionalsocialista estava preparando suas forças, e isso se daria, a passos lentos, com o envenenamento da atmosfera pelo uso de gases tóxicos que eram lançados por técnicos loucos. O Nazismo crescia aos poucos em mentes obscurecidas e aterrorizadas das vítimas que não estavam conscientes da intoxicação que se infiltrava em suas casas. O programa hitlerista, derrotado em 1945, não foi extinto, porém, da cena global. Bifo procurou demonstrar que essa lógica adotou a expressão do inelutável. A classificação de seres humanos, o discurso sobre as raças, o extermínio de judeus não fora nada além de um proto-experimento social que encontraria seu destino no automatismo e no inescusável rebento imunitário. A diferença é que o projeto nazista operava sobre o organismo vivo com suas imperfeições, em uma humanidade capaz de reagir diante do sofrimento dos outros e, portanto, capaz de solidariedade e de resistência. Por esses motivos, esse sistema foi rechaçado. No estágio atual, o corpo social se remodelou em um desenho de linhas fractais que coíbem a empatia e abre as portas para o infoluxo. O indivíduo limpo, conectado, sem pelos não pode mais resistir aos fluxos de informação. Sendo um sentimento anti-fluxo-econômico algo praticamente inútil, a generosidade acaba sendo também anulada. Com isso, a violência e a ação hostil se expandem na superfície do corpo ressegmentado na conectividade das imagens e das informações, tornando impossível reacender a capacidade de resistência à totalidade anti-humana de certos processos biopolíticos em tendência de desmaterialização⁶⁶⁵.

⁶⁶⁵ BERARDI, Franco (Bifo). *Después de Futuro: desde el futurismo al cyberpunk. El agotamiento de la modernidad*. Tradução de Giuseppe Maio. Madri: Enclave de Libros, 2014. pp 75, 105-6.

Um teórico como Sandro Chignola⁶⁶⁶, em um cirúrgico diagnóstico do presente, levou em consideração que a produção de subjetividades engendrada pela biopolítica remeteria à ideia de somatização do sujeito. Não se trataria apenas daquela somatização das teorias racistas, mas se referiria também à ordem de fenômenos que se chamou de eugenia liberal⁶⁶⁷, tendo seu início com os processos de biomedicalização que trouxeram importantes transformações na maneira de governar⁶⁶⁸. Chignola identificou que existe, de fato, uma mudança radical ocorrida nas noções de natureza e especialmente de natureza humana. Segundo ele, em um tempo recente falava-se de biopolítica na noção de um paradigma da ciência que adotava definições das ciências da vida, mas agora haveria algo novo. A natureza ganhou uma semântica renovada em termos linguísticos por uma nova sequência informacional sobre a materialidade do DNA e da recombinação dos genes (identificando, isolando, cortando, unindo, vetorizando e transferindo, etc.). Esse novo regime resultou em uma transformação do capital, que é genômica, farmacológica, proteômica e pós-genômica. O biocapital estaria a investir em situações que ostentariam novas sequências informacionais, que não são lineares, no sentido de o capital ser o autor de todas as mudanças, mas oportunizaria certos tipos de investimentos corporais, com a atratividade financeira, a inovação científica e tecnológica, enfim, que são projetos que atuam em circularidade. As máquinas são as primeiras a serem incluídas na programação técnica do biocapital: computadores altamente desenvolvidos, inesgotáveis bancos de informações, laboratórios, ainda com potencial para a propaganda, que trazem como ideia a possibilidade de autovalorização com a inovação ofertada aos indivíduos. Nisso se percebe que mais uma vez um limite é transposto com a lógica renovada dos processos de biomedicalização, que ultrapassam as definições binárias clássicas de saúde/doença, dentro/fora, amigo/inimigo, etc., que operavam segundo a perspectiva da profundidade, que viabilizavam acessar aos órgãos internos do corpo humano, na espessura dos tecidos, e que permitiam falar de anatomopatologias. Esse código binário teria perdido sua relevância de outrora com a

⁶⁶⁶ CHIGNOLA, Sandro. *A Vida, o Trabalho, a Linguagem: biopolítica e biocapitalismo*. Tradução de Sandra Dall Onder. São Leopoldo: Cadernos IHU Ideias, ano 13. nº 228, vol. 13, 2015.

⁶⁶⁷ HABERMAS, Jürgen. *O Futuro da Natureza Humana: a caminho de uma eugenia liberal?* Tradução de Karina Jannine. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

⁶⁶⁸ Chignola comenta que foi o cientista político, Rudolf Kjellén, que cunhou o termo biopolítica. Par este autor, o Estado é visto como uma unidade orgânica supraindividual, lastreada em uma identidade ética, que o relaciona a uma “forma de vida”. A luta pela existência é o que define a posição de grupos de apoio ou em conflitos de interesses. A biologização do Estado identificada por Kjellén o levou a cunhar o termo biopolítica. Nos anos trinta, o termo é novamente utilizado, mas na pena de Karl Haushofer para integrar a teoria nazista do “lebensraum”. Biopolítica e geopolítica seriam as bases de uma ciência natural do Estado. A noção da biopolítica denotaria o desenvolvimento das unidades étnicas no tempo, mas também seria como uma chave para a organização no espaço. Vislumbra-se uma semelhança impressionante entre os conceitos de antropotécnica e biopolítica. CHIGNOLA, Sandro. *A Vida, o Trabalho, a Linguagem: biopolítica e biocapitalismo*. Tradução de Sandra Dall Onder. São Leopoldo: Cadernos IHU Ideias, ano 13. nº 228, vol. 13, 2015.

biopolítica da atual biomedicalização, que transcende as noções de estado patológico e de cura, ou de tratamento da doença com o fim de recuperação, pois, agora, trabalha-se na superfície dos circuitos de informação e cuja dinâmica permite decompor a unidade orgânica dos corpos, também fomentando o fluxo dos saberes e das informações. Os testes genéticos são colocados como *futures* da saúde por utilizarem toda uma linguagem econômica para explicar os cálculos de risco com relação às pré-disposições para doenças, utilização de terapias preventivas, potencialização das capacidades fisiológicas, etc., de tal modo que Chignola chega a falar de uma cidadania biológica, que organizaria e classificaria os segmentos da população com o propósito de governar de acordo com as demandas de negociação. Nesse caminho, o médico vai perdendo espaço para nutricionistas, *coachings* e *managers* , sendo esse um processo de mercantilização que procura se adequar à lógica privada da empresa. A saúde e o lucro têm um novo significado, sendo ambos verdadeiras partes de um conjunto de benefícios que ficavam a cargo do Estado. A biopolítica remodelaria o biopoder e fomentaria um projeto automaticamente excludente, pois a maioria (a massa, a população) não é capaz de arcar com o alto custo desse processo cobrado pelas novas oportunidades fundadas em uma vida normatizada e orientada para a saúde, na esteira do estímulo à atuação preventiva e à potencialização com dietas *fitness* , aumento do rendimento, *doping* e com o uso de drogas inteligentes, que Chignola as chamou todas essas antropotecnias de “biopolíticas materiais”. Por seu inerente potencial seletor, essa lógica organiza em blocos as populações no interior das grandes cidades, de modo que a segurança irá atuar sobre a população, e a disciplina atuará sobre os indivíduos, normatizando suas funções e seus papéis na sociedade⁶⁶⁹.

Não é diferente o diagnóstico de Chignola sobre o mundo virtual. Conforme sua explicação, quem realiza uma postagem no *Facebook* , faz um *upload* de qualquer vídeo no *Youtube* , alimenta a infoesfera com qualquer informação, normalmente o faz de forma voluntária e o faz no tempo livre. Ocorre que, na realidade, quem assim atua nada mais faz do que trabalhar, isto é, produzir valor para as mídias sociais que nada mais fazem do que explorar o tempo livre dos indivíduos, sem que tenha que existir a relação entre empregado e empregador, contratante e contratado, ou definições sobre tempo de serviço. Curiosamente, os setores produtivos, assim como os setores do conhecimento automatizado, em que o empregado é chamado à inovação ao mesmo tempo em que deve ser ágil e colaborativo, convidam o infotrabalhador para potencializar as características pessoais que lhe fazem um ser em constante

⁶⁶⁹ CHIGNOLA, Sandro. *A Vida, o Trabalho, a Linguagem: biopolítica e biocapitalismo*. Tradução de Sandra Dall Onder. São Leopoldo: Cadernos IHU Ideias, ano 13. nº 228, vol. 13, 2015.

evolução, pois aberto e não preso ao ambiente animal, encontrando o caminho para novas formas de desinibição, no mesmo sentido que Sloterdijk atribui ao termo⁶⁷⁰. De forma altamente perspicaz, a extração de benefícios para o capital incide justamente nessas características chamadas filogenéticas da própria natureza humana. Por isso que o trabalho difuso, livre e precário tem como modelo o empreendedorismo autônomo. Nisso se explicariam os esforços de Foucault atinentes a sua pesquisa sobre a genealogia de uma subjetividade que foi explicitada com o seu curso sobre o nascimento da biopolítica⁶⁷¹, e que Pierre Dardot e Christian Laval procuraram dar sequência até chegarem a um tipo novo de economia psíquica⁶⁷² que se expressa pela perversão⁶⁷³.

É que as tecnologias do poder neoliberal teriam a ver com o enfraquecimento da soberania do Estado e iniciado o caminho para novas estratégias de regulação e controle dos acontecimentos e das populações, sendo esse processo formador de um tipo novo de subjetividade. Assim, lastreado na ideia de liberdade, o governo neoliberal, que não corresponde à noção abstrata de direito de liberdade, mas, como teria formulado o ordoliberalismo alemão, prepara o ambiente a fim de tornar possível a ação livre singularmente pensada. Daí que o governo liberal só pode ser exercido quando há liberdade nos mais diversos sentidos da expressão, que englobam: liberdade de mercado, liberdade de propriedade, liberdade empresarial, e, dessa forma, deve abrir-se às possibilidades ambientais da liberdade para existir no que toca aos indivíduos e seus desejos. Logo, a governo neoliberal seria capaz de ajustar constantemente mercado e produção de subjetividades. Em outras palavras, seria uma complexa máquina antropotécnica de produção e de modelagem humana. Aqui Chignola entende que se mostra acertada a expressão capital humano, pois ela permite conectar a somatização do indivíduo - com as eugenias neoliberais pelo uso das tecnologias do aprimoramento humano, performance do corpo, hiperconectadas como um corpo *cyborg* – que todos esses fatores do conjunto apontam para o governo de si, que encontrou a melhor definição na ideia foucaultiana de empresário de si, não se tratando apenas de uma ideologia, tampouco de mera prática real do trabalho, mas de verdadeira forma de vida daqueles que são

⁶⁷⁰ SLOTERDIJK, Peter. *Regras Para o Parque Humano: uma resposta à ‘Carta Sobre o Humanismo’*. Tradução de Manuel Resende. Coimbra: Angelus Novus, 2007.

⁶⁷¹ FOUCAULT, Michel. *Nascimento da Biopolítica*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

⁶⁷² LEBRUN, Jean-Pierre. *A Perversão Comum: viver juntos sem outro*. Tradução de Procopio Abreu. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008. LEBRUN, Jean-Pierre. *Um Mundo sem Limite*. Tradução de Sandra Regina Felgueiras. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2004. MELMAN, Charles. *O Homem sem Gravidade*. Tradução de Sandra Regina Felgueiras. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

⁶⁷³ CHIGNOLA, Sandro. *A Vida, o Trabalho, a Linguagem: biopolítica e biocapitalismo*. Tradução de Sandra Dall Onder. São Leopoldo: Cadernos IHU Ideias, ano 13. nº 228, vol. 13, 2015.

domesticados para serem livres no movimento dinâmico da concorrência e se tornarem o capital humano produzido como expressão da intervenção política do governo. O aspecto que Chignola aqui chama à atenção não se trata da ideia de fazer o indivíduo depositar seus investimentos libidinais em si mesmo, como em uma fase potencialmente narcísica, e, voluntariamente, se responsabilizar por sua liberdade, mas, sobretudo, refere-se ao fato de estar em processo uma lógica (evidentemente antropotécnica) de subordinação das características antropológicas e animais dos seres humanos, composta pela plasticidade⁶⁷⁴, pela neotenia⁶⁷⁵, pelo poder simbólico e comunicativo, enfim, que se submetem a um regime de acumulação. Ou seja, o problema nesse processo todo estaria em que a responsabilização por suas consequências – econômicas, psicopatológicas e jurídicas - não recairia sobre um governo eleito, tampouco sobre a governamentalidade⁶⁷⁶, pois a responsabilidade acaba sendo exigida dos próprios indivíduos que agem, ainda que estes sejam trabalhadores precários, devedores, em suma, aqueles que estão em posição subordinada⁶⁷⁷.

⁶⁷⁴ “Na ciência, na medicina, na arte, no domínio da educação, o uso que se faz do termo plasticidade é sempre positivo. Designa um equilíbrio entre a recepção e a atribuição de forma. A plasticidade é concebida como uma espécie de trabalho de escultura natural que forma nossa identidade, a qual se modela com a experiência e faz de nós os sujeitos de uma história, de uma história singular, reconhecível, identificável, com seus acontecimentos, seus brancos, seu futuro. A ninguém ocorreria a ideia de entender sob a fórmula “plasticidade cerebral”, por exemplo, o trabalho negativo da destruição (destruição que opera após tantas lesões cerebrais e traumatismos diversos). A deformação das conexões neuronais e a ruptura das ligações cerebrais não são consideradas em neurologia como casos de plasticidade. Só se falará de plasticidade no caso de uma mudança de volume ou de forma das conexões neuronais que faça sentido na construção da personalidade”. A plasticidade para Catharine Malabou não teria lugar sem certa negatividade. Essa ideia fundamenta-se na premissa de que a construção é sempre contrabalançada por algum meio de destruição. Para que, por exemplo, os dedos se formem seria necessário que criar também uma separação entre eles. MALABOU, Catharine. *Ontologia do Acidente: ensaio sobre a plasticidade destrutiva*. Tradução de Fernando Scheibe. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2014. pp. 12-3.

⁶⁷⁵ GEHLEN, Arnold. *El Hombre: su naturaleza y su lugar en el mundo*. Tradução de Fernando-Carlos Vevia Romero. Salamanca: Sígueme, 1980. GEHLEN, Arnold. *Antropología Filosófica: del encuentro y descubrimiento del hombre por sí mismo*. Tradução de Carmen Cienfuegos W. Barcelona: Paidós, 1993.

⁶⁷⁶ Foucault definiu a governamentalidade da seguinte maneira: “por esta palavra, ‘governamentalidade’, entendo o conjunto constituído pelas instituições, os procedimentos, análises e reflexões, os cálculos e as táticas que permitem exercer essa forma bem específica, embora muito complexa, de poder que tem por alvo principal a população, por principal forma de saber a economia política e por instrumento técnico essencial os dispositivos de segurança”. FOUCAULT, Michel. *Segurança, Território, População*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008. p. 143.

⁶⁷⁷ Chignola conclui seu belo texto com as seguintes palavras sobre o tema da biopolítica: “(...) E vida, em latim, palavra que não tem diferença entre *bios* e *zoé* do grego antigo, significa tanto a existência quanto o ser, na vida, e a humanidade, o gênero humano na sua totalidade. Se for verdade que a questão da “biopolítica” é a questão da topologia do Político – a questão da fronteira, não dos limites, onde se confrontam diferentes sinais da relação entre natureza e cultura, biologia e direito, entre animalidade e cidadania, entre vida sobrevivida e vida digna – essa topologia, com a distribuição de posições que a conota, pode e deve ser invertida. Para fazer isso é necessário que liberdade e igualdade voltem a ser projetos de conflito. Onde também a filosofia, fora do seu cânone acadêmico, volte a assumir as suas responsabilidades”. CHIGNOLA, Sandro. *A Vida, o Trabalho, a Linguagem: biopolítica e biocapitalismo*. Tradução de Sandra Dall Onder. São Leopoldo: Cadernos IHU Ideias, ano 13. nº 228, vol. 13, 2015.

A isso devem ser adicionadas as possibilidades oferecidas em razão da *internet*, da *internet* das coisas, do fenômeno *big data* e até da inteligência artificial. Conforme se depreende dos capítulos precedentes, o ser humano sempre apresentou uma relação com a técnica que o desvinculou de qualquer condição totalmente dependente dos fatores orgânicos e instintivos. Daí que as dicotomias entre o natural e o artificial se tornam inexatas por essas revelações. O mundo como construção sempre foi dependente de um processo de artificialização dos espaços ambientados pelo luxo, mas também pela linguagem, pelas técnicas de educação e de domesticação, em última análise, pelas antropotécnicas. Nessa perspectiva, a noção de *cyborg*, por exemplo, é a expressão de uma continuidade, de um percurso muito longo que corresponde ao processo de plasticidade não só do humano, mas dos seres vivos mesmos, com especial ênfase no que toca aos seres tão complexos dotados de linguagem e que se comunicam, que são os seres humanos⁶⁷⁸.

O problema que se colocou desde o início deste capítulo que envolve o processo de produção da convergência dos saberes antropotécnicos parece lentamente se elucidar com as consequências da expansão do ciberespaço. É curioso que um aspecto da vida política e de emprego do saber antropotécnico encontre explicação sobre as tecnologias convergentes não no espaço físico da experiência técnica, mas no espaço virtual de construção e de expressão da antropotécnica, que é o ciberespaço.

A palavra ciberespaço, que nasceu juntamente com a expressão *ciberpunk* nos anos 80, mantém uma relação profunda com a noção de cibernética⁶⁷⁹, que foi forjada por Norbert Wiener⁶⁸⁰, a partir da qual se desenvolveu uma corrente científica dos anos 1940 e 1950 e que tornou mais importante as expressões comunicação e informação no mundo científico, formando uma ciência, em última análise, da comunicação e do controle. A partir desse período, Wiener se dedicou ao estudo da teoria das mensagens e sustentou que, ademais da transmissão de mensagens que era feita pela engenharia elétrica, haveria que se observar o estudo de um campo amplo incluindo não somente o estudo da linguagem, mas também entender o campo das mensagens como instrumento utilizável com a finalidade de dirigir as máquinas e a sociedade. Wiener já mencionava que esse campo estaria definido pelo desenvolvimento de

⁶⁷⁸ SANTAELLA, Lucia. *A IA veio para Ficar, Crescer e se Multiplicar*. Disponível em: “<https://transobjeto.wordpress.com/2018/05/19/a-ia-veio-para-ficar-crescer-e-se-multiplicar/>”. Acesso em 19/02/2018.

⁶⁷⁹ WIENER, Norbert. *Cybernetics : or control and communication in the animal and the machine*. Massachusetts: The M.I.T. Press, 1948.

⁶⁸⁰ WIENER, Norbert. *Cibernética e Sociedade: o uso humano de seres humanos*. Tradução de José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1965.

máquinas computadoradas e outros autômatos, além de fundamentalmente impulsionar a reflexão no assunto da psicologia e do sistema nervoso. Ele mencionava que a ampla teoria das mensagens seria uma teoria probabilística. Até àquele momento, não havia uma expressão que especificasse esse conjunto complexo de ideias, que permitisse abardar todo esse campo em uma expressão. Nesse contexto, ele vai dizer que: “daí ‘Cibernética’ que derivei da palavra grega Kubernetes, ou ‘piloto’, a mesma palavra grega de que eventualmente derivamos nossa palavra ‘governador’”⁶⁸¹.

Com o emprego dessa expressão para fins de governo, Wiener falava das facilidades que a comunicação podia dispor e visualizava no futuro uma relação cada vez mais importante na produção de mensagens entre homem e máquinas, máquinas e homens e máquinas e máquinas. Dizia Wiener que não havia diferença em dar uma ordem a uma pessoa e dar uma ordem a uma máquina. Para a teoria do comando em engenharia, quer se tratasse de um humano, quer se tratasse de um animal ou uma máquina, tudo estaria localizado como em um capítulo da teoria das mensagens. O fato de o sinal da mensagem ser mediado ou diretamente formulado por uma máquina e não por um homem seria praticamente irrelevante, eis que o significado seria o mesmo na relação que se estabelece com o sinal da mensagem⁶⁸².

É partir desse ambiente que confere uma nova lógica adaptativa e instrumentalizadora dos saberes que Pierre Lèvy nos dá as pistas para o problema da convergência, sem que, no entanto, tenha a ele se detido (ao menos não no sentido que aqui tratamos). Ao se referir à cibernética e à formulação de Wiener, Pierre Lèvy afirma que: “desde essa época, não só a engenharia, mas, também, a física, a biologia, a psicologia e a antropologia tendem a tornar-se ciência da comunicação. Ora, de forma muito significativa, a cibernética designa ‘a ciência do comando e do controlo’, noutros termos, a da governação”⁶⁸³. Todos os saberes fariam parte fundamentalmente de um ambiente, que passou a ser cibernético. E a cibernética transformaria tudo em informação⁶⁸⁴.

⁶⁸¹ Wiener continua, no seu texto, dizendo que a expressão já havia sido utilizada tempos antes por outros autores. Nas suas palavras: “descobri casualmente, mais tarde, que a palavra já havia sido usada por Ampère com referências à ciência política e que fôra inserida em outro contexto por um cientista polonês; ambos os usos datavam dos primórdios do século XIX”. WIENER, Norbert. *Cibernética e Sociedade: o uso humano de seres humanos*. Tradução de José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1965. p. 15.

⁶⁸² WIENER, Norbert. *Cibernética e Sociedade: o uso humano de seres humanos*. Tradução de José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1965. p. 16.

⁶⁸³ LÉVY, Pierre. *Ciberdemocracia*. Tradução de Alexandre Emílio. Lisboa: Instituto Piaget, 2003. p. 28.

⁶⁸⁴ Muito esclarecedor é o que diz Bifo a esse respeito: com a introdução de máquinas de controle numérico, dos sistemas de automação flexível, nos anos 1970, intensificou-se a transferência de funções operativas para as máquinas. A transformação decisiva chega nos anos 1980, com a informatização sistemática das principais seções produtivas. Graças à digitalização, todo acontecimento material pode ser não só simbolizado, mas também

Mas o que seria propriamente a informação? A informação não diria respeito apenas à transferência de sinais e mensagens referentes a um evento ou mesmo a determinado objeto. Wiener reconheceu que a informação seria algo distinto da matéria e da energia. Bifo, por sua vez, entenderá a informação pela possibilidade de ela ser vista como a criação por meio de algum tipo de inoculação no acontecimento ou no objeto. Informação será, basicamente, compreendida como criação de valor. Por isso que todo objeto e todo acontecimento podem ser transformados ou substituídos por informação, por um algoritmo compatível que consiste virtualmente em trazer à realidade o objeto ou o acontecimento cambiável⁶⁸⁵.

Com isso, não haveria uma maneira de atingir um efeito produzido sem haver um anel de comunicação que é a conexão do agente com o ambiente por ele modificado. A informação sobre o efeito alcançado pode ser comparada com a informação sobre o efeito que se tinha em vista. Pierre Lévy comenta que nenhum governo é possível sem um circuito de comunicação que o alimenta, que é a necessidade de existir um espaço de comunicação bem estabelecido. Nesse contexto, o tipo de governo determinante nas sociedades contemporâneas seria regido pelo ciberespaço no sentido de ser regulado pelo universo da linguagem humana que se estrutura por uma ecologia da comunicação deslocada para a esfera virtual, tanto é que ele chega a falar em governação eletrônica⁶⁸⁶. Pierre Lévy, visivelmente, não é um crítico negativo ou pessimista da técnica, tampouco do ciberespaço. Ele entende que as técnicas de comunicação aumentam as capacidades da linguagem humana e, portanto, desempenham um papel central nas formas políticas de governo. Nesse aspecto, a invenção da imprensa, além de auxiliar na construção dos Estados-nação, teria permitido fortalecer o desenvolvimento das opiniões públicas com, inicialmente, os jornais, e, posteriormente, com o rádio e a televisão. O telefone

simulado e substituído por uma informação. Em consequência, torna-se possível reduzir progressivamente todo o processo produtivo para elaboração e troca de informações”. BERARDI, Franco (Bifo). *A Fábrica da Infelicidade: trabalho cognitivo e crise da New Economy*. Tradução de Orlando dos Reis. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p. 32.

⁶⁸⁵ BERARDI, Franco (Bifo). *A Fábrica da Infelicidade: trabalho cognitivo e crise da New Economy*. Tradução de Orlando dos Reis. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p. 33.

⁶⁸⁶ Aqui ele dá o exemplo de 24 de junho de 2000, quando o presidente Clinton se comunicou pela *internet* com os norte-americanos para lhes dizer que, daquela data em diante, o governo federal disporia de um balcão virtual e que futuramente as demandas dirigidas ao governo poderiam ser solucionadas via *internet*. Além disso, o presidente chegou a declarar que grande parte das transações realizadas entre cidadãos e governo poderão ser efetuadas pelo ciberespaço. Pierre Lévy entende, nesse aspecto, que se trata de um processo em que o governo se torna virtual com seus conteúdos convergentes não por uma exigência do Estado, mas por provir tal mutação da sociedade, das empresas e do próprio mercado. Ele acrescenta que “(...) a palavra competitividade é frequentemente repetida nos relatórios oficiais sobre governação eletrônica: os governos estão agora em concorrência uns com os outros e sabem disso”. LÉVY, Pierre. *Ciberdemocracia*. Tradução de Alexandre Emílio. Lisboa: Instituto Piaget, 2003. p. 101. Na verdade, essa concorrência não é nenhuma novidade, pois desde o nascimento da estatística, no séc. XVII, os Estados necessitavam medir suas forças e a de seus adversários a fim de exercerem seu poder de modo eficiente. FOUCAULT, Michel. *Segurança, Território, População*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008. p. 134.

conectando mundialmente os indivíduos, a televisão por satélite, a expansão dos canais televisivos, e, por fim, a conexão mundial dos computadores, interligando todas as mídias, inauguraram um tipo novo de comunicação. Formou-se um novo cenário de governo virtual, e essa realidade se confirma cada vez mais pela capacidade de influência que *fake news* detêm sobre indivíduos, opiniões, eleições, etc. O ciberespaço tornou possível oferecer novas formas de liberdade individual e coletiva (a exemplo da liberdade de expressão e de comunicação), ao mesmo tempo em que empreende um novo tipo de comunicação, que se mostra capaz de, cada vez mais, levar a situações de interdependência até então inexistentes. As tecnologias informacionais (bancos de dados, tabelas atuariais, instrumentos de cálculo, de simulação, de visualização, etc.) facilitarão o acréscimo das capacidades da técnica e, conseqüentemente, das potencialidades do agir em todos os âmbitos⁶⁸⁷. Nesse mesmo campo, as biotecnologias passarão a ser auxiliadas pelas tecnologias da informação de forma quase que indissociável. Desde transações econômicas, jogos *p4p*, estudos *on-line*, infinita disponibilização de textos, lojas virtuais, produtos, dinheiro, ciência, técnica: tudo se transforma, de fato, em comunicação e informação. Além disso, uma das formas de aumento das liberdades proporcionadas pelo ciberespaço, na perspectiva otimista de Pierre Lévy, estaria presente nas manifestações de ciberativismos em escala mundial (aspecto que será desenvolvido no decorrer do capítulo quinto). Com esse conjunto de experiências, a passos rápidos, conduzimo-nos a um tipo de situação segundo a qual todos os documentos, sinais e experiências produzidas por nossa espécie estarão virtualmente registrados em um metatexto virtual e planetário. A vida se virtualizou. Esse ambiente vivo da esfera virtual permitirá materializar a cultura e seu sentido com a participação de todos os envolvidos de maneira a interligá-los como objetos informacionais⁶⁸⁸.

Em conformidade com a cibernética, entre os anos de 1971 a 1973, no período que Salvador Allende governou seu país, Chile, o engenheiro Stafford Beer desenvolveu o projeto *Cybersyn*⁶⁸⁹, que teve como proposta desenvolver um ambiente interativo cujo propósito era dar suporte a decisões relevantes que deveriam ser tomadas no âmbito da política e da economia. Dispositivos de captura de informações que envolviam salas de conferência, sistemas de redes de colaboração, integração com empresas, instituições e governos foram ações que se compreenderam como facilitadas pela cibernética organizacional. Assim, o

⁶⁸⁷ MATOSO, Rui. *A Computação do (In)Visível – Imagem, Ideologia e Neocibernética*. Estudos em Comunicação n° 25, vol. 2, 125-142, Dezembro, 2017.

⁶⁸⁸ LÉVY, Pierre. *Ciberdemocracia*. Tradução de Alexandre Emílio. Lisboa: Instituto Piaget, 2003. pp. 29-31.

⁶⁸⁹ “<http://www.cybersyn.cl/ingles/cybersyn/index.html>”. Acesso em: 20/09/2018.

modelo de ciber-urbanismo pertencente a cidades inteligentes, *Smarts Cities*, contribuiu para a criação de centros de operações cibernéticos (produzidos pela IBM), os quais promoveram a partir do *computacional turn* as formas de governo que até então se desconheciam. Nessa sequência, o espaço político europeu tradicional que reservava um lugar para os valores de liberdade, igualdade e fraternidade, agora leva apenas em consideração as necessidades de luxo, segurança e controle. Esse modelo tem a missão de construir a realidade virtual codificando digitalmente o mundo e confere um tratamento algorítmico às informações acumuladas. Considera-se, com isso, que se minimizam as incertezas, os riscos de comportamentos humanos com suas peculiaridades inafastáveis, que se torna possível auxiliar nas decisões acerca do governo da vida como um todo⁶⁹⁰.

As vias da percepção, aqui, alteraram-se novamente. Seguindo esse processo, as técnicas de visualização se tornam ainda mais importantes. Mapas, fotos, filmes, visualizações, imagens, simulações interativas, todos são componentes de uma realidade que se reprograma nos tempos que correm. As imagens acabam sendo a simplificação dos significados de uma quantidade inesgotável de dados, que se tornam produto do trabalho de computadores. A utilização de modelos visuais manipuláveis tomou o lugar das teorias abstratas. O ciber mundo permite ver a quase tudo o que desejamos. Os sistemas de estimulação direta, cada dia mais presentes nas vidas do presente, têm permitido conhecer as reações das espécies em novas experiências. A visão direta pela exploração virtual se legitima como prática comum e saber funcional. O conhecimento por meio da visão direta, paradoxalmente, não consegue promover o resultado de um saber objetivo da realidade finita, mas faz revelarem-se as dimensões de realidades novas e infinitas virtualmente. O virtual ainda se revela como um mundo a ser descoberto em seus efeitos, isto é, nas consequências de suas afetações no assunto antropotécnico. Os sistemas de informação, simulação e estimulação se aperfeiçoaram e aumentaram as possibilidades de ação. A esfera virtual se expande e arrasta consigo os aparelhos cognitivos dos seres humanos⁶⁹¹.

Um autor de ficção científica como Bruce Sterling⁶⁹², considerado um dos fundadores do movimento *ciberpunk*, atribuiu ao nascimento das redes o fortalecimento da ideia de *designer*, pois a complexificação do ciberespaço aceleraria as evoluções culturais desde o final do séc. XX. A ficção científica teria se tornado tão ou mais importante que as ciências sociais,

⁶⁹⁰ MATOSO, Rui. *Cidades Inteligentes: Cibernética e biopolítica*. Disponível em: “<https://www.esquerda.net/artigo/cidades-inteligentes-cibernetica-e-biopolitica/36463#sdfootnote2sym>”. Acesso em 20/09/2018.

⁶⁹¹ LÉVY, Pierre. *Ciberdemocracia*. Tradução de Alexandre Emílio. Lisboa: Instituto Piaget, 2003. pp. 36-38.

⁶⁹² STERLING, Bruce. *Shaping Things*. Londres: Mit Press, 2005.

justamente para tornar compreensível o mundo atual e suas formas de organização social. Esse processo rápido de crescimento e complexificação do ciberespaço é visivelmente e cada vez mais responsável por transformações de todo tipo. Isso se identificaria na expansão das comunicações, na explosão do uso de sites, em dispositivos sem fio, nas inundações de informação, nas modificações das empresas, nos mercados, nas economias, em governos, em novas formas de controles, e em novas técnicas de educação, etc., tudo em um ritmo absurdamente acelerado. Ao lado de cada um deles está a internet *em casa* ⁶⁹³.

Tudo indica que nunca se acelerou tanto um processo transformativo como o ciber mundo o fez, talvez porque nunca se serviu tanto aos propósitos de governo pelos fluxos da informação. Em realidade, a própria cibernética dos seres humanos em seus ambientes, enquanto ciberantropotécnica, é o que se tem pretendido levar em frente com a utilização de mecanismos de controles homeostáticos. A digitalização das informações mais variadas foi uma das propostas da perspectiva de Wiener, alguém que vislumbrava no uso de máquinas numéricas fundadas na aritmética binária e na álgebra booleana, no lugar de máquinas analógicas, assim como no aprimoramento dos mecanismos de programação, memorização e automação de processos, enfim, a capacidade de substituir as ações humanas pelos processos de automação. Isso permitiu a Wiener equiparar o sistema nervoso humano e animal à operatividade de sistemas de computação e de controle, uma vez que todos operariam segundo uma lógica binária⁶⁹⁴. Pierre Lèvy, em tom mais moderado, defendeu que não há tanto o que se temer por essa espécie de totalitarismo das informações. A transparência generalizada, situação para a qual nos dirigimos, demonstraria a tendência de se tornar simétrica. O acesso às informações, somado à liberdade de expressão, tenderia a crescer no mundo todo e não apenas para o benefício dos Estados e das grandes empresas⁶⁹⁵. O poder no modo antigo do tipo mafioso que operaria às escondidas como nos modelos do séc. XX estaria em processo de extinção. Com a formação de um tipo novo de potência na era da inteligência, as instituições mais fortes do globo (a administração norte-americana e as multinacionais) têm suas ações cada vez mais expostas e regidas pela transparência nas redes. Essa seria uma inescusável maneira de representar sua legitimidade diante dos meios de comunicação, dos acionistas, dos

⁶⁹³ Na obra ciberdemocracia, Pierre Lévy ainda vê da base das transformações biológicas o rescaldo darwinista. A explicação científica da evolução tecnológica estaria fundado, até nova ordem, nesse referencial. LÉVY, Pierre. *Ciberdemocracia*. Tradução de Alexandre Emílio. Lisboa: Instituto Piaget, 2003. pp. 17-24.

⁶⁹⁴ MATOSO, Rui. *A Computação do (In)Visível – Imagem, Ideologia e Neocibernética*. Estudos em Comunicação nº 25, vol. 2, 125-142, Dezembro, 2017. Ver também: “<https://www.esquerda.net/autor/rui-matoso>”. Acesso em: 19/08/2018.

⁶⁹⁵ MOROZOV, Evgeny. *Big Tech: a ascensão dos dados e a morte da política*. Tradução de Claudio Marcondes. São Paulo: UBU Editora, 2018.

empregados, dos clientes, da bolsa, do mercado, etc., os quais também se tornaram mais transparentes em suas realidades. A potência estaria associada à transparência, enquanto que o poder (no sentido antigo), à opacidade. De acordo com o imperativo de que tudo deve ser visto, a transparência se tornou sinônimo de luta contra a corrupção, contra o crime e a criminalidade, e a visibilidade apareceria como expressão de honestidade⁶⁹⁶. Contudo, o olhar controlador, as câmaras onipresentes, as informações eternamente registradas e guardadas em bancos de dados, enfim, tudo parece desconsiderar que o ser humano necessita, como bem lembrou Han, de “(...) esferas nas quais possa estar em si mesmo sem o olhar do outro. Há um impermeabilidade que lhe é inerente. Uma iluminação total queima-lá-ia e seria causa de uma forma especial de síndrome de *Burnout*. Só a máquina é transparente”⁶⁹⁷.

Não destoando desses entendimentos, Marie-José Mondzain dá o nome de imagem a tudo aquilo que “faz de um sujeito que vê um sujeito capaz de estabelecer com o visível uma relação de espectador”⁶⁹⁸. O efeito de estaticidade se dissemina com o cibernundo no universo imersivo dos computadores. No atual regime escópico fomentado pela realidade computacional, a imagem abandonou o aspecto meramente representacional ou expressivo de um simulacro retiniano, porque adquiriu o caráter performativo em conexão com *softwares*. São dispositivos técnico-estéticos de alto nível de eficiência digital em termos de afetação no sentido corporal mais amplo, que condicionam e induzem não apenas a consciência instantânea, mas também comportamentos, emoções, ideias e alucinações. A modulação das relações sociais e maquínicas na época da virtualidade também merece ser pensada a partir de uma sociedade da performance das imagens, afinal de contas, atores da performance é o que todos nós teríamos nos transformado. Não à toa que na forma do terror nos anos 2000 se festejava o domínio da imagem, da visibilidade espetacular. Um ano depois, frente ao 11 de setembro, foi anunciada por Bush um visível controle das imagens com o objetivo de se evitar a propagação das mortes através dos televisores. Uma certa iconocracia da sociedade espetacular colidiu com o negativo iconoclasta negador do terrorismo⁶⁹⁹, entendido este como imagem disseminadora da informação terrorífica na atmosfera.

⁶⁹⁶ LÉVY, Pierre. *Ciberdemocracia*. Tradução de Alexandre Emílio. Lisboa: Instituto Piaget, 2003. pp. 39-40.

⁶⁹⁷ HAN, Byung-chul. *A Sociedade da Transparência*. Tradução de Miguel Serras Pereira. Lisboa: Relógio D'água, 2014. p.13.

⁶⁹⁸ MONDZAIN, Marie-José. *Homo Spectator: ver, fazer ver*. Tradução de Luís Lima. Lisboa, 2015. p. 18.

⁶⁹⁹ MATOSO, Rui. *A Computação do (In)Visível – Imagem, Ideologia e Neocibernética*. Estudos em Comunicação nº 25, vol. 2, 125-142, Dezembro, 2017.

Assim, parece estar com razão Han quando considerou que existe uma típica marca da violência contemporânea engendrada pela técnica, que revelaria que o mundo virtual não apenas é carente de alteridade, mas também carente de resistência. Relembre-se que o caso Schreber demonstrou haver um tipo de limitação por uma moral sexual que reprimia a homossexualidade e toda forma de desejo censurado por padrões da época, fazendo eclodirem as representações paranoicas delirantes daquele juiz presidente da Saxônia que viveu a transição do séc. XIX para o séc. XX. No entanto, tanto a lógica do rendimento e de expansão das próprias capacidades, assim como a partir dos novos meios técnicos de comunicação dos cibernundo, com seus espaços imaginários, o ego virtual e narcisista só conseguiria se encontrar consigo mesmo. Mas aqui é mais um aspecto do negativo se esvai, porque se dilui no fluxo de informações. É que o sujeito do rendimento deve ser um homem flexível. Diferentemente da repressão ortopédica e ortopsíquica havida no tempo de Schreber que era destrutiva, mas ainda erigia estruturas rígidas; no presente, a minimização da negatividade atuaria de maneira a deformar e desestabilizar os aparelhos psíquicos dos indivíduos. A alma solta e inquieta não teria onde ficar, pois a perda de padrões de identidade provocariam transtornos de personalidade e intensidades de depressão. A sociedade do rendimento contemporânea não se firma pelo esquema imunológico definido pelos antagonismos amigos/inimigo. É o competidor que viria a assumir um papel que anteriormente cabia ao inimigo. Competir significa andar junto⁷⁰⁰. Na versão virtual do cibernundo significa compartilhar informação.

De qualquer forma, ao chegar neste ponto, torna-se mais fácil entender que a preocupação com a disponibilização de informações pessoais, que se tornam quase que práticas confessionais, decorrendo justamente do fato de as máquinas e a técnica não apenas integrarem a experiência cotidiana de cada um, mas parte integrante do próprio corpo, de acordo com uma lógica tipicamente antropotécnica. Sobre esse tema, fala-se em uma nova ontologia, a ontologia *cyborg*, que diz respeito a uma confluência entre o corpo e a tecnologia, situando o ser humano no segundo milênio com uma espécie de incisão da carne nas tecnologias. Tanto as biotecnologias quanto as tecnologias da informação são ferramentas sofisticadas que provocam transformações significativas inclusive na noção de humanidade. A propósito do mundo da *internet*, o corpo-físico se dilui em um não-corpo, que em sua filosofia transfere a consciência do indivíduo ao *chip*, fazendo acreditar-se na chegada de uma efetiva consumação de um ideal transumanista. Tal transformação eliminou a querela entre natural e artificial, bem como entre natureza e cultura. Essa mudança promove uma tendência alienante tipicamente tecnófobas, a

⁷⁰⁰ HAN, Byung-Chul. *Topología de la Violencia*. Tradução de Paula Kuffer. Barcelona: Herder. pp. 53-74.

exemplo de personagens como o *Unabomber*⁷⁰¹ e John Zerzan. Essa nova situação ontológica de hibridização com a tecnologia permite gerar um corpo chamado pós-biológico. O paradigma da informação, portanto, tem como produto um tecnocorpo⁷⁰², afinal de contas “não há política sem corpo”⁷⁰³.

É preciso entender o que realmente acontece quando nos envolvemos com um mundo que não seria de todo correto dizer-se ficcional. Isso que se chama ciberespaço, que comporta uma espécie de ironia cibernética, na visão de Sloterdijk é praticamente uma disposição técnica de uma imersão que anuncia a mutabilidade⁷⁰⁴, algo que na humanidade antiga levou à conquista de certa experiência pela distinção entre o mundo da vigília e o mundo do sonho. Em sua vertente religiosa, o cristianismo inaugurou sua ironia de imersão quando manteve por finalidade a mutação daquilo que transformava em algo distinto do que era. Foi quando Cristo, ao ser batizado, emergiu e já não era mais o mesmo. “O mundo de hoje coletiviza e tecnifica incessantemente o despertar dos sonhos e a ironia batista, oferecendo variantes cinematográficas e alternativas cibernéticas no espaço de vigília”⁷⁰⁵.

Essa noção compreende o ciberespaço como o principal gerador de ironia da nossa época e não estranha que povoada de andróides muitas vezes não se sabe se estes são seres humanos ou reproduções artificiais (na *internet* esse problema atinge seu grau máximo). A imersão que se fala pressupõe a diferenciação de dois mundos. Porém, a tecnologia virtual nos supera como seres reais, pois podemos ser transformados em seres virtuais facilmente, desintegráveis em outra ordem da realidade, em que não somos seres orgânicos submetidos às

⁷⁰¹ Unabomber, Ted Kaczynski, foi considerado um terrorista norte-americano que se tornou famoso por enviar bombas pelo serviço de correios, causando grande horror à população e aos seus destinatários. Apresentando consideráveis traços paranoicos, chegou a publicar um manifesto intitulado *A Sociedade Industrial e seu Futuro*. Disponível em: “<http://www.anarquista.net/wp-content/uploads/2013/10/A-Sociedade-Industrial-e-seu-futuro-Manifesto-de-Unabomber.pdf>”. Acesso em: 01/08/2018. Unabomber entrou para a Universidade de Harvard aos dezesseis anos. Logo em seguida, completou seu doutorado e se tornou docente da Universidade de Berkeley, cuja carreira durou apenas dois anos. Mas rapidamente, Unabomber renunciou à carreira acadêmica e se isolou na floresta de Lincoln, Montana, e construiu uma casa com suas próprias habilidades, desprovido de luz elétrica. Sua resposta foi radical. Na sua visão, a tecnologia estaria levando a sociedade ao colapso. Após praticamente duas décadas de investigação, o FBI consegue capturar Ted Kaczynski. Ver em: “https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/30/internacional/1522368732_878477.html”. Acesso em 01/08/2018.

⁷⁰² GARCÍA, Teresa Aguilar. *Ontología Cyborg: el cuerpo en la nueva sociedad tecnológica*. Barcelona: Gedisa, 2008. pp. 9-12.

⁷⁰³ SAFATLE, Vladimir. *O Circuito dos Afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo*. São Paulo: Cosac Naify, 2015. p. 410.

⁷⁰⁴ SLOTERDIJK, Peter. *La Ironia Cibernética*. Disponível integralmente em sua versão espanhol em: <https://www.pagina12.com.ar/diario/suplementos/radar/subnotas/745-138-2003-05-22.html>. Acesso em 13/02/2017.

⁷⁰⁵ SLOTERDIJK, Peter. *La Ironia Cibernética*. Disponível integralmente em sua versão espanhol em: <https://www.pagina12.com.ar/diario/suplementos/radar/subnotas/745-138-2003-05-22.html>. Acesso em 13/02/2017.

leis da física. As leis virtuais invadiram o mundo das leis que dominam o chamado mundo real, nos convertendo todos em seres simulados, habitantes de um hiperespaço⁷⁰⁶. No ciberespaço o ser-no-mundo é jogado à condição de permutabilidade técnica.

Derrick de Kerchove, por exemplo, descreveu a experiência da percepção a partir da relação com a tecnologia, especialmente com os televisores e com os computadores. Para ele igualmente, somos *cyborgs* na medida em que expandimos nossas limitações físicas produzindo extensões dos nossos corpos com o uso de dispositivos integrantes de nossas identidades e aos nossos corpos. Daí que será possível perceber até mesmo que, segundo uma noção de tecnopsicologia, nossa própria realidade psicológica, longe de ser algo natural, é, em parte, produto da relação com o nosso ambiente, podendo-se incluir as extensões tecnológicas que nos afetam. A tecnopsicologia trataria dos efeitos psicológicos produzidos por tecnologias que redimensionam o poder de nossas mentes⁷⁰⁷. Kerckhove procurou demonstrar como a reação corporal precede à elaboração de uma resposta mental coordenada e pensada. Ao que parece, a televisão e o computador, com o jogo incessante de imagens, operam à frente, adiantando-se ao tempo que seria necessário para se produzir o pensamento, pois falam diretamente ao corpo que, de forma imediata responde pelas reações da pele. Isso ocorre porque, conforme Kerchove, os mamíferos mais evoluídos a partir do desenvolvimento do seu sistema nervoso tiveram de responder às alterações sensíveis do ambiente a fim de garantir a própria sobrevivência. Kerckhove sugere que as telas não nos fornecem, praticamente, tempo para refletir sobre o que visualizamos. Colocamos nossos corpos no interior de prolongamentos do sistema nervoso, impulsionando uma dinâmica a partir da qual todas as tecnologias tornarão tudo em sistemas de informação, inclusive extensões de nossos corpos como as cidades⁷⁰⁸. Ou seja, o ambiente se torna uma extensão do corpo⁷⁰⁹.

⁷⁰⁶ GARCÍA, Teresa Aguilar. *Ontología Cyborg: el cuerpo en la nueva sociedad tecnológica*. Barcelona: Gedisa, 2008. pp. 47-8.

⁷⁰⁷ KERCKHOVE, Derrick. *A Pele da Cultura: uma investigação sobre a nova realidade eletrônica*. Tradução de Luís Soares e Catarina Carvalho. Lisboa: Relógia D'Água, 1997. pp. 29-34.

⁷⁰⁸ KERCKHOVE, Derrick. *A Pele da Cultura: uma investigação sobre a nova realidade eletrônica*. Tradução de Luís Soares e Catarina Carvalho. Lisboa: Relógia D'Água, 1997. pp. 37-50, 74.

⁷⁰⁹ Lembrando que, quando Dante desce ao inferno, ele faz uma descoberta ontológica que adquire impotência contemporânea: ele descobriu que os condenados se fundiram ao eterno infernal. Do caráter ambiental, o que permanece é o elemento hostil. Os criminosos permanecem com seus corpos para que possam sofrer, requisito necessário para a tortura (da alma, psicológica e física). “El cuerpo es el *minial world* que se utiliza para la reclusión de seres humanos en receptáculos de tormento”. SLOTERDIJK, Peter. *Esferas II: Globos. Macroesferologia*. Tradução de Isidoro Reguera. Madrid: Siruela, 2004. p. 527.

CAPÍTULO V – CIBERANTROPOTÉCNICA, TERROR E CRIME: A CRÍTICA CIPHERPUNK AO TERRORISMO DE ESTADO

Atualmente, não há um líder estatal que não seja neste sentido virtualmente um criminoso. AGAMBEN, Giorgio. Mezza Senza Fine⁷¹⁰.

Ao considerarmos a relevância do tema do aprimoramento humano, do transumanismo, das tecnologias convergentes e do processo da expansão do registro e de uso de dados informacionais, cabe perguntar sobre o fundamento antropotécnico que as potências mundiais, normalmente, lançam mão para acessar, muitas vezes de forma irrestrita, o espaço informacional de cada um, expandindo, neste sentido, o controle biopolítico digital. Conforme se perceberá, o terrorismo tem servido de pretexto para se ter acesso às informações privadas, que, pelo uso de novas ferramentas antropotécnicas, reformulam-se de acordo com as peculiaridades do ciber mundo. A antropotécnica criminal, por esse aspecto, radicaliza sua definição negativa, uma vez que todos são criminosos ou terroristas em potencial⁷¹¹.

Os governos, os serviços de segurança, as empresas gigantes da rede mundial apresentam um objetivo bem claro, que é o de controlar a rede de informações disponíveis para controlar a tudo de modo eficiente. Ao se conectar nas redes informacionais do ciber mundo, o internauta oferece uma quantidade inesgotável de dados pessoais que qualquer Estado ou empresa privada jamais sonhou conseguir. Ignacio Ramonet chega a afirmar que as caixas algorítmicas, hoje em dia, são uma variante do determinismo genético⁷¹², que pressupõem que o ser humano não dispõe de livre arbítrio ou de autonomia para pensar⁷¹³, isto é, que não pode auto-operar-se espontaneamente. Cada vez mais se destaca que o controle biopolítico tem sido empreendido por algoritmos⁷¹⁴, que definem, em última análise, perfis padronizados e influenciam comportamentos pelo uso de antropotecnologias domesticadoras e criadores de

⁷¹⁰ AGAMBEN, Giorgio. *Mezza Senza Fine*: note sulla política. Turin: Bollati Boringhieri, 1996. p. 86.

⁷¹¹ O'MALLEY, Pat. Crime e Risco. Tradução de Ricardo Jacobsen Gloeckner, Marcelo Butelli Ramos e Lucas Melo de Borges Souza. In: *Criminologias Alternativas*. (Org.) Pat Carien e Leandro Ayres França. Porto Alegre: Canal Ciências Criminais, 2017. pp. 305-23.

⁷¹² Sarkozy disse, em abril de 2007, que pedófilos e suicidas apresentam causas genéticas para seus comportamentos. Fala-se em quatro cavaleiros do infoapocalipse: pornografia infantil, lavagem de dinheiro, guerra às drogas e terrorismo. http://www.rtp.pt/noticias/mundo/candidatos-a-procura-dos-votos-de-milhoes-de-indecisos_n136161. Acesso em 19/01/17.

⁷¹³ RAMONET, Ignacio. *El Imperio de la Vigilancia*. Tradução de Martín Sacristán. Madri: 2016. 96.

⁷¹⁴ HARARI, Yuval Noah. *Homo Deus*: uma breve história do amanhã. Tradução de Paulo Geiger. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. Ver também: "<http://economicomx.com/2017/01/17/el-obituario-del-homo-sapiens-entrevista-con-yuval-noah-harari/>". Acesso em 19/01/17.

microesferas ajustadas a perfis classificatórios. Somos definidos e vigiados por meio de um grande conjunto de ferramentas antropotécnicas que descrevem uma disputa informacional que é ao mesmo tempo política e tecnológica⁷¹⁵. A convergência dos saberes se consuma como unidade informacional. Os números se tornaram a ferramenta de controle antropotécnico nas sociedades de paredes virtuais.

Acontece que, desde há algumas décadas, passaram a ganhar força movimentos de estudantes, pesquisadores, artistas, ativistas e programadores que têm a pretensão de resistir e até subverter o crescente monopólio dos saberes, em especial da tecnologia ligada ao virtual, que vão parar nas mãos de instituições, empresas, governos e grupos de poderosos. O ativismo nas redes, o uso de moedas alternativas, movimentos como o *Wikileaks*, são exemplos desse esforço de reapropriação dos saberes (afinal de contas, os saberes seriam muito mais do que conhecimentos, pois compreenderiam as definições do que pode e do que não pode ser feito e dito, segundo certos enunciados⁷¹⁶). Sabe-se, contudo, que esses esforços não foram capazes de frear as tendências que cada vez mais provocam a destruição das diversas formas de vida e inviabilizam que indivíduos se apropriem de forma autêntica do governo. Bifo vê no fim do humanismo europeu um dos motivos da emergência do que ele considera ser uma civilização neohumana, que seria modelada pela experiência norteamericana⁷¹⁷ e, em especial, por meio do ciber mundo com suas experiências virtuais.

O tema da antropotécnica, portanto, encontra, no presente, a questão virtual e o desencadeamento de novas formas de controle digital como um problema de irrecusável enfrentamento. Toda a sua definição exige seja reconsiderada. A transformação humana se conformou a esse cenário e o seu aspecto negativo também se reconfigurou. O fator negativo

⁷¹⁵ Nas palavras de Assange: “quando nos comunicamos por internet ou telefonia celular, que agora está imbuída na internet, nossas comunicações são interceptadas por organizações militares de inteligência. É como ter um tanque de guerra dentro do quarto. É como ter um soldado entre você e a sua mulher enquanto vocês estão trocando mensagens de texto. Todos nós vivemos sob uma lei marcial no que diz respeito às nossas comunicações, só não conseguimos enxergar os tanques – mas eles estão lá. Nesse sentido, a internet, que deveria ser um espaço civil, se transformou em um espaço militarizado. Mas ela é um espaço nosso, porque todos nós a utilizamos para nos comunicar uns com os outros, com nossa família, com o núcleo mais íntimo de nossa vida privada. Então, na prática, nossa vida privada entrou em uma zona militarizada. É como ter um soldado embaixo da cama. É uma militarização da vida civil”. ASSANGE, Julian et al. *Cypherpunks: liberdade e o futuro da internet*. Tradução de Cristina Yamagami. São Paulo: Boitempo. p. 53.

⁷¹⁶ Nas palavras de Foucault, os elementos do saber: “(...) são a base a partir da qual se constroem proposições coerentes (ou não), se desenvolvem descrições mais ou menos exatas, se efetuam verificações, se desdobram teorias. Formam o antecedente do que se revelará e funcionará com um conhecimento ou uma ilusão, uma verdade admitida ou um erro denunciado, uma aquisição definitiva ou um obstáculo superado”. FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do Saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7ª Edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. p. 203.

⁷¹⁷ DERRIDA, Jacques. *Filosofia em Tempos de Terror*. Diálogos com Jürgen Habermas e Jacques Derrida. BARRADORI, Giovanna (org.). Tradução de Juan José Botero e Luis Eduardo Hoyos. Madri, 2003. p. 23.

da antropotécnica criminal se redefinirá, igualmente, pelo cibercrime e pelo ciberterror, confirmando-se essa noção que vem a se constituir como desdobramento das ideias acerca do atmoterrorismo, desenvolvidas desde o terceiro capítulo. O ambiente virtual, que emerge como mundo, encontra pertinência na presente tese em razão da expansão do espaço de relevância para a antropotécnica criminal no sentido não só de produzir antropologicamente um novo humano, mas também por rodurizar uma criminalidade confrontada com instrumentos já assentados na guerra ao terror, conforme se verificará no tópico sobre as antropotécnicas matemáticas. Foi, primeiramente, necessário passar pelos temas do transumanismo, do aprimoramento humano e do virtual para narrar a especificidade dos problemas aqui destacados, chegando-se ao ciberterrorismo e ao terrorismo de Estado, como assuntos pertinentes à antropotécnica criminal. No final das contas, deparamonos com a biopolítica do *Big Data*⁷¹⁸ que integra essa nova reconfiguração do espaço, enquanto totalidade de criação e de representação, isto é, trata-se de uma microesfera (psicoesfera) reprogramada que nos faz pensar em uma transcriminalidade.

5.1 Na atmosfera do Wikileaks: o terrorismo *hight-tech*!

No dia 18 de fevereiro de 2017, em uma conferência de segurança em Munique, Bill Gates alertou a comunidade internacional sobre a possibilidade de uma nova pandemia. Ao tomar como exemplo a epidemia de ebola na África Ocidental em 2014 e 2015, assim como a gripe espanhola em 1918, destacou a hipótese da invenção de um vírus com finalidades terroristas, o que causaria verdadeira catástrofe mundial. Para ele, guerras e movimentos de agitação estão de mãos dadas com doenças capazes de provocar uma pandemia⁷¹⁹.

Bill Gates alertava que o mundo, com bastante probabilidade, poderia experienciar uma pandemia com tal feição nos próximos dez ou quinze anos e, por isso, não se poderia deixar de reconhecer a relação existente entre segurança da saúde e segurança internacional. Bill Gates pedia que os Estados Unidos investissem em pesquisa para desenvolver tecnologias capazes de

⁷¹⁸ Adiantamos que essa temática é extremamente vasta, como a expressão mesma diz. Em realidade, para os devidos fins desta tese, o *Big Data* foi considerado apenas em relação às estratégias de controle do terrorismo e da criminalidade, como um fenômeno cujas consequências ainda estão por vir no que se refere à antropotécnica.

⁷¹⁹ Bill Gates chegou a dizer o seguinte: “que apareçam na natureza ou pelas mãos de um terrorista, os epidemiologistas dizem que uma doença transmitida pelo ar que se propaga rapidamente pode matar 30 milhões de pessoas em menos de um ano”, e segue dizendo que: “as zonas de guerra e outros cenários são os lugares mais difíceis de eliminar as epidemias”. <http://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2017/02/1860349-mundo-precisa-se-preparar-para-uma-pandemia-afirma-bill-gates.shtml?cmpid=fb-uolnot-sau>. Acesso em 26 de fevereiro de 2016.

criar vacinas rapidamente, e comentou que a maioria das medidas de controle necessárias são aquelas que os Estados adotam para enfrentar um ataque biológico terrorista: “o custo global na preparação diante de uma pandemia está estimado em 3,4 bilhões de dólares por ano. A perda anual que uma pandemia provocaria poderia alcançar os 570 bilhões”, diz Bill Gates⁷²⁰. Com isso, o bilionário legitimava seu discurso de cunho imunológico contra possíveis ataques terroristas e enxergava no prevenicionismo uma saída para as ameaças tecnológicas. De toda sorte, a partir do seu discurso, pode-se entender que seria na atmosfera tecnológica que os conflitos se travariam no futuro.

De fato, sob o pretexto prevenicionista, a tecnologia tem tornado possível exercer a vigilância total sobre hábitos e comunicações, registrando certas ações a fim de transformá-las em informação útil. Hoje em dia, vivenciamos uma mudança de paradigma na difusão das informações, as quais não são mais centralizadas e controladas, por exemplo, por meios de comunicações específicas. Se observarmos o exemplo dos jornais e revistas, podemos concordar que está em curso um processo em que a informação se desmaterializou, tornou-se fluída em diversos seguimentos pela forte influência da *internet* e de todas as mudanças que ela tem provocado. A lógica da informação *online* tornou possível lançar uma notícia em sua forma bruta para depois corrigi-la, modificá-la, de modo que ela se tornou algo como um trabalho em construção, material dinâmico em evolução, algo como uma conversação⁷²¹.

Nesse cenário de transformações radicais, o *Wikileaks*, criado em 2006 por um grupo de internautas anônimos, tendo Julian Assange como seu porta-voz principal, assumiu a missão de receber e publicar informações de infiltração (*leaks*), mantendo sempre que possível o sigilo das suas fontes. A própria existência do *Wikeleaks*, ao provocar debates acalorados a partir de 2010, colocou em questão a liberdade de imprensa, as implicações para a democracia, etc., chegando ao ponto de demarcar um antes e um depois da sua existência. Basta levar em conta nessa questão o que representaram as informações sigilosas sobre os abusos praticados por militares no Afeganistão e no Iraque⁷²². O escândalo pela divulgação de informações cruciais sobre o modo de funcionamento dos bastidores da política e do poder provocou, além de debates

⁷²⁰ Ver em: <http://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2017/02/1860349-mundo-precisa-se-preparar-para-uma-pandemia-afirma-bill-gates.shtml?cmpid=fb-uolnot-sau>. Acesso em 26 de fevereiro de 2017.

⁷²¹ RAMONET, Ignacio. *La Explosión del Periodismo*: internet pone en jaque a los medios tradicionales. Tradução de Begoña Moreno-Luque. Buenos Aires: Capital Intelectual, 2011. pp. 12-3.

⁷²² RAMONET, Ignacio. *La Explosión del Periodismo*: internet pone en jaque a los medios tradicionales. Tradução de Begoña Moreno-Luque. Buenos Aires: Capital Intelectual, 2011. p. 75.

incessantes nas mídias, questionamentos sobre o que há de podre em nossas democracias e, sobretudo, o que sustenta nossa forma de vida ocidental.

No ano de 2010, a consagração do *Wikileaks* foi garantida pela difusão de um vídeo que trazia o título *Assassinato Colateral (Collateral Murder)*. Na abertura, aparece uma frase de crítica atomoterrorista atribuída a George Orwell, dizendo que: “a linguagem política [...] está desenhada para que as mentiras soem como verdade e os assassinatos aparecem como respeitáveis: para dar aspecto de solidez ao que é vento”. As imagens foram gravadas do interior de um helicóptero Apache, que sobrevoava um bairro de Bagdad, durante o dia, em 12 de julho de 2007. Um grupo de pessoas é avistado na rua e uma delas carregava uma câmera. Era, na realidade, o repórter da agência *Reuters*, Namir Noor-Eldeen, que estava com seu colaborador, Saeed Chmagh. Ao acreditarem que se tratava de um lança foguetes (RPG - *Rocket-propelled Grenade*), os militares disparam contra os suspeitos, sem sequer avisarem previamente, utilizando metralhadora de munição pesada. No vídeo, é possível identificar as ordens: “segue disparando! Segue disparando” (*Keep shooting! Keep shooting!*). Doze pessoas são assassinadas. Entre elas, um menino de nove anos. Ao final, ainda se ouve insultos às vítimas: “*bastards!*” (sinônimo de desgraçado, filho ilegítimo ou degenerado). O vídeo rodou o mundo em menos de vinte e quatro horas, desencadeando a produção de milhares de artigos nas mídias internacionais. Quatro milhões de internautas assistiram a essas cenas no *Youtube*, nos três dias após a divulgação. O Pentágono se viu pressionado a instaurar um procedimento investigatório para apurar a situação. Apesar de tudo, o exército manteve a versão de que nove rebeldes foram mortos, sendo que a morte do jornalista foi relatada como um dano colateral⁷²³.

Nessa leva de acontecimentos, o mundo também ficou impressionado com os movimentos promovidos pelo *Wikileaks* a partir de outras três infiltrações massivas que foram divulgadas no ano de 2010. A primeira dizia respeito a 76.000 documentos do exército dos Estados Unidos referentes a crimes de guerra no Afeganistão; a segunda, 400.000 informes de incidentes e abusos (SIGAT - *Significant Action in War*), que foram relatados por militares norte-americanos no Iraque, dos anos de 2004 a 2009, que representam, sem dúvida, uma das infiltrações mais relevantes sobre documentos confidenciais da história; e, a terceira, 250.000 notas diplomáticas trocadas entre dezenas de embaixadas norte-americanas com o Departamento de Estado de Washington. A polêmica toda, nesse ano, provocou um nível de hostilidade anormal. Washington transformou Assange em seu inimigo impardoável, passando

⁷²³ RAMONET, Ignacio. *La Explosión Del Periodismo: internet pone en jaque a los medios tradicionales*. Tradução de Begoña Moreno-Luque. Buenos Aires: Capital Intelectual, 2011. p. 80-1.

a ser considerado um terrorista *high-tech*⁷²⁴, equiparado a terroristas como Osama Bin Laden, que foi morto por uma operação norte-americana, ordenada por Barack Obama, em 1º de maio de 2011. Assange é mantido sob vigilância em todos os seus movimentos⁷²⁵. Aqui se avista a produção de um novo tipo de criminoso, o terrorista *high-tech*, por meio de um ato formal e oficial de nomeação que vem a reconfigurar a ideia de programação da política como máquina antropotécnica de produção não apenas do criminoso, mas do terrorista ou ciberterrorista.

Nesse contexto, em janeiro de 2011, a tensão em torno do *Wikileaks* se agudizou. Foi quando Assange anunciou em Londres que o *Wikileaks* tornaria público dados bancários de, aproximadamente, duas mil contas secretas nas Ilhas Cayman – paraíso fiscal no Caribe -, que foram abertas por chefes políticos de diversos países, como: Estados Unidos, Reino Unido, Alemanha, Áustria, etc., além de empresários e artistas que acumularam enorme riqueza e utilizaram paraísos fiscais para ocultar práticas ilícitas. Rudolf M. Elmer, antigo responsável pelo banco suíço Julius Baer, cuja especialização consistia em operações de evasão de impostos, foi quem concedeu essas informações ao *Wikileaks*. Elmer, que pretendia denunciar o sistema que permitia aos endinheirados escapar aos controles do Estado, em um primeiro momento, ofereceu as informações ao ministro de finanças alemão Peer Steinbrück, mas este pôs fim ao assunto tão logo pôde. A questão toda mudou de rumo quando essas informações foram enviadas ao *Wikileaks* e, finalmente, elas ganharam repercussão⁷²⁶.

Como se pode notar, o *Wikileaks* promoveu por meio de seus representantes uma luta ampla e informática contra a corrupção, o nepotismo e os abusos praticados pelos governos, reivindicando-se a transparência das ações dos poderosos e o acesso comum aos saberes informacionais. O portal divulga para o público, por exemplo, o que os dirigentes no mundo

⁷²⁴ Há algum tempo a mídia já assinalava essa categoria de terrorista. Os meios de comunicação de massa, com seus jornais, utilizam-se da legitimidade do argumento de autoridade e então divulgam essas novas categorias para atender ao seu interesse de disseminar o verdadeiro terror. Por exemplo: “[Alvin] Toffler diz que o ‘terrorismo high-tech é acessível a qualquer pessoa com conhecimentos de química alcançáveis em qualquer bom curso de graduação’. (...) O ‘conhecimento letal se espalha com grande naturalidade num mundo em que a informação se dissemina de maneira rápida e anônima, como nas redes de comunicação por computador. Além disso, sistemas de convivência de milhares de pessoas como metrô, aeroportos, grandes jatos e arranha-céus possibilitam a um ou poucos terroristas matar centenas de pessoas em um ataque’”. Esse artigo da Folha de São Paulo é datado de 1995 e desde essa época já se falava na relação entre atos de terror e o uso do ambiente. <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/5/28/mundo/10.html>. Acesso em 17 de fevereiro de 2017.

⁷²⁵ Em 1983, Sarah Tisdall, as autoridades britânicas condenaram uma funcionária do *Foreign Office* a seis meses de prisão por ter concedido ao *The Guardian* informações sobre como o governo de Margaret Thatcher previu a instalação secreta de mísseis de cruzeiro norte-americanos. RAMONET, Ignacio. *La Explosión Del Periodismo: internet pone en jaque a los medios tradicionales*. Tradução de Begoña Moreno-Luque. Buenos Aires: Capital Intelectual, 2011. p. 81-2.

⁷²⁶ RAMONET, Ignacio. *La Explosión Del Periodismo: internet pone en jaque a los medios tradicionales*. Tradução de Begoña Moreno-Luque. Buenos Aires: Capital Intelectual, 2011. pp. 82-3.

fazem em nome dos cidadãos, principalmente no que toca à política exterior, procurando colocar em evidência suas contradições, seus embustes, suas mentiras, seu distanciamento entre os propósitos políticos anunciados publicamente frente a sua atuação privada, normalmente acobertada pelo segredo. O *Wikileaks* procura mostrar de que maneira, em nome do interesse coletivo, pratica-se, na realidade, o cinismo de Estado⁷²⁷. Todo o embuste político não traz nada de novo nesse cenário. A novidade, contudo, advém da digitalização massiva das informações, que formou um novo espaço de disputa. Essa novidade criou a possibilidade de qualquer um descobrir o fundo perverso da versão oferecida pelos líderes políticos em seus discursos e declarações, denunciando o que há de podre no exercício do poder e disponibilizando as provas correspondentes à população.

Não estranha que alguns governos, tradicionalmente os Estados Unidos⁷²⁸, reprovam veementemente o *Wikileaks*⁷²⁹ pela publicação de documentos confidenciais, sendo que a violação da privacidade tem sido um padrão de conduta das potências mundiais⁷³⁰. É algo legítimo e necessário preocupar-se com a proteção da vida privada. Os Estados que cada vez mais se tornam paranoicos pela obsessão por segurança violam dia a dia a privacidade dos indivíduos. Dotados de um arsenal de vigilância tecnológica gigantesco, os Estados avançam até os últimos rincões da vida privada de qualquer um e isso vem a demonstrar claramente que o mundo da vigilância total deixou de ser um amontoado de ideias literárias sobre sociedades distópicas. Aqui, de fato, se justifica pela realidade concreta um sintoma paranoico: tudo se tornou intrusão (informacional). O paradoxo se renova no fato de não nos darmos conta muitas vezes de que somos observados, fichados, espiados, controlados, em razão do desenvolvimento de novas técnicas de controle e de domesticação que são criadas com a finalidade de rastrear todos os nossos passos e condicionar nossas formas de vida. É nesse novo contexto que

⁷²⁷ RAMONET, Ignácio. *La Explosión Del Periodismo*: internet pone en jaque a los medios tradicionales. Tradução de Begoña Moreno-Luque. Buenos Aires: Capital Intelectual, 2011. pp. 83-4.

⁷²⁸ RAMONET, Ignácio. *La Explosión Del Periodismo*: internet pone en jaque a los medios tradicionales. Tradução de Begoña Moreno-Luque. Buenos Aires: Capital Intelectual, 2011. p. 75.

⁷²⁹ No ano de 2011, ficou conhecido o fato de o Tribunal Federal dos Estados Unidos, por requerimento do Departamento de Justiça do governo americano, ter intimado o *Twitter* para que fossem entregues diversos dados e informações referentes às contas do *Wikileaks*, justificando que a entrega desses dados e informações seriam necessários para a realização de uma investigação criminal referente à divulgação de documentos considerados confidenciais. <http://www.esquerda.net/artigo/eua-intimam-twitter-fornecer-dados-da-wikileaks>. Acesso em 18/02/2017.

⁷³⁰ Contudo, a ironia se revela quando, recentemente, Donald Trump resolve tecer comentários sobre Assange, dizendo confiar mais em Assange do que na CIA ou no FBI. E essa admiração começou em plena campanha eleitoral quando Assange teria dito que apoiava o candidato à presidência dos Estados Unidos. Alguns periodistas chegaram a comparar Assange a Trump. Para alguns, ambos ostentam um perfil paranoico e megalomaniaco cuja procura por poder e destaque é sem parâmetros. http://internacional.elpais.com/internacional/2017/01/09/actualidad/1483986507_384191.htmlhttp://internacional.elpais.com/internacional/2017/01/09/actualidad/1483986507_384191.html. Acesso em 13/02/2017.

empresas privadas rastreiam nossas vidas e muitas vezes são quem auxiliam os Estados a concentrarem gigantescos bancos de dados a nosso respeito. Uma das mais fortes justificativas para levar a diante essas investidas intrusivas nas vidas privadas está vinculada ao combate ao terrorismo⁷³¹ e aos crimes considerados graves, como lavagem de dinheiro, organização criminosa e tráfico de drogas.

5. 2 O mundo sob vigilância: “eu contribuo com meu espião”

Há mais ou menos uns vinte anos, depois de uma onda de ataques terroristas contra cidades como Nova Iorque, Washington, Paris, Toulouse, Bruxelas, Boston, Ottawa, Oslo, Londres, Madri, etc., um enorme pavor das sociedades tem sido instrumentalizado para expandir a vigilância em nossas vidas, sem que seja promovido o aumento da proteção imunitária da vida privada. Com a utilização de algoritmos cada vez mais avançados, profissionais especializados (investigadores, matemáticos, engenheiros, estatísticos, informáticos, etc.) rastreiam e selecionam informações que, na maior parte das vezes, oferecemos sobre nós mesmos e, até certo ponto, de forma consentida. Desde o espaço exterior, satélites e *drones*⁷³² nos miram com olhares certos. Câmeras infravermelho medem a temperatura do nosso corpo e lêem as nossas faces. Outras câmeras nos filma e nos controlam nas ruas da cidade, em qualquer lugar que andamos. A pretensão de conciliar redução de custos e aumento do nível de segurança tem feito, por exemplo, algumas empresas terceirizadas substituírem os porteiros que atuavam em suas torres presencialmente por agentes remotos⁷³³. Fala-se, nessa mesma linha, no desenvolvimento da *internet* das coisas⁷³⁴; tudo é

⁷³¹ RAMONET, Ignacio. *El Imperio de la Vigilancia*. Tradução de Martín Sacristán. Madri: 2016. pp. 9-10.

⁷³² CHAMAYOU, Grégoire. *Teoria do Drone*. Tradução de Célia Euvaldo, São Paulo: Cosac Naify, 2015.

⁷³³ A promessa é de uma redução de cinquenta por cento nos custos do condomínio. Os porteiros virtuais se comunicam com os moradores a distância, realizam leitura facial de quem chega e que sai, têm o controle vinte e quatro horas do que acontece no condomínio via *internet* e podem estar realizando esse serviço até de outra cidade, em uma central de controle. Esse sistema já é utilizado na cidade de Porto Alegre. Ver em: “<https://www.sindiconet.com.br/informese/como-funciona-a-portaria-virtual-ou-remota-em-condominios-manutencao-portaria-virtual>”. Acesso em 08/11/2018.

⁷³⁴ Assange vê da seguinte maneira as coisas: “(...) não existem mais carros, não existem mais aviões, não existem mais aparelhos auditivos; o que temos são computadores com quatro rodas, computadores com asas, computadores para ajudá-lo a escutar”. ASSANGE, Julian et al. *Cypherpunks: liberdade e o futuro da internet*. Tradução de Cristina Yamagami. São Paulo: Boitempo. p. 50. Ramonet narra um fato curioso: “em toda parte algueme nos observa através de novas fechaduras digitais. O desenvolvimento da internet das coisas (*internet of things*), e a proliferação de aparatos conectados, multiplicam a quantidade de espiões de todo tipo que nos cercam. Nos Estados Unidos, por exemplo, a empresa de eletrônica Vizio, instalada em Irvine (Califórnia), principal fabricante de televisores inteligentes conectados a internet, revelou recentemente que seus televisores espiavam os seus usuários por meio de tecnologias incorporados no aparelho. (...) Os televisores gravam tudo o que os espectadores consomem em matéria de programas audiovisuais, tanto os programas de canais a cabo, como os DVDs, os pacotes de acesso à internet ou aos controles de videogames... Portanto, Vizio pode saber tudo sobre as seleções que seus

computadorizado, cada objeto tem seu computador próprio e isso potencializa as vias do controle por meio da vigilância total. O cibernundo abocanhou o mundo físico. Basta pensar nos aparelhos eletrônicos de nossas casas e até em nossos carros que dispõem de uma espécie de computador próprio: todos eles podem oferecer informações precisas sobre nossos costumes pessoais⁷³⁵, sobre padrões comportamentais que cultivamos. Se no panóptico de Bentham o *big brother* era invisível, porém onnipresente na cabeça dos vigiados, no atual Panóptico digital ninguém se sente vigiado ou sequer ameaçado⁷³⁶. E o panóptico está vazio. Tudo isso com a sensação de se viver em liberdade. Logo, a tecnologia auxilia a reconfigurar nossos aparelhos psíquicos. Demais disso, a tecnologia não apenas se tornou a ferramenta de transformação dos corpos, mas também reconfigurou nossos ambientes, e nessa soma de efeitos, reprograma nosso mundo não como linguagem, mas como produto da informação digital que determina nossos hábitos.

Há bastante tempo se tornou conhecido o sistema de controle utilizado pelos Estados Unidos, o chamado sistema *Echelon*⁷³⁷, um sistema de vigilância global que, em 1947, foi criado pela NSA, e, atualmente, ostenta a maior captura virtual de chamadas telefônicas do planeta. Seus propósitos estão, logicamente, vinculados à situação política de cada época. Basta perceber que nos anos 40 esse sistema visava a controlar operações de caráter militar. Já nos anos 60, seu foco estava no campo econômico e científico, tendo em vista o crescimento do comércio internacional. Recentemente, o sistema *Echelon* tem como finalidade controlar o crime organizado, o tráfico de drogas, a lavagem de dinheiro e o terrorismo. Após o 11 de setembro, a NSA passou a articular forças com as três maiores companhias de telecomunicação dos Estados Unidos (*BellSouth, AT&T e Verizon*), com o intuito de realizar registros domésticos

clientes preferem em matéria de ócio audiovisual. E, conseqüentemente, pode vender essa informação às empresas publicitárias que, graças às análises dos dados copiados, conhecerão com precisão os gostos dos usuários e estarão em melhor situação para tê-los no ponto de mira”. RAMONET, Ignacio. *El Imperio de la Vigilancia*. Tradução de Martín Sacristán. Madri: 2016. pp. 76-7. Mike Gatto, um deputado californiano, em 2015, denunciou a Samsung por instalar microfones ocultos nas televisões para gravar as conversas dos consumidores. Ver em: “<http://www.cartacapital.com.br/blogs/outras-palavras/o-novo-estado-da-vigilancia-global>”. Acesso em 18/01/17. Ver também: “<http://www.monde-diplomatique.es/?url=editorial/0000856412872168186811102294251/editorial/?articulo=2dea492b-db8d-4d34-a23c-844915d6e6ab>”. Acesso em 18/01/17”.

⁷³⁵ RAMONET, Ignacio. *El Imperio de la Vigilancia*. Tradução de Martín Sacristán. Madri: 2016. pp. 10-11.

⁷³⁶ HAN, Byung-Chul. *Psicopolítica: neoliberalismo e as novas formas de poder*. Tradução de Alfredo Bérgeles. Barcelona: Herder, 2014. p. 34.

⁷³⁷ Conforme Rogério da Costa: “O sistema Echelon é muito simples em seu desenho: estações de interceptação de sinais em todo o mundo capturam todo o tráfego de comunicações via satélite, microondas, celular e fibra ótica, processando essas informações em computadores de alta capacidade. Isso inclui programas de reconhecimento de voz, programas de reconhecimento de caracteres, procura por palavras-chave e frases no dicionário Echelon, que capacitam o computador a marcar as mensagens, gravá-las e transcrevê-las para futuras análises”. COSTA, Rogério da. *A Sociedade de Controle*. São Paulo: São Paulo em Perspectiva, v. 17, n.3, 2003. p. 163.

considerados suspeitos. Pode-se afirmar que tais etapas do sistema *Echelon* estão vinculadas ao processo de expansão do controle⁷³⁸ informacional, disseminando a ideia de que é preciso adotar medidas preventivas contra o inimigo à espreita. Sem dúvida alguma, todas essas ferramentas oriundas do avanço tecnológico auxiliaram na criação de figuras especularizadas, como a do terrorista⁷³⁹. Daí que administração Bush acessou diversas transações internacionais com o pretexto de localizar movimentações terroristas⁷⁴⁰.

Tudo isso demonstra que a revolução digital que vivenciamos modifica substancialmente os campos da informação e da vigilância. Na era da *internet*, a vigilância se tornou, praticamente, omnipresente e imperceptível. Ela se infiltrou pelo ar. E isso se tornou banal. É possível colocar qualquer indivíduo em escuta e ao mesmo tempo vigiá-lo. No próprio mercado da *internet* existem diversas ofertas de espionagem particular (por exemplo, *mSpy*⁷⁴¹, *GSmSpy*⁷⁴², *FlexiSpy*⁷⁴³, *Spyera*⁷⁴⁴, *EasySpy*⁷⁴⁵, etc.) que permitem ter acesso aos conteúdos de telefones móveis, desde SMS, correio eletrônico, *WhatsApp*, até o acesso a contas do *Facebook*, do *Twitter* e do *Instagram*. Com tudo isso à disposição para uso gratuito e deliberado, passa a existir um mercado de vigilância comercial que opera a partir de gigantescos bancos de dados pessoais, transformados em mercadoria. Veja-se que, ao se conectar a *internet*, os chamados *cookies* acumulam um grande pacote de dados sobre as atividades prévias do usuário, contribuindo para a construção do seu perfil de consumidor. Fato é que a vigilância se privatizou e de certa maneira se democratizou. Já não é exclusividade dos Estados e de seus serviços de informação a obtenção de informações privilegiadas. Porém, é graças a uma aliança sem precedentes entre Estado e empresas privadas da indústria da informática e telecomunicações – as GAFAM (*Google, Apple, Facebook, Amazon, Microsoft*) - que o próprio Estado expandiu sua capacidade de espionagem em massa⁷⁴⁶. Daí que o ciberespaço estaria encarregado da

⁷³⁸ DELEUZE, Guilles. *Conversações*. Tradução de Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: 34, 1992.

⁷³⁹ LEAL, David. *Crítica à Racionalidade Econômica no Controle Penal: análise introdutória de uma expansão significativa*. In: Congresso Internacional de Ciências Criminais, 2012, Porto Alegre. Anais do III Congresso Internacional de Ciências Criminais. Porto Alegre: EdiPuc, 2012. v. III. p. 1-21.

⁷⁴⁰ BLOMBERG, Thomas G.; HAY, Carter. Visions of Social Control revisited. In: *Crime, Social Control and Human Rights*. Canada: Willan, 2007. p. 187.

⁷⁴¹ O site desse aplicativo traz a seguinte informação: “monitore conversas instantâneas e descubra o que está sendo discutido e com quem! Não é preciso ser um racker profissional para entrar na conta de alguém. O nosso rastreador permite que você tenha livre acesso ao *Facebook, Messenger, Snapchat, WhatsApp* e *Viber* sem qualquer problema”. <https://www.mspy.com.br/android-spy.html>. Acesso em 13/02/2017.

⁷⁴² <http://gsmspy.fr/telephone-espion-gsmspy-light.html>. Acesso em 13/02/2017.

⁷⁴³ <https://www.flexispy.com/pt/>. Acesso em 13/02/2017.

⁷⁴⁴ <https://spyera.com/pt/>. Acesso em 13/02/2017.

⁷⁴⁵ <https://buyeasy spy.com/>. Acesso em 13/02/2017.

⁷⁴⁶ “Essa aliança sem precedentes – Estado + aparato militar de segurança + indústrias gigantes da Web – tem criado este Império da Vigilância cujo objetivo claro e concreto é pôr a internet sob escuta, toda a internet e todos

ciberdefesa⁷⁴⁷, contendo suas estruturas organizacionais, seu Estado maior, seus *cibersoldados*, bem como suas próprias armas, tudo articulado com a capacidade de provocar uma ciberguerra no ecossistema digital⁷⁴⁸.

Não pode passar despercebido que, desde um primeiro momento, a *internet* seria o mecanismo capaz de ampliar as possibilidades de expressão individuais e que permitiria certo desprendimento do monopólio estatal sobre as diversas formas de comunicação (correios, telégrafo e telefone) dos gigantes da telecomunicação, bem como dos meios de comunicação dominantes: a imprensa, o rádio e a televisão (a propósito, todas seriam ferramentas antropotécnicas da desinibição, no entendimento de Sloterdijk⁷⁴⁹). Logo se percebeu que as redes também são afetadas por uma potente centralização das gigantescas empresas privadas, as GAFAM. Detalhe importante é que todas são norte-americanas. E todas elas se alimentam de dados pessoais dos usuários, que as enriquecem de forma impressionante⁷⁵⁰. De fato, para as gerações de menos de quarenta anos, as redes são um ecossistema em que seu pensamento, seus gostos, sua educação se desenvolveram. A *internet* representa um espaço de exploração do mundo em que as pessoas se encontram, dialogam, adquirem cultura, valores e conhecimento. E o impressionante é que nesse universo tecnológico de evolução o indivíduo não se preocupe em saber que as máquinas é que gerem a sua vida, analisando, filtrando e registrando seus atos e gestos com o fim de produzir informação. Começa a fazer sentido o fato de que Zucherberg⁷⁵¹, Bill Gates⁷⁵², entre outros, no dia 26⁷⁵³ de setembro de 2015⁷⁵⁴, defenderam perante a ONU - no marco dos objetivos do desenvolvimento sustentável estabelecidos pelas Nações Unidas para erradicar a pobreza extrema até o ano de 2030 - que a *internet* pertence⁷⁵⁵ a todo mundo e deve

os internautas”. RAMONET, Ignacio. *El Imperio de la Vigilancia*. Tradução de Martín Sacristán. Madri: 2016. pp.13-5.

⁷⁴⁷ Ver em: “<http://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Internacional/Ocidente-prepara-se-para-uma-ciberguerra-contra-a-Russia/6/31883>”. Acesso em 17 de fevereiro de 2017.

⁷⁴⁸ RAMONET, Ignacio. *El Imperio de la Vigilancia*. Tradução de Martín Sacristán. Madri: 2016. pp.15-6.

⁷⁴⁹ SLOTERDIJK, Peter. *Regras Para o Parque Humano: uma resposta à ‘Carta Sobre o Humanismo’*. Tradução de Manuel Resende. Coimbra: Angelus Novus, 2007.

⁷⁵⁰ Percebe-se que progressivamente a fronteira entre o público e o privado se apaga. Assange sustenta que os Estados Unidos tem acesso a praticamente todos os dados armazenado no *Google* referente às pessoas. Os terceirizados com quem a NSA passou a trabalhar cresce cada vez mais, sendo que nos últimos anos contabilizam mais de mil. ASSANGE, Julian et al. *Cypherpunks: liberdade e o futuro da internet*. Tradução de Cristina Yamagami. São Paulo: Boitempo. p. 72.

⁷⁵¹ FRANCO DE SÁ, Alexandre. *Metamorfose do Poder: prolegómenos schmittianos a toda a sociedade futura*. Coimbra: Ariadne Editorial, 2004. p. 41.

⁷⁵² <http://revistagalileu.globo.com/Tecnologia/noticia/2015/12/zuckerberg-bill-gates-e-outros-bilionarios-se-unem-pela-energia-sustentavel.html>. Acesso em 18 de fevereiro de 2017.

⁷⁵³ <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2011/01/gore-e-pai-da-web-defendem-internet-livre-do-controle-de-governos.html>. Acesso em 18 de fevereiro de 2017.

⁷⁵⁴ Ver: “<http://www.globalgoals.org/pt/>”. Acessado em 12 de janeiro de 2017.

⁷⁵⁵ ZIZEK, Slavoj. *La Nueva Lucha de Clases: los refugiados y el terror*. Tradução de Damià Alou. Barcelona: Anagrama. P. 86.

ser acessível a todos como um hábito fundamental à vida. A propósito, o *Facebook* não esperou para lançar, em dezembro de 2013, um aplicativo para *smartphones* que permitia o acesso gratuito às populações mais carentes a redes como o próprio *Facebook* e diversos sites da *web*, a exemplo da *Wikipédia*. A empresa *Google* pretendeu levar a cabo seu projeto de tornar possível o acesso à *internet* ao mundo inteiro, apoiando-se no programa *Loon* com globos de hélio colocados na estratosfera. Sem excluir a boa-fé dos interessados em trazer benefícios à humanidade, seria oportuno questionar se não existiriam também nesses projetos motivações econômicas, uma vez que a riqueza dessas empresas foi construída com a quantidade massiva de pessoas, colocando as informações de cunho pessoal à disposição nas redes. É bom lembrar que o *Facebook* e o *Google* nada vendem aos internautas, mas vendem aos anunciantes publicitários os seus milhões de usuários, que se tornam verdadeiros trabalhadores escravos – os infotrabalhadore, como dissera Bifo –, nascendo, com isso, um novo tipo de escravidão voluntária. Logo, estando o mundo inteiro conectado, as grandes empresas poderão vender à NSA (*National Security Agency*) dados pessoais de todos habitantes da terra. Essa ganância fáustica por parte do Estado de tudo saber e tudo tomar conta é fruto da promessa de maior eficiência burocrática na administração da sociedade. Partindo da promessa de eficiência, o Estado quer tudo saber sobre os seus cidadãos, o que há de mais íntimo e profundo sobre suas vidas particulares⁷⁵⁶.

A essa altura não há como duvidar que todos são vigiados e filtrados em mensagens eletrônicas, consultas na rede, conversas em redes sociais e no uso de telefones, assim como no uso de cartões de crédito, e assim por diante. Tudo isso concentra informações sobre o perfil em que nós nos enquadramos e que é defidido por classificações oriundas de empresas publicitárias, corporações, instituições financeiras, e até de autoridades de governos, que operam como instituições antropotécnicas. A guerra incessante contra o terror e contra o crime favorece, conseqüentemente, a acumulação de gigantescos bancos de dados (*Big Data*), além de favorecer um impressionante arsenal de leis e de dispositivos para a manutenção do controle social total⁷⁵⁷.

Em tal cenário, a CIA recomendou ao presidente dos Estados Unidos que se preparasse para enfrentar as grandes empresas que controlam a *internet*, e chegou a criar o *Especial Collection Service*. Trata-se de um serviço de informações ultrassecretas, que se especializou em captar clandestinamente informações de origem eletromagnética. Ele atua junto à NSA e ao

⁷⁵⁶ RAMONET, Ignacio. *El Imperio de la Vigilancia*. Tradução de Martín Sacristán. Madri: 2016. pp.16-20.

⁷⁵⁷ RAMONET, Ignacio. *El Imperio de la Vigilancia*. Tradução de Martín Sacristán. Madri: 2016. pp.78-9.

serviço das forças armadas SCB (*Service Cryptologic Elements*). A CIA, com pretensões de domesticação antropológica, acredita que uma vez que um grupo de empresas privadas controlar toda a massa de dados que transitam na *internet*, poder-se-á controlar o comportamento de boa parte da população do mundo, até mesmo as próprias instituições dos governos. Igualmente, a CIA tem receio de que o terrorismo yihadista passe a atuar por meio do ciberterrorismo, que seria ainda mais perigoso⁷⁵⁸ por seus possíveis efeitos em escala nacional ou até global.

5.3 Estado e ciberterrorismo: a produção do terror na era digital

Pode-se dizer que, na era digital, três realidades colidem no debate social: a primeira é a americanizada com a vigilância eletrônica disseminada; a segunda diz respeito à proteção da vida privada; e, a terceira, o apelo à segurança frente às novas formas de violência, especialmente na relação entre crime e terror. Foquemos nesse último aspecto.

O uso do terrorismo para fins políticos é relativamente antigo. Porém, para se compreender o terrorismo moderno é preciso do apoio da técnica, e, pontualmente, da comunicação de massas, que só foi aparecer depois da metade do século XIX, que proporcionou a expansão do efeito coletivo causado pelo terror. O efeito estratégico, normalmente, de um ato de terror é direcionar uma mensagem de um grupo ou organização - geralmente clandestina - a uma coletividade. Com o uso da violência indiscriminada contra civis, vislumbra-se o objetivo de promover uma causa que repercutirá com a amplificação do terror provocada pelos meios de comunicação em massa, esses que Sloterdijk chamou de cúmplices do terror⁷⁵⁹. A questão é que o uso político do terrorismo foi realizado, no transcorrer da história, por organizações, partidos de esquerda e de direita, grupos nacionalistas, étnicos, revolucionários, religiosos, e - principalmente - pelo próprio Estado. Entretanto, desde os ataques de 11 de setembro, de 2001 (cuja autoria foi reivindicada pela *Al Qaeda*), tanto o terrorismo quanto o antiterrorismo entraram em uma nova fase. Ramonet considera que se rompeu um ciclo político que havia iniciado em 1989 com a queda do muro de Berlim e, posteriormente, com a extinção da União Soviética, em 25 de dezembro de 1991. O ciclo geopolítico que acabou neste dia deu início ao auge da mundialização neoliberal cujas características são a exaltação do regime democrático,

⁷⁵⁸ RAMONET, Ignacio. *El Imperio de la Vigilancia*. Tradução de Martín Sacristán. Madri: 2016. pp. 91-2.

⁷⁵⁹ SLOTERDIJK, Peter. *Se a Europa Despertar*: reflexões sobre o programa de uma potência mundial ao final da era de sua letargia política. Tradução de José Oscar de Almeida Marques. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

a celebração do Estado de Direito, a glorificação dos direitos humanos, a pressuposição de espaços de liberdades econômicas e pessoais possibilitadas pelo Estado⁷⁶⁰, entre outros. Sem dúvida, a resposta democrática ao 11 de setembro evidenciou um claro retrocesso, pois em nome da “guerra justa” contra o terrorismo, verdadeiros atos terroristas foram praticados⁷⁶¹. Além disso, para concretizar sua guerra contra o Afeganistão, Washington estabeleceu alianças com autocratas como o general Pervez Mushrraf, do Paquistão; o ditador do Uzbequistão, Islam Karimov. No mesmo passo, o governo de George Bush formulou uma avalanche de medidas liberticidas. O ministro da justiça, John Ashcroft, aprovou uma lei antiterrorista, *Patriot Act*⁷⁶², que possibilitou que as autoridades mantivessem suspeitos presos por tempo indefinido, os deportassem, espionassem suas conversas telefônicas, seus correios eletrônicos, etc., tudo isso sem autorização judicial prévia. Com isso, desde o 11 de setembro, inúmeros⁷⁶³ estrangeiros foram presos de forma abusiva, os quais foram mantidos nessa condição sem que sequer fossem colocados diante de um juiz, tampouco assistidos por um advogado⁷⁶⁴.

Nesse contexto, ainda que os tribunais dos Estados Unidos tivessem competência para julgar estrangeiros suspeitos de atos terroristas, em novembro de 2001, Bush criou tribunais militares, utilizando procedimentos especiais, localizados fora do território estadunidense para que suas leis não fossem aplicadas e, portanto, não protegessem os direitos dos acusados. Desta forma, o presidente Bush criou seu mundo particular de punição, tortura e morte daqueles classificados como agentes do terror. Tais procedimentos especiais foram realizados em bases militares no exterior, a exemplo da base de Guantánamo, que faz parte do território de Cuba, mas cujo terreno foi arrendado pelos Estados Unidos por tempo indeterminado. As sentenças foram formuladas por comissões cujos integrantes eram oficiais, não houve a possibilidade de se recorrer, as conversas entre o acusado e o seu defensor foram interceptadas, o procedimento foi sigiloso e os detalhes do processo somente foram publicizados décadas depois. O próprio FBI (*Federal Bureau of Investigation*) propôs que certos acusados fossem enviados para países em que o regime ditatorial permitiria a utilização de métodos de interrogatório com o uso de tortura. De sua parte, Bush desconsiderou uma decisão de 1974 que proibia a CIA (*Central*

⁷⁶⁰ DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *A Nova Razão do Mundo*: ensaios sobre a sociedade neoliberal. Tradução de Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2016.

⁷⁶¹ ZIZEK, Slavoj. *Bem-vindo ao Deserto do Real*: cinco ensaios sobre o 11 de setembro e datas relacionadas. Tradução de Paulo Cezar Castanheiras. São Paulo: Boitempo, 2003.

⁷⁶² Ver em https://pt.wikipedia.org/wiki/USA_PATRIOT_Act. Acesso em 12 de janeiro de 2017.

⁷⁶³ https://pt.wikipedia.org/wiki/Ataques_de_11_de_setembro_de_2001#cite_note-152. Acesso em 17 de fevereiro de 2017. Também sobre o tema: https://www.hrw.org/legacy/spanish/press/2002/eeuu_abuso.html. Acesso em 17 de fevereiro de 2017.

⁷⁶⁴ RAMONET, Ignacio. *El Imperio de la Vigilancia*. Tradução de Martín Sacristán. Madri: 2016. pp. 25-8.

Intelligence Agency) de matar dirigentes estrangeiros, como os chefes da Al Qaeda. A guerra no Afeganistão teve esse propósito: eliminar os membros da Al Qaeda, ainda que eles se rendessem⁷⁶⁵.

Por outro lado, as medidas antiterroristas, em sua maioria, são consideradas pouco eficazes, pois a quantidade de reais terroristas presos é irrisória e sua detenção não impede a prática de outros atentados. De fato, o preço que se paga é enorme em termos de degradação dos direitos humanos (não à toa que os teóricos transumanistas já alertam há certo tempo que esse marco civilizacional representado por cartas de direitos não dará conta de responder devidamente aos problemas engendrados em razão da tecnologia no futuro⁷⁶⁶). O caos provocado pelos Estados Unidos com a intervenção no Afeganistão e no Iraque é tema já bastante conhecido. Mais de quinze anos depois, o desastre continua, de modo que se estendeu à Síria, inclusive provocando a fuga de milhares de refugiados. Entretanto, o terrorismo yihadista se espalhou pelo mundo todo. O pretense sucessor de Osama Bin Laden, Ayman al-Zawahiri⁷⁶⁷, convocou todos os muçulmanos do mundo para ataquem o mundo ocidental, em especial os Estados Unidos. Ocorreu nesse processo histórico o que se chamou de mundialização do terrorismo, o que, logicamente, faz parte de um processo muito mais amplo, que também não se restringe à questão religiosa⁷⁶⁸. Isso apresentou um novo desafio para os Estados que têm de proteger seus cidadãos. Simultaneamente, foi justamente essa nova realidade que permitiu aos Estados colocar toda a sociedade sob vigilância e adotar medidas de exceção que, não fosse o impacto provocado pelo terrorismo, leis e medidas extremas não seriam aceitas de forma fácil. É visível que o medo é um sentimento instrumentalizado tanto por aqueles que são tratados como terroristas, como pelos integrantes de governos. Em razão dos ataques contra a França, em janeiro de 2015, a polícia francesa chegou a fichar por “islamismo radical” cinco mil pessoas. François Molins⁷⁶⁹, Procurador da República de Paris, afirmou que era praticamente impossível monitorar esses suspeitos vinte e quatro horas por dia e que, dessas cinco mil pessoas, apenas mil e setecentas eram vigiadas pelos serviços de informação. François Molins firmou, também, que há grande preocupação em relação a outro tipo de terrorista, aquele considerado lobo solitário (exemplo típico seria Ted Kaczynski). Isso

⁷⁶⁵ RAMONET, Ignacio. *El Imperio de la Vigilancia*. Tradução de Martín Sacristán. Madri: 2016. pp. 29-30.

⁷⁶⁶ BROSTOM, Nick. *Is transhumanism the world's most dangerous idea?* Disponível em: “<https://nickbostrom.com/papers/dangerous.html>”. Acesso em 04/11/2018.

⁷⁶⁷ https://pt.wikipedia.org/wiki/Ayman_al-Zawahiri. Acesso em 17 de fevereiro de 2017.

⁷⁶⁸ KEPEL, Gilles. *A Revanche de Deus: cristão, judeus e muçulmanos na reconquista do mundo*. Tradução de J. E. Smith Caldas. São Paulo: Siciliano, 2011.

⁷⁶⁹ http://brasil.elpais.com/brasil/2015/08/25/internacional/1440497429_214882.html. Acesso em 17 de fevereiro de 2017.

porque existiria um tipo de ação terrorista que não teria estrutura organizacional, nem células, nem cadeias de mando, assim como não utilizaria as redes computacionais. Normalmente seriam ações individuais praticadas por um suspeito que não figuraria nos bancos de dados da polícia, não possuiria antecedentes, nem relação com movimentos extremistas. De acordo com François Molins⁷⁷⁰, em julho de 2015, em torno de mil e oitocentos franceses se tornaram adeptos dos movimentos yihadistas no Iraque e na Síria, chegando a quinhentos participarem de combates. Estima-se que o número de novos voluntários tenha duplicado em 2015 e que entre duzentos a trezentos ex-combatentes do Daesh retornaram à França⁷⁷¹.

Além disso, na França, houve um debate sobre a Lei *Renseignement* (Lei da Informação) aprovada de 2015, e foi criada após o atentado em Paris contra o jornal Charlie Hedbo, ganhando igualmente destaque nesse ano o grupo chamado *Cybercaliphate*, relacionado ao grupo islâmico, que deixou fora do ar por algumas horas canais de televisão, sites e perfis de redes sociais⁷⁷². A Lei francesa permite a realização da vigilância em massa sobre comunicação e dados de usuários das redes⁷⁷³ a fim de se evitar ações terroristas ou criminosas, ainda que esses indivíduos não ostentem qualquer comportamento que possa indicar essas práticas. Após as revelações de Snowden, essa Lei passou a ser fortemente criticada. O Tribunal de Justiça da União Europeia (TJUE) anulou uma diretiva de 2006 a respeito da conservação de dados indiscriminada. A Lei *Renseignement* possibilita que os investigadores escutem e gravem as conversas de qualquer um, sem decisão prévia de um juiz autorizando esse tipo de intervenção. Permite-se que o *software Espia* seja utilizado a fim de se ter acesso aos passos informacionais dos suspeitos, de modo que tudo pode ser gravado em tempo real com o uso de caixas pretas algorítmicas inseridas nos operadores de telecomunicação, nos provedores de *internet*, etc. Todas as pesquisas no *Google*, uso do *Facebook*, conversas no *Whatsapp*, etc., podem ser rastreadas. A Lei também autoriza a instalação de dispositivos de GPS em carros; instalação de câmeras clandestinas nas casas de suspeitos; além de permitir a utilização das *IMSI catchers*, para interceptar comunicações telefônicas. Desta forma, os agentes de serviço francês podem

⁷⁷⁰ <http://exame.abril.com.br/mundo/policia-francesa-detem-seis-supostos-jihadistas-em-lyon/>. Acesso em 17 de fevereiro de 2017.

⁷⁷¹ RAMONET, Ignacio. *El Imperio de la Vigilancia*. Tradução de Martín Sacristán. Madri: 2016. pp. 31-5.

⁷⁷² No Brasil, em razão das tensões diplomáticas geradas por eventos envolvendo espionagem norte-americana, a lei que instituiu o Marco Civil da internet acabou sendo agilizada. SALDANHA, Jânia Maria Lopes; BRUM, Marcio Morais; MELLO, Rafaela de Cruz. *As Novas Tecnologias da Informação e Comunicação entre a Promessa de Liberdade e o Risco de Controle Total: estudo de jurisprudência do Sistema Interamericano de Direitos Humanos*. Disponível em: “<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1870465417300144>”. Acesso em: 02/11/2018.

⁷⁷³ RAMONET, Ignacio. *Nos Han Robado una Esperanza!* (s/d). Disponível em: “<http://webs.ucm.es/info/uepei/noshanrobado.html>”. Acesso em 05/11/2018.

espionar tudo e procurar saber tudo sobre a vida dos seus suspeitos. Além disso, essa Lei possibilita que qualquer um que incite violências coletivas ou alguma forma de perigo para “os interesses fundamentais da política exterior da França”, ou até mesmo ameace seus “interesses econômicos ou científicos”, poderá ser submetido à vigilância. O controle das escutas não é levado à apreciação de um juiz, mas à *Commission nationale de contrôle des techniques de renseignement* (CNCTR).

O Conselho Constitucional francês, por sua vez, censurou as medidas impostas pela lei a respeito da vigilância internacional. No mesmo sentido, diversos meios de comunicação, bem como várias organizações, (*Quadrature du Net*, a liga dos direitos humanos e o sindicato da magistratura), manifestaram-se contra os abusos dessa lei, que exclui o papel do juiz, a proteção do segredo profissional do advogado, assim como outras profissões protegidas, além do segredo das fontes dos jornalistas. Até mesmo o *Conseil National du Numérique* (CNN), por comunicado de 19 de março de 2015, declarou-se preocupado com a ampliação dos limites da vigilância, que se tornou vigilância massiva, e se manifestou no sentido de preservar os meios democráticos de controle. Ainda na França, existe, desde 2013, um serviço secreto definido como “segredo de defesa”, que se chama *Plateforme Nationale de Cryptanalyse et de Décryptement* (plataforma nacional de análise e decifração de códigos) e, dissimulado nos serviços de informação, tem por finalidade reunir dados pessoais em massa. A existência desse serviço foi negado durante muito tempo; e em junho de 2015 foi silenciado pela lei *Renseignement*. Esse serviço dispunha de calculadoras super potentes, empregando em torno de 150 matemáticos e informáticos do mais alto nível. Ordenadores gigantes filtrariam milhões de correios eletrônicos, de SMS, de conversas em *Whatsapp*, de *Facebook*, etc. O tráfico de dados de país a país também poderia ser realizado. De forma similar ao que faz a NSA⁷⁷⁴, esses dados são armazenados por anos para que investigações retrospectivas possam ser realizadas. É possível dispor de um registro de comunicações em todo o mundo durante os últimos cinco anos, pois, se uma pessoa chamar à atenção, é possível resgatar os dados armazenados e descobrir a lista de interlocutores suspeitos e, portanto, reconstruir sua rede de relações⁷⁷⁵,

⁷⁷⁴ No ano de 2015, Obama assinou uma lei que coloca limites à atuação da NSA. Desde os atentados de 11 de setembro de 2001, é a primeira vez que a agência tem seus poderes restringidos no que toca ao controle das comunicações. Uma das ações consiste na retirada da NSA a possibilidade de armazenar dados a respeito de chamadas telefônicas de milhões de norte-americanos e direciona essa função às empresas de telefonia. http://brasil.elpais.com/brasil/2015/06/02/internacional/1433277585_519201.html. Acesso em 18 de fevereiro de 2017.

⁷⁷⁵ RAMONET, Ignacio. *El Imperio de la Vigilancia*. Tradução de Martín Sacristán. Madri: 2016. pp. 37-41.

estratégia que tem se tornado cada vez mais comum no Brasil com o uso de técnicas ocultas de investigação⁷⁷⁶.

Acrescenta-se que a partir da promulgação da lei 12.850/2013, que trata da organização criminosa, a figura do suspeito ou investigado tem recebido um tratamento tão rigoroso que parece estar o Estado a oferecer respotas praticamente antiterroristas, empreendendo investigações legitimadas pela Lei, tais como: uso indiscriminado de prisões preventivas; inacessibilidade às informações da investigação sobre o investigado; discricionariedade conferida ao Ministério Público para que escolha quais informações a defesa poderá acessar; investigações que não cessam e não se submetem ao preceito constitucional do prazo razoável; expansão dos poderes das autoridades policiais, entre outras questões demasiadamente sensíveis, tudo isso redefinindo os meios pelos quais as autoridades estatais lidam com o crime no Brasil.

5.4 Wikileaks e Cypherpunks⁷⁷⁷ contra o terrorismo de Estado

Acreditou-se durante um tempo que a *internet*⁷⁷⁸ poderia ser um instrumento descentralizado de comunicação e expressão livre, uma ferramenta antropotécnica de transformação e facilitação da vida – muito diferente dos tradicionais meios de comunicação, especialmente se comparada com a grande mídia – e, portanto, seria uma transformação radical positiva dos próprios seres humanos.

Essa pode ser considerada uma crença que coincide com a ascensão do movimento ciberativista *cypherpunk* na década de 1990. Os ciberativistas pressentiam que o maior espaço de comunicação livre poderia enveredar para o agigantamento da vigilância. A vigilância como se efetua, atualmente, não se restringe aos Estados Unidos, Inglaterra, França e Rússia. A comercialização da vigilância possibilitou que todos a consumissem, conforme já foi em alguma medida apontado. A vigilância em massa tem sido muito mais totalitária por meio da tecnologia, principalmente porque todos que têm acesso às redes manifestam seus gostos, seus interesses, sua ideologia, seu posicionamento político, realizações familiares, profissionais, etc.

⁷⁷⁶ PRADO, Geraldo. *Prova Penal e Sistema de Controles Epistêmicos: a quebra da cadeia de custódia das provas obtidas por métodos ocultos*. São Paulo: Marcial Pons, 2014.

⁷⁷⁷ Seu manifesto conta em: <http://www.activism.net/cypherpunk/manifesto.html>. Acesso em 18/01/17.

⁷⁷⁸ RAMONET, Ignacio. *Nos Han Robado una Esperanza!* (s/d). Disponível em: “<http://webs.ucm.es/info/uepei/noshanrobado.html>”. Acesso em 05/11/2018.

Ainda que privadas, essas informações são interceptadas em massa. Assim, a batalha que se trava é entre o poder das informações coletadas por *insiders versus* um mundo de informações (que passa a ser de todos a partir do momento que são lançadas nas redes) que se expande e tem a *internet* como um dos principais instrumentos de comunicação⁷⁷⁹.

A internet ainda tem deixado os responsáveis pelo controle social sem saber o que fazer em determinadas ocasiões. Para se ter um exemplo, no ano de 2008, no Cairo, um importante protesto foi realizado por meio do *Facebook*, chegando a pegar um tanto desprevenido o governo de Murabak, de modo que as pessoas foram para as ruas protestar por seus direitos⁷⁸⁰. No ano de 2011, chegou-se a disponibilizar um manual que foi utilizado na Revolução Egípcia⁷⁸¹ e esclarecia como protestar de forma inteligente⁷⁸². Uma das dicas era não utilizar o *Facebook* nem o *Twitter*. Mas muitos acabaram usando as redes sociais e, provavelmente, só sobreviveram em razão de a revolução ter sido bem-sucedida. De início, o próprio presidente Murabak⁷⁸³ interrompeu os serviços de *internet* no Egito. E os celulares deixaram de funcionar. Esse foi o motivo que fez as pessoas irem às ruas, formando uma massa crítica, algo que Canetti já observara: “de repente, tudo fica preto de gente”⁷⁸⁴. Tudo aconteceu rapidamente, como deveria ser. Evidentemente, toda aquela infraestrutura que tornou possível a revolução, caso não fosse bem-sucedida, seria utilizada pelo Estado para rastrear os envolvidos e fazê-los sofrer toda sorte de represálias e até a morte. Assange acredita que, se essa revolução fosse promovida nos Estados Unidos e fracassasse, os agentes da CIA e do FBI esmiuçariam o *Facebook* e o *Twitter* para encontrar os principais participantes, assim como as informações mais importantes para prendê-los e até torturá-los, mesmo que essas informações envolvessem a esfera privada dos investigados⁷⁸⁵.

⁷⁷⁹ ASSANGE, Julian et al. *Cyberpunks: liberdade e o futuro da internet*. Tradução de Cristina Yamagami. São Paulo: Boitempo. pp. 43-4.

⁷⁸⁰ ASSANGE, Julian et al. *Cyberpunks: liberdade e o futuro da internet*. Tradução de Cristina Yamagami. São Paulo: Boitempo. p. 51.

⁷⁸¹ TODOROV, Tzvetan. *Os Inimigos Íntimos da Democracia*. Tradução de Joana Angélica d'Avila Melo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. pp. 191-2.

⁷⁸² <http://www.theatlantic.com/international/archive/2011/01/egyptian-activists-action-plan-translated/70388/>. Acesso em 17/01/17.

⁷⁸³ Importante alertar que em meio a sociedades vigiadas e tendo em vista que crises econômicas fomentam o descontentamento da população, que pode direcionar sua ira em motins, revoltas em subúrbios, etc., as novas armas de vigilância em massa tornam viável identificar líderes e colocá-los sob as suas miras. RAMONET, Ignacio. *El Imperio de la Vigilancia*. Tradução de Martín Sacristán. Madri: 2016. p. 80.

⁷⁸⁴ CANETTI, Elias. *Massa e Poder*. Tradução de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. pp. 14-5.

⁷⁸⁵ ASSANGE, Julian et al. *Cyberpunks: liberdade e o futuro da internet*. Tradução de Cristina Yamagami. São Paulo: Boitempo. p. 45.

É por isso que os *Cyberpunks* defendem o uso generalizado da criptografia para proteger os direitos civis de cada um, em especial a privacidade, diante das tecnologias de vigilância usadas freneticamente por poderosos. O que os governos pretendem forçar sob o pretexto de combate ao terrorismo é que *softwares* avançados não sejam vendidos nem oferecidos para países considerados perigosos⁷⁸⁶. Durante muito tempo, tem-se utilizado a espionagem e a escuta para investigar criminosos e terroristas, mas o desenvolvimento de *softwares* mais fortes tem dificultado esse trabalho. Daí que a criptografia⁷⁸⁷ é regulamentada. E a exportação dessas tecnologias encontra limites impostos pelos norte-americanos, além de eles imporem que outros países também tenham a mesma postura. Em 2002, representantes de diversos países se reuniram para tratar do acordo *Wassenaar* que dispõe sobre o controle de exportação de armas e de tecnologias que possam ser usadas para guerra ou terrorismo. Curiosos é que equipamentos de vigilância podem ser vendidos livremente, sem as restrições que sofrem as tecnologias envolvendo a criptografia⁷⁸⁸.

Essas situações representariam verdadeira militarização do ciberespaço. As comunicações são vigiadas por serviços de inteligência e de segurança das principais potências mundiais, especialmente pelos Estados Unidos. Nesse espaço de embates, o *Wikileaks* passou a ter um papel de destaque ao revelar aquilo que há muito se sabe, os jogos sujos dos poderes, seus interesses na economia de outros países, nas suas empresas, no seu modo de ver o mundo e a cultura, tudo por meio da espionagem e da articulação das informações obtidas por meios tecnológicos avançados. Por isso que o *Wikileaks* tem pretendido desvelar o cinismo de Estado. As prepotências estatais operam de forma cínica e para o cínico o fundo obscuro da lógica do poder não pode ser colocado às claras. Isso lhe provoca certo *curto-circuito*, pois suas estratégias perdem em grande medida a eficiência que lhe favorece. Portanto, demonstrar o que há de podre nos jogos do poder tem sido o papel do *Wikileaks*, do seu mentor, Assange, bem como de outros *cyberpunks*. O lema parte de uma estratégia subversiva, que é a de garantir a privacidade para os fracos e possibilitar a transparência das ações dos poderosos, tendo em vista o poder de articulação política e de domínio da técnica que detêm os grupos privilegiados. Significa, por outras palavras, que os cidadãos devem saber tudo sobre o Estado e as grandes empresas, não o contrário. Os esforços dos *cyberpunks*, desde então, consiste em receber

⁷⁸⁶ <https://www.linux.ime.usp.br/~carloshf/0302-mac339/fase2/node11.html>. Acesso em 18/01/17.

⁷⁸⁷ ASSANGE, Julian et al. *Cyberpunks: liberdade e o futuro da internet*. Tradução de Cristina Yamagami. São Paulo: Boitempo. p. 82.

⁷⁸⁸ ASSANGE, Julian et al. *Cyberpunks: liberdade e o futuro da internet*. Tradução de Cristina Yamagami. São Paulo: Boitempo. p. 66.

informações de denunciante, publicizá-las e procurar se proteger das ofensivas dos Estados e das poderosas organizações que procuram, normalmente, mascarar essas informações. Daí que se considera que, em 2010, o *Wikileaks* teve a sua mais destacada divulgação, trazendo à luz o abuso do sigilo oficial por parte do governo e das Forças Armadas norte-americanas. Tais divulgações foram conhecidas como *Collateral Murder*⁷⁸⁹⁷⁹⁰, *War Logs* e *Cablegate*⁷⁹¹.

Nessa leva, bastante conhecidos foram também os casos *NSA* (*National Security Agency*, Agência de Segurança Nacional dos Estados Unidos) e *AT&T* e *Hepting versus AT&T*. Mark Klein, na Cidade de Folsom, na Califórnia, trabalhou como técnico para a empresa de telecomunicações *AT&T*, e declarou que a *NSA* coletou dados e ligações de voz que a *AT&T* lhe repassou. Provavelmente esses dados interceptados foram utilizados em investigações contra os próprios norte-americanos⁷⁹². O problema é que essas informações podem ficar à disposição do Estado por tempo indeterminado. A propósito, em 2012, a Comissão da União Europeia levou a Alemanha ao Tribunal de Justiça Europeu por inobservância da diretiva 2006/24/EC do Conselho e do Parlamento Europeu⁷⁹³, que dispõe que os Estados europeus só podem armazenar os dados de telecomunicação de cidadãos pelo período de seis a vinte e quatro meses⁷⁹⁴.

Nesse contexto, o governo norte-americano deu início a uma investigação criminal, articulando vários órgãos, contra Assange e contra os participantes do *Wikileaks*. Um grande Júri foi criado na cidade de Alexandria, no Estado da Virgínia, apoiado pelo Departamento de Justiça dos Estados Unidos e pelo FBI, com o objetivo de investigar as ações de Assange e dos demais participantes do *Wikileaks*, chegando a acusá-los de conspiração de acordo com a Lei de Espionagem Americana (*Espionage Act*, de 1917). Para as autoridades, a ação de Assange é considerada sem precedentes. Assange afirma que os processos envolvendo o julgado do soldado Bradley Manning, hoje Chelsea Manning, que forneceu informações ao *Wikileaks*, contém um arquivo do FBI com mais 42.100 páginas e o tratamento cruel que Manning recebeu foi análogo à tortura⁷⁹⁵. Além disso, no ano de 2012, políticos norte-americanos reivindicaram

⁷⁸⁹ <https://collateralmurder.wikileaks.org/>. Acesso em 17/01/2017.

⁷⁹⁰ <https://wikileaks.org/afg/>. Acesso em: 17/01/2017.

⁷⁹¹ ASSANGE, Julian et al. *Cyberpunks: liberdade e o futuro da internet*. Tradução de Cristina Yamagami. São Paulo: Boitempo. pp. 20-38.

⁷⁹² ASSANGE, Julian et al. *Cyberpunks: liberdade e o futuro da internet*. Tradução de Cristina Yamagami. São Paulo: Boitempo. p. 57.

⁷⁹³ http://europa.eu/rapid/press-release_IP-12-530_en.htm. Acesso em 18/01/17.

⁷⁹⁴ ASSANGE, Julian et al. *Cyberpunks: liberdade e o futuro da internet*. Tradução de Cristina Yamagami. São Paulo: Boitempo. pp. 63-9.

⁷⁹⁵ <https://www.theguardian.com/world/2012/mar/12/bradley-manning-cruel-inhuman-treatment-un>. Acesso em 17/01/17.

o assassinato de Assange, sugerido por ataques certos de *drones*, tornando clara verdadeira biopolítica do terror de Estado. Alguns senadores chegaram a caracterizar o *Wikileaks* como uma organização terrorista e Assange foi classificado como um terrorista *high-tech*, envolvido em uma *ciberguerra*⁷⁹⁶ declarada. De uma equipe nomeada como *Wikileaks Task Force* (WTF) para adotar medidas contra o *Wikileaks*, criada no Pentágono antes mesmo das divulgações do *Iraq War* e do *Cablegate*, até outras forças-tarefas foram desenvolvidas com a parceria entre o FBI, a CIA e o Departamento de Estado Norte-americano⁷⁹⁷. Curioso é que o governo Obama alertou aos funcionários públicos que as informações divulgadas no *Wikileaks* permaneciam tendo caráter confidencial e que a divulgação seria considerada uma violação de segurança, muito embora jornais como *The New York Times* e *The Guardian* tenham divulgado o material⁷⁹⁸. Ainda, por ser apoiado financeiramente por doadores, o *Wikileaks* teve negado por diversas instituições – como: *Visa*, *Mastercard*, *Paypal* e *Bank of America* – a prestação de serviços financeiros, sem que tenha havido qualquer processo administrativo ou judicial que decidisse nesse sentido⁷⁹⁹.

A América Latina tem sido também foco de vigilância constante dos Estados Unidos. Além disso, antigas potências colonialistas utilizam tecnologias de vigilância para atender aos seus próprios interesses e comprometerem a política e o desenvolvimento dos países que, de certa forma, ainda reivindicam sua independência. No Brasil, recentemente foi divulgada a notícia de que Michel Temer⁸⁰⁰ teria sido informante da Embaixada dos Estados Unidos em nove de janeiro de 2006, época em que era deputado federal. Em telegrama, o cônsul-geral Christopher J. McMullen descreve como foi sua conversa com Temer. Esse telegrama já havia sido divulgado em 2011⁸⁰¹ e agora volta à tona, confirmando que certas estratégias políticas já vinham sendo gestadas há mais tempo do que se pensava. Segundo o documento, Temer teria afirmado que a atuação do ex-presidente Lula era decepcionante e que toda a situação oportunizaria que o PMDB lançasse seu candidato nas eleições vindouras. À época, Temer,

⁷⁹⁶ <http://www.telegraph.co.uk/news/worldnews/wikileaks/8172916/WikiLeaks-guilty-parties-should-face-death-penalty.html>. Acesso em 17/01/17.

⁷⁹⁷ <http://www.washingtonpost.com/wp-dyn/content/article/2010/12/21/AR2010122104599.html>. Acesso em: 17/01/17.

⁷⁹⁸ <http://www.nytimes.com/2010/12/05/world/05restrict.html>. Acesso em 17/01/17.

⁷⁹⁹ ASSANGE, Julian et al. *Cyberpunks: liberdade e o futuro da internet*. Tradução de Cristina Yamagami. São Paulo: Boitempo, pp. 37-9;

⁸⁰⁰ <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2016/05/1771016-wikileaks-diz-que-michel-temer-atuou-como-informante-dos-eua.shtml>. Acesso em 18 de fevereiro de 2017.

⁸⁰¹ <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2011/03/882435-telegrama-dos-eua-revela-criticas-de-temer-a-lula-em-2006.shtml>. Acesso em 18 de fevereiro de 2017.

cinicamente, negou⁸⁰² que essas declarações. Em manifestação por *Twitter*, o *Wikileaks* comenta que Temer chegou à presidência do Brasil fazendo uso de um golpe parlamentar.

Não à toa que em razão dessas colocações, Bifo reivindica o direito à objeção de consciência digital⁸⁰³. Certamente, a consciência digital deverá passar por uma reconfiguração desse espaço que é o ciber mundo, que a certa altura pode não diferenciar mais o que é a guerra, o que é o terror, o que é crime e o que é a banalidade do dia a dia⁸⁰⁴.

5.5 Ciberantropotécnica e *Big Data*: a produção humana no ciber mundo

Com isso, chega-se ao aspecto bastante preocupante do atual império da vigilância com seus efeitos em massa na sociedade da informação, que envolve a análise classificatória da personalidade do internauta de acordo, por exemplo, com as curtidas que ele realiza no *Facebook*, estratégia que, suspeita-se, tenha levado Donald Trump à vitória nas eleições dos Estados Unidos. Sobre esse ponto, inegavelmente, pertinente à antropotécnica, Mikael Krogerus e Hannes Grassegger escreveram um artigo⁸⁰⁵ que chega a colocar em questão a própria eleição presidencial, em 2016, nos Estados Unidos, em que Donald Trump foi beneficiado pelo uso do *Big Data*, tornando-se então o presidente desse país.

Até seu desfecho, todo esse processo passou por algumas etapas que merecem ser mencionadas. Vejamos. Michal Kosinski⁸⁰⁶ aparece como um pesquisador no assunto cibernético que se aprofundou em *psicometria* (também conhecida como psicografia), setor da psicologia que trabalha com o uso de dados e que obteve um novo campo para coleta do seu material para fins classificatórios. Palavra-chave nesse assunto é o *Big Data*, que abrange tudo aquilo que fazemos *online* ou *off-line* e produz vestígios sobre quem somos para os interesses direcionados de quem os usa. Compras, buscas digitais, lugares que frequentamos com o celular no bolso, curtidas no *Facebook*, *Instagram*, etc. Tudo é armazenado e transformado em informação. Desde algum tempo, não se sabia qual seria a real serventia desses dados, além dos

⁸⁰²<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2011/03/882739-temer-nega-conversa-com-consul-dos-eua-sobre-criticas-a-lula.shtml>. Acesso em 18 de fevereiro de 2017.

⁸⁰³ <http://www.medelu.org/Pour-une-objection-de-conscience>. Acesso em 19/01/17.

⁸⁰⁴ TODOROV, Tzvetan. *Os Inimigos Íntimos da Democracia*. Tradução de Joana Angélica d'Avila Melo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. pp. 66-7.

⁸⁰⁵ Na versão em português, o artigo pode ser lido em: “<https://outraspalavras.net/posts/big-data-toda-democracia-sera-manipulada/>”. Acesso em: 04/11/2018.

⁸⁰⁶ Sobre o tema: “https://motherboard.vice.com/en_us/article/mg9vvn/how-our-likes-helped-trump-win”. Acesso em 04/11/2018.

anúncios de remédio de pressão que apareciam depois de uma página sobre o assunto ser visitada por meio do *Google*. Ao que parece, tornou-se bastante claro às campanhas eleitorais a serventia do *Big Data*, em especial para a empresa *Cambridge Analytica*, que foi decisiva no resultado da eleição nos Estados Unidos, em 2016. Fala-se que esse será o futuro das campanhas políticas. Vejamos que a psicométrica se baseia na medição de dados psicológicos, como a personalidade, para construir um perfil específico de indivíduo. Já nos anos 80, foi desenvolvido o modelo chamado *Big Five*, que avaliava os indivíduos de acordo com cinco traços de personalidade (OCEAN): 1. abertura a novas experiências (*openness*); 2. conscienciosidade ou perfectibilidade (*conscientiousness*); 3. extroversão ou sociabilidade (*extraversion*); 4. condescendência ou cooperatividade (*agreeableness*); e, 5. neurotismo ou temperamento (*neuroticism*). Analisando esses cinco fatores (OCEAN), seria possível apresentar uma avaliação precisa sobre qualquer indivíduo. O *Big Five* é uma técnica padrão da psicométrica. E a coleta de dados, que durante certo tempo foi seu maior problema, porque havia a necessidade de preencher um questionário complexo com informações bastante pessoais, agora, parece expandir um novo horizonte antropotécnico com a facilitação proporcionada pelo avanço tecnológico. Isso se iniciou, em 2008, quando Michal Kosinski começou seu doutorado pela Universidade de *Cambridge* no *Psychometrics Center*. O pesquisador se juntou a David Stillwell um ano após este ter lançado um aplicativo no *Facebook* chamado *MyPersonality*, que convidava os usuários da rede social a preencher questionários psicométricos, que incluíam perguntas do questionário *Big Five* (por exemplo: “entro em pânico facilmente”; “contrário muito os outros”). Feita a avaliação, um perfil de personalidade era apresentado aos usuários e, juntamente, a opção para compartilhar seus dados do perfil do *Facebook* com os pesquisadores. Em pouco tempo, milhões de pessoas preencheram os questionários, revelando voluntariamente seus segredos mais íntimos. Eis que um gigantesco banco de dados⁸⁰⁷ estava nas mãos dos estudantes, que combinava pontuações psicométricas com perfis do *Facebook*. Então, algumas deduções poderiam ser realizadas a partir do agrupamento de diversos traços, por exemplo: homens que curtiram a marca de cosméticos *MAC* teriam maior propensão a serem gays, assim como a propensão à homossexualidade era indicada para aqueles que curtiram a página *Wu-Tang Clan*. De outro lado, seguidores da cantora Lady Gaga seriam, provavelmente, extrovertidos, enquanto que quem curtisse páginas de filosofia seria introvertido. Se essas

⁸⁰⁷ Para Han, a microfísica do Big Data torna possível visualizar até mesmo os átomos, processo evolutivo semelhante ao que Benjamin já falara sobre a evolução provocada pelo cinema, que proporcionou se atingir o inconsciente óptico. HAN, Byung-Chul. *Psicopolítica: neoliberalismo e as novas formas de poder*. Tradução de Alfredo Bérges. Barcelona: Herder, 2014. p. 51.

informações isoladas não são tão determinantes, uma vasta quantidade (dezenas, centenas, milhares) seria capaz de produzir uma definição bem precisa de previsões consideradas confiáveis. Em 2012, Kosinski procurou demonstrar que utilizando uma média de 68 *likes* seria possível saber a cor da sua pele, com uma precisão de 95%; a orientação sexual com uma precisão de 88%; e a filiação partidária com uma precisão de 85%. Mais do que isso, detalhes como inteligência, religião, uso de álcool ou de drogas, poderiam ser rapidamente revelados. Kosinski considerava que seu método tinha se tornado mais eficiente do que a avaliação de um psicólogo. Com 70 curtidas era possível saber mais do que os próprios amigos sabem sobre alguém. Com 150, era possível saber mais do que os pais. E com 300 curtidas, mais do que o próprio parceiro. Com mais curtidas, seria possível saber sobre a pessoa mais do que ela mesma sabe sobre si. Logo depois que essas descobertas vieram à tona, as curtidas passaram a ser privadas no *Facebook*. Mas até hoje qualquer um pode fazer uma avaliação com base nas curtidas do *Facebook*⁸⁰⁸ e até cruzá-las com o questionário do Centro de Psicometria de *Cambridge*⁸⁰⁹. Obviamente, não se trata apenas de curtidas no *Facebook*, os celulares atuais são um grande questionário regularmente preenchido. Essa metodologia funciona também para desvelar perfis do tipo: pais nervosos, pessoas ansiosas, raivosas, introvertidas, assim como os seus perfis políticos. Kosinski desenvolveu uma ferramenta que, de fato, se tornou um motor de busca de perfis. Ao que consta, Kosinski se preocupou com o perigoso uso desses dados informacionais, na hipótese de caírem nas mãos erradas e promoverem a manipulação das populações. Neste contexto, Kosinski teria revelado que, no ano de 2014, foi abordado por um professor do departamento de psicologia, Aleksandr Kogan, que afirmou que trabalhava para uma empresa interessada no banco de dados de Kosinski. Tratava-se da empresa SCL (*Strategic Communication Laboratories*)⁸¹⁰, especializada em gestão eleitoral, fornecimento de dados, análises e estratégias a governos, vendendo *marketing* com base em modelagem psicológica, cujo foco principal era influenciar eleições. A SCL comporta uma complexa composição de empresas que tiveram envolvimento com as eleições na Ucrânia e na Nigéria, além de terem desenvolvido métodos junto à OTAN com a finalidade de influenciar cidadãos da Europa Oriental e do Afeganistão. Em 2013, a SCL criou a *Cambridge Analytica* para atuar na eleição

⁸⁰⁸ <https://appliedmagicsauce.com/>. Acesso em: 15 de fevereiro de 2017.

⁸⁰⁹ Para fazer o teste: “<https://discovermyprofile.com/personality.html>”. Acesso em 15 de fevereiro de 2017.

⁸¹⁰ Em sua página de entrada há a seguinte descrição: “o Grupo SCL fornece dados, análises e estratégias aos governos e organizações militares no mundo inteiro. Durante 25 anos, conduzimos programas de mudança comportamental sobre mais de 60 países e fomos reconhecidos formalmente por nosso trabalho de defesa e mudança social”. Ver em: “<https://sclgroup.cc/home>”. Acesso em: 04/11/2018.

dos Estados Unidos. A SCL, de acordo com um artigo do *The Guardian*⁸¹¹, teve acesso ao método de Kosinski por meio de Kogan. Em 2015, a *Leave.EU*, campanha radical a favor do *Brexit*, contratou uma empresa de *Big Data* com o propósito de apoiar na campanha *online*, que nesse caso era a *Cambridge Analytica*. Depois do resultado do *Brexit*, Kosinski foi interpelado por diversos amigos que lhe perguntavam o que ele tinha feito. Kosinski, ao que tudo indica, não teve participação. Mas o seu método já estava há muito nas mãos de empresas *Big Data*, por isso, talvez, tenha sido a primeira vez que ele ouviu falar dessa empresa. Não se sabe até que ponto a *Cambridge Analytica* influenciou o *Brexit*. De toda sorte, a campanha de Trump teria feito uso da estratégia digital para a sua campanha. Brad Parscale teria sido o responsável pela campanha digital de Trump. As campanhas eleitorais que antes eram pensadas segundo conceitos demográficos (com ideias generalistas de que, por exemplo, a todas as mulheres deveriam ser enviadas as mesmas mensagens, assim como a todos os negros), passou a utilizar a psicometria, que é considerada uma técnica muito mais eficiente por partir de padrões comportamentais, isto é, o indivíduo é fisgado pelo hábito. O uso de dados psicológicos de análise por parte da *Cambridge Analytica*, neste contexto, trazia três combinações: ciência comportamental, que emprega o modelo OCEAN; análise de *Big Data*; e segmentação de anúncios que consiste em uma publicidade especializada que procura se adequar à personalidade do indivíduo. Na realidade, a *Cambridge Analytica* colhe dados pessoais das fontes mais variadas, por exemplo: dados sobre registro de propriedade, dados automotivos, dados de cartões de crédito, dados de fidelidade, dados de participação em associações, dados de uso de clubes, dados de lugares frequentados. Não estranha que muitos desses dados sejam colocados à venda. A essas informações a empresa associa dados *online* e os resultados se tornam como que pessoas reais com seus medos e angústias, necessidades e interesses, endereços e referências. Muito semelhante ao método de Kosinski, a *Cambridge Analytica* faz uso de dados do *Facebook* e de mídias sociais, contabilizando cerca de 220 milhões de pessoas com perfis traçados⁸¹². O que ela faz é cruzar dados oriundos de diversas fontes para se chegar a um perfil específico, como personalidade, opinião política, idade, sexo, cor, tudo para integrar uma propaganda política perfeita, cujos eleitores são categorizados psicologicamente. Isso pode ser utilizado da seguinte maneira: *posts* patrocinados no *Facebook* são endereçados apenas a perfis específicos, como, por exemplo, declarações de Hillary Clinton referindo-se a negros

⁸¹¹ <https://www.theguardian.com/us-news/2015/dec/11/senator-ted-cruz-president-campaign-facebook-user-data>. Acesso em 15 de fevereiro de 2017.

⁸¹² Em entrevista, Cathy O’Neil considera que a próxima revolução política será determinada pelo controle dos algoritmos. Ver a entrevista em: “https://www.eldiario.es/tecnologia/proxima-revolucion-politica-control-algoritmos_0_830117867.html”. Acesso em 03/11/2018.

como predadores. No terceiro dia em que ocorreram os debates entre Trump e Hillary, a equipe de Trump teria utilizado cento e setenta e cinco mil variações de anúncios para os seus discursos a fim de descobrir a maneira (título, cor, legenda, foto, vídeo) de capturar psicologicamente o eleitorado e da forma mais eficiente possível. No distrito de Little Haiti, em Miami, foi divulgada uma notícia sobre o fracasso da Fundação Clinton depois do terremoto no Haiti e essa manobra se dirigia especificamente aos potenciais eleitores de Hillary (esquerda, negros, mulheres e jovens) no interesse de fazê-los trocar de lado. Não estranha que Trump tenha investido mais nas mídias sociais do que na televisão ou nas mídias convencionais⁸¹³. Isso explica o porquê Hillary pensou estar na liderança da campanha, quando fazia uso de projeções demográficas⁸¹⁴. Assim era possível algo que Han bem descreveu: uma visão 360 graus dos eleitores. E com isso, semelhantes aos anúncios privados de venda de produtos, votar se tornou idêntico ao ato de comprar⁸¹⁵. O uso de perfis psicométricos ilustra o presente e o futuro do controle biopolítico das populações digitais, que por meio da psicometria se vêm diante de novas estratégias antropotecnopolíticas⁸¹⁶.

Neste sentido, o *Bulk Phone Metadata Collection Program* da NSA é uma ferramenta do governo dos Estados Unidos para investigação por meio de dados telefônicos. O programa, que foi trazido a público por Edward Snowden, é capaz de gravar conversas telefônicas de praticamente qualquer um no mundo que esteja sendo investigado secretamente⁸¹⁷. Ao lado da vigilância das ligações telefônicas, *Facebook* e *Twitter* são utilizados para identificar os indivíduos considerados terroristas. O neozelandês Mark Taylor, que deixou seu país para combater em nome do Estado Islâmico, enviou mensagens de apoio ao grupo via *Twitter* no ano de 2014 e mal sabia que estava oferecendo sua exata localização na Síria. Ao se dar conta do que tinha feito, procurou excluir mais de 40 postagens que davam conta de sua localização, mas já era tarde, pois um grupo de inteligência rastreou seu paradeiro e o divulgou na internet. O Relatório⁸¹⁸ de março de 2015 do *Brooking Institute*, de Washington, aponta por meio de seus pesquisadores que entre os meses de setembro e dezembro de 2014, aproximadamente,

⁸¹³ Ver também: MOROZOV, Evgeny. *Big Tech: a ascensão dos dados e a morte da política*. Tradução de Claudio Marcondes. São Paulo: UBU Editora, 2018.

⁸¹⁴ “<http://www.showmetech.com.br/big-data-trump/>”. Acesso em 15 de fevereiro de 2017.

⁸¹⁵ HAN, Byung-Chul. *Psicopolítica: neoliberalismo e as novas formas de poder*. Tradução de Alfredo Bérgeles. Barcelona: Herder, 2014.

⁸¹⁶ BAUDRILLARD, Jean. *À Sombra das Maiorias: o fim do social e o surgimento das massas*. Tradução de Suely Bastos. São Paulo: Brasiliense, 1985..

⁸¹⁷ <http://www.bigdatabusiness.com.br/big-data-no-combate-ao-terrorismo/>. Acesso em 16 de fevereiro de 2017.

⁸¹⁸ “From September through December 2014, we estimate that at least 46,000 Twitter accounts were used by ISIS supporters, although not all of them were active at the same time”. https://www.brookings.edu/wp-content/uploads/2016/06/isis_twitter_census_berger_morgan.pdf. p. 4. Acesso em 16 de fevereiro de 2017.

quarenta e seis mil contas do *Twitter* estavam vinculadas a membros de grupos terroristas, várias delas com *tags* que entregavam a localização dos perfis em suas declarações. A lógica do *Big Data* seria aplicada para prever ações terroristas antes mesmo que elas ocorram, analisando-se padrões comportamentais dos internautas. O sistema *Dfuze*, na Inglaterra, que se diferencia em alguma medida das soluções desenvolvidas pela NSA nos Estados Unidos, recorre à análise de ataques terroristas já praticados, verificando imagens e documentos relacionados com eventos de terror e, posteriormente, definindo um padrão de ação dos terroristas, estratégia que em seguida passará a ser utilizada no campo criminal. Outro aspecto importante do uso do *Big Data* em soluções envolvendo segurança é que a estratégia permite a realização de suas operações em tempo real. Dados bancários, ligações, conversas *online*, uso de cartão de crédito, compra de passagens aéreas, todas essas informações se transformam em dados de monitoramento considerados boas fontes para a definição de estratégias de prevenção de ataques terroristas⁸¹⁹. Todas essas informações são concedidas de forma voluntária, como na estratégia atmoterrorista em que a vítima contribui com o seu próprio perreçamento. Morre-se pelo hábito, pelo ar que se respira.

Byung-Chul Han descreveu o regime do *Big Data* como sendo de uma lógica não idêntica à estatística, mas no essencial não seriam distintos. Na visão do autor, a estatística estaria de acordo com a configuração do poder disciplinar que fundamentou um tipo específico de exercício de poder biopolítico orientado a gerir os corpos. Esse governo descobriu a população, sobre a qual exercia o controle de natalidade e de mortalidade pelo uso da estatística. Mas a biopolítica e a estatística encontrariam um limite: elas não acessam ao psíquico: “não promove[m] nenhum material para o *psicograma* da população. (...) A partir do *Big Data* é possível construir não só o psicograma individual, senão também o psicograma coletivo, quiçá incluindo o *psicograma do inconsciente*⁸²⁰”. A biopolítica se fiaria ao corporal e ao biológico em sentido amplo, seria uma política corporal. A estética tomaria o lugar da intervenção ortopédica. O neoliberalismo teria encontrado uma nova forma de transformação do capital, que seria a partir da psique enquanto força produtiva. A guinada à psicopolítica se relacionaria com as formas de produção imateriais e descorporificadas. A produção não seria mais de objetos materiais, senão de processos psíquicos ou mentais e informações que se expressariam na forma de dados. Daí que o neuroaprimoramento (*neuroenhancement*) não seria o mesmo que as técnicas disciplinares do tipo psiquiátrico. Não que o corpo deixe de existir, mas o corpo

⁸¹⁹ Ver: “<http://www.bigdatabusiness.com.br/big-data-no-combate-ao-terrorismo/>”. Acesso em: 16/02/2018.

⁸²⁰ HAN, Byung-Chul. *Psicopolítica: neoliberalismo e as novas formas de poder*. Tradução de Alfredo Bérges. Barcelona: Herder, 2014. p. 21.

estaria liberado do contato imedito com as coisas, alinhando-se aqui a perspectiva de Han à de Sloterdijk ao tratar do atmoterrorismo⁸²¹, e à de Chamayou, que nos leva a pensar em uma racionalidade drone⁸²². A ortopedia disciplinar perde lugar para as cirurgias plásticas e as academias fitness. O fornecimento de informações não é feito mediante coações, mas de forma voluntária. Inclusive os indivíduos ficam nus voluntariamente nas redes. Nesse caminho, tudo se torna transparente, tudo se transforma em dados e em informação. Cada um se tornou o panoptico de si. Praticamente, toda nossa vida é observada e registrada e se reproduz na rede digital. Os hábitos digitais acabam reproduzindo as pessoas que somos e a imagem que criamos de nós próprios. Somos vigiados não só pelas câmeras, mas também pelas próprias coisas que usamos (*internet das coisas*) em nossa vida diária segundo o registro que nada esquece⁸²³.

Há um século Benjamin já havia referido que a partir do advento do cinema se acedeu ao inconsciente óptico⁸²⁴ pela possibilidade de se acessar a cada detalhe das imagens que o olho humano não conseguiria perceber. Han dirá que, agora, podemos acessar ao inconsciente digital, os átomos é que se farão visíveis com o *Big Data*, e com isso se se colocaria em evidência padrões comportamentais coletivos, permitindo-se o acesso ao inconsciente coletivo. O *Big Data* permitiria tornar legível perceber certos desejos que não conseguiríamos de outra forma exprimir. A microfísica do *Big Data*, além do mais, tornou-se um grande negócio, porque as informações pessoais são comercializadas, vendidas na forma de pacotes de dados que se tornam mercadoria. Aqui entra como exemplo a empresa de dados *Acxion*⁸²⁵ que vende dados pessoais de aproximadamente trezentos mil norte-americanos. Os indivíduos são agrupados em setenta categorias, sendo ofertados como em catálogos de mercadorias. Aqueles que agregam baixo valor econômico integram a categoria chamada *waste* (resto, refugo, lixo, sobra). Por outro lado, os consumidores que apresentam um valor superior são classificados no grupo *Shooting star*. São aqueles que têm entre trinta e seis a quarenta e cinco anos, acordam cedo para atividades físicas, não têm filhos, são casados e gostam de assistir a séries de televisão. Essa seria a constituição, na visão de Han, de uma sociedade de classe digital diferente das outras. Aqueles classificados na categoria do refugo, que não teriam valor econômico, fariam parte de uma classe baixa em termos de pontuação, sendo-lhes negado crédito e acesso aos espaços

⁸²¹ SLOTERDIJK, Peter. *Temblores de Aire*. Tradução de Germán Cano. Valência: Pre-Textos, 2003.

⁸²² CHAMAYOU, Grégoire. *Teoria do Drone*. Tradução de Célia Euvaldo, São Paulo: Cosac Naify, 2015.

⁸²³ HAN, Byung-Chul. *Psicopolítica: neoliberalismo e as novas formas de poder*. Tradução de Alfredo Bérge. Barcelona: Herder, 2014. pp. 21-35.

⁸²⁴ BENJAMIN, Walter. *A Obra de Arte na Época de sua Reprodutibilidade Técnica*. Tradução de Francisco de Ambrosio Pinheiro Machado. Porto Alegre: Zouk, 2012.

⁸²⁵ Ver em: “<https://www.acxiom.com/>”. Acesso em 08/11/2018.

privilegiados (em conformidade com a metáfora do palácio de cristal), que em outros casos seriam utilizados para gerar benefícios. Agora esse novo panóptico cuida da segurança e da eficiência do sistema. Por isso que o *Big Data* proporia um conhecimento total sobre o mundo, sendo tudo medido e quantificado⁸²⁶.

Em realidade, a transparência total permite tornar visível até mesmo que o panóptico está vazio. A pobreza assume o lugar que cabia à raça, enquanto alvo de discriminação. Na lógica de uma atropolícia (oriunda das estratégias atmoterroristas), os bairros desassistidos pelo Estado, as regiões segredadas, às mergens das lógicas condominais recebem o tratamento de zonas de guerra em razão do perfilamento ambiental que passará a concentrar bancos de dados contendo uma quantidade infinita de informações, conforme desenvolveremos no próximo tópico.

5.6 Atropotécnica, crime e *Big Data*: o futuro da ciberantropotécnica criminal?

Cathy O’Nail, matemática norte-americana, comenta que uma cidade como Reading, na Pensilvânia, que enriqueceu com ferrovias, aço, carvão e têxteis, encontrou dificuldades na era pós-industrial ao ver sua indústria entrar em declínio nas últimas décadas. Em 2011, a cidade teve a sua mais alta taxa de pobreza, com 41,3% da população. Nesse cenário, a recessão desencadeada pelo *crash* de 2008 atingia a cidade, sua receita minguava, levando ao corte de quarenta e cinco oficiais do departamento de polícia, apesar de o crime continuar aumentando. Isso exigiu do chefe de polícia descobrir a maneira de atingir o mesmo resultado do policiamento com a redução do seu efetivo. Em 2013, a resposta foi encontrada no investimento em *softwares* de previsão de crimes desenvolvido pela *PredPol*⁸²⁷, uma empresa de *Big Data* situada em Santa Cruz, na Califórnia⁸²⁸.

De acordo com Cathy O’Nail⁸²⁹, o programa processou dados de crimes já ocorridos e realizou um cálculo não muito complexo com a finalidade de prever o local em que eles seriam praticados com maior probabilidade. O policiamento de Reading pôde analisar as conclusões

⁸²⁶ HAN, Byung-Chul. *Psicopolítica: neoliberalismo e as novas formas de poder*. Tradução de Alfredo Bérges. Barcelona: Herder, 2014. pp. 52-8.

⁸²⁷ Disponível em: “<http://www.predpol.com/>”. Acesso em: 03/11/2018.

⁸²⁸ O’NAIL, Cathy. *Weapons of Math Destruction: how big data increases inequality and threatens democracy*. Nova Iorque: Crown Publishers, 2016. pp. 74-88.

⁸²⁹ O’NAIL, Cathy. *Weapons of Math Destruction: how big data increases inequality and threatens democracy*. Nova Iorque: Crown Publishers, 2016. pp. 74-88.

desses programas e conforme os policiais alinhasssem o seu patrulhamento às orientações dos quadros de informações, eles teriam maior chance de desencorajar novas práticas criminosas. Após um pouco mais de um ano⁸³⁰ de mudança de estratégia, o chefe de polícia anunciou que a prática de roubos caiu em 23%. Não se trata de fato isolado. Com certa probabilidade, as autoridades norteamericanas passaram a prever a ocorrência de crimes em determinadas regiões. No trabalho de compilação de dados, são combinados conteúdos de boletim de ocorrência da polícia com fatores climáticos – em dias de chuva, por exemplo, a prática de crimes é menor – além de se levar em conta outras circunstâncias relevantes, como dia de pagamento de funcionários. Na Espanha, Miguel Camacho, inspetor de polícia que em seu doutorado em matemática e estatística colaborou com a *PredPol*, dissera que *softwares* com base em *Big Data* podem auxiliar a polícia a otimizar a operação dos recursos humanos disponíveis para o patrulhamento. Conforme o policial, a informação em massa é algo que vale a pena investir, devendo-se ter o cuidado para evitar a criação de perfis pessoais e não promover a discriminação racial patrocinada por algoritmos⁸³¹.

Em uma época de orçamentos reduzidos, programas preditivos se espalharam por todo o território norteamericano. Para se ter uma ideia, os departamentos de Atlanta e de Los Angeles colocaram policiais nas praças de acordo com os quadros preditivos e começaram a relatar a queda nas taxas de criminalidade. Em Nova Iorque, utilizou-se um programa chamado *CompStat*⁸³², instrumento que conta com mais de vinte anos e é utilizado com base na ideia de que o crime pode ser controlado, além de permitir que os comandantes de polícia tenham “olhos de falcão”⁸³³. A influência norteamericana em política criminal não pode ser subestimada. No ano de 2016, o então secretário de segurança do Estado de Goiás, José Eliton, já falava em implantar o programa *CompStat* com reforço da política de tolerância zero no combate à criminalidade. Não é fato isolado que o *slogan* que ficou famoso na década de 90 do séc. XX nos Estados Unidos, com o governo de Rudolph Giuliani, tenha fomentado o levantamento de informações com o forte apoio do *CompStat*. Por sua vez, a polícia da Filadelfia utiliza o instrumento preditivo chamado *HunchLab*⁸³⁴, cuja finalidade é a de analisar o risco de

⁸³⁰ Ver em: “https://brasil.elpais.com/brasil/2017/03/09/tecnologia/1489078250_691655.html”. Acesso em 03/11/2018.

⁸³¹ Ver em: “https://brasil.elpais.com/brasil/2017/03/09/tecnologia/1489078250_691655.html”. Acesso em 03/11/2018.

⁸³² Documento disponível em: “<https://www.nationalpublicsafetypartnership.org/clearinghouse/Resource/40>”. Acesso em: 03/11/2018.

⁸³³ FREITAS, Lauro Soares de. *A Institucionalização do Modelo CompStat na Polícia Militar de Minas Gerais sob a Perspectiva Teórica do Translation e Trabalho Institucional*. Belo Horizonte: tese apresentada no Programa de Pós-Graduação e Pesquisas em Administração da Universidade Federal de Minas Gerais, 2015. p. 88.

⁸³⁴ Disponível em: “<https://www.hunchlab.com/features/>”. Acesso em 03/11/2018.

determinado território a fim de indicar a necessidade de aumentar ou reduzir o patrulhamento ostensivo de policiais em certas regiões, levando-se em conta fatores de risco específicos, como localização de caixas eletrônicos e de lojas de conveniências, que podem se tornar chamariscos para criminosos. Nessa tendência, os criadores dos instrumentos preditivos estão orientados para aumentar a precisão de seus modelos de identificação dos focos da criminalidade, como o restante da indústria do *Big Data*, que procura aprimorar suas ferramentas para outros fins. Os *softwares* de previsão de crimes também são considerados instrumentos sofisticados pela possibilidade da previsão de progressões da criminalidade que atingem o efeito de onda. O *PredPol* basea-se em um *software* sísmico, que analisa uma área, incorporando padrões que permitem prever em que local o crime irá ocorrer. Com isso, realiza-se uma correlação simples: “se seu vizinho foi vítima de roubo, é melhor fechar as portas”⁸³⁵.

Conforme seus defensores, como o professor de antropologia da Universidade da Califórnia, em Los Angeles, Jeffrey Brantingham, que contribuiu para a criação do *software PredPol*, diferente dos programas preditivos que são utilizados para analisar o risco de reincidência e fundamentar decisões condenatórias, o *PredPol* não foca no indivíduo, pois seu algoritmo é geográfico. Seus cálculos levam em conta a localização de cada crime somada à informação do momento em que ocorreu. Com isso, se os policiais passassem mais tempo nas regiões de alto risco, ao frustrar os possíveis criminosos, haveria boas razões para se pensar nos benefícios desse *software* para a comunidade. Mas aqui começa a se desenhar um problema. A maioria dos crimes não tem a mesma gravidade que o roubo, por exemplo. Mesmo que utilizando um programa de *Big Data*, acaba sendo incontornável decidir quais crimes e regiões patrulhar ostensivamente. De um lado, existem os crimes violentos que englobam homicídio, incêndio doloso, agressões graves, etc. De outro lado, estariam os crimes que exigiriam a persecução à vagabundagem, à venda e ao consumo de pequena quantidade de drogas, sendo essas condutas consideradas incômodas, mas talvez não fossem registradas, caso a polícia não estivesse na região em que são praticadas com maior frequência. Como se sabe, essas condutas são endêmicas em bairros pobres e são consideradas comportamentos antissociais. A consequência disso é que incluir esses padrões de conduta nos modelos preditivos pode resultar em deturpação das finalidades das análises estratégicas. Assim, mais policiais são direcionados aos bairros pobres e a tendência é que sempre prendam mais suspeitos, trazendo o policiamento de volta a essas regiões com maior frequência. É fácil perceber que se cria um *feedback*

⁸³⁵ O’NAIL, Cathy. *Weapons of Math Destruction: how big data increases inequality and threatens democracy*. Nova Iorque: Crown Publishers, 2016. pp. 74-88.

perverso: o policiamento gera dados que justificam ainda mais policiamento. As prisões restam superlotadas de criminosos sem vítima, que, no geral, são oriundos de bairros pobres, sendo também a maioria de negros e latinos, nos Estados Unidos. Esse modelo matemático, na visão de Cathy O’Neil, é tudo menos cego. Em cidades segregadas, a geografia é um mecanismo altamente eficiente para a seleção racial. Daí que é possível questionar, de acordo com a visão da autora: sendo o propósito desses *softwares* detectar crimes graves, qual seria a finalidade de perseguir crimes incômodos, que ostentam menor gravidade? A resposta está no fato de que crime e comportamentos antissociais têm sido tratados com sinônimos desde 1982, quando um criminólogo, George Kelling, uniu esforços com um especialista em políticas públicas, James Wilson, e escreveu sobre a teoria das janelas quebradas⁸³⁶. Segundo essa teoria⁸³⁷, crimes e contravenções de baixa gravidade criariam uma atmosfera de desordem em regiões ou bairros, de modo que ruas abandonadas e escuras, com o patrimônio público degradado seriam criadouros da criminalidade. Eis que se procurou consertar as janelas quebradas, limpando vagões pixados, ruas abandonadas, e aproximando a polícia da comunidade. Fatalmente, crianças foram detidas por pular a catraca do metrô, indivíduos foram autuados por terem compartilhado arroz no vagão do trem. Os resultados dessa política criminal são amplamente discutidos⁸³⁸ pelos resultados a que chegaram. De qualquer forma, tal modelo foi responsável por enviar milhões de jovens às prisões, sendo a maioria por delitos pequenos. Em realidade, a teoria das janelas quebradas poderia não ter nenhuma sintonia com a política de tolerância zero, pois para aquela os policiais deveriam ser altamente tolerantes e ajustar seu trabalho aos padrões de ordem dos bairros em que atuam a fim de viabilizar sua manutenção normativa. Os policiais auxiliariam os bairros a manter sua própria ordem, o que seria diferente de impor um padrão corretivo e disciplinar vindo de suas próprias instituições. Independentemente de suas diferenças, cada abordagem policial corresponderá a um modelo, que exigirá o uso direcionado dos dados, que serão seguidos por uma série de respostas, e cada um terá o ajuste aos fins a que se pretende chegar. O policiamento nas ruas foi, praticamente, dominado por esses modelos matemáticos de predição, que orientam a aplicação da própria lei⁸³⁹.

⁸³⁶ WILSON, James Q.; Kelling George L. *Broken Windows: the police and neighborhood safety*. in: Atlantic Monthly, março de 1982.

⁸³⁷ Ver também: COUTINHO, Jacinto Nelson de Miranda; CARVALHO, Edward Rocha de. *Teoria das Janelas Quebradas: e se a pedra vem de dentro?* Disponível: “<http://egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/anexos/11716-11716-1-PB.htm>”. Acesso em 04/11/2018.

⁸³⁸ ANITUA, Gabriel Ignacio. *Histórias dos Pensamentos Criminológicos*. Rio de Janeiro: Revan, 2008.

⁸³⁹ O’NEIL, Cathy. *Weapons of Math Destruction: how big data increases inequality and threatens democracy*. Nova Iorque: Crown Publishers, 2016. pp. 74-88.

Apenas como provocação, Cathy O’Neil menciona que seria tentador pensar se a polícia teria condições de aplicar sua política de tolerância zero no mercado de finanças, de modo que qualquer transação suspeita possa gerar as mesmas consequências comuns ocorridas em bairros precarizados. Na realidade, os policiais não estão adaptados a essa complexa tarefa e envolver-se com os problemas do mercado financeiro exigiria um tipo de conhecimento técnico que a polícia não detém. Seus conhecimentos estão concentrados em utilizar coletes a prova de balas e transitar em bairros perigosos. Ponto importante é que a polícia faz escolhas e decide para onde deve direcionar seu olhar, que está voltado quase que com exclusividade para os pobres e, normalmente, os são brancos. Entretanto, a novidade é que os cientistas de *Big Data* estão alinhando seus trabalhos a essas orientações do *status quo* junto a modelos que influenciam cada vez mais os hábitos e as regulações da vida social, a exemplo do *PredPol*. Cathy O’Neil entende que essas ferramentas podem se transformar em armas de destruição em massa. Não estranha que o *PredPol*, mesmo que anuncie as melhores das intenções, acabe orientando as ações policiais para focarem na clientela preferencial do sistema de justiça criminal, prendendo e enviando sempre a população pobre às prisões. Não raro, os chefes de polícia acreditam que essa seja a única saída para o enfrentamento da criminalidade. A novidade é que agora se tem à disposição tecnologia de ponta, fortalecida pelo *Big Data*, da matemática e da estatística aplicada. O resultado não pode ser outro senão a criminalização da pobreza. Ao se analisar essa antropotécnica de destruição, muitas vezes se é confrontado com a escolha entre justiça e eficiência. As armas de destruição em massa, como o *PredPol*, focalizam em eficiência, que é medida pelos dados, cálculo que é difícil de se fazer quando o assunto desborda da ideia de justiça. Pela linguagem lógica dos computadores, a noção de beleza, por exemplo, estaria associada ao Grand Canyon ou ao pôr do sol. A amizade é calculada pelas curtidas no *Facebook* e a quantidade de conexões em rede. A noção de igualdade também se submete ao mesmo regime. Dessa forma, tem-se uma produção industrial de injustiça, que é o tipo humano específico espelido em chaminés de fábricas prisionais. Eis a emissão de um gás tóxico patrocinado pela tecnologia. Vejamos que caso semelhante são as batalhas das escutas telefônicas, que seus defensores argumentam ser, em última análise, a garantia de promoção da segurança social. É compreensível que aqueles que administram o aparato da segurança nacional continuem a exigir mais acesso a informações, invadindo a privacidade de qualquer um até conseguirem obter a informação de que necessitam. Como se sabe, a utilização de instrumentos do tipo *PredPol* não se limita à simples captura de agentes específicos como efeito nocivo da seletividade dessas ferramentas. Também existem modelos de sentenciamento que

tomam como orientação a probabilidade de reincidência⁸⁴⁰. Empregando a análise pretensamente científica com sua pontuação de risco⁸⁴¹, sentenças mais rigorosas são aplicadas àqueles que apresentam os fatores de risco que indicam maior probabilidade de cometerem novos crimes ou de romperem as condições judiciais para a liberdade. Então, a pergunta que se deve fazer é: por que os não brancos seriam os indivíduos mais propensos à reincidência? Os modelos pautados por *Big Data* relacionam maior propensão desses indivíduos de não terem emprego, assim como não apresentarem diploma de ensino médio, e, em algum momento de suas vidas, a complicarem-se com a lei penal, semelhante aos seus amigos e parentes que também podem apresentar um idêntico perfil. Logicamente, os técnicos do sistema não negam que seus instrumentos possam apresentar falhas, mas eles pressupõem que manter um indivíduo preso por mais tempo garante que a sociedade esteja mais segura. O estudo que eles não fazem é sobre as influências da vivência no ambiente prisional por longos anos e o comportamento desses indivíduos quando adquirem sua liberdade⁸⁴².

Essa tendência adquire uma dimensão ainda mais preocupante na medida em que a polícia reaproveita ferramentas e técnicas contra o terror, utilizando-as no combate ao crime. Para se ter um exemplo, em San Diego, a polícia além de abordar os indivíduos com o interesse de identificá-los, tal como em uma abordagem policial trivial, está tirando fotos e as enviando para um serviço de reconhecimento facial, combinando a imagem com seu banco de dados contendo criminosos e suspeitos. Em um relatório do *New York Times*⁸⁴³, existe a informação de que a polícia de San Diego tenha, de fato, utilizado o programa de reconhecimento facial (*face capture*⁸⁴⁴) em torno de vinte mil e seiscentos indivíduos, nos anos de 2011 a 2015. Além disso, muitos foram investigados com o uso de cotonetes na boca para ser colhido seu material genético. O avanço na tecnologia do reconhecimento facial dá sinais de que permitirá a realização de investidas mais ousadas. As autoridades de Boston pretendiam utilizar câmeras de segurança com o escopo de escanear milhares de rostos. Os dados registrados pelas câmeras poderiam ser enviados para os serviços de segurança, que cruzariam cada face com um

⁸⁴⁰ CHRISTIE, Nils. *La Industria del Control del Delito: la nueva forma del holocausto?* Tradução de Sara Costa. Buenos Aires: Del Puerto, 1993. CHRISTIE, Nils. *Uma Razoável Quantidade de Crime*. Tradução de André Nascimento. Rio de Janeiro: Revan, 2011.

⁸⁴¹ DIETER, Maurício Stegemann. *Política Criminal Atuarial: a criminologia do fim da história*. Rio de Janeiro: Revan, 2013.

⁸⁴² O'NAIL, Cathy. *Weapons of Math Destruction: how big data increases inequality and threatens democracy*. Nova Iorque: Crown Publishers, 2016. pp. 74-88.

⁸⁴³ Ver em: “<https://www.nytimes.com/2015/08/13/us/facial-recognition-software-moves-from-overseas-wars-to-local-police.html>”. Acesso em 04/11/2018.

⁸⁴⁴ Disponível em: “<https://www.medicaldaily.com/boston-police-used-facial-recognition-software-concertgoers-will-it-really-stop-suspicious-298540>”. Acesso em 04/11/2018.

milhão de outros rostos em poucos segundos. Mas naquela ocasião, ao que parece, o projeto foi barrado, pois havia certa preocupação com a privacidade dos indivíduos, que foi considerada mais importante do que a pretensão de eficiência das autoridades policiais. De acordo com a denúncia das mídias, documentos dariam conta de que a IBM estaria atuando como uma contratada externa do Departamento de Polícia de Boston, em um show, e utilizou câmeras para registrar dados que poderiam ser desde o congestionamento até análise de mídias sociais para rastrear dados anatômicos como cor, cabeça e cor do tronco, além de outros dados como o uso de óculos⁸⁴⁵. O problema é que nem sempre a privacidade será preponderante em relação ao mandamento da eficiência. Não se pode esquecer que a vigilância tem se expandido no mesmo passo que o avanço da técnica. Em breve, todos poderão estar sujeitos a um processo digital de envio de imagens de faces combinados com banco de dados contendo criminosos e terroristas. O foco facilmente pode mudar, passando o olhar policial a se direcionar a identificação dos indivíduos mais propensos a infringirem a lei, isto é, as análises numéricas deixarão de incidir sobre bairros e passarão a se concentrar nos indivíduos mais propensos à prática de crimes. Esse parece ser um processo inevitável. As campanhas preventivas contra o terrorismo são um terreno bastante fértil para a utilização de armas de destruição em massa. O mesmo se diz sobre o controle da criminalidade. Não estranha que no ano de 2009, o Departamento de Polícia de Chicago tenha recebido dois milhões de dólares do Instituto Nacional de Justiça para desenvolver e aprimorar um programa de predição do crime. O aplicativo vencedor tinha como premissa que, com o emprego de pesquisas de *Big Data*, seria possível demonstrar a disseminação do crime como se fosse uma epidemia, seguindo certos padrões que poderiam ser identificados, previstos e evitados. Miles Wernick, diretor do Centro de Pesquisa de Imagens Médicas do Instituto de Tecnologia de Ilinois (IIT), foi o cientista líder do empreendimento em Chicago. Curioso foi que nos anos anteriores, Wernick prestou auxílio aos militares norte-americanos que tinham o propósito de identificar alvos no campo de batalha. Em seguida, ele se ocuparia da análise de dados envolvendo padrões de crime e de criminosos. A equipe de Wernick procurou destacar os *hotspots* da criminalidade e desenvolver uma lista que continha

⁸⁴⁵ Após serem divulgadas informações que o prefeito não conseguiu negar, ele declarou que teria contratado a IBM em um projeto piloto que visava testar um *software* de consciência situacional em dois eventos ocorridos no *City Hall Plaza: Boston Callin*, em maio de 2013, e *Boston Calling*, em setembro de 2013. O objetivo era verificar a possibilidade de facilitar que a cidade sediasse grandes eventos públicos, gerindo multidões, serviços públicos, segurança pública, engajamento dos cidadãos nas mídias sociais, entre outros canais. Fator importante é que Boston foi uma das trinta e três cidades que receberam subsídios da IBM para o desafio das cidades inteligentes. O envolvimento da empresa é flagrante, pois se procurou destacar o compromisso com a liderança da cidade para empreender as mudanças necessárias e tomar decisões “inteligentes”, diz Stanley Litow, vice-presidente da Cidadania Corporativa e Assuntos Corporativos da IBM, em comunicado no ano de 2012. Ver em: “<https://www.medicaldaily.com/boston-police-used-facial-recognition-software-concertgoers-will-it-really-stop-suspicious-298540>”. Acesso em: 04/11/2018.

quatrocentos indivíduos classificados que apresentavam maiores probabilidades de praticarem crimes violentos, como o homicídio. Robert McDaniel⁸⁴⁶ foi um desses classificados. No ano de 2013, uma policial bateu em sua porta e lhe disse para ele ter cuidado com os seus atos, pois a polícia lhe estava vigiando⁸⁴⁷.

Como muitos jovens de Austin, em seu perigoso bairro, McDaniel mantinha um histórico de pequenos problemas com a lei, nada de grave, além de ter amigos envolvidos com o sistema de justiça criminal, muito embora ele nunca tenha se envolvido com armas. Não é estranho que a análise realizada sobre a pessoa de McDaniel tenha levado em consideração sua rede social. Pressupõe-se que as pessoas são estatisticamente mais propensas a se comportarem de acordo com as pessoas com quem elas mais passam seu tempo. O *Facebook* descobriu que amigos que se comunicam com maior frequência têm maior probabilidade de clicarem nos mesmos anúncios. No caso de McDaniel, de um lado, há quem entenda que a polícia estaria fazendo um trabalho preventivo e não violento, sem prender ninguém, que seria necessário e, se alguma das pessoas que foram classificadas como perigosas pensarem antes de cometerem crimes violentos por causa do aviso, tal estratégia se justificaria ainda mais. De outro lado, pode-se considerar a flagrante seletividade promovida por essa estratégia patrocinada pelo *Big Data*, que fere a ideia de justiça e equidade. McDaniel nasceu e cresceu em um bairro pobre, violento e marcado pelo crime. Muitos dos meninos com quem conviveu foram presos. Em razão dessas circunstâncias, McDaniel foi classificado como perigoso, não por causa de suas ações. Por isso a polícia passou a vigiá-lo. Basta que ele se comporte como milhares de outros norte-americanos, com ações simples, como, por exemplo, comprar droga para consumo ou se envolver em uma briga, que a força da lei irá ser aplicada com toda a sua intensidade, afinal de contas, ele já havia sido avisado. Nesse panorama, o *Big Data* patrocina a correlação entre crime e pobreza⁸⁴⁸ e crime e terror, amálgamas que contribuem para o projeto de lançar os criminalizados em uma rede de arrasto digital⁸⁴⁹.

O *Big Data*, nestes moldes, serve a mais clara missão das tendências atuais da antropotécnica criminal no exato sentido de produzir, modelar e perfilar a figura do criminoso

⁸⁴⁶“<https://www.theverge.com/2014/2/19/5419854/the-minority-report-this-computer-predicts-crime-but-is-it-racist>”. Acesso em: 04/11/2018.

⁸⁴⁷ O’NAIL, Cathy. *Weapons of Math Destruction: how big data increases inequality and threatens democracy*. Nova Iorque: Crown Publishers, 2016. pp. 74-88.

⁸⁴⁸ WACQUANT, Loïc. *Punir os Pobres: a nova gestão da miséria nos Estados Unidos [A onda punitiva]*. Tradução de Sergio Lamarão. Rio de Janeiro: Revan, 2007.

⁸⁴⁹ O’NAIL, Cathy. *Weapons of Math Destruction: how big data increases inequality and threatens democracy*. Nova Iorque: Crown Publishers, 2016. pp. 74-88.

e da criminalidade a se punir, prevenir e investigar, nos padrões de uma política criminal *Big Data*, com apoio dos saberes (tecnologicamente aprimorados), que nos permitirá dizer que o criminoso é produto antropotecnicopolítico. Nos Estados Unidos, o encarceramento em massa produziu mais o crime do que o previniu⁸⁵⁰. Em verdade, a política de encarceramento dos últimos quarenta anos se mostrou uma máquina de destruição humana. Aprisionar não apenas destruiu vidas, mas provavelmente fomentou novos crimes, em vez de evitá-los. Hoje em dia, há cinco vezes mais pessoas presas do que havia na década de setenta. Estima-se que cinco por cento da população irá passar pela prisão em algum momento das suas vidas. Acreditou-se que o encarceramento evitaria que os criminosos viessem a praticar novos crimes mediante sua incapacitação seletiva e a dissuasão desencorajaria os possíveis criminosos de cometer crimes⁸⁵¹. O problema, contudo, é que esses resultados não foram atingidos. Conforme o professor de economia da faculdade de Michigan, Michel Mueller-Smith⁸⁵², a incapacitação seletiva não reduziu a criminalidade. Sua pesquisa foi baseada na análise dos registros do Tribunal do Condado de Harris, no Texas, de 1980 a 2009. Ele percebeu que indivíduos acusados por crimes idênticos eram condenados em sentenças muito distintas, e essa indeterminação dependeria do juiz da causa, uma vez que cada um decidia a sua maneira. Posteriormente, o pesquisador analisou o que ocorreu com os condenados, em termos de execução criminal, e chegou à conclusão de que cada ano vivendo no ambiente prisional é capaz de aumentar em 5,6% as chances de reincidência por trimestre. Os indivíduos que foram presos por infrações de pequena gravidade acabaram praticando crimes mais graves posteriormente, quanto maior era o tempo que eles eram mantidos aprisionados. Sua conclusão foi a de que retirar os pequenos criminosos do seio da população em geral não compensaria pelos prejuízos futuros pagos em razão da fabricação de um criminoso transformado pelo ambiente prisional. Mas por qual motivo a prisão transformaria indivíduos comuns em criminosos de carreira? Mueller-Smith estima que a cada ano na prisão as chances de emprego são reduzidas em 24%, aumentando-se a chance de se viver da assistência pública precarizada. Igualmente, o tempo de encarceramento reduziria as chances de alguém se casar. Ou seja, desqualifica-se o potencial

⁸⁵⁰ Sobre o tema: FEELEY, Malcolm; SIMON, Jonathan. Actuarial Justice: the Emerging New Criminal Law. In: NELKEN, David (Org.). *The Futures of Criminology*. Londres (Inglaterra): Sage, 1994. p. 175. FEELEY, Malcolm M.; SIMON, Jonathan. *The New Penology: notes on the emerging strategy of corrections and its implications*. Criminology. 1992, 30(4), 449–474. COHEN, Stanley. *Visions of Social Control: Crime, Punishment and Social Control*. Cambridge (Inglaterra): Polity Press, 1985. CAMPESI, Giuseppe. *Neoliberal and Neoconservative Discourses on Crime and Punishment*. Sortuz. Oñati Journal of Emergent Socio-legal Studies, Volume 3 Issue 1 (2009) pp. 33-52.

⁸⁵¹ DIETER, Maurício Stegemann. *Política Criminal Atuarial: a criminologia do fim da história*. Rio de Janeiro: Revan, 2013.

⁸⁵² MUELLER-SMITH, Michel. *The Criminal and Labor Market Impacts of Incarceration*. Não publicado. Artigo disponível em: “<http://www.columbia.edu/~mgm2146/incar.pdf>”. Acesso em 04/11/2018.

de ganhos de um indivíduo, retirando-lhe sua moradia, seu direito de voto, suas capacidades laborativas, além de outros inúmeros prejuízos pessoais caríssimos em sociedades que impõem o autorrendimento e o aprimoramento pessoal. O resultado praticamente inevitável é que estar preso degrada as habilidades daquele que está exposto aos hábitos que normalmente aumentam as chances de retornar à prisão⁸⁵³.

Todos esses problemas tomam emprestado as estratégias de combate ao terror, que são empregadas em ambos os campos em medidas equivalentes. Isso porque o combate ao crime e o combate ao terror muitas vezes se confundem, tendo em vista as tecnologias e estratégias que são utilizadas em ambos os problemas. A propósito, já havíamos mencionado nos capítulos precedentes, o racismo, na exposição de Foucault, seria o fundamento para deixar morrer em uma época em que o bipoder promove a vida. Não nos parece equivocado susentar que esse fundamento tem, com o apoio da técnica, se deslocado - sem prejuízo das complexas implicações desse processo-, essencialmente, para o terror, sem que o racismo, obviamente, deixe de manter ainda sua pertinência biopolítica no tempo presente.

⁸⁵³ Disponível em: “<https://qz.com/458675/in-america-mass-incarceration-has-caused-more-crime-than-its-prevented/>”. Acesso em: 04/11/2018.

CONCLUSÃO

A antropotécnica, como prática biopolítica, foi apresentada em quatro principais sentidos em sua temporalidade antropológica: o epistêmico, o histórico, o ético e o criminológico.

No sentido epistêmico, a antropotécnica é uma técnica do devir. Não porque a técnica estaria em constante modificação, mas porque o humano mesmo é que se transforma e com ele a técnica passa também pelo processo de modificação, pelo fluxo de produção de um novo humano. O ser humano aqui retratado não seria um ser humano evoluído, mas um ser humano expandido por técnicas de transformação, porque a técnica passa a fazer parte de seu corpo, do seu comportamento, da sua maneira de pensar e criar o mundo à sua volta. Por esses motivos, o conceito de humano nunca é definitivo e acompanha o avanço da técnica.

Na presente tese, não foi apresentado um conceito de ser, de humano, de homem, isto é, uma ontologia, para, em seguida, aplicá-los ao âmbito criminológico. O propósito desta tese pode ser apreendido a partir da tentativa de desenvolver uma pesquisa distinta sobre uma técnica que, ao se relacionar com o humano e ao conduzir sua vida, foi chamada de antropotécnica. Nesse sentido, a antropotécnica foi empregada para, em conjunto ou individualmente, definir, medir, avaliar, domesticar, aprimorar, calcular, coagir, prever, evitar, expor, eliminar, segregar, reprimir, em última análise, produzir o humano e tudo o que lhe concerne, sua forma de vida e suas ações ou omissões. No campo criminológico, falamos da antropotécnica criminal. Não se pretendeu postular uma ciência total, tampouco se perdeu de vista que propósitos muitas vezes extrapenais e metapunitivos motivam propostas de cunho penal, bem como seus saberes correspondentes.

Não se trata, entretanto, de apenas se refletir sobre uma técnica específica, mas de observar a existência de uma relação produtora, que existe também no campo criminológico. Isso quer dizer que a técnica detém o caráter fundamental de prática, pois somente a partir do uso é que se pode falar de uma técnica que opera no índice de transformação do corpo humano, redefinindo-se como antropotécnica. Nessa relação entre técnica e humano é que se produz o mundo e a abertura de mundo, significando, com isso, sustentar que a antropotécnica se define antes mesmo como um caminho de criação do espaço vivencial. Não seria essa apenas uma prática de subjetivação uniforme, meras técnicas de subjetivação convergente, mas de práticas de mundialização conectiva que direcionam os saberes. Nesse sentido, a antropotécnica compreende: (a) uma abertura fundamental infensa à mera causalidade natural, desde a inicial

possibilidade de vir a ser do humano, chegando-se à noção de *cyborg*; (b) uma relação produtora na medida em que só existe antropotécnica a partir do uso de uma técnica *pelo* humano e, por isso, *no* humano; (c) uma *praxis*, conforme a sua configuração segundo o uso que dela – essencialmente – é feito, bem como da necessidade, existencialmente, irreversível desse uso, de uma passagem ao ato no caminho para a transformação real e simbólica do humano; (d) uma via de produção de mundo, na medida em que é fundadora de um ambiente existencial, chamado por Sloterdijk de *esfera*, que também produz o ser humano, na sua abertura para vir a ser - como na parábola kafkiana do porteiro em que a acessibilidade ao portal esteve sempre ali, à espera.

No sentido histórico, a antropotécnica ou antropotecnia revelou-se, teoricamente, como um conceito plástico, que compreendeu significados distintos no tempo. A plasticidade do conceito, contudo, não parece lhe desvincular do seu fundo ideológico, que foi gestado pelas pretensões inscritas nos projetos de eugenia presentes nos séculos XIX e XX, e que ainda hoje dão sinais dos seus resquícios (re)calcados, sabidamente, na ideia de raça. Por isso, aqui, também, reafirma-se a ocasião para se falar de uma crítica à criminologia do preconceito, ao se procurar entender no transcurso histórico a lógica desse elemento formador de ideias e de ações de produção do criminoso. Isso não quer dizer que se deva partir de um conceito filosófico de homem para extendê-lo ao campo penal, mas assumir um dado fático: essa definição é sempre produzida. No período de transição do séc. XIX para o séc. XX, o conceito da antropotecnia estava contaminado pelas ideias presentes em projetos de eugenia, entendidos nessa concepção inicial como eugenismo clássico, que seletivamente definiu o lugar das raças, utilizando por meio de seus interlocutores argumentos que detinham o céu científico. Porém, apesar das experiências históricas, o fundo obscuro da eugenia parece ilustrar sua continuidade inexpugnável na assimilação do que se definiu como eugenismo contemporâneo, algo que, aparentemente, não ostenta um caráter negativo como outrora. Isso demonstra que é próprio de uma concepção de ser humano o fator eugênico e esse empreendimento teve uma explicação precisa que foi revelada pela antropotécnica e também pela criminologia: o fator seletivo é algo que acompanha as experiências políticas dos seres humanos e o uso que as sociedades fazem dos saberes resulta também em outras formas de seleção. Outras manifestações também foram entendidas como antropotécnicas, especialmente as que se referem ao mundo contemporâneo definidas com as noções de transumanismo, aprimoramento humano, empresário de si, *Big Data*, etc.

Em seu breve percurso histórico, a antropotécnica se exprimiu pelo primado da domesticação. A partir dessa característica biopolítica, os saberes adquiriram a função de

técnicas de influência humana para fins de governo, até atingirem, na atualidade, a configuração renovada que lhes atribuiu um caráter inescusável por obra da cibernética: o comando, a direção, o governo, em última análise, um instrumento biopolítico de gestão da humanidade em função de uma política que leva em consideração, fundamentalmente, as afetações do corpo. Governar impõe uma política das afetações (ou, mais especificamente, uma política dos afetos⁸⁵⁴), uma política das influências.

Com a possível falência do humanismo letrado, os mecanismos de influência deixaram de ser pedagógicos, transformaram os conhecimentos e isso revelou a importância do fenômeno político da convergência tecnológica, ao reajustar o lugar dos saberes em razão de operacionalidades biopolíticas. Por diversas razões - e a principal delas tem a ver com o estágio da técnica que acelera sua evolução por meio da potência dos computadores, chegando ao ponto de dinamizar a noção de conhecimento - nesse fantástico processo, o conhecimento humano se transformou em informação pela estratégia da convergência. Os dados informáticos, desprovidos da mínima pretensão valorativa sobre as vicissitudes do significado de alguém ser simplesmente humano, transformaram-se na ferramenta antropotécnica de definição dos sujeitos por meio de conexões projetivas realizadas pela análise de registros oriundos de ações padronizadas. O atual estágio da convergência se depara com o *Big Data*. Para fins de direcionamento de uma abordagem eficiente de um indivíduo, esse acúmulo de informações serve da mesma maneira tanto ao interesse de autoridades que pretendem encontrar um criminoso ou um terrorista ao arripio de direitos fundamentais, por suas próprias definições, ou para oferecer em campanhas de *marketing* um produto novo a ser consumido. Não à toa que os transumanistas já alertaram que o sistema de direitos humanos não fará mais sentido diante do acontecimento das novas tecnologias, que colocarão novamente em questionamento o próprio conceito de humano.

Por fim, pensar na antropotécnica no sentido de uma ética do agir e do seu uso exige preservar um lugar imprescindível à responsabilidade pela produção, que não apenas concebe a necessidade de se pensar em uma responsabilidade pelos efeitos da antropotecnia, mas também penetrar no campo de responsabilidade pelo produto. Essa afirmação é extensível à antropotécnica criminal. O criminoso e a criminalidade são produtos.

⁸⁵⁴ SAFATLE, Vladimir. *O Circuito dos Afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo*. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

Aqueles que promovem as mais diversificadas transformações na vida de outros viventes assumem funções de governo antropotécnico, que por sua concretude, por seu caráter de prática no uso da técnica, não podem se restringir às observações de caráter e de consequência abstrata quando se preferir empregar o conceito de biopolítica para explicar os acontecimentos políticos contemporâneos. A responsabilidade não se confirmaria como um tema de conscientização para orientação do agir, senão, mais radicalmente, concerne ao aspecto antropológico e habitual do indivíduo, que pressupõe o que se expressou pela ética do exercício, porém com os efeitos agredados da transformação humana.

Neste contexto, curiosamente, quando a antropotécnica foi resgatada por Sloterdijk, foi para colocar em questão o problema da violência e a disponibilidade de mecanismos técnicos para o seu controle eficiente, isto é, novamente a antropotécnica adveio no espaço de questionamento de questões criminológicas. Assim, a antropotécnica na transição do séc XX para o XXI renasce como antropotécnica criminal apenas por se ater ao tema da violência? Não necessariamente. Mas por enfrentar o tema da violência – idissociável à criminologia – com pretensões de governo de seres humanas, por uma fundamentação biotecnológica.

No sentido criminológico, a pergunta sobre a possibilidade de construção e de distinção do conceito da antropotécnica no âmbito criminal foi respondida, de forma explícita, em toda a extensão do segundo capítulo, e, de forma implícita, em toda a extensão dessa pesquisa. É que, no final do sec. XIX, a antropotécnica já nasce como antropotécnica criminal direcionada às funções de governo. Por outro lado, é importante perceber que a antropotécnica foi desenvolvida com o propósito de distinguir, de estabelecer limites entre os saberes de feições antropotécnica – que se expandiam desde o campo da antropologia criminal – para bem definir seus campos de incidência. Por isso que foi com a pretensão de se desvencilhar do contexto positivista em que foi criado e de conferir um lugar adequado ao uso do conhecimento para transformá-lo em informação, que o conceito adquiriu outros significados desde a metade do séc. XX. Em sua forma explícita, a antropotécnica criminal se radicalizou politicamente de tal modo nos últimos tempos que atingiu um grau de indiscernibilidade com relação a outros conceitos e ganhou conexão com as múltiplas estratégias do terror, isto é, o atmoterrorismo vem a demonstrar que tanto um Estado, quanto um indivíduo podem adotar técnicas do terror, porquanto se trata de um *modus operandi*, e não de uma expressão ontológica. Daí que a antropotécnica criminal, hoje em dia, ganhou o suporte das estratégias de controle produtivo e passaram a se envolver com os problemas políticos atinentes ao crime e ao terror, entendido este como uma técnica ambiental projetada no início do séc. XX. Crime e terror atingem um

nível de indiscernibilidade preocupante, não por suas características, mas pelas técnicas que são empregadas para lidar com os problemas que lhes concernem.

Nesse sentido, a ideia de que as prisões modificam os seres humanos, normalmente para pior, ainda não havia recebido uma conceitualização que explicasse pela perspectiva da técnica, do espaço, do humano e, em suma, da antropotécnica criminal de acordo com promoção da transformação preponderantemente negativa do humano. A antropotécnica criminal é o conceito que vem a conferir esse nome à transformação promovida pela arte de punir, de influenciar e de domesticar. Na prática da execução penal no Brasil é comum que o preso seja chamado de “reeducando”. O aspecto pedagógico, disciplinar, ortopédico e, enfim, punitivo é o ponto de destaque de uma ferramenta – antropotécnica criminal – que nem de longe promoveu no seu percurso histórico o resultado prometido. Aqui, por uma perspectiva não meramente jurídica, poder-se-á compreender que as justificativas para a arte de punir têm de ser revisitadas para a realização um balanço: seus efeitos operados na produção antropotécnica, mas também em seus efeitos no devir humano. Manouvrier teria dito que as próprias pesquisas sociológicas e antropológicas encontrariam grandes dificuldades práticas se caso se pretendesse pontuar todos os fatores relevantes que deveriam ser levados em consideração para apontar as motivações para o crime. A modificação do ambiente proporcionaria transformações do próprio ser humano. As tecnologias têm atingido um nível tão alto de aperfeiçoamento que essas dificuldades poderão ser, praticamente, eliminadas com o fenômeno do *Big Data* que é capaz de reunir e cruzar informações de uma maneira que faria Manouvrier repensar sobre sua afirmação a respeito dos possíveis fatores de influência antropotécnica no curso da vida de um ser humano. Em realidade, não é isso o que fundamentalmente interessa analisar pela perspectiva da antropotécnica.

O que importa saber é sobre o poder de influência das técnicas de governo que são empregadas para gerir a vida contemporânea. Hoje, o ambiente não é transformado, senão meramente mapeado a fim de os seres humanos serem controlados a partir dos seus ambientes e hábitos. Logo, o *Big Data* é a ciência do infinito, que cada vez mais permitirá reunir no sistema de dados informações inesgotáveis sobre o crime e o criminoso. Sendo tudo registrado, o determinismo dessa micropolítica cibernética, que leva em consideração os padrões comportamentais mais diversos, toma o lugar o determinismo biológico. O *Big Data* constrói um tipo novo de determinismo pautado pelo ambiente e pelo hábito e desenha uma nova ideia de ser, que não é aberto, porque seu futuro é também mapeado por programas de computador.

A própria ideia de pena como mero instrumento de controle social pelo efeito da inocuização merece, igualmente, ser repensada por uma teoria da produção antropológica, no preciso sentido de que o crime é produto de um governo, e, portanto, a pena nunca é inócua ou sem efeito. As forças de influência sobre o comportamento humano reformulam-se como pontos conectados aos aspectos ambientais mais relevantes. Nessa concepção, a antropológica criminal não apenas trata do *status* do criminoso pela atribuição de um rótulo estigmatizante, mas vai além com o performativo que, por ser compreendido como uma antropológica de nomeação, insere o indivíduo em uma rede simbólica, lhe promove transformações psíquicas concretas e lhe exige um nível, às vezes, perverso, violento e desnecessário de adequação normativa do seu próprio ser e do seu próprio dever.

Por essa leitura, a própria noção de seletividade se ressignifica em sua histórica materialização. A título de condensação das ideias, apontamos alguns exemplares da seletividade no sentido da antropológica criminal:

a) Tem-se uma típica manifestação da seletividade que foi empreendida pelo sentido educacional. A leitura produziu seleções humanas: a distinção daqueles que sabem ler e daqueles que não sabem. Esse é um tipo de seletividade que conduziu à outra, a da autoprodução. Auto-operar-se exige o domínio da técnica, e o domínio da técnica inicia com o cuidado de si. De fato, alguns estão mais aptos a se autoproduzirem em razão das condições mais benéficas que lhes envolvem, desde o útero materno até o acesso às atuais tecnologias de facilitação da vida, além de não se poder desconsiderar o aspecto projetivo mais trivial, como o orgânico, pela boa alimentação, pelo uso de substâncias e fármacos, etc. Uma das formas de seletividade mais corriqueira foi também aquela concebida desde os espaços de luxo que confirmou o acerto da metáfora do palácio de cristal – consequência hoje da seletividade neoliberal.

c) No que toca à seletividade da produção por atribuição ou por assimilação dos performativos, pode-se entender que ela ocorre quando, por exemplo, o próprio condenado recebe uma série de atribuições denominativas e a elas responde de uma forma bastante peculiar, submetendo-se à domesticação ou resistindo às imposições alheias.

d) Em termos de fundamentos para a seletividade, tanto o racismo como o sistema de justiça criminal operou e ainda opera no sentido de uma gigantesca máquina antropológica: o racismo como força de propulsão, como combustível da máquina penal, que mata e ainda

procura fundamentar a morte; e o sistema de justiça criminal como procedimentalização de um maquinário seletor que produz mortes e sofrimentos.

e) E se a antropotécnica trata de um conceito que vem a demonstrar que toda técnica que o humano faz uso no final das contas lhe transforma, então, isso implica dizer que toda técnica encontra sua definição condizente com a de um artefato antropogênico.

Nesse contexto, o que, afinal, compreendeu-se com a noção de transformação, expressão abordada desde o início desta pesquisa?

A transformação do humano não é algo que possa ser aferida como quem mede o percentual de gordura corporal, ou quando se mede a frequência cardíaca de um atleta de alto rendimento durante um treinamento físico. Se assim o fosse, estaríamos retornando ao campo da antropometria e os números estariam tão-somente a serviço da estatística e das estratégias da convergência, que seguem o caminho alargado pela cibernética e depara-se com o *Big Data* hoje em dia. Na realidade, a transformação operada por meio dos mecanismos de influência torna-se sempre fruto de valorações que levam em conta o tempo, o espaço e expressões da cultura (a exemplo de concepções normativas nos três sentidos: jurídico-legal, identitário e psíquico), isto é, a transformação emerge sempre como fruto de uma dada sociedade, ainda que o seu enfoque possa estar voltado aos aspectos preponderantemente individuais. A autenticidade dessa transformação (trans)valorada é, portanto, condicionada aos mecanismos de influência de grupos e, em última análise, organizações sociais. Os mecanismos de influência de forma alguma poderão ser pensados como uma tentativa de resgatar a ideia de definir com grande precisão os fatores determinantes para o crime – até porque tal expressão normalmente descamba para o âmbito de preferência do determinismo (e o pensamento determinista pode facilmente transformar-se em pensamento autoritário⁸⁵⁵), senão demonstrar que os mecanismos de influência são operados sempre por um comando, por um governo, e, portanto, requer tomadas de decisão, que exigem responsabilidade.

O problema antropotécnico criminal que se desenha é que essa responsabilidade se esfumaça com a predominância da inteligência artificial. Quem decide, o programador ou os logarítimos?

⁸⁵⁵ Sobre autoritarismo e processo penal: GLOECKNER, Ricardo Jacobsen. *Autoritarismo e Processo Penal: uma genealogia das ideias autoritárias no processo penal brasileiro*. Vol. 1. Santa Catarina: Tirant Lo Blanch, 2018.

Ao que parece, Han estava certo, parcialmente, quando mencionou o desacerto de se falar do paradigma imunológico como definidor da maneira como organizamos nossas formas de vida. Entretanto, não se pode mais falar da existência do paradigma imunológico como metáfora do social, que é integrado pela ideia de defesa social, como era típico no eugenismo clássico, que estava relacionado às concepções de raça (a ideologia da defesa social, logicamente, aponta para uma dimensão muito maior do que a esfera criminal, uma vez que parece ser extensível à pretensão dos Estados-nação, que contavam com indivíduos saudáveis como mensuração de sua riqueza), não quer dizer que esse paradigma não tenha deixado um núcleo denso de resistência. Significa afirmar que metáfora imunológica ainda indica o caminho para se pensar o aspecto individual que guarda traços peculiares ao campo penal? A resposta não está apenas situada nas formas pelas quais se incide no corpo e este é transformado. O tema da antropotécnica nos permite compreender que a mudança técnica essencial ocorre nas modificações das formas de governo.

Esse eugenismo individual (que aparece por outras expressões: transumanismo, empresário de si, aprimoramento humano), porém, não se ocupa preponderantemente das influências de certa ideologia da defesa social, mas daquilo que podemos chamar de uma ideologia da defesa individual/privada. Não à toa o fenômeno de privatização da segurança que em termos metafóricos tem a ver com o Palácio de Cristal e com a lógica do condomínio. Conseqüentemente, cada vez mais dispositivos individuais de proteção e de expansão das capacidades individuais são desenvolvidos. A imunidade tecnológica é a imunidade do dispositivo antropotécnico cuja designação mais negativa tem a ver com a antropotécnica criminal. A morte permanece para aqueles que deixados sem proteção. O paradigma não é mais o imunológico. É o paradigma da transformação técnica, que poderá não ser *antro*-potécnica, tendo em vista as conseqüências da inteligência artificial.

O esforço empreendido nesta pesquisa foi motivado pela vontade de narrar uma parte importante da história das ideias criminológicas na relação com a técnica. A criminologia que procuramos descrever passou pelas influências das diversas concepções da antropotécnica, buscando-se a aproximação do campo criminal. Assim, a criminologia se torna uma criminotecnia.

A criminotecnia do futuro será aquela que abrirá mão de um tipo de governo preponderantemente definido pelas decisões políticas dos seres humanos para a chegada do

governo autômato do número, da inteligência artificial, do *big tech*, tudo como expressão do avanço da técnica no campo criminológico.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. *Mezzi Senza Fine: note sulla política*. Turin: Bollati Boringhieri, 1996.
- AGAMBEN, Giorgio. *Lo que Queda de Auschwitz: el archivo y el testigo (Homo Sacer III)*. Tradução de Antonio Gimeno Cuspinera. Valencia: Pré-Textos, 2002.
- AGAMBEN, Giorgio. *Estado de Exceção*. São Paulo: Boitempo, 2004.
- AGAMBEN, Giorgio. *Lo Abierto*. Tradução de Flavia Costa e Edgardo Castro. Buenos Aires: Adriana Hidalgo, 2006.
- AGAMBEN, Giorgio. *O que é o Contemporâneo e Outros ensaios*. Tradução de Vinícius N. Honesko. Chapecó: Argos, 2009.
- AGAMBEN, Giorgio. *Nudità*. Roma: Nottetempo, 2010.
- ALMEIDA, Cleber Ranieri Ribas de. *A Biofilosofia dos Graus do Orgânico: Alrnold Gehlen e a ontologia de Nicolai Hartmann*. *Problemata – Revista Internacional de Filofofia*, v.7. p. 100-135, 2016.
- AMARAL, Augusto Jobim do. *A Política da Prova e a Cultura Punitiva: a governabilidade inquisitiva do processo penal brasileiro contemporâneo*. São Paulo: Almedina, 2014.
- ANNAN, Kof. *Uma estratégia mundial de combate ao terrorismo*. Publicado originalmente em Portugal pelo jornal Público, em 29/01/2004. Disponível em: <http://www.unric.org/pt/actualidade/opiniaio/5918>. Acessado em 10/08/16.
- ANDRADE, Vera Regina Pereira de. *Pelas Mãos da Criminologia: o controle penal para além da (des)ilusão*. Rio de Janeiro: Revan, 2012.

ANITUA, Gabriel Ignacio. *Histórias dos Pensamentos Criminológicos*. Rio de Janeiro: Revan, 2008.

ANSART, Pierre. História e memória dos ressentimentos. In: BRESCIANI, Stella & NAXARA, Márcia (org.). *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. São Paulo: UNICAMP, 2004. p. 15-34.

ANSART-DOURLEN, Michèle. O Ressentimento: as modalidades de seu deslocamento nas práticas revolucionárias. In: BRESCIANI, Stella & NAXARA, Márcia (org.). *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. São Paulo: UNICAMP, 2004. pp. 351-369.

ARANTES, Paulo. *O Novo Tempo do Mundo*. São Paulo: Boitempo, 2014.

ARTAUD, Antonin. *O Teatro e seu Duplo*. Tradução de Teixeira Coelho. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

ASSANGE, Julian et al. *Cyberpunks: liberdade e o futuro da internet*. Tradução de Cristina Yamagami. São Paulo: Boitempo.

BARRACLUGH, Geoffrey. *Introdução à Histórica Contemporânea*. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Círculo do Livro, 1964.

BARRACLUGH, Geoffrey. *Introdução à Histórica Contemporânea*. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Círculo do Livro, 1964.

BARRADORI, Giovanna. *Filosofia em Tempos de Terror*. Diálogos com Jürgen Habermas e Jacques Derrida. Tradução de Juan José Botero e Luis Eduardo Hoyos. Madri, 2003.

BAUDRILLARD, Jean. *À Sombra das Maiorias: o fim do social e o surgimento das massas*. Tradução de Suely Bastos. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BAUDRILLARD, Jean. *Simulacro e Simulação*. Tradutora Maria João da Costa Pereira. Lisboa: Relógio d'Água, 1991.

BAUDRILLARD, Jean. *O Paroxista Indiferente*. Tradução de Ana Sachetti. Rio de Janeiro: Pazulin, 1999.

BAUDRILLARD, Jean. *De um Fragmento ao Outro*. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. São Paulo: Zouk, 2003.

BAUDRILLARD, Jean. *Power Inferno*. Tradução de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e Holocausto*. Trad. De Marcos Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e Ambivalência*. Trad. De Marcos Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

BAUMER, Franklin. L. *O Pensamento Europeu Moderno*. vol. I e II. Rio de Janeiro: Edições 70, 1977.

BAZZICALUPO, Laura. *Biopolítica: un mapa conceptual*. Santa Cruz de Tenerife: Melusina, 2016.

BECK, Ulrich. *A Europa Alemã*. De Maquiavel a Merkievel: Estratégias de Poder na Crise do Euro. Lisboa: Edições 70, 2013.

BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Tradução de Irene Aron e Cleonice Paes Barreto Mourão. São Paulo: Editora FMG, 2009.

BENJAMIN, Walter. *A Obra de Arte na Época de sua Reprodutibilidade Técnica*. Tradução de Francisco de Ambrosis Pinheiro Machado. Porto Alegre: Zouk, 2012.

BERARDI, Franco (Bifo). *A Fábrica da Infelicidade: trabalho cognitivo e crise da New Economy*. Tradução de Orlando dos Reis. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

BERARDI, Franco (Bifo). *Después de Futuro: desde el futurismo al cyberpunk. El agotamiento de la modernidad*. Tradução de Giuseppe Maio. Madri: Enclave de Libros, 2014.

BERMAN, Harold J. *Direito e Revolução: a formação da tradição jurídica ocidental*. São Leopoldo: Unisinos, 2006.

BEBILAQUA, Clóvis. *Criminologia e Direito*. Bahia, 1896.

BENJAMIN, Walter. *Experiência e Pobreza*. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. Obras escolhidas. Vol. 1. Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura. Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BENJAMIN, Walter. *Escritos Sobre Mito e Linguagem*. Tradução de Susana Kampff e Ernani Chaves. São Paulo: 34, 2011.

BENJAMIN, Walter. *A Obra de Arte na Época de sua Reprodutibilidade Técnica*. Tradução de Francisco de Ambrosio Pinheiro Machado. Porto Alegre: Zouk, 2012.

BERMAN, Harold J. *Direito e Revolução: a formação da tradição jurídica ocidental*. São Leopoldo: Unisinos, 2006.

BEVILAQUA, Clóvis. Juristas Filósofos. In: *Revista Brasileira*. Rio de Janeiro, tomo nono, 1897. pp. 101-10, 137-50.

BIBEL, Wolfgang. *Converging Technologies and the natural, social and cultural world. European Commission HLEG Foresighting the New Technology Wave, Special Interest Group-report*. Bruxelas, 2004.

BIRMAN, Joel. *Cadernos Sobre o Mal*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2009.

BLANCKAERT, Claude. Lógicas da Antropotecnia: mensuração do homem e bio-sociologia (1860-1920). *Revista Brasileira de Historia*. 2001, vol.21, n.41. pp.145-156.

BLOMBERG, Thomas G.; HAY, Carter. Visions of Social Control revisited. *In: Crime, Social Control and Human Rights*. Canada: Willan, 2007.

BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

BRAITHWAITE, John. *What's Wrong with the sociology of punishment?* London: Sage, 2003.

BROSTOM, Nick. *A History of Transhumanist Thought*. *In: Journal of Evolution and Technology* - Vol. 14 Issue 1 - April 2005; reprinted (in its 43 present slightly edited form) in *Academic Writing Across the Disciplines*, eds. Michael Rectenwald & Lisa Carl. New York: Pearson Longman, 2011.

BROSTOM, Nick. *Transhumanist Values*. *Review of Contemporary Philosophy*, v. 4, issue 1-2, p. 87- 101, 2005c. Ver também: BOSTROM, N. et al. *The transhumanist FAQ*, version 2.1, 2003.

BROSTOM, Nick. *Is transhumanism the world's most dangerous idea?* 2004.

BROSTOM, Nick. *In Defense Posthuman Dignity*. *Bioethics*, v. 19, n. 3, p. 202-214, 2005b.

BRÜSEKE, Franz Josef. *Uma Vida de Exercícios: a antropotécnica de Peter Sloterdijk*. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 26, p. 163-174, 2011.

CABATTE, Eduardo Luiz Santos. *Criminologia Genética: perspectivas e perigos*. Curitiba: Juruá, 2007. PICHOT, André. *O Eugenismo: genetistas apanhados pela filantropia*. Tradução de Francisco Manso. Portugal: Instituto Piaget, 1995.

CAMPBELL, Timothy C. *Improper Life: technology and biopolitics from Heidegger to Agamben*. Londres: University of Minnesota Press, 2011.

CAMPESI, Giuseppe. *Neoliberal and Neoconservative Discourses on Crime and Punishment*. Sortuz. Oñati Journal of Emergent Socio-legal Studies, Volume 3 Issue 1 (2009) pp. 33-52.

CAPITAN, L. Rapport général [réunion préparatoire pour la fondation de l'institut international d'Anthropologie]. *Revue anthropologique*, 30, 1920, p. 209

CARVALHO, Juliano Gomes de. *O Escândalo do Testemunho: histórias de vida nas vozes do cemitério dos vivos – Presídio de Camaquã*. Guaíba: Sob-Medida, 2013.

CARVALHO, Salo de. *Antimanual de Criminologia*. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2008.

CARVALHO, Salo de. *Pena e Garantias*. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2008.

CASABONA, Carlos María Romeo. Las Prácticas Eugenésicas: Nuevas Perspectivas. In: *La Eugenesia Hoy*. (Org.) CASABONA, Carlos María Romeo. Madrid: Bilbao-Granada, 1999.

CASTRO, Edgar. *Lecturas Foucaulteanas: una historia conceptual de la biopolítica*. La Plata: UNIPE: Editora Universitaria, 2011.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago. *Sobre el Concepto de antropotécnica en Peter Sloterdijk*. Revista de Estudios Sociales. Nº 43. Bogotá, 2012. pp. 63-73.

CHAMAYOU, Grégoire. *Teoria do Drone*. Tradução de Célia Euvaldo, São Paulo: Cosac Naify, 2015.

CHIGNOLA, Sandro. *A Vida, o Trabalho, a Linguagem: biopolítica e biocapitalismo*. Tradução de Sandra Dall Onder. São Leopoldo: Cadernos IHU Ideias, ano 13. nº 228, vol. 13, 2015.

CHOMSKY, Noam. *Poder e Terrorismo*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Record, 2005.

CHRISTIE, Nils. *La Industria del Control del Delito: la nueva forma del holocausto?* Tradução de Sara Costa. Buenos Aires: Del Puerto, 1993.

CHRISTIE, Nils. *Uma Razoável Quantidade de Crime*. Tradução de André Nascimento. Rio de Janeiro: Revan, 2011.

CHRISTIE, N. ; AVILA, G. N. ; RIGON, B. S. ; ALVES, I. . *Limites à Dor: O Papel da Punição na Política Criminal*. Belo Horizonte: D'Plácido, 2016.

COHEN, Stanley. *Visions of Social Control: Crime, Punishment and Social Control*. Cambridge (Inglaterra): Polity Press, 1985.

COSTA, Rogério da. *A Sociedade de Controle*. São Paulo: São Paulo em Perspectiva, v. 17, n.3, 2003. p. 163.

COUTINHO, Jacinto Nelson de Miranda; CARVALHO, Edward Rocha de. *Teoria das Janelas Quebradas: e se a pedra vem de dentro?* Disponível: “<http://egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/anexos/11716-11716-1-PB.htm>”. Acesso em 04/11/2018.

CRARY, Jhonatan. *24/7: capitalismo tardio e os fins do sono*. Tradução de Joaquim Toledo Jr. São Paulo: Ubu Editora, 2016.

DANTAS, Laércio Albuquerque. *A Escola do Recife e os Discursos sobre a Criminalidade: teorias científicas e projetos de sociedade no Recife das décadas de 1880-1890*. Recife, 2013.

DANTE, Alighieri. *A Divina Comédia*. Tradução de Xavier Pinheiro. São Paulo: Atena, 1962.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *A Nova Razão do Mundo: ensaios sobre a sociedade neoliberal*. Tradução de Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2016.

DARWIN, Charles. *A Origem das Espécies*. Tradução de Carlos Duarte e Anna Duarte. São Paulo: Martin Claret, 2014.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?* Tradução Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 1992.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Tradução de Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: 34, 1992

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Tradução de Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: 34, 1992.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Kafka* : para uma literatura menor. Tradução de Rafael Godinho. Lisboa: Assírio & Alvim, 2002.

DELEUZE, Gilles. *Sacher-Masoch: o frio e o cruel*. Tradução de Jorge Bastos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: 34, 2010.

DELEUZE, Gilles. *Foucault y el Poder*. Tradução de Jaier Palacio Tauste. Uruguai: Errata Nature, 2014.

DEL OLMO, Rosa. *A América Latina e sua Criminologia*. Tradução de Francismo Eduardo Pizzolante e Sylvio Moretzohn. Rio de Janeiro: Revan, 2004.

DERRIDA, Jacques. Autoimunidade: suicídios reais e simbólicos – Diálogos com Jacques Derrida. In: *Filosofia em Tempos de Terror: Diálogos com Habermas e Derrida*. Tradução de Roberto Muggiati. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

DERRIDA, Jacques. Estados-da-alma da Psicanálise: o impossível para além da soberana crueldade. Tradução de Antonio Romane e Isabel Kahn Marin. São Paulo: Escuta, 2001.

DERRIDA, Jacques. *Filosofia em Tempos de Terror*. Diálogos com Jürgen Habermas e Jacques Derrida. BARRADORI, Giovanna (org.). Tradução de Juan José Botero e Luis Eduardo Hoyos. Madri, 2003.

DERRIDA, J. *Força de Lei: o Fundamento místico da autoridade*. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

DIAS, Jorge de Figueiredo; Andrade, Manuel da Costa. *Criminologia: o homem delinquente e a sociedade criminógena*. Coimbra: Coimbra Editora, 2007.

DIETER, Maurício Stegemann. *Política Criminal Atuarial: a criminologia do fim da história*. Rio de Janeiro: Revan, 2013.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Memórias do Subsolo*. Tradução de Boris Schnaiderman. São Paulo: 34, 2000.

DOIDGE, Norman. *O Cérebro que se Transforma: como a neurociência pode curar pessoas*. Tradução de Ryta Vinagre. Rio de Janeiro: Record, 2016.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *O Crocodilo e Notas de Inverno Sobre Impressões de Verão*. Tradução de Boris Schnaiderman. São Paulo: 34, 2000.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Os Irmãos Karamázov*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: 34, 2008.

DRUCKMAN, Daniel D. et SWETS, John A. *Enhancing Human Performance: Issue, Theories, and Techniques*, Washington, National Academy Press, 1988.

DUMONT, Louis. *O Individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. P. 18

DUNKER, Christian Ingo Lenz. *Mal-Estar, Sofrimento e Sintoma: uma psicopatologia do Brasil entre muros*. São Paulo: Boitempo, 2015.

DURAN, Gilbert. *O Imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem*. Tradução de Renée Eve Levié. Rio de Janeiro: Difel, 2001.

ELLUL, Jacques. *La Edad de la Técnica*. Tradução de Joaquim Sirera Riu y Juan León. Barcelona: Octaedro, 2003.

EHRENBERG, Alain. *O Culturo da Performance: da aventura empreendedora à depressão nervosa*. Tradução de Pedro F. Bendassolli. São Paulo: Ideias et Letras, 2010.

ESPOSITO, Roberto. *Communitas: origen y destino de la comunidad*. Tradução de Carlo Rodolfo Molinari Marotto. Buenos Aires: Amorrortu, 2007.

FARIA, Luiz de Castro. *Antropologia: escritos exumados: dimensões do conhecimento antropológico*. Niterói: EdUFF, 1998

FARIA, Luiz de Castro. *Antropologia: escritos exumados 2: dimensões do conhecimento antropológico*. Niterói: EdUFF, 1999.

FAYE, Emmanuel. *Ser, História e Extermínio na obra de Heidegger*. Tradução de Ana Cristina Armond. Uberlândia: Educação e Filosofia Uberlândia, v. 26, n. 52, p. 613-640, jul./dez. 2012.

FEELEY, Malcolm M.; SIMON, Jonathan (1992). *The New Penology: notes on the emerging strategy of corrections and its implications*. *Criminology*, 30(4), 449–474.

FEELEY, Malcolm; SIMON, Jonathan. *Actuarial Justice: the Emerging New Criminal Law*. In: NELKEN, David (Org.). *The Futures of Criminology*. Londres (Inglaterra): Sage, 1994. p. 175.

FERGUSON, James; GUPTA, Akhil. Spatializing States: Toward an Ethnography of Neoliberal Governmentality. In: *Antropologies of Modernity: Foucault, Governmentality, and Life Politics*. Blackwell, 2005.

FERRI, Enrico. *Os Criminosos na Arte e na Literatura*. Tradução João Moereira d'Almeida. Lisboa: a. m. Teixeira, 1916.

FERRI, Enrico. *Os Criminosos na Arte e na Literatura*. Lisboa: Livraria Clássica, 1923.

FERRY, Luc. *Homo Aestheticus: a invenção do gosto na era democrática*. Tradução de Eliana Maria de Melo Souza. São Paulo: Ensaio, 1994.

FIGUEIREDO, Vicente Cardoso de. Ensaio Sobre Philip K. Dick, o gênero ficção científica e a obra Andróide sonham com ovelhas elétricas? In: *Literatura e Pensamento Científico*. (Org.) Leandro Ayres França. Curitiba: IEA Acadêmica. pp. 147-55.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. Les Techniques de soi. In: *Dits et Écrits*. Paris, 1994, t. IV, texto nº 363, I.

FOUCAULT, Michel. *A História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Rosa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. São Paulo: Graal, 1998.

FOUCAULT, Michel. *A História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Rosa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. São Paulo: Graal, 1998.

FOUCAULT, Michel. *Os Anormais: curso no Collège de France (1974-1975)*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes: 2001.

FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do Saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7ª Edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. *O Nascimento da Biopolítica*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. *Segurança, Território, População*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. *Eu Pierre Rivière, que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão...* um caso de parricídio apresentado por Michel Foucault. Tradução de Denize Lezan de Almeida. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2010.

FOUCAULT, Michel. *Em Defesa da Sociedade: curso no Collège de France (1975 – 1976)*. Tradução de Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. São Paulo: Martins Fontes: 2018.

FRANCO DE SÁ, Alexandre. *Metamorfose do Poder: prolegómenos schmittianos a toda a sociedade futura*. Coimbra: Ariadne Editorial, 2004.

FRANKLIN, Naila Ingrid Chaves. *Raça, gênero e criminologia: reflexões sobre o controle social das mulheres negras a partir da criminologia positivista de Nina Rodrigues*. 2017. Dissertação (Mestrado em Direito)—Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

FREITAS, Lauro Soares de. *A Institucionalização do Modelo CompStat na Polícia Militar de Minas Gerais sob a Perspectiva Teórica do Translation e Trabalho Institucional*. Belo Horizonte: tese apresentada no Programa de Pós-Graduação e Pesquisas em Administração da Universidade Federal de Minas Gerais, 2015.

FREUD, Sigmund. *Obras Psicológicas Completas*, v. XIII. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. *Obras Psicológicas Completas*, v. XXI: *Fetichismo*. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FUKUYAMA, Francis. *O Fim da História e o Último Homem*. Tradução de Aulyde Soares Rodrigues. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

GABRIEL, Markus; ZIZEK, Slavoj. *Mitologia, Loucura e Riso*. Tradução de Silvia Pimenta Velloso Rocha. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

GALTON, Francis. *Hereditary Genius: an inquiry into its laws and consequences*. Londres: Macmillan, 1869.

GARCÍA, Teresa Aguilar. *Ontología Cyborg: el cuerpo en la nueva sociedad tecnológica*. Barcelona: Gedisa, 2008.

GARLAND, David. *As Contradições da “Sociedade Punitiva”: o caso britânico*. In *Revista de Sociologia e Política*, n.º 13, 1999.

GARLAND, David. *A Cultura do Controle*. Tradução de André Nascimento. Rio de Janeiro: Revan, 2008.

GAUER, Ruth M. Chitto. *A Fundação da Norma: para além da racionalidade histórica*. Porto Alegre: EdiPucrs, 2011.

GAUER, Ruth M. Chittó. *A Civilização do Medo Produz a Civilização da Ira*. In: *Sentimentos na História: imagens, práticas, emoções*. (Org.) Marion Brepohl; André Mendes Capraro; Renara Senna Garraffoni. Curitiba: Ed. Curitiba. 2012. pp. 93-111.

GAUER, Ruth M. Chittó; GAUER, Viviane Hippimann. *Os Demônios de Dostoiévski: uma crítica à modernidade desde outra temporalidade*. In: *Literatura e Pensamento Científico: discussões sobre ciência, política e violência nas obras literárias*. (Org.) Leandro Ayres França. Curitiba: IEA Acadêmica, 2014.

GEHLEN, Arnold. *El Hombre: su natureza y su lugar en el mundo*. Tradução de Fernando-Carlos Vevia Romero. Salamanca: Sígueme, 1980.

GEHLEN, Arnold. *Antropología Filosófica: del encuentro y descubrimiento del hombre por sí mismo*. Tradução de Carmen Cienfuegos W. Barcelona: Paidós, 1993.

GIACCOIA JUNIOR, Oswaldo. *Heidegger Urgente: introdução a um novo pensar*. São Paulo: Três Estrelas, 2013.

GIANOTTI, Marco. *Andy Warhol ou a sombra da imagem*. *ARS (São Paulo)* [online]. 2004, vol.2, n.4 [cited 2018-11-11], pp.117-126. Disponível em: “http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-53202004000400008”. Acesso em 11/11/2018.

GIDDENS, Anthony. *Mundo em Descontrole: o que a globalização está fazendo de nós*. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Record, 2000.

GIORGI, Alessandro de. *A Miséria Governada Através do Sistema Penal*. Rio de Janeiro: Revan, 2006.

GIRARD, René. *Dostoiévski: do duplo à unidade*. Tradução de Roberto Mallet. São Paulo, 2011.

GLOECKNER, Ricardo Jacobsen. *Risco e Processo Penal: uma análise a partir dos direitos fundamentais do acusado*. Salvador: JusPodiVm, 2009.

GLOECKNER, Ricardo Jacobsen; SILVA, David Leal da. *Dispositivos de Segurança e Mecanismos Liberógenos: a ampliação do controle penal no neoliberalismo*. Porto Alegre: Revista de Estudos Criminais, 2012. v. 1, p. 117-142.

GLOECKNER, Ricardo Jacobsen. Há Algo de Podre no Direito. In: *Direitos Humanos e Terrorismo*. JOBIM, Augusto (org); PEREIRA, G. O. L. (org); BORGES, Rosa Maria Zaia. Porto Alegre: Edipucrs.

GLOECKNER, Ricardo Jacobsen. *O Subterrâneo da Psicanálise: a crueldade, o sem-álibi*. pp. 436-50. In: *Literatura e Psicanálise: encontros contemporâneos*. Organizadores Ricardo Timm de Souza... [et AL.]. Porto Alegre: Dublinense, 2012.

GLOECKNER, Ricardo Jacobsen; LEAL, David. *A Sedução da Letra: Antropotécnica e violência desde o ideário pós-epistolar de Peter Sloterdijk*. *Sistema Penal & Violência*, v. 6, p. 163-173, 2014.

GLOECKNER, Ricardo Jacobsen. *Autoritarismo e Processo Penal: uma genealogia das ideias autoritárias no processo penal brasileiro*. Vol. 1. Santa Catarina: Tirant Lo Blanch, 2018.

GOBINEAU, Arthur de. *The Inequality of Human Races*. Tradução de Adrian Colins. Londres: William Heinemann, 1915.

GÓES, Luciano. *A "Tradução" de Lombroso na Obra de Nina Rodrigues: o racismo como base estruturante da criminologia brasileira*. Rio de Janeiro: Revan, 2016.

GOETHE, Johann Wolfgang Von. *Fausto: uma tragédia*. Tradução de Jenny Klabin Segall. São Paulo: 34, 2004.

GOFFETTE, Jérôme. *Anthropotechnie: cheminement d'un terme, concepts différents*. Paris : Alliage, n° 67, 2010.

GOFFETTE, Jérôme. *De l'humain réparé à l'humain augmenté: naissance de l'anthropotechnie*. pp. 85-106. In : Kleinpeter (Edouard) (dir.): *L'Humain augmenté*, Paris, CNRS Editions, 2013.

GOFFETTE, Jérôme. *Technology, Body and Human Enhancement: prospects and justice*. In: McGuire Michael & Holt Tom: *Handbook of Technology, Crime and Justice*, London: Routledge, 2017. pp. 654-672

GOLDFIEM, Jean Schunck. *Anthropotechnie: de la science de l'homme à l'art de faire des hommes*. Paris: Calmann-Lévy, 1948.

HABERMAS, Jürgen. *O Futuro da Natureza Humana: a caminho de uma eugenia liberal?* Tradução de Karina Jannini. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

HADOT, Pierre. *Ejercicios Espiritualesy Filosofía Antigua*. Tradução de Javier Palacio. Madrid: Siruela, 2006.

HAN, Byung-Chul. *Psicopolítica: neoliberalismo e as novas formas de poder*. Tradução de Alfredo Bérges. Barcelona: Herder, 2014.

HAN, Byung-Chul. *Sociedade da Transparência*. Tradução de Miguel Serras Pereira. Lisboa: Relógio D'Água, 2014.

HAN, Byung-Chul. *Sociedade do Cansaço*. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petropolis: Vozes. *Topologia de la Violencia*. Tradução de Paula Kuffer. Barcelona: Herder, 2016.

HAN, Byung-Chul. *Topologia de la Violencia*. Tradução de Paula Kuffer. Barcelona: Herder, 2016.

HAN, Byung-Chul. *La expulsión de lo distinto*. Tradução de Alberto Ciria. Barcelona: Herder, 2017.

HARARI, Yuval Noah. *Homo Deus: uma breve história do amanhã*. Tradução de Paulo Geiger. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

HARCOURT, Bernard E. *Against Prediction: profiling, policing, and punishing in na actuarial age*. Chicago (Illinois): The University of Chicago Press, 2007.

HEIDEGGER, Martin. *Qu'est-ce que la Philosophie?* Tradução de Ernildo Stein. São Paulo : Abril, 1973.

HEIDEGGER, Martin. *O Fim da Filosofia e a Tarefa do Pensamento*. Tradução de Ernildo Stein. São Paulo : Abril, 1973.

HEIDEGGER, Martin. *Carta Sobre o Humanismo*. Tradução de Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2005.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2006.

HEIDEGGER, Martin. *Os Conceitos Fundamentais de Metafísica: mundo – finitude - solidão*. Tradução de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense, 2011.

HOTTOIS, Gilbert. *De l'anthropologie à l'anthropotechnique ?* Tumultes n° 25, 2005. p. 49-64

HOTTOIS, Gilbert. *Humanismo, Transhumanismo, PostHumanismo*. Tradução de Daniela Pabón e Gustavo Chirolla Ospina. Universidad El Bosque, Revista Colombiana de Bioética. Vol. 8, Nº 2, 2013.

HRDLICKA, Ales. Physical anthropology: Its scope and aims. *American Journal of Physical Anthropology*, 1, n.1, 1918, pp. 18-20.

HRDLICKA, Ales. Anthropometry. *American Journal of Physical Anthropology*, 2, n. 1, 1919, pp. 43-46.

Human Enhancement. Bruxelas: Parlamento Europeu, 2009.

HUNTINGTON, Samuel P. *O Choque de Civilizações: e a recomposição da ordem mundial*. Tradução de M. H. Côrtes. Rio de Janeiro: Objetiva, 1996.

HUXLEY, Adols. *Admirável Mundo Novo*. Tradução de Lino Vallandro e Vidal Serrano. São Paulo: Globo, 2009.

INDA, Jonathan Xavier. Analytics of the modern: an introduction. In_____. *Antropologies of Modernity: Foucault, Governmentality, and Life Politics*. : Blackwell, 2005.

IPIÑA, Beristain Antonio. *Jean Pinatel, Criminólogo Transnacional y Hombre Bueno*. EGUZKILORE. Número 13. San Sebastián. 1999. pp. 209-18.

JR. GIACOIA, Oswaldo. *Corpos em fabricação*. *Natureza Humana*, 5 (1). pp. 175-202, jan.-jun. 2003.

KARAM, Maria Lúcia. *A Esquerda Punitiva*. Entrevista com Maria Lúcia Karam: por Betch Cleinman. In: *Revista de Estudos Criminais*. a. 1. n. 1. Porto Alegre, 2001.

KERCHKHOVE, Derrick. *A Pele da Cultura: uma investigação sobre a nova realidade eletrónica*. Tradução de Luís Soares e Catarina Carvalho. Lisboa: Relógia D'Água, 1997.

KIERKEGAARD, Sören. *Diário de um sedutor*. Trad. Jean Melville. São Paulo: Martin Claret, 2004.

KONSTAN, David. Ressentimento – História de uma emoção. In: BRESCIANI, Stella e NAXARA, Márcia (org.). *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. São Paulo:UNICAMP, 2001.

KOSELLECK, Reinhart. *Crítica a Crise: uma contribuição à patogênese do mundo burguês*. Tradução de Luciana Villas-Boas Castelo-Branco. Rio de Janeiro: Contraponto, 1999.

KOSELLECK, Reihardt. *Futuro Passado*: contribuição à semântica dos tempos históricos. Tradução de Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

LACAN, Jacques. *O Seminário: o avesso da psicanálise*. Tradução de Ary Roitman. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

LACAN, Jacques. *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro: Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. *O Seminário: a angústia*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

LACAN, Jacques. *O Seminário: os quatro conceitos fundamentais de psicanálise*. Tradução de M.D. Magno. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

LACAN, Jacques. *O Seminário: os escritos técnicos de Freud*. Tradução de Betty Milan. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

LACASSAGNHE, Alexandre; MARTIN, Étienne. Etat actuel de nos connaissances en anthropologie criminelle pour servir de préambule à l'étude analytique des travaux nouveaux sur l'anatomie, la physiologie, la psychologie et la sociologie des criminels », *Archives d'anthropologie criminelle*, 1906, p. 104-114.

LACASSAGNE, Alexandre. Les Transformations du Droit Pénal et les Progrès de la Médecine Légale, de 1810 à 1912. *Archives d'Anthropologie Criminelle. Paris/Lyon*, 1913.

LACLAU, Ernest. *La Razón Populista*. Tradução de Soledad Laclau. Buenos Aires: Fundo de Cultura Econômica, 2010.

LAZZARI, Felipe da Silveira. *A Tortura Continua! O Regime Militar e a institucionalização da violência e do autoritarismo nas instituições de segurança pública*. 1. ed. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2015.

LEAL, David. *Crítica à Racionalidade Econômica no Controle Penal*: análise introdutória de uma expansão significativa. In: Congresso Internacional de Ciências Criminais, 2012, Porto Alegre. Anais do III Congresso Internacional de Ciências Criminais. Porto Alegre: EdIPuc, 2012. v. III. p. 1-21.

LEAL, David. *A Sedução da Letra*: antropotécnica e política criminal pós-humanista (um ensaio psicopolítico para além do ressentimento). Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Ciências Criminais, Porto Alegre, 2014.

LEAL, David; FELIX, Yuri. *Match Point*: sorte na vida ou vencer a qualquer preço?. Revista Liberdades, v. 17, p. 156-162, 2014.

LEAL, David, *A Sedução da Letra*: antropotécnica e política criminal pós-humanista (um ensaio para além do ressentimento). Porto Alegre, 2015.

LEAL, Edilene. *Peter Sloterdijk*: a novela dos espaços. São Cristóvão: Revista Tomos, jan./jun. de 2010. pp. 221-41.

LE BRETON, David. *Adeus ao Corpo*: antropologia e sociedade. Tradução de Maria Appenzeller. Campinas: Papyrus, 2013.

LEBRUN, Jean-Pierre. *Um Mundo sem Limite*. Tradução de Sandra Regina Felgueiras. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2004.

LEBRUN, Jean-Pierre. *A Perversão Comum: viver juntos sem outro*. Tradução de Procopio Abreu. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

LEITE, Marcelo. *Retórica Determinista no Genoma Humano*. scientiæ zudia, São Paulo, v. 4, n. 3, p. 421-52, 2006.

LEGENDRE, Pierre. *O Amor do Censor: ensaio sobre a ordem dogmática*. Tradução e revisão Aluísio Pereira de Menezes. Rio de Janeiro: Aoutra, 1983.

LEGENDRE, Piere. *El inestimable Objeto de la Transmisión*. Madrid: Siglo Veintiuno, 1996.

LEGENDRE, Pierre. *Il Giurista Artista Della Ragione*. Torino: Giappichelli, 2005.

LEGENDRE, Pierre. *La Fábrica del Hombre Occidental*. Tradução de Irene Agoff. Buenos Aires: Amorrortu, 2008.

LÉVY, Pierre. *A Conexão Planetária: o mercado, o ciberespaço, a consciência*. Tradução de Maria Lúcia homem e Ronaldo Entler. São Paulo, Editora 34, 2001.

LÉVY, Pierre. *Ciberdemocracia*. Tradução de Alexandre Emílio. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.

LÉVY, Pierre. *O que é o Virtual?* Tradução de Paulo Neves. São Paulo: 34, 2006.

LISDSEY, Edward. *International Congresso f Criminal Anthropology: a review*. Journal of Criminal Law and Criminology, Evanston: Northwestern University School of Law Scholarly Common, Evanston, Volume 1, Issue 4, 2010. pp. 578-583.

LOMBROSO, Cesare. *L'uomo bianco e l'uomo di colore: letture su l'origine e la varietà delle razze umane*. Firenze, Turin, Roma: Fratelli Bocca: 1892.

LOMBROSO, Cesare. *L'uomo di Genio: in rapporto alla psichiatria, alla storia e all'estetica*. Turin: Fratelli Bocca, 1894.

LOMBROSO, Cesare. *O Homem Delinquente*. Tradução de Sebastião José Roque. São Paulo: Ícone, 2007.

LUZ, Cícero Krupp da. O Paradoxo da Manutenção do Status Quo da Política Internacional: as quatro falácias do Código Binário Terrorismo/Direitos Humanos. In: *Direitos Humanos e Terrorismo*. JOBIM, Augusto (org); PEREIRA, G. O. L. (org); BORGES, Rosa Maria Zaia. Porto Alegre: Edipucrs.

LYOTARD, Jean-François. *A Condição Pós-Moderna*. Tradução de Ricardo Corrêa Barbosa. Rio de Janeiro: José Olympo.

LYOTARD, Jean-François. *O Inumano: considerações sobre o tempo*. Tradução de Ana Cristina Seabra e Elisabete Alexandre. Lisboa: Estampa, 1997.

MALABOU, Catharine. *Ontologia do Acidente: ensaio sobre a plasticidade destrutiva*. Tradução de Fernando Scheibe. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2014.

MANN, Thomas. *Doutor Fausto*. Tradução de Herbert Caro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

MANOUVRIER, Léonce. "Anthropologie Physiologique". In: *L'École d'Anthropologie de Paris, 1876-1906*. p. 45.

MANOUVRIER, L. "Discussion". In: *Annales de l'Institut international de Sociologie*, 2, 1896, p. 373-83.

MANOUVRIER, Léonce. "Discussion". In: *Actes du deuxième Congrès international d'anthropologie criminelle (Paris, août 1889)*. Lyon: A. Storck, 1890. pp. 152-60.

MANOUVRIER, L., « Questions préalables dans l'étude comparative des criminels et des honnêtes gens, Archives Anthropol. Crim., 1892, 558-574.

MANOUVRIER, Léonce. *Questions préalables dans l'étude comparative des criminels et des honnêtes gens*. Archives Anthropologie Criminelle et des sciences pénales, tome septième. Bruxelles, 1892. pp. 557-574.

MANOUVRIER, Léonce. Banquet de la Société d'Anthropologie de Paris: Discours de M. Manouvrier, secrétaire adjoint de la Société, in: *Bulletins et mémoires de la Société d'anthropologie de Paris*. Paris: Doin, 1901, Tome 2, série V, p. 227.

MANOUVRIER, L. "De l'anthropologie criminelle considérée comme une branche de l'anthropologie juridique — A place dans l'anthropologie". In: *Actes du deuxième Congrès international d'anthropologie criminelle*, cit., p. 177.

MARLOWE, Crisuthorpher. *A História Trágica do Doutor Fausto*. Tradução de A. de Oliveira Cabral. São Paulo: Hedra, 2006.

MARQUES, J. O. de A. *Sobre as regras para o parque humano de Sloterdijk*. São Paulo: PUC, 2004. v. 4, n. 2. pp. 363-81.

MARTINSON, Robert. *What Works? – Questions and answers about prison reform*. Disponível em: <https://www.nationalaffairs.com/storage/app/uploads/public/58e1a4/ba7/58e1a4ba7354b822028275.pdf>. Acesso em: 28/07/2018.

MATOSO, Rui. *A Computação do (In)Visível – Imagem, Ideologia e Neocibernética*. Estudos em Comunicação nº 25, vol. 2, 125-142, Dezembro, 2017.

MATOSO, Rui. *Cidades Inteligentes: Cibernética e biopolítica*. Disponível em: <https://www.esquerda.net/artigo/cidades-inteligentes-cibernetica-e-biopolitica/36463#sdfootnote2sym>. Acesso em 20/09/2018.

MELMAN, Charles. *Retorno a Schreber*. Tradução de Conceição Beltrão Fleig. Porto Alegre: CMC, 2006.

MELMAN, Charles. *O Homem sem Gravidade*. Tradução de Sandra Regina Felgueiras. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

MONDZAIN, Marie-José. *Homo Spectator: ver, fazer ver*. Tradução de Luís Lima. Lisboa, 2015.

MONDZAIN, Marie-José. *Sideração*. Tradução de Laura Erber. Rio de Janeiro: Zazie, 2016.

MOROZOV, Evgeny. *Big Tech: a ascensão dos dados e a morte da política*. Tradução de Claudio Marcondes. São Paulo: UBU Editora, 2018.

MUELLER-SMITH, Michel. *The Criminal and Labor Market Impacts of Incarceration*. Não publicado. Artigo disponível em: “<http://www.columbia.edu/~mgm2146/incar.pdf>”. Acesso em 04/11/2018.

NIEDERLAND, William G. *O Caso Schreber: um perfil psicanalítico de uma personalidade paranóide*. Tradução de Carlos Roberto Olibeira. Rio de Janeiro: Campus, 1981.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Genealogia da Moral: uma polêmica*. Tradução de Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

NIETZSCHE, Friedrich. *Além do Bem e do Mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. São Paulo: Cia das letras, 2004.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Assim Falou Zaratustra*. Tradução de Heloisa da Graça Burati. São Paulo: Rideel, 2005.

NORDMANM, Alfred. *Converging Technologies: Shaping the future of European Societies*. Bruxelas: Comissão Europeia, 2004.

OLIVEIRA, Diego Viana de. *A técnica como modo de existência em Gilbert Simondon: tecnicidade, alienação e cultura*. Curitiba: Dois Pontos, volume 12, número 01, 2015.

O'MALLEY, Pat. *Riesgo, neoliberalismo y justicia penal*. Buenos Aires: Ad-Hoc, 2006.

O'MALLEY, Pat. *Governmental Criminology*. London: Sage, 2009.

O'MALLEY, Pat. Crime e Risco. Tradução de Ricardo Jacobsen Gloeckner, Marcelo Butelli Ramos e Lucas Melo de Borges Souza. In: *Criminologias Alternativas*. (Org.) Pat Carien e Leandro Ayres França, 2017. Porto Alegre: Canal Ciências Criminais. pp. 305-23.

O'NAIL, Cathy. *Weapons of Math Destruction: how big data increases inequality and threatens democracy*. Nova Iorque: Crown Publishers, 2016.

ORLANDO, Arhtur. *Ensaio de Crítica*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo Editorial Grijalbo LTDA, 1975.

ORWELL, George. *1984*. Tradução de Alexandre Hubner, Heloisa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ORTEGA Y GASSET, José. *A Rebelião das Massas*. Tradução de Herrera Filho. Rio de Janeiro: Ibero-Americano.

PAPILLAULT, Georges. La bio-sociologie. Son but, ses méthodes, son domaine, ses applications. *Revue anthropologique*, 22, 1912, p. 17.

PARENS, Erik. *Enhancing Human Traits: Ethical and Social Implications*. Washington, DC: Georgetown University Press, 1998.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Visões do Cárcere*. Porto Alegre: Zouk, 2009.

PICHOT, André. *O Eugenismo: genetistas apanhados pela filantropia*. Tradução Francisco Manso. Portugal: Instituto Piaget, 1995.

PICK, Daniel. *Faces of Degeneration: a european disorder, c. 1848 - c. 1918*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

PICO DELLA MIRANDOLA, Giovanni. *Discurso sobre a dignidade do homem*. Tradução e introdução de Maria de Lurdes Sirgado Ganho. Lisboa: Edições 70, 2001.

PIGLIA, Ricardo. *El Último Lector*. Barcelona: Anagrama, 2005.

PINATEL, Jean. *La criminologie: recherche scientifique et action sociale*. Revue française de sociologie, 1904, V. pp. 325-330.

PINKER, Steven. *The Stupidity of Dignity: Conservative bioethics' latest, most dangerous ploy*. In: The New Republic, Wednesday, May 28, 2008

PITCH, Tamar. *La Sociedad de la Prevención*. Buenos Aires: Ad-Hoc, 2009.

PLATÃO. *Político*. Tradução de José Cavalcante de Souza, Jorge Paleikat e João Cruz Costa. São Paulo: Nova Cultura, 1991.

PLESSNER, Helmut. *O Problema da Monstruosidade*. Tradução de Serigio da Mata. Ouro Preto: Artefilosofia, n.7, pp. 145-151, 2009.

POLIAKOV, Léon. *O Mito Ariano: ensaio sobre as fontes do racismo e dos nacionalismos*. Tradução de Luiz João Gaio. São Paulo: Perspectiva, 1974.

PRADO, Geraldo. *Prova Penal e Sistema de Controles Epistêmicos: a quebra da cadeia de custódia das provas obtidas por métodos ocultos*. São Paulo: Marcial Pons, 2014

QUINET, Antonio. *Na Mira do Outro: a paranoia e seus fenômenos*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2002.

RAMONET, Ignácio. *La Explosión del Periodismo: internet pone em jaque a los medios tradicionales*. Tradução de Begoña Moreno-Luque. Buenos Aires: Capital Intelectual, 2011.

RAMONET, Ignacio. *El Imperio de la Vigilancia*. Tradução de Martín Sacristán. Madri: 2016.

RAMONET, Ignacio. *Nos Han Robado una Esperanza!* (s/d). Disponível em: “<http://webs.ucm.es/info/uepei/noshanrobado.html>”. Acesso em 05/11/2018.

RANCIÈRE, Jacques. *O Desentendimento*. Tradução de Ângela Leite Lopes. São Paulo: 34, 1996.

RENNEVILLE, Marc. La Criminologie Perdue d’Alexandre Lacassagne (1843-1924). *Criminocorpus* [On line], Histoire de la criminologie, 1. La revue et ses hommes, 2005. Disponível em: “<http://journals.openedition.org/criminocorpus/11>”. Acesso em: 16/07/2018.

ROBERT, Philippe ; LASCOUMES, Pierre ; KALUSZYNSKI, Martine. Une leçon de méthode: le mémoire de Manouvrier de 1892. In: *Déviance et société*. 1986 - Vol. 10 - N°3. pp. 223-246.

ROCO, Mihail C.; BAINBRIDGE, William. *Converging Technologies for Improving Human Performance: Nanotechnology, Biotechnology, Information Technology and Cognitive Science*. (Report), Kluwer, Boston Academic Publishers: 2003. Disponível em: “<http://www.wtec.org/ConvergingTechnologies/>”. Acesso em: 25/0/2018.

ROMANDINI, Fabián Ludueña. *La Comunidad de los Espectros*. Buenos Aires: Miño y Dávila, 2010.

ROMÉRO, Silvio. *Estudos Sobre a Poesia Popular do Brazil*. Rio de Janeiro: ---, 1888. p. 11.

RUSCHE, George; KIRCHHEIMER, Otto. *Punição e Estrutura Social*. Tradução de Gizlene Neder. Rio de Janeiro: Revan, 2004.

SA, Guilherme José da Silva e; SANTOS, Ricardo Ventura; RODRIGUES-CARVALHO, Claudia and SILVA, Elizabeth Christina da. Crânios, Corpos e Medidas: a constituição do acervo de instrumentos antropométricos do Museu Nacional na passagem do século XIX para o XX. *Hist. cienc. saude-Manguinhos* [online].2008, Vol.15, n.1.

SAFATLE, Vladimir. *A Paixão do Negativo: Lacan e a Dialética*. São Paulo, UNESP, 2006.

SAFATLE, Vladimir. *Cinismo e Falência da Crítica*. São Paulo: Boitempo, 2008.

SAFATLE, Vladimir. *Fetichismo: colonizar o outro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

SAFATLE, Vladimir. *Paranoia como Castástrofe Social: sobre o problema da gênese de categorias clínicas*. São Paulo: Unesp, 2011.

SAFATLE, Vladimir. *O Circuito dos Afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo*. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

SAFATLE, Vladimir. *Só mais um Esforço*. São Paulo: Três Estrelas, 2017.

SAFRANSKY, Rüdiger. *Heidegger: um filósofo da Alemanha entre o bem e o mal*. Tradução de Lya Luft. São Paulo: Geração Editorial, 2005.

SALDANHA, Jânia Maria Lopes; BRUM, Marcio Moraes; MELLO, Rafaela de Cruz. *As Novas Tecnologias da Informação e Comunicação entre a Promessa de Liberdade e o Risco de Controle Total: estudo de jurisprudência do Sistema Interamericano de Direitos Humanos*. Disponível em: “<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1870465417300144>”. Acesso em: 02/11/2018.

SANDEL, Michel J. *Contra a Perfeição: ética na era da engenharia genética*. Tradução de Ana Carolina Mesquita. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

SANTAELLA, Lucia. *A IA veio para Ficar, Crescer e se Multiplicar*. Disponível em: “<https://transobjeto.wordpress.com/2018/05/19/a-ia-veio-para-ficar-crescer-e-se-multiplicar/>”. Acesso em 19/02/2018.

SANTOS, Juarez Cirino dos. *A Criminologia Radical*. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2006.

SANTOS, Juarez Cirino dos. *A Criminologia Radical*. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2006.

SANTNER, Eric L. *A Alemanha de Schreber: uma história secreta da modernidade*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

SARTRE, Jean Paul. *O Existencialismo é um Humanismo*. Tradução de Virgílio Ferreira. Lisboa: Editorial Presença, 1961.

SARTRE, Jean-Paul. *Que é Literatura*. Tradução de Carlos Felipe Moises. São Paulo: Ática, 2004.

SAVULESCU, Julian. *Procreative Beneficence: why we should select the best children*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2001.

SAVULESCU, Julian. *Procreative Beneficence: why we should select the best children*. *Bioethics*. **15** (5–6).

SCHREBER, Daniel Paul. *Memórias de um Doente dos Nervos*. Tradução de Marilene Carone. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

SCHWARCZ, Lilia Mortiz. *O Espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SFEZ, Lucien. *A Saúde Perfeita: crítica de uma nova utopia*. Tradução de Fernanda Oliveira. Lisboa: Instituto Piaget, 1995.

SFEZ, Lucien. *Técnica e Ideologia: um jogo de poder*. Tradução de Marcos Mayer e Silvia kot. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2002.

SIMON, Jonathan. *Governing Through Crime: how the war on crime transformed Democracy and created a culture of fear*. New York: Oxford: University Press, 2007.

SIMON, Jonathan. *Punição e as Tecnologias Políticas do Corpo*. Tradução de Leandro Ayres França. Porto Alegre: EdiPUCRS, Revista Eletrônica da Faculdade de Direito, 2013, Vol. 5, n.º 2. pp. 219-51.

SLOTERDIJK, Peter. *No Mesmo Barco*: ensaio sobre hiperpolítica. Tradução de Claudia Cavalcanti. São Paulo: Estação Liberdade, 1999.

SLOTERDIJK, Peter. *O Quinto “Evangelho” de Nietzsche*. Tradução de Flávio Beno Siebeniechler. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000.

SLOTERDIJK, Peter (2001a). “*El hombre operable; Notas sobre el estado ético de la tecnología génica*”, en Revista ARTEFACTO, 4: 91-105. URL= <<http://www.revista-artefacto.com.ar/revista/nota/?p=91>>. Conferencia del 19 de mayo de 2000, en el Centro de Estudios Europeos (CES) de la Universidad de Harvard, EE UU.

SLOTERDIJK, Peter. *O Desprezo das Massas*: ensaio sobre lutas culturais na sociedade moderna. Tradução de Cláudia Cavalcanti. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

SLOTERDIJK, Peter. *Se a Europa Despertar*: reflexões sobre uma potencial mundial ao final da era de sua letargia política. Tradução de José Oscar de Almeida Marques. São Paulo: Estação liberdade, 2002.

SLOTERDIJK, Peter. *Esferas I*: burbujas. Microesferología. Tradução de Isidoro Reguera. Madrid: Siruela, 2003.

SLOTERDIJK, Peter. *Esferas II*: globos. Macroesferología. Tradução de Isidoro Reguera. Madri: Siruela, 2004.

SLOTERDIJK, Peter. *Esferas III*: espumas. Esferologia plural. Tradução de Isidoro Reguera. Madrid: Siruela, 2004.

SLOTTERDIJK, Peter. *Palácio de Cristal: para uma teoria filosófica da Globalização*. Tradução de Manuel Resende. Lisboa: Relógio D'Água, 2005.

SLOTTERDIJK, Peter. *Crítica de la Razón Cínica*. Tradução de Miguel Ángel Veja. Ed. Siruela, 2007.

SLOTTERDIJK, Peter. *O Sol e a Morte*. Tradução de Carlos Correia Monteiro de Oliveira. Lisboa: Relógio D'Água, 2007.

SLOTTERDIJK, Peter. *Sin Salvación: Tras las Huellas de Heidegger*. Tradução de Joaquín Chamorro Mielke. Madrid, 2011.

SLOTTERDIJK, Peter. *Has de Cambiar tu Vida: sobre antropotécnica*. Tradução de Pedro Madrigal. Valencia: Pre-Textos, 2012.

SOLER, Colette. *O Inconsciente a Céu Aberto da Psicose*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

SOUZA, Ricardo Timm de. *Sobre a Construção do Sentido: o pensar e o agir entre a vida e a filosofia*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

SOUZA, Maria Alice Timm de. *Dostoiévski: uma desconcertante congruência*. pp. 348-81. In: *Literatura e Psicanálise: encontros contemporâneos*. Organizadores Ricardo Timm de Souza... [et al.]. Porto Alegre: Dublinense, 2012.

SOUZA, Ricardo Timm de. *Escrever Como Ato Ético*. Disponível em: “www.timmsouza.blogspot.com.br”.

SOUTULLO, Daniel. El Concepto de Eugenesia y su Evolución. In: *La Eugenesia Hoy*. (Org.) CASABONA, Carlos María Romeo. Madri: Bilbao-Granada, 1999.

STEPHAN, Cassiana Lopes. *Michel Foucault e Pierre Hadot : um diálogo contemporâneo sobre a concepção estoica do si mesmo*. Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Paraná. Paraná: 2015.

STERLING, Bruce. *Shaping Things*. Londres: Mit Press, 2005.

TOPINARD, Paul. *L'Homme dans la Nature*. Paris: Baillères, 1891.

TÜRCKE, Christoph. *Sociedade Excitada: filosofia da sensação*. Tradução de Antonio A. S. Zuin, Fabio A. Durção, Francisco C. Fontanella, Mario Frungillo. Campinas: Unicamp, 2010.

TÜRCKE, Christoph. *Filosofia do Sonho*. Tradução de Paulo Rudi Scneider. Ijuí: Unijuí, 2010.

VALÉRY, Paul. "*Meu Fausto*". Tradução de Lídia Fachin e Sílvia Maria Azevedo. Cotia: Ateliê Editorial, 2010.

VIRILIO, Paul. *El Cibermundo: la política de lo peor*. Tradução de Mónica Poole. Madri: Teorema, 1997.

VIRILIO, Paul. *A Inércia Polar*. Tradução de Ana Luísa Faria. Lisboa: Dom Quixote, 1999.

VIRILIO, PAUL. *Estratégias da Decepção*. Tradução de Luciano Vieira Machado. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.

WACQUANT, Loïc. *Punir os Pobres: a nova gestão da miséria nos Estados Unidos [A onda punitiva]*. Tradução de Sergio Lamarão. Rio de Janeiro: Revan, 2007.

WILSON, James Q.; Kelling George L. *Broken Windows: the police and neighborhood safety*. in: Atlantic Monthly, março de 1982.

WIENER, Norbert. *Cybernetics: or control and communication in the animal and the machine*. Massachusetts: The M.I.T. Press, 1948.

WIENER, Norbert. *Cibernética e Sociedade: o uso humano de seres humanos*. Tradução de José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1965.

ZAFFARONI, Eugênio Raul. *Criminologia: aproximación desde um Margen*. Bogota: Temis, 1988.

ZAFFARONI, Eugênio Raul. La Globalización y las Actuales Orientaciones de la Política Criminal. PIERANGELI, José Henrique (coord.). *Direito Criminal*. Belo Horizonte: Del Rey, 2000.

ZAFFARONI, Eugênio Raul. *O Inimigo do Direito Penal*. Rio de Janeiro: Revan, 2007.

ZAFFARONI, Eugênio Raul. *La palabra de los muertos: conferências de criminologia cautelar*. Buenos Aires: Ediar, 2011.

ZAFFARONI, Eugênio Raúl. *La Cuestión Criminal*. Buenos Aires: Planeta, 2011.

ZIZEK, Slavoj. *Eles não Sabem o que Fazem: o sublime objeto da ideologia*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zaharo, 1992.

ZIZEK, Slavoj. *Bem-vindo ao Deserto do Real: cinco ensaios sobre o 11 de setembro e datas relacionadas*. Tradução de Paulo Cezar Castanheiras. São Paulo: Boitempo, 2003.

ZIZEK, Slavoj. *Arriscar o Impossível: conversas com Zizek*. Tradução de Vera Ribeiro: Martins Fontes, São Paulo, 2006.

ZIZEK, Slavoj. *El Títere y el Enano: el núcleo perverso del cristianismo*. Buenos Aires: Padós, 2006.

ZIZEK, Slavoj. *En Defensa de la Intolerancia*. Tradução de Javier Eraso Ceballos. Madri: Sequitur, 2008.

ZIZEK, Slavoj. *Visão em Paralaxe*. Tradução de Maria Beatriz Medina. São Paulo: Boitempo, 2008.

ZIZEK, Slavoj. *Como Ler Lacan*. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges: Rio de Janeiro, 2010.

ZIZEK, Slavoj. *Interrogating the Real*. New York: Continuum, 2010.

ZIZEK, Slavoj. *El Espinoso Sujeto: el centro ausente de la ontología política*. Tradução de Jorge Piatigorsky. Buenos Aires: Paidós, 2011.

ZIZEK, Slavoj. *Em Defesa das Causas Perdidas*. Tradução de Maria Beatriz de Medina. São Paulo: Boitempo, 2011.

ZIZEK, Slavoj. *Organs Without Bodies: on Deleuze and Consequences*. New York: Routledge, 2011.

SITES DA INTERNET

<https://aplymagicsauce.com/>. Acesso em: 15 de fevereiro de 2017

<https://www.acxiom.com/>. Acesso em 08/11/2018.

<https://idi.mne.pt/pt/relacoesdiplomaticas/2-uncategorised/821-conferencia-da-paz-1899-e-1907.html>. Acesso em 19 de fevereiro de 2017.

<http://www.bigdatabusiness.com.br/big-data-no-combate-ao-terrorismo/>. Acesso em 16 de fevereiro de 2017.

https://brasil.elpais.com/brasil/2017/03/09/tecnologia/1489078250_691655.html. Acesso em 03/11/2018.

http://brasil.elpais.com/brasil/2015/02/16/internacional/1424044115_325824.html. Acesso em 14/02/17.

http://brasil.elpais.com/brasil/2015/11/10/internacional/1447183370_615132.html. Acesso em 14/02/17.

https://www.brookings.edu/wp-content/uploads/2016/06/isis_twitter_census_berger_morgan.pdf. Acesso em 16 de fevereiro de 2017.

http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/11/141120_canal_nicaragua_numeros_rs. Acessado em 16/01/17.

https://en.wikipedia.org/wiki/Nicaragua_v._United_States . Acessado em: 16/01/2017.

https://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra_Civil_de_El_Salvador. Acessado em 16/01/17.

https://pt.wikipedia.org/wiki/Organiza%C3%A7%C3%A3o_para_a_Liberta%C3%A7%C3%A3o_da_Palestina. Acesso em: 16/01/17.

<http://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2017/02/1860349-mundo-precisa-se-preparar-para-umapandemia-afirma-bill-gates.shtml?cmpid=fb-uolnot-sau>. Acesso em 26 de fevereiro de 2016.

<http://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2017/02/1860349-mundo-precisa-se-preparar-parauma-pandemia-afirma-bill-gates.shtml?cmpid=fb-uolnot-sau>. Acesso em 26 de fevereiro de 2017.

<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/5/28/mundo/10.html>. Acesso em 17 de fevereiro de 2017.

<http://www.esquerda.net/artigo/eua-intimam-twitter-fornecer-dados-da-wikileaks>. Acesso em 18/02/2017.

http://internacional.elpais.com/internacional/2017/01/09/actualidad/1483986507_384191.htm

http://internacional.elpais.com/internacional/2017/01/09/actualidad/1483986507_384191.htm. Acesso em 13/02/2017.

<http://www.cartacapital.com.br/blogs/outras-palavras/o-novo-estado-da-vigilanciaglobal>. Acesso em: 18/01/17.

<http://www.mondediplomatique.es/?url=editorial/0000856412872168186811102294251/editorial/?articulo=2dea492b-db8d-4d34-a23c-844915d6e6ab>. Acesso em 18/01/17.

<https://www.mspy.com.br/android-spy.html>. Acesso em 13/02/2017.

<http://gmspy.fr/telephone-espion-gmspy-light.html>. Acesso em 13/02/2017.

<https://www.flexispy.com/pt/>. Acesso em 13/02/2017.

<https://spyera.com/pt/>. Acesso em 13/02/2017.

<https://buyeasyspy.com/>. Acesso em 13/02/2017.

<http://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Internacional/Ocidente-prepara-se-para-uma-ciberguerra-contra-aRussia/6/31883>. Acesso em 17 de fevereiro de 2017.

<http://revistagalileu.globo.com/Tecnologia/noticia/2015/12/zuckerberg-bill-gates-e-outros-bilionarios-seunem-pela-energia-sustentavel.html>. Acesso em 18 de fevereiro de 2017.

<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2011/01/gore-e-pai-da-web-defendem-internet-livre-do-controle-degovernos.html>. Acesso em 18 de fevereiro de 2017.

<http://www.globalgoals.org/pt/>. Acessado em 12 de janeiro de 2017.

<https://www.hunchlab.com/features/>. Acesso em 03/11/2018.

<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2015/08/alphabet-e-o-novo-google-veja-perguntas-e-respostas.html>. Acesso em 19/01/17.

<https://www.youtube.com/watch?v=9GuXL1psFk8>. Acesso em 19/01/17.

<https://applymagicsauce.com/>. Acesso em: 15 de fevereiro de 2017.

<https://discovermyprofile.com/personality.html>. Acesso em 15 de fevereiro de 2017.

<https://www.theguardian.com/us-news/2015/dec/11/senator-ted-cruz-president-campaign-facebook-user-data>. Acesso em 15 de fevereiro de 2017.

<http://www.showmetech.com.br/big-data-trump/>. Acesso em 15 de fevereiro de 2017.

<http://www.bigdatabusiness.com.br/big-data-no-combate-ao-terrorismo/>. Acesso em 16 de fevereiro de 2017.

https://www.brookings.edu/wp-content/uploads/2016/06/isis_twitter_census_berger_morgan.pdf. p. 4. Acesso em 16 de fevereiro de 2017.

https://pt.wikipedia.org/wiki/Theodore_Kaczynski. Acesso em 13/02/2017.

https://pt.wikipedia.org/wiki/USA_PATRIOT_Act. Acesso em 12 de janeiro de 2017.

https://pt.wikipedia.org/wiki/Ataques_de_11_de_setembro_de_2001#cite_note-152. Acesso em 17 de fevereiro de 2017.

https://www.hrw.org/legacy/spanish/press/2002/eeuu_abuso.html. Acesso em 17 de fevereiro de 2017.

https://pt.wikipedia.org/wiki/Ayman_al-Zawahiri. Acesso em 17 de fevereiro de 2017.

http://brasil.elpais.com/brasil/2015/08/25/internacional/1440497429_214882.html. Acesso em 17 de fevereiro de 2017.

<http://exame.abril.com.br/mundo/policia-francesa-detem-seis-supostos-jihadistas-em-lyon/>. Acesso em 17 de fevereiro de 2017.

http://brasil.elpais.com/brasil/2015/06/02/internacional/1433277585_519201.html. Acesso em 18 de fevereiro de 2017.

<http://www.activism.net/cypherpunk/manifesto.html>. Acesso em 18/01/17.

<http://www.theatlantic.com/international/archive/2011/01/egyptian-activists-action-plan-translated/70388/>. Acesso em 17/01/17.

<https://www.linux.ime.usp.br/~carloshf/0302-mac339/fase2/node11.html>. Acesso em 18/01/17.

<http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/noticias/RELACOES-EXTERIORES/515258-CCJ-APROVA-TRATADO-INTERNACIONAL-SOBRE-COMERCIO-DE-ARMAS.html>. Acesso em 17/11/2016.

<http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2016/09/taurus-vendeuarmas-trafficante-do-iemem-/dizem-procuradores.html>. Acessado em 29/10/16.

<https://collateralmurder.wikileaks.org/>. Acesso em 17/01/2017.

<https://wikileaks.org/afg/>. Acesso em: 17/01/2017.

http://europa.eu/rapid/press-release_IP-12-530_en.htm. Acesso em 18/01/17.

<https://www.theguardian.com/world/2012/mar/12/bradley-manning-cruel-inhuman-treatment-un>. Acesso em 17/01/17.

<http://www.telegraph.co.uk/news/worldnews/wikileaks/8172916/WikiLeaks-guilty-parties-should-face-deathpenalty.html>. Acesso em 17/01/17.

<http://www.washingtonpost.com/wp-dyn/content/article/2010/12/21/AR2010122104599.html>. Acesso em: 17/01/17.

<http://www.nytimes.com/2010/12/05/world/05restrict.html>. Acesso em 17/01/17.

<https://www.nytimes.com/2017/06/12/magazine/the-long-lonely-road-of-chelsea-manning.html>. Acesso em 26/09/2018.

<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2016/05/1771016-wikileaks-diz-que-michel-temer-atuou-comoinformante-dos-eua.shtml>. Acesso em 18 de fevereiro de 2017.

<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2011/03/882435-telegrama-dos-eua-revela-criticas-de-temer-a-lula-em-2006.shtml>. Acesso em 18 de fevereiro de 2017.

<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2011/03/882739-temer-nega-conversa-com-consul-dos-eua-sobrecriticas-a-lula.shtml>. Acesso em 18 de fevereiro de 2017.

http://www.rtp.pt/noticias/mundo/candidatos-a-procura-dos-votos-de-milhoes-deindecisos_n136161. Acesso em 19/01/17.

<http://economicon.mx/2017/01/17/el-obituario-del-homo-sapiens-entrevista-con-yuval-noah-harari/>. Acesso em 19/01/17.

<http://www.medelu.org/Pour-une-objection-de-conscience>. Acesso em 19/01/17.

<https://www.nationalpublicsafetypartnership.org/clearinghouse/Resource/40>. Acesso em: 03/11/2018.

<https://qz.com/458675/in-america-mass-incarceration-has-caused-more-crime-than-its-prevented/>. Acesso em: 04/11/2018

<https://www.theverge.com/2014/2/19/5419854/the-minority-report-this-computer-predicts-crime-but-is-it-racist>. Acesso em: 04/11/2018

<https://www.medicaldaily.com/boston-police-used-facial-recognition-software-concertgoers-will-it-really-stop-suspicious-298540>. Acesso em: 04/11/2018.

<https://www.nytimes.com/2015/08/13/us/facial-recognition-software-moves-from-overseas-wars-to-local-police.html>. Acesso em 04/11/2018.

<http://www.showmetech.com.br/big-data-trump/>. Acesso em 15 de fevereiro de 2017.

<https://www.theguardian.com/us-news/2015/dec/11/senator-ted-cruz-president-campaign-facebook-user-data>. Acesso em 15 de fevereiro de 2017

<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2011/03/882739-temer-nega-conversa-com-consul-dos-eua-sobre-criticas-a-lula.shtml>. Acesso em 18 de fevereiro de 2017.

https://motherboard.vice.com/en_us/article/mg9vvn/how-our-likes-helped-trump-win. Acesso em 04/11/2018.

<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2011/03/882739-temer-nega-conversa-com-consul-dos-eua-sobre-criticas-a-lula.shtml>. Acesso em 18 de fevereiro de 2017.

<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2011/03/882435-telegrama-dos-eua-revela-criticas-de-temer-a-lula-em-2006.shtml>. Acesso em 18 de fevereiro de 2017

<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2016/05/1771016-wikileaks-diz-que-michel-temer-atuou-como-informante-dos-eua.shtml>. Acesso em 18 de fevereiro de 2017.

<http://www.nytimes.com/2010/12/05/world/05restrict.html>. Acesso em 17/01/17.

<http://www.washingtonpost.com/wp-dyn/content/article/2010/12/21/AR2010122104599.html>. Acesso em: 17/01/17.

https://www.hrw.org/legacy/spanish/press/2002/eeuu_abuso.html. Acesso em 17 de fevereiro de 2017.

<http://www.telegraph.co.uk/news/worldnews/wikileaks/8172916/WikiLeaks-guilty-parties-should-face-death-penalty.html>. Acesso em 17/01/17.

https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/30/internacional/1522368732_878477.html. Acesso em 01/08/2018.

<http://www.anarquista.net/wp-content/uploads/2013/10/A-Sociedade-Industrial-e-seu-futuro-Manifesto-de-Unabomber.pdf>. Acesso em: 01/08/2018.

<https://www.esquerda.net/autor/rui-matoso>. Acesso em: 19/08/2018.

<https://www.esquerda.net/artigo/cidades-inteligentes-cibernetica-e-biopolitica/36463#sdfootnote2sym>. Acesso em 20/09/2018.

<http://www.cybersyn.cl/ingles/cybersyn/index.html>. Acesso em: 20/09/2018.

<http://www.bigdatabusiness.com.br/historia-inteligencia-artificial/>. Acesso em 31/05/2018.

<https://medium.com/futuro-exponencial/conhe%C3%A7a-as-previs%C3%B5es-de-ray-kurzweil-para-o-futuro-da-humanidade-267ddcf04b27>. Acesso em: 31/05/2018.

http://www.update.uu.se/~fbendz/library/jh_divin.htm. Acesso em 30/05/2018.

<http://www.bbc.com/portuguese/internacional-39625619>. Acesso em: 31/05/2018.